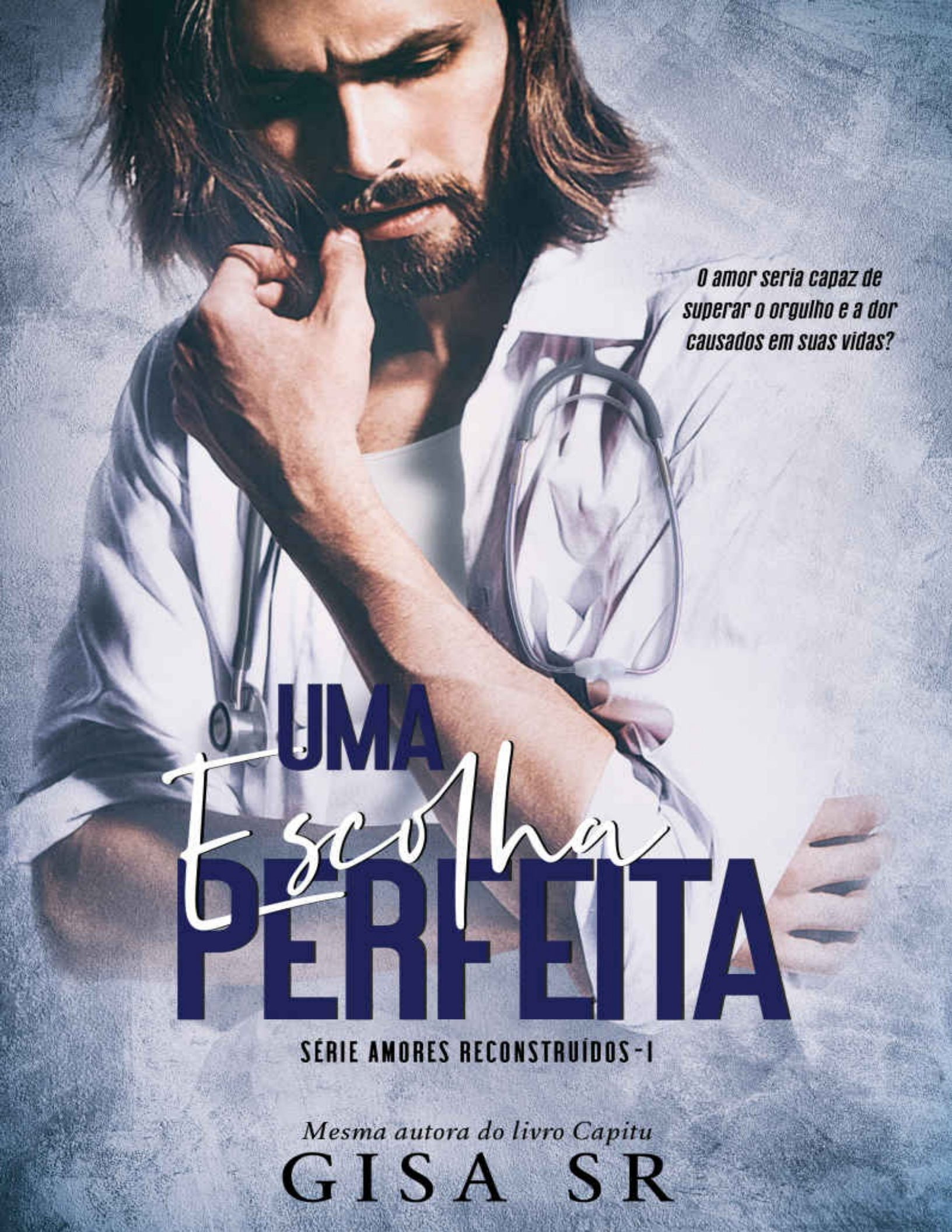




*O amor seria capaz de
superar o orgulho e a dor
causados em suas vidas?*

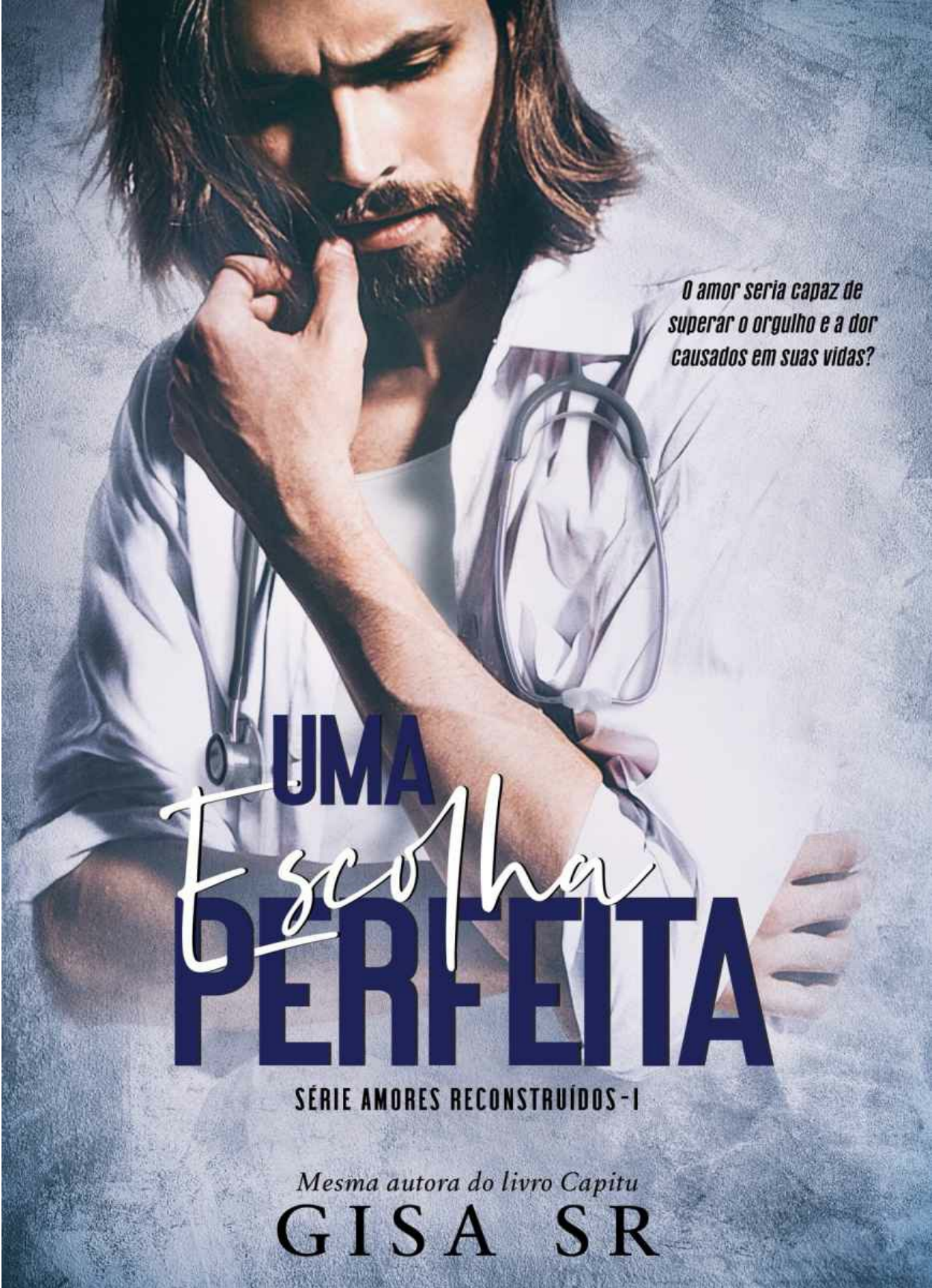
UMA
Escolha
PERFEITA

SÉRIE AMORES RECONSTRUÍDOS - I

Mesma autora do livro Capitu

GISA SR





*O amor seria capaz de
superar o orgulho e a dor
causados em suas vidas?*

UMA
Escolha
PERFEITA

SÉRIE AMORES RECONSTRUÍDOS - I

Mesma autora do livro Capitu

GISA SR

UMA Escolha PERFEITA

*O amor seria capaz de
superar o orgulho e a dor
causados em suas vidas?*

SÉRIE AMORES RECONSTRUÍDOS - I



Mesma autora do livro Capitu

GISA SR

Copyright © 2020 Gisa SR.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Wânia Araújo

Capa: Dri K. K. Designer

Diagramação: Jack A. F.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento da autora.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil

1º Edição

Fevereiro de 2020

UMA Escolha PERFEITA

SÉRIE AMORES RECONSTRUÍDOS - I

Mesma autora do livro Capitu
GISA SR

*O amor seria capaz de
superar o orgulho e a dor
causados em suas vidas?*



SINOPSE

Desejos, segredos e mentiras...

Um médico orgulhoso que não acredita no amor. Deixando as marcas do passado entrarem em sua alma, Augusto se vê desistindo de amar, expurgando qualquer lembrança dolorosa deixada por ela.

Já Cristine, uma mãe solteira que esconde segredos perigosos, decide seguir em frente a todo custo, tentando sempre não olhar para trás, cuidar de sua filha e manter uma única regra em mente: não se envolver.

Os destinos dos dois se cruzam, bagunçando suas vidas. E nesse impasse, Cristine quer só uma noite de prazer, se sentir mulher uma única vez, e Augusto é um meio delicioso para esse fim.

Ambos não contavam que o desejo iria evoluir e tomar conta deles, nem que uma menininha de olhos doces tocaria o coração duro de um ogro buscando redenção.

Neste jogo de amor e mentiras, eles irão descobrir que o passado nunca se mantém onde deveria ficar, ele pode assombrar o futuro e apagar o presente, condenando o amor mais puro.



DEDICATÓRIA

Dedico a você, leitor, amigo e família este livro. Aqueles que, em meus momentos mais difíceis, estavam presentes em minha vida, me influenciando a levantar, a nunca desistir... E a Ti, oh, Deus, que me carregaste em teus braços quando não pude mais andar!



SOBRE ESTA OBRA:

Olá, querido leitor, muito obrigada por estar aqui comigo neste livro que é tão especial para mim. Cada livro escrito tem um papel em minha vida e esse não é diferente, ainda mais por ter sido o primeiro livro que escrevi ao começar essa longa caminhada.

Foi árduo lapidar esse diamante bruto, mas aqui estamos e espero que Cristine, Augusto e Cathe entrem em seu coração como fizeram com o meu e que possam lhes ensinar uma grande lição: jamais julgue um livro pela capa...



[SINOPSE](#)

[DEDICATÓRIA](#)

[SOBRE ESTA OBRA:](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[BÔNUS CAPÍTULO 41](#)

[CAPÍTULO 42](#)

[CAPÍTULO 43](#)

[CAPÍTULO 44](#)

[CAPÍTULO 45](#)

[CAPÍTULO 46](#)

[CAPÍTULO 47](#)

[CAPÍTULO 48](#)

[CAPÍTULO 49](#)

[CAPÍTULO 50](#)

[CAPÍTULO 51](#)

[CAPÍTULO 52](#)

[CAPÍTULO 53](#)

[CAPÍTULO 54](#)

[CAPÍTULO 55](#)

[CAPÍTULO 56](#)

CAPÍTULO 57

CAPÍTULO 58

CAPÍTULO 59

CAPÍTULO 60

EPÍLOGO

AGRADECIMENTOS:

OUTRAS OBRAS DA AUTORA:

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS:

BIOGRAFIA



PRÓLOGO

*A vida é feita de escolhas, porém
elas cobram um preço. E não importa
qual seja a sua opção, cedo ou tarde,
o destino cobrará a conta...*

— Eu não tenho nada contra, Silvy, só acho que não consigo. Olhe bem para mim — falo para Silvy, a mulher que considero uma tia e que me viu crescer.

— É, talvez não seja a melhor saída. Mas no momento é a única que temos, menina.

— Ah, Silvy! — falo, quase choramingando sentindo a bile subir pela garganta.

A mulher abaixa o olhar, parecendo tão desconfortável quanto eu ao me sugerir tal proposta. As olheiras escuras embaixo de seus olhos me deixam ver que, assim como eu, ela não dorme bem há dias.

— É loucura, não é? — fala, negando. — Sei que é e meu coração afunda no peito por ter que propor isso a você. Mas eu passei a noite toda em claro pensando em um jeito pra conseguirmos o dinheiro e não encontrei. Essa é a única solução, por mais cruel que pareça.

— Eu não sei o que fazer...

E não sabia mesmo. Eu era apenas uma menina magricela de cabelos claros sem graça e rosto quadrado, sem nenhum atrativo a não ser meus olhos. Pensar em fazer tal coisa me causava embrulho no estômago, mas, ao mesmo tempo, pensar no que eu poderia perder se não conseguisse o dinheiro não me trazia um gosto melhor.

— Hoje em dia encontramos homens capazes de pagar uma pequena fortuna pela virgindade de alguém — fala e vejo-a engolir em seco. — E

tenho alguém em mente, caso... concorde. Irei me certificar de que ele será gentil com você.

Bufo com a fala, como se isso importasse no fim das contas, e ela continua:

— Sinto muito por isso, Cris, sinto muito mesmo. Meu coração está apertado aqui, menina, mas essa é a única saída.

Apenas aceno, sabendo que ela tem razão...

Estamos conversando no quarto de Silvy, pois, após passar a noite em claro pensando, estou prestes a aceitar a coisa mais absurda que já cogitei fazer na minha vida.

— Eu sempre imaginei que seria diferente, sabe? — falo como se estivesse desabafando comigo mesma, sentindo que estou perdendo algo especial. — Achei que seria com alguém que eu realmente amasse. Um namorado, algo assim!

— Ah, meu bem! Eu sei, você se preparou pra algo tão diferente, tinha sonhos tão bonitos! Eu sinto muito, Cris, sei não era o que você queria, mas as coisas mudaram, minha menina. Agora é vida real. A vida te derrubou cedo demais, meu amor, e quando isto acontece, a gente não pode mais se agarrar aos sonhos.

Sinto meus olhos se encherem de lágrimas. Faz dias que a vida real está batendo na minha porta e me fazendo ver que o mundo cor de rosa que fantasiei não existe.

— Há alguns dias, eu era só uma garota que tinha passado no vestibular de medicina. — Me levanto, sentindo o desespero de dias atrás tomar conta de mim outra vez. — E agora...

— E agora tem que tomar as rédeas da situação e da sua vida. Você tá precisando de dinheiro, essa solução não é animadora, eu sei, mas é o que temos — fala com a voz carregada de desânimo, sem me olhar diretamente.

— A senhora tem razão, preciso do dinheiro mais do que qualquer coisa no mundo...

— Sendo assim, meu bem, pense bem no que acabamos de conversar. Pense na sua família. — Seus olhos estão em mim, apreensivos e pesarosos.

Respiro fundo, tentando aceitar o que estou prestes a dizer:

— Tudo bem, irei fazer!

Silvy arregala os olhos, estalando a língua em concordância.

— Tem certeza? — Aceno e algo dentro de mim parece se partir. — Ok, cuidarei de tudo.

— Certo — falo sem muita certeza, sentindo-me vazia.

— Sei que a situação não é das melhores, meu bem, mas terá a recompensa no final. E será bem gorda.

É ridículo, eu sei. Mas que escolha eu tenho? Acredite, nenhuma.

Silvy já é uma senhora na casa dos 50 anos, baixa e de cabelos vermelho-escuros — pintados, é claro. Eu a considero uma segunda mãe, pois a conheço e convivi com ela desde que nasci. Apesar da idade, ela aparenta ser mais jovem e é muito vaidosa.

— Eu irei tentar. Por ela.

— Agora preciso fazer uma ligação, acertar as coisas. — Ela me olha e parece notar meu desconforto e minha inquietação. — Fique tranquila, Cris, isso não é um bicho de sete cabeças, menina. — Ela afaga meus cabelos e sorri, gentil. — Ele fará praticamente tudo e dirá o que quer de você.

Dou um suspiro cansado, não querendo acreditar nisso e com medo de estar cometendo um erro.

— Silvy, e se eu não conseguir? O que farei?

— Vai conseguir. Acredite em si mesma!

Respiro fundo, tentando ter a mesma fé que ela deposita em mim.

— Tudo bem.

Não me julgue pelas minhas escolhas. Preciso muito da grana e, se esse é o preço, eu estou mais do que disposta a pagar. Preciso fazer escolhas a partir deste momento e elas não serão nada ortodoxas.

Tento pensar que será apenas uma única noite e que logo me livrarei de toda essa droga. Claro que eu ainda não sei o que a vida me reserva, mas posso lhe adiantar que não é bem o que planejei. Eu achava que a maior desgraça da minha vida já havia passado. Doce ilusão, o meu tormento estava apenas começando!



***Arrependimentos podem
construir uma verdadeira prisão na
sua alma.***

Seis anos depois...

Sinto o vento soprar em meu rosto. Uma brisa fresca anuncia o início da noite. Afundo mais os pés na areia da praia, sentindo a umidade me refrescar e trazer conforto.

Me sento sobre o blazer preto estirado na areia e tiro o pequeno elástico cor de rosa do cabelo, deixando os fios loiros caírem soltos pelos ombros, sentindo o gesto aliviar um pouco a dor que martela minha cabeça novamente.

Deixo o tempo passar, sentindo a frustração de mais uma entrevista de emprego infrutífera. Outra vez, disseram que me ligariam em breve, mas sei que eles procuram uma pessoa com experiência de anos — coisa que não tenho.

Todas essas recusas começam a me desesperar. Vejo as despesas aumentarem dia após dia enquanto minha conta bancária chega ao vermelho. Respiro fundo, tentando acalmar o sentimento que me soterra, pois preciso insistir, deixar meu passado para trás.

Olho a imensidão azul à frente. As ondas chegam ainda mais perto dos

meus pés, molham a ponta dos meus dedos e trazem uma sensação de limpeza que não sinto na minha alma — não me permito sentir por ainda estar presa ao passado, às lembranças.

Contra minha vontade, meus pensamentos viajam para anos atrás, para o passado que inutilmente tento esquecer. Meu coração dói ao lembrar de como tudo começou. Não, de como tudo terminou, pois, naquela noite, perdi algo essencial dentro de mim...

Na noite em que decidi vender minha alma ao diabo — sim, é como intitulo aquela noite, pois sinto que fiz um pacto com o demônio —, me arrumei mais cedo e fiquei pronta um pouco antes das 20h. Depois de uma breve conversa com Silvy, que queria garantir que eu estava mesmo certa do que iria fazer, me vi dando passos incertos em direção à saída do prédio.

Naquele momento, o peso do que eu estava prestes a fazer caiu em cima de mim como um balde de água fria em um dia gelado. Uma vozinha gritava em negrito na minha cabeça a palavra DESISTA, mas eu sabia que precisava ir em frente. Em questão de segundos, passou um filme em minha cabeça, mostrando como seria a minha vida dali em diante, se eu desistisse, e o resultado não me agradou em nada.

Alisei o vestido de tom azul royal colado em meu corpo e até mesmo o tecido da roupa me causava desconforto. Não pela peça ser feia ou por eu não ter gostado, mas por ter sido escolhida por ele, o homem com quem eu passaria a noite. Tinha recebido um embrulho mais cedo naquele dia e, dentro da caixa dourada, havia um vestido. Uma peça acetinada perfeita aos olhos e que esbanjava luxo.

Comecei a me sentir comprada e pequena naquele segundo, me surpreendendo ao encontrar também um colar delicado junto da peça. Fiquei um tempo a mais com o vestido na mão, encarando-o sem acreditar que tinha chegado mesmo o grande dia.

“Era só uma noite, precisava só entregar a minha virgindade, logo passaria”, tentava convencer a mim mesma disso.

Antes mesmo de chegar à entrada do prédio, já pude ver a BMW estacionada e, assim que saí na calçada, um homem moreno, quase negro, saiu pela porta do motorista, vestindo um terno escuro, alinhado, mas simples. Minhas pernas tremeram ao vislumbrar sua fisionomia fechada e ele

nada disse. Abriu a porta de trás do veículo e, pela fraca luz, pude ver mais alguém.

— Boa noite, senhorita, o doutor está esperando você — disse, em uma voz suave que traía sua expressão. Ele era só o motorista e aquele carro parecia a minha carruagem para o inferno.

Obriguei minhas pernas a se moverem, disse um breve boa noite e, quando entrei no carro, vislumbrei o homem sentado no banco de couro branco, parecendo tranquilo. Engoli em seco, a garganta arranhando, e me sentei no banco, deixando o assento do meio vazio entre nós.

— Boa noite — eu disse.

Maurício não respondeu de pronto o cumprimento, mas se aproximou, levou a mão à minha face direita e beijou brevemente minha bochecha.

Ele aprumou-se e abriu um meio sorriso nos lábios finos, vencendo a distância entre nós. Seu sorriso era assustador de uma forma estranha e me causava arrepios. Seus olhos permaneceram em mim, me avaliando dos pés à cabeça em um escrutínio que ele não fez questão de disfarçar.

— Boa noite, Cristine. É um prazer te conhecer, é muito mais bonita pessoalmente — falou, olhando diretamente em meus olhos, e algo em meu estômago se revirou diante da intensidade dos olhos escuros cintilantes. — O vestido ficou perfeito em você, espero que tenha gostado.

Observei, atenta, os traços do homem ao meu lado. Ele parecia imponente, mesmo não sendo muito alto. Maurício tinha um rosto angular de nariz aquilino e olhos escuros, que ressaltavam a cor branca de sua pele e os cabelos acobreados. Ele usava um terno três de peças cor de chumbo, uma camisa escura e sapatos sociais escuros e brilhosos.

A garota sem graça e de vida monótona estava prestes a vender seu corpo, sua alma e, quem sabe, perder seu coração e o desejo de amar um dia. Naquele instante, olhei de volta para a porta do prédio pela janela de vidros escuros, como se ela fosse meu bote salva-vidas, apesar de saber que eu não teria mais salvação. Pelo menos não depois daquela noite.

— Gostei, claro. É perfeito. — Foi o que eu consegui dizer sem gaguejar, voltando a olhá-lo.

— Podemos ir?

— Claro.

E logo o carro se moveu, saindo da frente do prédio. Coloquei minhas mãos sobre minhas pernas — que suavam em bicas — e senti meu corpo tenso em resposta à sua aproximação.

Me senti ainda mais nervosa — mesmo que parecesse impossível — e quando ele me olhou nos olhos, ali tão próximo, por um tempo extremamente longo para mim, senti como se estivesse presa em uma espécie de observatório. Ele parecia me estudar, não saberia dizer ao certo porque tinha aquela sensação, mas não era algo bom.

— Sei que está nervosa, mas procure se acalmar, Cristine. Vou tornar esta noite o mais agradável possível pra você. Prometo! — Algo naquela promessa não estava certo. Eu sabia. Mesmo assim eu queria acreditar no que dizia e me forcei para não pular do carro e correr para longe.

— Obrigada.

Era uma situação incomum, impensada, e eu só queria que aquilo tudo acabasse o mais rápido possível para o bem da minha sanidade. Desde muito jovem, fantasiei o tal momento que todos diziam que seria mágico. Minha mãe era minha melhor amiga e sempre me dizia para me guardar para alguém especial, para o tal amor. Dizia que esse momento seria único, que, quando eu encontrasse o homem certo, me sentiria segura e ele me levaria ao céu.

Minha mãe e meu pai se amavam com loucura e viviam um conto de fadas, sempre fora assim. Cresci querendo o mesmo amor para a minha vida, um companheirismo e uma amizade igual a deles, mas, naquele maldito dia, joguei tudo pela janela.

Tive namorados, é claro, mas apesar da vontade de sentir tal plenitude, nunca me entreguei a ninguém, nunca amei ninguém o suficiente para fazer isso. Decidi esperar o tal príncipe encantado e foi uma pena não ter tido mais tempo para encontrá-lo, para viver o que sonhei para mim.

Despertei dos meus pensamentos quando chegamos a um prédio preto, com o letreiro fluorescente na cor vermelha. Virei o rosto em direção ao motel, que parecia muito elegante, sofisticado e caro. O carro parou na portaria e logo depois adentramos o local, indo em direção a um corredor com vários apartamentos. Cada detalhe me chamou a atenção. Logo o carro foi estacionado em um tipo de garagem na frente do apartamento 102 e ele

pediu para que eu o esperasse. Segundos depois, eu o vi contornar o carro e abrir a porta para mim.

Assim que pus os pés no chão, tive dúvidas se poderia sustentar o peso do meu corpo sozinha e Maurício pareceu perceber, pois me segurou passando o braço pela minha cintura e apertando-me levemente contra ele. Seu perfume entrou nas minhas narinas e deixou meu estômago enjoado. Subimos uma escadinha de três degraus e, logo depois, ele abriu a porta do quarto. O silêncio no ambiente fez um filete de suor escorrer pela minha coluna.

Assim que a porta foi aberta, me concentrei em olhar os detalhes do quarto para tentar disfarçar o desconforto. Fechei os olhos quando suas mãos me soltaram e fiz uma prece silenciosa para que o ser celestial escutasse e me ajudasse naquele momento:

“Por favor, Deus, que eu consiga, por favor, que eu consiga. Sabe o quanto preciso do dinheiro. Por favor, Deus.”

Esse foi o meu pedido feito com toda a fé que eu carregava. Abri os olhos, analisando o cômodo imenso ao meu redor, que tinha uma cama redonda coberta por lençóis vermelhos no centro do quarto. Olhei em volta, vendo as paredes e o teto cobertos por espelhos. Aquele detalhe fez minhas bochechas esquentarem com a premonição do que iria acontecer.

Ao fundo, ficava o banheiro que conheci depois. Permaneci ao lado da grande cama redonda vendo Maurício se movimentar no pequeno bar na lateral do quarto, servindo-se de uma bebida âmbar. Ele tirou o paletó, a gravata e levantou as mangas da camisa até os cotovelos. Me sentei na cama e apenas esperei.

— Aceita uma bebida? — ele me perguntou com a voz macia, sedutora.
— Pode te ajudar a relaxar um pouco.

Já havia bebido — era virgem, não santa —, mas não gostava muito e acreditei que, se tinha que uma hora adequada para tomar gosto pelo álcool, a minha com certeza seria ali, naquele quarto de motel.

— Apenas um pouco, por favor — respondi.

Maurício serviu o mesmo líquido em um copo e me entregou.

Sorvi a bebida de uma vez e fiz uma careta ao sentir o líquido descer

rasgando pela minha garganta, fazendo meu estômago pegar fogo. Senhor! Abri os olhos, sentindo-os lacrimejar e vi Maurício me encarando com um sorriso, os olhos brilhando com a minha imagem.

— Gostou?

— É horrível — falei de supetão, o que só aumentou o seu sorriso. — Desculpe.

— É mesmo horrível quando se toma pela primeira vez, e não é um 12 anos tão bom assim.

Falando isso, ele segurou minha mão e me colocou de pé, com os olhos o tempo todo nos meus.

— Dê uma volta, Cristine — disse, passando a usar um tom de comando.

Eu o vi se afastar e se sentar em uma poltrona próximo ao bar, o copo ainda em sua mão. Fiz o que me pediu, respirando fundo. Parei na frente dele e vi a luxúria em seus olhos, o desejo em sua expressão.

— Tire o vestido.

Levei as mãos à lateral da peça, o nervosismo deixando os meus gestos rápidos, mas a sua voz me fez parar.

— Sem pressa. Devagar, menina.

Perdi algumas batidas do coração e, apreensiva e com as mãos trêmulas, deslizei o zíper pela lateral do vestido. Devagar, como ele tanto queria. Eu não o olhava, mas sabia que ele me observava com atenção. Deslizei as alças do vestido pelos ombros, deixando a peça cair aos poucos. Após o tecido chegar aos meus pés, fiquei apenas com o colar e os saltos e senti minhas bochechas pegarem fogo. Esta era de suas exigências: sem peças íntimas.

Eu estava completamente nua e mantive os olhos nos sapatos pretos.

— Olhe pra mim. — Senti os olhos transbordarem e me proibi de chorar. Já o tinha feito demais. Olhei-o e um sorriso estava desenhado no seu rosto. — Agora venha aqui.

Era muito para mim e ele parecia saber. Andei até ele e tentei não cair. Quando estava à sua frente, Maurício segurou em minha mão e me guiou para seu colo. Depois que o montei, ele pôs uma mão em minha cintura e,

com a outra, levantou meu queixo, tentando me beijar. Em um impulso, não permiti, mas sabia que não poderia evitá-lo da próxima vez. Virei o rosto e ele beijou minha bochecha, a orelha e foi descendo até o pescoço e os seios.

— Você é perfeita, minha menina. Tentarei ser delicado com você esta noite, mas confesso que será difícil. Estou louco pra entrar e me enterrar em você.

Suas palavras me causaram arrepios na espinha e nojo — mais de mim que dele, admito.

Sua boca alcançou a minha em um beijo feroz, o homem se levantou comigo em seu colo e me levou até a cama. Ele não estava mentindo, tinha pressa. Maurício se afastou apenas para se livrar de suas roupas e, em seguida, pairou sobre meu corpo, logo após me deitar de costas na cama. Voltou a fazer carícias em meu pescoço, alcançando meus seios. Em seguida, desceu por minha barriga, beijando, mordiscando, chupando.

Sei o que deveria sentir. Era virgem, mas já havia tido namorados, tinha amigas que falavam frequentemente daquilo, mas naquele instante sentia apenas uma vontade insana de que aquilo terminasse para que eu me libertasse o mais rápido possível daquela noite, daquele momento e do homem que estava sobre mim. Senti o choro vir à garganta, um bolo se formando, e virei o rosto para o outro lado, fechando os olhos e me privando de assistir a tudo através dos espelhos dispostos pelo lugar.

Depois de se dedicar ao meu corpo, Maurício se acomodou entre minhas pernas e se ajoelhou entre elas. O homem me olhou diretamente nos olhos, senti seu membro roçar minha entrada e, antes que eu pudesse tirá-lo de cima de mim ou pedir por mais tempo, Maurício me penetrou de uma única vez, me fazendo sentir uma dor insuportável no baixo-ventre e tornando impossível segurar as lágrimas que teimavam em se acumular nos meus olhos.

Volto ao presente sentindo uma lágrima solitária escapar de meus olhos. Ah, as lembranças... Guardo cada uma delas, de cada noite, de cada homem, de cada sentimento e, principalmente, da sujeira que sinto em meu corpo até hoje. Era como se, mesmo tendo parado e desistido daquela vida depois de alguns anos, eu não conseguisse me livrar das sensações.

Às vezes, somos obrigados pela vida a parar e repensar como vamos

prosseguir. Principalmente quando isso envolve outra pessoa. Penso nisso em alguns momentos, momentos como esse, e minha consciência pesa instantaneamente, querendo me afogar entre tantas memórias.

Não serei hipócrita ou idiota em falar de obrigação, pois eu tinha opções, só não eram boas. Tinha caminhos a percorrer, mas nem um deles me levaria ao paraíso e escolhi o pior, estando ciente do que eu precisava.

Não poderia fazer nada diferente, nada poderia ser mudado, a não ser que eu quisesse carregar um verdadeiro arrependimento na alma e uma culpa sem precedentes.

Fiz escolhas de que me envergonho profundamente, mas, infelizmente, não faria diferente. Estou disposta a pagar o preço, por mais caro que seja. Afinal, esta é a vida real.



*Esquecer, como se isso fosse, de
fato, uma escolha sua...*

O homem sem rosto

Em pé, encaro a lápide de mármore bem cuidada, com um vaso de flores sobre ela, e deixo meu olhar se fixar na mulher sorridente na foto colada na pedra. O sorriso amoroso, os olhos cheios de vida, a juventude expressa em cada poro. Desço o olhar para seu ventre cheio, que abrigava uma criança. Um suspiro quase audível sai e olho o relógio de pulso, dando-me conta que já perdi muito tempo aqui.

Perco mais alguns minutos fazendo o de sempre, apenas observando a pequena foto já desbotada e lembrando-me até mesmo do som de sua voz. Viajo pelas lembranças e tento descobrir quando foi que errei, onde faltei, quando soltei o laço. Não faço ideia, quando dei por mim, já estava enredado em um relacionamento e o sofrimento foi algo que não demorou a chegar, assim como a dor. Quanta besteira para um fim de tarde ensolarado como esse, mas este é o único dia do ano em que me permito voltar ao passado, deixar que as lembranças me sirvam de lição.

Olho uma última vez para a foto de Isabel e é como se pudesse ouvir sua risada reverberar nos meus ouvidos, contagiando-me. A mulher era

sempre feliz, extrovertida, com um sorriso estampado nos lábios o tempo todo, fazendo piadas de situações inusitadas. Éramos o oposto um do outro, eu não era igual a ela antes e não sou agora.

Respiro fundo, olhando em volta, acho que me deixei ir longe demais, é hora de voltar ao presente. Me abaixo, deixo as flores brancas que trouxe sobre a lápide e dou uma última olhada na foto.

— Adeus, Isabel — falo, dando-lhe as costas.

A passos rápidos, vou deixando o cemitério. Preciso sair e procurar um lugar onde eu possa passar esse dia sem imergir no passado e ser levado pela mágoa e tristeza. Já faz tempo demais para me permitir tal coisa, mesmo sabendo que isso é impossível.

Entro no carro e saio dos arredores do lugar, entrando na via e deixando que o tempo passe enquanto dirijo pela cidade. Nem mesmo o trânsito e as buzinas infernais me fazem querer voltar para casa. Seria inviável no momento já que lá tenho a pessoa mais curiosa do mundo querendo saber cada detalhe do meu dia, insistindo em me ajudar. Todo o seu cuidado me sufocaria.

Estou próximo à praia quando me dou conta e estaciono no acostamento, o mais distante possível do fluxo de pessoas. Deixo a cabeça descansar sobre o volante por alguns minutos. Minutos em que tento manter os pensamentos em branco, limpar a cabeça antes de enfim voltar para casa. Levanto o rosto e foco o mar à frente, as ondas indo e vindo... a perfeição com que tudo é exibido.

Sorrio, desgostoso, essa perfeição hoje não me faz bem algum, não aplaca nem um pouco a dor que aperta meu peito e que eu não quero sentir!

Uma silhueta sentada na areia da praia me chama a atenção e aguço o olhar, tentando identificá-la. É uma mulher. Está de costas para mim, meio que encolhida. Ela solta o cabelo, que estava preso em um rabo de cavalo, e os fios dourados cobrem suas costas. Observo o corpo se mover minimamente em um vai e vem lento, parecendo olhar o mar.

Perco um instante até perceber que a mulher em questão chora e leva sua mão à face por vezes demais para limpá-la. Não tem ninguém por perto, o que me leva a imaginar que deve ser um tanto irresponsável com sua própria segurança, já que uma bolsa de cor estranha, parecendo um arco íris, jaz ao

seu lado sem que lhe dê a mínima atenção.

Parece que não sou o único a ter um dia de merda, afinal. Fico com um olho nela e, vez ou outra, espio meu retrovisor, querendo ver se alguém vem nessa direção. Após uns bons minutos, o corpo magro e feminino se move e ela se levanta, batendo a areia presa nas pernas e na roupa. Pega um pano preto no chão, sua bolsa e olha para os lados, parecendo perceber o perigo que infligiu a si mesma.

A noite começa a cair e, mesmo com a pouca luz, enxergo alguns dos traços dela. A mulher é alta, com um corpo cheio nos lugares certos e o rosto, não sei dizer. Ela vem na minha direção e, respaldado pelas películas escuras, a observo sem pudor algum.

De cabeça baixa, ela passa em frente ao meu carro e foca a atenção em mim. Não, não em mim, já que não pode me ver, mas do jeito que olha o carro é como se pudesse. Ela diminui o passo, está descalça e segura a bolsa estranha, a sandália e o que agora sei que é um casaco. Agora, sim, posso ver vagamente o seu rosto.

Vermelho demais, olhos inchados de um tom escuro que não identifico e o cabelo se mantém fora do lugar. Ela sorri minimamente, em zombaria, e nega com a cabeça, fazendo um gesto de desdém com a boca, um repuxar seguido de um biquinho.

A mulher volta a andar, movendo o corpo com uma sensualidade natural, rebolando de um lado para o outro, a bunda média e redonda enchendo a saia preta, colada ao corpo na parte superior. Vejo-a atravessar a rua após verificar se não vem alguém e alcançar o carro vermelho do outro lado da via. Ela dá uma corridinha rápida, fazendo a bunda bonita saltar dentro da roupa, e entra no carro em seguida. Ora, ora...

E aqui estou eu, terminando meu dia de merda olhando qualquer uma largada na areia da praia, chorando as pitangas, e observando sem nenhuma vergonha uma bunda feminina bonita. Só o que me faltava era a mulher me despertar tesão aqui, dessa forma, sem que eu nem tivesse tempo de vê-la direito. Hora de ir para casa, aparentemente, o passado já não faz mais morada em mim.

Espero-a ligar o carro para ter certeza de que sairá em segurança e em poucos segundos vejo o veículo se deslocar. Após uma última olhada para o

lugar onde ela estava sentada, faço o mesmo e pego a via de mão dupla.
É hora de fechar a caixa de pandora mais uma vez.



***Encontros e desencontros... Eles
podem te mostrar qual caminho deve
seguir!***

Acordo sentindo a cabeça martelar, como vem acontecendo há três longos dias. Dias de pura agonia e ansiedade. Depois de uma noite em que quase não preguei os olhos, sonhos me tomaram e prenderam minha mente em um déjà vu. Me movo na cama sentindo o cansaço deixar o meu corpo pesado, sonolento e dolorido e me acomodo melhor, a fim de tirar um pequeno cochilo, mas sou interrompida pelo barulho da porta do meu quarto sendo aberta.

Ouçoo pequenos passos pelo quarto e sinto minha cabeça latejar até mesmo com o pequeno barulho, mesmo assim, um sorriso se abre em meus lábios por saber exatamente quem está vindo me dar bom dia.

— Mamãe?

Abro os olhos e a vejo. A razão do meu viver, parada no meio do quarto, me olhando com aquela aquarela de tons azuis. Sinto meu peito inflar de amor e orgulho pelo bem mais precioso que possuo no mundo. É em instantes como esse, ao olhá-la, que sinto que tudo o que fiz valeu a pena.

— Oi, meu amor, bom dia! Cadê o beijo da mamãe? — Ela abre um

sorriso lindo. O meu favorito no mundo e corre para mim, se esforçando para subir na cama. Ajudo-a e sou contemplada com um baita abraço, cheio de beijinhos. — Ai! Devagar, pequena, acordei com enxaqueca — falo e a vejo me olhar com uma carinha de preocupação.

— Desculpa, mamãe! A tia Sil disse pra senhora levantar, já está na hora da escola.

Suas palavras soam como um alarme vermelho em minha cabeça.

Put a que pariu! Hoje é o primeiro dia de Catherine na escola nova, como eu pude esquecer? Me levanto rápido da cama e corro apressada para o banheiro, me livrando da roupa de dormir no caminho.

— Pequena, espere a mamãe na sala, em 15 minutos ficarei pronta — falo, esbaforida, derrubando algumas coisas no banheiro e tomando o banho mais rápido da minha vida.

Tenho que levar Cathe para escola e ir para uma entrevista de trabalho que consegui através de uma antiga colega de turma. Me formei há algum tempo no curso de fisioterapia. Depois fiz minha pós-graduação, que terminei três meses atrás, e agora estou em busca de emprego, contudo não imaginei que seria tão difícil encontrar trabalho. Há três meses estou espalhando currículos pela cidade e nada.

Ontem, por alguma intervenção divina, me ligaram para fazer uma entrevista e, pelo visto, já vou chegar atrasada. A droga do celular não despertou!

Saio do banheiro e visto a saia social preta e a blusa vermelha que já tinha separado ontem à noite o mais rápido que consigo. Faço uma maquiagem no rosto pra esconder as olheiras das noites mal dormidas e estou pronta, ou melhor, tentando estar, pois, apesar da maquiagem, ainda estou com cara de zumbi.

Há três dias durmo mal por conta da maldita enxaqueca que se apoderou do meu corpo e as olheiras estão terríveis, saltando, com bolsas arroxeadas embaixo dos olhos. Saio do quarto correndo em direção à cozinha e encontro Silvy sentada à mesa de quatro lugares, tomando café da manhã despreocupadamente, com Cathe ao seu lado.

— Bom dia, bom dia! — digo, pegando um pedaço de pão doce e

enfiando na boca todo de uma vez, enquanto recolho a lancheira de Catherine e seu casaco, que estava sobre a cadeira.

— Não melhorou, não é? — Silvy me pergunta, já conhecendo minha cara de doente e suspiro me dando por vencida.

— Não sei mais o que tomar. Já tentei de tudo. Vamos, Cathe, temos que correr. A mamãe tá muito atrasada — falo de boca cheia.

Pego minha bolsa, a mochila escolar e saio puxando uma Cathe bem contente para ir à escola. Minha menina parece uma bonequinha, com sua saia rodada vermelha e a camiseta regata branca de pano passado e tudo. Uma mocinha.

— Sabe que tem que ir ao médico, não sabe? — Silvy insiste, quando já estou quase saindo.

— E a senhora sabe que não temos dinheiro agora. Vamos ter que apertar o cinto este mês até que eu ache um emprego.

— Enquanto isso, você pode morrer por causa de um aneurisma cerebral.

— Você vai morrer, mamãe? — Cathe me encara, assustada. Olho feio pra Silvy, repreendendo-a por falar besteiras na frente da menina, e vejo-a dar de ombros.

— Não, não vou morrer, meu bem. Tia Silvy anda assistindo a Grey's Anatomy demais.

Silvy bufa e eu saio de casa, indo direto para o elevador, antes que ela decida soltar mais uma de suas pérolas na frente da minha pequena. Descemos direto até a garagem e xingo mentalmente ao chegar ao meu carro e ver o pneu furado quase se fundindo ao chão.

— E agora, mamãe? — choraminga.

— Agora temos que correr ainda mais, venha.

Dá até para pensar em conspiração do universo para que eu não saia de casa, mas isso muda quando vejo Bruno parado em frente ao prédio, acabando de chamar um táxi e não tenho vergonha de me aproveitar disso, enquanto me pergunto por que ele não está usando o próprio carro.

— Pelo amor de Deus, me deixe pegar esse táxi, por favor. Prometo te recompensar depois, eu juro — falo de uma vez, surpreendendo-o.

Bruno é meu amigo de infância. Desde que me conheço por gente, moramos um de frente para o outro, porta com porta — o que acaba sendo um colírio para os olhos, admito. O homem é uma perdição: alto, cabelos negros, olhos cor de chocolate com um toque esverdeado, uma barba cerrada e bem cuidada, um corpo de dar água na boca, com músculos esculpidos e, para completar, tem aquela cara de sexy e mau. Uma verdadeira tentação.

— Meu Deus, mulher, o que isso? — pergunta com humor, me dando um beijo no canto da boca.

— Tenho uma entrevista aqui perto e estou atrasada pra levar Cathe à escola.

— Oi, Framboesa! — fala, pegando a menina risonha no colo.

— Oi, tio. Mamãe se atrasou hoje porque tá doente.

— Sério, Crisy? — pergunta, parecendo preocupado.

— Não é nada, só enxaqueca. Vai me ajudar? — falo, apressada, trocando o peso do corpo de uma perna para outra.

— Vou fazer melhor. Levo a Framboesa pra escola e você vai pra sua entrevista de trabalho. O que acha?

— Sério? Obrigada, obrigada — falo, beijando-lhe o rosto. — Eu vou te buscar no fim da aula, amorzinho. — Beijo a bochecha vermelha de Cathe, o motivo de ser chamada de Framboesa, e entrego a mochila para ele, saindo como uma louca pela rua.

— Tchau, mamãe. — Escuto-a dizer quando estou me afastando e aceno, mandando-lhe um beijo no ar, que ela finge pegar.

Olho no relógio em meu pulso, só para ficar ainda mais nervosa, e penso que não vai dar tempo.

Ao ver a faixa de pedestre e o sinal fechado, corro para que dê tempo de atravessar a rua, porém acho que cometi um pequeno erro de cálculo, pois, quando dou por mim, estou sendo arremessada no asfalto quente e duro. Sinto a pancada na cabeça irradiar tremores pelo meu corpo e a dor atinge o limite do insuportável. O mundo agora parece realmente girar e não consigo enxergar ou sentir mais nada. A última coisa que ouço é o barulho de portas sendo batidas, passos e vozes alarmadas.

— Cacete, Augusto!



Atordoada e zozna, abro os olhos e sinto marteladas na cabeça. Com rapidez, tento focar minha visão e o esforço faz meus olhos arderem. Levo a mão até minhas têmporas, me encolhendo e gemendo em seguida por causa da dor que erradia para todo o meu corpo. Pessoas estão à minha volta e tento me mover, sentindo o coração quase sair pela boca e ouvindo o burburinho crescente. A adrenalina dispara e me sinto sufocada, sem ar nem um em meus pulmões, em pânico.

— Augusto, ela acordou. — Ouço uma voz grave e gentil falar ao fundo parecendo tão longe...

— Fique comigo, ok? Olhos em mim.

Mãos frias estão em meu rosto e o dono da voz entra em meu campo de visão, segurando meu rosto e me fazendo olhá-lo, mas o sono parece querer me levar.

— Moça, olhe para mim. Qual é o seu nome?

Minha cabeça gira, ou melhor, o mundo e até mesmo o loiro de cabelos compridos à minha frente parecem se movimentar em círculos. Tento voltar ao eixo sentindo algo viscoso e quente descer pela minha testa.

— Qual é o seu nome? Mantenha seu foco em mim e não durma! — fala sério mais uma vez, me olhando diretamente nos olhos.

— Cristine? — falo, soando como uma pergunta e o homem, que agora consigo enxergar melhor, parece preocupado, tenso, enquanto se mantém agachado ao meu lado.

— Sabe que dia é hoje? — volta a me perguntar.

— Segunda.

Ele balança a cabeça em concordância e eu gemo ao me lembrar do que estava indo fazer, da pressa que me levou à imprudência de atravessar a rua sem conferir o tempo.

— O que foi? Sente dor? — Ouço outra voz e um homem moreno entra em meu campo de visão.

— Claro que ela sente dor, Pedro!

— Eu preciso, eu preciso... — falo, tentando me mover.

— Não, Cristine, fique deitada. Já chamamos a ambulância.

Arregalo os olhos com o que ele diz, me sentindo frustrada e pareço enfim despertar da lentidão que o desmaio me trouxe.

— Me deixe levantar, eu estou bem. Mil desculpas se servirem de alguma coisa e se tiver algum estrago no carro, eu pago. Sei que a culpa foi minha. — Tento me levantar, mas duas mãos me impedem. — Eu tenho uma entrevista de trabalho, por favor saia de cima de mim — peço, quase com a voz chorosa pela situação e o homem parece perder a paciência comigo.

— Mulher, fique quieta, por favor. Você está sangrando e desmaiou, Cristine, precisa ir para o hospital, temos que ver se houve alguma fratura. — Ele parece falar com uma criança birrenta de 5 anos e me mostra as feições severas.

É só então que vejo o sangue em sua roupa e levo minhas mãos a ardência que sinto em minha cabeça, entre meus cabelos, e sinto um corte e o sangue sair com certa fluidez.

— Sente dor em quais lugares?

— No meu corpo, mas não parece ser nada demais comparado à minha dignidade — falo, fechando os olhos, ouvindo a ambulância ao longe e me sentindo derrotada.

— Não durma, Cristine, deixe seu foco em mim.

Volto a abrir os olhos e logo a movimentação me tira o foco do rosto másculo e bonito à minha frente. Tudo acontece em uma rapidez eficiente e precisa, quando a ambulância se aproxima e as pessoas começam a dar espaço.

— Ainda acho que não é necessário ir para o hospital, senhor... — Paro, tentando saber qual é o seu nome.

— Augusto, me chamo Augusto, e sim, é preciso. Não vou correr o risco de ser processado depois por não prestar socorro, isso não vai acontecer e é melhor permanecer calada. Tente apenas se manter acordada — diz,

fazendo minha boca se abrir brevemente por seu rompante de educação ou falta dela.

Ogro!

Me mantenho calada enquanto paramédicos vêm ao meu encontro e me imobilizam, me colocando na maca e me enfiando dentro da ambulância. Em questão de minutos, estou com um soro em meu braço, deitada dentro da ambulância com o pescoço e o corpo imobilizado, a caminho do hospital São Salvador. O outro homem, o moreno que ainda não sei o nome, mas que a aparência me lembra alguém, entra na ambulância comigo e se senta ao meu lado, conferindo se está tudo certo e parecendo interessado em estudar algo em meu rosto.

— Sempre faz isso? — Eu não entendo do que ele está falando e o homem parece entender minha cara, então explica: — Atravessar a rua sem olhar.

Dou um suspiro cansado.

— Não, de jeito nenhum. Hoje só não é meu dia, melhor dizendo, este não é o meu mês, ou ano, sei lá — tagarelo, como se ele precisasse saber disso. Tenho a mania de falar demais em momentos como esse.

— Dia ruim? — Parece prestativo e um sorriso reconfortante brinca em seus lábios.

— Sim — falo e meus olhos se enchem de lágrimas. A pancada deve mesmo ter feito algum estrago.

— A propósito, me chamo Pedro — fala gentilmente.

Olho-o novamente, analisando seu perfil bonito. Forte, nada exagerado e grande... não saberia dizer o tamanho, pois está encolhido dentro da ambulância, tomando quase todo o espaço. O rosto quadrado, liso, é emoldurado por uma boca bonita, bem delineada e os olhos... esses parecem da cor do céu em um dia ensolarado. Cabelos negros, em um corte social, estão penteados para cima e parecem ser um pouco ondulados. Como eu disse, ele é bonito.

— Se fosse em outra situação, eu diria que é um prazer, mas acabei de entrar na frente do carro de um homem que não parece tão amigável. Meu dia começou ruim, acordei indisposta e, pra completar, estava atrasada para uma

entrevista de trabalho e pra levar minha filha na escola. Por isso estava tão apressada... Viu o que eu disse? Hoje não é o meu dia — falo rápido, sem conseguir me deter.

— É, parece que não devia ter saído de casa. Quantos anos tem sua filha?

— Acaba de fazer 6 anos.

— Teve sua filha bem jovem então? — Olho para ele, surpresa pelo comentário. — Desculpe, não quis ser indelicado com você.

— Não tem problema, todo mundo faz a mesma pergunta, não me importo. Sim, eu a tive bem jovem.

— Hum... — Ele faz uma pausa e, por instantes, nada é dito. — Bom, deve querer avisar o que aconteceu a alguém — fala, prestativo, já me entregando seu celular.

— Sim, quero. Obrigada.

Pego o aparelho e disco o número de Bruno, tentando colocar o celular na orelha, constatando que é impossível, por conta desse trambolho no meu pescoço, e Pedro ri.

— Vai ter que colocar no viva-voz.

Faço o que ele disse e, no quarto toque, tenho a sorte de Bruno atender o celular.

— Oi, quem fala?

— Bruno?

— Cristine? Aconteceu alguma coisa, meu bem? — fala, estranhando o fato de eu estar ligando de um número diferente e quando deveria estar na bendita entrevista de trabalho.

— Não precisa se preocupar com o que vou falar, é que sofri um pequeno acidente e estou indo para o hospital.

— Você o quê? Que porra aconteceu?

— Eu não sei bem o que aconteceu, ou melhor, eu sei. Atravessei a rua no momento errado. Foi isso.

— Eu vou matar o filho da puta que fez isso com você.

Pedro ri, encostando a cabeça no banco em que está sentado, e eu reviro

os olhos para a superproteção de Bruno.

— Você não vai matar ninguém, Bruno, que coisa! A culpa foi minha. Achei que daria tempo atravessar a faixa antes do sinal abrir e o pior aconteceu.

— Sei, aconteceu, né? E como você está?

— Bem, apenas um cortezinho na cabeça e alguns arranhões, coisa pouca, pouquíssima. — Tento não o deixar preocupado.

— Sei quando mente, meu bem, eu te conheço, Cristine.

— Tá bom, coração. Só passa em casa e pega uma roupa limpa pra mim, essa está toda suja de... terra — completei, sem querer preocupá-lo ainda mais. — E vem logo pro hospital, por favor.

— Sabe que estou de serviço, não sabe?

— Eu sei. Mas pode deixar a farda de lado um minutinho e vir ao meu socorro — falo, colocando certa manha na voz e sentindo ainda a cabeça latejar. — Estou sendo levada para o São Salvador.

— Logo esse? Chego aí em 20 minutos e vê se fica bem.

— Obrigada e não fala pra Silvy o que aconteceu, senão vai ter que prestar primeiros socorros a ela.

— Certo, beijo. — Ele desliga antes mesmo que eu responda.

Digamos Bruno que não é a melhor pessoa do mundo para ficar de papo no celular, apesar de ser o melhor amigo do mundo, aquele que está presente em todos os momentos. Entrego o celular para o homem ao meu lado, que apenas me observa calado.

— Chegamos — ele diz, abrindo a porta da ambulância em seguida e esperando que me tirem dali.

Agora não adianta mais reclamar... Só quero ver quanto isso tudo vai me custar. Já estou quebrada o suficiente, não preciso de mais despesas com exames desnecessários, ainda mais depois de perder minha única entrevista de trabalho.



*A vida mais parece uma
montanha russa crescente e sem fim.
Você acha que está indo bem até que,
de repente, é esmagado e nem ao
menos tem a chance de ver o que te
acertou... Ogro...Ops!*

Minha manhã começou bem, segui minha rotina normalmente como em todos os dias. Levantei cedo, fui treinar na academia do meu prédio aproveitando para me preparar pra um dia longo, tomei meu café da manhã na mesma cafeteria de sempre acompanhado de Pedro, meu primo, e depois fui trabalhar. Estava até mesmo de bom humor, o que achava ser difícil depois de um fim de semana um tanto melancólico. Porém, nesse meio tempo, entre tomar meu café e ir trabalhar, fui interceptado por uma suicida, literalmente. A diaba loira se jogou na frente do carro e, por sorte, fui rápido o bastante ao frear, antes de passar por cima dela.

Olho a via e permaneço parado em frente ao hospital depois de ter estacionado meu carro na garagem. Não demora cinco minutos para que eu ouça uma sirene e veja a ambulância se aproximar do prédio. Alcanço com rapidez a porta do veículo, abrindo-a antes que o paramédico o faça, preocupado com o bem-estar da mulher, que está um tanto nervosa ali dentro.

Felipe, o paramédico, arrasta a maca com a moça, que tem o pescoço

longo imobilizado e o sangramento na testa sendo estancado por uma gaze. Aproximo-me e ela parece estar acordada e lúcida, o que para mim é um alívio, pois tive receio de que a pancada pudesse nos trazer sérios problemas.

— Como foi o trajeto? — pergunto, tendo os olhos dela em mim. As duas turquesas mais vívidas e bonitas que já pude vislumbrar.

— Tranquilo, obrigada — fala apenas, mudando o olhar para a entrada do hospital, enrugando as sobrancelhas com uma expressão que parece apavorada.

Aproximo-me, avaliando seus olhos e pedindo para que siga o meu dedo indicador enquanto o movo de um lado para o outro em frente ao seu rosto. Suas feições estão emburradas e apáticas, mas suas pupilas acompanham meu gesto.

— Fico feliz em saber que gostou do passeio — falo e me afasto, incomodado com o perfume que alcançou minhas narinas. — Felipe, leve a paciente direto para o quarto. Não será preciso passar pela emergência, eu mesmo vou examiná-la neste minuto.

— Sim, senhor — concorda, mas não antes de ela me dirigir um olhar de súplica.

— Isso não é necessário, me sinto bem — fala, os olhos sendo um espelho transparente de seu desconforto.

— Não se preocupe. — Seguro sua mão na minha, cobrindo-a. — São poucos exames, se estiver mesmo bem, logo será liberada. — Vejo-a suspirar e puxar sua mão da minha, confirmando com um aceno.

Aceno para Felipe, que logo sai empurrando a maca para dentro do hospital, enquanto observo o rosto dela empalidecer conforme é arrastada para dentro, roendo as unhas bem pintadas, um ato que acredito ser de nervosismo.

Pedro desce do veículo, parando ao meu lado, e guarda algo em seu bolso.

— Relaxa, Augusto, foi só um susto. Cristine parece estar bem.

Ouçoo falar e me dou conta que meu dia virou um inferno e meu humor, que já não era dos melhores, foi pelo ralo no momento em que a infeliz bonita se jogou na frente do meu carro.

Bonita, mas louca! Como alguém atravessa a rua daquele jeito?

— Veremos se ela está mesmo bem quando fizermos os exames, porque, se dependesse dela, teria ido embora daquela forma e eu correria o risco de um futuro processo — pronuncio, sem nenhum humor para conversa fiada. — Vamos lá, tenho uma cirurgia marcada ainda pra essa manhã.

— Só mantenha a calma ou vai assustar a moça! — adverte.

Viro-me para ele deixando de olhar a mulher, que some hospital adentro.

— Não estou preocupado em assustá-la, não depois de todo o alvoroço que causou. Quero apenas ter certeza de que nada mais sério aconteceu.

— Certo, só tente disfarçar esse seu mau humor. Cristine foi imprudente, mas não tem culpa da sua falta de tato. Agora vamos!

Concordo e o sigo para a entrada do hospital, mas paro antes de alcançar as portas ao ver um carro do BOPE estacionar a poucos metros de nós e dois policiais descenderem segurando fuzis, tendo pistolas no coldre agarrado à perna e montarem um tipo de guarda ao lado do carro. Fico em alerta, antevendo que pode ser alguém ferido, mas a movimentação não indica algo assim.

Descarto logo essa hipótese quando em seguida um cara alto e moreno desce do carro levando também um fuzil como os outros dois, só que, diferente dos demais, ele carrega uma bolsa de mão na cor lilás com pequenos unicórnios desenhados. Depois de falar alguma coisa com um dos policiais, ele passa por nós e entra a passos largos no hospital. Detalhe: armado como se fosse invadir uma favela.

— Mas o que é isso? — pergunto a ninguém em especial. — O dia parece estar de pernas para o ar.

— Não faço ideia, mas não parece ter alguém ferido.

— Não, e o senso daquele policial ficou metido na bunda para entrar com aquela arma no hospital.

Sem esperar, marcho para dentro do prédio vendo o policial parado na recepção, conversando com Helen, a recepcionista, e o homem não parece muito satisfeito.

— Com licença, posso ajudar, Helen?

A mulher me olha e dá um sorriso aliviado, já o cara, até então de costas, se volta para mim e me avalia com atenção, usando óculos escuros.

— Esse senhor está armado e eu disse a ele que não pode entrar assim no hospital — diz, com certo desespero.

Aceno em concordância, o aviso não deveria ser difícil de entender.

— Isso é verdade, senhor, peço desculpas, mas o senhor não poderá entrar no hospital com um fuzil. — Vejo-o rir do que acabo de lhe falar. — Sou o doutor Ribeiro, chefe da neurocirurgia, e peço que se retire ou se livre da arma para liberarmos a sua entrada.

Estendo-lhe a mão, que ele aceita de bom grado, retribuindo com um aperto firme e um tanto forte demais, antes de falar:

— Capitão Soares e garanto que não tenho prazer algum em estar aqui. Agora, doutor, faça um favor pra nós dois. Eu tô de serviço, minha mulher foi atropelada e trazida pra cá. Eu vou entrar do jeito que estou neste momento, tenho pressa, quero vê-la e voltar ao trabalho, então facilite as coisas.

— Entendo e, mesmo assim, não posso permitir que assuste meus pacientes andando com um fuzil pelo hospital, senhor. Espero que entenda.

O cara olha para a porta e se aproxima de mim em uma postura intimidadora — eu diria.

— Então temos um problema, porque não vou sair daqui sem ver Cristine.

Espera aí, Cristine? Não é a...

— Não disse que não pode ver sua esposa, capitão, disse que armado com um fuzil não poderá entrar nesse hospital. Sinto muito. — Mentira, eu não sinto e o vejo travar o maxilar, antes de pegar o rádio acoplado em sua roupa.

— 07? — ele chama pelo rádio, parecendo ter perdido a paciência. — Preciso de você aqui na recepção — fala e retira os óculos escuros, voltando-se para mim. — Vamos resolver essa palhaçada de uma vez, doutor.

Concordo com um aceno e, segundos depois, período no qual o silêncio foi incômodo, outro policial entra e se junta a nós, dirigindo-se ao tal capitão.

— Acabei de descobrir que não posso entrar armado no hospital. Leve o fuzil pra viatura e pode ir. Cristine não vai ficar sozinha aqui, tenho certeza.

Assim que terminar, eu chamo e qualquer problema tu me avisa, pelo jeito vou demorar — dá a ordem, entregando a arma ao homem.

— Você ainda está armado, senhor — falo, referindo-me à pistola que leva no coldre.

— Pode ir, 07 — fala, ignorando minha indagação, dando a ordem ao outro policial, mas com os olhos em mim. — Eu estou armado como estaria no meu dia a dia e você está testando minha paciência. Agora autorize a porcaria da minha entrada ou nós dois vamos ter um problema aqui... e será grande, doutor.

— Augusto? — Pedro chama minha atenção. — Fui informado que Cristine está aqui no primeiro andar e, pra não chamar mais atenção, sugiro que libere a entrada do capitão. Não temos mais pacientes na ala, a arma não trará problemas.

— Claro, eu o acompanho pessoalmente até o quarto, capitão — digo a contragosto e ele me segue pelo longo corredor branco.

Chego ao quarto em menos de 30 segundos, entro primeiro e vejo a enfermeira acabando de suturar e limpar o ferimento na testa de Cristine, que parece tensa sobre a cama, agarrando os lençóis com os dedos e exibindo uma careta. Diria que se assemelha a uma criança temendo o pediatra. O capitão entra em seguida e, quando a mulher abre os olhos e o vê, seu rosto se ilumina em um sorriso radiante.

— Bruno! — exclama, praticamente jogando-se sobre o homem, esquecendo a enfermeira que ainda limpava seu ferimento. — Graças a Deus, achei que tinha me esquecido!

— Está maluca? Você é preciosa demais pra que eu possa te esquecer, meu bem, nem se eu quisesse.

Observo a interação à minha frente, fingindo olhar o prontuário e devo dizer que não esperava algo assim.

— Hum... Eu nunca vou me acostumar a te ver assim, com esse uniforme. Já falei isso? — diz ela, vermelha.

— Já sim, bebê, muitas vezes — responde, acariciando o rosto dela, e o olhar apavorado de antes já não está mais em seu rosto.

Pigarreio e ganho a atenção dos dois, estourando a bolhinha rosa de

ternura.

— E então, senhora, se sente bem? — falo, já incomodado com tanta demonstração de afeto, precisando e querendo agilizar o procedimento.

— Sem o senhora, por favor e, sim, me sinto bem, só com minha enxaqueca costumeira. Mas já estou acostumada a ela. Eu disse que não precisava vir para o hospital.

— Não deveria estar acostumada com dores, Cristine, não é comum ou normal. — O prontuário em minhas mãos ainda não foi preenchido completamente e me aproximo dela para começar o procedimento. — Vou prescrever uma medicação para a dor e virão buscá-la para realizar os exames. Com licença. — Pego o estetoscópio e começo a examiná-la, tendo o policial e Pedro como plateia.

— Não vai voltar pro trabalho agora e me deixar aqui, não é? — Cristine pergunta.

— Não, vou ficar. Tem Cathe também, não é?

— Droga! Tenho que pegar Catherine. Ainda vai demorar aqui? — pergunta-me, enquanto coloco o objeto frio em suas costas e vejo sua pele se arrepiar com o contato do metal.

— Vou deixá-la em observação por 24 horas. Terá que fazer uma ressonância para ver se houve alguma contusão e vamos ver essa enxaqueca — falo e ela parece murchar com o que eu digo.

— Não precisa. Estou me sentindo bem melhor e já posso ir embora! — mente descaradamente. Não tem como alguém ficar bem após um atropelamento, por mais banal que seja.

— Não há acordo, senhora. Deixarei você em observação.

A mulher geme em desgosto com o que digo.

— Eu vou buscá-la, Crisy, não se preocupe quanto a isso.

— Se não tem outro jeito... — Ela me olha com uma expressão de tristeza. — Tem certeza de que não posso ir?

Sorrio de sua tentativa.

— Tenho. Irei mandar alguém buscá-la agora mesmo para fazermos os exames. Sobre visitas...

— Não, não vou ficar sozinha — ela me interrompe. — Se eu ficar sozinha, vou embora.

Olho-a, pois não era isso o que eu ia dizer.

— Medo de hospitais? — pergunto, achando surreal, mas bem comum de acontecer.

— Não, mas não vou ficar sozinha de jeito nenhum — responde, categórica.

— Isso não é necessário, não ia proibir suas visitas. Enquanto isso, tente descansar, em alguns minutos, alguém virá buscá-la. Até mais tarde — falo e ela acena, emitindo um obrigada.

Saio do quarto, tendo Pedro em meu encalço, procurando começar mais um longo dia de trabalho. Longo e cansativo.

— Você tem que melhorar essa cara — Pedro brinca.

— É melhor não começar a encher a minha paciência e ir procurar algo para fazer. Com certeza em todo esse hospital deve ter alguém precisando se livrar de um câncer ou um apêndice.

Ele sorri, presunçoso.

— Deveria me agradecer. Se não fosse por mim, você estaria rolando no chão da recepção com o caveira.

— Do que está falando? — Paro, achando uma idiotice o que fala.

— Eu percebi a forma como a olhava e, com certeza, o cara lá também iria perceber... Se bem que a mulher é mesmo bonita — provoca o filho da mãe e sai rindo na direção oposta à minha.

Bem, não posso negar que ela é uma mulher bonita. Uma beleza diferente... Acho que por conta do formato meio quadrado do rosto, que se assemelha a um coração ou algo assim, a pele clara e o corpo com medidas proporcionais. É, não me culpo por ter prestado atenção a esse fato. Mas, apesar da beleza como um todo, foram os olhos que me chamaram a atenção quando ela os abriu ainda naquele asfalto, enquanto eu tentava manter a calma por causa do desastre que poderia ter sido pior.

Apesar de maluca e de ter estragado minha manhã, seu olhar prendeu minha atenção, assemelhando-se a duas turquesas de intensidade invejável e não nego que gostei do que vi. Ela foi irresponsável, mas, apesar dos

acontecimentos, isso não me impediu de reparar nos detalhes de seu rosto, na boca carnuda, no nariz arrebitado e pequeno. É, talvez eu tenha prestado alguma atenção na mulher, mas daí a demonstrar interesse... Não, isso está fora de cogitação.

Sem falar que a mulher é comprometida. Talvez, se a tivesse conhecido em outras circunstâncias, ela teria de fato me chamado a atenção. Seu perfil não me passaria despercebido, gosto de loiras, uma noite apenas seria válido, sem compromisso. Mas não estamos em outra situação e já me deixei divagar por tempo demais. Além do mais, a diaba loira é comprometida.

Assim que entro em minha sala, ainda pensando na minha mais nova paciente, meu celular toca e, quando olho, vejo que é Alice.

— Fale, Porcelana, mas fale rápido, hoje estou sem tempo...



***Arrependimentos podem
acarretar uma verdadeira prisão na
alma.***

A medicação que me deram aparentemente me fez tombar. Não lembro muito o que aconteceu depois que voltei dos exames, só que já cheguei sonolenta. Passo a mão em meu rosto, sinto dor em meu braço, especialmente em meu cotovelo, e permaneço na mesma posição de lado, tendo cuidado com o soro em meu braço, de cara para a parede branca.

Que sorte a minha. Uma entrevista relâmpago aparece, aquela que te dá esperança em um mês horroroso e puft, você é jogada no chão, literalmente. Parabéns Cristine, você conseguiu o impossível, se bem que quando se trata de mim, isso não é impossível, a contar pelo meu histórico de burrices.

Canso de olhar a marca de um dedo na pintura impecável à minha frente e viro-me na cama de hospital, gemendo com a pontada de dor que sinto em minhas costelas. Ao me acomodar melhor, me surpreendendo ao ver o doutor Augusto sentado, despreocupado, na poltrona no canto do quarto, usando um jaleco sobre a roupa social e franzindo as sobrancelhas.

— Não queria te assustar — fala, se levantando e se aproximando da maca onde estou. — Como se sente? Como está a dor na cabeça?

— Zonza, mas a enxaqueca se foi, sinto só dor no corpo. — Vejo-o acenar em confirmação.

— É normal. Apesar de não ter fraturado nada, seu corpo levou uma boa pancada ao cair no chão. Logo irá passar, não se preocupe — fala, enquanto aponta uma lanterninha em meus olhos, me deixando cega por segundos.

Pisco algumas vezes até ter a visão de volta e posso enxergar melhor o homem à minha frente, que faz alguma nota no prontuário.

Ele é um belo exemplar. Alto, não muito forte, mas com um físico impressionante. Os olhos são impactantes, de um azul gelo límpido, emoldurado por grossas sobrancelhas loiras. Sei que seu cabelo é grande, na altura dos ombros, pois estava solto quando chegamos aqui, e agora está preso perto da nuca, o que me permite olhar bem para ele. O homem é mesmo muito bonito. Uma boca bem delineada, uma barba grande e bem cuidada cobre o maxilar e um nariz um tantinho torto e pontudo. O rosto másculo, com a expressão severa de mau humor e o vinco formado entre suas sobrancelhas lhe conferem um ar quase selvagem.

Interessante.

— Que bom, é um pouco desconfortável, mas poderia ser pior... — respondo me recompondo depois de ficar encarando o homem e o vejo assentir, com um leve aceno. Ele não é muito de falar e com sua cara de mau humor me deixa desconfortável. — O que me deram? — pergunto e vejo sua sobrancelha direita se elevar em um arco quase perfeito.

— Ergotamina. Já foi medicada com ele antes? — pergunta, a voz grossa reverberando nos meus ouvidos.

— Não, mais sei os efeitos que tem. Deve ser por isso que sinto o corpo tão pesado e letárgico...

— Sim, é. Trabalha em que área, Cristine? — pergunta, sem muito interesse.

— No momento não estou trabalhando, mas sou formada em fisioterapia. Pela manhã estava indo para uma entrevista de trabalho, quando inconsequentemente passei pela faixa... Por falar nisso, peço desculpas mais uma vez. — Não nego que me sinto envergonhada por isso.

— Ok, já não tem importância — diz apenas, sem ao menos me olhar. — Então tenho aqui uma colega? Interessante. — Sua fala parece

despreocupada, mas o vinco ainda está presente no meio das sobrancelhas e mais profundo agora. — Está sem trabalhar há muito tempo?

— Hum, eu ainda não trabalhei na área, fiz apenas estágio. Mas tá bem difícil encontrar emprego, pois não tenho experiência.

— Entendo.

Por um momento desconfortável, sua atenção para sobre mim, nenhum de nós diz absolutamente nada, em um silêncio bem estranho, e procuro achar algo interessante no teto de gesso sem saber o que falar.

— Tenho a impressão de que a conheço de algum lugar...

— Acho que não — respondo rápido, tentando não pensar de onde ele poderia me conhecer. Deus permita que não, eu me lembraria.

— Bom, eu não sei ao certo a política de contratação do hospital, mas estou ciente de que estão com processo seletivo para sua área, caso lhe interesse, Cristine. Não faço ideia se querem alguém experiente, mas sei que têm urgência, ontem mesmo isso me causou alguns problemas. Temos um centro de fisioterapia excelente aqui no hospital, se estiver interessada, deixe seu currículo quando puder. Assim me sentirei menos culpado por você ter perdido sua entrevista de emprego.

E eu achando que o homem estava sendo gentil, mas, ainda assim, sinto uma ponta de esperança e meu sorriso se abre de orelha a orelha.

— Claro, faço isso ainda hoje e muito obrigada por informar.

— Ótimo! Estamos... — começa a falar e é interrompido por uma vozinha fina e infantil que conheço bem.

— Mamãe... — Cathe entra no quarto correndo e chorando, seguida por Bruno, e tenta subir na cama, que por sinal é alta demais para sua pequena estatura.

Bruno se aproxima e a levanta, colocando-a na cama. Minha menina me abraça, escondendo o rostinho em meu pescoço e soluça em meio às lágrimas, lágrimas que me assustam por sinal.

— Ei, o que foi, meu amor? Não gostou do primeiro dia de aula?

Ela não responde, apenas chora e começo a me preocupar. Nunca tive problemas com ela em seus primeiros dias de aula, nem quando era menor.

— Ela colocou na cabeça que você vai morrer e não importa o que eu diga, ela não acredita. — É Bruno quem responde, parecendo já impaciente.

E agora essa!

— Cathe, amor, olhe pra mim. — Ela balança a cabeça, negando. — Anda, minha fofura, olhe pra mamãe. — Ela demora a obedecer até que enfim me encara. Meu coração se aperta ao ver os olhinhos nadando em lágrimas. — Eu não vou morrer, Cathe.

— Mas você está no hospital e vai morrer, mamãe. Foi por minha causa, não foi? Por... que eu te... abracei muito forte de manhã? — fala, pausando entre soluços. — Desculpa, mamãe. Por ob... sequinho. — Ela volta a esconder sua cabeça na curva do meu pescoço e meu coração se aperta de amor.

— Ei, amorzinho. Não foi sua culpa, o abraço apertado cura a dor, lembra? Eu só vim porque estava com muita dor de cabeça e já até passou. — Ela volta a me olhar, tentando controlar o choro, tremendo o queixinho e falhando em seguida, com lágrimas grossas escorrendo por suas bochechas. — Pode perguntar pra esse moço aqui, ele é o meu médico — falo e procuro pelo homem que estava há pouco ao meu lado.

Ela olha Augusto meio indecisa, limpando as lágrimas com as mãos.

— Oi — fala, tímida, depois de um tempinho.

— Oi, tudo bem?

— Não, mas você pode fazer ficar, não pode? — pergunta e o vejo encarar minha filha como se ela fosse um ET, sem suavizar a expressão.

— Aí depende. No que eu posso ajudar?

— Pode curar a mamãe, não pode? — Ele volta a levantar a sobrancelha, como se pensasse no que dizer.

— Posso lhe garantir que sua mãe está ótima, menina.

— Verdade?

— Sim, eu não minto. Sua mãe está ótima! — Cathe abre um sorriso tímido e volta a se deitar, se aconchegando a mim e limpando as bochechas, que estão ainda mais vermelhas.

— Que bom então, mamãe, agora eu acredito. Foi você que curou ela?

— Agora que não está mais chorando vem a curiosidade, enquanto se ajeita ao meu lado com os olhos presos em Augusto.

— É, mais ou menos isso, demos um jeito na dor de cabeça da sua mãe e a mandamos para longe. Não precisa mais chorar... — Ele não leva jeito para pediatria, isso é nítido.

Ela sorri, confiante, bocejando enquanto todos tem os olhos sobre a pequena figura.

— Agora tire essa ideia de sua cabecinha, Catherine, eu não vou a lugar algum. Vou ficar aqui, agarradinha com você até ficar velhinha, mocinha. — Ela apenas confirma com a cabeça, rindo meio sonolenta. — Não dormiu antes de vir, não é? — pergunto, vendo-a tirar a franja da testa.

— Não, ele não ia me esperar — fala, apontando para Bruno, que se faz de ofendido.

— Eu disse pra dormir, pequena sapeca, que iria te esperar. Não invente... — Bruno fala e ela cai na gargalhada.

— Eu queria te ver, mamãe — defende-se, esperta, com a voz dengosa.

Cathe chega ainda mais perto de mim. Às vezes tenho a impressão de que minha filha acha que é um pintinho querendo dormir praticamente embaixo de mim.

— Seu cheiro é tão bom, mamãe. — Solta um bocejo e meu coração se regozija.

Acreditem quando eu digo que momentos como esse fazem de fato a maternidade valer muito a pena.

— Então durma, amor, a mamãe fica aqui com você. — Beijo o alto da sua cabeça e, por um momento, olho para Augusto, que tem uma expressão séria e os olhos fixos em nós.

— Bom eu tenho que ir. À noite, eu volto com seus exames, Cristine. Com licença. — E sem dizer mais nada, ele sai do quarto, passando por Bruno, que está próximo à porta.

Não dou atenção a isso e nino o pintinho em meus braços até tê-la molinha, ressonando baixinho.

— É como a mãe, pra dormir não leva nem um segundo — Bruno chama minha atenção, risonho e eu nego, mesmo sabendo que é a pura

verdade. Durmo muito fácil.

Hoje mais cedo, ele se prontificou a buscá-la e, como combinado, a trouxe para mim. Não sei como fez para acalmar Silvy depois de dizer que viria para o hospital, ela é maluca e com certeza Bruno teve trabalho para tranquilizá-la ou ela já estaria aqui. Apesar das circunstâncias, foi ela quem me restou de família além de Cathe, mesmo que não tenhamos o mesmo sangue.

Lembro da informação sobre uma possível vaga aqui e, ao mesmo tempo em que sinto uma pontinha de contentamento, sinto também certo pesar. Não gosto de hospital, correção, não gosto desse hospital em particular.

— Crisy, tudo bem? — Bruno me tira dos meus pensamentos, tocando minha mão com a sua.

— O que disse?

— Perguntei se está se sentindo bem.

— Ah sim, tá tudo bem sim, coração. Estava só aqui pensando no que o doutor disse...

— E o que ele disse? — pergunta, sentando-se na beirada da cama aos meus pés, pegando um deles e começando uma massagem suave.

— Eu pedi novamente desculpas pela forma leviana como praticamente me joguei na frente do carro dele — falo e vejo-o revirar os olhos, com a atenção em meus pés. — E Augusto disse que precisam de um fisioterapeuta aqui no hospital, Bruno, e isso me animou um tantinho. A entrevista de hoje foi a única que consegui esse mês. Não é maravilhoso? Não que eu vá conseguir, mas já é alguma coisa. Há males que podem vir pro bem — falo e ele não me olha, não me responde de imediato e continua com a massagem.

— Sabe bem que tem pavor desse hospital ou se esqueceu? Como viria trabalhar aqui? — argumenta com um bom ponto.

— Não exagera. Não chega a ser pavor, só não me traz boas lembranças, porém emprego é emprego e estou precisando. Não ando em condições de escolher, nem tenho o que escolher pra ser sincera — respondo e o vejo negar.

— E em troca do que ele te disse isso?

Estranho, mas respondo:

— E como irei saber? Mas argumentou dizendo que assim se sentiria mais aliviado. Pode ter se sentido mal com o atropelamento. Nada de mais!

— Que generoso... — fala, despretensioso, mas conheço-o o suficiente para saber quando está zombando de alguém.

— Qual o problema, Bruno?

— Percebeu como ele te olhava? — Sorrio, só pode ser piada. — Homens como ele não distribuem gentilezas, Cristine, é só um aviso.

— Ah pelo amor de Deus, Bruno. De onde tirou isso? — pergunto, sem esperar resposta. — Já viu onde estou, como estou? Não estou nos meus melhores dias... — tento brincar.

— Eu não entendo como pode ser tão ingênua com toda a experiência de vida que adquiriu nos últimos anos, Cristine, e ainda brinca com isso...

Ele consegue arrancar meu sorriso com essa fala e me surpreende, acabando com o pinguinho de animação. Saiu natural, sei disso, não temos receio de falar um com o outro, mas ainda assim isso me traz à vida real.

— O que quer dizer, Bruno? Seja direto. — Deixo a voz sair um tanto mais alta do que o pretendido, voltando a me policiar para não acordar minha menina.

— Não é nada, apenas não esqueça que eu te avisei.

— Pode deixar, soube dar seu recado — respondo, chateada com suas últimas palavras, e tento não olhar para ele ou pensar no que disse. Não deveria se um assunto melindroso para mim, mas é!

Sei o que ele quis insinuar e não gostei. Já me basta os sonhos que tenho à noite e o que carrego, não preciso de mais ninguém jogando minhas decisões na minha cara.

Bruno sempre esteve comigo durante a vida, ele é mais do que amigo, é um irmão. Sempre cuidou de mim com muito carinho e amor e não é diferente com Cathe, mas certas palavras machucam. Quando contei a ele o que fiz há seis anos, Bruno surtou. Ele gritou, esmurrou minha parede — provavelmente para não esmurrar a minha cara —, me xingou e ficou uma semana sem me olhar nos olhos.

Ficar sem o meu melhor amigo foi complicado, principalmente por

pensar que ele provavelmente nunca mais falaria comigo, sabia que era orgulhoso. Só não esperávamos que poderia ser pior e que na semana seguinte fosse me tirado o chão uma segunda vez. Em desespero, fui aos prantos bater em sua porta e ele não se negou a me ajudar. Me joguei em seus braços, que me acolheram, ele me deixou chorar, molhando toda sua camisa por uma madrugada inteira, e eu só tinha a agradecer.

Meu amigo tentou inúmeras vezes me fazer desistir do que eu tinha começado, porém eu estava ainda mais convencida e disposta a prosseguir. Já tinha dado o primeiro passo e naquele momento, principalmente, eu estava desesperada por dinheiro e para resolver minha situação. Então, depois de muito tentar, ele desistiu e me apoiou de certa forma. Não que ele concordasse, isso nunca, mas também não tentou mais me fazer desistir.

— Ei, desculpa — fala, massageando agora minha panturrilha direita e me olhando com cara de cachorro que caiu do caminhão da mudança. — Não falei por mal, amor, me desculpa e desfaz essa cara. Não foi pra te chatear, sabe disso. Por favor, Crisy.

Deus sabe que se tem uma coisa a que não resisto no mundo é Bruno, um homem lindo de quase dois metros de altura, com cara de cachorro pidão me pedindo desculpas.

— Tudo bem. Hoje eu estou um pouco mais sensível, não se preocupe, já vai passar. — Tento sorrir, mas tenho certeza de que sai mais como uma careta.

— Quer comer alguma coisa? Posso ir lá comprar.

— Não, estou meio enjoada por conta do remédio, não precisa. Se bem que uma fatia de bolo de chocolate não seria nada mal... — falo e sinto até o gosto do bolo em minha boca, vendo um sorriso bonito se abrir no rosto do homem sentado aos meus pés.



— Deixa eu me vestir logo, estou louca pra sair desse hospital. Me

passa a bolsa, por favor — peço e Bruno, mais que depressa, me entrega uma bolsa de mão lilás que pedi que trouxesse ontem com uma muda de roupa.

Estou nesse momento me arrumando para ir embora, pois tive alta. Após uma noite incômoda, na qual passei parte dela olhando o teto de gesso branco, estou louca para ir para casa, tomar um banho demorado e me deitar em minha cama para, enfim, conseguir dormir o sono dos justos.

Ontem, após convencer Bruno a me comprar uma torta de chocolate, Pedro, o outro médico que estava com Augusto no carro, passou pelo quarto e conversamos um pouco. Confesso que me surpreendi pela atenção que ele dedicou a Cathe, que parece ter se apaixonado de cara pelo homem bem-humorado, que leva bastante jeito com crianças. A matraquinha não deixou de falar um instante enquanto ele esteve no quarto, monopolizando toda a conversa. Catherine é uma criança aberta a amizades, o que me faz ter ainda mais cuidado com quem se aproxima dela, mas a menina adora um carinho com conversa mole e quando ela acha alguém que lhe dê trela, aí já era.

Quando Bruno foi embora com ela, já era noite e o sono me pegou um pouco, me deixando ansiosa e me mantendo acordada no restante do tempo.

Augusto não voltou como disse que faria, apenas pela manhã, após Bruno chegar, ele retornou ao quarto com meus exames e, sem me olhar nos olhos, disse que estava bem, me liberando em seguida. Achei estranho, mas de fato ele parece mal-humorado por natureza, pois não existia nem um traço de gentileza em sua fala. Um ogro. Ele foi rápido, conciso, semblante nublado e, assim que me liberou sem mais delongas, se virou e saiu do quarto.

Tiro os últimos acontecimentos da minha mente e vou ao banheiro, me trocando rapidamente. Minutos depois estamos indo em direção à recepção do hospital pagar a conta, o que fará um buraco bem grande na minha conta bancária.

— Pode deixar que eu pago, Crisy — Bruno fala gentilmente, já pegando a carteira.

— Não, de jeito nenhum — nego. Ele tem a mania de querer pagar coisas para mim por causa da minha atual situação dizendo que é um empréstimo. O problema é que ele não quer receber depois e não gosto disso.

— É um empréstimo, você me paga quando arrumar um emprego. —

Não disse que ele sempre usa essa desculpa?

— Só se me prometer que vai aceitar o dinheiro — falo de cara amarrada, para ver se sou levada mais a sério, no momento arcar com a conta de um hospital como esse me deixaria no vermelho.

— Eu prometo.

— Promessa de escoteiro? — pergunto lhe mostrando meu dedo mindinho e vendo-o sorrir com o gesto de criança.

— Sim, promessa de escoteiro, chatinha.

Sorrio e caminho até a saída, esperando-o. Estranho quando ele não se demora a voltar, vindo em minha direção com uma cara não muito boa.

— E aí, quanto lhe devo? — falo de forma descontraída.

— Nada.

— Como é? — pergunto sem entender o que quer dizer.

— Estava tudo pago pelo doutorzinho.

E após ouvir isso, não posso negar que me surpreendo.

— Sério?

— Sim. Eu disse, não disse?

— Pelo amor de Deus, Bruno — falo, descrente, revirando os olhos para sua insinuação. — Ao menos você deixou o currículo? — pergunto e me arrependo assim que ele me olha.

— Infelizmente sim, não dou 3 dias pra que seja chamada pra entrevista. — Não lhe dou ouvidos e vou em direção ao seu carro, parado em uma das vagas em frente ao hospital.

— Deus te ouça, meu amigo, Deus te ouça... — falo, baixinho, apenas para mim. Preciso de um emprego e com urgência.



***O amor... há quem diga ser um
sentimento mágico e transformador,
já outros preferem acreditar que não
passa de uma invenção criada por
uma mente carente.***

Estranhando o fato de estar parado aqui no alto da escada observando o casal feliz na recepção se preparando para deixar o hospital, fico sem conseguir desviar o olhar. Um sentimento estranho aperta meu peito ao ver a cena, me levando a um estado incomum de sensações que há muito não sentia ou não me permitia sentir. Algo aconteceu e me pergunto o porquê de tais pensamentos logo agora, depois de tanto tempo. A solidão nunca foi um problema, nunca me apeguei a ela ou me vi como estou agora, pensando no que poderia ter.

A imagem da mulher usando um vestido floral azul lá embaixo me perturba de alguma forma. Digo que foi após Pedro soprar suas abobrinhas em minha orelha que passei involuntariamente a olhá-la de uma forma diferente quando voltei ao quarto e ela estava dormindo, talvez por me lembrar alguém ou por ela ser a mulher da praia. Agora tenho certeza de onde vinha a sensação de que a conhecia.

Tive essa certeza quando a vi negar algo para a filha, fazer um biquinho de desgosto e sorrir em seguida. O mesmo gesto que a vi fazer dias atrás,

enquanto eu permanecia no carro respaldado por vidros escuros, olhando uma mulher estranha que, de alguma forma, me chamou a atenção. Não me permiti me aproximar e tocar no assunto, afinal eu iria dizer o quê? Me lembrei de onde a conheço, você estava chorando na praia... Não me prestaria a esse papel, menos ainda a essa intimidade.

Conheço a mulher a menos de 24 horas e sinto como se, de repente, uma caixa lacrada por anos fosse rompida em minha cabeça e isso já é o bastante para fazer com que eu mantenha distância dela, mesmo agora minha curiosidade sendo aguçada pela lembrança que tenho de vê-la chorar daquela forma. Os olhos brilhantes de lágrimas que vi aquele dia me trazem um remorso que quero esquecer.

E a garotinha chorona de olhos azuis e cabelos encaracolados loirinhos, a cópia da mãe, me trouxe algumas sensações. Não lembranças, mas sim conjecturas que, infelizmente, minha cabeça teimava em fazer. Inferno!

— Um casal de comercial de margarina, concorda? — Pedro fala ao se aproximar de onde estou, escorando-se na mureta de vidro ao meu lado.

— De fato, formam um belo casal — digo, me virando de costas para a recepção lá embaixo e vendo um sorrisinho filho da puta no rosto de Pedro. O que ele tem na cabeça?

— O que foi? Qual o problema? — pergunta.

Pedro e eu somos primos, fomos criados juntos e nos conhecemos bem o bastante para saber quando há algo errado.

— Problema algum, apenas cansaço. As últimas horas foram puxadas, caso difícil. — E ele não me contradiz.

A questão é que talvez a interação entre Cristine e a filha tenha me feito lembrar do tempo em que tudo o que eu queria era uma família como aquela e talvez alguém para cuidar, proteger, amar. Desejos que me foram tirados há muito e hoje eu sei que tal sentimento não existe, é passageiro. Apenas uma ilusão, algo criado para saciar o desejo de ter alguém, a chamada carência... Hoje sei bem disso, mas há 10 anos infelizmente eu não sabia.

— Descobri algo que pode gostar... — Pedro me tira de pensamentos um tanto insanos para aquela hora do dia e foco em seu rosto.

— Não posso imaginar o que seria, mas fale, Sherlock — ironizo,

querendo saber aonde quer chegar.

— Ele não é o pai da criança. — Sigo o gesto de Pedro a tempo de ver o tal capitão deixar a recepção e sair do hospital.

— E por que acha que a informação me interessaria? — pergunto, despretensioso, vendo seu sorriso aumentar.

— Talvez por ter passado parte da noite sentado no sofá do quarto da moça enquanto ela dormia? — Filho da mãe.

— Atropelei a mulher, Pedro. Nada mais justo que queira cuidar do seu bem-estar, apesar de ela ser a culpada pelo transtorno. Nada mais, apenas isso, apesar de ter achado a diaba bonita.

— Se você diz... só tenha cuidado. Eu percebi o jeito que olhou pra ela e acredito que ele também — fala.

O cara não vai soltar o osso e decido mudar a conversa, já estou ficando incomodado com o assunto, um que logo irá morrer, pois provavelmente não a verei mais.

— Falei com Alice ontem, ela irá se mudar, acredito que amanhã, e pediu ajuda!

— Ela pediu minha ajuda? — pergunta, com ironia. — Eu duvido.

— Deixe de reclamar, Pedro.

— O que aconteceu com aquelas empresas especializadas em mudanças? Por acaso vocês estão com dificuldades financeiras? — debocha.

— Ela é louca, sabe bem disso. Segundo ela, da última vez estragaram alguns dos seus móveis, ou algo assim. Arthur também irá, diz ela que não tem graça sem ele. — Pedro ri.

— Já falaram pra ela que esse é o tipo de coisa que não é pra ter graça?

E antes que possamos continuar a conversa e que eu concorde com ele, sou chamado na emergência sabendo que terei de estender mais algumas horas do plantão.

— Depois nos falamos! Tenho que ir.

Quase correndo, chego à sala movimentada da emergência e o cheiro de sangue e álcool está impregnado no lugar, assim como as vozes desesperadas ecoam, pedindo pressa aos residentes e internos ali presentes. A

sala está cheia, todos em volta do corpo sobre a maca, e a situação que vejo me assusta, não nego. Um garoto, que não passa dos 16 anos de idade, está desacordado e coberto de sangue. A equipe médica tenta conter o estrago, estancar o sangramento do garoto inerte na maca, que tem cortes e fraturas expostas.

— Qual o caso? — pergunto ao me aproximar rapidamente, colocando as luvas.

— Jonathan, 15 anos, acidente automobilístico. Bateu em um caminhão, acredita? — Miguel, residente do segundo ano, é quem responde parecendo animado com o caso.

— Estou mais interessado na condição física do paciente, Dr. Ibraim — chamo sua atenção, pedindo licença ao me aproximar e examinando as pupilas do garoto.

— Ah, claro, me desculpe. Contusão no crânio, bacia fraturada, perna esquerda esmagada e o braço também esquerdo quebrado em dois lugares.

— Órgãos internos?

— Aparentemente, de algum jeito, não foram comprometidos. — Quem responde é o clínico.

— Ok, sala de cirurgia. Quero um cirurgião geral, não sabemos a extensão dos ferimentos e preciso de uma radiografia para ontem. Agora! — falo e me dirijo para a saída, indo apressado em direção ao centro cirúrgico.

Troco-me com rapidez, lavo-me e adentro a sala em que pedi urgência. Ao chegar, vejo os exames já prontos e os médicos que pedi a postos, com caras nada promissoras. Pego os exames, enquanto tenho a equipe trabalhando para conter o sangramento e recuperar a perna fraturada e o braço. A fratura no crânio é grave, fico menos confiante, mas o garoto tem chance.

Coloco o avental, touca e luvas e começamos uma cansativa cirurgia, revezando para tentar salvar a vida do garoto. Será que ao menos a mãe já foi informada?, me pergunto, pensando na dificuldade que essa família irá enfrentar, se o garoto sobreviver. Foi impossível salvar a perna, tivemos que amputar. Automaticamente, meus pensamentos vão para Cristine e todo o cuidado que demonstrou com a filha. Para uma mãe, receber uma notícia

como essa deve ser aterradora.

Um bip chama a minha atenção e o garoto começa a fibrilar.

— Droga! Ele não pode ficar sem oxigênio, estou no cérebro dele. Comecem a massagem cardíaca.

A movimentação na sala é intensa, todos em busca do mesmo objetivo: salvar uma vida.

— Adrenalina — peço, segurando a pinça suspensa em minha mão.

— Estamos perdendo o paciente, doutor.

— As pás, comecem em 150.

Começamos a sequência de reanimação. Tentamos de tudo, porém, o cérebro já danificado começou a hérnia, em outras palavras, a inchar e sou obrigado a desistir após uma sequência falha de reanimação. O menino de apenas 15 anos morreu antes mesmo que eu encontrasse o foco do sangramento em seu cérebro, sem me dar chance de salvá-lo. Fico impotente, enquanto assisto às tentativas do cirurgião geral de tentar trazê-lo à vida. É uma vida se perdendo e, quando isso acontece, é sempre um choque, não importa quantos anos você tenha de experiência, a sensação sempre te destrói, afinal é a vida de alguém em suas mãos.

— Ele perdeu sangue demais. Quantos minutos foram? — Fernando, o cirurgião geral, pergunta.

— Dez minutos — respondo, ele confirma com certo pesar e eu olho o relógio da sala. — Hora da morte: 10h29 — dou a sentença, enquanto me livro das luvas pouco sujas de sangue. Mal comecei a abrir o crânio do garoto. — Não foi hoje, irei falar com a família.

Deixo a sala em seguida e Miguel, o residente do caso, me segue. Ao chegar na recepção, posso identificar facilmente a família da criança que não pudemos salvar. Uma mulher morena de feições aflitas está sentada em uma das poltronas, tendo a cabeça entre as mãos e chorando copiosamente. Ao seu lado, um homem de uns 40 anos afaga suas costas, tentando consolar uma mãe que não tem consolo. Junto dos dois tem mais algumas pessoas que devem ser da família, todos receosos.

— A família de Jonathan Miranda, por favor. — Antes mesmo de terminar de falar, vejo a mulher pular de seu lugar e vir até mim, aflita.

— Como está meu filho, doutor? — pergunta, enquanto aperta um terço marrom entre os dedos.

— Bom dia, senhora. Seu filho teve muitas fraturas pelo corpo, chegamos a levá-lo para a sala de cirurgia, fizemos tudo que estava ao nosso alcance, mas ele não resistiu. — A mulher perde suas forças e se deixa cair de joelhos, antes que eu consiga ampará-la.

O sentimento de impotência rasga meu peito ao assistir à cena e tentar lhe prover ajuda, que ela recusa. O homem, que antes estava ao seu lado sentado na cadeira, se agacha até ela e a abraça, tentando algo impossível: acalentá-la.

— Fizemos o que podíamos, senhora, mas houve complicações, seu filho perdeu muito sangue.

— Mas... ele estava bem, me falaram que iria sobreviver. — Esse é o pior momento.

— Eu sinto muito, senhora, mas infelizmente ele não resistiu. Seu filho teve duas paradas cardíacas e não conseguimos reanimá-lo. Se quiserem, podem vê-lo, o doutor Miguel irá acompanhá-los. Boa noite — falo, vendo a dor transbordar da mãe, que se agarra ao marido, usando-o como um bote salva-vidas.

Viro-me sentindo o peso de perder uma vida e de ver os olhos suplicantes de uma mulher que confiou em mim e que eu decepcionei... Deixo a recepção e vou para o consultório. Foi um dia de merda, a começar por ontem!

Ando de um lado para o outro dentro da sala vazia pensando no desespero da mãe daquele garoto. Nessas horas, sempre me pergunto como pode haver um Deus que ceifa a vida de uma criança com uma vida toda ainda pela frente. Bufo sozinho, vendo que já deu por hoje, é hora de ir para casa e tentar dormir.

Começo a arrumar algumas coisas sobre a mesa, mas duas batidas me fazem parar e vejo Patrícia entrar na sala fazendo um biquinho de lado. A ortopedista me olha por alguns instantes com uma expressão que conheço bem.

Patrícia é uma ortopedista competente e linda, com um rosto quase

angelical, mas de humor diabólico e sensual. A mulher se aproxima de onde estou com passos lentos, rebolando o quadril bem-feito de um lado para o outro, enquanto passa a língua nos lábios carnudos cobertos por um batom vermelho sangue.

Permito-me admirar a visão, o rosto bonito com um sorriso safado nos lábios, enquanto leva a mão ao cabelo, colocando uma mecha longa e loira atrás da orelha. Ela é ciente da beleza e sensualidade que tem, usa isso bem e o fato de termos uma química maravilhosa na cama é uma delícia à parte. Patrícia se aproxima de mim e enlaça minha nuca com seus braços finos, colando seu rosto ao meu.

— Sinto muito pelo paciente — sussurra com a boca próxima à minha orelha, raspando de leve os dentes no meu lóbulo.

— Obrigado, Patrícia, mas... — Ela não perde tempo e lambe minha orelha, mordiscando-a em seguida e meu pau começa a pulsar dentro da calça, acordando com sua visão e suas carícias, porém, por mais que o sexo com ela seja satisfatório, esse não é o momento. Eu a afasto alguns centímetros, segurando seu rosto em minhas mãos, e digo: — Hoje não, não estou em um bom dia, Patrícia.

— Não se preocupe, Guto, sei bem o que fazer para mudar o seu humor, vou deixá-lo relaxado — diz, com uma voz sensual, passando a ponta da língua em meus lábios. — Não me negue, querido, pode se arrepender. — Falando isso, ela toma minha boca com urgência, sem nenhuma permissão.

Correspondo ao beijo, pensando que talvez tenha razão. Depois de um dia de merda, nada melhor do que me afundar em uma boceta fogosa...

Em um ímpeto, eu a viro e a empurro contra minha mesa, tomando sua boca novamente, segurando sua nuca. Minhas mãos percorrem o corpo cheio de curvas e levo a mão à parte interna de sua perna, chegando ao seu sexo já molhado e descoberto. Afasto-me por um instante e ela ri de sua façanha, me arrancando um suspiro de aprovação pela facilidade. Volto a beijá-la, mordiscando seus lábios e colando-a à mesa.

Puxo o vestido para baixo expondo os seios fartos, siliconados à perfeição e abocanho um, ouvindo-a gemer. Eu a viro de costa para mim e a faço deitar de bruços sobre a mesa, levantando o vestido preto colado e tendo livre acesso à sua boceta lisa, succulenta e escorregadia.

Passo meus dedos por sua umidade, pressionando o ponto duro e avermelhado, fazendo-a arfar e tentar conter um gritinho, me deixando ainda mais duro. Não quero nada com sentimentos ou delicadeza, quero foder Patrícia e sei que é isso que ela quer também. A mulher se vira de frente para mim e abre minha calça com rapidez, libertando meu pau, segurando-o entre as mãos, masturbando-o e me olhando faminta.

— Com força, querido, por favor — choraminga e perco o controle.

Tomo sua boca com brutalidade, enquanto alcanço o preservativo em minha carteira e, em alguns segundos, me encaixo em sua umidade convidativa, duro, metendo fundo e tendo prazer com seus gemidos, fazendo a mulher se arquear e rebolar gostoso em meu membro.

Afundo-me cada vez mais rápido em Patrícia, olhando os seios cheios e redondos saltarem ao alcance da minha boca. Abocanho um e, com a mão livre, massajeio seu ponto pulsante, fazendo a mulher perder o controle e empurrar ainda mais seu quadril contra o meu.

Eu a seguro com firmeza e chego ao auge do gozo quando sinto sua boceta moer meu pau e ouço-a gritar, perdida em seu próprio prazer, chamando por mim. Olho-a e sou surpreendido pela imagem da maluca que se jogou em frente ao meu carro ontem, tendo que fechar os olhos, tentando focar no momento em que estou, na mulher que está aqui. Que inferno estou fazendo?

Volto a beijar sua boca, dessa vez com mais calma, e saio de Patrícia em seguida, tirando o preservativo e chegando à conclusão de que preciso dormir, pois tal delírio que me acometeu só pode ser culpa do cansaço.

— Vai para casa agora, querido? — A voz sedutora me alcança, enquanto recoloco minha calça no lugar.

— Sim, já deveria ter ido há algum tempo, mas fiquei preso em uma cirurgia, como já sabe.

Ela faz um biquinho enquanto tenta arrumar a parte de cima do vestido e eu gostaria de dizer que o sexo que acabamos de fazer me deixou relaxado de alguma forma, mas andou longe disso. Por melhor que tenha sido, nada nesse momento seria capaz de me fazer tirar a culpa e a impotência que sinto.

— Se quiser, posso te acompanhar e continuamos em sua cama,

também já estou saindo — tenta, sendo bem persuasiva enquanto desliza a mão macia por meu peito.

Porém não costumo dormir acompanhado, menos ainda levar qualquer mulher para minha casa quando tenho Alice por lá. Seria suicídio. Sem falar que não estou em meus melhores dias para estar ao lado de alguém.

— Melhor outro dia, não serei uma boa companhia hoje, Paty.

A loira enrugava levemente as sobrancelhas, arrumando a saia e se dirigindo para a porta, mas para, ainda com a mão na maçaneta.

— Não reclame depois...— E com isso ela se vai, me deixando sozinho outra vez, e eu não saberia dizer do que eu poderia reclamar.

O melhor que posso fazer nesse momento é apenas ir para casa, ouvir as reclamações de Alice e quem sabe pintar algo em uma tela em branco. Talvez isso me traga alguma paz.



“Sonhos... Que bom seria se eles fossem verdadeiros e não apenas um desejo guardado em nosso íntimo...”

— Bom dia, menina! Já acordada? Achei que dormiria até mais tarde hoje. — Suspiro ao ouvi-la e saio do banheiro, vendo Silvy em meu quarto, com algumas roupas dobradas em sua mão. Beijo sua bochecha e vou até o meu guarda-roupa.

— Sonho estranho. Acabei acordando um pouco antes do horário, só isso.

— Que pena, filha, podia descansar um pouquinho mais. — Eu gemo, é verdade, acordar cedo não estava em meus planos, mas sonhar com meu passado também não...

— Bem que eu gostaria...

— O bonitão já está tomando café e esperando Cathe pra levá-la à escola — fala, colocando as peças no cabide.

— Diz que saio num minuto com ela pronta e que me espere, quero tomar café com ele.

— Certo — Silvy me responde olhando ao redor do quarto e saindo em seguida, levando em suas mãos um pequeno cesto com roupa suja.

Dou início a uma pequena batalha para acordar minha menina. Meu

bebê gosta mesmo de dormir.

Ontem, depois que cheguei em casa e tive uma inspeção minuciosa de Silvy, eu pude enfim tomar o banho que eu tanto queria e me deitar em minha cama. Passei o dia ajudando Cathe a pintar alguns desenhos, já que tinha que me manter de repouso, e à noite, infelizmente, não dormi, mas descansei. Ao menos a dor de cabeça, que era constante, foi embora deixando apenas a dor no corpo, que agora estava mais leve. Levo a mão ao machucado em minha testa, sentido os dois pontos que foram dados. Tirei o curativo há pouco.

Demoro um tempinho, mas depois de chamar, fazer cosquinhas e dar muitos beijinhos, tenho uma Cathe não muito feliz em tomar banho tão cedo. Em minutos, tenho uma criança cheirosa e vestida em seu uniforme, pronta para ir à escola. A essa altura, ela já está completamente desperta e a todo vapor. Acho perfeito que ela realmente goste de ir para a escola, lembro quando a levei para aula a primeira vez, fui eu que chorei ao deixá-la com a professora e nem ganhei um segundo olhar da parte dela. Crianças são ingratas!

Sorrio, segurando-a pela mão, e vamos tomar café.

— Bom dia, meu príncipe — falo ao entrar na cozinha e beijo o rosto de Bruno, sentando Cathe ao seu lado.

— Bom dia, Crisy, como passou a noite?

— Muito bem, obrigada — minto descaradamente.

— Que bom e você, Framboesa, como dormiu?

— Dormi com a mamãe e sonhei que eu tinha um unicórnio — ela responde, com um bigode de leite com achocolatado sobre os lábios e eu rio.

— E o que aconteceu com sua cama de princesa?

— É legal, mas é que ontem a mamãe precisava de cuidado, não podia dormir sozinha e eu tava cuidando dela — fala, cheia de si.

Desse tamanho e já inventando desculpas.

— Ah, sim, tu não deixaria de cuidar da mamãe, não é? — Ele entra na onda e ela estufa o peito.

— Claro né, tio! — responde, orgulhosa, fazendo-nos rir.

Bruno essa manhã parece até mais contente, talvez tenha esquecido a

história do emprego no hospital. Ontem enquanto vínhamos para casa, ele não falou muito, mas eu sabia que estava chateado por eu não lhe dar créditos por suas desconfianças. Não dei mesmo, afinal, a mim ainda parecia loucura. Ainda mais a julgar pela falta de gentileza de Augusto...

— Já está sabendo? — pergunta. — Teremos uma vizinha nova. Salvador me disse que a mudança chegou ontem à tarde.

— Sério? — pergunto, não muito interessada.

— Isso é verdade, eu até a vi. — Silvy continua. — Ela me pareceu um doce de pessoa, apesar de não ter demorado muito falando com ela, subimos juntas no elevador. Muito bonita, vai gostar dela, bonitão. Tadinha, será uma presa fácil — Silvy brinca, arrancando resmungos de Bruno e a atenção de Cathe.

— Vai caçar ela, tio? Eu vi na TV que os leões caçam as presas quando estão com fome. Você vai fazer isso também? — Crianças...

— Não, amor, a tia Silvy quis dizer que ela é uma moça bonita e que Bruno pode querer namorar com ela — tento explicar sem me comprometer.

— Ah, tá. Seria legal, ela tem filhos? — Os olhos brilham com a possibilidade.

Às vezes, tenho a impressão de que Cathe é muito sozinha, já que a maioria de seus coleguinhas são da escola e ela não tem tanto contato com eles fora do colégio. Após Cathe perguntar mais sobre a vizinha nova para Silvy, Bruno se levanta, pronto para sair.

— Hora de ir. Vamos, Framboesa? — chama, animado.

E ela não espera que ele a chame duas vezes, pula da cadeira com a pequena mochila da *Marsha e o Urso* em suas mãos e o acompanha.

— Tchau, mãe!

— Ei! Espera aí, eu vou com vocês até lá embaixo.

— Então vamos logo, mamãe! — Eu disse: crianças são ingratas.

Descemos os três para a garagem, com Bruno servindo de cavaleiro com Cathe em seu pescoço, enquanto ela se delicia agarrada aos cabelos em corte militar. Observo as duas pessoas mais importantes da minha vida ao meu lado e chego a suspirar de amor, são tudo de mais precioso para mim.

Após tirarmos a cadeirinha infantil no banco de trás do meu carro, afivelo o cinto rosa e Bruno deixa um beijo em minha testa, entrando no carro e ocupando o seu lugar atrás do volante.

— Precisa de alguma coisa hoje, Crisy? — pergunta, prestativo.

— Não, de nada. Ah, você colocou o estepe no carro? — pergunto ao ver meu carro ao lado do seu, agora com o pneu cheio.

— Sim, e já cuidei do outro que estava com um prego rasgando a borracha. Tem certeza de que não precisa de nada?

Assinto, sorrindo agradecida, vendo-o ligar o carro.

— Certo, então até mais tarde, Crisy.

— Bom trabalho e tome cuidado, Senhor Caveira. E a senhorita, se comporte.

— Pode deixar, mamãe — fala e me manda um beijo no ar, que finjo pegar e guardar em meu peito.

Fico por alguns minutos parada na garagem, vendo os dois se afastarem, ao mesmo tempo que vejo uma *Land Rover* branca entrar e parar perto da minha vaga, tirando o meu foco do carro de Bruno, que sai pelo portão.

Penso ser a nova vizinha, mas quem desce do carro é um homem alto e forte, seguido de uma mulher morena, de cabelos longos, muito bonita e bem arrumada.

Não deve ser a nova vizinha, já que Silvy fez questão de frisar a beleza dos cabelos ruivos da mulher. Olho-a tirando alguma sujeira imaginária da roupa e percebo que ao lado dela devo parecer uma mendiga, de *short* jeans, blusa da *Mulher-Maravilha* e uma sandália de dedo. Não perco mais tempo observando o casal e vou até o elevador, esperando que desça, e não demora muito para que o casal se aproxime de mim, parando ao meu lado.

— Bom dia! — o homem fala, cordial, a voz grossa reverberando no ambiente, uma voz que pode ser considerada sexy e conhecida.

Olho em sua direção, tentando saber se o conheço e perco o fôlego. O homem é um espécime raro, tenho a vaga impressão de conhecê-lo de algum lugar e coro com a possibilidade, descartando-a em seguida. Eu lembraria, tenho certeza disso.

— Bom dia — respondo, cumprimentando ambos, mas a mulher não faz questão de responder.

As portas do elevador se abrem, eu entro, sendo seguida pelo casal, e aperto o quarto andar no painel.

— Quarto andar, também? — o homem pergunta, simpático.

— Sim, são vocês meus novos vizinhos? — pergunto e dou o meu melhor sorriso de boas-vindas.

— Felizmente não... — A mulher é quem responde, quase com um resmungo mal-humorado e meu sorriso morre aos pouquinhos.

O homem mostra os dentes sem jeito, tendo a decência de se sentir envergonhado pelo que a mulher falou. Mulherzinha de cara abusada essa. E olhando bem o rosto masculino simpático, pareço lembrar quem ele é, mas seria impossível, já que o rosto liso, sem barba alguma e o cabelo cortado baixo, social, não carregam os traços ranzinhas de Augusto. Não, eu devo estar em algum delírio, não é ele e, se tivesse sido um antigo cliente, esse rosto e essas feições bonitas eu não esqueceria.

— É minha irmã que está se mudando. Ainda não a viu?

— Não, ainda não tive esse prazer — respondo e ganho um sorriso bonito, com dentes alinhados e perfeitamente brancos. Eu devo estar louca, não é ele.

— Não se preocupe, ela é uma boa vizinha e simpática — fala e a mulher resmunga algo que não entendo, mas que o faz apertar os olhos de um azul claro.

— Espero muito que sim — respondo, dando por encerrada a conversa antes que a mulher exploda meu cérebro com a força do olhar.

As portas do elevador se abrem e minha impressão de conhecê-lo não me sai da cabeça enquanto vejo-os saírem do lugar. Porém paro de encarar o homem enquanto acho cada vez mais semelhanças com Augusto, o médico que me atendeu ontem, ou melhor, quase me atropelou.

— Foi um prazer — fala e aceno brevemente, vendo-os irem em direção ao 405.

Saio em seguida, a tempo de ver Salvador — o porteiro — chegar pela porta da escada lateral, vindo em minha direção com uma caixa e um

envelope nas mãos. Ele, como sempre, tem com um sorriso afável no rosto idoso e me entrega a correspondência. Perco alguns segundos com ele, que pergunta por Cathe e Silvy, prestativo e solícito.

Me despeço de Salvador, me virando para seguir até a porta do meu apartamento.

O casal de antes está parado em frente à porta do apartamento ao lado do meu. Só que há uma terceira pessoa recepcionando-os. Uma mulher ruiva está com eles e, provavelmente, é a dita cuja vizinha. Olho a pequena caixa em minhas mãos por alguns instantes, vendo o símbolo da livraria, enfim, chegou.

— Meu Deus, Cristine? — Olho rápido para frente ao ouvir meu nome sendo gritado em um tom de surpresa e vendo a ruiva me olhar, embasbacada.

Meu Deus, não pode ser!

— Deus do céu! É você, garota? — pergunta, empurrando o homem que a bloqueia e vindo como um foguete em minha direção.

— Alice? — pergunto, incrédula. — Gente, é mesmo você? — falo, estupefata.

Alice é uma velha amiga de escola de quem perdi o contato depois do... não importa.

— Que coincidência. Não acredito que você é minha nova vizinha. — Vou em sua direção e a abraço apertado, sentindo a familiaridade do contato.

Essa garota foi minha melhor amiga quando estudávamos, mesmo tendo entre nós uma pequena diferença de idade. Éramos inseparáveis, uma dupla dinâmica, como éramos conhecidas na escola. A garota era um ícone, a melhor amiga que eu poderia ter. Extrovertida, a imagem da alegria e da loucura em pessoa, o que contrastava comigo, que me mantinha mais fechada, não muito sociável, mas, de alguma forma, nos completávamos.

— Eu não acredito! Te procurei por anos, sua maluca. Onde se meteu? — pergunta, eufórica, ainda me mantendo em seu abraço.

— Viajei por um tempo, mas continuei morando aqui quando voltei.

— Explicado, devem ter se confundido quando me disseram que você não morava mais aqui. Mas me conta, como vão as coisas? Ai, eu não

acredito que vamos ser vizinhas. Que saudade eu senti de você — fala e se distancia um pouco, olhando cada detalhe de mim.

— Com certeza foi algum engano. — É claro que não foi. Eu só não queria que ela soubesse pelo que passei e o que tive que fazer. Tive e tenho vergonha e por isso decidi mentir sempre que ela aparecia aqui. — Você conseguiu ficar ainda mais bonita com o tempo, sardenta. — Rimos juntas, mudando o foco da conversa, fazendo-a lembrar do velho apelido de escola por conta das inúmeras sardas em seu rosto.

Alice sempre foi uma jovem bonita, mas a mulher à minha frente é linda! Continua com a mesma feição radiante, mas ganhou curvas de mulher em um corpo digno da boa bailarina que deve ter se tornado, pois era isso o que queria fazer da vida, era seu sonho. Lembro-me bem da sua paixão pela dança, pela música, por cada pequena nota e, principalmente, me lembro da sua dedicação.

— Ah, pelo amor de Deus! Não ouço esse apelido há anos, *arg!*

Sorrio da careta que faz. Ela odiava o apelido. Alice é um pouco mais baixa que eu e tem um rosto de expressão fácil, dentes sempre à mostra. Os bonitos e grandes olhos verdes amendoados sempre foram a sua marca e contrastam tão bem quanto antes com os cabelos ruivos, que emolduram o rosto oval, de nariz fino — que eu não me lembrava de ser um pouquinho torto para a esquerda — e uma boca carnuda em formato de coração.

— Ali! — A voz grossa nos chama às suas costas. — Não vai apresentar sua amiga? — O homem, que agora sei que é irmão de Alice pelo que disse antes, nos tira de nossa bolha com a pergunta.

— Ah, que cabeça a minha. Desculpa, Cris, esse é Arthur, meu irmão, e essa é Marina, sua namorada.

— Já os conheci, subimos juntos. É um prazer. — Sorrio com entusiasmo, feliz em reencontrá-la, apesar de ter fugido anos atrás.

— Cristine é uma velha amiga, Arthur, éramos inseparáveis na época da escola — diz, com orgulho.

Um gosto bom sobe à minha boca. O gosto de ter alguém fazendo parte da minha vida outra vez. Alguém de quem eu senti falta e precisei afastar de mim.

— Percebi e o prazer é meu, Cristine. Você acaba de conhecer o irmão mais bonito da família. — Eu rio do comentário, retribuindo a atenção.

— Mas você é qual dos irmãos? O médico ou o advogado? Me lembro de Ali falar muito dos dois.

— Esse é o juiz, na verdade. O médico chega daqui a... Ah, aí vem ele.
— Ela se vira e olha para o corredor às minhas costas, com um sorriso radiante no rosto.

— O que é isso? A reunião de condomínio começou sem mim? — Essa voz...

Viro-me, dando de cara com Augusto, o médico ogro, usando uma calça jeans preta e uma regata branca. Ele vem em nossa direção com Pedro ao seu lado.

Fico estática, vendo a surpresa também em seu rosto.

— Você demorou. Como vai, Pedro?

— Vou bem, obrigado.

— Vocês não têm noção de quem eu reencontrei aqui — Alice diz, numa animação invejável, enquanto Augusto não tira os olhos de mim. Olhos avaliativos e minuciosos.

— Como está, Cristine? — ele me cumprimenta, deixando a irmã sem jeito.

— Bem e vocês?

— Vocês se conhecem? — Alice pergunta, não deixando que eles respondam sem entender de fato a coincidência presente aqui.

— Ela tentou se suicidar ontem ao se jogar na frente do meu carro — ele diz parecendo bem-humorado e eu me vejo sorrir do comentário.

— Em minha defesa, digo que eu estava atrasada e o sinal estava fechado. Foi só um erro de cálculo.

— Ai, meu Deus. Essa mancha aqui na sua cabeça... Você está bem, Cris? — Alice pergunta prestativa, aproximando-se de mim ao observar minha testa.

— Estou sim, não foi quase nada. Seu irmão me prestou socorro e foi muito gentil. — A última parte não é bem verdade, mas, de fato, ele foi

prestativo, mesmo que seu intuito, como ele mesmo disse, fosse se livrar de um possível problema.

— Tem certeza de que não o confundiu com o Pedro? Porque, acredite, se tem uma coisa que Augusto não é, é gentil — Arthur fala rindo, chamando a atenção para si e a semelhança que havia notado ainda no elevador me vem à mente.

— Ah, claro! Os gêmeos. É por isso que achei que tinha te visto em algum lugar, mas na verdade vi seu irmão — falo, como se tivesse descoberto quem roubou o colar de pérolas da mãe de *Bruce Wayne* e me dou conta de que, se não fosse o cabelo e a barba, eles seriam idênticos!

— Será que dá pra entrarmos, por favor?

Tinha me esquecido da mulher, confesso, e ela não parece muito feliz.

— Claro, os vizinhos já devem estar reclamando — Alice argumenta, voltando-se para mim ao segurar minha mão. — Entre com a gente, Cris, tem tanta coisa que eu quero saber e contar. Melhor, almoce conosco, precisamos conversar, garota, e você vai me contar direitinho por onde andou e o que esteve fazendo nesses anos.

— Eu não posso ir agora, tenho que sair e depois buscar Cathe na escola, mas prometo ir assim que voltar — falo, tentando fugir de toda a sua persuasão, indo em direção à minha porta, querendo me livrar do olhar de Augusto sobre mim.

— Nós vamos esperar, loira, e não demore ou venho te arrastar.

— Acredite, ela não está brincando — Augusto completa.

— Pode deixar. Até mais, pessoal, e foi um prazer conhecer vocês dois — falo com o "casal" e me despeço, enfim entrando em casa.

Vou direto ao meu quarto e meus pensamentos viajam até Augusto e as coisa que Bruno me falou ontem, sobre o modo como ele me olhava. Para dizer bem a verdade, isso não saiu da minha cabeça desde ontem, depois que nos despedimos e ele frisou bem que homens como ele machucavam mulheres como eu. Não sei o porquê de sua cisma e talvez tenha entendido o que Bruno disse apenas agora ao vê-lo. O olhar, sim, eu conheço aquele olhar. Apesar de hoje ele me parecer um pouco mais descontraído, a sombra séria ainda estava presente em seu semblante, em sua expressão.

Me forço a esquecer, indo logo me arrumar, pois tenho que sair. Coloco uma calça jeans de lavagem clara, a fim de esconder alguns arranhões em minhas pernas e uma blusa rosa de mangas. O desconforto de uma leve dor no corpo ainda me incomoda, mas preciso ir ao banco ver a questão da cobrança que acabo de receber e, infelizmente, isso não pode esperar.

Desço para a garagem do prédio, após avisar a Silvy que irei sair e ouvir seus pedidos para que eu repousasse, e vou em direção ao meu carro. Vejo os três homens saindo do elevador quando já estou dentro do veículo e os observo pegar algumas caixas na traseira de uma caminhonete vermelha, a mesma que desconfio ter me atropelado ontem. Augusto sorri abertamente para o irmão, enquanto Pedro diz alguma coisa, não me parecendo muito satisfeito. Chego à conclusão de que Augusto deveria rir mais vezes, isso o deixa com uma aparência leve, descontraída, bonita. Ele me olha por um breve momento e eu finjo não ver, ligando o carro e saindo em seguida. O melhor é manter distância por via das dúvidas, por segurança.



***Viver... A arte de saber viver...
Entregar-se sem reservas, sem saber
o que te espera, sem se importar de
fato para onde a vida irá te levar...***

Surpreso. É como fiquei após vê-la. Jamais poderia supor tamanha coincidência de encontrar logo aqui, morando próximo a Alice, a mulher que atrolei há dois dias, a mesma que, de alguma forma involuntária, me fez lembrar de alguns momentos e objetivos os quais muito idealizei. Já não bastasse a curiosidade sobre ela, que rondou minha cabeça desde a primeira vez que a vi naquela praia, agora descubro que mora a um braço de Alice.

Uma bobagem!

Quando Alice era mais jovem e ainda estudava, eu pouco ia em casa por conta da vida corrida com estudo e trabalho, mas a ouvia dizer que tinha uma amiga que considerava como irmã, o que era novidade tratando-se de Alice. Mas não cheguei a conhecer a garota.

Teria sido interessante, apesar de que me passaria despercebida, pois era jovem demais na época, mas o fato de saber que ela mora aqui me traz bastante contentamento.

— Limpa a baba, Guto. — Ouço o tom jocoso de Arthur, sendo pego observando o carro vermelho em que ela acabou de sair da garagem.

— Não começa... — aviso-o, antes que dê início a especulações.

— Se não quer que notem, é melhor disfarçar melhor, pois até ela deve ter notado. — Não respondo, me nego a cair em sua cilada descarada. — Mas até entendo, Augusto, ela é bonita, mesmo tendo aquele hematoma na testa.

Vejo Pedro rir, ao tempo em que vamos subindo de elevador com as últimas caixas com as coisas de Alice que ficaram no meu apartamento.

— Vocês estão vendo coisa aonde não tem. Cristine é uma mulher bonita, mas não me despertou interesse. Sem falar que ela é comprometida e tem uma filha — falo, tentando dar o assunto por encerrado.

— Nesse caso, é melhor deixar como está — Arthur fala por fim.

Sou salvo de ouvir mais algumas das suas peripécias, quando entramos no apartamento de Alice dando um fim ao assunto Cristine.

Ontem, mesmo após o sexo com Patrícia e todo o cansaço de um plantão, não consegui dormir ao chegar em casa. Nem cheguei a me deitar para dizer a verdade, a inquietação não me permitiu fazer isso e até senti falta da voz estridente de Alice, já que não estava lá e sim aqui no apartamento. Uma precipitação, na minha opinião, já que poderia ficar mais tempo comigo, o que me deixaria menos preocupado com ela.

E sozinho, sempre que eu fechava os olhos, sentado no sofá da sala, eram os olhos da mulher que saiu há pouco daqui que eu via, quando não era assombrado pelo olhar da mãe do rapaz que morreu em minhas mãos.

Tentei limpar meus pensamentos, tirar da cabeça o exato momento em que as duas safiras se abriram para mim, no momento em que ela ainda estava deitada no meio da via, recuperando aos poucos a consciência. Foi em vão, aquele exato momento não deixou meus pensamentos durante todo o dia de ontem, nem mesmo à noite e eu tentei desligar as memórias que me trouxe.

Era como estar preso em uma espécie de déjà vu, vendo a mesma cena se repetir por vezes seguidas, vivenciando a mesma sensação que senti ao tocar sua mão. Tive pensamentos intensos e me permiti imaginar como seria mergulhar naquela imensidão azul. Talvez tivesse sido as insinuações de Pedro que me fizeram notá-la ainda mais, mas era inegável que ela havia despertado o meu desejo.

Loucura, sabia disso e, mesmo assim, era incontrollável pensar, lembrar e comparar. Tentei tirar isso da cabeça, dizendo para mim mesmo que nunca mais a veria. Qual seria a chance de isso acontecer? Mínima, quase zero, e aqui estamos nós, esperando-a para nos acompanhar em um almoço. Começo a pensar que talvez, só talvez, não seja tão louco quanto eu imaginava.

Nas próximas horas, arrastamos móveis por todo o apartamento, os poucos que já não tinham sido montados, testando como Alice bem queria. Abrimos e esvaziamos caixas, montando algumas coisas que ainda não estavam prontas. Ao menos tudo está minimamente organizado e separado por cômodos, facilitando muito o trabalho. Alice é sinônimo de organização e hoje isso ajudou muito.

Depois de muito arrastar, vou até a cozinha, onde ela está com sua atenção presa ao fogão e lhe dou um tapa leve na bunda, fazendo com que pule no lugar. Sorrio, satisfeito, me sentando no banco perto da ilha, notando seu olhar ameaçador em minha direção, o que me faz rir.

— Ficou doido? Quando vai parar com essa mania irritante, Guto? — A pergunta se deve ao fato de atormentá-la há muito tempo. Alice odeia que batam em sua bunda.

— Nunca, acredite — provoco, rindo e recebendo um leve sopapo no braço do pano que ela segura nas mãos. — Por que não pedimos comida? Não seria mais fácil? — Mordo uma maçã, esperando sua resposta.

— Eu queria cozinhar. — Dá de ombros. — E a cozinha já estava com tudo no lugar, arrumei ontem, então não vi problemas, queria inaugurar — fala, risonha, e percebo o quanto isso aqui é importante para ela.

— Passou a noite arrumando tudo, não foi? — Sei de suas manias, é a cara dela fazer isso.

— Acertou — diz com um sorriso culpado e deixa a panela no fogo, virando-se para mim. — Como aconteceu mesmo o tal acidente de ontem? Fiquei preocupada ao ver o curativo. Viu as pernas dela? — pergunta como quem não quer nada.

— Não tem com o que se preocupar, foi só um susto. Ela entrou de uma vez na faixa de pedestre, mas consegui frear, pegando-a de leve. O almoço vai demorar, Ali? Estou com fome — falo, tentando mudar de assunto.

— Já está quase pronto, só temos que esperar Cristine, Guto. — Olho o relógio em meu pulso, constatando que não deve demorar, já que passa do meio-dia.

— Já deve estar quase chegando, isso se ela vier mesmo. Se foi buscar a filha, já deve estar vindo — falo, desinteressado, ou quase.

— Buscar quem? — Alice me pergunta, não deixando passar nada.

— A filha — respondo e Alice para de cortar alguns pimentões, me olhando perplexa. — Ela tem uma filha, não sabia?

— Não, claro que eu não sabia. Ela é casada? Não vi aliança... Meu Deus! Cristine tem uma filha? — fala, pasma, apontando a faca para mim.

— Não sei se é casada de fato, mas tem namorado e vira essa faca pra lá. — Ela abaixa o metal e me olha, séria.

— Como sabe de tudo isso, Augusto?

— Eu o conheci ontem no hospital, quando foi vê-la. Se é namorado mesmo não sei, não perguntei, mas parece que eles têm algum relacionamento.

Ela ouve com atenção, apenas acenando, pensativa.

— A mãe deve ter surtado quando ela engravidou... Eu os conheci, eram bem rígidos. Se bem que ela era mais jovem que eu, talvez tivessem medo de que eu a levasse para o caminho da perdição — diz, parecendo perdida em lembranças, e me sinto uma comadre fazendo fofoca da vida alheia. — Ele, o tal namorado, é o pai da criança? — pergunta, curiosa.

— Não. Fiquei sabendo que o tal Bruno não é pai da menina — falo e Alice parece estar parada no tempo, abrindo levemente a boca.

— Bruno? Você disse Bruno?

— Disse, qual o problema? — falo, começando a perder a paciência com todo esse tricô, mas ela parece não se importar.

— Não acho que eles tenham alguma coisa, você deve ter se enganado. Bruno é amigo de infância de Cristine, eu o conheço. Eles sempre foram muito grudados, tipo irmãos, e se a menina não é dele...

— Talvez não tenham nada... — completo a frase, sentindo um tipo de contentamento crescer. Olha a merda vindo aí!

— Essa história está estranha! Então quem é o pai da menina? — A essa altura, isso pouco me importa, pois o que martela em minha cabeça é que a mulher pode não ter compromisso algum, mesmo achando estranho a intimidade com a qual o policial a tratava, a forma carinhosa com que ele a tocava. Não era só amizade.

— Isso terá que perguntar para ela e, quando souber, me avisa.

Ela sai das suas divagações e me olha com seriedade ao me ouvir.

— Nem pense nisso. Cristine não é uma dessas piranhas que você costuma levar pra cama, Augusto. Fica longe dela, está me ouvindo? — E aí está... Sou salvo de responder, quando a campainha toca. — Abre pra mim, estou com as mãos sujas.

— Marina está na sala, ela abre.

— E você acha mesmo que ela vai levantar a bunda real dela pra abrir a porta? Não sei pra que veio...— cochicha e nisso Alice tem razão.

Me levanto e vou até a sala. Como sempre, não me surpreendo ao ver Marina sentada no sofá, com as pernas sobre um puff e a atenção presa em seu celular.

— Não ouviu a campainha, querida cunhada? — debocho e ela finge não escutar.

Abro a porta e me surpreendo. Não por ver Cristine, mas sim por vislumbrar o sorriso grande com que sua cópia me presenteia, um sorriso radiante e ao mesmo tempo tímido.

— Oi, tio! — fala educada, segurando a mão da mãe.

— Oi, tudo bem? — Não levo muito jeito com criança, mas opto por usar a educação, deve funcionar.

— Tudo. O senhor estava certo! — diz, olhando da mãe para mim. — A mamãe ficou mesmo boa.

— Sou bom no que faço — respondo e me vejo abrindo um sorriso em resposta ao seu. — Entre, Cristine — enfim falo, dando-lhe passagem, ainda com a atenção na menina.

— Obrigada, tio.

Me agacho à sua frente, percebendo que todos já estão na sala

observando a minha interação com o pequeno ser. Não deve ser difícil...

— Pelo quê?

— Por curar a mamãe, ela disse que foi o senhor. — Ela dá de ombros e olho sua mãe falando algo com Alice. Aceno voltando minha atenção para a menina, apesar de que não fiz muito, ou nada, além de quase matar sua mãe atropelada.

Ela sorri, o que faz duas covinhas afundarem em suas bochechas, deixando a criança ainda mais bonita.

— Não há de quê, princesa — falo, ficando na sua altura e achando incrível a semelhança entre ela e a mãe. Ainda sorrindo, ela eleva a mãozinha e vem em direção ao meu rosto. Quase a impeço, mas controlo o impulso. Ela pega uma mecha do meu cabelo, alisa e sorri. Pirralha curiosa. — Bom, esse você já conhece, não é? — pergunto a ela, me referindo a Pedro e impedindo que ela continue seu intuito.

— Lembro. Oi, tio Pedro! — fala toda simpática, ainda mantendo a timidez na voz.

— Oi, Catherine.

— Aquele ali é o meu irmão Arthur — continuo, notando seu fascínio em olhar de um para o outro.

— O senhor parece com ele — ela fala baixinho, como se fosse um segredo.

— Isso é porque somos gêmeos, princesa. — Ela abre a boca em O, me fazendo rir de sua expressão, enquanto confirma, encantada.

— Eu não tinha visto ainda, assim, grandão.

— Venha, amor, deixa eu te apresentar uma pessoa, uma amiga de quando a mamãe era jovem — Cristine a chama, estendendo a mão para ela, parada ao lado de Alice, que olha a menina com certo fascínio, e eu me levanto.

Alice aperta a pobre criança como se fosse uma boneca de pano em suas mãos e faz perguntas aleatórias, colocando a menina no seu colo, em um abraço sufocante.

A menina causa algo aqui dentro, o sorriso é doce e encantador e não tiro os olhos dela. Talvez isso se deva ao fato da criança me lembrar da minha

quase filha. Sempre imaginei que ela seria assim, parecida com Catherine. Cabelinho loiro, olhos claros, boca inteligente e sorriso angelical. Sinto algo apertar meu estômago e balanço de leve a cabeça, tentando me livrar desses pensamentos e comparações.

Estou sendo ridículo ao fazer isso, mas entendo que se trata do mês, é uma época do ano que considero delicada e, por mais que eu não queira me apegar a essa data, é inútil.

A verdade é que não esqueci, como tento me fazer acreditar, talvez a dor de perder o que nunca cheguei a ter não tenha passado de fato e esteja aqui, adormecida em algum lugar. Estou tão perdido na interação a poucos metros de mim que me pergunto quando foi que Arthur e Pedro se aproximaram de onde estou, ainda perto da porta.

— De tio para pai é um pulo, irmão — Arthur brinca com a situação, ao tempo em que Pedro me olha como se soubesse dos meus pensamentos. Não nego, o filho da mãe me conhece como ninguém.

— Não fode, Arthur! — falo, perdendo a paciência de vez com suas brincadeiras.

— Falo sério, a pestinha é encantadora. Olha lá! — O imbecil ri, já não bastava Pedro.

— Quanta fofoca vocês três! Venham, vamos almoçar, não falta mais ninguém — Alice fala e logo vamos em direção à mesa de jantar, arrumada com zelo por ela. Como ela consegue?

Estranhamente, pareço ter um imã para a menina, já que ela, ao invés de seguir a mãe, vem até mim e sorri, enfiando a mãozinha pequena na minha. Não sei muito sobre crianças, mas acredito que isso se deve ao fato de ter sido eu a passar confiança a ela sobre o fato de que sua mãe ficaria bem. Ganhei a pestinha sem nem precisar tentar. Sento-me à mesa e a ajudo a fazer o mesmo, enquanto a mãe senta-se ao seu lado e a arruma na cadeira. E nem se eu quisesse, conseguiria tirar os olhos da figura de Cristine, ainda mais depois do que Alice falou.

— Mas me diz, Cristine, como vão seus pais? Ainda moram aqui? — Alice pergunta e observo a mulher ficar desconfortável.

— Estão bem, mas não moram mais aqui — responde um tanto sem

jeito, dando um sorriso amarelo que não chega aos olhos, enquanto continua a servir a filha.

— Que pena, adoraria rever sua mãe e, claro, matar a saudade daqueles bolos deliciosos que ela fazia. — Cristine não responde.

O restante do almoço se passa com uma conversa animada sobre o que Alice e Cristine fizeram depois do ensino médio. Claro que quem mais fala é Alice, omitindo alguns acontecimentos, Cristine fala muito pouco de si, me deixando um tanto curioso sobre quem realmente é a mulher por trás da máscara que apresenta.

Por outro lado, bem diferente da mãe, a pestinha fala pelos cotovelos como uma maritaca. Cristine até tenta, mas é impossível calar a menina, que monopoliza a conversa de um jeito bem divertido.

Após a refeição e um sorvete de sobremesa, Cathe parece desistir de mim e vai para o colo da mãe, que a recebe de bom grado, parecendo saber exatamente o que a filha irá fazer. Observo-a se aconchegar no colo de Cristine, colocando o rostinho redondo na curva de seu pescoço. Mais algum tempo, em que nos distraímos com algum caso engraçado das audiências de Arthur e noto a menina apagada, ressonando baixinho.

— Venha, Cristine. Pode colocá-la em minha cama e não me diga não. Não vou deixar você sair daqui tão cedo, ainda temos muito o que conversar — Alice a chama, já se levantando sem dar espaço para uma negativa.

Cristine se levanta, um pouco constrangida, e segue Alice, deixando nós quatro ainda na mesa.

— Só me esclareça uma coisa, Guto. Toda essa gentileza é por causa da mãe ou a menina? — Pedro indaga.

— Sabe o que eu acho? Que vocês dois precisam cuidar de suas vidas.

— Pois acho... — começa, mas não termina, pois as duas voltam para mesa enquanto Alice tagarela sobre a temporada que passou estudando ballet em Londres.

Logo somos expulsos da cozinha por uma Alice que diz ter muito a se fazer ainda e Marina vai embora, com a desculpa de ter horário com o cabelereiro. Volto para a cozinha, minutos depois, sabendo que estou apenas usando a desculpa de tomar água para ficar longe dos dois babacas e por estar

curioso demais para tirar uma história a limpo. Vejo as duas discutindo, aparentemente, Cristine quer lavar a louça e Alice parece decidida a não deixar.

— Não, de jeito nenhum, não vou deixar que lave nada.

— Eu estou bem, Alice, juro. Não vou deixar você com todo esse trabalho sozinha, quero ajudar. Estou ótima!

Ouçó-a dizer e me aproximo das duas.

— Pode deixar que eu ajudo, Ali. Arthur precisa de você na sala. Ele quer saber exatamente onde pôr o restante das coisas que tirou da última caixa — falo com Alice, mas meu foco é unicamente Cristine.

Alice me dá um olhar de advertência, mas enfim cede, entregando-me o pano que segura nas mãos.

— Tudo bem, qualquer coisa, é só chamar. Volto em um minuto.

Após me olhar feio, com uma ameaça explícita, ela nos deixa a sós.

— O que quer que eu faça? — pergunto, solícito, ganhando sua atenção.

— Pode enxugar, se quiser. — Ela não me olha diretamente ao responder e mais que depressa me ponho a fazer o que me pede, enquanto Cristine me passa alguns copos molhados, permanecendo em silêncio.

— Me fala de você, Cristine — peço e ela sorri, enfim me olhando por alguns instantes.

— O que quer saber?

— O que gosta de fazer quando não está por aí se jogando na frente de veículos em alta velocidade? — falo, tentando um pouco de descontração e funciona, pois ela sorri, relaxando brevemente.

— Hum, acho que quando não estou entregando currículos, que era isso o que eu estava fazendo — fala, levantando uma sobrancelha e repuxando a boca, controlando o sorriso —, eu estou com Cathe, brincando ou a ajudando em suas tarefas. Mas gosto de ir ao cinema e à praia. Amo ir à praia, me acalma — fala e me lembro da última vez que fui à praia, deixando esse pensamento de lado em seguida.

— Sei, mãe em tempo integral?

— Sempre fui, mas agora começarei a trabalhar e não terei tanto tempo pra ela — fala, lavando um prato.

Nunca fui de fazer rodeios, sou objetivo, por isso vou direto ao ponto.

— Me desculpe perguntar, mas Bruno, o policial que a acompanhou, é pai de Catherine? — pergunto, tentando não me mostrar ansioso pela informação.

— Não, o pai de Cathe morreu antes mesmo de ela nascer.

Ouçó e noto certa tristeza em sua voz, me arrependendo da pergunta tão invasiva, feita na lata.

— Sinto muito e me desculpe por perguntar.

— Obrigada, mas não precisa se desculpar. Foi uma fatalidade, só isso, mas Bruno tem sido a referência masculina na vida dela — fala, dando-me um sorriso singelo e perfeito ao mesmo tempo.

— Vocês estão juntos há muito tempo? — pergunto e ela me encara de olhos arregalados, confusa.

— O que disse?

— Você e o capitão... — pergunto sem rodeios, mas nem chego a terminar a frase.

— Eu e Bruno? — ela fala e, por algum motivo, sorri. — E por que acha que somos namorados?

— Ele se apresentou na recepção do hospital como seu marido — falo, parecendo um tanto idiota e ela abre mais o sorriso, me mostrando as mesmas covinhas presentes na filha.

— Não somos casados, nem ao menos somos namorados. Ele disse isso pra que o deixassem entrar antes do horário de visita, só isso.

— Então são apenas...

— Amigos — completa. — Somos amigos de infância, apesar da diferença de idade — fala e parece orgulhosa da amizade entre os dois.

Aproveito a deixa e me aproximo um pouco mais, levando minha mão até uma mecha de cabelo em seu rosto e colocando-a atrás da orelha. Cristine me olha e tem agora os lábios entreabertos, a respiração mais pesada, fazendo o meu desejo por provar seus lábios aumentar.

— Não tem ninguém, Cristine? — Ela nega. — Interessante e caso eu faça algo de que tenho vontade desde que abriu os olhos ainda naquele asfalto, não terá problemas?

Vejo-a passar a língua em seus lábios e me pergunto se ela tem noção do quanto me atinge fazendo isso e, apesar de saber que deveria esperar sua resposta, avanço o sinal.

Puxo a mulher pela nuca e sinto seus lábios tocarem os meus. No primeiro momento, ela não participa do beijo e não cede quando peço passagem pelos seus lábios e os acaricio com minha língua. Chego a pensar que ela não vai corresponder e é quando enfim entreabre os lábios, me dando livre acesso à umidade de sua boca.

Beijo Cristine e exploro sua língua em busca de sentir seu sabor, que no momento me parece delicioso. Sugo a língua macia, levo a outra mão ao seu rosto e o acaricio, aproveitando o contato e diminuindo a intensidade do beijo.

Termino com um beijo casto em seus lábios, encostando minha testa na sua, olhando cada característica do rosto bonito colado ao meu. Olho seus traços perfeitos, aspiro seu cheiro como se quisesse gravar na memória a melhor essência que já senti. Cristine abre os olhos lentamente e me olha, focando as duas turquesas em meu rosto, como se pudesse enxergar além, me lembrando da primeira vez que me encarou.

Roço meus lábios nos seus, que não retribuem. Cristine se afasta de mim e faz o que eu menos espero em um momento como esse: ela acerta um tapa de mão cheia em meu rosto, estalado, forte, fazendo minha face esquerda queimar. Eu a olho paralisado, completamente sem ação.

— Ficou louca?



***“Como se livrar de sentimentos
que nem ao menos podemos rotular?
Não se livre, deixe que flua e te levem
a um estado de êxtase
surpreendente...”***

Homens como ele magoam mulheres como você...

As palavras ditas por Bruno parecem brotar em minha cabeça e chacoalhar algo dentro de mim, me trazendo de volta ao momento e me fazendo agir por impulso.

Foi um impulso ruim, admito. Mas o homem me beijou do nada e eu não esperava. Em um minuto, estávamos falando de gostos e, no segundo seguinte, a boca delineando um sorriso perverso abocanhava a minha. A parte estranha é que eu gostei, o beijo teve um gosto bom, gosto de algo novo. Cheguei a sentir borboletas no estômago e um nervosismo adolescente. Não, para. Sabemos que borboletas no estômago não existem e que o homem à minha frente não é alguém confiável, isso é fácil de saber pelo que acaba de acontecer.

— Ficou louca? — volta a perguntar, me olhando como se visse o próprio diabo na sua frente, depois de ter acertado um tapa na sua face.

Levo a mão à boca, medindo o que fiz. É o irmão de Alice aqui, aquele que não foi muito gentil dois dias atrás, apesar de não deixar a desejar, e a voz de Bruno em minha cabeça me faz ver que ele estava certo.

— Já te passou pela cabeça perguntar antes de sair beijando alguém? — pergunto entredentes, baixando o meu tom. — Ou é tão cheio de si que acha que todas necessitam de um beijo seu? Sei bem o que quer e lhe adianto, não vai rolar — falo, terminando uma nota mais alta do que eu realmente gostaria e dou um passo para trás, mantendo certa distância do corpo forte à minha frente.

Augusto desfaz sua cara de espanto inicial e me olha com um sorriso de pura ironia estampado em seu rosto. Um que me afeta.

— Me esclareça: o que exatamente eu quero? — Confesso que o tom de sarcasmo e prepotência que ele usa me tira um pouco do prumo e me vejo gaguejando antes de conseguir articular algo.

— Não faça esse jogo comigo, Augusto, não vai rolar. Deveria rever suas práticas de conquista, essa não funcionou, mas você beija bem. Agora, se me der licença, terá que terminar a louça sozinho, boa tarde!

Vejo-o abrir e fechar a boca sem pronunciar nada e não lhe dou tempo para que fale. Me volto e vou em direção à sala, preciso sair daqui o mais rápido possível. Que pessoa de sorte, reencontrei uma grande amiga depois de anos e com ela vem o irmão babaca de brinde.

Quando passo pela sala, me deparo com um daqueles momentos constrangedores, que as pessoas tentam disfarçar que escutaram uma conversa que não deveriam. Minha vontade é de enterrar minha cara em algum lugar e nunca mais tirá-la de lá. Droga, eu sabia que não deveria ter vindo.

— Alice, eu preciso ir agora. Lembrei que tenho um compromisso importante — minto descaradamente, indo em direção à porta. — Foi um prazer rever você, Pedro, e um prazer te conhecer, Arthur — falo para Arthur, que me cumprimenta com um aceno.

— Claro, Cristine, nos vemos mais tarde. O que acha? — Alice fala enquanto toco a maçaneta da porta, a fim de sair daqui a passos largos.

— Claro, quando quiser. — Abro a porta dando um sorriso amarelo em

despedida e estanco no lugar, quando ouço a voz rouca de Augusto atrás de mim.

— Vai deixar a menina? — Sinto o sangue gelar e uma raiva cega me tomar.

Sou uma péssima mãe! Aceno e volto sem olhar para ninguém, adentrando o quarto de Alice para pegar minha menina, que se encontra no mesmo lugar em que a coloquei.

Ela balbucia algumas coisas sem sentido quando a pego em meus braços, mas não chega a acordar e, quando saio do quarto, só encontro Alice na sala. Ela me olha com uma feição de culpa que me deixa mal, afinal ela não tem nada a ver.

— Até mais, Cris. Estou muito feliz por sermos vizinhas, senti muito a sua falta.

— Também senti a sua e agora estamos a um braço uma da outra. Qualquer coisa é só gritar.

Ela sorri, mudando o olhar para o chão antes de começar a falar:

— Me desculpa por...

— Pelo amor de Deus, Ali, vamos deixar isso pra lá. Agora tenho mesmo que ir, nos vemos mais tarde.

— Certo, loira, até mais. — Alice me dá um beijo na bochecha e enfim vou para o meu apartamento.

Ela abre a porta para mim e, depois de nos despedirmos, vou para minha casa um tanto constrangida.

Não vejo Silvy ao entrar no meu apartamento, o que me leva a pensar que não deve estar em casa. Melhor, assim não me pergunta como foi o bendito almoço. Vou para o meu quarto colocar Cathe na cama e me deito ao seu lado, olhando-a ressonar baixinho.

Agora, pensando bem, talvez eu tenha exagerado um pouco, só um pouco. Mas foi bom. Afinal, se Bruno estiver certo e a intenção de Augusto ao me falar do emprego era ter algo a mais entre nós dois, posso garantir que depois de hoje suas intenções mudaram e o emprego nunca será meu. Por mais que eu precise de trabalho, prometi que nunca mais iria me vender. Não de novo, essa é uma parte da minha vida que enterrei, por mim, por Cathe,

pelo bem na minha consciência.

— Mamãe! Já tô em casa? — Cathe pergunta, movendo-se para perto de mim, ainda sonolenta.

— Já, amor, e já tem um tempinho.

— Mas eu nem me despedi, não foi?

— Depois você vê a tia Alice. Esqueceu que ela agora mora aqui?

— Hum... o tio Augusto também?

— Não, o tio Augusto não vai morar aqui, só a amiga da mamãe.

Ela faz um biquinho que me dá vontade de rir.

— Mãe, posso brincar na sala?

— Só se arrumar toda sua bagunça depois — falo, tentando soar como uma mãe durona.

— Eu arrumo se a senhora pegar a minha caixa de blinques.

Onde já se viu? Desse tamanho e já querendo barganhar comigo.

— Tá bom, pequena sapeca, vem — falo, já me levantando e ela faz o mesmo. — E não é blinques, você está trocando o “r” de novo.

— Tá bom, mamãe.

Depois de sair do quarto e pegar a caixa enorme de brinquedos de Catherine, me sento com ela para passar o tempo e, vergonhosamente, penso em Augusto e no beijo que trocamos. Foi quente, calmo e delicioso, isso eu não nego, bom de uma forma diferente.

— Mãe? — Cathe me chama, esperando minha vez na brincadeira e não perco mais tempo pensando em Augusto.



Engraçado pensar o quanto a diaba aparentemente inofensiva pôde me surpreender e até mesmo me bater. Eu nunca interpretei os sinais de uma mulher tão erroneamente. O jeito como sorriu, o modo como me olhou, os lábios entreabertos, ofegante... Inferno! Foi um erro da minha parte, compreendo, sabendo que deveria ter ido mais devagar. Acredito que saber de seu atual estado civil me animou além da conta.

No momento, estou na cozinha de Alice. Pedro veio me empurrando casa adentro, após eu ter aberto a boca para lembrá-la da filha. Deveria simplesmente deixar Alice lembrá-la da menina, causaria menos desconforto. Foi idiotice, pois o modo raivoso que me olhou me deu um vislumbre do seu desgosto com o que aconteceu, apesar de retribuir o beijo com certo entusiasmo.

Permaneço calado com os dois idiotas à minha frente, ouvindo Cristine se despedir de Alice. Ouço a porta fechar e passos apressados virem para a cozinha. Estou ferrado!

— Seu filho de uma mãe, arrogante e sem noção — Alice fala, vindo como louca para cima de mim, me batendo no braço com uma tampa de plástico. Maluca.

— Aí... Para, porra — peço, em vão. — Pare, Alice, já tá doendo, caramba.

— É pra doer mesmo, seu merda — rosna, parecendo realmente brava. — Agora me escute e escute bem. — Olho pra ela com atenção, sem muita paciência. — Você vai se desculpar com ela, Augusto, vai pedir perdão se for preciso. Eu te avisei que ela não é uma das suas piranhas, e você — fala apontando um dedo na minha cara —, como não consegue pensar com a cabeça de cima, tinha que avançar o sinal, não é mesmo.

— Pra que esse escarcéu todo por causa de uma mulher que você não vê há anos? Foi só um beijo que ela retribuiu e depois surtou. — Com minhas palavras, levo mais um tapa no ombro. — Mas que droga, Alice, pare de me bater.

— Você não vai me deixar em uma saia justa com Cristine, Augusto. Ela foi minha melhor amiga e quero muito aquela amizade de volta. Você vai se desculpar e ainda vai ajudá-la a arrumar um emprego.

Louca, é como classifico a ruiva endiabrada à minha frente.

— E como vou fazer isso, posso saber? Até onde bem me lembro, sou apenas um cirurgião lá dentro.

— Se vira — fala, cheia de si. — Eu sei que, se quiser, você consegue. Dr. Lauro vive te babando por ser filho do papai, então use isso. Melhor, beba direto da fonte, fale com papai...

— Não vou fazer isso — eu a interrompo, achando a ideia absurda até mesmo pra ela.

— Claro que vai. Você tem três dias, ouviu bem? Três dias. Se não fizer isso até lá, paro de falar com você

Olho para Pedro pedindo ajuda silenciosamente e vejo-o sorrir da situação. Pelo amor de Deus, alguém precisa pôr limites em Alice. Uma curiosidade sobre irmãos: eles nunca crescem.

— Sério que vai fazer isso? E acha que ela aceitaria um emprego se eu ajudasse a conseguir? — pergunto já sabendo a resposta.

— Ela não precisa saber. Só mexa os pauzinhos e não me refiro ao seu pênis.

Alice, quando quer, é terrível. Sempre foi, na verdade. Megera chantagista de uma figa. E para me livrar logo desse assunto, acabo concordando.

— Certo. Vou ver o que posso fazer — falo e saio da cozinha antes que ela comece a chorar, ela seria capaz disso.

Passo o restante da tarde fugindo de todos sem sucesso algum e sou obrigado a ouvir as piadas de Arthur sobre o acontecido. No fim da tarde, vou, enfim, para minha casa me livrando do escrutínio de Alice e lastimando minha falta de controle. Nunca sequer tinha acontecido algo parecido e me

deixei levar justo ali. A situação como um todo me deixou estranho, a começar pela menina, que parecia ter criado certa admiração por mim após curar sua mãe.

Ouçó o celular tocar no bolso do jeans, pego-o e vejo o nome de Patrícia aparecer na tela. Ignoro e entro no banho. Não estou com paciência para ela e nem mesmo disposição depois do dia de hoje.



*O destino pode nos surpreender
algumas vezes na vida...*

Já se passaram três dias desde o fatídico episódio vergonhoso que protagonizei com Augusto na casa de Alice e desde então venho tentando fingir que nada aconteceu sempre que nos vemos. Ela não tocou mais no assunto e muito menos eu. Se não fosse a lembrança fresca daquele momento em minha cabeça, eu diria que nada daquilo tinha acontecido, que eu havia sonhando com o tal beijo.

Hoje consegui fazer uma entrevista de trabalho, aquela de dias atrás, quando fui atropelada. Remarcamos graças a Gabriela, ex-colega de faculdade. Diria que não fui tão mal assim, tirando a parte em que fiquei nervosa e falei mais que o necessário, como sempre faço em momentos assim, não é algo que eu possa controlar. Fora isso, o máximo que fiz nesses últimos três dias foi entregar currículo e dar atenção ao meu pequeno pedaço de gente, que por sua vez parece ainda mais grudada em mim.

Não reclamo, longe de mim. Cathe é minha vida e meus melhores momentos são quando estou com ela. Minha menina me transmite uma paz inexplicável, um sentimento de plenitude. Acredito sinceramente que isso é ser mãe, esse sentimento puro que parece nos transformar em um tipo de super-herói capaz de qualquer coisa.

A maternidade tem seus altos e baixos, claro, não sou perfeita, mas Cathe foi a melhor coisa que me aconteceu nos últimos seis anos. Ela trouxe consigo minha vontade de viver de volta, de ter por quem lutar e saber que eu nunca mais ficaria sozinha. E isso é mágico, único, ela me salvou de alguma forma.

Talvez tenha sido o jeito que o universo achou de me dizer que eu tinha que continuar, não por mim, mas por ela. Desse modo, eu fui contra tudo e contra todos. Não teve opinião médica, nem familiar que me fizesse mudar a única certeza que eu tinha naquele momento. Eu teria minha filha.

Olho para o lado da cama, vendo Cathe dormir serena depois de uma manhã puxada na escola e de brincarmos por tempo demais. Levo a mão à lateral do rostinho vermelho e aliso a pele macia, sentindo-me uma pessoa de sorte por tê-la, por ter tido a coragem necessária para lutar por ela. Quando enfim peguei minha pequena em meus braços e vi seus olhinhos, tive a plena certeza de que tudo o que fiz tinha valido a pena e faria tudo de novo, se precisasse. Sem ao menos pensar.

Suspiro, pesado, sentindo a necessidade de deixar esses pensamentos de lado. Me levanto tentando fazer o mínimo de barulho possível para não acordar e saio do quarto, fechando a porta. Levo a mão ao peito ao ver Bruno entrando na sala, chegando a dar um passo para trás.

— Que susto, Bruno! — Minha voz não passa de um sussurro e ele sorri de canto.

— Desculpa, preciosa, não quis te assustar, é que bati e você não respondeu. — Dá de ombros.

— Eu estava deitada com Cathe, por isso não ouvi. Vem, senta aqui enquanto arrumo essa bagunça — falo me referindo aos brinquedos espalhados pelo carpete da sala e ele se aproxima de mim, beijando minha testa como sempre faz, antes de se sentar no sofá pegando uma das bonecas Barbie jogadas no assento.

— Como passou a noite? Pronta pra outra? — Sorrio.

— Nem brinca com uma coisa dessa, Bru. Sem condições. Passei bem e estou ótima. Ah, e fui naquela entrevista de trabalho, mas não creio que vá rolar... Fiquei nervosa. — Dou de ombros como se não me importasse, mas no fundo me sinto um tanto fracassada por isso.

— Falou demais? — Sorri, ele me conhece como ninguém.

— Talvez... tá, falei. Não consigo controlar. Mas vamos deixar de falar de mim. E aí, como foi o trabalho? — Mudo de assunto e o vejo rir de forma enigmática. — E o que é esse sorriso todo aí hein? Me parece muito feliz pra quem passou 24h trabalhando. Alguma mulher?

— Não do tipo que você está pensando. Foi Sophie, acabei de vê-la no supermercado e ela fingiu que não me viu. — Eu rio com o que diz, conhecendo bem à peça. — O que foi?

— Ainda vai acabar namorando com essa mulher. — Ele bufa, negando com veemência.

— Nem inventa de ver coisa onde não tem, Crisy. Ela está tentando se comportar, tentando fingir que não existo.

— E você, como sempre, tira proveito da situação, estou certa? Não sei por que se odeiam tanto. — Agora ele sorri abertamente.

— Mais ou menos. Não posso fazer nada, faz parte de mim. — Caímos os dois na gargalhada, pobre Sophie.

Bruno e Sophie não se dão muito bem, mas ambos se suportam por conta de Lana e Alex, amigos de infância em comum dos dois. E eles escolheram Bruno e Sophie para serem os padrinhos de casamento, para a infelicidade dos dois e, por isso, andam tendo que se suportar!

— É bom os dois aprenderem a se comportar, pois... — Não termino o que ia falar. Meu celular toca me interrompendo e mostrando um número diferente na tela, um que não tenho agendado.

Atendo e me surpreendo com o que escuto. Fico meio bestificada, parada com uma casa de boneca nas mãos, olhando boba para Bruno enquanto escuto o que dizem. Desligo o celular ainda sentindo um formigamento estranho tomar minhas pernas.

— O que foi, Crisy? Quem era no celular? — Olho meu amigo, e um sorriso brota aos poucos em meus lábios, é involuntário.

— Era do São Salvador. Tenho uma entrevista de trabalho amanhã, às 2h da tarde — falo, ainda olhando o celular em minha mão. Eu não esperava que me ligassem, não mesmo.

Vamos combinar que receber uma ligação do hospital depois de cinco

dias me chamando para uma entrevista é surpreendente. Sinceramente, não cheguei a cogitar que realmente precisavam de um fisioterapeuta. Na verdade, nunca achei que fosse realmente verdade o que Augusto tinha dito sobre a vaga depois do que houve. Olho para Bruno, que aparentemente expurgou todo o seu bom humor de minutos atrás.

— Vai, fala. Sei que está louco pra falar.

— Eu avisei, não foi?

— Sim Avisou e eu disse que precisava do emprego, não disse? Sem falar que depois do que aconteceu, acho meio difícil de ele estar por trás dessa entrevista. — Bruno me olha como se tentasse ler meus pensamentos.

— E o que exatamente aconteceu, Cristine? — E de novo, eu falei demais...

— Bom... Eu acho que não te contei. Se lembra de Alice, a sardenta, como você a costumava chamar? — Ele confirma com um aceno. — Então, é ela a nossa nova vizinha.

— E o que isso tem demais? Claro, além do fato de ter reencontrado sua amiga — pergunta, alisando displicentemente o cabelo da boneca que tem em suas mãos.

— Ela é irmã do Augusto.

— O doutorzinho metido à besta?

— Esse, e bem... ela me convidou pra almoçar, ele estava lá e...

— Não enrola, Cristine, vá direto ao ponto.

— Ele me beijou — falo de uma vez e Bruno parece mortificado.

— E?

— Eu bati nele.

— Você o quê? — Bruno praticamente grita e explode em uma gargalhada estrondosa. Tento, porém não posso deixar de acompanhá-lo.

— Mulher, tu não existe.

— Ele me pegou de surpresa, queria que eu fizesse o quê? Se ao menos tivesse perguntado antes, sei lá. Mas não, tinha que vir todo sedutor com aquele sorriso lindo de lado, com aquele jeito prepotente dele e... quando eu vi, já tinha ido. Até acho que exagerei um pouco, ia pedir desculpas, mas ele

me chamou de louca. Aí tive vontade de bater naquela cara bonita de novo e ...

— Tá, chega, já entendi — Bruno me corta, parecendo pensativo após seu acesso de risos. — Talvez ele ache que agora as coisas ficaram mais interessantes... — Olho para ele e o que disse me parece loucura.

— É assim que a mente de vocês funciona? — pergunto e ele ri.

— Talvez...

— Besta — falo e deliberamos por mais alguns minutos sobre o assunto, terminando a discussão com ele dizendo para que eu tome cuidado, caso essa entrevista seja resultado da interferência de Augusto.

Fico meio aérea pelo que falou e, quando Cathe acorda, a deixo alugando Bruno enquanto organizo as roupas que tinha posto na lavadora. Fico um tempinho encostada na pia ouvindo apenas as gargalhadas dos dois vindo da sala e sorrio comigo mesma. Bruno faz todas as vontades dela, é um tio muito presente e eu tenho que controlar para que ele não estrague minha filha.

O restante do dia se arrasta e, com ele, vem uma ansiedade nunca sentida por uma entrevista de emprego. É claro que sei o porquê de todo esse nervosismo e acredito que vocês também. Ele tem nome, sobrenome e emprego, que por sinal é no mesmo do hospital que farei uma entrevista.

Quanto mais penso nisso, mais acho loucura e que estou me preocupando por besteira.

Enquanto esses pensamentos não me deixam, rezo para que a noite passe rápido, que nessa entrevista corra tudo bem e que eu consiga enfim controlar minha língua solta, não pode ser tão difícil assim...



Depois de uma noite insone e ansiosa e uma manhã que se arrastou como tartaruga, estou pronta para o meu compromisso. Optei por uma saia preta social, que vai até os joelhos, uma blusa colada de malha listrada com

mangas até os cotovelos e um scarpin preto. Olho o relógio em meu pulso, me mantendo ainda dentro do carro estacionado em frente ao hospital. Vim um pouco mais cedo, pois nunca se sabe os imprevistos que podem acontecer. Sou prova viva disso.

Travo o carro e entro no hospital, agora podendo olhar os detalhes do lugar. A recepção sucinta de cor branca, grande com um jardim de inverno ao fundo me chama atenção, notando que alguns detalhes foram mudados...

Vou até o balcão que toma grande parte da recepção e peço informação à recepcionista sobre o andar em que farei a entrevista, sentindo meus pés suarem de ansiedade. Vou relembando todos os passos que não devo fazer, enquanto pego o elevador até a sala de espera do andar que me indicaram.

Sento-me em uma das cadeiras, batendo o pé em frenesi no chão, rememorando passo a passo o que tenho que fazer. Primeiro, me acalmar e não suar como uma cuscuzeira. Segundo, não desatar a falar coisas sem sentido e perder a chance do emprego. Terceiro e não menos importante, tentar não tremer como vara verde. Certo, é só tentar controlar a ansiedade.

Após alguns minutos, sou chamada por uma moça morena, impecavelmente vestida em um terninho nude. Eu a sigo e, para minha desgraça, aparentemente esqueci tudo o que disse que não faria e começo a suar desenfreadamente. Começo realmente a encharcar minha blusa.

A mulher parece extremamente profissional e me surpreende ao ser simpática e por ser ela quem irá me entrevistar. Entrevistadores não costumam ser simpáticos. A mulher tem um sorriso afável e uma fala mansa que consegue me deixar relaxada, em partes, durante a entrevista. Consigo controlar parte do medo, seguro a língua em alguns momentos e tento não me derreter em sua frente.

— Sim, estou apta e com total interesse em aprender mais e pôr em prática minha especialidade — falo e recebo mais um de seus sorrisos amáveis.

— Certo, muito bem, senhorita Martins, você pode começar na segunda?

— Mas já? — pergunto sem poder me conter. — Quer dizer, não estou reclamando, mas achei que passaria por algum processo seletivo e só aí vocês me ligariam. — Ela sorri, tranquilizadora, enquanto estou falando mais do

que deveria outra vez.

— Geralmente é o que fazemos, acontece que já estamos procurando há algum tempo e isso gerou um certo desespero. O chefe da fisioterapia, que você irá conhecer em breve, é bem exigente e quer um profissional bem específico. Nesse caso, você se encaixa perfeitamente. Então se já estiver disponível, quando podemos começar?

Extasiada é a palavra que me define no momento.

— Segunda pra mim está perfeito — falo ainda meio abobalhada, olhando-a se levantar e me estender a mão.

— Ótimo, espero que tenha sucesso no novo emprego. O RH fica nesse mesmo andar, é só passar por lá e deixar sua documentação. Assim na segunda você volta e assina os papéis do contrato provisório.

— Claro, obrigada — respondo, dando-lhe o meu melhor sorriso, e saio da sala me contendo para não fazer a dancinha da vitória.

Fora da sala, respiro fundo, mal acreditando que consegui mesmo o emprego e vou ao RH. Só que, apesar de estar realmente feliz com o que acaba de acontecer, uma dúvida me persegue. Foi, no mínimo, estranho o que aconteceu, eu tinha a esperança de ter o emprego, mas não imaginei que seria de imediato e, por fim, não me parece que consegui o emprego por mim mesma, tem que ter o dedo de alguém, não é possível.

Perco alguns minutos até ser liberada e vou para o elevador, descendo direto para o térreo. Quando já estou no estacionamento próximo ao meu carro, ouço alguém me chamar e me viro automaticamente vendo Augusto caminhar com passos apressados em minha direção.

— Merda — falo para mim mesma. — Só me faltava essa...

— Vi você saindo do hospital, o que foi? Passou mal? — Olho para ele tentando decifrar sua expressão, a face demonstrando preocupação.

— Vai me dizer que não sabe o que vim fazer aqui? Conta outra, Augusto — falo com certo desprezo na voz e abro a porta do carro.

— Como assim? — Cínico.

— Vim pra uma entrevista de emprego e adivinha só? Consegui o emprego de cara. Acredita? — Ele me olha estranho e um vinco em meio às suas sobrancelhas se forma aos poucos.

— Espera aí, me deixe ver se entendi. Então você está querendo insinuar que tenho algo a ver com sua contratação? — Perco a paciência por ele achar que sou idiota.

Foram meses procurando por emprego e, de uma hora para outra, consigo um assim, de cara? Não, duvido muito que minha sorte tenha mudado tão de repente e que tenha sido logo em um hospital como esse.

— Você é ridículo. — E sem mais palavras, entro no carro e dou partida, deixando um Augusto aturdido para trás.



***O que é belo para você? Claro
que não me refiro à beleza exterior,
mas à verdadeira beleza, aquela
incomum... a beleza da alma.***

O que eu fiz dessa vez? Vejo a mulher arrancar com seu carro, me deixando observá-la enquanto vai embora. Perco alguns segundos até me dar conta e voltar para o hospital. Maluca...

Os dois últimos dias passei com Alice me ligando de tempo em tempo, querendo saber se eu tinha cumprido com o que lhe prometi, não me deixando esquecer a mulher que acabou de despejar minhas palavras sem sentindo sobre mim e sair apressada daqui. Não seria sacrifício algum fazer o que Alice me pediu, mas a julgar pelo que acaba de acontecer, fiz bem em não interferir.

O pior é que, apesar do meu orgulho ferido, quero lhe pedir desculpas. Agi mal, reconheço que fui com muita sede ao pote e me afoguei. Deveria ter ido com calma, talvez a convidado para um jantar e acabei por deixar todos em uma infeliz saia justa. E para minha frustração, a loira endiabrada vive em meus pensamentos desde o maldito acidente e isso tem se intensificado depois do beijo que lhe dei. A diaba é bonita, linda na verdade, e acordou meu interesse, me fez desejá-la sem nenhum pudor.

Esse interesse maluco tem me incomodado bastante, talvez pela forma

que me repeliu, a forma como me tratou foi diferente do que eu esperava. Fato é que não sei ainda o que ela tem de tão especial, o que faz com que não consiga tirá-la da mente.

Meu plano para hoje era ir ao RH após o almoço e sondar sobre a vaga que eu mesmo havia lhe falado. Era quase certo que não seria difícil interferir nessa questão, o emprego seria dela. Felizmente não irei precisar mexer meus pauzinhos, mas ainda assim irei sondar o que acharam dela e o porquê da contratação relâmpago e de sua desconfiança. Sei que não agi bem, fiz merda, mas não me lembro de tê-la ofendido a ponto de não conseguir nem ao menos me olhar nos olhos.

Entro no hospital e vou direto para a sala de Débora, responsável por fazer entrevistas e contratações no décimo andar. Sou informado de que está sozinha na sala e, após bater, a ouço pedir para que eu entre.

— Boa tarde, Débora, como vai? — falo e, sem esperar um convite, me sento na cadeira em frente à sua mesa, recebendo um olhar divertido.

— Doutor Augusto, vou bem e você? Em que posso ajudá-lo?

— Eu acabei de saber que você contratou uma nova fisioterapeuta — atropelo sua pergunta de evidente educação e vou direto ao ponto.

— Sim, algum problema com isso? — Ela me olha por trás dos óculos estampados com algo pintado e sorri. — Não me diga que vamos ter um caso de assédio sexual logo no primeiro dia da moça, doutor...

— Não começa, Débora. Ela é uma amiga de Alice, minha irmã. Até mesmo tinha falado a ela sobre a vaga e acabei de topa com ela, só achei estranho o fato de tê-la contratado tão rápido.

— Ah, é isso? — Concorro. — O doutor Luiz tem me dado certo trabalho ultimamente demitindo os demais fisioterapeutas que contratamos. Está bem complicado, doutor, ninguém parece ser bom o suficiente para a vaga ou para aprender com ele, como tanto quer. Não estão passando do período de experiência e já estávamos ficando meio desesperados para encontrar alguém, se é que me entende. A moça tem todos os requisitos, além da especialidade em tratar casos de paralisia e é recém-formada, foi o que ele pediu recentemente. Então, foi isso — fala com rapidez, batendo a caneta na mesa.

— Certo. E não acha que o problema pode estar no Luiz... — pergunto e a vejo se encostar na cadeira e sorrir.

— Um dinossauro, disso sabemos, mas...

— Ninguém quer contrariar a fera. Bom. — Levanto-me. — Tenho que voltar ao trabalho, obrigado pelas informações e tenha uma boa tarde, querida — falo e vou em direção à porta, pensativo sobre o que me disse.

— Bom tarde e doutor? — chama-me e olho-a por cima do ombro. — Comporte-se com a moça. — Confirmo sem muita certeza.

— Pode deixar, não está mais aqui quem perguntou. — Levanto as mãos em um sinal de derrota e a vejo negar, desacreditada.

Sorrio e saio da sala ainda inquieto, achando estranho o que disse sobre as últimas demissões. Foram muitas em um período curto, disso nem sei.

Fico nesse estado o restante do dia, pensando no quanto pareço desprezível aos olhos de Cristine. E isso é algo que me incomoda, talvez pela primeira vez na vida, pois a opinião alheia nunca me importou. Não sou de me preocupar com o que pensam a meu respeito, mas aparentemente com ela é diferente. Quero até mesmo me desculpar e me explicar. Diaba feiticeira, isso sim. Essa é a única explicação para tudo o que ela vem me despertando.

Após sair do hospital, já tarde da noite, me encontro estacionando em frente ao prédio de Cristine. Ainda duvido que irei fazer isso e, mesmo assim, após mentir na portaria que irei ver Alice, subo para o quarto andar e paro em frente à sua porta sem muita coragem, admito, para bater. Por um momento, estudo a opção de dar meia volta e ir embora ou ir ver Alice. Mas que espécie de homem seria eu se fizesse isso?

Toco a campainha, espero algum movimento e nada. Toco novamente, nada. Perco a paciência e aperto o botão incessantemente. Quando já estou quase desistindo, ouço a voz dela soar irritada:

— Porque não pega esse dedo e enfia na... — começa alto o suficiente e para de falar assim que abre a porta e me vê, os olhos que tanto me chamaram a atenção cintilando de raiva.

Percebo que foi um erro ter vindo até aqui.

— Mas que droga você faz aqui a essa hora? E ainda por cima tentando acordar minha filha, Augusto? — pergunta soltando fogo pelas ventas, a

mulher sabe ser assustadora apesar das feições delicadas e eu me afasto um passo, já conhecendo o peso de sua mão.

— Preciso falar com você — falo o mais manso que consigo, não querendo assustá-la.

— Não me lembro de ter algo a tratar contigo, se me der licença...

— Não, não tem. Mas eu tenho e, se me deixar entrar, poderemos conversar melhor. Ou fico aqui tocando sua campainha a noite toda, é você quem escolhe. — Eu bem sei que a vontade dela é de me estrangular. Isso está escrito em toda sua face enquanto finge pensar se me deixa ou não entrar. — Serei rápido — insisto, por fim ela me dá espaço e eu entro antes que Cristine desista.

A primeira coisa que sinto é meu nariz coçar com o cheiro forte de desinfetante ou seria amaciante? E o apartamento se encontra em perfeito estado de arrumação, o piso ainda está úmido. Tenho o tato de tirar os sapatos, deixando-os próximo à porta, não arrumaria mais motivos para mulher me pôr daqui para fora.

Observo ao redor, sob o olhar atento e enviesado que me acompanha, e é óbvia a presença de uma criança na casa, com fotos espalhadas pelo lugar, um urso enorme e três bonecas em cima do sofá. Mas o que me chama a atenção e me deixa surpreso é o piano no fundo da sala.

— Toca? — Aponto para o piano e olho para ela, que balança uma mão no ar, em desdém.

— Não mais. Já faz bastante tempo que não ousa tocar.

— Por quê?

— Acredito que não veio aqui pra me perguntar sobre o meu talento musical, não é? Disse que seria rápido e eu estou esperando. — É, ela não vai facilitar.

— Não, não vim.

— Ótimo. Venha comigo e não faça barulho, Cathe está dormindo logo ali. — Não posso negar o pequeno desapontamento que sinto ao saber disso. Gostaria de ver a pirralha falante, apesar do horário.

Sigo Cristine em silêncio até a cozinha. O apartamento é bem parecido com o de Alice, mas parece ser um pouco maior. A cozinha tem um tamanho

razoável e é bem organizada, com utensílios básicos e uma mesa de quatro lugares no meio dela.

Vou até uma das cadeiras e me sento, sem esperar um convite, enquanto vejo a mulher se mover pela cozinha, vestindo um short jeans curto e uma blusa folgada em seu corpo, o cabelo preso expondo o pescoço bonito e me ponho a seguir cada movimento. Vejo-a pegar um prato no armário, na parede à minha frente, e só então noto um bolo gigante de chocolate sobre o mármore da pia.

— Estava vindo comer quando você chegou — ela fala partindo o bolo. — Aceita? — Não tem muito tempo que eu comi, confesso. Mas não vou perder a oportunidade de passar mais tempo com ela, mesmo notando sua vontade para que eu negue o convite. Ah, Cristine, você não me conhece...

— Claro, me parece ótimo — falo com certo ânimo, vendo-a revirar os olhos, o que me faz sorrir.

Ela me olha com reprovação e me serve uma fatia generosa de bolo. Depois, sem perguntar, Cristine põe sobre a mesa uma xícara de leite e eu agradeço o feito, estou cheio e o bolo não desceria sem ajuda.

— O que quer comigo, Augusto? — A mulher vai direto ao ponto, gosto disso.

Engulo o pedaço de bolo com a ajuda do leite e a olho encostada na beirada da pia, com um prato na mão e a boca cheia, suja de chocolate no canto.

— Eu vim me desculpar — falo de uma vez e percebo que Cristine é aquele tipo de pessoa que não consegue esconder o que pensa.

Ela demonstra tudo em sua expressão, em tempo real. No momento, ela me olha como se não acreditasse no que acabei de falar e chega a sorrir com certo deboche.

— Estou me desculpando pelo que aconteceu outro dia na casa de Alice. Também quero esclarecer que não tratei sua filha bem só porque queria algo com você, caso tenha passado isso por sua cabeça. Provavelmente está ciente do quanto sua filha é adorável e nada difícil de se gostar. — Sinto vontade de rir do jeito que ela me olha, a desconfiança chega a cintilar e sinto que ela cede um pouco quando falo da menina. — Não estou mentindo,

Cristine, eu só fiquei bem atrapalhado pelo tapa que me deu. Muito forte, por sinal, a julgar pelo seu tamanho, e não soube bem como agir. Me precipitei com você, peço desculpas — falo e vejo a sombra de um sorriso em seu rosto.

— Me desculpe por aquilo. Não foi minha intenção, é só que você foi muito...

— Rápido, estúpido? Escolha, a lista é infundável — completo, vendo-a me olhar sem jeito.

— Isso, mesmo assim exagerei, desculpe.

— Tudo bem, devo ter merecido, de fato. — Ela confirma com um aceno e coloca um pedaço de bolo na boca, mudando o olhar e minha vontade é de limpar o chocolate que suja o canto de sua boca, mas me contenho. — E hoje, sobre ter algo a ver com sua contratação, não tenho. Confesso que iria mesmo falar com Débora sobre o seu currículo, a pedido de Alice após o que aconteceu, mas não deu tempo. Como bem sabe, você foi contratada bem rápido. — Seus olhos se arregalam brevemente em um olhar incrédulo.

— Quer mesmo me dizer que você não tem nada a ver com minha contratação?

— Sim, foi o que eu acabei de dizer. Não tive tempo! — Cristine abre um sorriso sincero e perfeito a meu ver, me parecendo radiante e linda. — Foi mérito seu, junto ao fato de precisarem de alguém com o seu perfil. — Ela me olha ainda indecisa, mas por fim parece ceder.

— Obrigada por vir esclarecer e me desculpe por ter te tratado daquela forma mais cedo. Acho que me deixei levar pelo que aconteceu dias atrás, convenhamos que foi estranho ter sido contratada imediatamente, achei que... Bom, não importa mais. Obrigada de qualquer forma.

— Não faz mal e parabéns pela contratação. Vai gostar, a equipe é boa e receptiva — falo, tentando amenizar o ar entre nós e um leve sorriso brinca em seus lábios. — Mas também vim porque queria vê-la.

— Por quê?

— Nunca me importei com o que pensariam de minhas ações, nunca mesmo, não me parecia relevante. Mas me incomodei com o que poderia pensar de mim, queria esclarecer as coisas.

Cristine não responde e desvia o olhar, procurando algo para fazer e se ocupa colocando a louça na pia e arrumando os copos ao lado. Me levanto, já está na hora de encerrar a visita. Aproximo-me dela, deixando o prato sujo ao lado do seu, perto o bastante para sentir o cheiro dela, algo suave. Não é perfume... lembra uma colônia, talvez sabonete, e inspiro fundo.

Cristine me olha, olhos curiosos, assustados, eu diria. As turquesas que me encantaram desde o primeiro momento em que as vislumbrei. O rosto bonito, corado, me faz ter novamente a vontade insana de beijá-la, mas prometi me comportar. O problema é que a mulher não parece ter noção do poder que tem e lambe os lábios calmamente e de forma sensual, e eu...

— Cristine? A porta estava entreaberta, eu achei estranho. Está tudo bem?

Ouçõ uma voz soar alta, preocupada, e Cristine se assusta, saindo apressada de perto de mim.

— É Bruno — explica e me seguro para não revirar os olhos como um adolescente birrento.

— E o que diabos ele faz aqui? — pergunto, surpreendendo nós dois.

O que quero com isso? Vim pedir desculpas, já conversamos, hora de ir embora. Pouco me importa o que o merda do policial veio fazer aqui. Empata foda do caralho!

— Estou aqui, querido, e está tudo bem — ela grita, o rosto denunciando sua aflição, e logo o cara aparece na porta, olhando-me de forma interrogativa, altivo.

— Boa noite. Atrapalho? — pergunta com uma ironia mal contida na voz. Filho da puta.

— Na verdade... — começo a falar, mas ela não deixa que eu termine.

— Não, de forma alguma. Augusto veio apenas esclarecer um mal-entendido. Ele já estava de saída — responde e me vejo confirmando.

— Isso, eu já estava mesmo indo embora. Um boa noite aos dois e com licença. Nós vemos segunda, Cristine. Capitão...

— Doutor... — cumprimenta quando passo por ele indo em direção à porta e Cristine vem atrás de mim.

— Boa noite, Augusto — fala já perto da porta e ainda a olho antes de

acenar e sair, tentando esquecer os olhos luminosos mais lindos que já vi na vida.



***O prelúdio do futuro pode ser
apaziguador!***

— Não, não pode ser... — Me sinto fraca, o sangue parece ter parado de circular em meu corpo, é como se estivesse suspensa no ar, sem chão, sem suporte, sem ninguém...

— Senhorita? Senhorita? — Ouço a voz grave me chamar, mas não tenho como responder. Minha língua parece embolada em minha boca, pesada, grossa, me impedindo de dizer uma palavra sequer e tudo me dói.

Sensações... Sinto todas e nenhuma ao mesmo tempo. A perda, a dor e a solidão tomam seu lugar, fazendo-se presentes em meu corpo e em minha alma. O mundo parece desmoronar e, com ele, minha vida toma o mesmo caminho. Estou sozinha... completamente sozinha...

— NÃO! — Acordo aos berros, sentindo meu rosto e meu pescoço molhados pelas lágrimas.

Olho apressada ao redor e respiro fundo me dando conta de que o que tive não passou de uma lembrança em forma de pesadelo. E como sempre acontece, não me contenho e caio em um pranto desesperado e doloroso. Que, apesar de tentar, não consigo controlar. Não me acostumo com a saudade, o desespero e a dor, essa última ainda tão presente em mim. Me entrego àquele sofrimento como há muito tempo não fazia, deixo o desespero sair em forma de grossas lágrimas para talvez aliviar o que aperta meu peito.

A porta do meu quarto é aberta por Silvy, que entra de camisola e com o rosto preocupado. Ela me olha piedosa e não fala nada, nem mesmo precisa. Já me conhece o bastante para saber o que se passa e vem até mim, sentando-se ao meu lado na cama e me puxando para seus braços, me apertando em um abraço cheio de significado e ternura.

Fico em seu calor por um bom tempo, sendo arrebatada por lembranças que me machucam. Uma vida feliz, plena ao lado de quem tanto amei e ainda amo. Não é algo que eu possa superar um dia, esquecer. Nós nos acostumamos com a dor da perda, é claro. Mas o pior é a saudade presente que só tende a aumentar cada vez mais em meu coração, me deixando com um vazio profundo, fazendo com que eu me sinta oca, sozinha.

Aos poucos, começo a controlar o choro e me afasto de Silvy, que me olha com carinho, pena e os olhos marejados

— Se sente melhor, minha criança? — ela fala com um carinho quase maternal que me comove.

— Sim, Sil. Obrigada.

— Venha! Tome um banho enquanto eu preparo o café. E por favor, não coloque esses sonhos em sua cabeça, minha menina. Não deixe que tomem conta de você novamente. Já fazia dias que não os tinha!

— Eu vou tentar, prometo — falo, enxugando as últimas lágrimas que escapam.

— Pois bem, eu te espero na cozinha e pode deixar que eu arrumo Cathe.

— Obrigada de novo. — Ela acena com um leve sorriso e sai do quarto, depois de depositar um beijo em meus cabelos.

Às vezes, me pergunto o que eu faria sem ela, apesar de tudo, ela tentou fazer o melhor, nós tentamos. Silvy foi uma das responsáveis por eu não ter enlouquecido tempos atrás. Foram dias difíceis, cheios de tristeza e dor que demoraram a passar. Se bem que, no fundo, sei que nunca passaram de fato. Eu só aprendi a conviver com o fato e driblar toda a saudade que sinto.

Me levanto, tendo a certeza de que comecei o dia não muito bem. Geralmente quando sou assolada por essas lembranças, não consigo me desligar dos sentimentos ao longo do dia, eles parecem me perseguir. Uma

pena, pois hoje começo a trabalhar no hospital e quero estar a pleno vapor, quero não, vou estar, tenho, na verdade. Vou para o banho e depois me troco rapidamente, já sabendo o que vestir. Estava ansiosa ontem à noite e até mesmo já tinha separado o que iria usar.

Visto a calça jeans *flare* preta, uma blusa social de mangas curtas na cor azul-marinho. Coloco um sapato todo fechado nude de salto médio e estou quase pronta. Na frente do espelho, vejo meu rosto denunciar que chorei. Olhos vermelhos e inchados assim como o nariz e a boca. Amenizo com a maquiagem, tirando o efeito fui-picada-por-abelhas-raivosas, ficando até que bem aceitável.

Passo o batom e o pensamento de que talvez veja Augusto no meu primeiro dia faz meu coração acelerar brevemente. Dou uma última olhada, não dando vasão para qualquer pensamento relacionado a esse homem e ao que senti quando veio aqui, tentando não deixar que meus pensamentos tomem outro rumo.

Se bem que não é algo fácil de esquecer, ainda mais quando me lembro de vê-lo após abrir a porta na noite em que veio aqui com sua feição zangada desfeita, me surpreendendo e, em um primeiro momento, confesso que fiquei em dúvida do que poderia querer, até cheguei a pensar, erroneamente, que poderia vir com alguma proposta. Confesso que o que Bruno me disse contaminou parte de mim, mas não. O homem foi educado, atencioso e veio se desculpar, algo que achei ser bem difícil, a julgar por sua falta de tato e jeito.

E seria mentira se eu dissesse que não senti o clima mudar, esquentar, quando se aproximou de mim daquela forma despretensiosa, mas próximo o bastante para que eu sentisse até mesmo seu cheiro e, talvez, se Bruno não houvesse chegado...

Bobagem, nada teria acontecido. Foi até meio constrangedor esse momento e passei por um pequeno interrogatório no final.

A parte boa é que as coisas foram esclarecidas. Ele pediu até mesmo desculpas pela forma como se comportou na casa de sua irmã. A parte boa disso é que, caso o veja no hospital, o clima não ficará estranho após termos deixado as coisas às claras. Foi bom.

Deixo o quarto e vou direto para cozinha, encontrando Cathe e Silvy tomando café.

— Bom dia, minha pequena. — Abaixo e beijo sua cabecinha ainda molhada do banho.

— Oi, mamãe! Como a senhora tá bonita — ela fala rindo, com seu bigode de leite. Ah, como eu amo esse pedaço de gente.

— Hum... Como é bom receber um elogio logo cedo. Mas ele não vai me fazer esquecer de que tem de escovar os dentes antes de sairmos, mocinha — falo e a vejo murchar.

— Tá bom, mamãe! — Ela sai da mesa arrastando os pés, evidenciando toda a sua preguiça e desagrado em escovar os dentes, fazendo pequenos muxoxos pelo caminho enquanto a observo com um sorriso no rosto.

— O bonitão tá de serviço hoje?

— Não sei, acho que não. Daqui a pouco ele aparece por aqui pra tomar café e clarear suas vistas — falo rindo.

— Acho bom... ô, homem bonito! — Rimos as duas, afinal ela não está errada.



Após uma manhã usada para conhecer a equipe do setor fisioterápico e entender como funcionava tudo por aqui, chegou a hora do almoço e eu estou faminta, mas observo a vitrine do refeitório sem nenhuma comida que me pareça apetitosa e capaz de matar minha fome. Permaneço dividida entre um sanduiche de queijo e uma torta de frango, apesar de que o visual dos dois não me agrada muito.

— Em dúvida, Cristine? — uma voz grossa, rouca pergunta atrás de mim e viro-me, quase batendo de frente com Augusto. Um Augusto com um pequeno sorriso nos lábios, algo novo.

— Ah, oi. E, sim, estou em dúvida — falo e abaixo o meu tom em um cochicho. — Nada me parece apetitoso.

Ele sorri, levando a mão à barba cheia de tom claro e coça os pelos, enquanto acena em concordância. Deveria sorrir mais vezes, fica mais bonito assim.

— A torta de frango pode não parecer boa, mas engana — fala, no mesmo tom baixo que usei e pisca, dando-me um sorriso bonito com os dentes alinhados expostos e, por algum motivo, o gesto, que me pareceu sexy, revira algo em meu estômago.

— Ah, então vamos de torta de frango — falo e me volto para a moça, fazendo o pedido, enquanto o tenho ao meu lado. — Vai comer também?

— Não, acabei de fazer isso. Como está indo no primeiro dia?

— Bem, eu diria que muito bem.

— Isso é bom. — Vejo-o olhar o relógio de pulso e guardar algo no bolso do jaleco. — Tenho que ir, cirurgia. Tenha um bom trabalho, Cristine — fala, a mão grande tocando meu braço e fazendo um frenesi bagunçar meu estômago vazio.

Volta para Terra, Cristine! É só Augusto e ele ainda é um babaca arrogante!

— Pra você também. Ah, e obrigada por compartilhar seu segredo. — Ele sorri, pisca novamente e sai.

Fico olhando por alguns instantes até vê-lo passar pela porta e perceber que estou quase babando pelo homem enquanto a mulher, que está com meu almoço, me olha, interrogativa. Eu devo estar ficando louca ou carente, só isso explicaria o que eu nomearia de tesão...



Sexta-feira e a semana passou como um *flash*. Não voltei a ver o doutor Ogro novamente e não, não fui eu que o apelidei com esse nome, apesar de achar perfeito. É assim que o chamam por aqui, óbvio que ele não sabe disso, mas já ri um bocado da situação quando soube. E não, não é o que estão pensando, eu não investiguei ou quis saber detalhes sobre ele, apesar de que

em alguns momentos eu me peguei pensando no ogro, mas já percebi que boatos em um hospital correm na velocidade da luz.

Nesses dias, conheci mais da rotina do hospital, dos colegas de trabalho, ganhei até certo entrosamento com a equipe e senti que progredi em relação ao trabalho. Sabemos que terei pela frente três meses até realmente ser efetivada e quero fazer valer a pena, dar o melhor de mim. Esse emprego será meu definitivamente, pois até mesmo a má impressão que tinha do lugar ficou para trás.

Saio da recepção do hospital sentindo o vento um tanto frio me brindar e um pequeno chuvisco começa a cair de um céu nublado e escuro para esse horário. Corro até meu carro e entro, passando a mão em meus braços a fim de me livrar dos respingos que me alcançaram. Coloco a chave na ignição ligando o veículo e de primeira ele não responde, só ronca como um caminhoneiro.

Tento mais uma vez, sabendo que ele sempre faz isso, mas na terceira não me deixa na mão. Giro novamente, mas, ao contrário do esperado, o carro não responde outra vez.

— Droga. — Olho pela janela vendo a chuva aumentar. — Vai, coisinha, não me deixa na mão — falo e giro a chave novamente. — Aí, merda.

Tento mais algumas vezes até me dar por vencida e perceber que o carro não vai pegar. Saio, agora sentindo os pingos mais fortes baterem em partes expostas do meu corpo, me causando calafrios. Abro o capô e olho a porcariada toda à minha frente, que não passa de um amontoado de ferro e alumínio para mim, como se eu soubesse qual merda estaria errada...

Olho a rua e fecho o capô, abrindo a porta e pegando minha bolsa para ir correndo até a parada, atrás de um táxi. Sinto algo ser colocado em minha cabeça, bloqueando os pingos de chuva, e viro-me com certa rapidez, vendo Augusto segurar um casaco sobre mim. Quem diria? O coração traidor dá um salto no peito, mas vamos fingir que foi do susto pela forma como ele chegou.

— Oi, venha, te levo pra casa.

— Não precisa.

— Anda, claro que precisa. A chuva está engrossando. — Ele tem razão e concordo com rapidez, seria idiotice não aceitar.

O carro dele está próximo ao meu, uma caminhonete grande e robusta de cor preta, que combina bem com ele. O homem até mesmo abre a porta do carona para mim e eu entro mais que depressa, me livrando da chuva que agora cai grossa lá fora.

— Escureceu depressa — fala quando se senta atrás do volante, ligando o carro. — O que deu com seu carro? — pergunta passando a mão no cabelo molhado e na barba.

— Não sei, não pegou. Ele vinha dando um trabalhinho a mais pra engatar, mas ainda não tinha me deixado na mão — falo e tenho a impressão de que ele sibila um *que bom*.

— Não deve ser nada demais. A manutenção está em dia?

— Acho que sim... — falo e o vejo rir.

— Certo, podemos ir?

— Claro, ia pegar um táxi, mas a carona veio a calhar. — Olho-o, mas Augusto mantém seu foco à frente enquanto guia o carro e nos coloca na via e eu aproveito esse momento para observá-lo.

O silêncio que se segue é um tanto incômodo e começo a sentir frio, apesar do ar não estar ligado.

— Saindo de plantão? — decido puxar assunto.

— Sim, e você, como foi a semana? Está se adaptando bem?

— Sim, claro. Foi uma ótima semana.

— Fico feliz, conheceu Luiz?

— O doutor Antunes? Oh, sim. Está me dando instruções com alguns pacientes — falo e ele me olha de canto de olho, desviando em seguida. — Ele é um homem... gentil até.

— Sei...

— Por quê?

— Nada demais, só fique de olho aberto com ele. — Sua resposta não me convence.

— Não me pareceu nada, Augusto. Algum problema? — pergunto e

vejo seu corpo tencionar.

— Não quero parecer invasivo ou nada do tipo, mas queria avisar pra tomar cuidado com Luiz, fiquei sabendo que as últimas contratadas saíram rápido demais, sem muita explicação, e que ele prefere que o hospital contrate mulheres. Isso me chamou atenção.

— Acha que...

— Não entenda mal. Não é uma acusação, mas fiquei com uma pulga atrás da orelha. O homem é um dinossauro, parece confiável, uma gestão impecável de anos... mas achei estranho quando falei com Débora e soube das últimas demissões.

Fico um tempo olhando para ele e pensando no que disse.

— Entendo, obrigada por avisar — falo e me calo, pesando suas palavras.

O homem de quem ele fala, apesar de Marta me avisar sobre seu evidente mau humor, foi gentil comigo, mas não houve nada exagerado. Talvez, como Augusto disse, seja só uma dúvida ou uma coincidência. De qualquer forma o que acaba de dizer me deixa alerta e agradeço por isso, afinal sabemos que não seria a primeira vez... Sinto frio e abraço meu corpo, querendo me aquecer, a roupa molhada colada em minha pele.

— Chegamos, você está entregue.

— Tem a chave da garagem? — pergunto, surpresa.

— Alice me deu, ainda estou trazendo algumas coisas que estavam em meu apartamento.

— Ah, sim, obrigada pela carona, Augusto. Se não fosse você, eu poderia estar esperando até agora. — Sorrio e noto a forma como me olha, descendo o olhar pelo meu corpo e ainda mais ciente das roupas que agora parecem uma segunda pele.

Vejo o mesmo brilho que estava em seus olhos no dia em que me beijou na cozinha de Alice e não consigo me mover ou articular uma fala. Fico presa, quando seus olhos encontram os meus.

— Foi um prazer.

Algo me puxa para ele, é estranho e, como forma de agradecimento, aproximo-me e beijo seu rosto, sentindo seu cheiro. Uma mistura cítrica e

almiscarada, gostosa de se sentir. Antes que eu me afaste, suas mãos sobem ao meu rosto, segurando-o com delicadeza e, antes que se aproxime mais, ele me olha, estuda meu rosto. A intensidade que me alcança é profunda, cheia de nuances e, dessa vez, sou eu que tomo o impulso de beijá-lo.

Não sei o que me levou a isso, ou melhor, nós sabemos: foi tesão. Me sinto atraída por ele como qualquer mulher se sentiria, afinal, o homem é delicioso aos olhos e o fato de ter a áurea fechada, cria em seu entorno um certo mistério que me faz querer desvendá-lo.

Augusto leva a mão à minha nuca e sua língua alcança meus lábios, lambendo-os, alisando com a língua toda a extensão, brincando comigo com uma calma que invejo. Arfo como uma adolescente ao sentir seu hálito e entreabro meus lábios, tomada, quando ele aprofunda o beijo com uma fome que equivale a mesma que cresce dentro de mim.

O homem devora minha boca de forma íntima, quente e quero senti-lo mais perto. Levo minhas mãos à sua nuca e abraço-o enquanto o sinto sugar e brincar com minha língua. Gemo de desejo e meu corpo é levantado e trazido para cima dele com minha ajuda. Quebro o contato o suficiente apenas para montá-lo, uma perna de cada lado, voltando a colar meus lábios aos seus. Deus do céu, isso é loucura.

Seus braços enlaçam minha cintura apertado, colando-me a ele por completo, esmagando meus seios em seu peito e minha saia sobe se embolando em minha cintura. Eu deveria parar, ter um lapso de lucidez, mas a quentura que sobe por minha espinha não me deixa pensar.

Gemo, deliciada, com a mão que ele enrola nos cabelos da minha nuca dando certa pressão ao toque, expondo meu pescoço e descendo a boca por minha bochecha, orelha e colo. Sinto-o sugar minha pele, arrepiando-me, fazendo a umidade de minha excitação escorrer por minha vagina, ensopando minha calcinha. Sinto seu membro cada vez mais se avolumar dentro da calça posicionado embaixo do meu sexo e eu o uso, descaradamente, me esfregando nele.

— Eu preciso... — sussurro quando tremores ameaçam me tomar apenas com as fricções entre nossos sexos ainda cobertos.

— Gozar? — Ouço-o e sinto-o rir em minha boca. O som sensual me excitando.

Sua mão deixa meu seio e desce por minha cintura, alcançando minha calcinha empapada. Augusto permeia a lateral da peça de algodão com os dedos e a invade procurando meu núcleo. Gemo alto quando sinto-o massagear minhas dobras, incapaz de manter qualquer controle. A linha tênue da razão e do desejo se partindo.

Jogo a cabeça para trás, tendo minhas costas amparadas pelo volante quando seu dedo massageia meu clitóris com uma pressão que me faz gemer alto. Me desmancho em sua frente, ofegando, tremulando e gozando sem pudor algum. O ar parecendo rarefeito, tremores passando por meu corpo enquanto me desmancho para ele, me entrego ao que sinto.

Abraço-o e descanso minha cabeça em seu ombro, a respiração acelerada, o corpo ainda tendo pequenos espasmos de alívio. Sinto sua mão em minhas costas, enquanto a outra está em minha nuca, assim como sua ereção dura embaixo de mim, e começo, só agora, a recuperar a sanidade.

— Eu... — começo, ainda montada nele. — Acho que...

— Quero saber qual é o seu feitiço... — Eu apenas fico presa em seu olhar, sem saber como responder a isso. — Tem me enfeitiçado desde que abriu os olhos ainda naquele asfalto. Não sei como fazer, mas quero me livrar desse seu efeito...

— Te incomoda sentir tesão? — falo, incomodada com sua última fala, saindo de cima dele e me sentando no banco do carona para arrumar minha roupa.

— É diferente, mas não gosto do que me faz sentir.

— Sinto muito por isso. Obrigada pela carona e pelo... hum, orgasmo. Boa noite, Augusto.

Ele sorri e não sei o que sinto com o que ouvi.

— Boa noite...

Ouçoo-o dizer quando já estou fora do seu carro. De pernas bambas e sentindo o coração querendo sair pela boca, vou para o elevador, ainda zonzinha, me perguntando o que realmente aconteceu e com medo do que começo a sentir...



***O feitiço pode ser quebrado com
um beijo de amor verdadeiro... ou
apenas reforçado.***

Um maldito feitiço, só pode ter sido isso que essa diaba jogou em mim. Não é possível. Volta e meia, quando me dou conta, estou com os pensamentos nela, e não é só tesão, é diferente, por mais que me custe admitir. E por ora vai ser difícil controlar a ereção que tenho dentro da calça enquanto a vejo rebolar em direção ao elevador, mais difícil ainda será tirar seu gosto de minha boca. Ligo o carro e fico em dúvida se dou um pulo no apartamento de Alice já que estou aqui.

Decido por não ir, nesse estado seria capaz de acabar desviando o caminho e batendo na porta ao lado. Dou partida e saio, desistindo da ideia tentadora de bater em sua porta.

Chego ao meu prédio, que não fica longe do de Alice, e assim que entro no apartamento, vou direto para o banho, tirando a roupa no caminho.

Entro embaixo do chuveiro, levo a mão ao meu pau duro e dolorido por ela e começo a acariciá-lo de baixo para cima, fazendo a pressão certa com minha mão. Meus pensamentos estão na mulher, imaginando como seria estar atolado nela, em seu beijo e o quanto o corpo esguio se encaixa no meu.

Com a mulher em meus pensamentos, fantasiando como se eu fosse um adolescente em plena loucura sexual, chego ao gozo. A porra jorra em jatos como se ainda a sentisse rebolar gostoso em cima de mim.

Inferno! Essa mulher ainda vai me levar à loucura.

Saio do banho minutos depois e encontro o quarto organizado e perfumado. Sinal de que Iara passou por aqui. Em meio ao cômodo, tenho a cama de casal e o closet à direita, no lado oposto ao banheiro. O lugar chega a ser um tanto impessoal, nada muito revelador. Alguns quadros na parede, pois gosto de arte, contrastando com a pintura clara e, ao lado da janela, há um cavalete e o material de desenho e pintura. O desenho é o que uso para passar o tempo nas horas vagas.

Coloco uma calça, sem cueca, e vou até a cozinha. Sirvo-me do macarrão que a santa Iara deixou pronto e me sento na bancada, sozinho. Não sei o motivo de frisar o sozinho, afinal, sempre estive exatamente assim. Não, dias atrás a draga estava passando uns dias comigo e me lembro de às vezes me sentir incomodado com sua tagarelice, como se o espaço tivesse sido invadido. E estava, minha irmã é intrometida pra caralho.

A questão é que algo está me incomodando e não faço ideia do que é. Termino a refeição, ouvindo a chuva cair lá fora e tentando me lembrar da última que estar sozinho me incomodou.

Bebo a taça de vinho ao lado, me levanto, deixo tudo na pia e volto para o quarto. Em uma sexta-feira comum, a essa hora eu estaria na rua ou com alguma mulher, porém, quando a ideia de estar com alguma mulher me vem, somente uma surge na minha mente. A diaba de língua afiada.

Paro diante da vidraça que a água da chuva lava e cruzo os braços em frente ao peito, segurando o impulso que tenho. Olho o cavalete deixado ao lado e depois o relógio de pulso. A noite vai ser longa...

Me sento no banco à frente e pego o lápis em minha mão. Se não posso tê-la essa noite, irei pintá-la. Talvez isso tire essa loucura de atração da minha cabeça!



— Por que essa cara? Tinha outros planos pra hoje à noite? A... qual o nome mesmo? Ah, Patrícia — Alice fala de forma irônica, sentada no banco do carona. — Era só ter negado o convite, ué.

Olho-a de relance.

— Eu tinha, mas, se eu dissesse que não queria vir, você viria?

— Provavelmente não, pois não viria sozinha, não viria com Pedro nem com Arthur e a bruxa má. Só me restava você, já que não conheço muita gente aqui.

Sorrio. Apesar de não ser o meu programa favorito e me lembrar do tempo em que eu tinha que levá-la a festas e, pior, tomar conta da sua honra, eu não me negaria a acompanhá-la. Sejamos claros, eu não negaria nada a essa maluca.

Sei o quanto precisa sair, espairecer e agora que começou a ver a vida de uma forma diferente, eu não iria negar uma noite em uma boate que está sendo inaugurada e que ela está louca para conhecer.

— Então, como pode ver, eu não tive uma alternativa, Porcelana.

Recebo um soco no braço em reprovação e belisco sua cintura, arrancando-lhe risadas. Sinto até mesmo alívio por vê-la sorrir outra vez.

Se não fosse seu telefonema essa tarde, a essa hora eu estaria com Patrícia, Alice tinha razão. Ela me ligou mais cedo querendo marcar alguma coisa. Mas Alice tinha sido mais rápida e acabou por me dar um alibi. Seria uma boa ter saído com ela, talvez tirasse de vez a diaba da minha cabeça, já que o desenho não me ajudou em nada a exorcizá-la, pelo contrário, e não tive coragem de jogar fora.

Estranho? Muito.

Estaciono próximo ao lugar, depois de procurar por alguns minutos uma vaga. A boate está lotada e o ambiente parece muito bom. A fachada preta com o letreiro rosa é chamativa, bonita e as luzes que deixam parte da

frente em um tom de rosa forte são impressionantes.

— Olha só quem tá aqui — Alice chama minha atenção, apontando para lado com o queixo.

— Merda — falo, ao ver a silhueta bonita dentro de um vestido preto colado ao corpo, com um decote em V nas costas deixando parte da pele leitosa à mostra. Os cabelos loiros compridos caem em cascata nas costas e com ela está o tal policial fortão metido à besta.

— O que foi, Augusto?

— Nada, venha. Arthur já está ali.

Caminhamos um pouco atrás do casal, que permanece de mãos dadas. O capitão fala algo para ela e a loira sorri, abertamente, e olha para trás. Vejo-a deixar de sorrir aos poucos, os lábios se abrindo levemente até olhar Alice, que acena, e ela desfaz a cara de surpresa. Cristine para, puxando Bruno pela mão e nos espera.

Maravilha!

— Cris. Ia te convidar pra vir comigo, mas Silvy disse que provavelmente você estaria cansada, pois passou o dia todo no clube com Catherine — Alice tagarela assim que a alcança. — Boa noite, Bruno.

— Ela estava mesmo cansada, mas a arrastei comigo. — Quem responde é ele e prende o braço na cintura dela, puxando-a mais para si e deixando um beijo no topo da sua cabeça. — Doutor!

— Capitão, Cristine.

— Oi, Augusto. Como vai?

— Bem. Vamos, Ali?

— Claro.

Seguimos até a entrada, dessa vez todos juntos, enquanto as duas confraternizam. Tento não olhar para a mulher, que hoje está mais do que impressionante. Não que não seja sempre, até mesmo atropelada e deitada em um asfalto ela chama atenção, mas fica difícil não olhar com a diaba bonita desse jeito, sensual de forma natural.

Troco um cumprimento rápido com Arthur, minha atenção presa nela, por mais que me custe admitir.

— Augusto. Augusto?

— Oi, falou comigo?

— Perguntei se Pedro virá — Arthur fala.

— Não sei, falei com ele e passei o endereço. Boate não é muito a praia dele. Chegou hoje de São Paulo? — puxo assunto, tentando tirar a atenção da mulher de voz aveludada ao lado.

Aveludada?

— Oi, Amanda, como vai? Essa é Cristine, minha namorada. — É involuntário olhar quando ouço a voz do tal capitão. Que merda é essa?

Ele tem Cristine à sua frente, os braços ao redor de sua cintura, abraçados, enquanto a apresenta a uma mulher baixinha, usando um vestido rodado.

— Sério? Não sabia que tinha namorada.

— Voltamos ontem à noite.

Começamos a entrar e, antes que atravessasse as portas escuras, Cristine me olha, um sorriso estampado no rosto direcionado à mulher na frente deles. Alice segura em meu braço e seguimos direto para a área VIP. Namorando?

— O que foi?

— Nada — respondo, meu humor sendo afogado pela notícia recente.

O que não se explica é como voltaram, se ela disse que nunca tiveram nada. Isso quer dizer que ela mentiu e por quê? Não tinha motivo para isso e estava claro, desde o início, que tinham algo. Agora tenho um motivo real para tirar a mulher da cabeça. Inferno!

Confesso que, quando a vi chegar, o pensamento de que sairia daqui no final da noite com ela passou pela minha cabeça e me agradou em alto nível.

— Um Bourbon por favor. Duas doses. E pra ela um suco — peço quando o garçom anota a bebida de Alice, que cancelo em seguida.

— Guto — me recrimina e finjo não ver.

— Sem álcool pra ela, amigo. Obrigado. — Arthur ri e Alice quer explodir meu cérebro. Seguro sua cintura e a puxo para mim. — Está tomando os remédios, esqueceu?

— Merda. Mas não faz mal só um. — Sorrio de sua cara de pidona. —

Sério? Sair hoje pra beber suco? Por que foi mesmo que eu chamei vocês?

Dou-lhe um meio sorriso e volto a olhar ao redor, procurando-a. Eu a encontro no bar com ele ao seu lado, segurando sua mão. E durante o tempo que passo aqui, mesmo que eu não queira, a acompanho com o olhar, fingido prestar atenção na conversa, na música e no ambiente, enquanto sorvo a bebida em minha mão.

As horas vão se passando enquanto peço uma bebida atrás da outra e, mesmo que eu não queira, meu olhos estão cravados nela, a forma leve e sensual com que seu corpo acompanha a música alta, e um desconforto, para dizer o mínimo, se apossa do meu peito quando Bruno cola seu corpo ao dela, acompanhando-a na dança. Hora de ir embora.

— Já quer ir embora? — falo acima da música e Alice nega.

— Não, ainda é cedo. Deixa de ser um velho reclamão e aproveita. Só mais um pouco, Guto, ou pode ir e Arthur me leva. A bruxa não veio. — Sorrio dela, Alice não vai com a cara de Marina. Ninguém vai.

— Vou descer então, dar uma volta. — Ela confirma com um sorriso.

Começo a descer, mas uma cabeleira loira me chama atenção e sigo-a com o olhar.

— Já volto.

Sem esperar, alcanço a pista, esquivando-me de algumas pessoas até chegar próximo a ela, que tem certo trabalho em passar.

Seguro seu braço e a trago para mim, seu corpo vindo ao encontro do meu. Cristine se assusta e me olha a ponto de uma reprimenda, suavizando quando me vê. Encosto-a contra a parede próximo o bastante, olhando direto em seus olhos, as esferas que me chamaram atenção desde o primeiro momento.

— Augusto.

— Como vai de novo, Cristine? — pergunto, perto demais. Sentindo sua respiração em meu rosto.

— Eu acho melhor me soltar. Preciso ir ao banheiro.

E sem parar para pensar em minhas ações e querendo tirar a história a limpo, abaixo meu rosto na curva do seu pescoço e inalo seu cheiro.

— Adoro seu cheiro, me lembra rosas vermelhas. Estou certo? — Vejo os pelos de sua nuca arrepiarem e sorrio gostando do efeito que causo nela.

Passo a ponta do nariz na pele suada e cheirosa e, quando alcanço sua orelha, beijo e mordo a pontinha. Ouço um gemido deixar seus lábios e colo meu corpo ao seu. Beijo a extensão do seu rosto e alcanço sua boca, afundando-me nela. As mãos pequenas agarram minha nuca se apertando a mim. Provo seu gosto, sentindo o leve sabor de vodca e limão, amando seu sabor agora temperado. Aproveito o seu momento de entrega, sem me importar em ser visto com ela. O que é loucura.

— Mentiu pra mim, Cristine — falo ao seu ouvido, mordendo seu lóbulo e ela me olha, me afastando minimamente.

— Eu não...

— Não? — pergunto, torcendo para ela não notar o tamanho do meu interesse. — Você me disse que Bruno não era seu namorado.

— E isso te interessa realmente? — Sua voz é cheia de sarcasmo. — Talvez até te ajude a se livrar do meu feitiço. Acho que foi isso o que me disse ontem... — A diaba sorri largamente, irônica.

— Não me provoca, posso gostar... Por que mentiu?

— Me solta, Augusto, isso realmente não te interessa. — Não o faço, tentando obter a resposta dela.

Quero essa mulher, isso é um fato.

— Não tenho certeza se não me interessa, na verdade, quando vi você descendo daquele carro hoje, a única coisa que passou por minha cabeça foi terminar essa noite com você. — O corpo dela responde ao meu, assim como faço com o dela. A tensão sexual é quase palpável. — E então?

— É melhor se afastar. Tenho mesmo que ir ao banheiro — fala baixinho a última parte, corando.

— Ela pediu pra se afastar, doutor, e acho melhor soltá-la.

Me viro, soltando minimamente a mulher à minha frente e dando de cara com Bruno.

Olha a merda...

— Bruno, por favor...

— Por quê? Vai me obrigar? — eu a impeço de terminar a fala, soltando-a e me virando completamente para ele.

— Se for preciso...

O álcool provavelmente está nublando meu senso de perigo, o cara deve estar até mesmo armado. Faço de conta que não o vi e volto toda a minha atenção para Cristine, quase a beijando antes de falar:

— Pois acho que precisará de ajuda! — E a confusão está formada.



Sabe aquele momento em que a vida parece ter saído do eixo? A verdade é que ela nunca entrou, você só não se deu conta disso ainda.

De um estado de excitação genuíno, passo ao susto e à preocupação. Tudo se passa muito rápido quando vejo Bruno puxar Augusto pelo ombro, fazendo-o praticamente me levar junto, pois não esperava. Ainda assim, me empurra minimamente a tempo de eu ver o punho de Bruno passar na frente do meu rosto e acertar Augusto em cheio no olho esquerdo, que cambaleia para trás, sem chance de defesa. Alguém grita e me dou conta de que sou, levando a mão à boca.

Augusto não demora a se recuperar da surpresa e parte com tudo para cima de Bruno, acertando-lhe um soco no queixo e outro no estômago, fazendo com que ele se curve com a pancada. Eu me desespero com a cena e volto a gritar, para que parem com aquela palhaçada toda.

Claro que meu apelo é em vão. Bruno e Augusto viram um emaranhado de braços e socos, não sei onde um começa e o outro termina. O que sei é que Deus ouviu minhas preces, quando vejo Arthur e Pedro aparecerem correndo em nossa direção. Arthur agarra um Augusto enfurecido, gritando impropérios que não valem a pena repetir. Enquanto Pedro tenta conter

Bruno, que está furioso, parecendo não enxergar mais nada em sua frente a não ser o seu alvo. Fico no meio da confusão, sem saber para quem correr. Apenas sinto uma raiva cega me tomar pelo circo armado em frente a tanta gente.

Olho para Augusto, que tem o canto da boca sangrando e um olho vermelho. Já Bruno possui um corte na testa e a boca cortada. Eu não sei por que diabos inventei de sair hoje. Ou melhor, não sei o que esses dois idiotas têm na cabeça para fazerem uma presepada dessas.

Arthur e Pedro tentam, sem sucesso, conter os dois. As pessoas começam a se aglomerar ao redor da briga e eu me desespero ainda mais. Bruno se solta de Pedro e desfere um soco tentando acertar Augusto, que desvia, e quem acaba levando o golpe é o pobre do Arthur, que não tem nada a ver com isso.

Augusto se aproveita de que o irmão o soltou, parte para cima de Bruno novamente e, dessa vez, os dois vão ao chão. Não tem como descrever a cena, a não ser que parecem dois neandertais. Mais uma vez, com bastante esforço, Pedro e Arthur conseguem separar os dois. Arthur tira Augusto de cima de Bruno e o empurra contra a parede, segurando-o pelo pescoço com o antebraço. Tento chamar a atenção de Bruno, que, por sua vez, parece possuído e se debate para que Pedro o solte.

— Seu filho da puta! Se chegar perto dela de novo, você vai se arrepender — Bruno cospe as palavras, fazendo Augusto rir com sarcasmo. E antes que ele responda e tudo comece outra vez, me vejo entrando na frente de Bruno.

— Já chega, Bruno! — grito e ele me olha. — Onde estava com a cabeça, hein? Solta ele, Pedro. — Pedro me olha, incrédulo. — Pode soltar, ele não vai ser imbecil o bastante pra tentar fazer alguma coisa. Vamos, Bruno! — falo quando por fim Pedro o solta.

— Sério que vai brigar comigo por te defender? — Ele ainda tem coragem de falar, se mostrando indignado.

Massageio minhas têmporas com as pontas dos dedos, sentindo uma enxaqueca aparente se aproximar.

— Não precisava de defesa, tinha tudo sob controle — falo em um tom baixo para que apenas ele e Pedro, que ainda estava ao nosso lado, pudessem

escutar.

— Dá pra ver pelas marcas que ele deixou no seu braço.

Sigo seu olhar de indignação, vendo minha pele avermelhada, marcada pelos dedos de Augusto e me lembro do momento exato em que isso aconteceu.

— Cristine, eu... — Augusto começa a falar, mas para e passa a mão pelo cabelo parecendo não acreditar no que fez.

— Já chega, Augusto, você já fez e disse coisas demais — Arthur adverte o irmão e tenta puxá-lo dali.

— Me solta, Arthur, eu tenho que falar com ela...

— Não — falo alto, com um tom de raiva inesperado até mesmo para mim, e ele me olha, espantado. — Não vai falar comigo, não hoje e não do jeito que está. Vamos, Bruno!

A noite acaba aqui para mim e puxo Bruno pelo braço, sem olhar ou falar com mais ninguém.

As pessoas me olham como se eu fosse a culpada por esses dois idiotas ficarem se atracando como dois macacos raivosos. Saio da boate possuía com toda essa briga descabida, me sentindo horrível. Tomo as chaves que estão na mão de Bruno e entro no carro do lado do motorista, sem olhá-lo.

— Está com raiva de mim? — me pergunta, como se já não soubesse a resposta.

— O que você acha?

— Acho que deve tentar me entender. Quando vi aquele filho da puta te segurar daquele jeito, Cristine, eu não consegui me controlar.

— Pode parar. Não vou conversar nada com você agora. Se eu for falar sobre isso, vamos brigar e eu não quero mais brigas por hoje. Então, pelo amor de Deus, só cala a boca. — Bruno parece entender que falo sério e não diz mais nada.

O que passa pela cabeça dos homens? Basta uma frase em um momento errado e já acham que é motivo de sair esmurrando alguém. Pelo amor de Deus. Como se não bastasse, ainda provocam um verdadeiro show de mijada masculina.

Chegamos ao nosso prédio um pouco depois. Estaciono e ajudo o cavalo a sair com certa dificuldade do carro, porque, claro, agora que o sangue esfriou, ele sente dor. Filho da mãe! Já no nosso andar, entro com Bruno em seu apartamento, deixo-o largado no sofá e, após usar o banheiro, já vou pegando o kit de primeiros socorros. Faço um curativo em sua testa e limpo sua boca, que ainda sangra, sem dizer absolutamente nada.

— Me desculpa — ele começa a falar, sem me olhar diretamente. — Eu sei o que pensa e você está certa. Eu poderia apenas ter te tirado de lá sem precisar brigar, sei o quanto odeia esse tipo de coisa, Crisy, só me desculpa.

— Não era pra me tirar de lá, Bruno. Não precisava, eu só pedi que ele me soltasse pra ir ao banheiro, pois estava apertada. Mas tudo bem, agora já foi. — Levanto-me para ir embora e sinto o olhar de cachorro arrependido sobre mim. — Vá dormir, amanhã conversamos.

— Está muito puta comigo, não está?

— Não quero falar disso agora, por favor. — Dou as costas a ele, sem cerimônia alguma, e vou pra casa.

Ainda não posso acreditar no que aconteceu hoje. Dois homens adultos e sensatos, se atracando como dois macacos e por quê? Por pura testosterona e idiotice.

Entro em casa tentando, a todo custo, me livrar desses pensamentos. Tudo que eu quero agora é tomar um banho e me deitar. Entro a passos suaves para não acordar ninguém e vou direto para meu quarto. Depois de um banho rápido, passo no quarto de Cathe e a levo para deitar comigo. Meu bebê ao meu lado acalma meu sono. Deito-a e embrulho-a, me colocando ao seu lado logo depois.

Seria realmente fácil se eu conseguisse dormir, mas o sono não vem. Apesar do banho, o perfume dele ainda está impregnado em mim, no meu corpo. Lembro-me do seu rosto bem próximo ao meu, de como seu olhar me deixava excitada e me fazia lembrar de quando me deu uma carona e um orgasmo... delicioso. Essa noite poderia ter sido diferente, eu poderia ter aplacado esse desejo e a curiosidade em saber como ele é na cama.

Minha imaginação viaja e não é difícil imaginá-lo nu, perfeito... Droga!

Posso sentir o olhar de Augusto em meu corpo. Me examinando, me

querendo e eu posso dizer que desejo esse homem com a mesma intensidade. Ele se aproxima de mim e me beija com urgência, como se dependesse disso para viver e eu retribuo, lhe mostrando todo desejo e excitação que sinto por ele.

Sou empurrada contra a cama, caindo sentada, e logo ele paira sobre o meu corpo, ainda vestido. Augusto começa a tirar minhas roupas lentamente, distribuindo beijos molhados nas partes da minha pele que vão ficando expostas pouco a pouco e causando arrepios deliciosos por todo o meu corpo. Assim que me deixa nua, ele me olha com pura malícia ao ver a lingerie branca que comprei especialmente para ocasião. Sem perder tempo, volta a me beijar expondo todo o seu desejo, enquanto sinto seu membro duro, roçar meu sexo ainda coberto pela fina renda branca.

Ele se afasta por um momento e tira suas próprias roupas, enquanto eu babo por seu corpo musculoso. O homem é perfeito. Quando se livra da sua última peça, Augusto toca seu membro totalmente ereto e de tamanho considerável, me olhando com fome, como se eu fosse a coisa mais preciosa para ele. Involuntariamente, minha mão desce até o meu sexo encharcado, que clama por alívio.

— Não, querida, está proibida de se dar prazer. — Segura minha mão e olho-o sem entender sua exigência, mas logo ele explica: — Você terá prazer, Cristine, muito prazer, mas serei eu a lhe dar. — E com isso vem sobre mim, ainda mais necessitado, e chega a ser bruto em suas carícias, me fazendo gemer apenas com beijos e mordidas.

Ele beija meus seios já intumescidos de prazer e depois desce por minha barriga, deixando um rastro de fogo até chegar na minha intimidade. Augusto me provoca distribuindo beijos na parte interna de minhas coxas e em meu ventre, mas me nega o prazer de tê-lo em meu sexo, que pulsa por sua atenção imediata. Meu corpo se inclina pedindo por mais e ele me dá.

Augusto cai de boca em meu sexo excitado, molhado, mordendo, beijando, sugando, me dando um prazer que não sou capaz de descrever. O homem me penetra com a língua, fazendo movimentos lentos e voltando a dar lambidas em meu clitóris inchado. Gemo e me contorço na cama, tendo um orgasmo que me faz cair de um abismo, gritando por ele, enlouquecida.

Augusto prova até a última gota do meu gozo, não deixando de me dar

prazer. Sinto a excitação me tomar novamente, se construindo aos poucos em meu baixo ventre, me deixando pronta para explodir em mil pedaços novamente, quando...

Abro os olhos, ainda apertando uma perna na outra. Me sento de supetão e me olho, estando sem calcinha. Levo a mão à cabeça e procuro a peça sobre a cama, sentindo meu sexo úmido, ainda pulsando de prazer.

— Deus, eu vou enlouquecer...



Existe a crença popular de que quem ama perdoa. A questão é que talvez ainda não seja amor e, nesse caso, o indivíduo tende a se corroer em arrependimentos.

Sinto a bebida me cobrar um alto preço. O uísque, que tomei enquanto ainda a observava dançar, fez seu efeito bem até demais. Me descontrolei, me deixando levar por um sentimento confuso que costuma causar estragos. Ciúmes.

Ainda sob o efeito do álcool, me dou conta tarde demais do que fiz. Era para ter sido simples, eu manteria distância e a deixaria ir, caso quisesse. Era uma escolha dela, eu não tinha nada que provocar, que me deixar levar pelo sentimento confuso no peito. O pior é lembrar do olhar que ela me dirigiu ao ver as marcas em seu braço e isso está me queimando por dentro. Onde eu estava com a cabeça? Com certeza não estava pensando com a de cima.

Não era minha intenção. Miséria! Nunca machuquei nem mesmo uma mosca, como pude fazer aquilo com ela? Passo a mão em meu cabelo, enquanto vejo sua silhueta desaparecer entre as pessoas na boate. Minha vontade? Ir atrás dela e lhe implorar por perdão, mesmo sentindo-me estranho por vê-la indo embora com ele. Não foi por querer, longe disso. Só

não esperava que seria arrancado de cima dela, quase levando-a ao chão junto comigo.

— Merda. Merda. Merda.

Em um momento de pura loucura, ainda vou em direção à saída, mas sou impedido por Arthur, que me segura pelo braço, e por Pedro, que entra em minha frente sem que eu saiba de onde ele saiu.

— Me solta, Arthur, eu vou pra casa — me exaspero com a situação, vendo algumas pessoas observando a cena.

— Nem vem, nós dois sabemos que isso não é verdade. Vou te levar até sua casa e, se for preciso, irei dormir lá pra garantir que não faça nenhuma besteira.

— Eu não vou atrás dela, se é o que está pensando — digo, tentando ainda convencê-los.

— Isso você falou mais cedo, se bem me lembro — Pedro chama minha atenção ao me lembrar da conversa. — Disse inclusive que se afastaria dela, pois a achava diferente. Chegou até a falar que ela não era mulher de uma noite apenas. — Apesar da bebida, me lembro bem de ter falado isso.

— Venha, Fera, amanhã você fala com ela, e Pedro, leva Alice para casa. Amanhã nos falamos — Arthur sentencia e, vencido, acato o que ele disse. Sei reconhecer quando faço merda e essa foi das grandes.

Me atracar com um cara por causa de uma mulher... francamente.

Saímos da boate e, muito a contragosto, entramos em meu carro, indo em direção ao meu apartamento. Meus pensamentos viajam pelo que eu disse a ela, a forma que seu corpo reagiu ao meu, só por estarmos perto um do outro.

— Como tá esse olho aí? — Arthur corta o silêncio, depois de alguns minutos.

— Vai ficar bem.

— Gosta dela? — Olho para ele me perguntando de onde veio isso. Esse não é o tipo de assunto que Arthur costuma falar. Nisso também somos parecidos. — Não precisa me olhar assim! Só perguntei, pois não me lembro de ter te visto desse jeito, nem mesmo por você sabe quem. — A menção a esse assunto me traz um gosto amargo à boca.

— Não sei, gostar não seria a palavra que eu usaria — falo, despreocupado.

— Sei, vai me dizer que rolou no chão sujo de uma boate porque queria só foder com ela?

— Eu...

— Quer mais? Vai me dizer que está apaixonado?

— Bebeu também? Claro que não... — Claro que sim. Algo grita em meus pensamentos, mas eu sufoco essa loucura e lembro das marcas em seu braço. — Porra, Arthur! Viu o braço dela?

— Vi e vi também quando tudo começou. Acha que não deu pra perceber que passou a noite secando a mulher? Uma hora ia dar merda e deu. Mas a culpa não foi diretamente sua, esfria a cabeça e conversa com ela.

— Sim, tenho que me desculpar pelo que fiz. — E tirar a limpo essa história de namoro. Essa parte eu guardo para mim.

— Teu problema é não pensar antes de agir, sempre foi assim. Não tem filtro.

— Já chega dessa conversa, já deu sua opinião e ela foi ouvida. Agora dirige. — O idiota sorri, parecendo se divertir às minhas custas. Me encosto no assento e fecho os olhos, talvez assim Arthur se cale.

Arrependimento. É o que sinto nesse exato momento. O fato é que fiz o imperdoável e não importa se a machuquei porque ela foi puxada do meu aperto. O que importa é que o culpado fui eu. Fui eu que, em um momento de estupidez, fui falar com ela. Fui eu quem não conseguiu controlar o desejo, nem o ciúme. Se alguém me falasse há algum tempo que eu estaria rolando no chão de uma boate, em uma briga por causa de uma mulher com quem nem cheguei a ir para cama, eu daria gargalhadas. Sim, porque, até pouco tempo, isso seria inaceitável.

Minutos depois, Arthur estaciona na garagem do prédio e subimos em completo silêncio. O cara ao meu lado parece tão perdido em pensamentos quanto eu e os dele não parecem nada bons. Abro a porta e Arthur vai em direção à janela, que fica à direita da ampla sala do apartamento, admirando algo lá fora. Observo-o enquanto me sento no sofá até que ele se vira e resolve falar:

— Eu vou dizer isso apenas porque acredito que não vai se lembrar amanhã, então preste atenção. Ou não, é você quem decide — fala em tom extremamente sério e eu o encaro. — Se acha que é mais do que desejo, se o que está começando a sentir nesse coração de pedra for o que chamam de paixão, vá atrás dela. Peça perdão, ajoelhe, se humilhe, só não a deixe escapar. Se realmente ela tiver algo com o tal Bruno, ainda assim... lute por ela, irmão. A mulher da sua vida não bate na porta duas vezes. — E falando isso ele segue em direção aos quartos, me deixando sozinho em meio a pensamentos desconcertantes. — Falo por experiência própria. — Ouço-o dizer antes de sumir corredor adentro.



Acordo sendo cutucado por um pé gigante. Me mexo na cama, sentindo a dor irradiar por meu corpo. Resultado da burrice de ontem, com certeza. Abro os olhos e me arrependo do ato, minha cabeça parece pesar uma tonelada e não consigo abrir o olho esquerdo completamente.

— Acorda! Tá na hora — Arthur fala aos berros e minha cabeça parece querer explodir.

— Na hora de que, seu merda?

— Me esqueci que está de ressaca — E parece não se importar com o fato. — Então é bom se preparar. O almoço, não se lembra? Mamãe e papai chegaram ontem à noite. — Mesmo com uma dor extrema, abro os olhos e encaro o rosto risonho de Arthur.

— Cacete! Tinha me esquecido.

— E já estamos atrasados. — Pulo da cama, mesmo me sentindo tonto. Uma frase composta por mamãe e atrasado não pode ser boa.

— Me dê alguns minutos e já fico pronto.

— Cara, você está horrível.

— Vá a merda, Arthur! — O filho da mãe sai do quarto, enquanto ando meio tonto rumo ao banheiro.

Entro no banho gelado, tentando fazer com que minha aparência melhore, o que sei que não vai acontecer. Grande dia para mamãe marcar uma reunião familiar, ela parece ter o pior senso do mundo, é como Alice. Por um momento, me distraio com a chegada dos meus pais, esquecendo-me do porquê sinto esse aperto no peito. E é claro que é por causa dela. A mulher que tem enchido a minha mente com pensamentos distintos nos últimos dias. Eu não sei o que farei ainda, talvez siga o conselho de Arthur. Não que eu ache que ela seja a mulher da minha vida, nada disso. Nem ao menos acredito neste clichê.

Ao me arrumar e sair do quarto, encontro Arthur sentado despreocupado, enquanto escreve algo no celular.

— Vamos? — falos, já me encaminhando em direção à porta.

— Vamos! Ah, antes que me esqueça, o almoço não vai ser no campo, será na casa de Ali.

Tinha que ser. Ao que parece, não tenho tido muita sorte nos últimos dias.

— Ótimo! — respondi tendo a certeza de que esse dia demorará a passar.

Não demora muito para completarmos o percurso e chegarmos ao prédio de Alice. Seria a desculpa perfeita para bater na porta de Cristine, me passar por um cão arrependido e lhe pedir desculpas. Mas, ao que parece, não precisarei de uma desculpa, pois, assim que desço do carro, eu a vejo. Fecho os olhos ao perceber que não estou com sorte. A última coisa que eu queria era vê-la. Ao menos não agora, quando ainda não sei o que dizer.

Cristine tem com ela uma pequena sacola na mão e na outra segura a mãozinha da pequena Catherine. A menina está vestida toda de rosa, o que me lembra a porca que toda criança adora. Como é mesmo o nome? Antes que eu possa pensar sobre o nome da porquinha, ela me vê e se solta da mãe, correndo em nossa direção.

— Tio Guto!

— E aí, princesa — falo ao pegá-la, beijando-lhe a bochecha vermelha e fazendo cócegas em seu pescoço ao tocá-la com minha barba. A sapequinha gargalha.

Cristine se mantém a certa distância, com uma cara não muito boa. E quem poderia tirar sua razão, não é mesmo? Percebo que ela veste uma blusa de mangas compridas e, como a temperatura está elevada, posso adivinhar o motivo. Algo em mim se aperta, algo que eu não saberia explicar, nem mesmo se quisesse.

— Tava na padaria, a mamãe queria comer pão de queijo — Cathe pronuncia, alheia à tensão.

— Hum..., e você comeu o quê?

— Bolo de chocolate, o meu preferido no mundo, tio.

— O meu também, pequena.

Vejo Arthur se aproximar de nós, observando Cristine, que já está mais perto.

— Oi, grilo falante! Peguei seu nariz — Arthur brinca com ela e Cathe leva a mão ao rosto, como se procurasse seu pequeno nariz de ponta arredondada.

— Não pegou não!

— Peguei sim, não peguei, Guto? — Cathe me olha, esperançosa.

— Pegou, mas eu já peguei de volta. — Ela ri quando coloco seu nariz imaginário de volta e me sinto contagiado por seu jeito tão doce.

— Bom dia pra vocês.

Ouvir a voz dela e sentir seu perfume tão perto me faz querer abraçá-la, lhe pedir desculpas desesperadamente e tê-la somente para mim. E olha o pensamento...

— Eu preciso falar com você — solto rápido, ignorando todo e qualquer cumprimento. Ela me olha por um momento e fica claro que isso não vai ser possível.

— Não temos o que falar e acho que isso ficou claro ontem. Só faça um favor a nós dois e desista. Vamos, Catherine! — responde, sem vacilar, passando toda a certeza sobre o que diz. Eu não posso dizer absolutamente nada, não posso obrigá-la a falar comigo, muito menos insistir na frente da menina.

— O tio vai subir com a gente, mamãe. Não vai, tio Guto? — Cristine

não diz nada e nem precisa.

Confirmo a pergunta com um aceno e caminho adentrando o prédio, com Cathe ainda em meus braços. Em um certo momento, ela passa o dedo em meu olho, onde está machucado, observando atentamente.

— Como machucou? — pergunta enquanto ando em direção ao elevador com ela, ignorando o olhar assassino que Cristine me dá.

— Eu caí ontem e machuquei, pequena. — Ouço Arthur rir atrás de mim, me deixando com vontade de acertar sua bunda

— Hum... o tio Bruno também caiu, mas ele machucou a boca, não foi, mamãe? — Santa inocência infantil!

— Hum, foi sim, amor — Cristine por sua vez confirma a contragosto, quando paramos em frente ao elevador.

— Não acredito no que eu vejo! — Essa voz eu conheço bem. Me viro para ver minha mãe vindo em nossa direção, com papai ao seu lado. — Meus dois príncipes, a mamãe estava morrendo de saudades — minha mãe fala alto o suficiente e me abraça, sem se importar com Cathe em meu colo.

— A bênção, mãe. Como foi de viagem? — Meus pais são tradicionais, do tipo que se dá bênção pela manhã e à noite, até pelo celular.

— Deus o abençoe e a viagem foi perfeita. — Ela me solta e passa para Arthur, enquanto cumprimento meu pai.

— A bênção, pai. — Meu pai não tem a atenção em mim, e sim em Cristine.

— Deus o abençoe. Cristine?

— Oi, dr. Otávio, como vai?

— Conhece meu pai? — pergunto, surpreso.

Apesar de Alice ter mantido amizade com Cristine, nosso pai nunca foi muito presente em casa e, portanto, presumi que ele não a conhecia.

— É claro que sim, filho, fiz o parto da pequena Catherine, que se não estou enganado... é essa moça aí em seus braços. E estou bem Cristine, obrigado.

Cristine não parece muito à vontade com o encontro. E nem mesmo eu poderia imaginar tamanha coincidência.

— E essa princesa quem é? Não me diga que teve uma filha e não me contou, bebê. — Minha mãe e sua grande descrição.

— Não! Ela é minha filha — Cristine nos interrompe enquanto pega Cathe de meus braços e coloca no chão.

— Deve se lembrar de Cristine, mãe, amiga de Alice. Estudaram juntas no ensino médio.

— Meu Deus! — Minha mãe leva a mão à boca. — Cristine? É você, meu bem? Alice te procurou por um tempão, onde se meteu? — Sem cerimônia, dona Vera a puxa e a abraça, apertado. Não perco de vista o olhar que meu pai direciona a Cristine com bastante interesse.

— Que bom, todos já se conhecem...

— Sim, conheci sua mãe quando ainda estudava com Alice e seu pai foi quando... bem... Cathe nasceu.

O elevador volta ao térreo e nós entramos. Minha mãe conversa com Cristine sobre o porquê de ela sumir, com quantos anos ela teve Cathe, e de como está feliz com o fato de Cristine morar perto de Alice. Eu, Arthur e meu pai falamos sobre a viagem que fizeram. Quer dizer, ao menos eu tento conversar e não olhar como um idiota para mulher à minha frente, que até em um short jeans e blusa fica perfeita.

— Almoce conosco, Cristine. Ficaremos encantados. — Minha mãe é quem faz o convite ao sair do elevador e nessa parte eu presto bastante atenção.

— Sinto muito, dona Vera, mas tenho um compromisso. Obrigada pelo convite, agora tenho que entrar. Foi um prazer rever vocês.

— Acredite, o prazer foi nosso e eu vou esperar por você no nosso próximo almoço.

— Claro, eu adoraria. — Mentirosa!

Provavelmente não tem nenhum compromisso, ela quer mesmo é se livrar de mim. Cristine nos dá as costas e entra em seu apartamento, com Cathe acenando um tchau. Por ora, desisto de tentar uma conversa, forçar algo agora não seria nada bom, sei disso. Minha mãe bate em meu ombro com certa força, me fazendo voltar ao mundo real.

— Ai, mãe...

— Por que não cria vergonha e namora com alguém assim? Sempre gostei dessa menina.

— Vera, pare com isso, quando Augusto achar que é a hora, ele vai procurar alguém — meu pai intervém.

— Até lá, já estarei caducando e nem terei mais forças pra brincar com meus netos, Otávio.

— Não se preocupe, mamãe! Talvez ele já tenha achado — Arthur se mete.

— Arthur! — eu o repreendo.

— Que história é essa, Augusto? — minha mãe pergunta e, por sorte, sou salvo de responder, quando Alice abre a porta e se pendura no pescoço do nosso pai.

— Por que demoraram tanto? Estou esperando há um tempão.

— Mamãe encontrou Cristine lá embaixo e começou a interrogá-la, você sabe — respondo, enquanto entro em sua sala.

— Não interroguei ninguém, tenha mais respeito, Augusto. Só fiquei surpresa por encontrar Cristine aqui, só isso. Ainda mais depois de saber que foi seu pai que fez o parto da filha dela.

— Já conheceram Cathe e viram Cristine, então?

— Sim e fiquei impressionado de ver o quanto cresceu aquela menininha — meu pai responde.

— Como assim, pai? A menina já deve ter uns 6 anos.

— Ela nasceu prematura, chegamos a achar que não sobreviveria, foi uma cesariana difícil na época.

— Já chega, está proibido de falar em trabalho, se lembra? — minha mãe corta a conversa. Quero é perguntar mais sobre isso, mas deixo passar por ora. — Agora o que me impressionou mesmo foi ver você com a menina nos braços, Augusto. Pelo que eu sei, geralmente, você assusta as crianças e não o contrário.

— Não exagera, mãe, a menina é até engraçadinha.

— Sério, Augusto? Só isso? — Arthur não consegue segurar a língua.

— Só isso.

— Está acontecendo alguma coisa aqui e não me refiro a esse seu olho esfolado, Augusto. — Claro que essa observação vem de dona Vera.

— Vai começar...

— Quer que eu conte ou você conta? — Alice, como sempre, é quem coloca lenha na fogueira.

— Pode parar, Alice, não se meta ou vai acabar sem esse seu pescocinho lindo aí.

— Ele gosta de Cristine — ela fala e se esconde atrás do nosso pai, como se fosse uma criança de oito anos. Se não tem irmãos, sorte a sua. É uma lástima. — E brigou por causa dela ontem e, pra piorar, foi com o melhor amigo dela e vizinho de frente.

— Como isso aconteceu, Augusto? — meu pai pergunta com ar preocupado.

— Não foi assim, pai. Não quero e não vou falar sobre isso com ninguém. E isso inclui todos vocês.

— Claro, querido, mas depois vamos ter um particular só você e a mamãe. Você vai me contar essa história direitinho, bebê.

— Ah, não, mãe, hoje não, por favor. Me deem um descanso, o que acham? Que tal falar do namoro falido de Arthur ou da separação de Alice? — É meus amigos, às vezes temos que jogar sujo.

Claro que meu apelo e artimanha não têm efeito. Minha mãe vai perguntar até saber quantos filhos quero ter com Cristine. Não tenho uma família normal, eles acham que devem se meter em minha vida e dizer o que devo ou não fazer. Fora as tentativas frustradas de minha mãe para que eu me case e lhe dê netos. O fato de ser mais velho que Arthur 10 minutos parece ser motivo suficiente para que eu seja o primeiro a me casar, construir uma família e encher a casa de filhos.

E como esperado, o almoço em família tem minha vida amorosa como sobremesa. Desde que Isabel foi embora há 10 anos, minha família se preocupa com minha cabeça, achando que ela foi ferrada tempos atrás. Se eles soubessem que o que aconteceu foi bem pior do que contei...



***É justo o benefício da dúvida?
Deveras ele pode nublar a mentira e
driblar a verdade.***

— E se a gente for ver a *Frozen*? — Sorrio embrulhando-a e dando um beijo em sua testa. — Um dia, quando tudo melhorar, eu prometo que levarei você pra um lugar que tenha neve e você vai poder fazer seu próprio *Olaf*. O que acha? — Cathe sorri, acentuando as covinhas na bochecha rosada.

— Combinado, mamãe, e quando meu dente cair, vou pedir a fada que ele crie vida quando eu for fazer ele.

— Claro que vai, agora durma, amanhã tem aula logo cedo.

Após mais um beijo, deixo o abajur lilás ao lado da cama ligado e saio do quarto. Vou para a cozinha e guardo na geladeira o bolo de chocolate. Inconscientemente, agora ele está ligado ao dia em que nessa mesma cozinha eu servi uma fatia de bolo a Augusto, quando ele veio esclarecer alguns pontos. Sem conseguir me controlar, penso na noite de ontem, antes do desastre, o beijo... Foi quente e delicioso. Solto um suspiro de desgosto e guardo o bolo na geladeira, mas não me contenho e passo o dedo na borda da bandeja, enfiando o brigadeiro na boca.

Pego meu celular sobre a mesa, apago a luz e vou em direção ao quarto. Assim que entro, o celular toca em minha mão e olho a tela do aparelho, não tendo o número agendado.

— Oi, quem fala?

— Boa noite, Cristine. — A voz grossa e levemente rouca faz meus pelos se arrepiarem e um pequeno frio se instaurar em minha barriga.

— Augusto...

— Não desliga, preciso falar com você. Achei que, se aparecesse em sua porta, não me deixaria entrar.

— Achou certo — falo, ainda chateada com a idiotice que aconteceu. O show de mijada masculina ridícula. — E acho que agora não é o melhor momento.

— Espere, quero me desculpar.

— Não acha que, no pouco tempo em que nos conhecemos, você já se desculpou demais?

— Pode ter razão, ainda assim, preciso esclarecer algumas coisas e dar vasão ao desejo que sinto por você.

Eu sorrio de sua pretensão. Desejo, apenas desejo... só não entendo esse aperto em meu peito, eu esperava que fosse o quê?

— Boa noite, Augusto!

— Cristine...

Desligo o celular antes que fale qualquer outra coisa e jogo-o sobre a cama. É hora de colocar minha cabeça no lugar, deixar, como ele mesmo disse, o desejo que sentimos de lado. Nada viria de bom disso de qualquer forma. Não quero me envolver, não posso dar vasão a esse desejo, ele pode acabar por criar algo aqui dentro, um sentimento que não quero ter.



Dirijo enquanto deixo *Roupa Nova* cantar no som do carro, movendo a cabeça de um lado para o outro, acompanhando o ritmo da música. Tive trabalho hoje pela manhã ao tentar esconder as olheiras da noite mal dormida, ou não dormida. Não depois daquela ligação. Solto um suspiro ao me lembrar

disso, bom, mas já tomei uma decisão, certo? Certo...

Quando saio do carro após estacionar na garagem do hospital, ouço vozes risonhas próximo a mim e automaticamente olho nessa direção. Descendo de uma caminhonete preta grande, duas vagas depois da minha, está Augusto, que conversa animadamente com uma loira siliconada e linda. Sinto uma corrente elétrica percorrer minha espinha quando vejo a mulher chegar perto, roçando seu corpo ao dele, segurando em seu ombro, enquanto sussurra algo em seu ouvido que o faz rir, sedutor, bonito e jovial, segurando a cintura dela.

Os dois parecem estar em uma concha e serem bem íntimos e eu não consigo parar de olhar a cena. Mas que droga!

Augusto está impecável, o cabelo solto, roçando levemente em seus ombros, enquanto a loira ao seu lado se desmancha em sorrisos e toques. A mulher de estatura média está embalada em um vestido rosa escuro, estilo tubinho, de mangas curtas e decote quadrado que evidencia seus seios gigantes. Raiva é o que inexplicavelmente sinto ao vê-los, um sentimento estranho toma conta do meu corpo e me pego exasperada ao perceber que é ciúmes.

Decido colocar minhas pernas para funcionar e, antes que eu faça qualquer movimento, seus olhos pousam em mim e, por instantes, ele pausa sua fala, seu olhar percorrendo meu corpo, em um escrutínio minucioso. Forço-me a sair do lugar, mover minhas pernas o mais rápido que consigo, entrando no hospital e seguindo rumo à ala em que trabalho, me dando conta de que, pela primeira vez, sinto ciúmes de alguém e que o sentimento é aterrorizante, ainda mais quando não se tem vínculo algum com o outro. O que é loucura!

Qual é, ontem mesmo o cara estava me ligando, tentando se desculpar, falando em dar vasão ao desejo que sentia e, hoje, estava se esfregando com a loira embalada a vácuo, todo cheio de sorrisos... Jesus, o que eu estou pensando?

Antes que eu possa chegar à ala fisioterápica, ouço passos apressados atrás de mim e uma mão grande segura meu braço, me puxando para uma sala vazia na lateral direita do corredor. Eu não sei qual a intenção dele, mas me deixo ser conduzida sem protestos.

— Eu preciso falar com você! — fala ofegante, assim que fecha a porta atrás de si.

— Estamos no hospital, Augusto, preciso trabalhar, abre a porta e me deixa sair. — Não soa como um pedido e seus olhos estão vidrados em mim.

— Foda-se. Eu posso explicar o que viu lá fora.

Por um segundo, fico muda olhando para ele e me dou conta de que a última coisa de que preciso é de uma explicação, menos ainda saber quem é sua boceta amiga.

— Não pode e nem precisa. Pode ficar tranquilo que não vou rolar no chão do hospital com o seu *affair*.

Ele bufa e passa a mão grande nos cabelos com certa força, parecendo nervoso. O cara não tem jeito com pessoas, nem com conversa, isso é visível.

— Pode, por favor, me deixar falar? — Ele já está com a voz claramente alterada. Não respondo e ele continua: — Quero pedir desculpas, Cristine, e preciso esclarecer algumas coisas, como eu disse ontem na ligação que você fez questão de desligar na minha cara.

— É só isso? — falo, como se não desse importância para o que ele diz, uma mentira.

No fundo, estou louca para ouvir o que realmente tem com a loira lá fora. Aquilo já estava me consumindo, pois era um sentimento com o qual eu não estava acostumada a lidar, a sentir. No auge dos meus quase 25 anos, não cultivei relacionamentos, não me permiti fazer isso, apenas... Eu não podia me envolver, isso era fato e fugi de todo e qualquer envolvimento até aqui. Relacionamentos nunca couberam na minha vida, não depois dela, de Cathe.

O problema é que, incrivelmente, um homem de humor azedo vem despertando em mim o que nenhum outro jamais despertou, fazendo meu coração acelerar apenas por sentir seu perfume, arrepiando minha pele só por lembrar do que fizemos dias atrás no seu carro, quando, sem muito esforço, me proporcionou um orgasmo mais do que delicioso e que agora me faz sentir raiva de mim mesma por sentir ciúmes.

— Está mesmo com ele?

Por um instante fico olhando-o sem entender o que diz e Augusto parece entender ao esclarecer:

— Com Bruno, estão mesmo namorando? — Mais uma vez se mostra direto no que quer, estando desconfortável em perguntar. É nítido.

Eu poderia mentir, isso ajudaria a mantê-lo longe, mas quando Augusto me olha de forma profunda e se aproxima vagarosamente de mim, perco qualquer raciocínio.

— Não tenho nada com Bruno, somos amigos, só isso, Augusto. O que viu no outro dia não passou de um jeito de ele se livrar das malucas que o cercam. — Com isso, enxergo o que me parece alívio tomar conta de seu rosto. — Se tivesse agido como um ser humano normal naquela noite, eu teria lhe falado isso.

— Me desculpe por aquilo, Cristine. Me senti o pior homem do mundo quando vi as marcas em seu braço. Aquilo me destruiu por dentro. Eu só quero que me perdoe pelo que fiz. E sobre o que viu lá fora...— fala sem pausas e levanto a mão direita, impedindo que ele fale mais alguma coisa.

— Não precisa, por favor! Eu não quero saber com quem mantém seus relacionamentos, isso não é do meu interesse, Augusto.

Surpreendendo-o, passo por ele com a intenção de sair da sala. Preciso de ar, me manter distante dele antes que eu pule em seu pescoço e implore para que me diga que não tem nada com a loira oxigenada lá fora.

O homem me pega desprevenida ao impedir que eu saia. Augusto me vira de frente para ele e prende meu corpo entre o seu e a porta. O desejo, algo carnal, visceral queima entre nós e algo se acende em meu interior. Uma vontade avassaladora pulsa em mim, como se eu não pudesse controlar o sentimento cru que ele me causa e não posso. Nada é dito e ele avança, me beijando, duro, possessivo, dominador. É como se quisesse me tomar para si em apenas um beijo.

Nem mesmo se eu quisesse, poderia pará-lo e a verdade é que no fundo eu não quero. Se me deixasse guiar pela emoção, eu iria querer mais, tudo que ele pudesse me dar. Me entrego ao beijo latente, sua língua buscando a minha, seu sabor preenchendo minha boca, cada pedaço do meu corpo demonstrando todo desejo reprimido que sinto.

Me envolvo em seus braços como se pudesse me fundir a ele. E como é boa a sensação. Aos poucos, o beijo perde a intensidade, passando a ser lento, carinhoso até. Augusto para o nosso beijo, espalhando pequenos beijos por

meu rosto e pescoço, voltando a me olhar em seguida, suas mãos em volta da minha cintura. Seu olhar encontra o meu, algo doce, calmo e ao mesmo tempo tempestuoso. E por um minuto, me deixo enganar por aquela imensidão azul, esquecendo a cena lá fora, mas isso dura pouco.

Respiro fundo e um cheiro adocicado, misturado ao cheiro amadeirado do seu perfume me chama atenção, assim como uma marca de batom perto de sua orelha. É muita incoerência em apenas um ser.

Me recomponho o melhor que eu posso, tentando não passar a decepção que queima em meu peito. Augusto percebe a direção em que olho, minha expressão deve ter denunciado meu desapontamento. Ele passa a mão na marca em seu pescoço, olhando sua palma em seguida, fechando os olhos e parecendo incrédulo com sua própria estupidez.

Desencosto-me da porta e ele dá um passo para trás, me proporcionando um pouco de espaço. Arrumo minha roupa, vendo-o sem saber o que falar. Abro a porta, sem dizer uma palavra e, dessa vez, ele não me impede. E antes que eu me esqueça, paro com a porta aberta e volto a olhá-lo.

— Tome um banho, Augusto, o cheiro dela ainda está em você. — E com isso saio da sala e dessa vez algo me diz que ele não irá me seguir...



*O amanhã sempre nos espera e,
com um novo alvorecer, vem uma
chance de recomeço...*

Uma coisa é certa! Estou me comportando como uma idiota colegial. Sabe aquelas garotas dos filmes que vivem suspirando pelo primeiro amor? É exatamente assim que eu estou. Não seria estranho se estivesse com meus 15 anos, já aos 25...

Após sair daquela sala, passei o dia pensando no que aconteceu lá dentro. A forma que ele me beijou, o olhar arrependido quando me pediu desculpas, como pareceu desolado quando vi aquela marca de batom e, acima de tudo, na decepção que tem me incomodado muito. Fecho os olhos tentando não me lembrar da cena, mas é impossível.

Ah, Deus! E como sinto ódio de mim mesma. Sinto raiva por odiar aquela maldita marca de batom, por sentir ciúme e me pergunto o que está acontecendo comigo.

Eu estou aqui me roendo de ciúmes por um homem que mal conheço. Nunca me comportei dessa forma. Sempre fui uma mulher pé no chão, ciente do perigo e agora... uma adolescente apaixonada.

Eu falei apaixonada?

Não, não estou apaixonada. Isso seria loucura, não seria? Claro que seria. Primeiro, eu não o conheço bem. Segundo, ele é um homem difícil,

insensível, arrogante, que nem ao menos sabe lidar com as pessoas e, por último e não menos importante, o cara veio me beijar com uma marca de batom no pescoço. Quem faz isso? Ao menos podia se dar ao trabalho de limpá-la antes de falar comigo, caramba!

O pior é essa voz irritante na minha cabeça dizendo que eu podia, sim, deixá-lo explicar. Mesmo que fosse explicar o inexplicável. Que vontade de bater na cara bonita daquele filho da mãe por me deixar nessa situação ridícula. Apaixonada, eu? Nunca. Não por aquele ogro orgulhoso e presunçoso. Se bem que ele foi fofo, ao pedir desculpas com aqueles olhos de cachorro que caiu da mudança, não foi?

Esqueça, Cristine, esqueça. Ele não veio atrás de você, lembra? Então só esqueça, não seja patética. Sem falar que isso já faz três dias, três dias e soube que ele viajou a trabalho.

Eu confesso que não quero admitir que fiz isso, mas, após me corroer com algo que não sei dizer o que é ou que não quero rotular, tentei saber mais sobre ele e a loira siliconada, que agora sei que é cirurgiã ortopédica, a doutora Patrícia. Não bastasse, descobri também que os dois têm um caso, não um caso, mas dizem que se pegam... é, eu só piorei minha situação querendo saber mais do ogro idiota.

Disseram também que, além dela, nunca souberam de nenhum caso dele aqui no hospital e que é bem comum os médicos fazerem um tipo de rodízio com as garotas do lugar que, na verdade, se jogam em cima deles. Estranho? Nem imagina o quanto. Mas o doutor Ogro é bem discreto com seus casos, se ainda há mais algum por aqui. Também não é de admirar, a pensar que o homem é péssimo com pessoas e antissocial, seria estranho se tivesse alguém. Diferente de Pedro, que é o médico queridinho do lugar, Augusto é o contrário do primo, mas dizem que é o melhor no que faz. Além, claro, de ser filho do doutor Otávio, um dos acionistas do hospital.

Solto um suspiro cansado. Ainda tem isso, ele é filho do doutor Otávio... Droga, achei que nunca mais veria aquele homem. Bufo com o pensamento.

O fato de Augusto não se dar ao trabalho de vir atrás de mim ou ao menos me ligar deixou, no fundo, uma pequena decepção. É, eu sei, sou uma contradição. Eu deveria agradecê-lo por isso. Para completar, Marta — minha

colega de trabalho — me convidou para um happy hour, assim que sairmos do hospital. Eu até tentei dizer não, mas fui persuadida a aceitar.

Ela alegou que preciso conhecer mais alguns colegas e eu não soube como recusar. Ridículo, eu sei, mas não sei dizer não. Sem falar que, quando liguei para Silvy — rezando para que ela dissesse que não poderia ficar com Cathe —, ela me disse, muito feliz por sinal, que eu tenho que aproveitar, que posso até passar a noite fora, se quiser. Ou seja, não tive uma boa desculpa para dar a Marta.

Marta é uma boa pessoa. Uma mulher linda de 1,65, pele morena e cabelos encaracolados curtos. Ela foi simplesmente perfeita comigo na primeira semana de trabalho. Marta me instruiu pacientemente, relevando alguns erros meus e, como eu disse, não pude dizer não para ela depois disso.

Como previ logo cedo, meu dia foi longo e cansativo. Já termino o meu horário me sentindo esgotada, pronta para ir para casa e cair na cama. Claro, se não tivesse compromisso. Tomo um banho rápido e troco de roupa aqui mesmo, já ouvindo Marta me apressar do lado de fora. Dou uma rápida olhada no espelho para conferir se está tudo no lugar e saio, vendo-a bater o pé no chão, impaciente.

— Vamos, ele já está te esperando.

— Quem está me esperando?

— Todos e eu disse que estão nos esperando, Cristine, vem — fala me arrastando para fora do hospital, tagarelando animadamente sobre seus planos para o fim de semana.

Vamos até um barzinho que fica do outro lado da rua, em frente ao prédio do hospital. O lugar é legal e até aconchegante. Todo em madeira e vidro, o que dá um ar rústico ao local. A iluminação é baixa em algumas partes, criando um ambiente gostoso e particular. Decido que, definitivamente, gosto daqui e que aceitar o convite pode ter sido uma boa ideia.

Não tem muita gente, creio por ainda ser cedo. Sigo Marta por entre as cadeiras em direção a uma mesa no canto esquerdo com duas pessoas sentadas. Logo reconheço Helen, a moça da recepção e, do outro lado, se encontra um homem sentado, despreocupado. Já o vi no hospital, só não lembro seu nome ou em que área trabalha. Ele é bonito, aparenta ter uns 26

anos, de altura média e corpo magro. Um rosto quadrado, liso e cabelos curtos, castanho-escuros. Seu rosto tem feições suaves e simpáticas, tornando-o ainda mais bonito. Assim que nos vê, ele se levanta e abre um belo sorriso.

— Aí estão vocês! — exclama, cumprimentando Marta e vem até mim em seguida, esperando uma apresentação.

— Essa é Cristine, a nossa mais nova colega — Marta me apresenta e sorrio.

O homem parece me comer com os olhos, me causando desconforto. Ele não perde tempo e se aproxima, colando um beijo em minha bochecha direita.

— Sou Victor, Cristine — fala, testando meu nome em sua boca. — E é um prazer te conhecer. Já ouvi falar muito de você nesse pouco tempo em que está conosco. — Fico sem graça com sua fala e mais ainda com o jeito que me olha.

— Espero que coisas boas. Como estão? — Mudo meu foco, direcionando a pergunta aos dois.

— Bem melhor agora e, claro, só ouvi coisas boas. Vem, senta aqui — responde com um sorriso simpático e puxa a cadeira ao seu lado para mim.

— Vi que estavam cheias de trabalho hoje. Doutor Luís pegou pesado?

— Ele sempre pega, aquele dinossauro. — Rimos do que Marta diz e noto a troca de olhares entre Marta e Victor.

Engatamos uma conversa qualquer sobre trabalho e família. Helen fala de seu namorado cafajeste e Marta desabafa sobre o mau relacionamento que tem com a irmã. Eu apenas ouço tudo, tentando participar da conversa, enquanto fujo das investidas de Victor. O cara não perde a oportunidade de me elogiar ou roçar, que seja o braço, a mão ou a perna em mim. Finjo não notar, me afastando aos poucos dele.

Em alguns momentos, sinto como se estivesse sendo observada por alguém, mas quando olho ao redor, não noto ninguém em especial. Continuo a conversa, mesmo sentido a sensação incômoda de ser observada. Quando dou por mim, já estou na terceira caipirinha de limão. Não tenho o costume de beber e, nesse caso, já é hora de parar se eu não quiser sair trocando as

pernas.

— O sossego dos residentes durou pouco... O doutor Ogro já voltou à ativa. — Levanto meus olhos, focando na conversa. — E hoje tá daquele jeito que o povo gosta. — Ela ri e Marta suspira.

— Aquele homem na cama... ui. Chega dá um calor entre as pernas. — Rimos, mas o coração saltita no peito ao saber que ele voltou. — Ah, e por falar nele, olha quem deu o ar da sua bela graça. E se não bastasse um, vieram os três. Olha lá, Cristine! O Ogro você já conhece, o outro ao lado dele e não menos bonito é o dr. Antony, que também é neurocirurgião, e aquela perfeição morena ao lado deles é o dr. Guilherme. Um dos grandões da administração e filho do dr. Lauro.

Olho para onde Marta aponta — sentido o nervosismo tomar conta de minhas pernas — a tempo de vê-lo virar o rosto para o outro lado, a fim de ouvir o que o tal Guilherme fala. Apesar dos outros serem realmente bonitos, minha atenção é exclusivamente de Augusto.

— Os outros ainda não tinha visto — respondo tentando não mostrar interesse.

— Olha só quem vem ali pra completar o grupo de gatos do hospital — Marta fala animada demais ao ver Pedro entrar. — Gente, eu sempre tive uma queda por esse homem. O que é isso? O homem molha minha calcinha só com o sorriso. Deus é mais!

— Menos, Marta! — Victor fala divertido, nos fazendo rir.

Por segundos, o restante das pessoas some ao meu redor quando ele me olha e sustento seu olhar no meu. E sua reprovação está estampada em cada centímetro de seu rosto.

Eu não sei em que momento foi que aconteceu, ou se estou dormente e não senti. Mas quando percebo, Victor está com o braço no encosto da minha cadeira, como se estivesse abraçando meus ombros. Me dou conta que já é hora de ir, ou vou ter que dar um chega para lá no meu colega de trabalho. Cara sem noção. Reunindo todas as minhas forças, que não são muitas no momento, me levanto.

— Olha, a noite foi ótima e a companhia de vocês, perfeita, mas tenho que ir!

— Ah, não, Cris. Não vai agora, ainda tá cedo, só são 11h.

— Eu sei, Marta, mas tenho uma filha que funciona como um despertador logo cedo. — Nem tanto e que Deus me perdoe por mentir.

— Sua filha deve estar dormindo a essa hora, Cristine. Senta aí e vamos aproveitar a nossa noite. — O jeito que Victor fala deixa claro suas segundas intenções e eu dou o meu máximo para me equilibrar em cima dos saltos, fingindo não ouvir.

— Eu adoraria, mas tenho mesmo que ir. Até segunda, crianças.

— Vou te perdoar porque é mãe e a gente não pode ter raiva de mães.

— É melhor mesmo eu ir. Você já está bêbada, Marta — falo rindo, enquanto saio em direção à porta da frente, sem dar chance para reclamações.

Meus sentidos parecem bons e ainda estou sóbria, só que minhas pernas não parecem concordar com isso. Saio do bar e atravesso a rua, indo em direção ao estacionamento onde deixei meu carro. Não, não vou dirigir após ter bebido, mas tenho que pegar minhas chaves que deixei no compartimento. Vou acessando o aplicativo para chamar um Uber e paro já perto do carro, quando ouço passos me seguindo, ficando com medo de ser um ladrão ou algo do tipo. Sinto alívio ao ver que é Victor, já bem próximo a mim.

— Lembrei que bebi um pouco a mais e acho que não é bom dirigir. Venha, eu te levo. — Eu não seria louca de entrar no carro com esse cara.

— Não precisa. Eu já chamei um Uber — minto, dando um passo para trás quando ele chega perto demais.

— Eu passei toda a noite olhando essa boca linda e pensando em como seria te beijar, gatinha. — Gatinha? Ele ficou louco?

Antes que eu possa responder, Victor se aproxima novamente, segurando minha cintura e, quando o homem tenta me beijar, viro meu rosto de lado.

— Não, e acho melhor você se afastar. — A essa altura, meu coração aumenta os batimentos, evidenciando meu nervosismo.

— É só um beijo, Cristine, passei a noite toda querendo isso — fala, sedutor, ou tentando ser. Afasto sua mão de mim, mas o homem continua muito próximo e começo a sentir medo.

— Não, Victor. Eu disse não. — Ele me olha incrédulo e não se detém.

Típico do cara babaca.

— Algum problema aqui? — Essa voz...

Viramos os dois para ver Augusto parado à nossa frente, com uma cara não muito boa e o olhar gélido. Respiro aliviada de certa forma e me solto das mãos do idiota ao meu lado. Victor já estava me assustando de verdade e a chegada de Augusto me deixa segura. O que é ridículo, uma mulher não deveria precisar de outro homem para se sentir segura, um NÃO deveria bastar.

— Não, nenhum que possa te interessar — Victor responde olhando Augusto à altura.

— Já está pronta, Cristine? — Augusto fala comigo, me surpreendendo. Me vejo saindo do lado de Victor, indo em sua direção automaticamente e ele enlaça minha cintura assim que me aproximo o bastante. — E sim, Victor. Passa a ser do meu interesse, quando você está tentando beijar minha namorada. Agora dê o fora daqui e acho bom não se aproximar dela novamente. — Ele parece calmo ao falar, mas seu maxilar cerrado denuncia o quanto está no limite.

Victor nos olha, surpreso, assim como eu me encontro agora. Ouvi-lo dizer a palavra namorada me deixou com um frio delicioso no estômago e fez um sorriso idiota se abrir em meus lábios. Deve ser a bebida, é claro. Augusto não espera uma resposta, ele segura minha mão com firmeza, nos guiando por entre os carros até chegar ao seu.

Ele não diz uma palavra, apenas abre a porta da caminhonete, me ajudando a entrar. Eu não sei o que dizer. Não sei se agradeço ou se peço desculpas por ter precisado de sua ajuda. Simplesmente não sei por onde começar. Ele nem ao menos me olha ao entrar no carro e colocá-lo em movimento, como eu posso começar a falar alguma coisa? Me sinto uma criança que fez algo errado e a mãe está prestes a puni-la.

Olho para ele e posso ver o quanto está tenso. O jeito que seu tronco se encontra duro e reto e a forma como segura o volante evidenciam sua raiva aparente. Quero perguntar o porquê de ter ido até mim. Quero agradecer. Quero pedir uma explicação, a mesma que ele estava disposto a me dar dias atrás. Quero muitas coisas no momento.

E olhando o homem ao meu lado, percebo o quanto estou perdida. Por

mais que eu não queira admitir, estou sim apaixonada por Augusto. Pode ser o álcool falando, mas não dizem que, quando bebemos, libertamos nossos mais obscuros desejos e sentimentos?

— Não devia beber desse jeito, ainda mais quando vai dirigir. — Sua voz rouca me tira do transe.

— Eu não ia dirigir — falo, envergonhada.

— Ah, eu me esqueci. O Victor ia levá-la. — Seu tom é debochado, sem aberturas.

— Não aconteceu nada, Augusto, e nem ia acontecer. Ele não me levaria pra casa, pois eu não seria louca de ir com ele — respondo com raiva e ele não fala mais nada, a tensão entre nós se tornando palpável.

Mais alguns longos minutos de tensão se passam até ele estacionar em frente ao meu prédio. Augusto não desliga o carro, o que mostra sua clara intenção de ir embora, me deixando frustrada. Ele não me olha e continua calado, então resolvo dizer:

— Por que foi até lá? — Quando enfim falo, tenho sua atenção voltada pra mim.

— O bar é um ambiente público, certo? — Sarcasmo pinga de sua voz.

O que estou fazendo no fim das contas?

— Certo. Boa noite, Augusto, e obrigada pela ajuda. — Acho que a tristeza e a decepção são transmitidas na minha voz.

Me movo no banco para abrir a porta do carro, quando ouço um barulho de algo se arrastando, assim como um bufo de irritação ou frustração, não sei dizer. Não tenho tempo de descobrir o que é.

Sinto os braços de Augusto contornarem minha cintura, me puxando para ele com uma habilidade invejável. Ele me coloca em seu colo, me fazendo perceber que o barulho antes ouvido se tratava do banco do carro sendo movido para trás, nos dando espaço.

Augusto é ágil quando me coloca montada em seu colo de frente para ele, me causando uma surpresa deliciosa. Seu olhar prende o meu por um longo momento, me deixando ver em seus olhos o desejo, a raiva e o anseio por mim. Não penso quando tomo a iniciativa e colo meus lábios nos seus, deliciada com a sensação.

Meu beijo é retribuído com ardor e necessidade. Pela primeira vez, sou eu a tomar a iniciativa, sou eu a lhe mostrar o desejo que me causa e sou eu a estar completamente entregue em seus braços. Nosso beijo é quente, molhado e delicioso, me incendiando por dentro. E quando ele corta nosso contato, me olhando com dúvida, mantenho-me colada a ele, meus braços ao redor do seu pescoço.

— Eu estava disposto a desistir de você — começa a falar, entrecortado. — Prometi que depois da nossa última conversa, eu não a procuraria mais, Cristine. E aqui estou de novo, completamente preso em seu feitiço. Eu não entendo esse poder que tem sobre mim, não consigo entender o porquê do meu corpo pedir pelo seu o tempo todo. E eu não estou sabendo lidar com todo esse desejo, loucura e dependência do que nunca cheguei a ter de você. — Ao falar, ele parece angustiado. — Fui ao Dilan hoje, apenas no intuito de beber, talvez esquecer o que aconteceu naquele dia. Só que, quando te vi tão linda e sorridente, me lembrei do que aconteceu da última vez que bebi e da besteira que fiz. Desisti, decidido apenas a observá-la e, naquele momento, eu vi que não conseguiria ficar longe de você. Mesmo que eu tente e, acredite, eu tentei, não dá, eu não consigo. Agora me diga, Cristine, o que eu faço com isso? O que eu faço com tanto desejo?

Suas palavras me causam um frio na espinha, fazendo meu coração pulsar descompensado. A sinceridade que vejo me aflige, me faz querer abraçá-lo, beijá-lo e confortá-lo. Dizer que sinto exatamente a mesma coisa quando estou ao seu lado e que, contra todas as probabilidades, estou irremediavelmente apaixonada por ele. O problema é que não consigo dizer nada além de:

— Só me ame, Augusto. Me faça sua por essa noite, só sua...



*Quando conseguimos algo que
considerávamos impossível, a
sensação é mágica...*

O tempo parece parar por horas enquanto nos olhamos. Augusto parece querer perfurar minha alma e acho que não acredito no que acabo de dizer. Não poderia culpá-lo, eu mesma não acredito. Pela primeira vez em minha vida, não vou me importar com os resultados de minhas ações, não vou me importar com o amanhã, pois o que mais quero nesse momento está bem aqui na minha frente me olhando com um misto de luxúria e incredulidade.

Ah... e como eu quero esse homem. Nem que seja por essa noite para dar vasão a esse desejo maluco que tomou conta de mim, que me fez pela primeira vez querer tanto alguém.

— Cristine... eu não... — Não deixo que termine.

Colo meus lábios nos seus em um beijo lento e apaixonado. Quero prová-lo, sentir seu gosto, todas as suas nuances. Lentamente, sugo sua língua, mordo seus lábios e me aperto contra seu corpo. Interrompo o beijo e olho para ele, tentando lhe mostrar o quanto falo sério. Não é mais a bebida falando.

— Eu quero, Augusto. Quero muito, quero tudo. — Vejo a guerra se

travar em seu rosto, a tensão emanar de seu corpo.

— Droga, Cristine! — Tão rápido quanto me tirou do meu assento, ele me coloca de volta, acelerando o carro em seguida, o que me deixa um tanto confusa.

Eu deveria perguntar, eu sei. Mas no momento a única coisa que sinto é a excitação tomar conta do meu corpo por completo. Uma sensação gostosa, de estar prestes a fazer algo proibido e delicioso. Fecho os olhos, apertando uma perna na outra, tentando controlar o desejo em meu baixo ventre, uma sensação maravilhosa e indescritível.

A ansiedade me toma, fazendo-me suar em expectativa. Olho Augusto de lado, mas sua expressão não me revela nada e, se não fosse a força com que segura o volante, eu poderia dizer que invejo sua calma. Mas é um engano. Nós dois sentimos isso, nós dois temos a necessidade um do outro nesse momento, é algo recíproco. Ele me olha por breves instantes e um pequeno sorriso se abre em seus lábios, um perigo excitante faiscando em seu olhar.

Mais alguns minutos e ele entra na garagem de um prédio luxuoso e iluminado. Augusto não fala nada, o que aumenta ainda mais toda a minha expectativa. Ele para na primeira vaga vazia e fala alguma coisa, que me custa um tempo para entender. Logo depois vejo-o dar a volta no carro e abrir a minha porta, me dando a entender que o que disse foi um "espere aqui".

Ele me estende a mão grande e macia, a fim de me ajudar a descer e aceito, completamente ciente de que seu toque queima minha pele, fazendo um arrepio percorrer todo o meu corpo e começando uma verdadeira combustão. Seus olhos nos meus não me ajudam a controlar toda essa confusão ardendo em meu peito.

Augusto não perde tempo quando me guia até o elevador. Só então me dou conta que provavelmente estamos indo para seu apartamento, seu lar. Algo muito particular a ser compartilhado e, por um instante, me sinto estranha, sem saber como me comportar.

Quando entramos no elevador, a tensão sexual aumenta e sou empurrada contra a parede gelada de metal, seu corpo colado ao meu, seus lábios tomando os meus com desespero. Augusto me beija quase com brutalidade, acordando o monstinho dentro de mim.

Minha nossa... e como é bom. O beijo é quente, bruto e delicioso. Suas mãos estão por toda parte em meu corpo, apalpando, apertando, explorando, me instigando a mais. Augusto me segura pelo bumbum me tirando do chão, fazendo com que enlace sua cintura com as pernas e dou graças aos céus por isso, pois não tenho certeza se conseguiria me segurar em minhas próprias pernas. Levo as mãos aos seus cabelos, puxando os fios, me esfregando em seu corpo numa tentativa frustrada de aplacar tudo o que sinto por ele nesse momento.

Assim que as portas se abrem, ele anda até a porta do apartamento e a abre, ainda comigo enroscada no seu corpo, sua boca passeando por meu colo e me enlouquecendo. Sinto seu membro, comprimido pelo jeans, roçar meu sexo já molhado e latejante, o que só atiza minha imaginação, enquanto tento desabotoar sua camisa com certo esforço. Os sentimentos em mim são confusos e ansiosos, uma verdadeira explosão. Não tenho tempo de olhar ao redor quando abre a porta e nem quero.

Augusto adentra o apartamento, sem deixar de me beijar e me provocar. Logo depois sinto uma superfície macia em minhas costas e percebo que estou em seu quarto, ou melhor, em sua cama. Tudo se perde quando ele se coloca sobre meu corpo. Suas carícias são lentas e suas mãos parecem não ter pressa alguma ao explorar meu corpo, mas eu tenho.

Sensações... é tudo sobre sensações... as melhores que já me permiti sentir. Tudo ao redor parece sumir, me fazendo sentir apenas Augusto e sua respiração, tão acelerada quanto a minha. Nossos corpos parecem apenas um, em completa sintonia e reconhecimento. Ele cessa o beijo por um momento e seus olhos refletem toda a confusão que tenho em mim, apenas a fraca luz da janela me deixando ver seu rosto sério.

Augusto prende seu olhar em mim por alguns instantes, levando a mão ao meu rosto, fazendo uma carícia suave e tenho a necessidade de imitá-lo, colocando ambas as mãos ao lado do seu rosto, sentindo sua barba e me aproximando, roçando meu nariz no seu.

— Eu te desejei desde o momento em que coloquei meus olhos em você, Cristine. Desejei cada parte do seu corpo, até sua alma. Cada pedacinho seu tem enchido os meus pensamentos nos últimos dias, me deixando completamente louco. Agora, não é sobre a minha necessidade, é apenas

sobre você e como quero que sinta o quanto te desejo, o quanto se infiltrou em meu sistema em tão pouco tempo.

Eu nunca entendi, de fato, o que é ter borboletas no estômago como já li tantas e tantas vezes em livros. Só que aqui, agora, vendo tanta intensidade nos olhos de Augusto, é exatamente assim que me sinto. Além de um frio sem igual tomar conta do meu estômago e um rebuliço me causar arrepios. Não sei o que dizer e nem tenho o que dizer, apenas me entrego em seus braços, me deixando levar por suas palavras.

Augusto deposita beijos molhados por meu queixo e pescoço, fazendo meu corpo se contorcer ao encontro do seu, buscando por mais, querendo tudo que possa me dá. O homem não tem pressa em sua tortura deliciosa, prolongando cada momento, me levando ao limite. Devagarinho, ele começa a tirar minha blusa, se ajoelhando na cama, tendo um completo vislumbre de mim, beijando cada parte que se faz exposta. Sua mão desce pela extensão do meu pescoço, indo de encontro à minha barriga, até chegar ao cócs da calça, que é desabotoada rapidamente.

Ao tirar e se livrar da peça, ele me olha minuciosamente, gravando cada pedacinho de mim. De repente me sinto completamente desnuda — e não falo do meu corpo — e ele parece perceber que, de repente, sinto vontade de me cobrir. Seu olhar é de reprovação quando balança a cabeça em negativa.

— Não se cubra, nunca se esconda quando estiver comigo. Quero poder te ver, admirar a mulher linda que tenho em minha cama. — Com isso, ele tira as próprias roupas sem desviar os olhos de todo o meu corpo, deixando-me momentaneamente fora de órbita.

Não desvio meus olhos de seu corpo, passeando por cada pedacinho e é perfeito, de um jeito só dele. Meus olhos viajam com gula pelo peitoral bem esculpido, descendo pela barriga bem trabalhada e chegando a sua ereção que é... excepcional. Mordo os lábios com a vontade inusitada de prová-lo, sentir o sabor da gota perolada que deixa a pequena fenda de seu membro.

Augusto volta para cama e, quando sinto seu corpo quente sobre o meu, perco o restinho de sanidade que tinha. Me contorço embaixo dele, à procura de alívio, de prazer, de me satisfazer. Minhas mãos passeiam sem pudor por seu corpo, à procura de conhecer cada parte do homem com o qual venho

sonhando há dias.

Vejo estrelas quando ele suga meu seio, apertando o outro entre seus dedos. Augusto beija, chupa e mordisca meu mamilo, dando atenção a cada um e eu me agarro aos lençóis da cama. Quando sua mão alcança minha intimidade já encharcada, sinto como se estivesse à beira do abismo, um abismo de puro prazer e eu não hesitaria em me jogar de cabeça.

— Por favor, Augusto... eu preciso... — Não consigo terminar quando ele introduz um dedo em meu sexo, me fazendo gemer junto a ele.

— Quente e encharcada...

— Hum... Eu quero... — Minha voz se perde em meio às suas investidas.

— Olhe pra mim.

Demoro a abrir meus olhos e, quando o faço, me deparo com um olhar lascivo de admiração.

— Quero te provar com a calma que merece. Você é perfeita demais para que eu tenha pressa.

Sorrio com o que diz, pois é a primeira vez que a frase "você é perfeita" sai da boca de alguém com quem quero desesperadamente estar.

Augusto deixa uma trilha de fogo, enquanto distribui beijos molhados e mordidas em minha barriga, enlouquecendo meu corpo e me arrepiando. Me assusto quando ele abre minhas pernas, se colocando no meio delas e rasgando a fina calcinha de renda sem nenhuma delicadeza. Ele sorri de lado ao ver meu sexo descoberto e escorregadio, pronto para ele. Penso em protestar, mas perco a fala quando sua boca encontra minha intimidade e sua língua lambe meu clitóris.

Agarro seus cabelos e mordo os lábios para não gritar, mas é impossível. Gemo e me contorço, perdida em cada sensação que ele me causa. Augusto me tortura sem deixar de me olhar, passeando a língua por todo o meu sexo, entrando e saindo da fenda e voltando a lamber e sugar meu clitóris, me causando tremores e me arrancando gemidos em puro delírio, fazendo com que eu implore por mais. Ele quase chega a me dar um orgasmo incrível, porém para quando sente que, enfim, irei explodir.

— Por favor, Augusto... — Ele levanta o rosto e me olha, divertido.

— Por favor o que, Cristine? — pergunta, arrogante, no controle da situação. Vou à lua, quando novamente ele leva a língua ao meu clitóris, brincando com ele.

— Eu quero você dentro de mim, Augusto — choramingo.

Ele volta a me provar, não se demorando e voltando a cobrir meu corpo com o seu. Sinto seu membro completamente ereto roçar minha entrada, me fazendo fechar os olhos em expectativa para receber seu tamanho. Ele me beija e posso provar o meu gosto em seus lábios, sentindo a umidade escorrer por minha entrada sensível de desejo e tortura.

Ele se estica um pouquinho e pega um preservativo na gaveta de um criado-mudo — que até então eu não tinha percebido que estava ali — enquanto observo, com lascívia, ele abrir o preservativo e deslizar em sua ereção. Augusto me tortura um pouco mais com beijos e carícias, esfregando descaradamente seu membro em minha entrada, sem nunca me penetrar.

Quando já não aguento mais, o empurro na cama e o monto sem nenhum pudor ou vergonha. O desejo fala mais alto quando, mantendo um sorriso em meus lábios, seguro seu membro grosso em minha mão, que parece pequena para ele, alinhando-o em minha entrada, descendo devagar e me deliciando por ser preenchida por completo, sentindo seu membro me alargar e chego a fechar os olhos com o prazer se misturando à ardência que me causa.

Ele agarra meus quadris, gemendo meu nome, o que só me incentiva a continuar. Começo uma dança deliciosa e libidinosa, cavalgando seu membro enquanto vejo em seu rosto a expressão de puro prazer, igual ao que sinto quando suas mãos percorrem meu corpo, me deixando rendida.

Sou jogada na cama sem nenhuma delicadeza, delicadeza essa que não quero. Ele volta a estocar, com mais firmeza, mais rápido, mais forte, me fazendo gritar seu nome quando um orgasmo, que parece arrebentar meu corpo, me corta ao meio. Não existe nada mais ao meu redor, apenas me deixo levar... sentindo todas as sensações em plenitude. Extraindo todo o prazer para mim. E como é delicioso...

Meu corpo flutua e, aos poucos, os espasmos diminuem e começo a voltar a mim novamente, sentindo Augusto se mover, agora vagorosamente, dentro de mim. Ele me beija com carinho, cuidado e paixão. E meu corpo

volta a vida novamente, meu sexo pulsa e se contrai, sendo estimulado outra vez.

— Você é a coisa mais linda gozando...— Sei que fico vermelha, mas não sinto vergonha nem nada do tipo. — Vem, Cristine, vem comigo. — E eu vou.

Augusto pega minhas mãos e as segura acima da minha cabeça, entrelaçando seus dedos aos meus e voltando a se mover, implacável, fazendo o barulho de sexo ecoar pelo quarto. Tudo começa a se formar em meu baixo ventre novamente. Os movimentos se intensificam, me levando à loucura mais uma vez. Meu mundo volta a explodir em mil pedaços e me perco, quando ouço meu nome sair de seus lábios como uma súplica, um urro de puro prazer. Desmorono sobre os lençóis, mole e desfalecida, tendo minhas mãos liberadas, e ele me abraça.

Não sei como reagir, nem se quero. Aos poucos, tento controlar meu corpo, sentindo minhas pernas tremerem, levemente fracas. Ficamos os dois em silêncio, ofegantes, exaustos e suados e ele descansa a cabeça na curva do meu pescoço, fazendo um pequeno carinho com a ponta do nariz na minha pele. Augusto se move e sai de cima de mim, me deixando sozinha no quarto parcialmente escuro.

Por um instante, fecho meus olhos guardando cada momento do que acabamos de fazer, cada gemido de prazer, cada sensação, os beijos e, quando já estou me preparando, tentando criar coragem para me levantar e ir embora, é que ouço a porta do banheiro abrir outra vez e passos confiantes virem em minha direção. Augusto volta para cama, se deitando ao meu lado e me trazendo para junto de seu peito, afundando seu rosto em meus cabelos. O homem inala meu cheiro e se mantém firmemente abraçado a mim. Não dizemos nada, pois o silêncio ao nosso redor é esclarecedor... E eu estou perdida... Completamente perdida e apaixonada...



Acordo incomodada com a claridade no quarto. Abro os olhos e, aos

poucos, tentando me ambientar, me lembrar onde estou, pois este definitivamente não é meu quarto. A primeira coisa que vejo e que me deixa sobressaltada é o braço forte que pesa sobre minha barriga, me apertando contra um peitoral musculoso, parecendo querer minha posse. Em seguida, sinto algo duro roçar minha bunda, me levando a perceber que estou dormindo de conchinha com Augusto.

Não, eu não estou... Ai, meu Deus! Lembranças atacam minha mente, lembranças deliciosas por sinal, e com elas vem o peso do que deixei acontecer. Ou melhor, do que praticamente forcei que acontecesse. Eu devo ter perdido o juízo de vez, é a única explicação. Ok, ontem eu usei o discurso de não me importar com o amanhã, mas, poxa, o amanhã ainda não tinha chegado.

Tento me mover, mas seu braço não deixa. Droga! Se eu me mexer, ele vai acordar e eu não quero que ele acorde, certo? Não, não quero. A situação iria ficar ainda mais estranha. Me entendam, com certeza ficaremos desconfortáveis com a situação, provavelmente ele vai querer se livrar de mim, o que me causaria sem dúvida uma grande decepção.

Olho o cômodo, até onde minhas vistas podem ver e claramente estamos em seu quarto, em sua casa. O anjinho na minha cabeça me diz para continuar onde estou, pois me trazer para casa dele, e não para um motel, quer dizer alguma coisa. Mas claro que o diabinho tem que rebater dizendo que ele não precisa se preocupar para onde leva sua caça. Fecho os olhos tentando acalmar o turbilhão de pensamentos dentro de mim, quase não respirando para não o acordar.

Volto a abrir os olhos e observo o ambiente à minha volta, é grande e masculino, contendo o cheiro dele, um aroma almiscarado e másculo. À minha frente, do lado esquerdo do cômodo, vejo uma poltrona de couro preta com uma pequena mesinha ao lado com alguns papéis e, mais atrás, uma porta que acredito ser um closet. Na parede, tem alguns quadros de paisagens que parecem pintados minuciosamente, cada um mais lindo que o outro.

Olho para o criado-mudo ao meu lado na cama e nele há algumas fotografias. Uma delas, que me chama bastante atenção, está composta por Augusto, que sorri abraçado com Alice, enquanto Arthur permanece sério do outro lado. Ele parece mais jovem, descontraído. Pelo menos 10 anos mais

jovem, sem barba, com os cabelos mais curtos e, ainda assim, lindo. Um pensamento passa por minha cabeça, uma vontade de tê-lo conhecido naquela época, ver a alegria que ele transmite na fotografia.

Tento me mover mais uma vez, pedindo a Deus para que o homem ao meu lado não acorde e que eu possa sair daqui o mais silenciosamente possível. Consigo, aos poucos, afastar seu braço de cima de mim, saindo da cama e me sentindo uma fugitiva. E é isso que estou fazendo, não é? Sinto uma pontinha de arrependimento, uma vontade de voltar para cama, esperá-lo acordar para saber o que aconteceria. Mas nós sabemos o que iria acontecer.

Homens como ele machucam mulheres como você, meu bem.

A voz de Bruno soa em minha cabeça e é o suficiente para que eu cate minhas roupas espalhadas pelo quarto, me lembrando que minha calcinha foi brutalmente rasgada. Esse pensamento tem uma ligação direta com minha libido, que parece acordar naquele exato momento, fazendo-me apertar uma perna na outra, a fim de conter tal excitação.

Me visto rapidamente olhando em sua direção, me martirizando um pouco mais, mentalizando para que ele continue dormindo e me sentindo a pior pessoa do mundo. Mas quem liga?

Consigo encontrar minha bolsa no chão, perto da porta, e a pego, saindo em seguida. O sentimento que tenho em mim me desconcerta. Por um lado, tudo o que quero é voltar lá para cima e me esgueirar de volta para sua cama. A outra parte de mim diz que estou fazendo o certo. Augusto não me parece um homem que quer um relacionamento e eu não sou uma pessoa que pode se dar ao luxo de ter um.

Pego um táxi e, de repente, sinto uma vontade de chorar apertar meu peito, a consciência do que deixei acontecer caindo sobre minha cabeça como um balde de água fria em um dia gelado. Imaginei por muito tempo como seria ter uma noite como essa, idealizei por anos e o pior são as lembranças e a certeza de que foi muito melhor do que em meus sonhos. O modo como me tocava, me olhando como se eu fosse o que havia de mais precioso no mundo e o que eu faço? Saio como uma gatuna de seu apartamento. Covarde, uma grande covarde isso sim.



*Seus atos sempre trarão
consequências, só cabe a você saber o
que fazer com elas...*

Tateio a cama ainda sonolento, sentindo seu perfume impregnado no lugar, em mim. Procuro o corpo quente e delicioso que dormiu ao meu lado, quando não o encontro, abro meus olhos, incomodado com a luz, e percebo que estou sozinho em minha cama, o lençol até a metade do corpo, escondendo uma ereção matinal. Passo a mão no cabelo e olho em direção ao banheiro, vendo a porta aberta e concluindo que provavelmente ela não está lá.

— Cristine? — chamo e não há resposta.

Levanto-me e saio do quarto à procura dela.

— Cristine? — chamo uma última vez, entrando na cozinha vazia. — Mas que merda!

Eu custo a acreditar que ela foi embora, mas a menos que ela esteja brincando de esconde-esconde, ela se mandou. Raiva, uma raiva quase irracional. Vou ao interfone e chamo a portaria.

— Doutor Ribeiro, bom dia?

— Bom dia, Samuel. Uma mulher chegou comigo ontem, Cristine.

Loira, alta, vestindo uma blusa rosa, acho. Viu a que horas ela saiu? — É ridículo o papel a que estou me prestando, sei disso.

— Se foi a moça de bolsa arco-íris, senhor, saiu há uns quinze minutos em um táxi.

— Obrigado, Samuel!

Bato o interfone no gancho e tenho vontade de xingar a infeliz. O que diabos estava pensando ao sair assim? Puxo o ar, estranhando meu comportamento. Foi só uma transa, porra, uma muito boa, mas foi só isso. Se saiu assim, provavelmente é porque não queria conversa, nada além do que tivemos.

Com essa ideia na cabeça e um desgosto que não controlo, volto ao quarto, me enfiando embaixo do chuveiro. Talvez assim eu consiga controlar a ereção matinal dolorida de tesão por ela.

Não sou o tipo romântico ou que acorda no dia seguinte a uma boa foda querendo tomar café da manhã. Na verdade, nunca tive essa oportunidade, já que não durmo com ninguém há um bom tempo. É sempre só um momento de satisfação, muitas vezes chego a passar a noite, isso se for passar a noite fodendo com alguém. Agora, trazer uma mulher para o meu apartamento e deixar que passe a noite dormindo ao meu lado, isso não acontece há uns bons dez anos.

Prefiro algo impessoal, um motel, a casa da minha companhia, qualquer lugar, menos minha casa, meu espaço. E agora, após passar a noite com ela em meus braços, ressonando baixinho, a vontade que tenho é de ir atrás da mulher e trazê-la pelo braço de volta para minha cama e fodê-la com a força que não usei ontem. Ao contrário, foi diferente, foi sobre ela, como fiz questão de lhe dizer. Idiota! Fui idiota.

Eu realmente tinha tentado me convencer a deixar essa atração para lá após o episódio que ela viu no estacionamento, mas ontem, quando vi Victor saindo atrás dela, não segurei o impulso de ver aonde daria. Observei o cara dar em cima dela por horas, enquanto, sem jeito, Cristine ia se afastando para o canto da mesa e, quando lá fora ele a encurralou contra o carro, um sentimento de posse potente me atingiu, senti vontade de cortar fora a mão saliente do infeliz e percebi o tamanho do problema em que estava me metendo, mas continuei me afundando.

Seguro a base do meu pau dolorido, massageando e sentindo minhas bolas doerem. Merda, há quanto tempo não bato a porra de uma punheta? Inferno de mulher sorrateira. Com raiva, tesão e os pensamentos na infeliz, ainda sentindo o gosto da boceta salgada e succulenta, meu pau lateja e começo os movimentos de vai e vem, apertando e não demoro a gozar no azulejo, como um adolescente, me controlando para, no ápice, não chamar seu nome.

Ao inferno que irei atrás daquela feiticeira pedir explicações. Isso não. Ontem falei até demais e já está na hora de arrancar a mulher de mim. Chega, deixei esse desejo ir longe demais, já basta. Volto ao quarto enxugando meu cabelo com uma toalha de rosto e uma pequena peça branca de renda chama a minha atenção. Pego a calcinha jogada no chão e atiro sobre a cama, lembrando o momento em que a tirei dela.

Olho pela janela, o sol já está alto e bate no cavalete próximo à parede. Arregalo os olhos vendo que deixei à mostra o desenho que estampeei dela dias atrás. Será que ela viu? Espero que não. Caminho até a tela, onde desenhei seu rosto risonho e arranco o papel com brutalidade, rasgando um pedaço, e o amasso, jogando no lixo próximo, dando fim ao seu feitiço.



Estaciono o carro um pouco à frente do prédio, por não achar vaga mais próximo. Meu dia se arrastou ocioso, sem nada a fazer a não ser levar meu carro para a revisão e ver meus pais, ocasião em que, mais uma vez, minha mãe fez questão de frisar minha idade e falta de netos.

— Está me parecendo mal-humorado além do normal com esse vinco profundo no meio da testa, Guto. Problemas no hospital?

Cheguei ao sítio pouco antes do almoço e, após a refeição, ia seguir para a sala de estar, pois mamãe não me deixou ir embora. Dona Vera tinha um excelente poder de persuasão e ficou sentada no sofá à minha frente, fingindo folhear uma revista.

— Não, mãe, problema nenhum. E a pressão, tem controlado bem? — tentei fugir do assunto, mas acabei dando munição a ela.

— Nem tanto... acho que vou morrer e não terei o gosto de saber o que é ser avó. — Nesse momento meu pai, que estava na poltrona à frente, levantou os olhos do livro e me olhou, dando um meio sorriso. Eu revirei os olhos. — Já desisti de Arthur e, Deus, eu agradeço. Já imaginou Marina com uma criança? Seria um castigo para o bebê.

Sorri, ela tinha razão.

— Mamãe, pare de drama. A senhora não vai morrer tão cedo, foi só a pressão.

— Só a pressão. Tenho que te lembrar que já tem 35 anos, Augusto?

— E lá vamos nós. — Me sento e passo a mão no rosto olhando-a, divertido. — Acho que não está mesmo bem, mãe, está até confundindo minha idade. Estou no auge dos 33 e não pretendo ter filhos tão cedo, menos ainda uma mulher. — Ela bufou e deixou de lado a revista.

— E Cristine? Alice me disse que ela está trabalhando no hospital.

— Vera... — Meu pai até tentou controlar a língua de dona Vera.

— É uma ótima moça, filho... e parece uma boa mãe. E você já até brigou por ciúmes dela.

— Não briguei por ciúmes dela, mãe, e não quero falar sobre isso...

— Sei... já que brigou por *não* estar com ciúmes dela, poderia tentar alguma coisa. É uma mulher linda e está na hora de sossegar, Augusto, procurar alguém que consiga te fazer amar algo que não seja um bendito bisturi. Precisa viver, superar o luto. Isabel...

Me levantei do sofá quando esse nome foi lembrado, calçando o sapato, que estava ao lado, e sentindo raiva por ela ir por aquele caminho.

— Eu já vou indo, mãe. Está na minha hora.

— Filho....

— Já chega, mamãe. Não quero falar de Cristine, menos ainda de Isabel. Já pedi para deixar esse assunto de lado. Não estou de luto, simplesmente não quero ninguém.

Saí de lá logo depois. Minha mãe parece ter um sensor, uma

chantagista de primeira, Alice tem a quem puxar. Não devo precisar dizer que, mesmo antes de minha mãe falar dela, Cristine não me saía da cabeça e agora, contra o que tentei me convencer o dia todo, estou em frente à porta do seu apartamento. Eu esperei uma ligação, uma mensagem qualquer explicando por que tinha sumido daquele jeito. E conforme o dia foi passando, fiquei ainda mais puto quando nenhum sinal veio.

Já em casa, sozinho, segui inquieto e cogitei ligar para ela, mas não o fiz. Me dei conta de que esquecer a noite que tivemos, o sorriso fácil e as covinhas bonitas que aparecem quando sorrir não era uma opção e vim acabar logo com isso. Isso mesmo, vim propor algo mais, um relacionamento, talvez, qualquer coisa que faça com que não fuja mais de mim daquela forma.

Antes de tocar a campainha, ouço uma melodia ecoar de dentro do apartamento e encosto o ouvido na porta, me certificando de que é o som de um piano. Giro à maçaneta e a porta se abre, me dando um vislumbre dela. Entro silencioso e observo a cena à minha frente, a mulher que hoje me tirou o sossego e que nem se deu conta disso.

Cristine está ao piano, tocando uma bela melodia, de olhos fechados e uma expressão de tristeza. Me encosto na parede oposta a ela e a observo, sentindo meu coração retumbar o peito, nervoso. Seu cheiro suave está impregnado na sala e inspiro fundo, gostando da sensação que isso me dá. A música é tocada com emoção enquanto ela se move ao som lento de *The Story*.

Cristine suspira fundo ao terminar os últimos acordes da música, abrindo os olhos com lentidão e eu poderia dizer que estão lacrimosos quando focam em mim. Vejo o susto preencher suas feições, sua boca se abrindo e fechando sem dizer uma palavra e suas bochechas tomando um rubor violento.

— Uma bela melodia e você toca divinamente bem — elogio e sou traído por meu timbre de voz.

— Augusto, eu só preciso... — ela tenta, mas eu não a deixo terminar a frase.

— Precisa do que, Cristine? Que tal começar a explicar o porquê de sair da minha cama e da minha casa às escondidas, como uma fugitiva? — Não era para ser bem assim, mas deixo minha decepção sair sem conseguir

controlar a cobrança.

— Eu... — Vejo-a tentar balbuciar algo, sem formular direito uma palavra até tomar fôlego e parecer explodir. — Admita que eu lhe fiz um favor, não tinha por que esperar.

— Não tinha? — Exaspero-me e me aproximo de onde está sentada atrás do piano, me irritando ao lembrar que sempre tenta interpretar o que passa pela cabeça de outros. — É incrível essa mania que tem de prever o futuro, Cristine, e seria válida, se não estivesse errada o tempo todo.

Cristine comprime os lábios em linha reta e parece que eu a atingi.

— Me desculpe se feri o seu ego gigantesco, Augusto, não foi minha intenção, senhor... — zomba e sorri com sarcasmo. Ela consegue me tirar do sério.

Aperto meus os olhos e comprimo a mandíbula, passando a mão no cabelo com rispidez, perdendo a paciência.

— Acha que feriu o meu ego? Acha que vim até aqui por causa de uma porcaria de ego ferido? Você não feriu o meu ego, sua diaba teimosa, você me deixou furioso, com vontade de vir aqui e te arrastar de volta a força, de onde não deveria ter...

— Ah, vai me dizer o quê? — ela praticamente grita e marcha em minha direção. — Que esperava me encontrar ao teu lado na cama ao acordar pra tomarmos café da manhã juntinhos, como um casal feliz? Pelo amor de Deus, Augusto, conta outra.

— E se fosse? — Não era assim que eu esperava que tivéssemos essa conversa, não mesmo, e o que digo a tira do eixo por um momento. Cristine me olha, confusa, e balança a cabeça em negativa. — Você está ferrando a minha cabeça, Cristine, está ferrando com o meu juízo — quase sussurro e ela me encara.

— Como é?

— Você, sua diaba. Está conseguindo ferrar a minha cabeça. Porra! Eu nem ao menos tinha o controle de mim ontem à noite quando, por pura estupidez, fui mais uma vez atrás de você. Eu estou sem controle algum agora. — Faço confusão com as palavras e a deixo desnorteada com meu rompante. A coisa está saindo muito pior do que eu imaginava.

— Pare. Não piore as coisas vindo aqui e me confundindo assim — fala, balançando o dedo magro em frente ao meu rosto.

Não levo jeito com pessoas, menos ainda para colocar para fora sentimentos, mas quero essa mulher, isso eu já não posso negar a mim mesmo.

— Eu não quero um relacionamento com ninguém. Há muito, muito tempo que nem ao menos sei o que é isso. O problema é que agora eu quero e é com você. — Respiro fundo antes de continuar: — Eu sei que você disse que não quer se envolver e, depois de sair como saiu hoje do meu apartamento, só um louco viria até aqui. E talvez estivesse certa ao sair mais cedo achando que me pouparia o trabalho, só que não se trata mais do que eu achava que queria ou fazia. Porque agora eu quero você, Cristine, eu preciso de você.

A mulher paralisa me encarando de olhos arregalados, sem parecer que pretende falar qualquer coisa e espero feito um palhaço, sentido o coração bater com força, minhas mãos suando em expectativa como um adolescente cagão.

— Não vai dizer nada? — pergunto e começo a me achar mais uma vez um idiota. — Pelo amor de Deus, mulher, não me faça fazer papel de palhaço no meio da sua sala.

— Eu não sei o que dizer, quer dizer... o que você espera de mim exatamente, Augusto?

E não poderia ficar pior, pois nem mesmo eu sei o que quero e espero. Quero curtir o momento, ter mais da noite de ontem, mas a mulher tem uma filha. Ela disse, dias atrás, que não queria se prender e isso me leva a achar que Cristine não é alguém para curtir, sei disso.

— Eu quero você. Cacete! Eu quero você, Cristine, e se vem com algumas responsabilidades a mais, tudo bem. O que quero dizer é que estou gostando de você e isso está começando a me assustar, a me deixar amedrontado com a intensidade dos sentimentos — falo e me decepciono ao vê-la sorrir. Sorrir de mim.

— Esse é o seu jeito de me pedir em namoro, é isso? — Cristine agora sorri abertamente. — Pois, se for, eu devo dizer que você é bem desengonçado com as palavras.

— Agora está zombando de mim, é isso? — falo e penso que isso não vai dar em nada. Dou-lhe as costas, decidido a ir embora.

— Já que veio até aqui, deveria ouvir a resposta. Isso é, se o que realmente estava tentando dizer é que quer tentar um relacionamento.

Paro o movimento e espero sua negação, tendo cada músculo do meu corpo tenso.

— Eu aceito — fala rápido e me viro, vendo-a tentar controlar o riso. — Quero tentar. — Parece sincera e se aproxima, praticamente colando seu corpo ao meu. — Mas tenho uma condição.

Meu estômago parece esfriar e um pequeno sorriso me escapa.

— Sério? E qual seria? — Entro no jogo e me aproveito da nossa proximidade para enlaçar sua cintura.

— Tem que conviver com Bruno e tentar ser amigo dele.

Faço uma careta para essa condição. Não tem nem uma semana que estava trocando socos com o tal capitão.

— Tem mais alguma?

— Eu não divido, Augusto, nada de relacionamentos abertos ou algo do tipo. A loira do estacionamento? Pode esquecer.

Agora sou eu a sorrir e gosto de como se importa.

— Também não divido, Cristine. Quanto a Patrícia, não era nada sério e naquele dia não aconteceu nada além do que viu no estacionamento.

E é verdade, nada aconteceu. Cheguei ao hospital naquele dia e dei de cara com Patrícia, que me cobrou não ter aparecido em seu apartamento naquela semana. A marca de batom foi um incidente, provavelmente deixado quando a mulher se encostou para falar uma safadeza em meu ouvido.

— Algo mais? — pergunto, encostando meu nariz ao seu.

— Basicamente é isso.

— E podemos negociar a primeira?

— Não, não podemos — fala, colocando seus braços em torno do meu pescoço, afundando as mãos delicadas em meus cabelos.

— Acho que posso tentar, não deve ser tão difícil assim, não é? — falo ao seu ouvido, dando um beijo em seu ombro e a sinto entregue em meus

braços.

— Augusto, eu tenho um passado do qual não gosto... hum... — Geme com a mordida que dou em sua orelha e seu passado pouco me importa agora.

— Não quero saber do seu passado, Cristine, quero o seu presente. É só o que me interessa. — Tomo seus lábios de forma possessiva, reclamando-a para mim, e ela se esfrega em meu corpo. — Me viciou em seu gosto — falo, olhando-a por alguns instantes e a intensidade que vejo me fascina. Puxo a mulher em direção ao corredor, sem nenhuma cerimônia, preciso dela. — Qual deles?

— Qual deles o quê? — fala, aturdida.

— Seu quarto, qual das três portas?

— O que pensa que vai fazer, Augusto?

— Eu não estou pensando, Cristine. Acredite, desde que te conheci, não penso com clareza. Eu te desejo, te desejo tanto que me assusta e eu preciso de você, agora.

— A segunda, mas... — responde e a beijo, sem deixar que termine sua fala.

Abro a porta que me indica atacando sua boca em um beijo molhado e apertando-a contra mim. Cristine se entrega sem reservas ou pudor e amo isso nela, sua entrega e paixão. Talvez isso tenha terminado de me arrebatar ontem à noite, me deixando de quatro pela mulher. Eu a empurro contra a cama e me livro da camisa, jogando-a no chão e tirando minha calça, vendo-a sorrir da minha pressa e olhar meu pau já ereto, pronto para ela.

Cubro seu corpo com o meu, tirando sua blusa e sentindo sua pele na minha. Quero venerar seu corpo, amá-la de forma intensa, bruta até.

— Augusto! — chama e puxa meu rosto em sua direção. — Eu estou... hum, naqueles dias. — Vejo a vergonha estampar seu rosto e sorriso, me colocando ao seu lado no colchão e tentando controlar o tesão em meu corpo. — Desculpe.

— Tá pedindo desculpas pelas paredes do seu útero se desmancharem? — pergunto, puxando-a para mim, olhando os seios empinados e perfeitos enquanto a abraço.

— Acho que sim...

— Está com cólicas?

— Não, não sinto cólicas.

— Bom, ao menos descobri ontem que seu cheiro acalma meu sono. Prevejo uma noite bem dormida.

— Sério? Vai ficar? — pergunta, levantando o rosto e me olhando. A vontade de ficar apenas para tê-la em meus braços surpreende até a mim.

Talvez eu devesse dizer que estar menstruada em nada me atrapalharia caso ela quisesse transar, mas talvez esse ainda não seja o momento, ou esse seja o momento de mostrar que é algo mais para mim e que isso não me faria ir para casa.

— Com toda certeza — afirmo e seguro seu rosto, tomando sua boca com desejo.

Cristine geme e monta no meu pau, o jeans do *short* atrapalhando o contato. Ela me beija com urgência, seguindo para meu pescoço e descendo por meu tórax. A mulher passa a língua molhada por meu abdômen, mordendo minha barriga e segura meu pau na mão pequena, abocanhando com gula.

— Cacete... — rosno entredentes.

Ela tira meu pau da boca e sorri, voltando a sugá-lo e lamber toda a extensão, apertando a glândula com os lábios e me deixando sem nenhum controle. Gemo, rouco, com a pressão gostosa que faz, ao mesmo tempo em que me masturba com a mão.

— Se continuar assim, não vou aguentar muito tempo — falo entredentes, segurando o gozo.

A mulher não tem intenção de parar e massageia minhas bolas de forma delicada, dando pressão. Seguro firme seu cabelo me entregando ao prazer que ela me proporciona.

Jorro porra na boca quente e molhada, gostosa *pra* caralho, e Cristine não para, engolindo meu gozo e quase se engasgando, me dando a visão mais erótica que já pude ter ao sorrir, ainda movimentando sua mão com deleite.

— Você ainda vai me enlouquecer...



*A palavra contentamento nunca
fez tanto sentido...*

Maravilhosa. Maravilhosa seria a palavra que eu usaria caso me perguntassem como foi minha noite. Augusto foi o que eu chamaria de perfeito, amoroso até, e ele me venerou, mesmo que não fizéssemos sexo de fato. Enquanto nos tocávamos e nos beijávamos, ele me olhava como se eu fosse o ser mais precioso da terra, como se eu fosse algo único no mundo e ver seus olhos brilharem ao me olhar fez com que eu me sentisse a mulher mais linda e amada do mundo. Seria cedo para usar a palavra amada? Mas foi exatamente assim que me senti: amada.

Para depois sentir repulsa de mim mesma, repulsa por tudo que representei e ainda represento. Não posso continuar me machucando assim, não posso continuar escondendo tantos segredos. Se quero me livrar desse peso em minhas costas, terei de contar a ele mesmo que, no fim, isso me custe esse relacionamento.

Sinto beijos em meu pescoço, que fazem todos os meus pelinhos se eriçarem, e mordo o lábio inferior, tentando conter um gemido de pura satisfação. Sou virada na cama e sinto seu corpo comprimir o meu, em meio a beijos e pequenas mordidas no pescoço. Mas, ao contrário de mim, que acordei apenas de calcinha, Augusto está completamente vestido.

— Bom dia... — Ao falar, ele tem em seu rosto um sorriso zombeteiro, alegre.

— Bom dia! — respondo manhosa, ainda com a voz rouca de sono.

Como o esperado, não dormimos quase nada à noite, o que me leva a perguntar o porquê de Augusto parecer tão bem, assim logo cedo. A não ser que...

— Meu Deus! Que horas são, Augusto? — pergunto sobressaltada, lembrando de Cathe, que dormiu na casa da vizinha, tendo sua primeira festa do pijama.

— Ei, calma, ainda não são 8h. Tem algum compromisso? — Gemo quando ele mordisca minha orelha, sentindo o meu corpo se acalmar.

— Não, nenhum. Só tenho que buscar Cathe, ela passou a noite na casa de uma amiguinha.

— Por falar nela, já pensou no que vai dizer?

Eu ainda não tinha pensado nisso e fica ainda mais difícil me concentrar, quando tenho Augusto distribuindo beijos em meu pescoço.

— Não, bem... eu não sei como contar ainda, mas darei um jeito.

— Acho bom, porque eu falei sério quando disse que quero você por completo, Cristine, e isso inclui Catherine.

Meu coração parece querer sair do peito com o que diz, me sento na cama cobrindo meu corpo com o lençol e encarando-o. Não vou ter para onde correr e é melhor falar de uma vez.

— Augusto, eu preciso conversar com você e isso não pode esperar...

— Sinto muito, Cristine, pode ficar para mais tarde? Eu tenho que ir para o hospital, mas à noite passo aqui e prometo lhe dar total atenção. — Falando isso, ele puxa o lençol de mim e abocanha meu seio, me pegando desprevenida e me fazendo arquejar. Depois beija meus lábios e se levanta. — Eu tenho que ir agora.

— Tudo bem, bom trabalho e até mais tarde — falo me sentindo vencida.

Ele roça seus lábios nos meus mais uma vez, me fazendo suspirar e pensar no quanto posso me acostumar com isso.

Fico olhando sua postura confiante enquanto sai do quarto. Aqui, sozinha, um filme passa em minha cabeça e tudo agora parece surreal. Sinto uma inquietação tomar conta de mim quando um milhão de possibilidades me assaltam. Confesso que algumas são meio surreais, mas minha mente continua a criar situações que me causam arrepios.

Augusto não me parece o tipo de homem que aceita fácil um passado como o meu e isso, no momento, me corrói por dentro. Eu deveria ter contado, claro, eu sei disso. Me livrar desse peso e de um relacionamento que mal começou e já está fadado ao fracasso. Me vejo levantar da cama e correr para o banheiro em busca de ir aonde posso me acalmar.

Saio minutos depois, me troco, colocando um vestido rodado, e, ainda descalça, vou em direção à casa de Bruno. Bato em sua porta sem me importar que esteja com alguém ou que esteja dormindo depois de trabalhar à noite. Hoje serei egoísta, pois preciso dele. Após bater algumas vezes e tocar a campainha, Bruno abre a porta e eu entro como um foguete.

Sinto o perfume doce de mulher assim que entro. A julgar pela cara amassada de Bruno e pelo fato de estar apenas de cueca, posso imaginar que tem companhia.

— Bom dia pra você também, loira.

— Eu preciso de você e é urgente.

— Espera só um momento. — Ele me dá as costas, oferecendo um belo vislumbre do dragão tatuado nelas, uma verdadeira obra de arte.

Sento e me levanto do sofá pelo menos umas três vezes. Não aguentando mais esperar, vou para cozinha e começo a preparar o café, enquanto meus pensamentos então bem longe daqui. Ouço vozes vindo da sala e espio, vendo uma morena linda se despedindo dele. Bruno agora está de bermuda jeans e uma regata e, depois de fechar a porta, já sentindo o cheiro do café, ele vem para a cozinha, se sentando em um banquinho perto do balcão onde deposito duas xícaras e as abasteço com o líquido fumegante.

— Desculpa atrapalhar.

— Sabe que não atrapalha nunca. — Ele puxa minha mão e deposita um beijo em meu pulso. — Mas o que quer, meu bem? Por que tanta pressa?

— Bem, aconteceu algumas coisas essa semana e ... eu vou logo direto

ao ponto. Eu encontrei com Augusto e acabamos...

— Acabaram?

— Nós transamos. Foi isso, nós transamos. — Ele não parece surpreso com minha declaração e, tentando disfarçar meu desconforto, tomo um gole de café. — E depois..., digo, no outro dia, eu fui embora sem me despedir dele, o que o deixou possesso de raiva e ontem ele veio atrás de mim, me pediu em namoro, se é que aquilo pode ser considerado um pedido...

— Cristine, vá direto ao ponto — Bruno fala com calma.

— Eu estou em pânico, é isso. Pra completar, tem a família dele... — Bruno parece ponderar por algum tempo, até pousar calmamente a xícara na bancada e me olhar.

— Isso é bom — fala por fim.

— É?

— Sim, caso ele queira te apresentar pra família, quer dizer que ele quer algo sério com você. Mas ainda não entendi por que está em pânico.

— O pai dele, Bruno. O pai dele é o dr. Otávio. — A compreensão vem ao rosto dele. — Sem falar que ele pode descobrir que eu... bem...

— Não precisa falar. — Sua expressão se endurece quando penso em tocar no assunto. — Cristine, sobre o dr. Otávio, pensa bem. Por que ele falaria algo? Ele prometeu nunca contar, não foi? Sem falar que, se isso vazar, a carreira dele também correrá riscos, certo? — Apenas confirmo com a cabeça. — E sobre o seu passado, é exatamente esse o ponto, Crisy, é passado. O doutorzinho não tem que te cobrar nada, afinal você não faz mais isso, vocês se conheceram depois. Sem falar que ele não tem como descobrir, Cristine.

— Mas e se descobrir?

— Se acontecer e ele for louco de não te querer, é porque ele não te merece, meu bem. — Ele fala e segura sutilmente minha mão. — Não deixa esse medo bobo atrapalhar, Cristine, a chance de isso acontecer é de 1%, quase nula. Fique tranquila e curta o seu novo relacionamento.

— Está bem quanto a isso?

— Ele não é o homem que imaginei que te mereceria, mas, sim, estou bem com isso. Eu só quero te ver feliz, Cristine, e se o doutorzinho é o

responsável por esse brilho em seus olhos, eu fico satisfeito. E não sou eu que tenho que escolher, ainda mais que parece que me enganei em relação a ele... — Me levanto e, sem pensar, abraço Bruno, sentido um nó na garganta e um certo alívio.

— Obrigada.

— Não agradeça, estou aqui por você.

— Sempre estive e obrigada por isso. Tenho que ir, vou pegar Cathe. Almoça com a gente?

— Claro que sim e avisa ao doutorzinho que, se ele te machucar, quebro a cara dele. — Não consigo não rir do que fala, mesmo sabendo que é sério.

— Tchau e até daqui a pouco.

— Tchau, loira, e quero lasanha.

Saio do apartamento dele com um sorriso no rosto, me sentindo mais leve, mais confiante até. Ele tem esse poder, o poder de me acalmar, de me fazer bem, de me fazer correr para ele sempre que algo dá errado. E sim, ele sempre esteve lá, sempre me acolheu fazendo-me sentir que não estava sozinha, que tinha com quem contar todo o tempo e isso sempre foi meu alicerce de certa forma.

Vou para o apartamento de Samantha para pegar Cathe e, assim que aperto a campainha, a porta é aberta por Sara, que me dá um sorriso singelo. Não me demoro. Após Samantha me dizer que Cathe passou bem à noite, eu vou embora com minha pequena.

— Que tal um banho?

— Eu estou limpa, mamãe.

Sorrio enquanto andamos pelo corredor com ela balançando sua mão.

— É que vamos ao mercado, tem que tomar banho e trocar de roupa.

— Vamos comprar chocolate?

— Muito esperta, mas não. Não vamos comprar chocolate.

— Só *unzinho*, mamãe. Eu como depois de almoçar e almoço bem *muitão*.

— Sei... posso pensar, se a senhorita tomar banho sem reclamar.

— Tá bom, mamãe.

O tempo todo enquanto a arrumo não deixo de pensar em minha conversa com Bruno e lhe dar razão. De certa forma, ele está certo. Já faz algum tempo que abandonei tudo que mais me afligiu no passado e não tenho por que trazer isso de volta.

Ele mesmo disse que não quer meu passado, que quer apenas o meu presente e é exatamente isso o que darei a ele, pelo tempo que durar. Mal começamos, mal nos conhecemos, não preciso fazer todo esse alvoroço. O passado estou enterrando hoje com todas as lembranças que me dão pesadelos, com toda sujeira, todo o remorso. E decido que, a partir de hoje, farei o que sempre fui aconselhada. Viver o presente e me esquecer completamente de vez do passado.

Só tem uma coisa que estou decidida a contar: é sobre Cathe. Mas não preciso entrar nesse assunto agora. Primeiro, quero ver aonde pretendemos chegar com esse relacionamento e, quando me sentir confiante, contarei a ele. Só espero que ele tenha compreensão, é só o que espero. Afinal, situações desesperadas pedem medidas mais desesperadas ainda e foi o que fiz. Sem arrependimento algum.

— Pronta, mamãe?

E aqui está ela. A razão do meu viver, a razão de nunca ter desistido de lutar, de me levantar todos os dias desde que perdi tudo, desde que me tiraram o chão. Quando olho em seus olhos é que tenho a certeza de que nunca poderia ser mais completa que agora. Que não há no mundo melhor som do que ouvir a palavra "mamãe" saindo de seus pequenos lábios tão parecidos com os meus. Enchendo cada canto de mim com a mais pura felicidade.

— Tá chorando, mãe? É por causa da saudade? — Puxo Cathe para meus braços e a aperto cheirando seus cabelos.

— Não, amor da mamãe, dessa vez a mamãe tá chorando de felicidade e porque te ama muito. — Ela então me olha e sorri.

— Eu também te amo, mãe, mas não quero chorar não. — Suas palavras me fazem gargalhar e a pego de surpresa, enquanto faço cosquinhas em sua barriga.

— Agora vamos, sua sapeca, pois temos um almoço pra fazer.

— Hum rum e eu vou te ajudar, mãe, aí a senhora diz pro tio Bruno que fui eu que fiz tudo sozinha.

— Hum... deixa eu pensar.... Talvez, se eu ganhar um beijo.

Ela sem esforço nenhum estala beijos por meu rosto e, quando me dou por satisfeita, saímos de casa. Não deixo de pensar que, apesar de tudo, fui agraciada por Deus por ter Cathe ao meu lado, que foi a responsável por acalantar parte dos meus dias e meu coração.



***Estar com alguém que tanto
almeja pode ser a remissão da qual
uma alma perdida tanto precisa...***

*Wise men say, only fools rush in
Homens sábios dizem que só os tolos se entregam
But I can't help, falling in love with you
Mas eu não consigo evitar de me apaixonar por você
Shall I stay? Would it be a sin
Devo ficar? Seria um pecado?
If I can't help, falling in love with you?
Se eu não consigo evitar de me apaixonar por você?"
(Elvis Presley)*

É o que cantarolo na cirurgia, depois de uma noite em que passei preso no hospital. A música de Elvis parece estar presa em minha cabeça desde que saí da casa de Cristine pela manhã de ontem, lhe prometendo voltar à noite. Infelizmente já quase amanhece lá fora e eu nem ao menos consegui sair da sala de cirurgia.

Nesse meio tempo, percebo que os sentimentos a respeito dela ainda são contraditórios para mim. A questão é que eu gostei e estou gostando muito da ideia de um relacionamento. Algo aquece meu peito desde que saí de sua casa, um reconhecimento de satisfação por tê-la em minha vida.

Levanto o olhar para ver minha auxiliar ao indicar que irei fechar — uma senhora na faixa dos cinquenta anos, que me olha incrédula. Me dou conta de que parei de cantar a música apenas em minha cabeça e passo a cantá-la em alto e bom som, fazendo os demais me olharem e não apenas ela. É constrangedor. Sorrio por baixo da máscara e volto minha atenção ao último ponto a ser dado na coluna recém operada. Logo depois entrego a paciente ao residente do caso.

— Monitore o paciente e qualquer coisa me chame.

— Sim, senhor. — Miguel tira o avental e me chama quando estou prestes a deixar a sala. — Está tudo bem, doutor?

— Melhor impossível... *Wise men say, only fools rush in.* — Sorrio e volto a cantar, saindo da sala e me livrando da touca cirúrgica.

Hoje todos resolveram me perguntar se estou bem, presumo que seja o fato de estar rindo feito um idiota e agora cantando em sala de cirurgia. Que fique claro que isso nunca me aconteceu antes e não vai se repetir. Tenho uma reputação a zelar.

Já é de manhã quando saio da sala e sinto o cansaço cobrar seu preço, os ombros ardem pelo esforço e minhas pernas latejarem por eu estar em pé há horas. Na correria, ao menos pude avisá-la que tive que passar a noite no hospital. Decido então tomar um café e esperá-la chegar, pois não vou esperar até à noite para vê-la e nem poderia. Encontro Eric, pediatra do hospital, e, depois de pegar um café, me junto a ele na mesa do refeitório.

— Parece que teve uma noite difícil, Augusto.

— Nada muito sério, mas cansativo. — Passo a mão no rosto tentando amenizar o cansaço e desconforto pelo corpo, sem ter muito sucesso.

— Cara, vai pra casa. Sabe que tem vida além disso aqui?

Olha quem fala, o fanático do hospital. Um ótimo pediatra por sinal, na casa dos seus 36 anos, magro, alto e de cabelos claros.

— Estou esperando uma pessoa, a essa hora já deve estar chegando.

— Hum... — Seu tom é de deboche. — E quem é a congratulada da vez?

— Cristine, não que seja da sua conta — brinco e ele parece pensar por um momento, enquanto tomo meu café.

— Ei! A loira gostosa? A nova fisioterapeuta? Cara... — Assobia o filho da puta, não fazendo ideia da encrenca em que está se metendo.

— Conserta essa cara de babão, Eric, antes que eu conserte para você.

— Wou. Me desculpa, espera aí, Augusto... A coisa é séria? Digo, séria mesmo? — Me levanto, mas não perco o grande interesse de Eric por Cristine e quem poderia culpá-lo?

— Sim, Eric, e quando se referir a ela da próxima vez, tenha mais respeito. — Saio da mesa sentindo vontade de voltar e esmurrar a cara do pervertido só por dar adjetivos a ela.

Loira gostosa, é muito gostosa, mas agora é minha!

E como se tivesse sido invocada por pensamentos, assim que cruzo a recepção, eu a vejo. Linda na sua mais perfeita simplicidade, como sempre é. Sinto o peito esquentar com o reconhecimento e algo mais, que não quero definir no momento. Sem pressa, a sigo, vendo-a entrar na ala fisioterápica. Procuro o pequeno cômodo em que entrou e me deparo com a mulher que ocupou minha mente o dia todo.

Ela está de costas para mim, enquanto guarda sua bolsa no armário de um dos quartos de atendimento, me dando um belo vislumbre de sua bunda arrebitada e acordando inconscientemente meu amigo aqui embaixo. Me aproximo sem fazer barulho, conseguindo já sentir seu cheiro e, ao se virar, ela salta no lugar soltando um gritinho fino, me fazendo rir enquanto a envolvo em meus braços.

— Meu Deus! Não faça mais isso, Augusto — pergunta e me olha, cética. — Mas o que pensa que está fazendo?

Levanto uma sobrancelha para ela, uma expressão interrogativa.

— Bom. Eu não tenho muita experiência com essa coisa toda de namoro, mas acredito que é certo dar um beijo na namorada pela manhã. Me corrija, se estiver errado... — falo com diversão fitando os olhos bonitos e vendo-a sorrir. E é o riso mais lindo que já pude ver na vida.

— Estamos no trabalho, Augusto.

Ignoro suas palavras e beijo seus lábios rosados. Lento, preguiçoso, podendo sentir o seu sabor único à vontade, até que me afasto e limpo o canto de sua boca por conta do batom borrado.

— Eu sei, mas não me contive. — Levo o nariz à curva do seu pescoço e lhe faço um carinho ali, na pele macia atrás de sua orelha, sentindo sua pele arrepiar com meu toque.

— Não sabia que vinha trabalhar hoje e me deu um bolo ontem — fala em meio a um gemidinho delicioso.

— Não vim, na verdade, nem saí para ser franco.

Ela se afasta e me olha.

— Acho que deveria estar em casa descansando, então.

— Farei isso, mas estava te esperando primeiro. — O sorriso que ela me dá é genuíno e minha vontade é de registrar o momento. Guardar esse sorriso para mim, só para mim, e me pergunto o que está acontecendo comigo. Diaba feiticeira. — E tenho que falar que irei viajar, volto em três, quatro dias no máximo.

— Sério? — Ela aperta um beicinho que me faz ter vontade de morder.

— Sim, já começamos a atender o paciente dias atrás, agora vamos operar e, quando voltar, quem sabe podemos marcar um almoço com meus pais. — Ela arregala os olhos e fica calada por alguns instantes.

— Não acha cedo?

Pode ser cedo, porém, posso me livrar do escrutínio de dona Vera e, se é para ser sério...

— Cristine... Ah, doutor Ribeiro.

Uma moça morena entra na sala sem antes bater, fazendo Cristine se afastar de mim com uma expressão envergonhada. Reconheço como sendo a mesma mulher que estava com ela no bar no dia em que a levei para minha casa.

— Eu vou indo, nos falamos mais tarde. — Vou até ela e a beijo, sem me importar com a expressão de surpresa com que me olha, ou com a nossa mais nova companhia, deixando-a de bochechas rosadas.

Saio em seguida acenando para a moça em pé perto da porta, sentindo a frustração dessa viagem chegar, me deixando preocupado. A semana vai ser longa e difícil...



Os últimos cinco dias foram longos e infernais. Paciente com um tumor extremamente difícil, de temperamento pior ainda. Uma equipe estranha, de merda e, para completar, perdemos o paciente quando já tínhamos tirado a porcaria do tumor. Inferno, inferno!

Eu não deveria ter pegado o caso, agora bem sei. Era um caso praticamente perdido, sem falar que, mesmo conseguindo me livrar do tumor, ainda tinha os riscos do paciente ficar cego, sem memória, sem personalidade, enfim... Mas o infeliz era médico, sabia dos riscos e, pior, sabia da minha fama em casos difíceis. Algo que já começa a me cansar. Sou muito bom no que faço, mas isso não me impediu de perder uma vida hoje.

Alguns dizem que tenho síndrome de Deus, mas não é isso. Claro, você entra porque quer, querendo dar ao paciente uma chance que outros médicos negaram, querendo ir além, apenas dar aquela pessoa, que tem uma vida e pessoas que, por vezes, dependem dele, mais uma chance, esperança, algo no que acreditar. Talvez seja realmente errado, ou eu tenha um ego realmente gigante como já me disseram, mas costumo pensar que lutar pela vida em uma sala de cirurgia é melhor do que apenas esperar a morte.

Eu simplesmente não consigo mandar o paciente para casa e lhe dizer que seu futuro é a morte certa. E é claro que sabemos os riscos, sabemos exatamente quais são os riscos e, mesmo assim, pulamos de cabeça. Às vezes, saímos ilesos, mas por vezes batemos a cabeça no concreto e é assim que me sinto hoje. Tento me convencer e me livrar da culpa, dizendo a mim mesmo que o paciente sabia dos riscos. Pior, o infeliz era médico, droga...

E mesmo assim é inútil.

Me sinto incapaz, frustrado, impotente. Perdi uma vida, uma grande perda no meio da medicina, o que só piora a situação. Como se já não fosse o

bastante, minha consciência me lembra, logo agora, de todos os casos que já perdi. Cada um deles vem com um peso diferente em minhas costas e a sensação se torna insuportável. Quem diz que, com o tempo, o médico se acostuma com a morte nunca segurou um bisturi na mão ou teve a vida de alguém dependendo de você.

Em meio ao turbilhão que me arrebatava, só um rosto, um sorriso, uma pessoa vem em minha cabeça como um sopro de ar. Cristine, a minha diaba de língua solta. Sim. Minha, pois já não aceito algo diferente disso. Saio do aeroporto com um destino certo, sem me importar com a hora. Eu preciso dela, ao menos ouvir sua voz, ou ver seu sorriso. Inferno, como eu preciso dela.

Jogo a bolsa de qualquer jeito no banco do passageiro e entro na picape, dando partida e saindo em seguida. No peito, sensações se misturam, desejo, ansiedade, saudade e impaciência. Nesses últimos dias não temos nos falado muito, o que me deixa ainda mais apreensivo com sua recepção. Talvez eu devesse deixar para vê-la com calma amanhã, mas só de pensar nisso algo aperta minhas entranhas.

Estaciono minutos depois um pouco torto na vaga e, sem ligar para isso, desço batendo a porta em seguida. Subo os degraus da entrada e por sorte o elevador está no andar. A porcaria de lata velha parece zombar do meu desespero quando sobe como uma lesma, parando em alguns andares sem ter absolutamente ninguém. Assim que as portas se abrem no quarto andar, saio, indo até a sua porta. Penso em bater e tocar a campainha sem parar, mas me contenho ao lembrar da pequena que, com certeza, à 1h da manhã, deve estar dormindo.

Primeiro, ligo em seu celular e nada. Toco a campainha e espero, toco novamente e, antes que toque uma terceira vez, a porta se abre. Aqui, agora, parece que todo o cansaço dos últimos dias desaparece só de olhar seu rosto. Cristine tem cara de sono e me olha assustada, indo de mim para a bolsa em minha mão, vestindo apenas um robe rosa desbotado.

Ela dá um passo em minha direção e, antes que eu perceba sua intenção, Cristine pula em meus braços, que a circulam automaticamente, enquanto ela enrosca suas pernas em minha cintura, me dando um beijo quente, ansioso, molhado e excitante, deixando alerta cada parte da minha

anatomia.

Meu corpo está rendido a ela e, quando o cheiro de rosas de seu cabelo encontra minhas narinas, me sinto perdido, perdido nela, em cada pedaço seu. Sinto seus dedos enroscando em meu cabelo e entro com ela ainda em mim, fechando a porta com o pé, indo direto para seu quarto. Cristine geme em minha boca, quando sente minha ereção em seu ventre, me fazendo grunhir em resposta.

Assim que entro, eu a preno na parede ao lado da porta e olho-a profundamente, inalando cada pedaço dela e reafirmo o quanto eu preciso disso, o quanto desejo estar com ela. E é inconcebível a confusão que isso me causa. Duas transas, não mais que isso, e tudo o que quis nos últimos dias foi tê-la exatamente assim, em meus braços. Me pergunto por um breve momento como posso sentir tanta falta de algo que tenho há tão pouco tempo.

— Acho que preciso viajar mais vezes — brinco, mas ela não ri.

— Nem pense nisso, Augusto, e falo sério. Agora preciso de você. — E volta a me beijar mostrando toda a sua necessidade, igual ao que sinto com sofreguidão.

Cristine serpenteia as mãos por minha camisa e a tira sem esforço, enquanto afasto o robe de seus ombros, contemplando seus seios, sentindo um desejo primitivo ao constatar que ela é minha. E é com esse sentimento de posse que a deposito na cama contemplando sua nudez, sua pele pálida e toda a sua beleza que, desde o primeiro dia, me chamou a atenção. Todos os dias em que estive longe minha vontade era de estar com ela, dentro dela, me livrando de toda a merda fodida dos últimos dias. Mas agora só quero venerá-la, contemplar cada pedacinho seu com cuidado e, para ser sincero, amá-la.

Olha a merda que dei para pensar. Nunca fui assim, nunca senti algo parecido nem mesmo por... Declino do pensamento, não posso e não quero ir por esse caminho.

Calmamente, negando tudo o que grita em mim para tomá-la com pressa e brutalidade, seguro seu tornozelo e trago-o aos meus lábios fazendo-lhe carícias nos dedos, pés e panturrilhas, vagorosamente. Ela se contorce, fechando os olhos e absorvendo o momento.

Cristine não veste nada, o que me dá livre acesso ao seu corpo e, principalmente, à carne vermelha, escondida entre suas dobras. Meu pau

lateja, preso dentro do jeans, e, caindo de boca, como alguém privado de água há dias, abocanho sua boceta já encharcada, olhando-a fixamente enquanto ela se contorce e me olha de assalto.

— Augusto, isso...

Seu gosto é o melhor que já provei, seu cheiro é único e o desejo latente pulsa em mim, me levando ao limite do controle. Massageio sua entrada molhada com os dedos, introduzindo-os aos poucos e ouvindo-a choramingar baixo, chorosa e pedindo por mais. Levo a outra mão ao seu peito e aperto o bico rígido, sentindo-a estremecer enquanto a fodo com minha língua, bebendo sua excitação.

— Por favor, Augusto... ah... por favor... — Paro com meu ataque e olho para ela, não controlando o sorriso ao vê-la vermelha e ofegante, enquanto sinto seu líquido escorrer por meus dedos, que suas paredes moem aos poucos.

— Diga, Cristine, diga para mim o que quer. — Mordisco seu ponto mais sensível e seus olhos se abrem, nublados pelo desejo e luxúria.

A mulher virou minha visão preferida desse ângulo, principalmente, quando pediu a primeira vez que me enterrasse em sua boceta succulenta e apertada. E me dou conta de que não foi depois de tê-la em minha cama que passei a depender de seu corpo com loucura. Não, ela se infiltrou em mim desde a primeira vez que a vi, ter estado com ela só aumentou o sentimento que eu vinha negando. Mais uma vez, me vejo preso em sentimentos que nunca quis e não posso fugir disso, mesmo temendo uma decepção.

— Você, eu quero você dentro de mim, Augusto, eu preciso te sentir. — Não deixo de sorrir de suas palavras ao contemplá-las.

Vagarosamente, tiro meus dedos de sua boceta e levo aos seus lábios.

— Chupe, sinta como seu sabor é viciante — dou a ordem sem tirar os olhos dos seus.

Ela obedece, deixando-me, como se fosse possível, ainda mais duro, envolvendo meus dedos com os lábios vermelhos e carnudos.

Me levanto e arranco minhas roupas, vestindo a camisinha e me coloco sobre ela. Antes de me acomodar entre suas pernas, eu a beijo e desço por seu pescoço, orelha e seios, sentindo-a vir de encontro a mim, em busca de atrito,

e dou o que ela quer. Em uma estocada dura, bruta, eu a penetro e ouço-a abafar um grito mordendo meu ombro, enquanto suas unhas descem por minhas costas deixando seu rastro de fogo.

Cristine é uma mulher quente, apaixonada, fogosa e insaciável, o que só me deixa ainda mais perdido em seu corpo.

— Mais forte, Augusto... mais... eu quero mais — pede, entrecortado, buscando lufadas de ar.

Pego um travesseiro e a viro de bruços na cama sustentando seu quadril sobre ele para que arrebite a bunda bonita e, como me pediu, estoco com força, ouvindo-a chamar meu nome, extasiada, mandando ondas de tesão ao meu pau, que lateja em seu calor.

Ela crava as unhas no colchão, afundando o rosto na superfície macia e, quando o primeiro orgasmo a arrebate, ela sufoca seus gritos mordendo o lençol. É erótico e delicioso demais e eu me seguro para não ir com ela ao sentir sua boceta se contrair e moer meu pau. Sento-me na cama e a trago comigo, sem romper nosso contato.

Seu corpo, ainda mole do orgasmo, se molda ao meu e puxo seu rosto de lado, beijando-a e dando tempo para que se recupere. Massageio sua boceta, seu ponto de prazer, dando pequenos beliscões e fazendo-a gemer mais alto do que gostaria.

— Diga que é minha... — Seguro seu rosto, falando em seu ouvido, com um desejo primitivo de posse. — Diga que é só minha. — Mordo sua orelha e ela geme gostoso em resposta, rebolando empalada em meu pau.

— Sua... hum... Completamente sua... só sua... — Suas palavras vão ao encontro de algo que esquenta meu peito.

— Isso, só minha.

Cravo meus dedos em seu quadril, devagar, lentamente, apreciando a visão que tenho dos seus seios, que saltam com cada estocada, cada gemido, até que ela mesma dita o ritmo. Cristine cavalga livremente em meu pau, enquanto a visão que tenho dela me inebria, me hipnotiza.

Seus olhos de um azul celeste se cravam em mim e o sorriso matreiro está presente enquanto desce suas mãos por seu corpo, cintura, seios, sabendo o efeito que me causa com o feito. Eu a interrompo, substituindo suas mãos

pelas minhas e colando nossos corpos.

Cristine joga a cabeça para trás, encostando em meu ombro e choraminga meu nome em uma súplica gostosa *pra* caralho de se ouvir. Intensifico as estocadas, sentindo seu corpo estremecer e, quando os espasmos a tomam, levando-a ao limite, eu a acompanho rugindo como um animal, sentindo o prazer me levar com ela, me libertando no látex.

Seu corpo suado tomba contra o meu e meus braços a sustentam. Me deito, trazendo-a comigo, colocando seu corpo parcialmente sobre o meu, afundando meu rosto em seus cabelos. Essa é uma parte de seu corpo que está se tornando favorita para mim. E incrivelmente me sinto em paz, abandonando a frustração, dando todo o poder de me acalmar a ela. Só a ela. Agora, tarde demais, eu percebo ter entrado em um caminho sem volta, sem saída. Cristine soube exatamente como me dobrar em seus dedos...

— No que está pensando? — pergunta com o queixo apoiado em meu peito, me tirando dos pensamentos. E me vejo confessando sem ter como voltar atrás.

— Penso que estou cada dia mais apaixonado por você...

Encaro seu rosto surpreso, sem palavras, para então um sorriso — daqueles que passei a admirar — aparecer em seu rosto. Ela me beija em seguida e se entrega a mim sem reservas, sem amarras, por completo... mais uma vez.



***Até quando a alegria de amor
pode durar? Volto a repetir, e se
ainda não for amor?***

Entro no elevador, me dirigindo à sala de exames a pedido do doutor Luiz. Os exames já deveriam estar em sua mesa e, como não vieram, ele pediu para que eu os pegasse. Entro na ala, peço os exames e assim que os tenho nas mãos, volto para o corredor. Como se uma força diferente me puxasse para trás, olho sobre o ombro e vejo Augusto vindo logo atrás de mim. Ele sorri, retribuo o sorriso bonito e, assim que me alcança, sou arrastada para um quarto vazio e empurrada contra a parede.

Solto um gritinho, que é abafado por um beijo profundo, sua língua procurando a minha com sofreguidão. Gemo quando a mão grande sobe um pouco minha saia, apertando minha bunda.

— Senti saudade, principalmente, do seu cheiro — fala, quando deixa meus lábios e enterra o rosto em meu pescoço.

— Eu também senti. Vai sair de que horas hoje? — pergunto, pois não o vejo desde a noite retrasada e ele continua a beijar meu pescoço, segurando a ponta da minha orelha entre os dentes.

— Daqui a pouco. Contou para ela?

Fico meio perdida em suas carícias até que ele para e me dou conta de que pergunta de Cathe.

— Não. — Ele levanta uma sobrancelha, pois já tem dias que venho enrolando e empurrando com a barriga. — Mas irei contar hoje.

— Não vou chegar depois da onze e entrar como um ladrão escondido em sua casa.

Eu sorrio do que diz e enlaço seu pescoço.

— Quero te levar pra jantar em minha casa hoje. O que acha?

— Hum... sério? Vai cozinhar pra mim?

— Não, não chega a tanto, mas prometo comprar algo bom. — Eu gargalho.

— Tudo bem, lá teremos mais privacidade — falo e ele sorri largo.

— Barulhenta...

— Gostoso e agora tenho que ir. Doutor Madeira precisa desses exames aqui.

— Certo, às sete e meia.

— Vou esperar ansiosa...

E eu mal posso esperar até chegar a noite...



— Vai pra onde mãe? — Cathe quase grita, entrando no quarto correndo.

— Vou sair, amor...

— Eu vou também?

Me sento na cama, chamo-a e, quando se aproxima, beijo sua testa e pego a boneca nua em suas mãos.

— Preciso conversar com você, mocinha.

— O que eu fiz? Eu não cortei o cabelo dela, mãe, oh, tá grandão ainda.
— Eu rio dela.

— Não é isso, é que mamãe tem uma novidade pra te contar. — Os olhos dela se viram em expectativa. — Sabe o Augusto, o médico loiro que cuidou da mamãe e que é irmão da tia Alice?

— Sei, o tio de cabelo grande. Ele é bonito.

— É, é sim. Então, nós estamos nos conhecendo e... — Fito seus olhos e procuro as palavras para lhe dizer, porém não acho. — Estamos namorando, amor.

Os olhos da minha menina brilham e um baita sorriso se abre para mim.

— Vão se casar como nos filmes, mãe? — pergunta e eu fico olhando os olhinhos brilhantes por um longo tempo.

— Não sei, amor. Estamos nos conhecendo.

— Mas pode acontecer, não é? — Não sei o que responder, é tão recente ainda.

— Pode, mas isso bem no futuro. — Ela bate palminhas e sei o que passa por sua cabeça. Sei que sente falta de um pai e esse era o meu medo.

Nunca tive um relacionamento sério após seu nascimento, uma que nenhum homem aceitaria o que eu fazia, outra que sempre tive medo de colocar um homem em nossa vida. Quando se tem uma criança, temos que passar ela na frente de tudo e o medo de que pudesse se apegar e esse alguém partir depois sempre me segurou. Agora, com seis anos e podendo entender, talvez se torne mais fácil ou eu tenha essa impressão, pois, pela alegria que enche seu semblante, eu sei que sua felicidade está em poder ter uma imagem paterna em sua vida. E que Deus me ajude.

— Sabia que o pai da Manu, não é pai dela, mamãe? Mas ela chama ele de papai porque eles se casaram.

Abro a boca para responder e fecho, sem saber o que dizer. A campainha toca, me dando uma desculpa para deixar essa conversa para outro momento.

— Eu abro! — fala e sai correndo na minha frente.

Olho no espelho, aprovo o vestido rodado que se agarra ao meu corpo na parte de cima e pego a bolsa sobre a cama, saindo em seguida. Sei que é

ele que veio me buscar, pois mandou mensagem há pouco dizendo que estava chegando e eu pedi que subisse. Saio do quarto a tempo de ver Cathe parada na porta, falando algo que faz Augusto rir largo, depois ele se agacha à sua frente e diz algo, beijando sua bochecha e fazendo-a rir com cócegas de sua barba.

— Olha, mamãe, quem chegou — fala, segurando em sua mão e puxando-o para sala.

Augusto está perfeito, vestindo casualmente uma calça jeans escura, camisa polo branca e tênis.

— Oi — fala e me olha de cima a baixo, deixando um pequeno sorriso transparecer no canto da boca. — Você está linda — elogia. Cathe olha de um para o outro e sorri, sapeca.

— Vamos?

— Claro.

— E Cathe...

— Eu sei, tenho que me comportar... — fala com as mãos juntas em frente ao corpo e Augusto a olha com cara de bobo.

— Muito bem, volto mais tarde, mocinha. — Me abaixo e beijo sua bochecha.

— Tá bom, mamãe. Tchau, tio.

— Tchau, pequena.

Saímos juntos e ele espalma a mão em minhas costas, estando calado. Ao entrar no elevador, me recosto na parede e ele para na minha frente, me olhando de forma diferente, antes de abaixar o rosto na curva do meu pescoço e inspirar o meu cheiro.

— Você contou...

— Ela te falou? — Ele levanta o rosto com um sorriso colado nos lábios bonitos.

— Sim, abriu a porta e, quando me viu, disse que me deixaria namorar você.

Eu gargalho, pensando que é bem uma coisa que ela falaria e passo meus braços por seu pescoço.

— Viu só? Agora temos permissão.

— Muito melhor. — E sua boca procura a minha, com calma e carinho, em um beijo apaixonado e delicioso, nos separando apenas quando as portas do elevador se abrem.

Ele segura minha mão e saímos juntos pelo saguão do prédio, indo para o carro parado em uma vaga ao lado. Sinto sua mão fria na minha e, quando alcançamos o carro, ele abre a porta para mim, logo depois se põe atrás do volante e liga o carro. Nesses dias, temos passado a noite juntos quando ele não está trabalhando. Depois que Cathe dormia, eu o avisava e ele vinha e saía logo cedo. Era engraçado a cobrança que sempre fazia, segundo ele, não queria mais agir como um ladrão. Sorrio ao pensar nisso e ele me olha brevemente.

— O que foi?

— Nada, estou contente, só isso.

Ele me olha, acena, volta sua atenção para o trânsito e me parece nervoso. Após a noite que passamos juntos em seu apartamento, não voltamos lá. Dias atrás, ele me fez um convite de ir a um restaurante que estava sendo inaugurando, eu neguei após olhar qual era o lugar. Seria uma grande inauguração, com direito a figurões e isso poderia ser um problema para mim, ainda não sinto essa segurança, não até poder me abrir com ele.

Poucos minutos e mais uma vez estou entrando na garagem do prédio de alta classe. Hoje, estou ansiosa por estar novamente aqui, por ver com mais calma o lugar em que ele mora. Naquela última ocasião, não pude prestar muita atenção, já que saí com pressa, como uma gatuna.

Quando subimos o elevador, ele me olha antes de, por fim, abrir a porta da casa e me deixar entrar. Dessa vez, olho cada detalhe. A sala é espaçosa, com poucos móveis, o essencial eu diria. Um sofá preto, grande em formato de L, com um grande painel à frente, com um TV e um porta-retratos. Uma foto dele e sua mãe. Olho-o, em pé perto da porta, olhando para mim com as mãos no bolso da calça jeans.

— Vai ficar aí apreciando a vista? — Augusto sorri.

— É uma bela vista — fala e se aproxima de mim, enlaçando minha cintura. — Mas o que estou pensando é que, desde a primeira vez, eu quis

trazê-la de volta para cá.

Falando isso, Augusto me beija e depois faz um pequeno *tour* pela casa comigo, parando na cozinha onde a comida está sobre a bancada de mármore próximo à pia.

— Como não quis ir ao restaurante, eu pedi que entregassem aqui. Queria provar a comida desde a inauguração.

Fala de costas para mim e fico sem graça, pois nem passa por sua cabeça o motivo pelo qual não quis ir com ele à inauguração do restaurante tão requisitado. Me aproximo de Augusto por suas costas e abraço-o, encostando a lateral do meu rosto em suas costas e inalando seu cheiro que, por mais recente que seja, já me acostumei a tê-lo comigo.

— O cheiro parece bom... — falo e ele se vira para mim.

— Não é melhor que o seu e, muito menos, melhor que o seu sabor.

Sou içada do chão e posta sentada na bancada com ele entre minhas pernas, fazendo meu vestido subir e me beijando com fome. Fome de mim e eu retribuo sua intensidade segurando seus cabelos com certa força e me apertando a ele com tudo o que tenho. Meu sexo lateja com a excitação que me causa e me perco em seu efeito, em sua língua buscando a minha enquanto meu corpo entra em combustão. Augusto vai parando de me beijar e deixando beijinhos por meu rosto, gemo com a falta da sua língua na minha.

— Quero desenhar você — fala, rouco, e eu o olho sem entender. — Desenhar seu corpo e rosto perfeitos em uma tela, só pra mim!

Sinto um arrepio subir por minha espinha e se alastrar como brasa quente por meu corpo.

— Eu... — falo, um sorriso de satisfação se abrindo em meus lábios. — Agora?

— Não, primeiro vou te alimentar, para então fazer o que eu quero — diz, sorrindo feito um lobo, e desce a boca na curva do meu pescoço, deixando uma pequena mordida em minha pele.

Um pequeno choque varre meu corpo quando sua mão sobe de encontro ao decote do meu vestido e o puxa para baixo, expondo meu seio, que ele abocanha com vontade, como se me desse uma amostra do que me aguarda. Gemo, perdida em seu perfume, querendo esquecer o jantar e ser

possuída por ele, tê-lo dentro de mim. O homem me viciou nele.

Augusto dá a mesma atenção ao outro seio e aperto minhas pernas em volta dele, fazendo-o rir enquanto me contorço de desejo, molhada por ele.

— Venha, vamos jantar, pois tenho pressa em comer a sobremesa. — Ele me olha sugestivo, deixando claro que a sobremesa sou eu.

Augusto me afasta e me segura pela cintura, me colocando de pé. Ajudo-o a colocar a mesa enquanto organiza a comida e, depois de um tempinho, comemos em um silêncio confortável, vez ou outra comentando algum assunto, tendo um ótimo vinho como acompanhamento. Ele fez questão de escolher uma sobremesa de chocolate, por mais que frise que eu tenho que me policiar, pois chocolate não ajuda em nada minha enxaqueca. Médicos...

Tento ajudar a organizar a mesa, mas sou proibida de qualquer movimento e aproveito para olhar melhor o apartamento, já que não tive essa oportunidade quando estive aqui outro dia. Ainda me envergonho de ter fugido daquela forma.

O lugar não tem muito o que olhar, chegar a ser meio impessoal. Aposto que, após ser decorado, ele não mudou nada. Vou andando pela sala e entro no corredor, abrindo a porta do seu quarto. Entro e o lugar parece até uma sala de cirurgia de tão organizado que está. Hoje esquadrinho cada detalhe, cada quadro exposto na parede e então vejo a assinatura no cantinho. É dele...

Caminho até o cavalete próximo à janela e olho o papel em branco bem colocado sobre ele. Vejo um divã negro que não me lembro de ter notado antes, no lugar da poltrona de couro. Levanto meus olhos e encontro-o parado na porta, mãos nos bolsos da calça jeans, a camisa branca com as mangas levantadas até os cotovelos, me olhando com atenção.

Calmamente ele caminha até mim, dá a volta e se coloca às minhas costas, abraçando minha cintura e apoiando o queixo no meu ombro.

— Quero você deitada no divã, relaxada e perfeita para mim... — Amoleço em seus braços, deixando minha cabeça ceder em seu ombro.

— Nua...

— Completamente nua, enquanto te desenho o tempo todo de pau duro.

Sorrio abertamente e me viro para ele, dando um passo para trás sem deixar que me toque. Levo as mãos à lateral do vestido e desço o zíper devagar, sem tirar os olhos dos seus por um momento sequer. Enquanto deslizo a peça por meu corpo, o homem esquadrinha-me com atenção. Devagar, levo as mãos à lateral da calcinha, escorrego-a por minhas pernas, ouço um suspiro audível escapar de Augusto e acho difícil que consigamos ir até o final dessa loucura...

Agora, estou completamente nua e seus olhos encontram os meus, olhos escurecidos de desejo e sinto meu sexo molhado. Augusto cola o corpo ao meu sem me abraçar e me pega de assalto quando leva a mão ao seu objeto de desejo, explorando cada dobra e me fazendo gemer alto ao beliscar meu clitóris.

— Vou começar a desenhar você e depois vou foder gostoso essa boceta, ali mesmo, naquele divã...

E ao ouvir isso, eu já estou quase implorando que mude a ordem das ações, pois meu corpo já queima por mais contato. Ele se afasta e me puxa pela mão, me levando ao divã negro, pedindo que me deite. Faço o que pede e não deixo de lembrar da famosa cena de *Titanic*, na qual Jack desenha Rose nua, usando apenas o famoso colar...

Augusto se afasta e se senta no banco de madeira atrás do cavalete, preparando algumas coisas na mesinha ao lado. Posso ver a ereção volumosa marcar sua calça, ele não vai se segurar por muito tempo e essa constatação deixa um sorriso bobo escapar e um friozinho na barriga toma conta de mim. Movo-me sobre o couro, apoiando melhor meu corpo. Estou deitada de lado, uma perna dobrada um pouco à frente da outra e a cabeça apoiada em minha mão como ele me pediu para ficar, enquanto me olhava com intensidade minutos atrás.

Os segundos vão passando enquanto vejo-o movimentar o lápis com atenção, alternando entre me olhar e voltar a atenção para tela. Fico observando com admiração o homem de cabelos soltos e concentrado e o desejo aumenta em meu baixo ventre, tomando conta de mim, e não dá para esperar mais. Ele disse que não terminaríamos hoje e vamos precisar de mais uma sessão, pois não dá mais para observar a cena à minha frente sem tocar seu corpo e pedir que me faça sua.

Me levanto e meu movimento prende seu olhar, deixando-o estagnado e em dúvida entre me mandar deitar e ficar quieta ou deixar que eu faça o que quero. Me aproximo dele cautelosamente e apoio minhas mãos em seus ombros, passando minha perna sobre as suas e me sentando em seu colo. Augusto deixa de lado o lápis e me olha com uma sobrancelha erguida e um pequeno sorriso repuxando o canto de sua boca.

— Eu preciso que cumpra sua outra promessa, não consigo me concentrar com você de pau duro me desenhando...

Ouçó um riso cínico explodir e então ele cola sua boca na minha, sua língua explorando cada centímetro da minha boca. Um pequeno grito me escapa quando, sem aviso, levanta-se e me leva com ele. Sinto minhas costas serem depositadas no divã e perco o calor de seu corpo; procurando-o, vejo-o se afastar e começar a tirar as próprias roupas. Salivo ao ver a ereção grossa com a ponta melada de sua excitação, enquanto seus olhos vagam por meu corpo com satisfação.

Espero com pressa enquanto parece decidido a brincar comigo, levando a mão ao seu pau e fazendo um movimento ritmado de vai e vem. Vidrada em cada movimento, deixo minha mão vagar por meu corpo indo ao encontro do meu clitóris e era o que faltava para que ele viesse até mim.

— Sua diaba feiticeira — rosna entredentes e não paro meus movimentos.

Quando por fim me alcança, Augusto não se deita junto a mim, o homem me puxa, me coloca sentada, usando de pressa, e se ajoelha em minha frente, puxando minhas pernas para o limite do móvel. E é com malícia que abocanha minha boceta encharcada, fazendo-me gritar de prazer.

Fecho os olhos e me abro mais para ele, sentindo sua língua passear por minhas dobras, morder as laterais dos lábios vaginais e voltar a circular meu clitóris, fazendo-me procurar algo em que me segurar. Suas mãos sustentam minhas pernas levantadas, arreganhadas para o seu e o meu prazer.

Quero prolongar por mais tempo cada sensação, mas sou arrebatada por um orgasmo delicioso, entregando-me a ele, segurando seus cabelos e gritando seu nome, enlouquecida e entregue de uma forma que nunca estive antes, sentindo espasmos e um arrepio delicioso e sedutor me tomar inteira.

— Você me viciou em seu sabor, não me vejo mais sem ele — fala,

subindo beijos por meu ventre, barriga, chegando aos seios e abocanhando-os, chupando-os com gosto enquanto estou mole e entregue. Sentindo a excitação voltar ao meu corpo, eu o abraço mais uma vez.

Augusto volta a me deitar no divã e se põe sobre mim, beijando-me e deixando meu gosto em minha boca, roçando a ereção em minha entrada. Tenho pressa, ao mesmo tempo que ele parece querer me torturar, brincar comigo. Desço minha mão por entre nossos corpos e alinho seu pênis na minha entrada, que pinga por mais, empurrando meu quadril de encontro ao seu e fazendo-o rir entre nosso beijo.

— Cumpra sua promessa, estou derretendo de desejo e vontade de que se enterre em mim.

E Augusto me penetra por completo, olhos fixos nos meus e volta a tirar seu membro devagar, em uma tortura lenta que me faz fechar os olhos com cada sensação que arranca de mim.

— Quer que eu te foda com força? — pergunta e, incapaz de responder, apenas confirmo sentindo-o estocar com mais força em meu interior, fazendo-me gemer alto. — Responda.

Ele para e me vejo quase gritando:

— Quero, quero muito.

Ele gosta desse jogo, gosta de me torturar com sua língua e cada centímetro de seu corpo e não nego, adoro isso. A mordida molhada e quente em minha orelha me entorpece e sua língua em meu lóbulo faz com que arqueie minhas costas, enquanto me penetra profundamente, fazendo-me arfar. Abro os olhos quando ele se afasta, procurando-o e vendo-o retornar com uma camisinha. Augusto me puxa pela mão e me coloca de quatro, as mãos sobre o encosto do móvel, ansiosa para que volte a estar dentro de mim e, quando ele vem, é bruto, com estocadas vigorosas e deliciosas.

Me seguro ao divã e uma, duas palmadas estaladas são dadas em minha bunda, sua outra mão enrosca-se em meu cabelo, puxando-me em sua direção. Minhas costas batem em seu peito e sua boca se encosta em minha orelha, enquanto não para de estocar como me prometeu.

— Era assim que queria?

— Era... Mais, eu quero mais...

Ele me empurra de volta a posição de quatro e apoia ambas as mãos em minha bunda, abrindo-a e estocando com mais e mais vigor, a mão procurando meu clitóris, massageando, beliscando e deixando-me à beira do abismo outra vez. Não posso mais segurar e deixo que o prazer me arrebate, perdendo-me e ouvindo meu nome ser cantado ao fundo, sentindo seu membro pulsar dentro de mim.

Perdida, mole e saciada, sou trazida para um peito forte e abraçada firmemente. Suspiro, extasiada, olhando seu abdômen e o membro semiereto sobre sua pelve e, apesar de ter me segurado para não sentir, seria mentira se eu dissesse que não estou irremediavelmente apaixonada por esse homem, por cada efeito e sensação que me causa.

Levanto meu rosto e encontro seus olhos, ganhando um beijo casto em minha testa suada. Me estico e deixo um beijo em seus lábios, olhando em seus olhos.

— Me viciou em você. Vive dizendo que tenho um feitiço sobre você, mas parece que ele se virou contra o feiticeiro.

Ele sorri com o que digo.

— É bom saber que não sou só eu enraizado nessa loucura, não consigo mais dormir sem seu cheiro. Ah, e antes que me esqueça, estou preparando uma surpresa pra nós no próximo feriado. Para nós três...

E eu sei que não deveria me entregar assim, mas um sentimento bobo de posse e contentamento invade meu coração, principalmente, ao ver Augusto incluir e aceitar minha filha e já é tarde demais para resistir!



O gosto leve da diversão.

— Não, caso haja alguma emergência, ligue para Antony. Ele virá atender, estarei fora esses dias — digo a Miguel, um dos meus internos mais dedicados e quem irá ficar de plantão nas próximas horas.

— Vai viajar? Quem diria...

Sorriso, é, quem diria.

— Vou aproveitar as férias de Cathe. Quero fazer uma surpresa para ela e Cristine, algo simples, apenas uma viagem. Quem sabe assim eu possa criar um vínculo maior com a menina, sinto que Cristine ainda tem certa resistência, mesmo após conversamos com Cathe e ela me aceitar muito bem.

Miguel me olha como se estivesse nascendo mais uma cabeça em meu pescoço. O pior é que a fala se torna estranha até mesmo para mim, é como se após cuspir essas palavras, eu tivesse realmente aceitado que é ela quem eu quero, que, pela segunda vez na vida, cogito deixar o que por anos foi minha prioridade um tanto de lado, para amar mais uma vez. E me assusta a forma cada vez mais natural que isso se torna em minha vida, como é fácil demonstrar a terceiros o que sinto.

Amar...

A palavra ainda é estranha em minha boca.

— Olhe isso. Não acreditávamos que a mulher ia te dobrar, meu amigo, mas não é que estávamos errados.

— Estávamos? — pergunto notando o plural usado.

Miguel começa a rir descaradamente e um sorriso começa a se formar também em meus lábios, presumindo o que isso significa.

— Ok, fizemos uma aposta. Ninguém acreditou que a loira delicada da fisio conseguiria te dobrar ou te aturar.

Franzo o cenho para a sua frase e ele continua:

— Ah, não faça essa cara, Augusto, sabe bem o apelido que todos o chamam aqui, além do mais, se nem mesmo a doutora, barra gostosa, Patrícia conseguiu te dobrar, não é de se estranhar que corria até mesmo uma aposta pelos corredores do hospital. Conta aí, o que Cristine tem de tão especial?

E eu procuro uma resposta, mas não conseguiria dizer o que ela tem de especial. Olho-o, seguro brevemente seu ombro e sibilo antes de sair pelo corredor:

— Tudo. Tudo nela é perfeito, meu amigo.

Vou direto para o elevador e, ao descer, busco minhas chaves em meu bolso e destravo o carro, ansioso para vê-las. Já preparei tudo, inclusive deixei minhas malas já prontas no carro. Antes mesmo de abrir a porta da picape, uma voz melodiosa para-me.

— Augusto, quanto tempo, meu querido.

Busco a dona dessa voz, que conheço bem, e encontro Patrícia saindo do sedan branco, uma vaga após a minha, dando-me um vislumbre de suas pernas torneadas, prensadas em um vestido branco colado ao corpo.

— Patrícia... — Tento uma saudação rápida, mas não funciona bem.

— As coisas são mesmo engraçadas, vê? — diz, aproximando-se. — Trabalhamos no mesmo local e mal nos vemos. Quer dizer, ultimamente não nos vemos, não é? E estou com saudades — diz baixinho ao se aproximar, colocando a mão em meu ombro e beijando, ou tentando beijar, minha boca.

Viro o rosto, seu beijo estala em minha bochecha e sorrio sem jeito com sua investida. Chega hoje a ser ridículo o que antes não era. Esse tipo de comportamento não me incomodava, pelo contrário, seria mais uma presa fácil para terminar a noite comigo em uma mesa de escritório ou dormitório.

— Verdade. — Tento ser sucinto. — Ultimamente tenho tentado horários mais flexíveis.

— Ah, então é mesmo verdade? Está namorando... — Seus olhos traem o sorriso cínico em seus lábios, não é uma pergunta.

— Sim, estou, Patrícia — afirmo e ela sorri. Não nego que me incomoda profundamente.

— Hum... e com esse namoro não sobra nada para mim? Podemos voltar lá para dentro nesse minuto e matar um pouco da saudade em minha sala, o que acha? Seremos rápidos e discretos.

Não quero ser grosso, tampouco magoá-la, afinal, não quero dar margem para que diga que a usei no tempo em que fodíamos, mesmo deixando claro desde o início que não seria nada mais do que sexo. Fato é que hoje seu perfume, seu corpo bonito e esguio já não fazem meu pau babar de tesão. Aparentemente essa parte de mim foi adestrada por uma única mulher, apesar de reconhecer a beleza de Patrícia.

— Não, dessa vez é mesmo sério, Patrícia. Cristine é alguém importante em minha vida e só toma mais espaço a cada dia. Agradeço o convite, mas no momento o que posso oferecer a você é amizade.

Estou mesmo meloso, a diaba realmente está segurando minhas bolas e vejo a surpresa transpassar o rosto de Patrícia para, em seguida, ser substituída por um sorriso sarcástico, parece haver... decepção em seus olhos e seus lábios são felinos quando deixa escapar a próxima fala.

— Cuidado, querido. Não se deixe enganar como fez com Isabel.

Não consigo segurar o gosto amargo das lembranças que essa menção me traz, é algo que faz com que eu perca as palavras. Patrícia sabe onde fica minha ferida, não vou dizer que não penso no que acaba de externar, penso, mas ouvir de Patrícia... traz um peso maior às minhas dúvidas. Mas agora é tarde.

Sem se despedir, Patrícia me dá as costas e se vai, deixando-me sozinho no estacionamento. Abro a porta do carro e me acomodo em meu assento. Olhando a mala no banco de trás, penso realmente em ligar para Cristine e dizer que tive um imprevisto, que preciso cancelar a viagem. Claro que isso seria uma mentira. No mesmo instante, o pensamento traz um

sentimento de arrependimento.

Que diabos há comigo?

Memórias tendem a me trair, Isabel estampando minha mente de forma dolorosa. Balanço minha cabeça com força para me livrar de pensamentos que tento esquecer e ligo o carro. Olho o celular, mas a coragem de desmarcar a viagem não vem e sinto-me péssimo por ao menos ter cogitado tal situação. Não fujo de nada, nunca o fiz, por que isso agora? Confio em Cristine. Verdadeiramente, após dez anos, volto a confiar em alguém que não é da minha família, não é justo com ela que procure algo para nos afastar.

Não é justo conosco.

Piso no acelerador e ponho o carro em movimento, guiando-o pela via e sentindo que algo não está certo comigo. Foram poucas as palavras de Patrícia, mas bastaram para trazer à tona o meu próprio receio.

Mais uma vez tento pôr esse pensamento no bolso e paro em frente ao prédio de Cristine. Confiro em minha mente se está tudo certo, olho as horas e desço do carro ansioso para estar logo na sua porta. Não demoro a realizar meu anseio e bato à porta; após alguns segundos ouço vozes lá de dentro e é fácil identificar quem são.

— Não, não. Eu abro, mamãe, por favor.

É Cathe e sou recepcionado por ela, com um sorriso gigante e perfeito como o da mãe. Nostalgia me consome, memórias do que não cheguei a ter me cegam. Por vezes me vejo tendo que controlar sonhos que vêm em forma de lembranças, é tão real que eles às vezes me confundem.

— Oi, tio, estava te esperando. Estamos prontas — fala, contente, e abre a porta, dando-me um vislumbre de sua mãe, vestida em um macacão florido e solto em seu corpo, apenas com a cintura bem marcada. Cabelos soltos e os olhos cor de mar risonhos ao olhar de mim para a filha.

Contemplo-a e meu silêncio por tempo demais parece fazer algo passar por sua mente, um prenúncio do que está me incomodando.

— Algum problema, Augusto?

A mentira vem à minha boca e chego a abri-la para falar, mas sigo o plano.

— Nenhum problema, você está linda, as duas estão. Está tudo pronto.

— Soterro o meu medo desgraçado e tento o meu melhor sorriso. — Vamos?

— E pra onde vamos, tio? — Cathe pergunta e sua mãe não se dá por vencida. Já conheço esse olhar astuto e finjo não ter entendido a frase “Está tudo bem mesmo?” que acaba de deixar seus lábios. Finjo não ver.

— Surpresa, princesa, agora vamos. Quero que cheguemos logo para que eu possa aproveitar o máximo possível desses dias com vocês!



O seu máximo dado a alguém é o suficiente? Jamais será, mas dará a você uma consciência limpa e isso não tem preço.

Algo está errado, eu sinto e o receio que me perseguiu na última semana se faz presente: o de introduzir Augusto completamente na vida de Catherine. Afinal, eu posso me machucar, cair e vai doer muito menos do que a ver decepcionada. Talvez tenha mesmo me precipitado e é como se todos esses anos a preservando de nada tivessem adiantado. Sempre foi óbvio que minha menina sentia falta de um pai e talvez espelhe em Augusto essa figura, mas não sabemos até onde iremos.

A única coisa que sei é do sentimento guardado em meu peito, que apenas cresce a cada dia. É diferente e a cada dia esse sentimento se parece mais com o sentimento único narrado por minha mãe...

Sinto sua mão permear meu braço encontrando minha mão e apertando-a, interrompendo os pensamentos que venho tendo desde que saímos do meu apartamento e começamos essa viagem maluca em que nem ao menos sei o destino. Apenas por uma única vez deixei de lado a prudência para ver aonde o destino pode me levar.

— Ei, o que foi? — A voz rouca alcança meus ouvidos e minha mão é

levada até sua boca, ele deixa um beijo calmo no dorso e repousa-a sobre sua perna.

— Não é nada, apreensão e curiosidade — minto, em partes, e ele sorri de forma misteriosa.

Amo os seus sorrisos, são poucos e talvez por isso sejam tão importantes aos meus olhos. Cada faceta que me mostra a cada dia me surpreende de forma diferente. Às vezes, o Augusto de ontem em nada tem a ver com o Augusto de hoje, porém são faces de uma mesma pessoa. Ora encontro um Augusto pensativo, que chega a estar a quilômetros de distância de mim, óbvio, em pensamento. Outras vezes e quase todo o sempre temos ele protetor, cuidadoso. Há também o Augusto carinhoso, paciente, amoroso e, raramente, o ranzinza e mal-humorado.

São várias faces de uma mesma moeda e estou aprendendo dia após dia a lidar com sua falta de tato em relacionamentos, ensinando-o e aprendendo que estamos em uma via de mão dupla e que andar juntos, pareados, faz parte da corrida. Não há ganhadores, o verdadeiro prêmio é conseguir estar na mesma velocidade, atingindo juntos à linha de chegada.

Já notei que, em situações às vezes comuns, Augusto não sabe como agir, chega a me desconcertar, mas acaba se saindo bem, tentando. Como no dia em que Cathe segurou sua mão e o arrastou para mostrar seus brinquedos, pior, o fez brincar com ela. Foi uma cena gostosa de assistir, a forma que parecia me pedir socorro com o olhar. Bastou 20 minutos e ele estava mergulhado em uma pilha de bonecas. Segundo Cathe, ele tem mãos precisas para fazer penteados e sua resposta foi *isso é coisa de cirurgião*.

— Você vai gostar, ao menos espero.

— Não vai mesmo me dizer pra onde vamos, não é?

— Não, não vou.

Ele olha no retrovisor interno e eu o sigo, encontrando os olhos espertos de Cathe e um sorriso faceiro em seu rosto pequeno.

— E olha, já chegamos — diz.

Olho ao redor, procurando o lugar lindo para o qual ele disse que iríamos e me assusto ao ver que é um heliporto.

— Augusto, pra onde vamos? Vamos sair da cidade?

— Não, claro que não. Vamos sair do país.

Olho-o de olhos arregalados.

— Não, não vamos não. Eu não trouxe roupa pra isso, Augusto. Vamos, diga logo pra onde vamos. Não preparei Cathe pra sair do país, caramba, as coisas não funcionam assim, Augusto.

— Bom, dessa vez vai funcionar, minha diaba de língua solta — fala rindo, contrariando minha impaciência e me puxando para fora do carro. — Anda, entre na brincadeira. Estamos saindo de férias, Cristine, basta aproveitar. Não precisa levar muito, só o que pedi: roupas para o frio. Só isso e, se faltar algo, compramos lá.

Rio, quase ofendida.

— O que acha, Cathe? — Dá a cartada final, chamando a atenção dela, que tem os olhos no helicóptero em meio à pista.

— Vou andar de avião? — pergunta, o sorriso indo de orelha a orelha.

Olha a preocupação da menina! Ouço Augusto gargalhar, enterrando o rosto em meu pescoço, arrepiando cada pelo meu.

— É voto vencido, Cristine. Só me deixe fazer algo para vocês. Deixa? — Ele pisca ao dizer isso e me desconcerta. Beijo levemente seus lábios, me dando por vencida. O que demais pode acontecer?

Um frio passa por minha espinha e ele me solta depois de deixar mais um beijo em meus lábios, indo para a porta traseira, desafivelando o cinto de Cathe e tirando-a do banco de trás.

— Vamos sim, pequena! Já andou de avião antes?

— Não, mas sempre quis, não é, mamãe?

Me vejo encantada olhando a cena.

— Viu só, amor? Cathe quer muito andar pela primeira vez em um avião.

Amor? Augusto disse amor?

E aparentemente ele se dá conta do que disse também, o sorriso morrendo aos pouquinhos, para em seguida voltar a se abrir quando olha Cathe ao seu lado procurando sua mão.

— Vá com sua mãe, princesa. Vou pegar nossas malas.

Ele é maluco!

— Só um minuto, filha — peço e a deixo pegar sua bolsa, seguindo Augusto até a traseira da picape.

— Augusto, você só me disse que precisava trazer alguns casacos de frio, eu trouxe poucas coisas, me diga pra onde vamos. Não dá pra sair assim do país, meu Deus! — Tento mais uma vez trazer juízo à sua cabeça.

Ele para e me olha, respirando fundo e pegando meu rosto em suas mãos em formato de concha

— Ei, temos pouco tempo, mas confie em mim.

Olho em seus olhos, amando a profundidade que encontro, e meus lábios criam vida própria:

— Claro que sim...

E é verdade, do contrário não estaria aqui.

— Então vamos. Aluguei um jatinho e vamos ter os nossos melhores cinco dias de feriado em família!

Família... ele não para de me surpreender.



Sentada em um banco de frente para Augusto e Cathe, vejo-a ao lado da janela enquanto ele lhe mostra algumas coisas ao longe, encantando-a. Sua paciência é invejável para tantas perguntas e porquês. Chego a me espichar na cadeira para ver a vista do meu lado da janela, ao ver o rosto de Cathe se contorcer em surpresa, abrindo a boca e levando uma mão para tampá-la. Fico curiosa.

— Mamãe, é neve. É neve, mamãe! — grita, esbaforida, enquanto Augusto vasculha meu rosto com o olhar.

Alcanço a janela e tudo o que vejo é neve em meio a algumas árvores lá embaixo.

— Augusto... — sibilo e nada mais sai.

“Meu sonho é tocar a neve, tio, e a mamãe prometeu me levar um dia, não é, mamãe?”

As palavras ditas dias atrás por ela fazem um bolo se formar em minha garganta. Ele prestou mesmo atenção, se importou. Melhor, ele preparou tudo para ela, pelo sonho dela. Claro, o realismo grita no fundo de minha mente que isso não vai dar certo, que, no fundo, seu interesse é apenas em mim, que essa boa vontade e cuidado com Cathe são formas de me prender e que ele vai mudar com o tempo. Não posso controlar, apesar de querer o contrário.

Nossos olhos se encontram e um sorriso de menino está em seus lábios. Meus olhos se enchem de lágrimas e sibilo baixinho:

— Obrigada... — Mudo meu olhar para a janela em seguida, não querendo demonstrar que mexeu tanto assim comigo, não querendo lhe dar mais munição.

— Mãe, eu vou fazer um *Olaf* pra mim e o tio Augusto vai me ajudar, mãe. Aí, mamãe, eu vou ter muita coisa pra contar na escola quando eu voltar, vai ser muito legal. — E, falando isso, a mão dela encontra a de Augusto e os olhos dela brilham de forma infantil.

É perfeita.

— Senhor, senhora, apertem os cintos por gentileza, iremos pousar. — A aeromoça interrompe o momento de forma oportuna.

Antes que eu levante e faça isso em Cathe, Augusto cuida dela e logo em seguida afivela o seu próprio cinto. Minha atenção passa para a paisagem enquanto Cathe tagarela com Augusto.

Levo a mão ao vidro da janela e vejo um tipo de vila pequena em meio à neve, perfeita como nos filmes. Ao longe, avisto o que imagino ser a pista de pouso e, ao fundo e em meio as árvores, uma grande casa estilo americano, de grande porte. Ao descermos mais, percebo não ser uma casa e sim um hotel. É lindo.

Acompanho cada detalhe com o olhar, vendo algumas pessoas em frente ao lugar, mudando meu foco para os dois amores da minha vida à minha frente. Ainda é tão cedo...

— Vamos esquiar! — afirma e olho-o.

— Vamos?

— Vamos... a pista de esqui é um dos motivos de eu ter escolhido esse hotel, além, é claro, de terem uma hidromassagem particular maravilhosa em cada suíte.

Fico embasbacada, me perguntando aonde foi parar o Augusto de antes, o ogro que me atropelou e bufou como touro ao constatar o desastre. Sorrio, satisfeita, ao imaginar o que faremos em uma hidromassagem particular...



*Neve, sossego e paz... ou melhor,
amor, doçura e diversão.*

Já ouvi do meu pai algumas vezes quando era criança que a alegria dos filhos triplicava a sua própria, que não era tão bom realizar um desejo seu quanto era realizar o de um filho amado. Óbvio, eu jamais senti algo parecido, pois, até então, não tive e nem tenho planos de ser pai, correção, ao menos não tinha, já agora...

Bem, agora, olhando Catherine brincar com a neve, os olhos brilhando enquanto está coberta de lã e cachecol, vejo que realmente não tem preço e o que eu achei ser apenas uma balela passa a fazer sentindo. Ao mesmo tempo, tenho que policiar tal pensamento. Ela não é minha filha, temos pouco tempo juntos, eu e Cristine. Tenho que ter respaldo sobre esse sentimento de proteção e paixão pelas duas.

Estou indo rápido demais com tudo isso.

— Filha da... — Paro, ao levantar o olhar dos meus sapatos cobertos de neve e ver Cathe, me olhando com olhos arregalados, assustada, provavelmente por meu semblante ao ser acertado por uma bola de neve.

A pestinha tem uma ótima mira.

Ao mesmo instante, busco Cristine, que parece estar com o olhar

aterrorizado, envergonhada, talvez.

— Catherine, não se pode...

Não deixo que termine a reprimenda, eu a calo ao pegar um pouco de neve nas mãos e acertá-la na lateral do rosto. É genuíno a forma que a menina e a mãe me olham, em um misto de surpresa e fascínio.

— Agora é guerra! — exclamo, me reabastecendo de mais munição em forma de neve.

Dou de ombros e lanço o montante, dessa vez contra as duas.

— Vamos, mamãe, vamos ganhar dele.

Gargalho com a promessa da pequena competitiva e uma guerra de neve começa. Entre erros e acertos, risos e gritos somos só neve, até nos cílios, e, no meu caso, na barba. Puxo Cristine para mim, em dado momento, pegando-a de surpresa e cubro seus lábios gelados com os meus, abafando um suspiro. Seu gosto gelado e doce se rende ao meu e me polio em um beijo curto, segurando a vontade de explorar sua boca por inteiro.

— Eu... — Paro o que ia dizer. Que loucura, que diabos... Inferno! — Eu estou com fome, o que acha de entrarmos para comer?

E eu não sei se é o que quero ver, mas diria que uma centelha de decepção passa por seus olhos. A fala ia saindo de forma instintiva e por pouco não deixei escapar algo que poderia estragar esse momento, um sentimento que ainda hoje não sei se realmente existe ou não passa de ilusão.

Pode ser nada mais que carência afetiva, após tantos anos sem me relacionar de forma profunda com alguém.

— Vamos, sim, essa brincadeira toda me deixou morta de fome. Mas antes vou levar Cathe pra tomar banho.

Banho... Faz-me lembrar algo e encosto meus lábios em sua orelha, sentindo sua pele arrepiar com o toque.

— Não tome banho sozinha, tenho planos para nós dois essa noite.

— Augusto, Cathe...

— Já preparei tudo, não se preocupe. Sei que não estamos sozinhos, vou me comportar.

Sua mão macia alcança meu rosto em um carinho leve em minha

bochecha.

— Você está sendo perfeito!

E um beijo estalado é dado em minha bochecha, em seguida a vejo acenar para a filha, a menina deixa uma tentativa frustrada de *Olaf* de lado e a segue, dando-me um tchauzinho.

Fico sozinho, olhando o nada coberto de neve branca. A ideia da viagem surgiu em uma conversa aleatória com Guilherme, da área administrativa do hospital. Ele me contou que veio para cá na sua última viagem e o quão maravilhoso, calmo e apaziguador era o lugar. Não mentiu, as colinas cobertas por neve, as árvores e todo o cenário rústico são feitos para que possamos nos sentir exatamente assim, em paz. Então, por que certa confusão em meu peito?

E não nego que pesquisei sobre o lugar após ouvir de Cathe sua paixão pela Elza e o quanto queria ver neve e que a mãe a levaria um dia. Bom, eu precisava de férias, mais tempo com Cristine e Catherine e isso aqui me parecia perfeito e é. Reservei um quarto para as meninas e um para mim, com a porta conjugada, assim, Cristine ficará mais segura em estar comigo, sabendo que qualquer coisa que Cathe precise, ela estará logo ali do lado para resolver, apesar de apostar que a menina dormirá a noite toda, pois ficará exausta.

Cathe... a menina é realmente uma criança fácil de amar. Doce, tagarela, brincalhona e de sorriso fácil. Seria impossível não se apegar e querer a todo o momento agradá-la.

Levo a mão ao cabelo e apoio os cotovelos na perna. Estou me perdendo...



O cabelo loiro, em uma espécie de coque no alto de sua cabeça, faz cócegas em meu nariz e seu cheiro é tão relaxante que me acostumei a passar as noites com o nariz enfiado neles. Sentado com as costas apoiadas na banheira

aquecida, tenho Cristine com as costas nuas em meu peito, a cabeça debruçada em meu ombro, dando-me um vislumbre perfeito de seus seios empinados de bicos rosados. O rosto sereno, olhos fechados, respiração voltando ao normal após um sexo delicioso. Calmo, necessitado.

— Obrigada, Augusto.

Encosto a ponta do nariz na região atrás de sua orelha e faço um pequeno carinho.

— Pelo quê?

— Por nos trazer aqui. Está sendo perfeito, Cathe está nas nuvens.

Sorrio, sabendo que acertei na escolha.

— Não me agradeça, não precisa. Queria ter vindo antes, mas não dava para me ausentar — respondo, não parando o carinho, sentindo o sangue ser drenado novamente para meu pau.

— Mas aqui estamos e está sendo perfeito. De verdade, obrigada.

— Eu que tenho que agradecer. Sou um homem de sorte por ter estado no sinal certo, na hora certa.

Cristine nada diz, segundos se passam em que nada é dito por ela, seu olhar parado em algum ponto na parede, perdido. Sucinta, ela balança a cabeça levemente, então um sorriso se faz presente em seus lábios grossos e ela me olha.

— Sim, foi na hora certa...

Sua boca procura a minha e pego suas pernas, virando-a de frente para mim, fazendo com que me monte outra vez. Sou viciado nela e tal vício parece aumentar cada vez que a olho, sinto seu cheiro e sabor. Não há mais como negar, ela me tem.



O instinto protetor, por diversas vezes, pode nos surpreender...

Pode uma pessoa amar em apenas um mês de relacionamento? Não, é claro que não, ao menos era no que eu acreditava. Só que aqui, agora, olhando o rosto tranquilo de Augusto enquanto ele brinca distraidamente com uma mecha do meu cabelo, começo a ter dúvidas se o que sinto por ele é apenas paixão.

Tivemos cinco dias perfeitos naquele paraíso, que encantou a mim e a Cathe e me deixou ver mais do homem ao meu lado, que toda essa cara de mau e seu jeito é apenas um disfarce. Seria ele um tipo humano de *Meu Malvado Favorito*? Sorrio com o pensamento. Chegamos há três dias. E, após seu plantão, essa é nossa primeira noite juntos.

Estamos deitados em minha cama já tarde da noite, em um silêncio confortável, gostoso até. É como se contemplássemos um ao outro. Levo minha mão ao seu rosto e aliso sua barba com carinho, vejo-o fechar os olhos e beijar a palma de minha mão preguiçosamente, fazendo carinho em seguida com a ponta do nariz. Seu rosto parece cansado, isso é perceptível, e tem um semblante preocupado que eu não tinha notado antes. Sei que é algo com o trabalho, mas ele não me disse nada e decidi deixá-lo à vontade, sabendo que estarei aqui quando ele quiser falar.

Nesse mês que passou, temos nos dedicado a conhecer um ao outro e, quanto mais o conheço, mais encantada fico. Nossa viagem apenas deu raízes ao que eu já vinha sentindo. Augusto é um homem maravilhoso, tem se mostrado companheiro, atencioso, amoroso e principalmente tem um grande cuidado por Cathe, que se apaixonou por ele. Descobri que por trás da carcaça de mau humor, existe um homem gentil e companheiro, isso é um fato. Mas que também esconde algo e isso eu não posso cobrar, dado que também tenho meus segredos.

Não tenho mais receio de me machucar e meu medo nesse relacionamento passou a ser apenas um: Catherine.

Medo de que tenha a esperança de que venha a me casar com ele, de que ele possa tomar o lugar de pai em sua vida e, de um dia para o outro, nós não darmos mais certo e ela se decepcionar. Esse medo cresce dentro de mim ao ver o vínculo que estão criando a cada dia.

Os dois têm criado uma forte ligação e carinho um pelo o outro. Chegou ao ponto de ela me perguntar todos os dias por ele e, quando Augusto não vem aqui, eu tenho que ligar para ele falar com ela, por que ela cisma que tem que dar boa noite para ele todos os dias antes de dormir. É, ela conseguiu enrolar Augusto em seus dedinhos gorduchos.

Nesse meio tempo, ele também tem se mostrado bem... digamos que possessivo, e não consegue disfarçar o ciúme que sente de Bruno, ele até que tenta, mas não consegue. Bruno também não ajuda muito em suas demonstrações de carinho, por vezes apenas para contrariar e provocar Augusto. Nessa confusão, fico eu entre os dois.

Ouço a respiração de Augusto ficar compassada, em um ritmo calmo, e percebo que adormeceu. Fecho os olhos me sentindo tranquila, segura entre seus braços, como nunca me senti antes com nenhum outro, sentindo, principalmente, uma felicidade transbordar em meu coração.



Um barulho me faz despertar. Barulho que conheço bem. Me movo e saio da cama, já vestindo o roupão e indo em direção ao quarto de Cathe. Assim que entro, a vejo encolhida no meio da cama, choramingando baixinho. Me aproximo devagar, percebendo que ainda dorme em meio ao choro. Sua testa brilha com suor sob a luz fraca do abajur, levo a mão à sua testa e confirmo que ela está queimando de febre e seu pijama está encharcado de suor.

— Aí, Deus.

— O que foi, Cristine?

Me assusto com a voz de Augusto atrás de mim, já vestido e desperto.

— Uma febre. Pode voltar a se deitar, Augusto, você saiu há pouco do plantão, deve estar cansado.

Ele me ignora completamente e entra no quarto, colocando a mão na testa de Cathe.

— Não vou dormir com Catherine queimando de febre, Cristine. Me dê ela aqui, pode ir pegar a medicação que ela costuma tomar e uma toalha com água fria que fico com ela. — Penso em negar, mas decido fazer o que ele pede.

Meu coração acelera com a preocupação do que possa estar causando febre nela. Levei-a ao médico dias atrás por sentir febre também e ele me tranquilizou, dizendo ser apenas uma virose com uma inflamação na garganta, mas isso já faz alguns dias e minha menina continua sentindo febre. Porém a viagem pode ter renovado a gripe, talvez tenha sido isso.

Pego o que preciso, volto para o quarto de Cathe, mas nem sinal dos dois. Fecho a porta e vou até meu quarto, onde encontro Augusto colocando um vestido limpo — que não faço ideia de onde encontrou — nela. Depois de vesti-la, ele se senta na cama trazendo-a com ele, enquanto tenta enrolá-la em uma conversa qualquer para que não durma.

— Não, tio. O senhor não lembra? Eu te expliquei que o Olaf é o boneco que a Elza e a Ana fizeram, um boneco de neve. — Ela boceja e ele faz cara de que tenta entender a complexidade da explicação.

— Ei, amor, trouxe um remedinho pra você tomar. — Ela faz um muxoxo, me olhando, piedosa. — Anda, filha, tome. É o de cereja que você

gosta.

Cathe tem mais alguma resistência, mas acaba tomando o líquido rosa. Depois se aconchega em Augusto e fecha os olhos, sonolenta. Aproveito para colocar a pequena toalha úmida em sua testa, sentando-me ao lado dos dois e passando a mão na sua bochecha vermelha. Ela pega no sono de novo, um sono agitado, com direito a resmungos e chorinhos. Augusto boceja ao meu lado e tomba a cabeça no encosto da cama de olhos fechados.

— Querido, se quiser ir pra casa, pode ir. Você precisa descansar— falo e seus olhos voltam a se abrir numa cara de poucos amigos.

— Sabe que eu não vou, não é? — me pergunta baixo com a sobrancelha esquerda erguida. — Estou acostumado a não dormir, Cristine, não se preocupe comigo. Você não corre o risco de que eu vá embora e a deixe sozinha, cuidando de uma Catherine febril.

São nesses momentos que me surpreendo ainda mais com ele, são nesses momentos que duvido que seja apenas uma paixão passageira o que sinto.

— Se é assim... — confirmo, me aconchego aos dois e ficamos apenas contemplando o sono de Cathe, que aos poucos se acalma e a febre parece ceder. — Onde pegou roupa pra ela?

— Estava ao lado da cama. O pijama estava empapado — explica sem muita ênfase.

Ficamos ainda um bom tempo acordados, até que pego no sono novamente encostada em seu ombro. Sobressaltada por um sonho ruim, me sento na cama com rapidez. Cathe dorme tranquila ao meu lado, sem febre no momento, e eu agradeço a Deus por isso. Procuro por Augusto, mas ele não está na cama, nem no quarto. Me levanto e ouço sua voz.

— Não sei bem, mas de qualquer forma quero que dê uma olhada. Cathe é uma menina saudável, Eric, não tem por que acordar queimando de febre no meio da noite e não é a primeira vez. — Ele fala ao celular e parece esperar a resposta. — Sim, perfeito. Ela estará aí, obrigado, e desculpe o horário. Até mais. — Augusto desliga o celular e eu me aproximo, tocando seu ombro.

— Acha que é algo grave? — pergunto quase sem voz e ele me puxa

em um abraço apertado.

— Claro que não. Só que Eric é ocupado demais, então tive que exagerar um pouco.

— Eric é...?

— Pediatra do hospital. Ele vai atendê-la às 5h da tarde. Pode levá-la nesse horário?

— Sim, posso sim, obrigada por conseguir a consulta com ele, já ouvi falar que a fila de espera é imensa. Agora tenho que dar um jeito de encontrar alguém que fique com Cathe para que eu vá trabalhar. Não quero levá-la pra escola e Silvy só vai chegar ao meio-dia.

— Eu fico com ela — diz, despreocupado, sustentando o queixo no alto de minha cabeça.

— Não, eu não posso pedir isso, Augusto.

— Não pedi, estou me oferecendo. — Ele toca meu nariz com a ponta do dedo e fico olhando para ele sem reação.

— Catherine é uma criança fácil, meu bem, mas ela está com febre, não acho que...

— O que pode ser melhor para ela do que ficar com um médico? Fique tranquila que vou levá-la para casa dos meus pais. Prometi almoçar com eles hoje, Alice vai estar lá também e, no fim da tarde, a levo para consulta com Erick.

Penso por um momento, não tenho muita escolha, então por que não?

— Tudo bem, mas qualquer coisa me liga e, se caso ela enjoar, pode trazê-la antes do meio-dia pra Silvy.

— Fique tranquila, é um sítio, ela não vai enjoar.

Pode não ser uma boa ideia, mas não tenho muitas opções. Há dias ele vem tentando marcar um almoço com os pais e eu venho fugindo o quanto posso. Sei que não tenho como retardar por mais tempo e deixar Cathe passar o dia com ele e os pais pode ser bom no fim das contas. Só espero que não me traga problemas, afinal, doutor Otávio estará lá.



***Você se sentirá pleno quando o
amor mais doce e puro surgir, irá
experimentar a doce ilusão de estar
nas nuvens.***

Uma babá de primeira viagem, confesso. Não que seja ruim e, após muitas recomendações e uma bolsa cheia do que Cristine acha que vamos precisar, ela finalmente me liberou com a filha. Faço uma aposta de que não precisaremos de metade de tudo isso. E antes de tomarmos café da manhã, claro, fui convencer Alice a vir comigo, ou melhor, a ir para casa dos nossos pais, já que ela não quis vir conosco até o haras. Não foi fácil, ela odeia quando a acordam, mas, após uns biscoitos, ela acalmou-se.

Sorrio comigo mesmo e olho pelo retrovisor a menina, que veio falando por todo o caminho rural, mostrando algo que via pela janela, ora falando de bonecas e princesas, ora falando dos animais soltos no pasto, o importante é que ela não para um momento, distraindo a nós dois.

Contra tudo o que pensei por muito tempo, eu me apeguei fácil a Cathe. A menina é a criança mais fácil de lidar que já vi e o carinho que demonstra com todos é de encher os olhos, encanta.

— Olha, tio, cavalinhos pequeninhos! Que fofinhos... — fala, encantada, e percebo que acertei. Foi uma boa ideia trazê-la ao haras.

— Não são cavalinhos, princesa, são pôneis.

— Igual no desenho?

— Isso. — Não tenho bem certeza dessa afirmação, mas acredito que sim.

— Tem um rosa? — Eu rio.

— Não, esse infelizmente não tem. — Estaciono em uma vaga aberta próximo ao carro de Pedro, que já está parado em frente ao escritório da administração do lugar. Quando saio do carro e dou a volta para pegar Cathe, ele nos alcança.

— O que foi, *viado*? Aconteceu alguma coisa?

— Não, e controle a boca que hoje temos uma pequena dama entre nós.
— Pedro me olha sem entender, abro a porta do carro e tiro Catherine toda sorridente de dentro.

— Meu Deus! Sequestrou a criança? — zomba o miserável.

Mas já era de se esperar, então finjo não me importar.

— Cristine tinha que trabalhar e Cathe está meio febril, não tinha com quem ficar. Resolvi trazê-la aqui para dar um passeio, não foi, princesa?

— Humrum, foi sim.

— Toca aqui, grilo falante. — E ela é toda sorrisos para ele.

— Eu vi cavalinhos, tio!

— Sei que sim e eu vou levar você pra conversar com eles, o que acha? — Cathe olha para mim e espera algo que não sei o que é.

— Posso, tio?

— Claro que sim, trouxe você aqui para isso.

E logo sou trocado por Pedro, saindo ambos em direção aos estábulos, ela saltitando ao seu lado, e eu logo os sigo, levando a bolsa rosa de unicórnios. A menina fica cada vez mais encantada e, sem saber, me traz nostalgia, enquanto observo Pedro arrear um dos pôneis, escolhido por ela.

Cathe aproveita para perguntar cada detalhe e nesse momento ela me olha, espontânea, sorriso no rosto. Pisco um olho para ela e caio na gargalhada quando, na tentativa de retribuir, ela pisca ambos os olhos. Vejo que nem ao menos há resquício de febre.

— Pode deixar que guio os arreios, Pedro. Só dê a ela as instruções.

— Pode deixar, a guria sairá daqui uma amazona! — Sorrimos e ela olha para mim e depois para o pônei já pronto.

— É difícil, tio? Machuca se eu cair?

Me ajoelho à sua frente, levantando seu queixo para tentar lhe passar confiança. Não deve ser muito diferente do que faço com meus pacientes antes de cada cirurgia.

— Ora, o que é um raladinho ou outro? Sem falar que você não vai cair, é esperta, logo vai segurar a própria rédea. E, se por acaso cair, vou estar ao seu lado pra te segurar. Combinado? Não tenha medo, confie em mim.

— Tá bom, combinado.

Faço um simples carinho em seu queixo e me levanto, encontrando o olhar de Pedro em mim. Um aceno mostra sua aprovação, uma que não pedi.

— Vamos lá, pequena, vamos andar a cavalo, ou melhor, de cavalinho!



Foi uma manhã diferente. Tenho tido dias diferentes desde que conheci Cristine e posso dizer que gostei de todos eles. O de hoje, por exemplo, me deixou mais próximo de Cathe, me fez conhecer mais da menina de olhos doces e me fez pensar que, se um dia me concedessem a dádiva de poder voltar no tempo e escolher uma filha, seria exatamente assim. Cristine é uma mulher de sorte e de fibra por criá-la sozinha e tão bem.

Começamos a entrar na propriedade de meus pais e ela acorda de seu pequeno cochilo quando volto ao carro, após fechar a porteira.

Meus pais se aposentaram há pouco tempo e, desde então, passam a maior parte do tempo na casa de campo, o que, segundo minha mãe, funciona como um tipo de segunda lua de mel permanente para os dois. Ao longe, já posso ver o carro de Arthur estacionado em frente à casa e me pergunto o que ele faz aqui em plena sexta-feira. O infeliz não tinha que estar em São Paulo trabalhando?

— Quem mora aqui?

— Meus pais, pequena, você os conheceu uma vez, se lembra?

— A mulher alta de cabelo como o da tia Alice?

— É, acho que sim.

— Ela é bonita, tio.

Sorrio do que diz. Sim, dona Vera é uma senhora elegante e muito bonita.

O sítio é grande, em uma área próxima à cidade. Meu pai encontrou o lugar, se apaixonou de cara e, por ser perto do haras de Pedro, que na época era do meu tio, seu irmão, ele se decidiu por comprar o lugar.

Meu pai construiu uma pequena mansão aqui, a casa ficou estrategicamente bem colocada na parte elevada do terreno, deixando a construção de dois andares em evidência. Ele fez questão também de deixar tudo arborizado e com vegetação abundante, fazendo apenas um pequeno estábulo, que abriga alguns cavalos, algo de que gosta bastante.

Assim que estou próximo o bastante da casa, vejo minha mãe na área, com Alice a tiracolo. As duas falam alguma coisa e sorriem. Posso até imaginar o que seja. Penso por um momento que pode não ter sido uma boa ideia vir até aqui hoje, minha família é intrometida demais. Mas, com certeza, já devem ter percebido isso, só pelo fato de Arthur ter vindo. Depois de estacionar e sair com Cathe, subimos as escadas que dão acesso à área da frente e minha mãe vem nos receber com um sorriso de orelha a orelha.

— Que bom que chegou e trouxe companhia. — Ela sorri toda carinhosa para pequena.

— Essa a senhora já conheceu, é Cathe, filha de...

— Cristine, claro que me lembro. Uma mocinha linda assim não dá pra esquecer. Tudo bem, minha princesa?

— Sim — Cathe fala um pouco tímida, coisa que não combina com ela.

— Você a levou ao haras? — minha mãe pergunta, enquanto se abaixa e dá um abraço em Catherine.

— Acabamos de vir de lá. Ela gostou muito, não foi, Cathe?

— Humrum, eu andei de cavalo. — Minha mãe dá uma atenção fora do

comum a ela, enquanto fala com entusiasmo do passeio.

— Venha Cathe, Otávio quer te ver. — A menina me olha como se esperasse que eu respondesse por ela e, claro, quer saber se pode ir ou não. Apenas aceno com a cabeça.

— Vamos, tia.

— Não precisa me chamar de tia, quero que me chame de vó, pode ser? — minha mãe fala, enquanto ainda aperta a pobre menina em mais um abraço.

— Não sei, mamãe não disse nada.

— Acho que sua mãe não vai se importar. E como não tenho netos ainda... — ela fala e me olha enviesado. — Você pode ser a minha netinha enquanto isso, que tal?

— Minha mãe me disse que não tenho vovó, nem vovô, mas eu sei que todo mundo tem, não tem, tio? A senhora pode ser a minha. — Seus olhinhos brilham com algo que não reconheço.

— Bom, aí depende, pequena. Enquanto isso, pode usar minha mãe e meu pai como avós, o que acha? Acho que sua mãe não vai se importar — falo me agachando para ficar da sua altura.

— Tá bem então — ela fala e segura a mão da minha mãe, me parecendo bem contente.

— Já que estamos resolvidos, vamos entrar. Arthur está te esperando na sala, Augusto. — Sigo minha mãe e Cathe, que começam uma conversa animada sobre o passeio no haras, mas paro de repente.

Minha mente começa a trabalhar o fato de Cristine ter dito a menina que ela não tem avós. Os pais dela ainda estão vivos, certo? Assim que Alice passa por mim, eu a puxo delicadamente pelo braço.

— Cristine já lhe disse alguma coisa sobre os pais dela? Ou sobre o pai de Cathe? — Alice me olha, confusa.

— Não, não disse. Sempre que tento entrar no assunto, ela dá respostas evasivas, diz apenas que o pai de Cathe morreu em um acidente de carro antes de ela nascer, só isso.

— E sobre os pais?

— Não diz nada, o que é estranho pra mim. Pra ela, a família significava muito, era bem dependente. — Ela para de falar e me olha. — O que foi? Nunca conversaram sobre isso?

— Não, nunca. Ela sempre foge quando o assunto surge. — Solto Alice e caminho com ela ao meu lado até a entrada da casa. Sigo calado, apenas pensando no que pode causar esse comportamento em Cristine.

Na sala, está todo o resto da família, incluindo Marina. Alice bufa ao meu lado, impaciente, em desconforto por causa da nossa adorável cunhada. Mamãe está com Cathe perto do meu pai, que conversa com ela animado, e Arthur tenta chamar sua atenção, mas, devido ao episódio no apartamento de Alice, Marina não deixou uma boa impressão, o que faz Cathe olhar Marina atravessado, sentada ao lado do meu irmão. A mulher, por sua vez, está alheia a presença da menina ou finge indiferença.

— Ei, papai do ano! — Arthur fala alto, chamando a atenção para mim, parado à porta. Não há jeito para ele.

— Fala aí, não sabia que já tinha chegado de São Paulo.

— Tive que vir ontem à noite, trabalho, meu irmão, trabalho...

Trabalho com codinome Marina, me polício para guardar somente para mim esse pensamento.

— Vamos comer, crianças. O almoço já está servido, se demorarmos mais, vai acabar esfriando — minha mãe nos chama e sinto meu celular tocar no bolso de trás da calça.

— Podem ir, já me junto a vocês, vou só atender Cristine. — Deixo a sala e saio novamente pela porta da frente.

— Alô.

— Augusto?

— Oi, Cristine.

— Atrapalho?

— Nunca, o que foi, algum problema?

— Como vocês dois estão?

— Muito bem. Estamos na casa da minha família, Alice veio também, não se preocupe.

— Cathe tá bem? Teve febre?

— Ela está bem. Está com minha mãe, que a convenceu a chamá-la de vovó, e não, não teve febre. — Alguns segundos se passam, penso que a ligação caiu. — Cristine?

— Ela deve ter gostado disso. Tudo bem então, liguei apenas para saber como estão indo.

— Fiquei decepcionado... — Ela ri, poderia dizer que não está como de costume.

— Também liguei porque senti saudades, garanto. — Ouvindo isso, não posso evitar o sorriso que se abre em minha boca.

— Fingirei acreditar, então até mais tarde, acredito que às 17h chegaremos ao hospital.

— Mande um beijo pra Cathe e pra todos aí. Até mais tarde, um beijo, meu bem.

— Até, o beijo quero dar pessoalmente.

Desligo o celular, após ouvir seu riso novamente, e volto-me para ir para a sala de jantar, mas paro ao ver Alice empacada atrás de mim.

— Por que está parecendo uma assombração escondida aí, *Annabelle*?

Ela ri, pega com a boca na botija.

— Não estou escondida, você que não me viu aqui — fala, tentando prender o riso.

— Aprendeu a ouvir conversa dos outros agora?

— Não, mas confesso que gostei de ouvir a sua. Vim aqui só te apressar, mas ouvir você aí todo meloso encheu meu coração.

— Poético até, quero ver quanto tempo irão levar para se acostumar com isso.

— Ah, Augusto, não estrague nosso prazer. Agora vamos, o almoço está servido e Cathe está encolhida ao lado de mamãe com medo da bruxa Keka.

Como sempre exagerada. Por qual motivo Cathe haveria de estar escondida? Resolvo expor minha dúvida:

— E por que ela está encolhida? — Alice me olha e sei que tem algo

errado. — Fale, Alice.

— Nada demais, vem que mamãe está esperando.

Eu a sigo, nada satisfeito com o que acaba de falar, e o que escuto sair da boca de Marina assim que entro na sala faz meu sangue ferver.

— Não sou sua tia, menina, não me chame assim.

— Marina. — Arthur a segura pelo braço na intenção de pará-la, pois ele já me viu, e Cathe se encolhe perto de minha mãe, que não tem uma cara nada boa.

— O que é, Arthur? Eu só não entendo essa mania que as mães têm de ensinar os filhos a chamar todos de tio e tia, acho isso ridículo, uma falta de educação, isso sim. — Minha raiva agora explode. Eu não sou bom em segurar meu temperamento e me aproximo da minha pequena.

— Como Cristine educa a filha não é da sua conta, Marina. E eu espero não te ouvir falar com Cathe assim de novo, porque senão vou ser obrigado a pedir que se retire da mesa. Está na hora de aprender boas maneiras, coisa que não te ensinaram em uma vida. Acho bom ir se acostumando, a família está crescendo, Cristine e Cathe farão parte do nosso ciclo a partir de agora. Estamos entendidos? — Arthur me olha sem jeito, Cathe segura minha mão e Alice segura uma gargalhada até ficar vermelha como um pimentão.

É uma cena impagável.

— Eu só dei minha opinião...— Ela tenta se defender.

— Que não faz a mínima diferença para mim, ou para qualquer um aqui presente, acho que interessa apenas ao meu irmão. Eu já dei o meu aviso e espero que se lembre dele. — Ela me olha surpresa e espera que Arthur diga algo.

Minha mãe limpa a garganta, me dando um olhar de repreensão que não convence ninguém em absoluto.

— Augusto, sente-se aqui perto de Cathe e vamos almoçar em paz, por favor. Não quero ouvir algo assim novamente. E Cathe, meu amor, você não é mal-educada, algumas pessoas não entendem os outros. Não é, Marina?

— Hum... se a senhora diz.

Faço o que minha mãe pede e me sirvo em seguida. E, apesar do desconforto, o almoço corre tranquilo, minha mãe faz de tudo para agradar

Cathe, que por sua vez é fácil de ser agradada para minha sorte. A menininha começou o almoço tímida, devido ao que foi dito, mas logo se solta quando minha mãe e até meu pai conversam com ela sem parar. Arthur, apesar de não falar comigo durante e após o almoço, é bem sociável com Cathe, os dois entram em uma disputa para ver quem rouba o nariz de quem, o que a diverte bastante.

Alice, essa com certeza acha que também tem 6 anos, deixa que Cathe a transforme na princesa Anna, algo a ver com a cor do cabelo, e ver minha mãe interagir com Cathe me faz lembrar o quanto ela ama crianças. Ela sempre quis que Alice lhe desse netos, ou até mesmo Arthur, mesmo sendo com a louca da Marina. Porém, aparentemente, Alice não pode ter filhos e Arthur, pela graça de Deus, não quis ter sua prole, não ainda. Não consigo imaginar Marina criando uma criança, não mesmo. Seria um desastre colossal.

Em dado momento, meu pai me chama no privado durante à tarde em seu escritório. Estranho, mas o sigo. Primeiramente, o velho me envolve em uma conversa estranha que não leva a lugar algum, para depois me perguntar se eu tenho certeza do que estou fazendo, referindo-se a Cristine. Acho tudo um tanto absurdo e quando pergunto o porquê daquilo, ele diz que ela é uma moça especial, que merece ser feliz e que não quer que eu a magoe. Uma situação incomum. Mas não posso esquecer que ele foi o médico dela, fez o parto de Cathe e que por isso se preocupa. Meu pai sempre foi ligado aos seus pacientes e, pelo o que entendi, Cristine teve um acompanhamento especial, devido à condição da gravidez e saber que ela foi bem cuidada me deixa aliviado, sabendo que todos da família gostam de Cristine e que se preocupam com a filha dela. Isso me dá a certeza de estar com a pessoa certa.

Quando estamos a poucas horas da consulta da pequena, chamo Cathe para irmos embora. Minha mãe faz uma comoção e um drama, fazendo-me prometer trazer Catherine e Cristine para passarem um fim de semana com ela e papai. Alice aproveita e pega uma carona comigo na volta.

— Você é meu irmão favorito, sabia? — Alice fala baixo, sem querer acordar Cathe, que dorme no banco de trás, quando já estamos a caminho do hospital.

— Sei que diz isso a Arthur também — eu a provoco.

— Mas você me surpreende às vezes com seus rompantes de sinceridade negra. Adorei tudo o que disse, viu a cara dela? — fala rindo, mal segurando uma gargalhada.

— Pare de fazer fofoca da sua cunhada, irmãzinha. — Ela bufa.

— Não é fofoca. Será fofoca quando eu contar pra Cristine mais tarde, aí sim será uma baita fofoca. — Ela ri e eu não deixo de acompanhá-la.

Sigo então para o hospital, fiquei mais tranquilo ao longo do dia, pois Cathe não teve febre e se manteve ativa o dia inteiro. Meu pai disse que não passa de uma dor de garganta e eu acho que ele tem razão. As amídalas dela estão um pouco inchadas, acredito que a medicação que ela tomou há alguns dias não deve ter matado a bactéria e por isso a febre voltou, não é nada demais com toda certeza.

— Já falou do baile para ela? Falta pouco tempo, Guto, mulheres precisam se arrumar com antecedência, ainda mais pra um evento como esse.

— Precisam de meses?

— Bem, pode-se demorar para achar o vestido. — Ela dá de ombros.

O baile a que ela se refere é o evento anual do hospital para arrecadar fundos, principalmente, para a ala infantil. Uma festa com toda a pompa e circunstância, do tamanho do prestígio que o hospital tem: gigantesco. E quero que Cristine me acompanhe, com ela com certeza será mais fácil suportar os malditos empresários metidos a besta.

Ela só tem que aceitar ir, já tenho como certo que estaremos juntos e, daqui para lá, preparo a surpresa que quero dar a ela, só espero que não se assuste e que goste, espero muito que goste...



*O peso na consciência é como
uma âncora que, por fim, acaba
afundando você em um mar revolto
da mais pura culpa...*

Alguns meses depois...

Os últimos meses têm trazido um gosto doce à boca, uma sensação de leveza, de ter um amor. Não, não é o que pensam, Augusto nunca disse que me amava nesse tempo em que estamos juntos, tampouco eu disse a ele. Mas acredito que sentir-se amada é muito mais significativo do que ouvir um “eu te amo” sem ter a real certeza desse sentimento.

É o tipo de coisa que você sente em seu íntimo, só não está pronta para dizer... ainda. Meses atrás era apenas uma paixão avassaladora, hoje é fácil confirmar que, além de estar completamente apaixonada por ele, também o amo. E conforme vem se mostrando a cada dia, vai fazendo com que eu o ame mais e mais, cada gesto, cada olhar ou beijo fazem com que eu me sinta feliz, amada, algo de mais precioso no mundo para ele.

Hoje é o famoso baile beneficente do hospital, ao qual aceitei acompanhá-lo. Depois de passar no cabeleireiro, na manicure e enfim escolher o meu vestido, estou quase pronta, apenas dando os últimos retoques na maquiagem feita mais cedo. Augusto me convidou há uns dois meses e eu

aceitei o convite, claro.

Nesse meio tempo, também tenho estreitado relações com sua família, que tem me acolhido de braços abertos, fazendo o medo me abandonar de vez. O passado realmente não importa. Dona Vera continua sendo um amor de pessoa, sem falar no carinho que demonstra por Cathe, e sabem como é coração de mãe! Não precisa me tratar bem, mas se tratar o meu bebê... acaba me ganhando por completo.

— Mamãe! A senhora tá tão bonita...— E por falar nela...

Cathe está sentada em minha cama, olhando enquanto me arrumo, parecendo encantada. O vestido que escolhi é longo, em um tom marsala, de alças finas cruzadas nas costas. Escolhi a cor, pois acredito que combine com meu tom de pele e por gostar bastante de vermelho. A maquiagem está como gosto, nada muito exagerado, olhos bem marcados e um batom vermelho, combinando com o vestido. O cabelo está em um penteado meio preso, enquanto as pontas soltas caem em cachos cacheados pelas costas. No final, ao me olhar no espelho, adoro o resultado.

— Obrigada, minha fofura. — Me aproximo, cheirando seu pescoço, fazendo-a se esquivar com cócegas. — Cadê seu tio, meu amor, já chegou?

Pergunto, pois Bruno se ofereceu para ficar com ela hoje. Segundo ele, será a noite das princesas. Não me perguntem o porquê de ele se incluir nesse meio, por favor.

— Ele disse que já vinha me buscar, mas quero ver o tio Augusto primeiro, mamãe — fala, franzindo o nariz. Noto que suas bochechas estão um pouco mais avermelhadas do que de costume perto do nariz e toco sua testa.

Constato que ela não está com febre, então acredito que tenha pegado um pouco de sol ao brincar na escola. Sobre a febre que ela vinha tendo, segundo o dr. Eric, não passou de uma virose com uma inflamação de garganta, o que tirou um peso de minhas costas.

— Ei, aí estão vocês. — A voz de Bruno ecoa, enquanto ele entra no quarto e estanca no lugar. — Viado... — ele começa a falar e para, lembrando-se de Cathe — ... de sorte, Augusto é um homem de sorte, você está perfeita, meu bem. — Bruno se aproxima e deposita um beijo em minha testa, depois se vira para Cathe. — Preparada, Framboesa? Vamos aprontar

essa noite! — Ela abre um grande sorriso, sabendo o que significa.

— Vá, amor, prometo que o tio Augusto vem tomar café da manhã com a gente e você poderá vê-lo amanhã.

— Promete? — pergunta ainda com dúvida.

— Juro de dedinho. — Me aproximo dela e enlaço seu mindinho com o meu, beijando-lhe o rosto em despedida.

— Então vamos, Framboesa. Boa festa, Cristine, e divirta-se.

— Pode deixar, eu irei — respondo e Bruno sai logo depois, levando minha pequena consigo.

Estou nervosa e não sei o porquê. Confiro minha imagem no espelho mais uma vez e depois vou para sala esperar Augusto, que a essa hora já deve estar a caminho.

Desde que me levantei pela manhã me sinto estranha, talvez um pressentimento ruim, não sei ao certo. Só peço a Deus baixinho para que seja apenas coisa da minha cabeça e do sonho que tive a noite. Será tudo perfeito.

A campainha toca e já sei exatamente quem é. Ao abrir, encontro a imensidão azul que me acostumei tanto a amar, que se tornou com os dias algo imprescindível para mim. Às vezes chega a me surpreender, tamanha é a intensidade dos meus sentimentos.

Augusto está perfeito, trajando um *smoking* preto, com os cabelos levemente aparados, roçando os ombros. Seu sorriso se abre ao me ver e me sinto como se fosse a mulher mais feliz do mundo, completa. Não que dependa de um homem para isso, mas digo com relação a sentimentos. O fato do meu coração querer sair pela boca sempre que irei vê-lo. Quando dou um passo para sair do apartamento, ele me detém e entra na sala me puxando pela mão.

— Cathe já está com Bruno?

— Já, já sim.

— Queria lhe dar um beijo antes de irmos... faço isso amanhã. Eu quero te dar uma coisa antes de irmos — fala e me beija castamente.

— Tem certeza? Já estamos quase atrasados.

— Serei rápido, prometo — fala e tira um pacotinho preto do bolso.

Meu peito acelera, minha respiração falha e me forço a olhar seu rosto, que aparenta nervosismo. — Eu vi isso meses atrás, não consegui me controlar e não comprar para você. Encare como um símbolo de compromisso, assim todos vão saber que você é minha, Cristine, só minha. Você me fez voltar a confiar, a querer mais. — Suas palavras vêm nervosas, demonstrando mais uma vez sua possessividade.

Augusto tira do saquinho aveludado um pequeno anel delicado em ouro rosa, com uma pedra transparente no centro, acompanhada de outras pequeninas do lado. Após me olhar nos olhos e acariciar meu rosto com carinho enquanto permaneço como uma estátua, ele coloca o anel em meu dedo anelar na mão direita, me deixando de vez sem palavras.

— Eu sei que nunca lhe disse isso e espero muito ter demonstrado o que sinto por você em meus atos, Cristine. Já deve saber que não sou dado a falar de sentimentos, mas quero expressar hoje em palavras o que sinto para que saiba o quanto teve o poder de me modificar, de me completar só por estar ao meu lado e ser quem é. Eu te amo, Cristine, amo cada parte sua, cada pedacinho, cada pequena falha e qualidade, seus sorrisos, cada expressão e essa sua personalidade adorável, que me encantou desde sempre. Acho que comecei a te amar ainda naquele asfalto, quando me olhou pela primeira vez e é por isso que o anel tem gravado essa data em especial. O dia em que me vi irremediavelmente preso a você — ele fala tudo de uma vez, me olhando intensamente, bem no seu jeito Augusto de ser.

Deus do céu! Como reagir a isso? O homem que você ama, bem na sua frente, dizendo que o sentimento é recíproco abertamente e ainda dando uma demonstração desse amor? Me joga em seus braços sentindo lágrimas em meus olhos. Não quero chorar, mas como resistir a isso, a ele?

— Ei! Não é para você chorar, meu amor.

Meu amor...

Esse momento eu vou guardar para sempre em meus pensamentos, o momento em que ele disse que me ama pela primeira vez, que me chamou de meu amor, tão verdadeira e carinhosamente.

— Eu também o amo, Augusto, amo muito. Mais até do que sou capaz de suportar. Você tem o poder de me fazer sentir a mulher mais feliz desse mundo, está fazendo isso agora mesmo. — Ele me beija com alívio. Um beijo

casto, cheio de sentimentos, enquanto ficamos hipnotizados um pelo outro, presos em um olhar significativo.

— Agora sim, estamos atrasados e estou muito inclinado a desistir desse baile e passar o restante da noite apenas te amando, venerando com a língua cada pedaço do seu corpo. Ouvir você dizer que me ama não tem preço, Cristine, pois a impressão que tenho é de que não a mereço.

Sorrio, ao sentir seus lábios em meu pescoço, sentindo meu sexo pulsar com suas insinuações, mas no fundo sei que não podemos ficar, teremos que ir.

— Você vem fazendo por merecer meu amor dia após dia e agora, senhor Augusto, temos muito tempo ainda e a vida toda pela frente. Vou consertar a maquiagem, que você me fez borrar, e já saímos. — Ele assente, mas não deixa de dar a última cartada.

— Tem certeza? Você está perfeita e eu adoraria desfazer esse penteado e arrancar esse vestido. — Ele me olha com um meio sorriso e eu apenas confirmo que temos que ir, apesar de querer muito ficar.

Talvez meu olhar tenha me entregado. Como um felino, ele se aproxima mais e toma meus lábios com delicadeza. É delicioso e eu me entrego.

— Hum, Augusto. Talvez 20 minutos a mais não faça tanta diferença assim.

Recebo seu sorriso em contrapartida e sou içada do chão, sendo carregada até a mesinha no canto da sala.

— Serei rápido, mas a farei gritar de prazer...

Meu sexo pulsa, molhando minha calcinha e me agarro aos seus ombros. Suas mãos serpenteiam minhas pernas, subindo meu vestido e dando-lhe livre acesso à minha carne sedenta.

— Sem calcinha? Sério? Quer me deixar maluco?

— Marcava o vestido... — tento dizer, mas a verdade é que queria sim deixá-lo maluco.

Sem tirar os olhos dos meus, Augusto se agacha deixando a boca em frente à minha pelve. Me contorço de desejo ao esperar pelo que fará. Sem tirar os olhos dos meus, ele passa o dedo indicador em minha fenda, subindo

e descendo devagar, fazendo com que eu gema alto enquanto o vejo tirar seu membro de dentro da calça.

Fecho meus olhos ao sentir sua língua úmida me chupar, sugar meus clitóris com força e soltá-lo, para em seguida abocanhar todo o meu sexo. Grito alto, talvez alto demais, e sinto o prazer tomar conta de mim aos poucos. Puxo seus cabelos e sinto quando sorri próximo à minha carne.

— Você é insaciável... — diz e morde meus lábios, colocando-se de pé e encaixando seu pênis em minha entrada molhada, pingando por seu pau. — E eu adoro essa sua fome. Gema para mim enquanto toma meu pau.

— Hum, eu não vou aguentar.

— Então goze, vamos, goze pra mim.

E eu me desmancho quando estoca com mais e mais força em meu interior, me contorcendo, gritando por mais, me perdendo e caindo em um abismo delicioso de puro prazer, um prazer que só senti com um único homem. O homem que se declarou de forma nervosa e perfeita.

Me entrego e deixo minha cabeça tombar em seu ombro, sentindo seu pau esporrar dentro de mim, pulsar enquanto ele morde minha orelha e canta meu nome. Erótico, sexy e dominador... Uma mistura perigosa.

— Eu te amo, Cristine.

— Eu também te amo...



Augusto me olha de esguelha, enquanto dirige e não deixa de sorrir com malícia quando apalpa minha perna por cima do tecido fino do vestido vermelho, enviando uma corrente elétrica para minha espinha. Mas seu toque é rápido e, quando termina, adentramos no local destinado à festa, que é grandioso. Pela quantidade de carros estacionados, já dá para ver que o local está lotado.

Augusto desce do carro e vem abrir minha porta como um perfeito cavalheiro, me ajudando a descer e arrumar o vestido longo. Ele me dá um

beijo no canto dos lábios e segura meu braço para andarmos em direção à entrada. Claro, estamos bem atrasados, já que além do sexo, perdemos tempo tendo que usar alguns minutos para nos recompor, mas não estamos nada arrependidos pelo atraso.

Admiro a beleza do lugar, é incrível e elegante. Ao entrar no salão vejo os detalhes da decoração toda em branco e dourado, com grandes luminárias e flores por toda a parte. As mesas estão dispostas no salão, contendo o nome de cada membro que deve se dirigir a elas. O ambiente está lotado, o burburinho se mistura com a sinfonia de Beethoven tocada suavemente, encantando meus ouvidos. Querendo me trazer lembranças de uma pequena garotinha sentada ao piano, lado a lado com o pai que lhe ensinava a tocar e lhe explicava o porquê de Beethoven ser considerado o melhor. Balanço a cabeça, a fim de limpar esses pensamentos e me concentro novamente no presente.

Logo avistamos nossa mesa com Otávio e Vera já sentados, na companhia de Pedro. Alice viria, mas desistiu de última hora e não quis me dizer o porquê. Vamos até eles e, após cumprimentar todos, nos sentamos e começamos uma conversa animada, com Pedro tecendo comentários ácidos sobre alguns convidados.

Augusto o tempo todo tem a mão na minha, fazendo um leve carinho e, vez ou outra, leva minha mão até seus lábios e dá um beijo rápido e carinhoso. Não perco quando Vera olha essa interação e sorri consigo mesma, parecendo satisfeita.

Após um bom tempo que se segue entre discursos e apresentações, chega a hora do jantar de gala, que, por sua vez, corre muito bem. O tempo passa até muito rápido e, ao olhar o relógio, vejo já que é bastante tarde e sinto o cansaço pesar minhas pálpebras. Passo os olhos pelo lugar e me sinto paralisar, quando meus olhos pousam em uma pessoa em especial.

Maurício está aqui.

O homem ruivo tem os olhos fixos em mim, me estudando em um escrutínio óbvio para quem quiser ver. Conheço bem aquela expressão e sei que não está nada satisfeito, ou melhor, está furioso.

Sem ao menos perceber, retiro minha mão da de Augusto, vendo Maurício levantar sua taça em minha direção, como em um brinde que não

retribuo.

O medo me assalta, me rouba o ar, torna minhas pernas bambas e faz minhas mãos suarem em bicas. Meu coração parece saltar pela boca e memórias me assolam, me desestabilizam, me tiram do prumo. Procuro por ar o máximo que consigo, mas parece que perdi a capacidade de respirar, de pensar, de agir.

— Tudo bem, Cristine? — Augusto me olha em um misto de preocupação e eu me encolho, envergonhada do seu olhar preocupado.

— Tudo sim — minto, lembrando qual é a sensação de enganar.

— Está fria, Cristine, e branca como um papel, não pode estar bem — ele fala, tira uma mecha solta do penteado da frente do meu rosto e coloca atrás da minha orelha.

— Acho que foi uma queda de pressão, eu só preciso ir ao banheiro e logo estarei bem novamente. Um pouco de água em meu pescoço fará bem. — Claro que é mais uma puta de uma mentira, assim como eu sou. Ainda assim, me levanto, mas ele me segura pelo pulso, fazendo-me parar.

— Espere, eu vou com você. — Augusto faz menção de se levantar, mas eu o paro.

— Não, Augusto, pode deixar. Já me sinto melhor e já volto. — E antes que diga alguma coisa, saio em direção ao banheiro, sem nem ao menos olhar para os lados.

Assim que entro no cômodo, dou graças a Deus por estar vazio. Me olho no espelho, vendo meu rosto pálido contrastar com o marsala do vestido. Meus olhos estão vermelhos com a vontade de chorar e, em meu peito, a ardência familiar me toma, sentindo toda a decepção tomar conta de mim, preenchendo cada pedacinho do meu corpo.

— Se acalme Cristine, Maurício é passado. Um passado que você enterrou, se lembra? E passados são pra ficarem para trás, ele não pode fazer nada com você, sua idiota — digo a mim mesma, forçando meu corpo a se acalmar.

Belisco minhas bochechas a fim de trazer cor ao meu rosto e me preparo para sair do banheiro, após buscar lufadas de ar e coragem. Me orgulho em conseguir acalmar meu coração, porém, não dou três passos fora

do banheiro e volto a vê-lo.

O problema é que, por mais que tenha cogitado algo assim, em momento algum tinha me preparado realmente para isso. Não estava e não estou preparada para ver o meu passado bem aqui, na minha frente, me encarando com um sorriso irônico. Maurício. Como sempre bem vestido, em um de seus ternos italianos perfeitamente alinhado ao corpo.

O infeliz veio atrás de mim.

— Ora, ora, se não encontrei uma das acompanhantes de luxo mais caras do Rio de Janeiro. Se eu soubesse que tinha voltado a atender, já teria entrado na fila de espera... — Desgraçado filho da puta. — Mas me diga Agatha, ou devo dizer Cristine?

— Saia da minha frente, Maurício.

— O que foi? Não gostou da surpresa? Ah, minha delícia, não me diga que não estava com saudades de mim. Agora satisfaça minha curiosidade, Cristine, o que faz aqui com aquele doutorzinho? — ele cospe a última frase com escárnio.

— Não vou te responder nada, Maurício, agora saia da minha frente ou vou começar a gritar. — Ele não se detém, chega ainda mais perto, e dessa vez, segura meu braço.

— E vai dizer o quê? Que já foi minha prostituta? Minha acompanhante de luxo? Que já se deitou comigo por tantas vezes que não conseguiria nem ao menos enumerar? Fico curioso com o que o imbecil lá fora vai pensar. Me diga... ele sabe? Sabe o lixo de mulher que o está acompanhando? Sabe que já foi para cama com metade dos convidados aqui presentes? — Maurício me atinge em cheio com suas palavras, de um jeito que dói, dói muito, que me tira o pouco de equilíbrio que me restava. — Eu, sim, sabia, sempre soube, se lembra, minha garota? — Ele passa as pontas dos dedos em meu rosto, causando-me repulsa e, em um gesto rápido, me livro de seus dedos nojentos. — Mas, ainda assim, eu quis te assumir, e o que você fez? Me disse não. Eu quis até mesmo assumir aquela bastarda que você chama de filha e você me disse não, sua vadia de merda! — Minha mão vai em sua face por pura bravata, por insultar a minha criança, mas ele a segura e me olha com um sorriso no rosto, como se não pudesse atingi-lo. O pior é que sei que não posso. — E agora me aparece com Augusto. Tsc, tsc, tsc,

Cristine, que decepção. Acho que posso ter uma conversinha com ele, o que acha? — Meu coração parece falhar uma batida, meu peito dói e meus olhos se enchem de lágrimas mal contidas.

— Cristine! — Ouço a voz de Augusto atrás de Maurício e meu corpo parece virar gelatina.

Maurício me olha com um meio sorriso e o medo me vem por completo, medo da verdade.

— Será o nosso segredinho sujo... — ele sussurra, piscando um olho para mim e se vira em direção a Augusto, que está bem perto das suas costas, levando-me com ele. — Sua namorada estava passando mal, eu já estava indo chamá-lo.

Augusto vem até mim e passa o braço em minha cintura, afastando-me de Maurício. Leva a outra mão ao meu rosto, olhando-me à procura do que está acontecendo. Me sinto mal, incapaz e suja perante seu olhar de preocupação.

— Não é nada demais, só uma queda de pressão como disse antes — digo, vendo a expressão irônica de Maurício, e minha vontade é de arrancar esse sorriso diabólico de seus lábios.

— Eu vou voltar para festa. Passar bem, Augusto, e cuide melhor do que é seu — falando isso, ele se vira e sai, sobre o olhar mortal de Augusto, que claramente não gostou do comentário.

— Aconteceu alguma coisa? O que Maurício queria?

— Não, nada. Eu...

— Quer ir para casa? Já fizemos o que tinha de ser feito, os discursos já acabaram. — Concorde com um gesto, sem ter condições de falar e ele nos guia para fora do lugar.

O cuidado com que me conduz até o carro, o modo de me acomodar em meu assento, até mesmo pondo o cinto de segurança em mim, me faz mal, me machuca, me faz sentir culpada. Eu sou uma mentira, parte da minha vida se afundou em uma grande e obscura mentira, e minha consciência me cobra seu preço agora. Meu passado está batendo em minha porta, me avisando que meu tempo acabou, que acabou toda a brincadeira e que o castelo de areia que construí começa a ruir.

Enquanto Augusto faz perguntas sobre o que estou sentindo, dou respostas mecânicas e um filme se passa em frente aos meus olhos.

Vejo o momento que me levou a fazer o que fiz passar em câmera lenta na minha frente. O nascimento de Cathe, a primeira vez que me entreguei a um homem por dinheiro e as outras inúmeras vezes em que fiz a mesma coisa. Quantas vezes pensei em parar, quantas vezes cheguei a desistir, mas sempre voltava a fazer o que julgava errado, sujo. Circunstâncias me levaram a fazer o que fiz, a dor me levou a fazer o que fiz e, principalmente, a perda, ah essa, sim, foi a pior.

Não serei hipócrita ao dizer que não tive opções, eu tive, só que nenhuma me permitiria ter minha filha comigo, em meus braços. Ter a única pessoa que me restou na vida. Então não, não tive outro caminho para seguir, não se eu quisesse sustentar e dar um teto ao meu pedacinho de gente tão frágil, tão dependente de mim naquele momento.

A verdade é que represento tudo de pior no mundo, a mentira, a enganação, a luxúria. Represento a mais pura traição, estou até o pescoço metida em tudo isso e hoje as palavras de Maurício me trouxeram a verdade, me fizeram enxergar o pior em mim, o que tentei esconder. Trouxeram à tona todos os sentimentos ruins que me acompanharam por uma vida.

— Chegamos, venha, Cristine! — Augusto fala todo cuidadoso, já com o carro estacionado na garagem.

Pareço está fora do meu corpo, apenas observando de longe, aérea, quando ele abre minha porta e me ajuda a descer.

Subimos o elevador em silêncio e eu ainda não tenho coragem de olhá-lo, de falar, de agir. Ao entrar em casa, sensações e emoções me tomam. Abraço o meu próprio corpo em meio à sala, a fim de conter os tremores que me tomam, e não seguro as lágrimas que escorrem de meus olhos como cachoeiras em um dia chuvoso. O desespero me assola na sua mais crua essência e eu me entrego a ele. Ainda de costas para Augusto, sinto seu toque em meu ombro, na tentativa de me abraçar, mas não deixo que me toque. E aqui, bem aqui, eu explodo e dou vazão a tudo preso dentro de mim, pois não suporto mais, simplesmente não suporto...

— Eu não aguento mais, Augusto. — Me viro e encaro seu rosto confuso. — Eu não aguento mais, eu te amo e eu tentei, eu juro que eu tentei.

Tentei enterrar o passado, tentei seguir em frente e fingir que os pesadelos não continuavam vindo à noite, eu tentei ser melhor pra você — falo entre soluços que não consigo controlar. — Mas só o que consegui foi te enrolar na minha rede de mentiras e isso eu não quero, não quero.

— Do que está falando, Cristine? Acho melhor sentar e se acalmar...

— Não, eu tenho que falar, eu tenho que contar. — Ele se aproxima e, apesar dos meus protestos, Augusto coloca suas mãos em meu rosto, segurando-me.

— Sim, meu amor, e eu vou te ouvir, mas não acho que esse é o melhor...

Esse é o estopim, são suas palavras tão carinhosas que me fazem jogar tudo para fora.

— Eu fui garota de programa, Augusto, eu me prostituí, vendi meu corpo, vendi minha alma...eu... — Então eu me calo perante seu espanto, sua expressão, seu olhar...



***O mal das pessoas é achar que os
erros podem ser consertados e, por
vezes, perdoados...***

Augusto me olha e, por um breve momento, parece não acreditar no que eu disse. Seu rosto é uma máscara de confusão e indignação. Por duas vezes, abre a boca para falar e volta a fechar, sem emitir uma única palavra. Seu corpo se enrijece, seus ombros retesam e exalam tensão, é perceptível. Não perco o momento em que ele trava o maxilar e seus olhos escurecem.

— É alguma brincadeira, é isso? Porque, se for, esse é um bom momento para falar a verdade. — Sua voz é dura, repleta de algo que até então nunca tinha escutado vindo dele.

Eu queria poder falar, gritar que não tive opções, mas, por mais que eu tente, não consigo. Apenas nego com a cabeça, confirmando o que eu havia dito antes. Augusto passa as mãos pelo rosto e depois pelos cabelos, exasperado, contrariado, perdido.

E como eu me arrependo, como eu me arrependo de não ter dito antes. Teria me livrado de ver a mágoa, a repulsa e o nojo estampados em sua expressão. Como pude me enganar que era passado? Claro que não era e a dor e nojo que sinto de mim mesma são a prova disso.

— Eu posso explicar — tento falar, contendo o choro que implora para sair.

— Eu duvido muito — fala e continua a me olhar, sucinto, sem expressão, permanecendo calado por um tempo que para mim é longo demais.

E talvez esteja certo e eu não possa explicar.

— Fale alguma coisa, por favor — peço em um sussurro. — Seu silêncio está me matando.

— Maurício, você, ele? Vocês... — mal pergunta, visivelmente magoado.

— Sim, mas já faz tempo... — confirmo, já sabendo o que quer dizer.

— Quantos mais que estavam naquela festa?

— Augusto... — suplico e nego, vendo-o andar de um lado para o outro como um tigre enjaulado, sem ter para onde correr e suas palavras são tapas em meu rosto.

Augusto leva as mãos aos cabelos, mais uma vez castigando os fios em um gesto nervoso, e começa a repetir algo que não faz sentido para mim.

— Não é possível. Não pode estar acontecendo de novo! — sussurra, então ele me dá as costas e vai em direção à porta, pronto pra ir embora.

E talvez eu devesse deixá-lo ir, talvez fosse melhor para que ele pudesse pensar no que eu disse, esfriar a cabeça. Mas antes mesmo de terminar esse pensamento, eu já estou segurando seu braço em um ato desesperado de tentar fazer com que me ouça. Augusto olha minha mão em seu antebraço, como se meu toque o queimasse, lhe fizesse mal, e seu olhar me faz soltá-lo.

— Vamos conversar — peço, sem fé alguma de que ele vá me escutar.

É aí que ele me encara, me olhando nos olhos, querendo enxergar minha alma, me desnudar por inteira, me queimando por dentro, vendo o meu verdadeiro eu.

— Até quando? Até quando pretendia me fazer de idiota? Até quando ia me deixar como a porra de um imbecil em meu meio social por sair com uma prostituta? E, pior, apresentando você como minha namorada. Até quando pretendia rir pelas minhas costas, Cristine? Eu como um idiota lhe

declarando amor. — Seu tom começa baixo e ele termina a frase, que me destroça, gritando a plenos pulmões.

— Cuidado com o que dirá, Augusto. Só me escute. Eu não te fiz de idiota, eu tentei te falar, eu queria te contar no dia em que me pediu em namoro, mas você não deixou. — Minha voz treme e meu coração parece afundar no peito.

— Pare! — ele grita e eu levo a mão à boca, tentando conter um soluço. — Não me venha com essa, Cristine, esse não é o tipo de coisa que se esconde. Porra! Isso não é o tipo de coisa que se esquece. Acha que te assumiria se eu soubesse o que realmente é?

Aquelas palavras me machucam. Me ferem, me tiram o chão, o equilíbrio. Ver a pessoa que você ama com todo o coração te olhar desse jeito e te dizer o quanto te abomina é de cortar a alma.

Fico estática, olhando para ele. A essa altura, a mágoa do que ele me diz já queima em minhas veias.

— Não adianta o que eu diga, não é? Já tem uma opinião formada sobre mim.

— E vai dizer o quê? Que não teve opção, que não teve saída?

— Eu não tive...

— Pelo amor de Deus, mulher! Acha mesmo que sou idiota? Todo mundo tem uma opção, Cristine, todo mundo. Você só escolheu seguir o caminho mais fácil, só isso — ele fala gesticulando com as mãos no ar, aproximando-se de mim.

Ouvi-lo me julgar dessa forma é como levar toneladas de concreto em minha cabeça. Acredito que uma agressão doeria bem menos. As palavras entram como facas, cortando cada pedacinho do meu corpo, meu coração parece parar e eu explodo mais uma vez, jogando tudo pelos ares. Não, ele não vai me julgar sem saber a verdade, sem viver o que eu vivi:

— Você não sabe o que está falando, não sabe tudo pelo que passei, não sabe dos meus demônios e tudo o que tive de aguentar. Acha o quê? Que eu não quis trabalhar como todos? Acha mesmo que vender meu próprio corpo e passar por cima do meu orgulho e de tudo que eu acreditava foi o caminho mais fácil? Você não sabe o que diz, não pode nem imaginar, não

com sua vida perfeita, me julgando de cima do seu pedestal...

Augusto ri do que digo, cínico, me tirando a sanidade de vez.

— Na verdade, acho até que gostava, a julgar por seu desempenho espetacular na cama. — Arregalo meus olhos com a surpresa pelo que diz e não penso, quando vejo, já lhe acertei um tapa na cara que cria eco pela sala.

— Saia daqui, Augusto! — falo completamente alterada, fora de mim, apontando em direção à porta. — Não tenho mais nada a dizer pra você. Já tem uma opinião formada sobre os motivos que me levaram a fazer o que fiz. E quer saber? Talvez esteja certo. Talvez eu goste. Quem sabe ainda não faça até hoje, mesmo estando com você. Quem sabe a vadia aqui não adora tudo isso, não é mesmo? Quem sabe não é tudo por pura diversão e prazer! Ora, por que essa cara de espanto? Não é o que acha... — uso a ironia como escudo, me sentindo fraca, nua sob seu olhar.

Ele me olha ainda assustado pelo o tapa que levou, com a mão direita na face avermelhada, me fuzilando com o olhar.

— Isso, demorou a mostrar sua face, mas seu choro não me comove.

Isso me enfurece. Me enfurece o fato de ser fraca a ponto de desabar em um choro na sua frente, me enfurece lhe demonstrar fraqueza. Sem me importar, passo a mão com força por meu rosto, a fim de conter as lágrimas, que antes eram de tristeza, mas agora são de raiva, uma raiva nunca sentida por mim.

— Vá, saia, suma. Eu já não tenho nada a dizer, muito menos, escutar de você. Eu só lamento ter acreditado no amor que você dizia sentir por mim. — Tiro o anel, aquele que recebi há pouco com juras de amor, e jogo-o aos seus pés.

Ele sorri e se aproxima de mim ficando a centímetros do meu rosto.

— Se tem uma coisa no mundo que eu abomino, Cristine, é a mentira, a omissão, a enganação. E você fez todas essas malditas coisas para mim em um único dia. Hoje, você me provou mais uma vez o quão fodido sou, o quão fraco fui ao deixar você me enganar.

Engulo em seco.

— Acabou, Augusto... — É só o que consigo dizer.

— E isso não já está óbvio? Depois de mentir, de me fazer de palhaço

mediante uma sociedade que eu detesto... Mulheres como você só servem pra uma noite e eu nem precisaria pagar. — Minha boca se abre e a dor que sinto faz lágrimas grossas se acumularem em meus olhos. Lágrimas que eu me nego a derramar na sua frente.

— Augusto! — Ouço a voz repreensiva de Alice, que está estarrecida na minha porta, nos olhando assustada. — O que tá acontecendo aqui? Dá pra ouvir os gritos do elevador.

Augusto me olha com desdém e depois se volta pra Alice.

— Pergunte a sua amiga que tanto você defende. Talvez ainda não saiba quem ela realmente é. — Um soluço escapa contra a minha vontade.

Eu me odeio por não conseguir conter cada um deles. Me odeio por ter me enfiado nessa situação. Me odeio por querê-lo, mesmo odiando-o. Querer que ele se vire e me peça perdão, que, de alguma forma, eu possa esquecer tudo o que foi dito aqui. Mas já é tarde para isso, a dor causada a ambos ultrapassou todas as barreiras em uma só noite.

Augusto sai de perto de mim e anda até a porta, onde uma Alice sem ação está parada com a mão na boca. Mas, antes de sair, ele ainda se vira e me olha. Posso ver raiva, frustração, decepção e ódio na forma com que me encara.

— Só me responda uma coisa: você ao menos sabe quem é o pai da sua filha? — O vermelho nubla minha visão.

— Augusto... — Alice sussurra.

Pego um vaso na mesa de canto, a primeira coisa que tenho em minha frente, e arremesso contra ele. O infeliz é rápido e leva o braço à frente do rosto, impedindo o vaso de acertá-lo em cheio, deixando que ele se espatife com força no chão, por completo.

— Saia daqui, desgraçado, filho de uma mãe. Vá embora! — grito. — E nunca mais me dirija a palavra, finja que não me conhece...

— Não vai ser difícil, já que realmente não te conheço, Cristine. — E com isso ele sai, me deixando em frangalhos, completamente desorientada.

Deus, isso só pode ser um sonho, um sonho ruim e, se for, que eu acorde, por favor, suplico, antes de ver Bruno entrar pela porta e me olhar piedosamente, provavelmente, desconfiando do que aconteceu. Não é difícil

para ele presumir vendo o meu estado, não mesmo. E ele vem em minha direção como o meu acalento, me puxando em um abraço cheio de significados para nós dois. Não precisamos falar neste momento, nos entendemos através do olhar.

Alice olha para mim e para o corredor, onde o irmão acaba de pisar, em dúvida se fica, ou se vai atrás dele. Eu aceno em concordância para que ela vá. Mesmo porque não quero ter que explicar nada a ela. Assim que Alice sai, eu me entrego ao desespero, me entrego ao afago que recebo, me entrego ao choro que vinha tentando segurar desde a hora em que vi Maurício naquele maldito baile.

— Ele estava lá, Bruno, ele estava lá.

— Ele quem, Cristine?

— Maurício, e eu não consegui mais segurar. Não consegui não contar. E ele... ele... ah, meu Deus... eu o perdi, perdi de vez... Senhor, como dói... — Nessa hora a ficha parece realmente cair, a constatação vindo sobre minha cabeça.

— Shi, Cristine. Só se acalme, por favor — Bruno fala, afagando minhas costas, tentando melhorar algo que não tem melhora.

Não tive só uma parte da minha vida exposta hoje, eu fui humilhada. E foi pelo único homem que já fui capaz de amar até aqui. Augusto me deixou um caco, em pedaços, e eu não sei se sou capaz de consertar. Vi o ódio nos olhos do homem que amo e doeu tanto, dói tanto que me pergunto como suportar tamanha dor.

— Vá pegar Cathe, Bruno. Por favor.

— Você vai ficar bem? — Me forço a dizer que sim e vejo a relutância dele em me soltar.

Assim que ele se convence, vai em direção ao seu apartamento buscar minha pequena, que ainda acredita que vai encontrar Augusto aqui pela manhã. Deus do céu, como pude me enrolar nesta enrascada? Como explicar para Cathe?

Vou para o meu quarto, ainda não acreditando no que aconteceu. Horas atrás eu estava feliz, completamente feliz e, agora, sinto meu coração bater fora do peito. E a dor, a angústia, a desilusão são inimagináveis para mim,

dói tanto que chego a perder minhas forças e tenho raiva, raiva de mim. O momento que tanto temi chegou.

Tudo parece querer me sufocar, me fazer mal, o vestido me afoga, ele me aperta de algum jeito que eu não sentia antes. Entro direto no banheiro, a fim de achar uma saída, algo para que pare de doer, que lave o meu desespero. O choro, não mais contido, escapa por meus lábios como o choro de uma criança desesperada. Pego a fenda do vestido, puxo-a, rasgando o fino tecido ao meio, e logo estou livre dele. Jogo-o no lixo, não querendo nada que me lembre dessa noite infeliz, nada que me lembre dele.

Entro no chuveiro ainda de *lingerie*, a que coloquei após o sexo que fizemos na sala, deixando a água escorrer por meu corpo, me sentindo impotente, oca, completamente vazia por dentro. E em minha cabeça, ouço ecos das palavras de Maurício, misturando-se com as palavras de Augusto, é como se eu estivesse presa em um maldito *déjà vu* macabro. Encosto a cabeça no azulejo frio, apenas deixando a água correr pelo meu corpo, na vã tentativa de que leve tudo o que sinto pelo ralo.

Não sei há quanto tempo estou assim. Só me dou conta de que se passou um bom tempo, quando olho os dedos das mãos e vejo-os brancos e enrugados. Só então sinto a presença de alguém no box e, quando me viro, Bruno segura uma toalha e me olha com pena, fazendo-me sentir ainda pior.

Ele abre o box e me puxa pelo braço, jogando a toalha em meus ombros e uma outra em meus cabelos, me abraçando apertado em seguida, sem se importar com a *lingerie* molhada ensopando suas roupas.

— Vem, você precisa se secar e se deitar. Vai passar, Cristine, confie em mim. Sempre passa. — Essas palavras, neste momento, não fazem sentido. Ele parece saber do que está falando, mas eu duvido, por que a dor que sinto me faz pensar que nunca vou me livrar dela.

Saio do seu abraço, voltando para o quarto. Pego uma camisola no guarda-roupa, me enrolo na toalha e tiro a peça branca, toda em renda — completamente encharcada —, vestida no intuito de fazer uma surpresa para Augusto. Tal pensamento me traz dor. Coloco a camisola, me deito na cama e logo depois Bruno se deita ao meu lado e me puxa para o seu amparo, fazendo o que sempre faz: me dando consolo, me fazendo sentir que não estou sozinha, que, independentemente de qualquer coisa, ele estará sempre

comigo.

— Obrigada por ficar, Bruno.

— Sempre estarei aqui, loira, por você sempre estarei aqui. Você esteve comigo quando precisei e eu nunca te deixaria sozinha, nunca. — Quero controlar as lágrimas, os sentimentos, mas é inútil, quanto mais tento, mais parece doer.

Passo horas noite adentro acordada, pensando nos últimos meses e em como tudo foi pelo ralo em uma fração de segundos.

Olho mais uma vez o relógio ao lado da cama, mostrando-me que já é quase de manhã e, por mais que tente impedir, pergunto a mim mesma como ele deve estar. Peço a Deus baixinho que Bruno esteja certo e que tudo o que sinto nesse momento realmente passe, que eu consiga colar meus caquinhos e esquecer tudo pelo que passei hoje, que eu consiga esquecer Augusto...



***A dor de um amor perdido é
como espinhos cravados na alma.***

É, senti como se o chão fosse arrancado de seus pés. Como se o mundo que eu conhecia fosse incinerado e, por consequência, tivesse me levado junto. Ainda tento processar tudo, entender o que aconteceu, o que diabos me atingiu e chego à conclusão de que nunca saberei. Uma raiva cega toma cada parte de mim, não dando espaço para mais nada, mais ninguém.

As palavras ainda giram em minha mente como em uma reprise. Tudo o que ela me disse cria um maldito eco em minha cabeça, como em um turbilhão, um verdadeiro vendaval, uma convulsão de sentimentos, todos pedindo para sair, extravasar. E para minha desgraça ficar completa, a maldita caixa metálica parece não andar e quer me asfixiar, me roubar o ar. Sinto algo apertar o peito e levo a mão até ele, como se pudesse conter o estrago já feito.

" Eu fui garota de programa, Augusto..."

As palavras se repetem, não uma, mas inúmeras vezes em minha cabeça, me causando uma dor que se torna a cada minuto mais insuportável.

Como eu nunca percebi?

Estava tudo lá, o tempo todo. Tudo errado, estranho. O fato de ela falar

que tinha um passado, não falar da família, da vida dela, do pai da minha pequena. Droga! Inferno! E eu fui o idiota que não deixei que falasse. Pergunto-me o que eu teria feito, o que... Tudo seria diferente, essa é a verdade.

Se ela tivesse sido sincera, tudo seria diferente. Para começar, eu a teria defendido essa noite, aquele infeliz não teria nem ao menos chegado perto dela. Diabos! Eu seria capaz de matá-lo só por olhar para ela. Nunca teria ficado satisfeito em saber do passado dela, mas... não sei, a verdade é que não sei. O que sei é que a raiva que me corrói por dentro é tudo pela mentira, é por ter sido manipulado mais uma maldita vez, é pela humilhação. E isso eu não posso aguentar, não de novo. O fato de ela achar que poderia me esconder isso e me manipular azeda minha boca, me fere.

Minha cabeça parece querer explodir. Dizem que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar, mas, no meu caso, me acertou em cheio e me partiu ao meio. *Taí* uma expressão que define o que sinto no momento: partido ao meio. Saio do elevador e ando até a garagem com passos rápidos, apressados, louco para sair daqui o quanto antes, manter distância, preservar minha sanidade mental.

Assim que alcanço meu carro, ouço a voz de Alice. Antes que eu possa entrar e sair dali o quanto antes, ela me alcança, segurando meu braço.

— Me solta, Alice, depois conversamos

— Não, eu ouvi, Augusto. — Eu a olho. — Não tudo, mais uma parte sim. O que aconteceu? Por que falou com ela daquele jeito?

— Não te interessa — falo, ríspido. Entro no carro, mas ela não deixa que eu feche a porta.

— Eu te conheço! Talvez no mundo eu seja a pessoa que mais te conhece e sei que não falaria daquele jeito com Cristine, não falaria com ninguém daquele jeito, Augusto. Pelo amor de Deus, não seria louco. Fala logo o que foi. — Rio com sarcasmo.

— Mas parece que seu conhecimento sobre caráter anda te enganando, irmãzinha. Sua querida amiga não é nem de longe quem você pensa — cuspo as palavras. A boca dela se abre e me arrependo quando as palavras deixam meus lábios, mas o ódio que me consome fala mais alto no momento.

Aproveito a deixa e fecho a porta do carro, saindo em seguida, ouvindo os pneus cantarem, sentindo a traseira puxar para o lado, ainda sob o olhar assustado de Alice. Olhando assim, acho que foi só mais uma infeliz brincadeira do destino. Aquele tipo de coisa que você absurdamente acha que nunca acontecerá com você, até que um belo dia... acontece.

O jeito como ela ficou quando o viu... agora faz sentido. Cristine acha que não percebi, que não notei como perdeu a cor e como o ar lhe faltou. Acha que não notei o modo que o desgraçado a comia com os olhos. Não só ele, mas outros filhos da puta também. Até que ela se levantou para ir ao banheiro e logo depois, quando dei por mim, ele já não estava no salão.

Foi aí que um tipo de sensor se acendeu e foi ainda mais estranho quando o vi com ela. Eu quis perguntar, tomar satisfação, saber por que ele estava a segurando pelo braço, porém ela parecia mesmo mal e, naquele momento, achei melhor levá-la para casa e depois conversarmos. E por todo o maldito caminho, eu acreditei que ela realmente estivesse com queda de pressão, que estivesse de fato passando mal.

Meus pensamentos pegam um rumo indesejado. Imagens de Cristine e Maurício nublam minha visão, imagens nada boas no momento e que me causam repulsa.

Uma buzina alta e um farol incandescente me trazem de volta. O velocímetro bate em 180 km/h, chego a sentir a leveza da picape, que escorrega com uma rapidez perigosa pela pista. O mais rápido que consigo, jogo a direção para a direita no acostamento, estacionando de qualquer jeito, livrando-me do perigo de bater no caminhão carregado. Respiro fundo e tombo a cabeça para trás no encosto do banco, acalmando-me do susto, acalmando algo que não sei explicar.

Inevitavelmente, minha mente viaja para dez anos atrás. Anos de importância, quando eu não passava de um estudante de medicina eufórico, imaturo, louco para aprender, dar orgulho à minha família, principalmente, ao meu pai.

Meu subconsciente começa a me pregar uma peça, me levando exatamente ao dia que eu quero apagar da minha mente, e é inevitável não lembrar.

Naquele maldito dia em especial, eu estava feliz. No auge dos meus 23

anos e ainda na faculdade. Iria ser pai, mas, ainda assim, estava feliz. Para alguns, poderia parecer incompreensível — como chegaram a me indagar algumas vezes na época — que uma noite de prazer tenha como consequência um casamento. Mas sempre arqueei com meus atos e responsabilidades e foi pensando nisso que naquele momento toquei mais uma vez a caixinha de veludo em meu bolso, com um sorriso idiota nos lábios, percorrendo o curto caminho entre meu apartamento e a faculdade, ansioso para estar com Isabel.

Conhecia Isabel já tinha um bom tempo, ela era filha do dr. Lauro, que sempre manteve uma amizade ativa com meu pai. Sempre estivemos juntos em várias ocasiões, um coleguismo, uma amizade. Nunca tivemos interesse um no outro, digo, interesse amoroso. Só que, quando começamos a estudar na mesma faculdade, ficamos mais próximos e estreitamos os laços nos últimos meses. Vivíamos sob uma pressão constante e não vimos mal algum em manter uma amizade colorida. Faria bem a nós dois e incrivelmente nos demos bem nesse relacionamento meio louco.

Até que, certa vez, ela me procurou com o rosto inchado e de olhos vermelhos de chorar me dizendo que estava grávida de um filho meu. Foi um grande susto, não nego. Ela me pegou desprevenido com a revelação. Lembro-me de que, naquela ocasião em especial, ter tentado me lembrar se tínhamos transado sem camisinha alguma vez e não, não, tínhamos. O problema é que poderia ter acontecido de o preservativo rasgar, estourar sem que me desse conta e eu não ia ofender Isabel perguntando se o filho era mesmo meu. Eu sabia de sua índole, a conhecia bem, sabia também que tínhamos um tipo de fidelidade um com o outro. Confiava nela, ela não iria mentir para mim, acima de tudo, éramos amigos!

Depois que o susto passou, decidi então tomar a decisão mais acertada. Eu iria assumir a criança e, se Isabel quisesse, começaríamos um relacionamento sério, desse relacionamento viria um casamento, ou assim eu esperava. Tudo pensando no bem-estar dela e da criança. Não seria fácil enfrentar minha família, nem a dela, mas eu estava disposto, pela criança e por ela, eu estava disposto e até ansioso. Valeria a pena.

Como eu previa, foi difícil enfrentar ambas as famílias. Meu pai, depois de horas de conversa e um sermão interminável, cedeu ao inevitável. Já o dr. Lauro... esse primeiro quis me matar, assim como Guilherme e

Junior, seus filhos. Mas depois consegui dobrar a fera e o convencer de que o melhor a ser feito era assumirmos um compromisso e eu arcar com minhas responsabilidades.

Depois disso tudo não demorou para morarmos juntos. Aluguei um apartamento um pouco maior e, em menos de uma semana, aquilo tudo já estava repleto de produtos de beleza, decoração feminina e roupas de Isabel. Me acostumei rapidamente com seu jeito doce de menina, sua simpatia exagerada e seu amor. Passei a cuidar dela e do bebê com o máximo de mim, com o máximo de amor que eu conseguia demonstrar. Acima de tudo, não queria que ela achasse que estávamos juntos só por causa do nosso bebê, eu queria que ela sentisse que eu já a amava, pois era a verdade, assim como ela dizia me amar com intensidade.

Minhas noites passaram a ser regadas a filmes românticos e conversas com a barriga — um pouco protuberante demais — de Isabel. Depois ela sempre encostava sua barriga em mim, até o bebê se acalmar e conseguir dormir, deixando-a dormir também.

Naqueles quatro meses que se seguiram, eu perdi a conta de quantas vezes ficava acordado, apenas observando-a dormir. Eu tinha me viciado em fazer aquilo. Absorvendo cada respiração, seu cheiro, seus gemidinhos quando se virava na cama e a forma como me procurava à noite, o modo como se aconchegava a mim. E sentir nosso bebê mexer em seu ventre, para mim, era mágico.

Nossa bebê era uma menina, Isabel estava com cinco meses e nós ainda estávamos em dúvida de como chamá-la. Eu não tive a oportunidade de vê-la no ultrassom, meus horários nunca batiam com os de Isabel, não tinha jeito, por isso eu estava contente porque iríamos vê-la no dia seguinte em um ultrassom, depois de eu muito insistir. Idiota, eu sei, naquela época eu era realmente. Era o oposto do que me tornei hoje em dia, ou talvez não, já que me deixei enganar por Cristine.

Eu estava bem acostumado com minha rotina e os gostos dela, eu a amava. Sim, eu aprendi a amá-la, talvez não de forma avassaladora, mas de um jeito protetor e apaixonado. Já não me imaginava sem ela e nosso pequeno grão — apelido que carinhosamente lhe dei. Passei a imaginar como seria seu pequeno rostinho, com quem se pareceria e se eu seria um

bom pai. Não tinha como ter certeza disso, mas eu daria o meu melhor, porque, mesmo sem conhecer aquele pequeno ser, já o amava imensamente.

Naquele dia, eu tinha decidido pedir a mão dela em casamento. Comprei rosas vermelhas, o chocolate que ela amava e o anel — que Alice me ajudou a escolher. Delicado como a minha pequena e doce Isabel.

Estava eufórico, não nego. Queria chegar logo em casa e ver seus olhos brilharem ao me ajoelhar à sua frente e fazer o pedido, que eu havia ensaiado por dias. Sim, eu estava decidido a fazer o pedido como mandava a etiqueta, com a pompa e as circunstâncias que ela merecia. Por incrível que pudesse parecer, eu era realmente romântico na época e, na minha cabeça, Isabel merecia tudo aquilo e muito mais. Na minha cabeça, ela merecia o mundo e eu faria de tudo para dá-lo a ela, não mediria esforços.

Subi o elevador e, antes que eu pudesse abrir a porta, vozes me alcançaram. Vozes histéricas e uma delas era de Isabel. No mesmo momento, senti o sangue gelar, com medo de que acontecesse algo com ela e o bebê. E que Deus ajudasse o filho da puta que estivesse gritando com elas. Entrei, vi a sala vazia e foi aí que ouvi a frase que me paralisou, colocando-me completamente de joelhos.

— Não seja ridícula! Você não o ama Isabel, só está com ele porque fui embora e te deixei grávida. Mas agora eu voltei e te quero de volta, quero a nossa filha, quero minha família.

Aquela voz eu conhecia bem. Era a voz de Caio, um antigo colega de turma que foi embora do país a fim de estudar.

— Pare, Caio! Eu não o amo, mas posso amar. Augusto tem sido bom para mim e para o bebê. Ele tem cuidado de mim com tanto amor. Nem ao menos me perguntou se era dele essa criança, ele acreditou em mim de cara. Diferente de você. — Sua voz soou rancorosa e a cada palavra eu estava mais perdido.

— E vai aceitar isso? Migalhas? Sendo que eu estou aqui por vocês. Isabel, eu te amo, droga! Eu voltei por você, por nossa filha. Diga que ainda me ama, por favor. — O silêncio tomou conta do lugar por alguns instantes, enquanto eu tentava processar o que acabara de ouvir e meus pés pareciam grudados no lugar.

— Eu não posso fazer isso com ele, Augusto tem sido tudo para mim.

Caio, você não entende. Não sabe o quanto me deixou desnorteada quando foi embora. Eu fiquei despedaçada e logo depois descobri que estava grávida. — Ela chora. — E você disse que não voltaria, que não nos assumiria. Não sabe como me doeu, você me machucou da pior forma possível e ele foi o único que ficou ao meu lado. Eu posso não o amar, mas não sou ingrata. — Isabel terminou a frase aos prantos.

Aquilo me doeu, doeu de uma forma que, por mais que eu tentasse, não conseguiria explicar. Gratidão? Ela disse gratidão? Estava comigo por conta da porcaria de uma gratidão? Eu não ia ser pai? A realidade me atingiu como um soco no estômago naquele momento, tirando o resto de juízo presente em mim.

— Diga que não me ama. Diga que não sente nada por mim. Diga que, quando está com ele fingindo fazer amor, não é a mim que você imagina, se não são as minhas mãos que acariciam seu corpo. Diga, Isabel!

— Eu amo, caramba! — ela gritou em desespero. — Eu tentei te esquecer, eu tento amá-lo todas as noites quando me toca, tento sentir o que ele diz sentir por mim, mas não consigo. Não consigo gostar, porque, mesmo não querendo, eu ainda te amo. Por mais que eu tente, eu ainda te amo. Não é por ele que meu corpo chama, não é por ele que meu coração chora todas as noites.

— Então, Isa, venha comigo amor. Vamos criar o nosso bebê, venha ser feliz ao meu lado. Ele vai superar. — Passos vieram em direção à sala, passos apressados e não me deram tempo de sair dali.

— Eu não sei... — Então ela parou quando me viu, ainda paralisado, próximo à porta. — Augusto! — Sua surpresa era visível e, por um breve momento, ela perdeu a cor.

Eu queria gritar, eu queria naquele momento encher a cara daquele filho da puta de porrada. Queria extravasar tudo o que eu sentia em meu peito. Eu queria coisas demais naquele maldito momento... Mas a humilhação que me atingiu foi gigantesca e os presentes que eu vinha segurando já estavam no chão havia muito tempo. Eu apenas dei as costas a eles e saí do apartamento enquanto ouvia Isabel tentar vir atrás de mim e Caio a segurar.

O que foi bom, pois o ódio que eu sentia naquele momento não me

deixaria raciocinar e eu acabaria fazendo uma besteira com aquela idiota.

Quando disserem que o tiro vem de onde menos se espera, acredite, é a mais pura verdade...

Volto ao presente, como se eu estivesse em um transe. Algo pinga em meu rosto, olho para o teto, lembrando que estou dentro do carro, então não pode ser chuva. É só aí que percebo o que acontece. A água vem de uma lágrima que me escapa; sem que percebesse, eu estava chorando. O passado e o presente convergem em minha mente, todos os meus pensamentos, medos, anseios e decepções vão para Cristine. Minha diaba loira. Bufo.

Olho para a frente, percebendo que vim ver Isabel. Inconscientemente estou aqui prestes a vê-la de novo, onde ela mora. Depois de anos, cá estou eu novamente. É inacreditável que, depois de tanto tempo, a lembrança ainda esteja viva, que a ferida ainda esteja aberta e, pior, que eu ainda sinta tanto. E agora a impressão que tenho é de que a ferida apenas foi renovada, foi reaberta e pisoteada.

Desço do carro e ando pela grama bem aparada, sabendo o lugar exato onde ela está enterrada. Me aproximo da lápide bem cuidada que contém um jarro de flores ainda frescas, sentindo o peso do mundo em meus ombros.

Isabel sofreu um acidente no dia em que eu descobri tudo e saí de casa. Ela estava indo embora com Caio e o idiota perdeu o controle do carro, derrapando na pista, batendo de frente com um caminhão. Ele ainda foi levado ao hospital com vida, já Isabel e o pequeno grão morreram na hora. Eu ainda senti sua perda, sua falta, senti tanto... Nunca disse isso a ninguém, não queria ser fraco, não queria que soubessem o quanto ela me machucou, as feridas que ela me deixou, o medo da mentira, da enganação, de ser manipulado, de ser um joguete nas mãos de alguém.

A verdade é que a família dela e a minha nunca souberam de fato o que houve. Apenas Alice e Pedro. Para os demais, eu disse que Isabel estava com Caio porque ela queria passar o fim de semana com a irmã dele, em sua casa de campo, e eu não poderia levá-la. As duas eram muito amigas. Claro que a irmã dele sabia que eu estava mentindo, mas também não me desmentiu, talvez ela soubesse que os dois tinham um caso antigo. A quem quero enganar? Claro que ela sabia e, com certeza, também quis preservar a imagem do irmão.

Eu tinha dito a mim mesmo que não precisava mais daquele sentimento, que não iria e nem queria amar outra vez. Mas me enganei. Mudei de ideia, assim que vi aqueles olhos tão azuis me olharem com tamanha intensidade. Eu a amei, diabos! Eu a amo. E o peso disso me fere como malditos espinhos pelo corpo.

Olho a lápide bonita à minha frente contendo uma foto dela sorridente, segurando a barriga de sete meses, e não cinco, como havia me dito. Não consigo não falar, não dizer o que sempre digo a ela, nas raras vezes que venho até aqui.

— Talvez a culpa seja sua, você me estragou para o resto do mundo, Isabel. Só talvez... se não fosse por você, eu conseguiria perdoá-la. Mas você me arruinou e Cristine só terminou o serviço com louvor... — Um vento frio sopra pelo cemitério. Me sento na grama úmida, observando a escuridão e o túmulo que abriga o meu tormento pessoal.

Não tenho como não me lembrar do passado, pois a forma como me sinto agora não difere muito da forma em que me senti anos atrás. Isabel deixou marcas, ela me feriu de forma mentirosa e manipuladora, deixando-me intolerante a qualquer tipo de mentira e omissão. Me deixou duro, inflexível, vulnerável de certa forma.

Sei que o que disse a Cristine a machucou... No fim, já não importa. Acabamos por aqui, por mais que meu peito queira se rasgar, meu orgulho não me permite voltar atrás e, a essa altura, eu não poderia. Não poderei passar por cima de tudo o que ouvi hoje, não consigo passar por cima do meu passado e muito menos do de Cristine. Ao contrário do que pensei, temos cargas demais e nunca daria certo. A raiva e o rancor não deixariam, no momento eles me cegam.

Uma fina garoa começa a cair do céu, me lembrando de que é hora de partir, hora de voltar para realidade e enfrentar cada uma das consequências dessa noite, hora de esquecer tudo o que se passou... o passado... o amor novamente... inventar histórias...

— Adeus, Isabel...



**O amor, por vezes, pode ser
cruel...**

— Tudo bem, mãe, eu posso ficar e Bruno me fará companhia. Ele está estudando para o concurso da polícia e eu aproveito pra ajudá-lo. Sem falar que mato a saudade de ficar grudada nele, já que vou embora semana que vem. — Minha mãe sorriu, um sorriso meigo, capaz de acalmar o mar.

Cheguei mais perto dela e a abracei pegando-a de surpresa. Senti o cheiro doce de sua pele e o cheiro gostoso do seu cabelo, cheiro bom de mãe. Inalei profundamente, como se pudesse gravá-lo em mim.

— O que é isso, Cris? Já sentindo saudades adiantadas, minha filha? — perguntou e meus olhos marejaram, algo em mim se apertou. Minha mãe se virou e me envolveu em um abraço jeitoso. — Minha filha, você não vai embora eternamente e seu pai prometeu que dará um jeito de você vir nos ver sempre que puder.

— Sei disso, mas é tão longe, mãe, vou morrer de saudades. Nunca fiquei longe de vocês e tô indo pra outro país, outra cultura, outra língua. Não sei... mãe, me deixe ir nessa viagem com vocês, vamos ficar grudados esses últimos dias. Por favor — praticamente implorei, mudando de ideia sobre ficar e ajudar Bruno.

— Ah, meu amor, pare já com isso. Você se sairá muito bem, pois fui eu que a criei e te preparei para o mundo. Sei que fiz um bom trabalho, porque você vale ouro, minha filha, é o tesouro particular meu e do seu pai. Sem falar que prometeu ajudar Bruno, esqueceu? E logo, logo, voltaremos e vamos passar os últimos dias antes de sua viagem juntinhas. Todos nós grudadinhos. — Ela beijou meu rosto carinhosamente e eu soube que iria sentir sua falta naqueles dias, de seu amor e doçura.

— Tudo bem — concordei meio a contragosto.

— Onde se enfiaram as mulheres da minha vida? — meu pai falou entrando no quarto e minha mãe abriu um sorriso de orelha a orelha ao ouvi-lo. Era lindo de ver o quanto se amavam. — Vamos, Catarina, já está na hora. E você, senhorita, se comporte. Isso vale para quando estiver com Bruno, ouviu? Principalmente quando estiver com ele. — Minha mãe sorriu alegremente, enquanto revirei os olhos. Meu pai e suas loucuras!

— Papai! — exclamei, horrorizada. — Que horror! Nós somos apenas amigos, quase irmãos, e o senhor sabe disso. Que ideia...

Ele sempre dizia a mesma coisa, que nós acabaríamos nos tornando um casal. Uma loucura.

— Assim espero, Cristine, assim espero. Bom, nós vamos indo, deixei dinheiro e o cartão, caso precise. Divirta-se, filha, chame aquela sua amiga, a ruivinha com sardas, e saia pra algum lugar, só tome cuidado e leve Bruno com vocês. Aproveite os últimos dias aqui no Rio e, se precisar de alguns livros para estudar com Bruno, pegue no escritório, só cuide deles por mim. — Papai e suas recomendações. Não precisava nem dizer que ele já tinha dito aquilo no mínimo duas vezes naquele dia, não era?

— Vai deixá-lo usar seus livros? — perguntei, surpresa. Meu pai morria de ciúmes de seus livros.

— Valerá a pena e você vai cuidar deles para mim. Agora venha se despedir do seu velho.

Um velho muito lindão, eu diria. Me aproximei dele e meu pai me esmagou em um abraço apertado, gostoso, e depois passei para os braços de minha mãe.

Tive vontade de me esconder no porta malas e ir com eles. Pensei no

quão ridículo podia ser aquele pensamento e neguei-o em seguida.

Família! A melhor coisa do universo. Meus pais eram tudo para mim, meu refúgio, minha força, meu sinônimo de amor mais puro. Após despedidas e mais despedidas e um coração que não se acalmava no peito, vi os dois partirem do portão da garagem. Acenei para minha mãe, que estava radiante por partir em sua segunda lua de mel.

Voltei para o apartamento com uma sensação estranha de estar perdendo algo. Uma vontade de abraçar meus pais novamente, uma vontade de me agarrar à minha mãe e nunca mais soltar. Entrei na sala encontrando Bruno esparramado no chão da sala, com alguns livros e uma bacia enorme de pipoca.

— Por que essa cara de choro? — perguntou-me assim que me viu.

— Por nada. Já se enfiou no escritório de papai e pegou os livros?

— Seu Paulo disse que eu podia. — Deu de ombros, batendo com a mão no chão ao seu lado. — Vem cá, abandonada, senta aqui. Fiz pipoca doce pra aplacar sua dor — ele zombou, levando a mão ao peito teatralmente e eu ri.

Começamos a estudar e, depois de um tempo, fizemos uma pausa para assistir a um filme e comer besteira. Estávamos distraídos assistindo "Olhos Famintos", quando o telefone tocou, arrancando-me um bufo por me atrapalhar. Me levantei e atendi, enquanto Bruno ameaçava continuar o filme sem mim. Palhaço!

E foi aí que o mundo caiu pela primeira vez em minha cabeça. Um buraco parecia se abrir bem na minha frente, a angústia tomava conta da minha garganta, um sentimento estranho se apossava de mim e eu não conseguia dizer nada, não conseguia abrir a boca, não conseguia responder a voz grossa do outro lado da linha. Apenas sentia o desespero e as lágrimas descerem sem parar. E foi naquele momento, que eu perdi tudo, tudo mesmo...

Me assusto, abrindo os olhos com pressa, encharcada de suor, com lágrimas banhando o meu rosto mais uma vez. A bile me vem à garganta e corro ao banheiro, me segurando no sanitário e colocando tudo o que posso para fora. Alguém segura meu cabelo, massageando minhas costas e sei que é Bruno. Seu cheiro já é conhecido por mim, não é de hoje que andamos juntos.

O vômito não para e não consigo conter os espasmos e a tosse incessante.

— Tudo bem, Crisy? — Bruno me pergunta com a voz branda depois de um tempo no qual consigo me recompor.

— Vou ficar. Foi um pesadelo, já fazia algum tempo que não tinha.

— Seus pais? — ele sonda, cauteloso.

— Sim.

Bruno não diz mais nada e me ajuda a levantar.

— Preciso de um banho, Bruno.

— Claro, eu te espero na cozinha.

Concordo e ele sai em seguida, me deixando sozinha novamente, me dando um espaço que eu quero, mas que não me faz bem, pois traz lembranças, lembranças do que poderia ter sido, das palavras ditas com tanto rancor, da frieza, da decepção. Traz também conjecturas de como tudo seria se eu tivesse optado por algo diferente, por contar desde o início e não desistir por medo.

Eu estava completamente apaixonada, cega, e o medo foi maior, medo de perdê-lo, perder o que eu sequer tinha conquistado. Apesar de ele falar que não queria saber do meu passado, pela minha experiência de vida, eu deveria saber que aquilo era da boca para fora, eu deveria ter me preparado. Ou melhor, nunca deveria ter aceitado um compromisso. Sei o preconceito e tudo que envolve as escolhas que fiz e, por mais que eu quisesse me arrepender, ainda assim, não consigo. Mesmo perdendo o homem que amei, valeu a pena por ela.

E nunca foi minha intenção me envolver e, por consequência, nunca quis mentir. Contudo, me envolvi, menti, ou melhor, omiti e tudo por receio... medo do que poderia perder, medo da reação, da rejeição, do olhar enojado direcionado a mim e, no fim, tudo o que fiz para impedir não foi suficiente. Foi inevitável perdê-lo e, no processo, fui quebrada de uma forma que não serei capaz de consertar...

Mais lágrimas banham meu rosto. É sempre assim. Os pesadelos com aquele dia são como voltar no tempo, ver tudo de novo, sentir toda aquela intensidade de sentimentos caindo sobre mim, além, claro, de tudo que aconteceu ontem. Olho o lixo onde eu havia deixado o vestido de ontem e

ele já não está mais aqui. Lágrimas ardem em meus olhos, e eu me nego a derramá-las. Ele não merece, não merece que eu sofra por ter me deixado, por não querer me ouvir.

Saio do banho e, após me vestir, vou para cozinha. O cheiro de café invade a casa, junto ao cheiro gostoso de pão de queijo. Bruno lava alguma coisa na pia, de costas para mim, e Cathe está ao seu lado de pé, em cima de uma cadeira de madeira, com um pano nas mãozinhas enxugando a louça que Bruno prontamente vai lhe dando. Sorrio com a cena tão familiar para mim. Me aproximo dela e lhe beijo o topo da cabeça.

— Bom dia, meu amor!

— Oi, mamãe. — Ela se vira à procura de algo, ou melhor, alguém. — Cadê o tio Augusto? — Bruno me olha de canto de olho, sua opinião sendo estampada em seu rosto.

— Ele teve uma emergência, filha. Foi para o hospital bem cedo.

— Ahhhh, mãe, mas a senhora prometeu! — fala manhosa e isso me corta. — Ele vem à noite?

— Não sei, amor.

— Posso ligar pra ele?

— Não! — respondo rápido, um tom acima do normal. — Não, Cathe — suavizo —, ele tá trabalhando, melhor não. — Ela faz um muxoxo baixinho.

— Vamos tomar café? Estamos morrendo de fome, só te esperando, né, Framboesa? — Bruno me salva do interrogatório, com um olhar de advertência. Sei bem o que esse olhar quer dizer.

Comemos ouvindo Cathe tagarelar e, de vez em quando, dizer que mostraria algo para Augusto quando ele voltasse do hospital. Bruno apenas me olha em reprovação severa. Ele quer que eu fale, que eu diga de uma vez a ela que eu e Augusto terminamos e eu farei isso. Só não agora, não tenho cabeça para isso no momento e nem quero ter.

Alguém abre a porta do apartamento e meu coração idiota acelera contra a minha vontade, já criando esperanças de que seja ele. De que incrivelmente Augusto tenha pensado melhor, esfriado a cabeça e voltado arrependido, para me pedir para conversarmos e tentar me entender. Mas

volto a me acalmar quando Silvy entra na cozinha, com toda a sua alegria matinal, fazendo-me gemer em frustração — e essa frustração é comigo mesma. É por esperar tal coisa dele, tal absurdo.

Nem se isso acontecesse, eu jamais esqueceria suas palavras.

— Bom dia, bom dia, família — cumprimenta, enquanto beija cada um na mesa. — Achei que encontraria o gostosão à mesa hoje e não você, bonitão! — Não respondo e vejo Bruno negar com a cabeça, fechando a cara. Silvy fica momentaneamente sem entender e se cala, notando algo errado.

— Cathe, está na hora do seu desenho favorito, não vai assistir?

— Vou, tinha esquecido, mãe. — Ela pula do meu colo e sai saltitante em direção à sala, alheia à tensão que paira entre nós.

— O que aconteceu, Cristine? — Silvy indaga, séria.

Espero ouvir o barulho da televisão para só então falar:

— Ele descobriu. Quer dizer, eu contei. — Silvy parece não acreditar. — E foi horrível. — Não controlo a lágrima solitária que me escapa e conto tudo de uma vez para ela.

— Ah, minha menina, eu sinto muito... — Silvy parece desolada e sei que ela gostava dele também. — Ele...

— Tudo bem, Silvy. Ficarei bem, já sabíamos que isso iria acontecer, só não sabia como, ou quando. Mas agora aconteceu, as máscaras caíram e foi melhor assim. Eu deveria ter deixado o medo de lado e ter contado antes, mas não o fiz e a culpa é toda minha por isso. Tive medo do abandono, de sofrer por amor. A verdade é que já estava apaixonada por ele.

— Não se preocupa, menina. Ele vai voltar atrás quando esfriar a cabeça.

— Eu duvido. De toda forma, não quero mais — falo, tentando soar sincera. — Ele falou coisas que acabaram comigo, ele me desnudou, Silvy. Augusto fez o que ninguém jamais fez. E nunca vou me esquecer de como ele me olhou, com nojo, ódio e tantas coisas mais... que não consigo nem falar.

— Então não fale — Bruno me corta, seco. — Aquele bosta não merece você. Eu sei que não é certo, qualquer homem no lugar dele ficaria transtornado, mas o que ele falou, Cristine, não se diz pra alguém que você ama. A mágoa dele não pode ser maior que o amor que ele mesmo disse

sentir. O cara nem ao menos quis te ouvir. — A voz de Bruno é carregada de uma raiva mal contida.

— Eu sei e só quero que isso passe, que tudo que eu estou sentindo agora passe. Só quero esquecer.

— Ei! — Bruno segura minha mão carinhosamente. — Vai passar, eu prometo.

— Não minta pra ela, bonitão! — Silvy nos interrompe e me olha penalizada. — Eu sinto muito, menina, mas isso não é o tipo de sentimento que passa assim. Eu vi como você olhava pra ele e, acredite, era amor, é amor. E você também não deveria se iludir, Bruno, sabe que nunca tirou *a não sei quem* da cabeça. — Bruno olha para ela por um momento, intrigado. — Não me olhe assim, menino, não precisa ser um gênio pra descobrir o motivo desses olhos lindos estarem sempre tão frios. Você, mais do que ninguém, sabe que não passa. A gente só se acostuma com a dor. Com o tempo, ela passa a ser sua companheira e depois você fica apenas com a saudade constante de quem você amou um dia. E você pode, sim, amar de novo, mas não vai ser como o primeiro e verdadeiro amor. Isso nunca.

Olhamos, eu e Bruno, em sua direção, bestificados com sua sabedoria amorosa e, após alguns segundos de silêncio, consigo dizer:

— Eu não sei se vou conseguir esquecer, mas nunca vou entregar a alguém novamente o poder de me quebrar como dei a ele.

— Ah, minha menina... se eu pudesse, trocaria de lugar com você — fala, sincera.

— Bom. — Me levanto, já cansada dessa conversa. — Eu vou procurar um remédio e tomar, pois tô com uma enxaqueca infernal. — Bruno me olha com uma pena que me faz mal. — Para de me olhar assim, Bruno!

— Como? Posso saber?

— Com pena! Ainda sou eu, tá legal? Eu chorei ontem porque fiquei vulnerável, abalada, mas não vai acontecer de novo, não precisa se preocupar, vou ficar bem. Estou bem. — Ele me olha claramente em dúvida. Sei que não fui convincente e nem poderia.

— Tudo bem, se você diz...

— Vou me deitar e obrigada por cuidar de mim. — Beijo seu rosto e

vou em direção ao quarto, querendo me esconder do resto do mundo.

Eu realmente queria que fosse verdade o discurso que acabei de fazer, mas, assim que me fecho sozinha no quarto, desabo novamente como uma avalanche. Não consigo entender a facilidade de uma pessoa ir do céu ao inferno em tão pouco tempo como aconteceu ontem à noite.

Tomo um comprimido, o mais forte que encontro, para que me derrube de vez. Preciso dormir, preciso esquecer, nem que seja por minutos. Preciso parar de chorar, não vale a pena o sofrimento.

Eu sei que vai demorar para passar, mas vai passar e, daqui para lá, irei juntar meus caquinhos. Já fiz isso uma vez, poderei fazer de novo. Acredito que nunca serei capaz de esquecer, mas irei superar essa dor que parece querer afundar meu peito. O meu arrependimento não é apenas por não ter contado antes, mas sim de tê-lo deixado entrar em minha vida e na da minha filha da forma que entrou, tomando conta de tudo, impregnando e nos conquistando por completo. Não sei ainda como contar para ela, mas darei um jeito. Assim como darei um jeito de esquecer também...



***Ouvir... saber escutar e
interpretar. Lembre-se sempre de que
até mesmo uma vírgula fora do lugar
pode mudar todo um contexto.
Refleta...***

Não é difícil imaginar que não consegui dormir nada durante a noite, estou com uma ressaca dos diabos e com um humor pior ainda. Deem os créditos a Cristine. Quando cheguei em casa ontem à noite, o apartamento, que até então eu considerava grande só para mim, se tornou um ovo, sufocante e apertado. As paredes pareciam querer me engolir e o maldito sentimento me consumia. Recorri a algo que poderia me ajudar a esquecer e acabei o restante da noite sentado na sacada do quarto, com uma garrafa de uísque ao meu lado. O que não diminuiu em nada nenhum tipo de desconforto ou lembrança e a impressão que tenho é de que me perdi em algum momento nesses últimos meses, me desviei.

Alice me liga sem parar desde que a deixei na garagem de seu prédio, já foram tantas vezes que eu não seria capaz de contar. Pedro também está atrás de mim, acredito que Alice tenha comentado algo com ele. O que é preocupante, já que os dois não se bicam, na verdade, se odeiam. Olho mais uma vez ao redor, dando-me conta de que, em algum momento da noite,

sequei a garrafa de bebida por completo e logo o alarme do celular começa a soar insistentemente, lembrando-me de que é hora de acordar. O problema é que nem cheguei a dormir.

Infelizmente, tenho de ir ao hospital. Me levanto de onde estou sentado, que por sinal foi onde passei a noite, e vou tomar um banho, preciso me recompor. Talvez assim eu tenha alguma melhora. Não, não é o que estão pensando, não vou trabalhar bêbado, meu peito dói, mas minha responsabilidade como profissional está intacta. Vou para o São Salvador apenas por um motivo: para não enlouquecer aqui nesse apartamento.

Estou tentando enganar a mim mesmo, é claro, pois meus pensamentos estão nela, seu cheiro parece grudado em mim e, se eu fechar os olhos, consigo sentir como se ela estivesse aqui comigo, não importa onde eu esteja. Um certo remorso ameaça tomar conta de mim e eu o afasto. Apesar de sentir sua falta gritando irritantemente em minha cabeça, não vou me permitir tal sentimento, tal fraqueza. Por mais que as lembranças e o desejo de estar com ela queiram me consumir, ainda assim, não me permito.

Chego ao hospital um pouco mais cedo que de costume. Faço algumas visitas e dou alta a alguns pacientes no processo, que se despedem felizes. Passo parte da manhã e da tarde enfiado no laboratório tentando prestar o mínimo de atenção ao meu estudo, mas, no fim das contas, nada parece capaz de prender minha atenção. Nem mesmo cérebros, pois até mesmo de olhos bem abertos, eu a vejo. O sorriso, o modo de mexer no cabelo, a forma como prende o lábio entre os dentes quando toco sua pele e como se arrepia quando eu apenas encosto a ponta do nariz atrás de sua orelha. Inferno! Sinto falta dela, isso é inegável.

Sinto falta da minha pequena também, de tomar café da manhã ouvindo-a falar sem parar sobre brincadeiras, princesas e as histórias de seus filmes favoritos. De seu sorrisinho fácil, de como se aconchega a mim no sofá antes de pegar no sono, de ouvi-la sorrir sempre que sente minha barba encostar nela e de lhe dar um beijo de boa noite. Sinto tanta falta das duas que chega a doer, corta-me e isso está me matando. Porra, foram apenas alguns meses, mas foram meses de momentos inéditos para mim e que foram manchados em apenas uma noite.

Ouçó a porta se abrir e não me dou ao trabalho de olhar quem é a

vítima da vez, já que Amanda, a interna, saiu há pouco daqui, não muito satisfeita comigo. Bando de crianças que mal sabem o que fazem.

— Boa tarde, Augusto. Mandeí te chamar e me disseram que não estava no consultório, e sim no laboratório. O que houve? — Lauro entra em meu campo de visão e me olha, sério.

— Como vai, senhor? — cumprimento e continuo com meu trabalho.

— Remarcou duas cirurgias para amanhã?

— Remarqueei, farei as duas logo que puder. Algum problema com isso?

— Uma das pacientes não ficou muito satisfeita, Augusto.

— Não faz mal. Logo mais estará anestesiada e não poderá mais reclamar. — Lauro meneia a cabeça. Como eu disse, meu humor está péssimo.

— Pode me dizer ao menos o motivo de ter adiado? — Eu o olho, querendo entender sua enrolação. Não é de seu feitio fazer rodeios, nem perder tempo.

— Vá direto ao ponto, Lauro. Sei que não veio aqui por uma cirurgia adiada, tenho autonomia suficiente para que não precise mais pedir sua permissão para isso. — Ele sorri, entregando-se. Conheço o velho, ele quer alguma coisa.

— Me pegou, filho. — Ele senta-se à minha frente, do outro lado da bancada em que estou trabalhando, ou tentando. — Na verdade, vim dizer que estou aliviado por ter te visto acompanhado ontem, Augusto, feliz por ter seguido em frente depois da morte de Isabel. Todos nós sofremos muito, ela era o meu orgulho e foi embora de forma tão trágica. Mas me preocupei também com você, rapaz. — E eu ainda tenho que aguentar isso. — Achei que se fecharia eternamente depois da morte da minha filha. Mas agora estou aliviado, ainda mais por ter escolhido uma boa moça. Cristine tem garra, é muito determinada e uma boa mãe. — Eu olho para ele e Lauro parece perceber algo errado.

— Você já a conhecia, Lauro? Parece que a conhece bem... — pergunto, seco, vendo-o desviar o olhar de mim.

Filho da puta!

— Não, não. Eu a conheci quando... me apresentou ontem e depois soube que está trabalhando aqui no hospital. Bom, também lembrei que anos atrás ela deu à luz aqui com seu pai. — Ele está mentindo e isso é óbvio.

A mentira está estampada em seu rosto, na expressão de vergonha e desconfiança. Minha vontade é de avançar nesse velho perverso, ainda mais pela coragem de vir aqui falar comigo, achando-se no direito de dar um tipo de currículo perfeito a Cristine. Uso todo o controle que não tenho para não fazer nada. Porra, ele é casado há anos e ela...

Inferno de situação fodida do caralho!

— Certo, se era só isso, tenho que voltar a trabalhar. Já deu seu recado — obrigo-me a dizer alguma coisa.

Ele acena brevemente e se levanta.

— Eu também tenho muito o que fazer. Bom trabalho, Augusto, e cuide bem da sua garota. Ela parece valer ouro. — Não respondo e em minha garganta começa se forma um bolo enorme.

O cheiro do formol me tira o ar por um momento, uma raiva renovada subindo em meu peito. Como não notei antes? Percebo então que, desde ontem, venho fazendo essa pergunta com muita frequência. Ontem no baile quando apresentei Cristine a ele, os olhos dela se abriram como pratos, algo como reconhecimento e surpresa brilharam em sua íris e eu achei que era por conhecer o chefe de cirurgia, já que me garantiu nunca o ter visto antes.

Filha da mãe mentirosa!

Sem pensar bem, arremesso alguns frascos de vidro na parede, me sentindo frustrado, um animal enjaulado, enganado.

De repente, uma lembrança me faz parar. O dia em que Cristine conheceu meu pai, conheceu não, reencontrou. O modo como se comportou e como ele não tirava os olhos dela e de Cathe nem por um minuto. A conversa no escritório, longe dos ouvidos de minha mãe, a resistência dela em ir à casa de minha família. Diabos! Não pode ser, meu pai... Não. Meu pai não faria isso com mamãe, ele não a trairia. São 35 anos de casamento, um casamento feliz e sem brigas, nunca soubemos de nada, eles sempre se deram tão bem, se amam... Ele não seria... ou seria?

Saio da sala, sem poder mais ficar ali. Não consigo sequer raciocinar.

Ela não faria isso comigo, ela não... pode fazer isso comigo. Subo ao último andar, querendo ficar sozinho com meus pensamentos perturbadores, tentando acalmar toda a confusão. Sou recepcionado por uma brisa fria, vendo praticamente toda a cidade dali, sentindo-me perdido.

Meus pensamentos não param e, cada vez que repasso a imagem em minha cabeça, mais certeza tenho. Fico parado admirando a vista, perto do parapeito, e é como se eu não estivesse ali. Meus pensamentos estão longe, mas sempre na mesma pessoa, na mesma noite, nos mesmos encontros e expressões assustadas.

— Não está pensando em se jogar, está? — Olho para o lado, vendo Pedro me olhar com uma expressão preocupada. — Alice me ligou, ela está preocupada, Augusto. E você sabe que para ela me ligar... — Continuo calado.

Ficamos lado a lado. Ele respeita o meu silêncio, o que eu agradeço, apesar de saber que não vai durar muito.

— Fala, Fera. Alice não disse muito, apenas o suficiente. Falou que vocês brigaram feio e que, por pouco, não foi atingido por um vaso na cabeça. O que fez, Augusto?

— Nada. Não fiz nada.

— Cara, se abre, sei que não tá legal. Vi que adiou cirurgias...

— Não é certo falar, Pedro. Não diz respeito só a mim, só precisa saber que acabou, terminamos — falo mantendo o olhar à frente.

— Como terminaram, Augusto? Comprou um anel para ela, estavam felizes até ontem, como acabou assim?

— Basta saber que ela mentiu para mim, apenas isso.

— Augusto, sabe que Cristine não é Isabel, não sabe? — Agora ele foi longe demais.

Respiro fundo ao ouvir comparações sem fundamento.

— Não, não é, mas sabe manipular e mentir do mesmo jeito — falo entredentes, perdendo o pouco de paciência.

— Cara, eu não tenho como dizer nada já que não sei dos fatos, mas acho que deveriam conversar com a cabeça fria, Augusto, você deveria se desculpar...

— Me desculpar?

— Alice disse que falou coisas terríveis. — Sorrio sem humor algum, respirando fundo para não descontar a raiva que sinto em Pedro. Então decido falar, tendo a impressão de que, se não fizer isso, irei explodir.

— Além de Alice, você, Pedro, é o único que sabe exatamente o que aconteceu no passado. Sabe, porque eu contei, pois Isabel já não estava entre nós. Talvez nem ao menos tenha sido justo, ela já não estava aqui para se defender. Não é justo falar.

— Não posso ajudar sem saber de nada.

— Não pode ajudar.

— Não faça como antes, Augusto.

O vento sopra uma brisa leve, perfeita. O céu escurecendo aos poucos, respiro fundo e me dou por vencido.

— Ela foi garota de programa, Pedro. Ela mesma me contou, não teve mais como fugir após o episódio de ontem. A cena parecia querer se repetir, de um jeito diferente, mas da mesma forma enganosa. Ontem mais cedo quando entrei naquele maldito elevador para buscá-la, eu estava da mesma forma de anos atrás: ansioso, com medo de ela não sentir o mesmo e negar um compromisso mais sério, mas também estava eufórico. Só que dessa vez cheguei a dar o anel a ela, como um idiota me declarei, disse que a amava e depois... Depois você já sabe e foi igualmente doloroso — falo de uma vez, querendo expulsar cada maldito sentimento.

Pedro não diz nada, permanece calado. Me canso de olhar a cidade e me sento no chão, encostando minhas costas na parede, enquanto ele continua em pé parecendo ponderar sobre o que eu disse.

— Você ao menos a ouviu? Digo, os motivos dela? Ambos sabemos que o seu forte não é ouvir, ou pensar, em momentos como esse.

— Não é pelo que ela fez, ou é, eu nem sei mais. É por mentir, achar que poderia esconder algo assim, me manipular.

— Augusto, ninguém entra nessa vida sem motivos fortes para isso, ela deve ter os dela. — Eu olho para ele, tentando entender aonde quer chegar. — Não venha com essa cara, tô tentando ajudar. Se ela não faz mais programas, ela não mentiu, apenas omitiu, talvez por medo da tua reação...

sabemos como você pode ser assustador às vezes.

— Não vá por esse caminho, Pedro. — Eu não podia contar as minhas desconfianças, eu já tinha falado demais. Uma coisa era ter raiva, outra era expor a vida dela e isso eu não faria, já estava arrependido de ter dito o mínimo a ele. — Já está decidido. Acabou e não quero que diga nada do que lhe contei hoje a ninguém, muito menos a Alice.

— Acha que sou o quê? — pergunta, ofendido, e nada respondo. — Eu só espero que você não se arrependa depois, espero mesmo. Deveria ao menos ouvi-la. — Confirmo com um aceno nada satisfeito, mas não vou discutir e ele continua. — Vá pra casa, Anthony assume. Você cobre um turno dele outro dia. — Concordo sem nenhuma resistência e me levanto, saindo em seguida.

Foi um erro ter vindo. Tenho um limite e estou no meu. Não entro em uma sala de cirurgia, se não me sinto apto. Isso é uma regra para mim. E hoje, aparentemente, não tenho nenhuma aptidão e não serei negligente. Sei quando perco, sei aceitar quando estou na lona, sendo levado a nocaute.

Desço sozinho, deixando Pedro no mesmo lugar, sentindo minha cabeça pesar. Volto ao consultório e chamo Antony, que não demora a aparecer. Conversamos por alguns minutos e, depois de fazer algumas gracinhas com meu humor nada bom, lhe peço que assuma as duas cirurgias que adiei e ele prontamente aceita. Um tempo depois, estou saindo do hospital e pegando meu carro na garagem, pronto para ir para casa.

Minha inquietação é tamanha que, antes de processar o que vou de fato fazer, me vejo fazendo o cruzamento e pegando a pista contrária, mudando minha rota completamente. Tenho que tirar essa história a limpo, ou nunca mais conseguirei dormir em paz. Saio da pista continua e entro na estrada rural afoito por informações para tranquilizar parte da minha mente. Não posso acreditar que ela seria capaz, nem mesmo o meu pai. Eu não poderia aceitar, não quero.

Passo pelos portões da propriedade e me sinto aliviado quando vejo o carro do meu pai estacionado. Sinal de que está em casa. Assim que desço do carro, minha mãe aparece sorridente na entrada. Não deixo de examiná-la por alguns minutos. Uma mulher ainda elegante e bonita, que, mesmo depois de três filhos e trinta e cinco anos de casada, continua a esbanjar uma beleza

única e uma alegria contagiante. Mamãe tem os cabelos ruivos, característica que Alice herdou, é alta, linda e de olhos azuis, esse traço eu puxei dela. Uma beleza quando jovem, disso me lembro bem, e o que mais amo nela é esse sorriso lindo e a alegria de viver, que sempre esbanja para quem quer que seja.

Apesar da sua expressão alegre ao me receber, vejo preocupação em seu olhar. Faço algo que não costumo fazer: antes de lhe pedir a bênção, eu a puxo em um abraço apertado de urso, levantando-a do chão parcialmente. Ela arfa de surpresa e bate em meu ombro, soltando um leve gritinho fino. Apesar de amar minha família, não sou dado a demonstrações de afeto e o meu ato a surpreende.

— Parece que um certo marmanjo andou sentindo saudades da mamãe. Só posso imaginar isso para chegar a essa hora e desse jeito. Ah, mocinho, eu ainda quero explicações do motivo de sair da festa ontem sem se despedir de nós — fala, fingindo indignação.

— Sim, senti saudades. — Beijo seu rosto. — Saímos mais cedo porque Cristine passou mal, uma queda de pressão, nada demais. — A mentira queima minha boca e me repreendo mentalmente. — Papai está aí?

— Sim, querido, no escritório. Veio falar com ele?

— Vim, mas não irei demorar.

— Pode ir, eu espero você com o jantar servido. — Minha mãe beija meu rosto e, após confirmar que irei ficar para o jantar, ela me libera.

Agora, olhando essa casa e lembrando de como é a vida conjugal de meus pais, me sinto tolo por imaginar tal coisa entre papai e Cristine. Mas o sentimento ruim de desconfiança ainda queima em mim e não conseguiria dar meia volta sem saber a verdade. Quando paro em frente à porta do escritório, estou apreensivo e com medo, não nego. Giro a maçaneta e entro em seguida sem bater. Meu pai está sentado atrás de sua mesa de mogno, com um copo de seu licor favorito nas mãos, lendo um livro. Ele levanta o rosto e me observa por um momento sem expressão, sorrindo em seguida. Eu o cumprimento e lhe peço a bênção como sempre faço, me sentando como ele pede, um tanto incerto e desconfortável.

— O que faz aqui, filho? Sua mãe me disse mais cedo que estava de plantão e por isso não tinha vindo para o almoço de domingo com Cristine e

Cathe. — A menção do nome dela, tão íntimo em sua boca, incomoda-me.

— Estava, saí agora há pouco. Há quanto tempo conhece Cristine, pai?
— Sou direto.

Meu pai se engasga com o licor, olhando-me com um misto de preocupação. E agora a teoria, que há poucos minutos tinha se tornando idiota, volta à vida.

— Eu já disse, Augusto. Fiz o parto dela.

— Só o parto?

Meu pai fica vermelho, fato que o delata rapidamente.

— O que quer dizer, Augusto? — O homem se levanta.

Ato que sempre fez quando queria impor sua autoridade aos filhos, quando éramos jovens, usando sua altura a seu favor. O fato é que agora não sou mais um fedelho com o rabo entre as pernas, com medo de levar bronca. Levanto-me também.

— Ela me contou, pai. Ontem à noite, ela me disse tudo sobre o passado. — Vejo o homem à minha frente perder a fala e sua face adquirir um vermelho mais rubro. — É verdade então? Inferno! Como pôde? — vocifero, não mais me segurando.

— Como eu pude? Ora, não seja ridículo, Augusto.

— Como guardou isso por tanto tempo? Como me viu com ela e, ainda assim, não disse nada? Minha mãe, pai, ela sabe?

— Não, e não ouse abrir a boca — ele rosna. — Não tem necessidade de Vera saber, ela sempre foi muito correta, muito ética e não me perdoaria. Isso foi há anos, meu filho, algo sem importância, a menina nasceu, foi um parto difícil, mas nasceu. — Espera... Mas do que ele está falando? Um estalo ilumina a minha mente aos poucos e meu peito queima de repente. — Eu não queria de início, mas aconteceu e ela se recusou a deixar a criança, eu não pude fazer nada. De início, fiquei preocupado, Cristine era jovem demais, na flor da idade e com uma criança, então a aconselhei a entregar a menina para adoção quando nascesse, porém ela não aceitou, disse que ficaria com a menina. Eu não poderia forçá-la a me dar a criança e ela estava irredutível, ameaçou entrar na justiça e tudo mais, seria um escândalo. Eu tentei pensar em alguma saída na época, Vera vinha falando em adotar uma criança, vocês

estavam todos criados e, em breve, estaríamos aposentados e sozinhos. Eu dei essa possibilidade a ela, me ofereci para ficar com Catherine, mas ela não quis. Eu não pude oferecer mais nada e tinha a sua mãe, que, se soubesse, nunca aceitaria. Então ajudei Cristine como pude, dei a ela o apoio necessário, foi fácil encobrir as provas e Lauro me ajudou.

Minha cabeça dá uma volta nesse momento. A raiva me toma, eu não podia acreditar no que ele me dizia, não podia acreditar em tamanha sujeira, em tamanha mentira, eu não podia aceitar. Era informação demais, eu não imaginei que seriam tão grandes as proporções de uma traição. Minha Cristine, minha Cristine e meu pai. Cathe é filha... Não, isso só pode ser um tipo de brincadeira. Fico sem palavras, sem ter o que dizer.

— Augusto, entenda, já faz anos, ela está com você agora e estão felizes, então para que se importar com isso agora? Esqueça isso, eu não vou interferir, ou algo do tipo, eu quero que sejam felizes, que Cathe tenha uma família, um pai e, se for você, melhor ainda. Estão juntos, é isso que importa.

— Ficaria mais fácil, não é? Tudo em família? O problema é que não estamos mais juntos. — Minha voz sai amarga, com rancor de ambos. Meu pai parece em desespero.

— Veja bem, meu filho, na época sua mãe estava fora, atuando em outra cidade a pedido de Lauro, eu vivia sozinho e para o trabalho. Foi fácil e melhor encobrir, ela não tinha por que saber. O caso era meu e a culpa e o remorso também.

Não reconheço o homem à minha frente, não reconheço o homem que acreditei ser a pessoa mais íntegra do mundo, meu herói. Ele não passa de uma fraude, um calhorda.

— Seu infeliz. — Avanço em sua direção. — Como pôde mentir para todos desse jeito? Minha mãe, pai, minha mãe! — grito a plenos pulmões e meu pai se enfurece na mesma proporção, sua feição apaziguadora e culpada sumindo.

— Cale a boca, seu moleque, baixe esse tom, seu merda. Ainda sou seu pai. Exijo respeito, está embaixo do meu teto, não me faça lhe dar uma lição, a surra que não lhe faltou — ele esbraveja e, nessa hora, minha mãe entra como um furacão no escritório, com uma expressão de pura preocupação, e se coloca entre nós dois.

— Ficaram loucos? O que é isso, Otávio? Perderam o juízo de vez? Pai e filho em uma discussão escandalosa como essa, quase indo às vias de fato. O que ia acontecer se eu não tivesse entrado? O que deu em vocês? — Olha de um para o outro, esperando uma resposta que não vem. — O que está acontecendo aqui, pelo amor de Deus?

— Nada, Vera, é esse moleque que acha que pode me repreender. Estamos conversados, Augusto. Se tiver juízo, esquecerá tudo isso e as coisas continuarão como estão, me entendeu?

Seu tom não dá espaço para a discordância e, ao olhar para minha mãe, não tenho coragem de estragar a vida dela. Acabar com um casamento de 35 anos, casamento que ela acredita ser baseado na fidelidade e feliz. Não irei conseguir lidar com sua decepção, já basta a minha.

— Claro, como quiser. — Me viro sem nada mais a dizer e saio, ouvindo minha mãe me chamar e meu pai dizer para que me deixe ir, que preciso esfriar a cabeça.

E eu vou, sem olhar para trás. O problema é que nem enfiando minha cabeça em um balde com gelo eu conseguiria a proeza de resfriá-la. Saio dali, sentindo meu peito se rasgar, os pensamentos em um turbilhão, ainda sem acreditar no que acabei de ouvir, na traição. Como ela conseguiu me enganar assim? Como meu pai deu as costas a uma criança, uma filha, logo meu pai... Me enfureço ainda mais ao perceber que, ainda assim, meu amor por ela não morre.

Cathe... Cathe é... e a ficha cai como um raio do céu em minha cabeça.



*Ações, palavras, ofensas... podem
matar sentimentos, acabar com um
coração apaixonado, levar uma alma
de volta ao seu inferno particular em
vida e depois... não haverá mais
perdão...*

Mais de uma semana...

Faz mais de uma semana que meu coração traidor parece sangrar e ter uma hemorragia constante. Mais de uma semana que não me alimento direito, que não durmo bem sem seus braços ao meu redor, que os pesadelos não me deixam em paz. Mais de uma semana... que não consigo esquecer, que não o vejo.

Nesse tempo, tenho criado hábitos antes de dormir, não me orgulho disso, mas é algo que não posso impedir. Primeiro eu choro e não importa o quanto eu tente controlar, não consigo. É como se uma grande torneira tivesse sido aberta, sem intenção de ser fechada. Depois me odeio por ser tão fraca, por gostar tanto dele, então vem a negação, a aceitação e, por fim, mais choro.

Eu não aguento mais, essa é a verdade. É pedir muito querer só esquecer? Já estou parecendo um panda, com olheiras escuras ao redor dos olhos e ainda por cima perdi peso. Já não sou lá grande coisa em relação ao corpo.

Hoje é feriado e Bruno tinha me convencido a sair de casa, ir à praia. Infelizmente, Cathe teve febre durante a noite e, para completar, me ligaram do hospital, pedindo para que eu fosse lá com certa urgência. O dr. Antony solicitou um fisioterapeuta para um de seus pacientes e me indicaram, sendo assim, o passeio foi melado.

Mas combinamos que ele levaria Cathe ao parque e depois iriam ver *A Bela e a Fera* com direito a vestido amarelo e pipoca doce. A danadinha é uma formiguinha como eu. O problema nisso tudo é que, até mesmo ver a forma que Bruno trata Cathe, me lembra de Augusto. A paciência que demonstrava com ela, como se enroscavam no chão da sala para assistir a *Frozen*, ou qualquer outro filme infantil, o riso fácil dos dois...

Por que tudo tem que ser tão difícil? Ter tantos empecilhos? Tantos segredos?

Cathe, por sua vez, não para de me lembrar de que Augusto não me procurou mais. Venho me desdobrando essa semana, fugindo de dar explicações para ela. Disse apenas que ele viajou a trabalho e que não posso ligar para ele, ou seja, ela também não. Ela não se conformou. Minha filha chorou de saudades de Augusto, me quebrando ainda mais o coração.

O que mais me dói é que desde o começo eu sabia, desde o começo eu quis resistir, fugir desse relacionamento e, depois de tudo, me entreguei de bandeja. O pior é que não foi só meu coração que entreguei, foi o dela também. Eu acabei envolvendo minha filha em toda essa confusão.

Minha sorte é que Bruno tem dado toda atenção a ela nesses últimos dias, até deixou que o maquiasse ontem à noite, tentando tirar o foco de Augusto e brigando comigo por não contar.

A verdade é que, quando eu disser, quando enfim eu disser a ela que acabou, parece que vai se tornar uma sentença, uma realidade dolorosa para mim, mais do que já está sendo, principalmente, ao vê-la sofrer. E eu sei que é errado, mas talvez assim ela sinta menos. Se, de alguma forma, ela já tiver se acostumado com sua ausência como venho fazendo, talvez se torne mais

fácil esquecer. Eu não vou saber lidar com aqueles olhos tão azuizinhos me olhando lacrimosos de decepção.

Após conversar com Bruno, ele me fez prometer que seria hoje que eu me abria com ela, então assim que voltar do hospital, irei contar com jeitinho, da melhor forma possível.

Termino de me vestir e dou uma última olhada no espelho. Não está bom, mas dá para o gasto, tem que dar. Ninguém me perguntou nada no hospital, o que quer dizer que ele ainda não disse para ninguém que terminamos.

Acredite, se ele tivesse dito, todos já saberiam e já teriam me enchido de perguntas de por que eu deixei o dr. gostosão escapar? Ah, faça-me o favor. Bando de urubus vadias, isso sim.

Saio do quarto e encontro Bruno no sofá, arrumado e munido com um arsenal para a sessão da tarde.

— Ei, bonita! Como anda se sentindo? — pergunta e me sento ao seu lado, dando-lhe um beijo no rosto. Ainda tenho alguns minutos.

— Bem, vou indo bem, Bru. — Ele sorri e eu sei que não acredita.

— Sabe, eu estava pensando aqui...

Lá vem.

— Silvy estava assistindo uma série de médicos ontem, enquanto brincava com Cathe, não que eu estivesse assistindo, nada disso. — Mentira, ele estava sim. — Mas não deixei de prestar atenção em uma moça que teve uma desilusão amorosa e mudou a cor dos cabelos. Dizem que faz bem, levanta a autoestima. O que acha? — Ele só pode estar de brincadeira com a minha cara.

— Eu devo estar mesmo horrível pra você vir falar da cor do meu cabelo, Bruno. Pelo amor de Deus! Eu não sou a Lexie e Augusto também não é nenhum Sloan. Muito menos vou mudar a cor do meu cabelo por ele, pelo amor...

— Calma, foi só uma ideia. — Dá de ombros, sorrindo culpado.

— Acho que está sendo influenciado demais pelo mundo rosa de Cathe — falo, risonha.

— Posso garantir que a masculinidade do papai aqui está intacta, meu

bem.

— Sei... — Me levanto ainda rindo de sua indignação. — Eu vou indo, cuida bem da minha filha.

— Pode deixar, assim que ela acordar, vamos sair.

Vou em direção à porta.

— E você seguirá com o combinado? — Sua voz agora é livre de qualquer humor.

— Hoje à noite. — Saio em seguida, antes que ele comece de novo.

Chamo a tartaruga camuflada de elevador e espero alguns minutos para que pare no meu andar. Assim que entro, ouço alguém gritar um *segura pra mim*. E eu seguro, mas se meu consciente tivesse ligado os pontos, eu não o teria feito, pois quem entra no elevador é Alice. Minha ex-cunhada, a mulher da qual venho fugindo há dias, desde que tentei esmagar a cabeça do irmão dela com um jarro de flores.

— Bom dia, Cristine! — fala amistosa, simpática até.

— Bom dia. — O silêncio reina no lugar, mordo a bochecha esquerda, tentando me manter calma.

— Estou indo ver a escola hoje, Augusto... — Ela para depois de mencionar o irmão. — Ele liberou enfim minha verba, irei começar a reforma em breve.

Alice é bailarina, veio para o Rio com o intuito de abrir sua própria escola de balé e Augusto prometeu ajudá-la.

— Fico feliz em saber, Alice, você será um sucesso. — Ela sorri, agradecida, e acena.

Assim que as portas se abrem e nós saímos, ela segura minha mão e parece incerta sobre o que falar.

— Eu não sei o que aconteceu entre vocês, Cris, por mais que eu tentasse, ele não me disse. Também não quis me ver, ou ver ninguém nesses últimos dias. E eu não quero que isso atrapalhe a amizade que estamos retomando, Cristine, você me fez falta esses últimos anos. Muita falta mesmo e não quero perdê-la de novo.

Busco palavras.

— Alice, nós tivemos um motivo pra brigar e tenho certeza de que, quando ele te contar, você tomará um partido e sei que não será o meu.

— Então me conta você. Por que não se abre comigo como fazíamos anos atrás, quando não nos desgrudávamos? — Sua sinceridade me comove, aprecio o fato de que, mesmo ouvindo parte da discussão daquele dia, ela queira conversar, me entender, fazer o que seu irmão se negou.

— Tudo bem e depois você pode decidir se ainda terá essa mesma ideia de amizade entre nós. À noite, pode ser?

— Claro, eu vou te esperar. — Me viro então para sair. — Ele também está sofrendo, Cristine, não está nada bem.

— Até mais tarde, Ali.

Escolho não dizer nada a respeito da última informação. Até porque não acredito nela. Me despeço e continuo a andar em direção à saída do prédio, a fim de pegar um táxi, já que meu carro furou o pneu. Por falar nisso, acho que tenho que fazer uma troca de pneus urgente, ultimamente ele anda mais na oficina do que comigo.

Após alguns minutos, estou entrando no hospital, que está bem quieto e vazio por sinal. Encontro Luís na ala fisioterápica e ele pede que eu vá até a sala do dr. Antony, no nono andar da neurologia. Subo o elevador com mais algumas pessoas e, ao sair no andar, encontro a recepcionista sentada atrás de sua mesa. Uma moça bonita, morena, de longos cabelos cacheados. Após me apresentar a ela, a moça de sorriso bonito me diz que o dr. Campos não está no hospital, mas que outro neurocirurgião me passará os exames e as informações de que preciso.

Vou até a porta que me foi indicada e dou uma pequena batida, entrando em seguida sem esperar resposta. O cheiro é a primeira coisa que me alcança, aquela loção amadeirada já conhecida, o cheiro de que venho sentindo falta, o cheiro dele.

Augusto está de costas para mim, um pouco curvado sobre a mesa de madeira, com uma ficha na mão anotando alguma coisa no prontuário. Ele veste uma camisa branca social, colada ao corpo e uma calça jeans de tom bege, perfeito como sempre. É claro que, entre os três neurocirurgiões do hospital, seria ele a assumir o caso do médico fujão. Qual a possibilidade de dar meia volta e correr daqui sem ser demitida?

— Pode entrar, só um minuto e falo com você. — Ele parece cordial e não se vira quando fala, continua anotando alguma coisa no papel.

— Tudo bem. — Entro um pouco mais no consultório e fecho a porta atrás de mim.

Vejo o momento exato em que ele percebe que sou eu, ainda sem se virar. Augusto endireita o corpo e sua postura relaxada muda completamente, passa a ser tensa. Então ele me olha. Eu não estava preparada, sabia que aconteceria uma hora ou outra, já que trabalhamos no mesmo ambiente, mas, ainda assim, sinto um choque ao vê-lo.

Sua expressão se fecha de imediato, um vinco no meio de suas sobrancelhas se forma, fazendo sua expressão ficar rude, severa. Ele volta a se virar, dando a volta na mesa, sentando-se em sua cadeira e voltando ao que estava fazendo antes. Seu semblante é abatido; sua respiração acelerada, como a minha e a aparência, um pouco desleixada. Nada condizente com ele, com o homem que convivi nos últimos meses.

— Pode se sentar. — Faço o que pede e ele me entrega o prontuário, sem sequer me olhar.

— Obrigada.

Passo a olhar as anotações. O caso é extenso. O paciente, já idoso, terá que fazer fisioterapia por tempo indeterminado. Paro de ler quando sinto seu olhar em mim, isso eu posso sentir, e é como se minha pele queimasse, formigasse.

Enquanto volta às anotações, ele começa a falar sobre a operação e o paciente. Quer que eu comece o quanto antes e me adverte, não só uma, mas várias vezes, sobre o estado grave em que o homem se encontra e a importância do tratamento.

— Antony é o responsável pelo caso, mas pegou férias e os pacientes dele foram repassados para mim. Qualquer problema, ou algo do tipo, fale comigo e eu resolvo. O paciente irá reclamar de dores constantes e não importa o tamanho da reclamação, não pare o cronograma, não diminua os exercícios sem antes falar comigo, será para o bem dele.

— Não se preocupe, sei fazer meu trabalho. — Eu o olho e um riso de escárnio se forma em seus lábios.

— Claro que sabe. — Seus olhos são frios como gelo e não perco o duplo sentido em suas palavras.

— É só isso? — pergunto e ele se levanta, indo em direção à porta.

— Sim, é. — Faço o mesmo, pegando minha bolsa no chão, ao lado da cadeira.

Assim que vou passar por Augusto, que até então não me olhava, ele solta um palavrão e fecha a porta de supetão, puxando-me em sua direção e colando seus lábios aos meus.

Eu queria dizer que fui forte, que o empurrei para longe de mim e sai correndo da sala, mas não foi o que aconteceu, não mesmo. O que aconteceu foi que me agarrei a ele como se fosse o meu bote salva-vidas.

Agora me entrego àquele beijo como alguém que não bebe água há dias, me doo, mato toda a saudade que eu sentia. E quando a mágoa ameaça me tomar, eu a jogo para longe, a tranco, pois, mesmo sabendo que eu poderei me arrepender depois, eu não me importo, só o quero. O desejo e a saudade são grandes demais para que eu possa dizer não.

E meu coração começa a criar esperanças, conjecturas, imagens de amor e eu apenas me entrego àquilo tudo, tentando não pensar no depois, tentando não me arrepender e apenas sentir tudo o que ele está disposto a me oferecer.

Augusto para o beijo e me olha. Não há qualquer expressão em seu rosto, ele apenas me olha profundamente e eu me perco naquele olhar, querendo mais. E como se ele ouvisse meus pensamentos, ele me dá.

Me impulsiona a andar para trás, até que minha bunda bate na extremidade da mesa, ele me suspende pela cintura, sem tirar seus lábios dos meus, sentando-me na mesa. Augusto abre minhas pernas com as mãos e se coloca entre elas, fazendo minha saia subir até o meu quadril e minha excitação escorrer por meu sexo. Suas mãos percorrem meu corpo por completo, mãos famintas e afoitas em busca de mais, tudo que eu possa lhe dá. E sem pensar duas vezes, eu lhe dou, lhe dou absolutamente tudo como sempre fiz com ele. É intenso, gostoso, único, incompreensível.

Não trocamos palavras, ou nada do tipo. Apenas gemidos e olhares. Quando ele me penetra, sinto a sensação familiar de volta, de algo conhecido,

algo meu. Mas seus olhos cravados em mim não me remetem a algo assim, não me remetem a mesma energia.

É frio, inconstante, glacial, dominante. Só consigo enxergar desejo, apenas isso. Antes que eu possa pensar mais, um clímax intenso começa a se formar em mim, aquela sensação deliciosa apossando-se do meu baixo ventre, dos meus sentidos e eu mordo seu ombro para não gritar, tentando conter gemidos de puro êxtase. Augusto não demora a me acompanhar em sua própria liberação, segurando-se para não fazer barulho, dando suas últimas estocadas brutas, rápidas e precisas.

Somos uma bagunça: desarrumados, meio vestidos, ofegantes e suados. Ainda dentro de mim, ele volta a me olhar.

Algo desaba em mim nesse momento e, sem dizer uma única palavra, ele sai de mim em uma rapidez invejável, soltando-me em seguida. Sinto falta do calor do seu corpo, do toque, dele. E antes que diga qualquer coisa, eu sei o que aconteceu, eu soube assim que vi esse olhar frio momentos atrás, eu só decidi me enganar por mais algum tempo, ter esperanças. Não era Augusto, não o meu Augusto de dias atrás, não aquele que fazia amor comigo me olhando como algo único, precioso.

Já não sou nada para ele.

Desço da mesa tentando arrumar minha roupa. Pego minha calcinha e vou ao banheiro do consultório, enquanto ele retira o preservativo e abotoa a camisa. Faço minha higiene o mais rápido que consigo e termino de arrumar minha roupa, agora um pouco amassada. Paro em frente ao espelho e vejo a bagunça em que me encontro. Não a bagunça exterior, me refiro a bagunça sentimental, que me come por dentro, deixando-me do tamanho de um grão de arroz. Saio envergonhada e encontro Augusto escorado na mesa, no mesmo lugar em que momentos atrás eu estava sentada, gemendo loucamente e ansiando por ele.

Observo sua imagem por alguns instantes e eu estava certa: não era ele, nunca foi. Me recomponho o máximo que posso e me aproximo, apenas para pegar minha bolsa e sair daqui. De repente meu coração congela ao ver o que ele tem nas mãos. Minha boca seca e meus olhos ardem como nunca. Então ele me estende o pedaço de papel, com uma expressão superior, inatingível. É um cheque, é a porcaria de um cheque. O infeliz está me pagando pelo sexo.

Não consigo esconder minha expressão de espanto e desgosto. Olho de sua mão para o seu rosto sem proferir uma palavra, ele se vê na obrigação de dizer algo e é nessa hora que escondo qualquer expressão de mágoa, ou raiva. Escondo qualquer resquício que o faça pensar que conseguiu seu objetivo.

— Isso deve bastar. — Não pego, me sinto como uma estátua. — Não se faça de rogada, já aceitou tantos, não deveria ser um problema aceitar o meu. — É o que diz. A bravata é gigante, a raiva e a humilhação são infinitas, mas não o deixo perceber o quanto me atingiu. Não mesmo.

Pego o cheque de sua mão e rasgo pedacinho por pedacinho em frente ao seu nariz, jogando em seu rosto em seguida. Ele não move um único músculo.

— Enfie o seu maldito dinheiro você sabe onde. — Volto a pegar minha bolsa e vou em direção à porta. É aí que ele dá o golpe de misericórdia.

— Não achou que isso era algum tipo de reconciliação depois de tudo o que me escondeu, achou? — Volto a olhá-lo, o ódio crescendo em mim, correndo por minhas veias feito lava.

— Ah, não...— falo, usando o máximo de controle e dissimulação que consigo, querendo tratá-lo na mesma moeda, com o mesmo sarcasmo. — Eu nunca pensaria tal coisa, sei que não é capaz de tanto, prefere julgar antes de qualquer coisa, não é? É mestre nisso. Mas olha só, Augusto... — Me aproximo dele e sorrio falsamente. — Você é ótimo no sexo, bom mesmo. Sabe como fazer uma mulher gozar gostoso e confesso que andei sentindo falta disso, estava precisando, sabe? Mas foi apenas isso: sexo, um momento sem nenhum significado. Porque eu sei que entre nós não haverá nenhuma chance de reconciliação, nosso caso está encerrado, você fez questão de enterrá-lo dias atrás e isso que acabamos de fazer já não faz diferença pra mim. Daqui a algum tempo, você não passará de uma mera recordação, uma lembrança vaga, um nada, apenas isso. Não subestime sua importância em minha vida, foi só desejo, você sabe como é... — Falando isso dou meia volta, saindo da sala de cabeça erguida e deixando um Augusto sem palavras para trás.

Após sair, os sentimentos contraditórios assumem o comando de meu corpo, a mulher forte e sem sentimentos sendo engolida por uma enxurrada

da mais pura decepção. Não vejo nada em minha frente, apenas ouço suas palavras. O nó em minha garganta arde, meu corpo parece fraco, minha mente não responde aos meus comandos e tudo que eu quero é sair daqui, é distância de tudo que aquele desgraçado representa. Sua intenção foi única e apenas uma: me humilhar, se vingar, me punir por algo que não fiz e me mostrar o quanto estou perdida...

Eu não menti quando disse que em breve ele não passará de uma relembração, eu farei exatamente isso, vou me esforçar ao máximo e daqui a algum tempo, ele será apenas algo ruim a ser deixado para trás. Mesmo que demore, mesmo que eu sofra, vou tirar aquele homem da minha cabeça e do meu coração. Posso, sim, ainda sentir sua falta, chorar a noite e querer seus braços, mas isso não será mais forte que a raiva que cultivo agora, muito menos a humilhação. Ele não me conhece, não o bastante e eu irei provar isso a ele.

Engulo o choro e me forço a fazer o que vim fazer!



***A vida não é justa, não quando
ela insiste em mantê-lo no chão!***

Naquela exata ocasião, eu estava me arrumando para encontrar Maurício. Já estava cansada de tudo e tinha decidido que não queria mais. Seria a última vez. Tinha espalhado alguns currículos por toda a cidade e, em breve, esperava conseguir um emprego. Estava prestes a terminar o curso de fisioterapia e tinha esperanças de encontrar alguma coisa o mais rápido possível. Enquanto aquilo não acontecia, eu tinha economias que nos manteriam por um bom tempo, já tinha planejado, calculado tudo. Não me importava se, no fim, eu tivesse que arrumar outro emprego que não fosse na área em que me formei, eu só queria parar. Nem que para aquilo eu precisasse vender o apartamento e procurar um lugar menor. Afinal, agora eu poderia vendê-lo, era meu.

Uma mensagem no celular me avisou de que ele estava lá embaixo me esperando. Peguei minha bolsa e saí do quarto, encontrando a casa silenciosa no caminho. Entrei no elevador e, assim que cheguei na recepção do prédio, já vi seu carro do outro lado da rua. Atravessei rápido e entrei, recebendo um sorriso largo, feliz de Maurício. Sem cerimônia, ele puxou minha nuca e beijou meus lábios com pressa, como se eu fosse a água que iria matar sua sede e eu era, de certa forma. E para mim foi como nada, com

aquele beijo eu não senti nada, absolutamente nada quando seus lábios tocaram os meus. Ele foi o único cliente que, com o tempo, permiti que me beijasse. Ele insistia naquilo e, no fim, fui vencida por sua insistência e cansaço.

— Como passou a semana, princesa? — perguntou como sempre fazia, era assim que costumava me chamar: princesa.

— Bem e você? — puxei assunto, me sentindo nervosa.

— Bem, mas reconheço que estou melhor agora. — Seu sorriso era caloroso. — Hoje vou te levar pra jantar, quero conversar com você. — Estranhei sua atitude. Homens como ele não costumavam levar garotas de programa para jantar, ao menos nunca havia feito antes e nenhum outro cliente também não.

Escolhi permanecer calada, olhando através da janela de vidros escuros. A mão dele pousou em minha perna, fazendo-me uma carícia, subindo aos poucos por baixo do vestido e deixando-me levemente desconfortável. Estão se perguntando o porquê do desconforto, se eu já estava acostumada com aquilo? Acreditem quando lhes digo: você nunca se acostuma.

Porém, com os anos, aprendi a esconder bem os sentimentos, principalmente, o desagrado e ainda fingia gostar de certas coisas. Com o tempo, nos acostumamos com tudo, esse é o mal da humanidade. Que seja bom ou ruim, no fim, nem mais importa e já não importava mesmo, pois seria a última vez.

Maurício estacionou em frente a um lindo e caro restaurante, olhei em sua direção atrás de um sinal de por que eu estava ali e ele apenas sorriu. Para falar a verdade, ele estava muito sorridente naquela noite. E foi aí que o mais estranho aconteceu.

Maurício deu a volta no carro e abriu a porta para mim, segurando minha mão em seguida para me ajudar a sair. Estranhei ainda mais tudo aquilo, mas não cheguei a falar, ainda não era o momento. Entramos no restaurante e o maître nos guiou até uma mesa muito bem arrumada e bonita, com iluminação fraca, perfeita para um casal apaixonado — o que não era o nosso caso. Depois o rapaz se retirou, nos deixando a sós para escolhermos o pedido.

Escolhemos o que comer e beber e ficamos em um silêncio desconfortável, até que ele resolveu falar:

— Como está sua filha, Cristine? — Não gosto de falar de Cathe e ele sabe, nunca deixei que chegasse perto dela naqueles últimos anos e sua pergunta me deixou em alerta.

— Bem — respondi, seca.

— Vamos direto ao ponto, minha querida — fala ao perceber o meu tom de desagrado, parecendo não gostar muito. — Quero sua fidelidade, Cristine, não quero te dividir com mais ninguém, ter que marcar um horário, ou dia. Em troca, lhe darei tudo que quiser. Compramos um apartamento maior pra você, mais bem localizado, colocaremos sua filha na melhor e mais cara escola do Rio, pode escolher, fica a seu critério. Um carro novo, o que acha? Como eu disse, estou disposto a lhe dar tudo, peça e terá. Em troca de tudo isso, só terá que ficar disponível pra mim nos dias em que eu estiver na cidade, à minha inteira disposição. Nesse arranjo ficaremos na mesma casa, nesse caso, no apartamento que irei comprar pra você. — Minha boca estava aberta. Em choque.

— Quer que eu o aceite na mesma casa que minha filha?

— Não se faça de ofendida, sabemos que não está. Sabe o quanto posso ser generoso e a prova disso é que estou disposto registrar a menina. Se quiser, ela terá um nome, um pai ao menos no papel. Claro que será apenas isso, no papel. Não tenho a mínima pretensão de que me chame de pai, ou nada do tipo. Darei um nome a ela e isso já está de bom tamanho, só quero que cuide pra que ela não nos atrapalhe quando eu estiver em casa. Pode até deixá-la aos cuidados de Silvy nesses períodos, garanto que vamos aproveitar muito. — Meu sangue ferveu naquele exato momento, ao ouvi-lo falar de Cathe com descaso, como se ela precisasse de um nome.

Ela não precisava, pois já tinha o meu.

— Não. Essa proposta é ridícula, Maurício, e eu não tenho a mínima inclinação de aceitar.

— E o que mais quer? Peça, estou disposto a negociar.

— Não quero nada, nada mais que venha de você. Hoje vim dizer que não vou mais fazer programa, muito menos ir morar com você em um tipo de

acordo de venda ainda pior, isso é repugnante. Eu nunca iria aceitar te colocar perto da minha filha, nunca a envolveria em toda essa podridão que me cerca. Nunca! — Seu ar de dono do mundo cedeu um pouco, mas ele ainda parecia confiante.

— O que pensa, Cristine? Estou te oferecendo muito mais que qualquer um te ofereceria, se coloque em seu lugar.

— E qual o meu lugar, Maurício? Pode me dizer? — Ele se aproximou de mim, ficando um pouco curvado sobre a mesa.

— O de puta, Cristine, é só isso o que você é: uma puta. Posso garantir que não terá uma proposta melhor. — Me levantei, pronta para ir embora.

— Não preciso mais disso, não vou mais me sentir suja, humilhada. Acabou, Maurício, eu não quero mais. E a resposta é um não definitivo a essa palhaçada de proposta. Você me enoja. — Maurício me olhou sério, perigoso. Ele segurou meu braço com força, levantando-se comigo, aproximando-se e ficando a centímetros do meu rosto.

— E vai fazer o quê? Trabalhar e arrumar algum paspalho que se apaixone por você e queira se casar? Não seja ingênua, minha querida, se olhe no espelho, nós dois sabemos que no mundo real isso não existe. Agora sente-se e deixe dessa frescura toda, Cristine. AGORA! — Ele não pediu, ele ordenou.

— Não vou passar nem mais um minuto aqui além do necessário pra lhe dizer adeus, Maurício.

— Pense bem no que está fazendo, você vai se arrepender, Cristine, e vai voltar rastejando, implorando, como fez anos atrás. Se lembra? — Meus olhos marejam.

— Me solte ou eu farei um escândalo. — Ele me soltou, pois já estávamos chamando a atenção de algumas pessoas e aquilo era seu ponto fraco. Senti meu braço arder, o lugar ficando vermelho com as marcas de seus dedos.

Saio dali sem olhar para trás, dando adeus àquela vida, àquela história, me libertando. Era exatamente assim que me sentia naquele momento, liberta... Só que hoje já não tenho tanta certeza disso.

Quando volto a abrir os olhos, o taxista já está parado em frente ao meu prédio, olhando-me pelo retrovisor, pago a corrida e saio do carro.

Eu já desejei inúmeras vezes poder apagar certas lembranças e, hoje, mais do que nunca, quero esquecer, eu preciso esquecer. Preciso de distância, preciso me libertar do sentimento que tenho por Augusto como me libertei da minha história, ou parte dela. Ele brincou comigo, com o que sinto, me machucou de uma forma única, deixando um estrago grande demais, profundo demais e levando parte de mim. A melhor parte. E isso me destrói. Ele me remeteu àquele dia com Mauricio, me fez sentir o que me prometeu que eu sentiria.

Saber que só eu poderia entregar tal poder a ele e que me doe de bandeja em suas mãos me faz odiá-lo. Lembrar de como me olhou, a forma fria com que me tratou assim que se despejou em mim me corrói, me enoja. Ele se sentiu humilhado e quis me fazer sentir igual. Mal sabendo ele que já tinha conseguido isso naquela mesma noite. Augusto quis mostrar que eu não significava nada para ele e conseguiu. Ele conseguiu com maestria...

Me levanto ouvindo as ondas se aproximarem de mim, molhando meus pés. Sinto uma sensação de alívio e uma vontade de ficar aqui, apenas observando o mar por toda uma noite, mas a realidade me espera e, melhor do que o mar para me acalmar, são os bracinhos da minha pequenina, que a essa hora me espera. Pego meu celular e encontro algumas chamadas de Silvy e Bruno, resolvo não ligar de volta, meu celular já está descarregando e, em alguns minutos, estarei em casa e problema resolvido. Retorno de *Uber*, sentindo algo estranho, o coração sendo picotado em meu peito, sentindo uma sensação ruim de que algo irá acontecer.

No caminho de volta, tento acalmar meus sentimentos. Quando o carro para em frente ao prédio, desço entregando o dinheiro ao motorista e seguindo para a entrada. Vejo uma pequena movimentação, algumas pessoas conversam, e Maria — mulher de Salvador, o porteiro — está perto dele batendo o pé nervosamente, parecendo preocupada. Quando me vê, ela para de falar imediatamente, me olhando com pena... e preocupação, eu diria. Salvador se desloca de seu lugar e vem em minha direção parecendo aflito, apressado até demais.

— Dona Cristine...

— Agora não, Salvador, depois nos falamos. — Passo por ele em direção ao elevador. Minha cabeça está latejando de dor, sem condições para fofoca de condomínio. Só quero subir e ver minha filha.

— É a menina Cathe, dona Cristine. — Paro de imediato, sentindo um arrepio percorrer meu corpo. — Seu Bruno a levou para o hospital e pediu pra avisar a senhora. — Eu me viro vendo seu rosto preocupado, sentindo minhas pernas me faltarem. — Dona Cristine? Meu Deus! Desculpa contar assim — ele fala, tentando me amparar e meus pensamentos já não estão mais aqui, o mundo passa a girar.



***O preço a se pagar por algumas
ações pode ser alto demais e lhe
custar a sanidade...***

Sentado aqui em minha sala com a cabeça entre as mãos, me dou conta do que fiz. Não adianta, sei disso, mas, ainda assim, essa constatação não deixa de fazer com que eu me sinta um merda. Não sou hipócrita de tentar encobrir minhas ações, dando desculpas esfarrapadas e, sim, confesso que minha intenção foi humilhá-la, puni-la pelo que fez, pelo fato de me deixar como se tivesse levado uma parte vital de mim. Só que o feitiço acabou se virando contra mim.

Quando seus olhos focaram em mim...

Quando vi em sua íris toda aquela indiferença e decepção... Foi como ir ao inferno, o meu próprio inferno particular. A reação dela não foi a que esperei, longe disso. Ela me mostrou apenas indiferença, arrependimento, se mostrou inabalável, inatingível. E o sentimento naquele momento foi totalmente diferente do que imaginei. Não me senti bem, ou nada sequer parecido. Senti culpa, algo que não pensei que sentiria, não relacionado a ela. Por mais que eu odeie o que ela fez e escondeu, não era o meu direito puni-la. Perdi a razão e não consegui me controlar.

Não raciocinei quando a beijei, quando me deixei levar pela maldita

saudade que sinto dela, da falta que cada dia ameaça me consumir, do fato de não conseguir mais dormir em minha própria cama por não tê-la comigo, por não sentir seu corpo enrolado a mim. E o meu maior problema naquele momento, depois de tudo o que fizemos em minha sala, foi a mágoa, o ressentimento e o orgulho. Uma mistura quase explosiva e sufocante, que há anos me leva em direção a um abismo imaginário.

A raiva por Cristine só aumentou ao me dar conta de que, apesar de tudo, ainda a desejo, a amo. O que aconteceu mais cedo é apenas prova disso. Não sei qual feitiço aquela diaba jogou em mim, mas prometi que me livraria dele. Me livraria dela. A única coisa que temo é me afastar de Cathe, dela a falta é sem tamanho. A pequena soube me pegar pelo pé com seu jeito doce e sincero, seu modo infantil, inocente. E hoje, mais que nunca, a falta dela parece apertar meu peito de forma dolorosa e pensar que ela é... Balanço a cabeça dispersando esses pensamentos, ainda não decidi o que fazer com a informação.

Me levanto, incapaz de continuar onde estou. Confiro o horário novamente e me dirijo à sala de operação; o paciente a essa hora já deve estar pronto e vai ser bom ocupar minha mente com algo que não seja ela.

Na última semana, é isso o que venho fazendo, tenho me enfiado no trabalho para esquecer o que vem acontecendo, não que tenha sido de grande ajuda, mas, ainda assim, é uma distração. Serve principalmente para me manter longe de Alice e da minha mãe, que nos últimos dias parecem incansáveis à minha procura. Alice? Essa é a mais difícil, até lhe dei o dinheiro que havia prometido e, mesmo assim, não consegui me livrar dela e de suas ligações incansáveis.

Após me trocar, me demoro um pouco mais me lavando. Amanda é a interna do caso e pouco depois ela entra na pequena sala já pronta, me olhando com certa curiosidade.

— O paciente está pronto, doutor.

— Certo, só mais um momento.

Amanda parece querer dizer alguma coisa, desistindo em seguida e voltando para sala de cirurgia. A garota sabe onde pisa.

Mantenho as mãos no mármore gelado, colocando minha mente em ordem, afastando qualquer pensamento que não seja o aneurisma que tenho

que retirar. Quando estou apto o bastante, entro na sala e começo o procedimento em seguida.

A operação não está saindo como esperado e o rompimento do aneurisma é uma resposta disso. Tento conter o sangramento iminente, conseguindo êxito com algum custo e demora. Posso ter atingido alguma parte importante do cérebro e isso é algo que me esfria o estômago, algo assim é sempre amedrontador. Procuro o que posso ter feito de errado, analisando minuciosamente cada movimento que fiz e não há absolutamente nada que poderia ter feito para evitar o sangramento. Essas merdas acontecem e a única coisa que posso fazer no momento é esperar o paciente acordar, monitorando-o de perto por essa noite. Inferno!

Ainda estou com a atenção no crânio aberto à minha frente, quando a porta da sala é aberta. Olho por cima do ombro, encontrando Pedro parado atrás de mim com uma máscara descartável no rosto.

— Desculpa interromper, Augusto, mas preciso saber se ainda irá demorar em cirurgia.

O fato de ele invadir minha cirurgia com essa pergunta me deixa alerta e me preocupa, pensando que pode ser algo relacionado a Alice.

— Alice? — pergunto, ele logo entende o que quero dizer, pois me refiro ao receio que temos de que seu ex-marido volte a atormentá-la.

O infeliz não seria maluco.

— Não, ela tá bem. — Me tranquilizo.

— Não vou demorar, me dê 30 minutos.

— Te espero no consultório então. — Confirmo, voltando minha atenção ao paciente.

Trinta minutos depois, estou deixando a sala de cirurgia e vou direto ao consultório. O assunto pode não ser Alice, mas sei que é sério ou não iria à sala de cirurgia me interromper. Assim que entro em minha sala, fico parado ainda na porta observando a cena curiosa à minha frente. Alice e Pedro aparentemente discutem e o homem de quase 1,90 de altura parece acuado por ela, sem saber o que dizer, gaguejando como um maricas.

— Mas que Diabos está acontecendo aqui? — Quando me veem, Pedro me olha culpado, já Alice carrega uma expressão que é um misto de pena,

decepção e raiva. E ainda assim, o mais estranho disso tudo é o fato de os dois estarem juntos me esperando. — Posso saber o que fazem aqui e ainda por cima juntos?

— Viemos falar com você, já que não atende nem a mim e muito menos à nossa mãe.

— Já passou pela cabeça de vocês que, se não atendi, é porque não quero falar com ninguém? Algumas pessoas chamam isso de indireta, Alice. — Sinto a impotência pela insistência dela. Fecho a porta atrás de mim e vou me sentar atrás da minha mesa.

— Pare, Guto. Estamos preocupados de verdade.

— Não consigo entender o motivo... — Ela ri, irônica. Alice é diabólica quando faz isso, quando cisma com alguém.

— Pelo amor de Deus, homem! Pare. Não aja como um bendito moleque. Pare de se fazer de forte, de desinteressado que não liga, pare de se esconder, de afugentar o que está sentindo e se isolar do mundo. Foi assim dez anos atrás, quando Isabel acabou com você e agora está querendo fazer a mesma coisa mais uma maldita vez. Está se afastando de nós de novo, Guto, nos deixando de fora. Eu demorei tempo demais pra ter você de volta e não vou te perder agora. — Aquilo bate forte em mim.

— É melhor irem embora!

— Ela não é Isabel, Augusto.

— Não sabe o que está dizendo, Alice, agora vá.

— Mas eu sei, o pior é que eu sei, Guto... — Olho em direção a Pedro, que permanece calado no canto da sala com uma cara de gato arrependido. Ele contou!

— Cara, me desculpa, eu não pude evitar. Tem noção do quanto essa mulher é maluca quando quer? — Eu tenho, mas, ainda assim, não justifica.

— Augusto, olhe pra mim. — Faço o que ela pede. — Eu te entendo, pode não parecer, mas entendo. Se sentiu enganado como aconteceu anos atrás e talvez tenha jogado todo aquele rancor que tinha por Isabel em cima de Cristine, mas elas não são a mesma pessoa, Guto. Cristine errou, mas não cometeu um crime, não é algo imperdoável, meu irmão.

— Não sabe de metade da sujeira que ela fez, Alice, você não faz ideia.

Nem mesmo se eu pudesse, eu a perdoaria e eu não posso.

— Augusto...

— Diabos! Chega, Alice! — Me levanto indo em direção à porta, abrindo-a em seguida para que saiam. — Agora vão.

— Temos outro assunto pra falar contigo. — Pedro se faz ouvir. — É sobre Cathe. — Volto a fechar a porta sentindo uma expectativa sobrenatural, perguntando-me se eles sabem de algo.

— O que tem Catherine?

— Ela está internada aqui no hospital. Trouxemos Cristine há pouco. Estávamos no prédio quando ela soube que a menina teve um desmaio logo cedo, Cristine acabou tendo um ataque de pânico e trouxemos ela pra ver a filha. — Algo fisga em meu peito enquanto eu o ouço.

— O que aconteceu exatamente, Pedro? — pergunto e tento manter a calma.

— Aparentemente apenas um desmaio. Pelo que entendi de toda a confusão, Bruno trouxe a menina às pressas para o hospital, deram entrada na emergência ainda à tarde. Eric é quem está com o caso, Guto. — Algo na frase parece não se encaixar muito bem.

— Por que Eric, Pedro? — Eu sei a resposta, mas me recuso a cogitar tal possibilidade. — Por que não Carmen? Ela inclusive consultou Cathe dias atrás, ele encaminhou a pequena para ela após uma breve consulta e a constatação de que era apenas uma virose.

— Eu vi a ficha dela, Fera. Foi Carmen quem prestou os primeiros socorros mais cedo, mas, depois dos exames, ela decidiu passar o caso para Eric. A situação parece séria. — Pedro termina a frase com pesar. Levo as mãos à cabeça tentando formular algo coerente para dizer.

— Merda! Ela vinha dando febre...

— Isso e os primeiros exames mostraram baixa resistência e uma diminuição significativa nos glóbulos brancos...

— Deus do céu... — A preocupação, a essa altura, já me gela a alma. — Cristine?

— Foi chamada há pouco por Eric para conversar sobre Cathe. — O tom de Pedro é sério e profissional, sem margem para erro!

Sem nem pensar, lhes dou as costas e saio com apenas um pensamento em mente: preciso vê-la, isso acaba de virar uma necessidade. Tenho que ver Cathe, garantir que esteja bem.

— Augusto, espere, não vá fazer nenhuma besteira, caramba! Onde pensa que vai? — Alice entra em minha frente, parando-me.

— Esfrie a cabeça, Augusto, vamos falar com Eric primeiro.

— Eu preciso vê-la. — É só o que digo, antes de deixá-los para trás.

Pelo que Pedro disse, começo a ter alguns palpites e nada me parece bom o suficiente. Catherine precisa de mim e o que mais quero agora é senti-la em meus braços, garantir que ficará segura. Pego o elevador apertando o botão algumas vezes, na esperança deturpada de que isso o fará descer mais rápido. Até hoje eu nunca tive problemas com essa porcaria, só que agora o elevador parece querer testar meu limite.

— Anda, lata velha, anda. — Ele não parece me ouvir.

Assim que as portas se abrem na ala pediátrica, pego o corredor à direita, em direção aos quartos. Mas algo me para. A porta do consultório de Eric é aberta nesse momento e Cristine sai de lá, amparada por Bruno. Ele tem o braço ao redor dela, como se quisesse protegê-la, enquanto Cristine mantém o rosto escondido em seu peito, agarrada a ele. Não posso negar que a cena à minha frente me causa um desconforto medonho.

— Cristine! — eu a chamo.

Ela me olha e o que vejo me desconcerta, me faz manter a distância entre nós. Só consigo notar duas coisas em sua face vermelha pelo choro: raiva e repulsa. Tento me aproximar dela, mas sou parado quando ela põe as mãos espalmadas para cima, querendo manter distância.

— Eu... — tento falar.

— O que você ainda quer? Não acha que já fez estragos demais por um dia? — ela rosna indignação.

— Cristine, eu só quero...

— Você não quer nada, absolutamente nada, e por favor, não se aproxime de mim de novo. — A raiva e a decepção que emanam dela são palpáveis.

— Cathe, quero vê-la. — Depois do que fiz, eu não tenho esse direito,

mas limites nunca foram o meu forte.

— Pra quê? Acha que causou pouco estrago até agora? Não foi o bastante o que fez mais cedo, não é? Pretende me humilhar ainda mais, é isso? — Eu não tinha a dimensão do estrago causado, achei realmente que não a tinha atingido. O fato de ela não ter demonstrado nada mais cedo me fez pensar isso e só agora posso ver o quanto a feri. — Não, Augusto. Não vai chegar perto dela, não vai se aproximar de Cathe, está me ouvindo?

— Isso é algum tipo de punição? — E um sorriso cínico é sua resposta.

— Não, não é. Eu não desceria ao mesmo nível que você. Eu só não vou prolongar o sofrimento da minha filha, não vou continuar a dar um nó em sua cabeça. Já fiz muitos. — Ela limpa uma lágrima.

— Cristine, eu só quero vê-la, por Deus! É só isso que quero.

— Eu vou repetir: você não vai se aproximar dela ou de mim novamente. — Ela se aproxima um passo de onde estou. — Não me importa o que pensa, fala ou faz comigo, mas não vai brincar com ela, Augusto, não vai dar esperanças pra ela e depois sumir, porque eu não vou deixar. Com ela, você não vai brincar.

— Não pode me impedir. — Não sei de onde isso saiu, porque é claro que ela pode, ela é a mãe e eu sou apenas...

— Então tente. Você não sabe do que sou capaz pra defendê-la, você não me conhece o suficiente pra isso e aconselho a não me tentar, não me teste, Augusto, não irá gostar do resultado. Por ela, sou capaz de absolutamente tudo. — Bruno puxa Cristine pelo braço, tirando-a de perto de mim, como se quisesse defendê-la.

O bastardo está se segurando para não entrar na conversa. O cara deve estar cogitando maneiras de me matar agora mesmo.

— Já está avisado, doutor, mantenha distância das duas, ou teremos problemas. — O filho da puta ainda me ameaça.

— Cristine...— faço um último pedido mudo e não sou atendido por ela. Cristine se vira, saindo com Bruno em seguida e deixando um buraco para trás.

— Vem, Fera, eu disse pra esfriar a cabeça primeiro, cara — Pedro adverte e eu nem ao menos havia notado que tínhamos uma boa plateia.

Dou-me por vencido, sentindo o peso em minhas costas, tentando apenas entender o que se passa, o que me acometeu. Sigo calado, sem dizer uma palavra, nem ao menos tenho nada a falar. Só queria que ela entendesse que não tenho nenhuma intenção de fazer mal algum à menina, pelo contrário. Só quero ter certeza de que a pequena ficará bem.

Não volto para a minha sala, ao invés disso vou à recepção e peço que chamem Eric para mim. Sou informado de que ele está na sala de exames e decido ir falar logo com ele, saber o que realmente se passa.

— O que vai fazer agora? — Pedro é quem pergunta, de olho em cada movimento meu, enquanto Alice me olha de forma sucinta.

— Falar com Eric — falo e, antes que vá à sua procura, Alice diz:

— Guto? O que fez a ela pra Cristine te odiar tanto? — É claro que Alice não deixaria isso passar.

— Vá pra casa, Alice, depois conversamos. — Não é um pedido, tampouco espero resposta.

— Deveria parar, deve parar. — Ela não se cala. — Você transferiu para Cathe todo o sentimento que direcionou anos atrás ao pequeno grão, Guto, projetou nela todo o amor que escondeu por baixo de toda essa armadura por anos. Também colocou toda expectativa de um relacionamento em cima de Cristine, fez as coisas sem pensar como sempre e agora está pagando por elas. Errar é humano, você não é perfeito.

— Agora não é o melhor momento, Alice, e dispenso a sua psicologia barata. — Saio dali antes que ela possa me encher com mais alguma de suas teorias sem fundamento.

Os dois não me seguem, o que por si já é um alívio. Não demoro a chegar à sala de exames. Quando entro, encontro Eric com alguns papéis sobre a mesa, analisando cada um deles, e não demora a notar minha presença, não conseguindo se livrar do semblante preocupado quando me olha. Me aproximo, sentando-me à sua frente.

— Te procurei mais cedo, queria falar sobre o caso de Catherine. Sua enteada, certo?

— Fiquei sabendo que me procurou — falo e não nego sua pergunta, mas também não confirmo ou ele não me dará informações, se eu disser que a

mãe da criança em questão me quer longe da menina. Eric é profissional o suficiente para isso. — Me diga exatamente as suas suspeitas, Eric, não considere que está falando com um parente da paciente, mas sim com um colega de trabalho, até mesmo um amigo — digo e ele confirma com a cabeça.

— Quando examinei a criança meses atrás, nada me pareceu fora do lugar. Era apenas uma inflamação na garganta, com pequenas aftas, nada demais, Augusto. Inclusive, só a atendi porque você me pediu, aquela não era uma paciente para mim. Só que agora...

— Agora?

— As suspeitas aumentaram. Fiz outros exames há pouco e logo terei certeza do diagnóstico. Até agora o que tenho são glóbulos brancos baixos, baixa resistência, um número grande de anticorpos no sangue...

— Acha que é... — Não consigo nem ao menos falar.

— Ao que tudo indica. — Paraliso e ele parece perceber. — Calma, Augusto, você é médico e sabe bem que isso não quer dizer que seja realmente a doença, pode ser outra coisa.

— Já examinou os rins? O cérebro e outros órgãos?

— Repito: calma. Farei todos esses exames, quando enfim tiver certeza, ainda não tenho e, além do mais, terei ajuda amanhã. Mantenha a calma e acalme a mãe da menina também, ela me pareceu muito abalada. Lembre-se também de não falar dessa conversa com ela, não é justo preocupá-la sem ter certeza. — Confirmo. Ah, se ele soubesse...

Fico sem ter o que dizer por alguns minutos. Faço cálculos mentalmente, lembrando das febres que ela teve, das consultas. Foram quantas? Duas? Três? Quatro em todo esse tempo que estive perto das duas? Como não vi? A verdade é que vi, ou melhor vimos. Cristine todo o tempo se mostrou preocupada além da conta quando Cathe sentia febre ou algum mal-estar, não foi à toa que pedi a Eric para examiná-la. Ele é o melhor e, mesmo assim, no final nada adiantou.

— Deveria ter me levado a sério quando pedi que a examinasse — falo e Eric parece culpado. — Deveria ter pedido novos exames e não se contentar com os que Cristine lhe trouxe.

— Me custa admitir, mas tem razão dessa vez, Augusto, deveria. Farei tudo o que estiver ao meu alcance, prometo a você.

— Quero Miguel no caso, ele é bom com crianças. Quero também aquela enfermeira, a que você elogiou outro dia por tratar os pacientes como se fossem seus filhos...

— Augusto...— Tenta me repreender.

— Peço que não me negue isso, Eric. Encare como um pedido pessoal, quero o melhor para ela, isso fica por minha conta. — Ele demora a responder.

— Tudo bem, agora vá trabalhar e me deixe fazer o mesmo. Tenho uma menininha para cuidar.

Levanto-me.

— Certo.

— Assim que eu tiver os resultados te aviso.

— Por favor, vou ficar aguardando. — Me retiro da sala em seguida, fazendo o que me pede, é agonizante.

A noite parece não passar, se arrasta, e a agonia de não ter certeza de nada e de não poder fazer nada me mata. Alice mandou mensagem há pouco dizendo que ligou para Cristine e que ela lhe disse que ainda não sabe o que a filha tem, que nem mesmo Eric sabe ao certo. Eu tenho uma boa ideia agora, mas me nego acreditar em tal desgraça. Desisto de me manter afastado e volto mais uma vez à ala pediátrica. É tarde o bastante e, a essa hora, imagino que as duas estejam dormindo.

Passo por algumas enfermeiras na recepção e elas me olham intrigadas, provavelmente assistiram ao show proporcionado mais cedo. Não chego a entrar no quarto, mas vejo uma fraca luz tremulando lá dentro. Me aproximo da porta entreaberta, já podendo ver Cathe deitada na cama. Ela me parece estar em um sono tranquilo e Cristine está sentada em uma cadeira ao lado da cama, debruçada sobre parte dela e parecendo dormir profundamente. Não tem mais ninguém com elas, encosto a lateral do corpo na porta, observando-as, imaginando e, inacreditavelmente, orando, pedindo a Deus que não seja nada do que suspeitamos ser. Faço o que não faço há muito tempo: rezo para que Deus não jogue tamanho fardo em suas costas.

Não me contento em ficar onde estou e entro no quarto. Sei que faço errado, ela não me quer perto da filha, só que não consigo me afastar. Não quando minha mente não para de cogitar situações desesperadoras com Catherine. A menina tomou conta de parte de mim, não importa o que aconteceu entre mim e a mãe dela — e até mesmo meu pai. Nada conseguiria diminuir o carinho que sinto pela pequena criatura.

Observo-a ressonar de perto, depois vou até o canto do quarto e me sento no sofá de dois lugares, tomando o cuidado — mesmo não adiantando de nada — de me manter na parte escura do cômodo. Não quero nem imaginar o que Cristine faria se me pegasse aqui, de qualquer forma, não ficarei muito. Com esse pensamento em mente, velo o sono das duas por um bom tempo, por horas na verdade.

Enquanto as observo dormir, é como ver um filme dos últimos meses em minha mente, cada momento, cada brincadeira, cada sorriso, cada momento com Cristine e é doloroso, dói *pra* caralho. As horas vão passando e, mesmo sem querer, tenho que sair do quarto. Me levanto e me forço a deixá-las sozinhas novamente, sentindo o peso de cada ação.

É hora de ir embora. Apesar de saber disso, fico mais um tempo pelo hospital, esperando por notícias. Quando não posso mais prolongar, me dou por vencido e vou embora.



***Medo... Dizem que é uma
necessidade humana, que sentir
medo é essencial para uma pessoa,
assim como superar esse mesmo
medo te deixa ainda mais forte.***

O medo de não saber o que pode, ou não, estar acontecendo parece querer me sufocar aos poucos. E o fato de simplesmente saber que algo errado está acontecendo congela minha alma. Observo minha filha dormir tranquilamente, sentindo o peito apertar e um frio sem igual tomar meu estômago. Cathe acordou mais cedo, assim que voltei para o quarto depois do encontro com Augusto. Eu a forcei a comer um pouco de sopa e, manhosa como sempre é, me fez prometer que me deitaria com ela, caso comesse. Confirmei que faria sua vontade, sob protestos da enfermeira de plantão, pois só queria que de alguma forma minha filha se sentisse bem, segura.

Assim que cheguei ao quarto, Bruno foi embora chateado. Ele está de serviço hoje e, mais uma vez, discutimos sobre Augusto e o fato de que, para ele, eu ainda não dei um basta nessa situação. Talvez ele tenha razão, só duvido que depois de hoje eu queira prolongar alguma coisa ou algum sentimento relacionado a Augusto. Acabou e o que me fez essa a tarde é a prova disso.

Cathe não demorou a dormir quando me deitei com ela, se aconchegou a mim e logo adormeceu em um sono profundo. Saio da cama em seguida e fico aqui, sentada na cadeira próximo à cama, observando-a dormir. Estou cansada física e mentalmente de um jeito único.

Debruço parte do meu corpo sobre a cama e, mesmo sem querer, me deixo levar pelo sono, ter um momento em que eu não esteja submersa em decepção, arrependimento, medo e incertezas. Um momento de paz, nem que seja em sonhos. Hoje, tudo que foi reservado a mim se mostrou demais, quase insuportável em todos os sentidos. Sinto o peso em meus ombros parecendo querer me afundar, me atolar em um mar de desespero e, aos poucos, deixo-me levar pelo sono e cansaço.



Movo o corpo me sentindo dolorida, com algo cutucando meu ombro levemente. Abro os olhos devagar por conta da luz, vendo um rosto amigável e um sorriso simpático direcionado a mim. Otávio, o pai de Augusto, está aqui na minha frente, com um sorriso apaziguador, reconfortante. Não posso deixar de lembrar de anos atrás, de tudo o que aconteceu e de como aquilo nos deixou cúmplices um do outro.

— Bom dia, minha querida. — Me levanto e o cumprimento com um abraço rápido. — Como está, Cristine?

— Eu não sei dizer... — Minha voz sai em um sussurro para não acordar Cathe.

— Não pude vir ontem quando me ligou, não tinha voo. Só consegui hoje de madrugada, vim no primeiro e mais cedo que encontrei. Estava em São Paulo, espero que entenda. Agora me diga: como está nossa menina?

— Agora parece bem. Teve febre ontem à tarde, mas, graças a Deus, passou.

— Venha, vamos tomar um café. — Ele olha o relógio em seu pulso. — Ainda não são 7h, creio que ela demore um pouco a acordar. — Dou uma

olhadinha em Cathe, que continua a dormir, concordando em ir tomar café com ele.

É estranho ter que contar com Otávio novamente depois de anos, mais estranho ainda é o fato de ele ser pai de quem é. No refeitório, escolhemos uma mesa ao fundo, afastada dos demais que já se encontram no local a fim de tomar seu café e voltar rápido ao trabalho ou para algum familiar. Peço apenas um café puro e Otávio um suco de manga, seu preferido, se bem me lembro.

— Agora me diga o que está te afligindo. O que acha que Cathe tem?

— Eu não sei ainda, o pior é isso. Confio no senhor, foi quem mais me ajudou quando precisei, por isso pedi que viesse. Sei que o dr. Eric é um dos melhores, não me entenda mal, só que...

— Ele deu o diagnóstico errado dias atrás, não é?

— Como sabe? — Me surpreendo por ele saber disso.

— Sei lidar com mães, Cristine, e quando me ligou ontem em tamanho desespero, desconfiei que algo não ia bem, você não é de se afligir por pouco. Assim que desligou, entrei em contato com Eric, falei com ele ontem à noite mesmo e não demorou para me colocar a par de tudo. — Sua expressão, apesar de calma, é preocupada.

— Já sabem o que ela tem, não é? — Um bolo ameaça se formar em minha garganta e, nessa hora, uma moça se aproxima da mesa, entregando nossos pedidos. Otávio volta a falar, quando a moça se afasta:

— Não, minha querida, não sabemos. Apenas desconfianças e não seria aconselhável encher você de falsas notícias, entende? — Confirmando que sim. — Mas quero que esteja preparada para tudo, Cristine, e saiba que terá o apoio de todos. Independentemente do resultado dos exames, eu te prometo: ela ficará bem. Tenha em mente que Catherine conseguiu sobreviver a um parto de extrema dificuldade, com pouco mais de sete meses completos, sabe disso, pois era você quem estava lá. Nossa menina sairá dessa, acredite em mim. — Tento realmente acreditar no que diz, mesmo meu coração dizendo que nada será tão fácil assim. — Augusto já sabe? — Sua pergunta me faz desviar o olhar do dele, por algum motivo envergonhada.

— Sabe.

— E por que ele não está aqui com você? — Olho para ele, assustada, pois acredito que já deveriam saber que não estamos mais juntos a essa altura.

— Não estamos juntos, doutor. — Ele respira fundo, parecendo ponderar.

— Eu contei a ele, Cristine, tive de contar. — Sua fala vem carregada de pesar e me surpreende ainda mais o fato de Augusto não ter dito nada a mim quando estivemos juntos ontem, de não ter me confrontado. Mas o que eu esperava de um homem que nem ao menos quis me ouvir? Nem ao menos me deixou falar...

— Eu não quero falar sobre isso, se não se importar, doutor. Seu filho já não tem um papel em minha vida ou na vida de minha filha.

— Me chame pelo primeiro nome, Cristine, sem formalidades, por favor. — Apenas assinto. — Tenha paciência com ele, Augusto é cabeça dura, mas é um bom homem. — Não respondo essa afirmação, mesmo sabendo que parte dela é verdadeira. — Bom, vou encontrar com Eric agora, assim que tivermos o resultado dos exames, mando chamar você e fique tranquila, tente não se preocupar antes da hora. — Ele se levanta e deixa um beijo em minha testa.

— Obrigada por vim, o senhor não sabe o quanto me deixa aliviada. — Ele apenas sorri, despedindo-se em seguida.

O desconforto me toma novamente, sendo levada a pensamentos agonizantes, é algo que não posso evitar. Olho o café à minha frente, sem vontade alguma de tomar, nada parece me descer agora, ou até mesmo depois. Eu deveria ter tido mais atenção, ter brigado por ela, ter ... nada. Não adianta mais pensar no que eu poderia ter feito, esse é o tipo de pensamento que muito tenho, mas que de nada me serve. O problema é que mesmo sabendo disso, algo me incomoda e o nome disso é culpa, culpa por não a ter protegido como deveria, como prometi a mim mesma que faria tantas e tantas vezes.

Me ponho de pé, pronta para voltar ao quarto e encontro Silvy no corredor, acabando de chegar. Ela sorri ao me ver, tentando parecer despreocupada e, como sempre, radiante pela manhã. Uma figura! Seu cabelo vermelho está preso em um curto rabo de cavalo, veste uma calça jeans com

uma camiseta branca e sapatilhas pretas.

— Oi, minha menina, como passaram a noite? O médico disse alguma coisa?

— Ela dormiu bem essa noite, sem febre, o que é bom. O dr. Otávio chegou há pouco, disse que, assim que tiverem notícias, mandam me chamar.

— Que bom que ele chegou, aquele outro médico me parece muito novo. — Ela torce o nariz ao falar, me fazendo rir.

— Ele é um bom médico, Sil, mas confesso que me sinto bem melhor com o dr. Otávio aqui. — Ela confirma com um aceno, proferindo um "eu também". — Vou aproveitar que chegou e vou na padaria da frente comprar um bolo de chocolate pra ela. Talvez assim ela queira comer.

— Vá, meu bem, vá sim. Fico com ela o tempo que precisar e não esqueça que vai ficar tudo bem, ouviu? — Silvy me envolve em seus braços.

Por um minuto, sinto como se fosse os braços de minha mãe me envolvendo. E, Deus, como eu a queria comigo nesse momento. Como eu preciso de você, mamãe. Ela saberia exatamente o que fazer.

Deixo Silvy seguir para o quarto de Cathe, segurando uma vontade incontrolável de chorar. Vou do hospital até a padaria em frente em um percurso rápido e, minutos depois, estou retornando com uma bela fatia de bolo de chocolate recheado de brigadeiro, como ela tanto ama. Entro no quarto e a encontro acordada, sentada na cama, me parecendo bem animada, com sua camisolinha hospitalar de bichinhos. De repente, um sorriso bobo toma meus lábios, um certo alívio por vê-la sorrir.

— Humrum. O meu tio disse que um dia quando eu crescer vai me trazer pra ver ele abrindo a cabeça das pessoas. Deve ser muiiiito legal! — Ela fala numa animação contagiante, mexendo as mãozinhas no ar para uma das enfermeiras. Percebo que essa em especial eu ainda não conheço, mas o jeito que dá total atenção a Cathe e sorri já me faz gostar dela. —Tia? Ele tá aqui no hospital? — Cathe não desiste fácil.

— Não, amor, não está — falo antes que a enfermeira responda, ganhando um olhar reprovador dela e um olhar triste de minha filha. — Bom dia, minha Po. — Cathe sorri e é como ver o sol se abrir em minha frente, só para mim. O apelido é pelo fato de que, quando era mais pequenina, sua

forma desajeita de andar me lembrava a Teletubbie Po, vermelhinha e fofinha. — Como está se sentindo, meu amor?

— Quero ir embora, mamãe, já podemos ir pra casa? Já estou bem, olha! — fala manhosa colocando a mão na testa, aproveitando meu abraço para enfiar o rosto em meu pescoço. Seu lugar favorito.

— Ainda não, mas a mamãe trouxe bolo de chocolate pra você... — Faço voz de suspense e ela se abre em sorrisos, fazendo meu peito inflar em júbilo.

Beijo sua pequena testa e lhe entrego o bolo em seguida, arrumando tudo para que possa comer e, como pensei, ela não recusa, o que me deixa feliz. Ela também perdeu peso nos últimos dias, Cathe nunca me deu trabalho em absolutamente nada, mas, de uns dias para cá, vem se fazendo de difícil na questão comida.

— E você? Comeu alguma coisa? — Silvy se aproxima de mim.

— Não, Sil, nada me desce.

— Tem que comer, Cristine, desde... você sabe quem, que não come direito, trancada naquele quarto se martirizando por um homem que não te merece. Já perdeu peso e isso não é bom, menina, tem de se cuidar. — Ela parece disposta a me fazer comer.

— Prometo tentar comer alguma coisa mais tarde. Por agora, tenho que ir falar com meu chefe. Pode ficar com ela por mais alguns minutos?

— Vim para passar o dia aqui, Cris, vá tranquila.

Deixo Cathe com Silvy e vou falar com Luiz, meu querido chefe mal-humorado. Eu lhe explico o porquê de ter faltado, garantindo entregar um atestado à tarde. Luiz aparentemente entende e até demonstra empatia — o que se tratando dele, é quase um milagre. Sou a figura da humildade enquanto converso com ele, fazendo o possível para que entenda minha situação. Não posso perder meu emprego, não agora que tanto preciso do plano de saúde.

Organizo algumas coisas, repassando meus pacientes para uma das meninas e depois volto para ala pediátrica. Assim que entro no corredor, vejo Augusto se distanciando em direção ao elevador, só consigo ver suas costas e seu andar confiante enquanto se afasta. Me preocupo, achando que ele tinha

ido ver Cathe, mas, quando entro no quarto, tudo parece normal como havia deixado. Entrego o café, que peguei há pouco para Silvy, e espero Catherine dizer algo sobre ele, mas nada vem, o que por fim me tranquiliza.

— Mamãe?

— Oi, amor. — Me aproximo da cama e toco sua testa, notando a temperatura um pouco elevada. Droga!

— Eu tô com sono. Pode deitar comigo?

— Mas acabou de acordar, amorzinho.

— Minha perna dói, mamãe, e minha mão também, quero dormir.

— Onde dói minha pequena?

— Aqui, ó. — Ela me mostra as justas do tornozelo, joelho e pulso.

Me deito com ela, tendo-a bem perto de mim, como ela adora ficar, quase como um pintinho.

Ignoro os olhares enviesados em minha direção. Não importa quantas vezes me digam que não posso, sempre que ela me pedir que me deite com ela, farei. Ao menos até que durma.

— Então durma, meu amor, durma que a mamãe está aqui com você — falo, enquanto coloco parte do lençol embaixo dela.

Fico agarrada a seu corpinho por um bom tempo, até ouvir seu ressonar baixinho, tranquilo. Chamo a enfermeira novamente, avisando que Cathe tem febre e dores nas juntas. Nice — a enfermeira simpática — sai do quarto, não demorando muito a voltar e colocar duas ampolas com medicação no soro ao lado da cama.

Sinto uma impaciência sem tamanho pelo fato de não saber de nada, por estar no escuro. As horas se arrastam sem nenhuma notícia. Cathe acorda algumas vezes durante o dia e volta a dormir sempre em seguida. Nice me assegurou que a sonolência é por conta dos remédios, que ela está bem, tentando me tranquilizar. Decido deixá-la dormir e tomar banho, tirar parte dessa agitação em meu corpo, esse sentimento ruim. Entro embaixo do chuveiro deixando o corpo relaxar, ao menos é o que tento fazer.

Tenho bloqueado Augusto de meus pensamentos desde ontem, na verdade quero bloqueá-lo da minha vida. Mas, por mais que eu não queira, ele está ali, batendo incansavelmente na porta de meus pensamentos, pedindo

para entrar. E não importa quantas vezes eu feche a porta, ele sempre volta. Afugento o pensamento, prometi que não choraria de novo. Não por ele, e essa promessa eu irei cumprir. Custe o que custar.

Termino o banho bastante demorado e me seco. Coloco o vestido rosa claro soltinho que Silvy trouxe e, após terminar de pentear meus cabelos, volto para o quarto. Sou informada tempos depois que Eric está me chamando em seu consultório, já com o resultado dos exames em mãos. Um frio me sobe a espinha, causando arrepios por todo o meu corpo. Aquele sentimento ruim que sempre me acompanha em momentos difíceis volta e, por um instante, sinto minhas pernas bambearem.

Caminho incerta em direção à porta do consultório e, quando entro, encontro Otávio sentado em frente a Eric, próximo à mesa. Ambos têm o semblante fechado, preocupado até.

— Sente-se, Cristine. — Faço o que me pede em modo automático, me sentando ao lado de Otávio.

— Prometi a você que seria direto e não menti — Eric começa a dizer. — Descobrimos o que Catherine tem, Cristine. Você estava certa ontem, quando disse que eu já desconfiava de alguma coisa. Desconfiava realmente e não vimos isso antes, porque esse é o tipo de doença difícil de ser diagnosticada. Por muitas vezes pode ser confundida com doenças banais, que é o caso de uma virose como foi com Cathe. Entenda que antes de mais nada... — A essa altura do discurso pomposo de Eric, meus olhos já estão rasos d'água, meu coração se aperta em meu peito e meus pensamentos se concentram na minha menininha frágil e dependente de mim. — Catherine tem lúpus, Cristine. — Essa parte de seu discurso eu ouço e ouço bem. Sentindo uma corrente elétrica cruzar todo o meu corpo.

"Deus que eu acorde desse pesadelo, que eu acorde desse pesadelo, meu Deus."

É o mantra que invoco em minha mente nesse momento. As lágrimas já não são mais seguradas por mim, descem facilmente por meu rosto, e minhas mãos, que suavam em bicas, agora tremem com desespero. Minha Catherine, meu bebê, meu pequeno tesouro...

Por mais que eu tente, não acordo desse tremendo pesadelo. Por mais que eu peça, por mais que eu ore, não consigo acordar e me desespero em

prantos. Sentindo o aperto da mão de Otávio na minha.

— Acalme-se, minha querida, sei que é desesperador, mas podemos reverter, não é algo sem solução.

— Ela é... só um bebê... o meu bebê. Deus do céu, por que não é comigo? Porque justo com ela, que já perdeu tanto?

— Cristine, olhe para mim. — Hesito por um momento, mas volto a olhá-lo. — O lúpus é sim uma doença difícil e até mesmo rara em crianças dessa idade e, sim, ela não pode ser curada. Mas entenda que essa é uma doença controlável se tomarmos as medidas certas e é isso o que faremos. Cathe poderá ter uma vida completamente normal se seguir todas as recomendações e o tratamento.

Me levanto sem controle, porque ninguém aqui parece entender meu desespero. Me ponho a andar de um lado para o outro na sala, levando as mãos à cabeça tentando achar algum equilíbrio. Não encontro nenhum. Meus braços são agarrados com firmeza e sou parada quando Otávio me põe entre seus braços, em um abraço fraternal, e eu me deixo levar por esse momento e por essa emoção, me derretendo, me permitindo chorar. Por alguns instantes, só são ouvidos os meus soluços pela sala.

— Pai! — A voz de Augusto soa como um trovão no pequeno consultório e eu me desvencilho de seu pai, limpando meu rosto. Sua confusão é óbvia. — Cristine? — A voz dele suaviza quando nota o meu estado.

Augusto nos observa na sala, parando um tempo a mais em mim. Ele tenta se aproximar de onde estou, mas não deixo que me toque dando um passo para trás. Ao perceber a distância que quero impor, ele para onde está, sem maior resistência. Seu semblante é duro, mas, ainda assim, se mostra preocupado.

— O que faz aqui, pai? Não estava em São Paulo com minha mãe? — A pergunta é feita enquanto seus olhos estão presos nos meus. Otávio segura meu braço e me guia de volta à cadeira para que eu possa me sentar novamente.

— Cristine me ligou ontem me colocando a par da situação. — Augusto me olha de forma estranha, parecendo acusatório até. — Ela me pediu para ajudar Eric com o caso da nossa menina e eu não vi problemas em

fazer isso. — Augusto solta um riso sarcástico, me deixando um pouco confusa pela reação.

— É claro que não viu. Já tem um diagnóstico?

— Confirmamos nossas suspeitas com os exames que saíram há pouco, Augusto — Eric responde. — Infelizmente, Catherine tem lúpus. — A sentença é dada novamente, fazendo meu coração se quebrar mais uma vez.

Não consigo ficar aqui, preciso de ar, colocar minha cabeça no lugar, chorar até me recompor e me tornar novamente a *Mulher-Maravilha* de que minha filha tanto precisa nesse momento. Me levanto e saio da sala ouvindo todos me chamarem, as vozes ficando distantes. Não paro, não quero parar, quero acordar, pois sei que isso é um pesadelo, tem de ser...



Cathe tem lúpus...

Por segundos imagino estar fora do ar, aéreo sem ter o chão para me apoiar. É estranho, é algo inédito para mim e é amedrontador sentir tal preocupação por alguém. Fico perdido por instantes sem saber se devo ir atrás dela, ou não. Quando decido ir, me movo para sair da sala e sou impedido por meu pai, que segura firme em meu ombro.

— Deixe-a ir, Augusto!

— É melhor me soltar, pai — praticamente rosno e, mesmo contra a sua vontade, ele acaba tirando suas mãos de mim.

— Está na hora de parar de agir como um moleque e começar a agir como o homem que te criei para ser, Augusto. Se for atrás dela, assuma essa responsabilidade e seja o alicerce de que aquela mulher tanto vai precisar. Ela merece isso, Cristine já passou por coisas demais nessa vida, meu filho. — Nesse momento ele parece conhecê-la bem demais e conhece.

E mesmo sendo doloroso constatar isso, eu quero ser para ela nesse momento exatamente o que ele disse. Vê-la destruída da forma que vi me faz querer ser esse homem, só que já não sou bom o bastante para isso.

Sem responder ao insulto recebido, deixo meu pai onde está e saio porta afora. Não a vejo em lugar algum, passo pelo corredor olhando em todos os lugares e nada dela. Não consigo imaginar pelo que deve estar passando e me amaldiçoo por ter feito o que fiz.

Pego as escadas sem paciência alguma para esperar o elevador, descendo de dois em dois degraus. Chego ao primeiro andar, sentindo o pulmão queimar pela falta de ar. Passo pela recepção, indo direto até a saída do hospital. Já do lado de fora, olho para todos os lados, tentando encontrar aonde ela possa ter ido.

Um desespero inesperado me assalta, me deixando alerta até que a vejo. Cristine se encontra a certa distância de mim, com a mão escorada em uma pilastra, enquanto chora copiosamente. Aquilo me rasga de um jeito que nunca imaginei, a dor dela refletindo em mim de forma assustadora. Tento me aproximar e não dou mais de três passos, quando Bruno sai de seu carro e se aproxima dela com um buquê de girassóis na mão. Cristine não espera que ele a alcance, correndo em sua direção e se jogando em seus braços assim que o vê.

Lembro do olhar dela quando tentei me aproximar há pouco, de sua rejeição. E a ficha cai nessa hora, lembrando-me de que ela não precisa de mim como alicerce, porque já o tem e a constatação disso é dolorosa, destrutiva.



***Sentimentos não se apagam com
desilusões, lembranças não se vão
com o vento...***

O sentimento em mim é indescritível, devastador. Sei o que é o lúpus, sei os estragos que pode fazer e isso só fica pior por ela ser apenas uma criança. Deixo o choro vir livre no momento, lembrando a mim mesma que daqui a alguns minutos, terei que me recompor, encarar meus problemas de frente.

Ouçó a porta de um carro bater e, quando olho para o lado, vejo Bruno vindo em minha direção. Seus braços abertos são apenas um convite e eu corro para eles, me agarro a ele como se fosse meu bote salva-vidas, como se pudesse me livrar de tudo o que venho passando. Sei que não pode, na verdade, ninguém pode.

— Crisy? O que aconteceu? — fala e me afasta, preocupado, segurando meu queixo para que olhe para ele.

— Descobriram o que ela tem, Bruno. Minha pequenina tem lúpus. — A última frase já não sai, esmagada por um soluço, e a confusão em seu rosto me faz perceber que, provavelmente, ele não sabe muita coisa sobre a doença. — É uma doença difícil, Bruno, autoimune e não é curável, apenas controlável. É considerada rara em crianças da idade dela.

— Sei. Tem muitos históricos? Digo, pra idade dela...

— Não.

— Hum. Agora é manter a calma, meu bem. Eu sei que é difícil pra você, sei também que está preocupada, só que estamos juntos nessa, se lembra? Entramos juntos há seis anos e vamos continuar assim. — Ele volta a me abraçar. — Cathe é uma menina forte, sobreviveu quando todos disseram não a ela. Acalme seu coração, Crisy! Agora deixe de chorar e me mostre onde está a mulher capaz de carregar o mundo nos ombros com um sorriso no rosto. — Ele limpa meu rosto e me mostra um buquê lindo de girassóis. — Pra você, pelas besteiras que eu disse ontem, não devia ter falado daquela forma. Me desculpa? — Um sorriso tímido me escapa, ele sabe o quanto as flores significam para mim.

— Não precisa nem perguntar depois desses girassóis lindos. Obrigada, Bruno, por tudo.

— Venha, vamos lavar esse rosto e ver minha Framboesa.

— Acho que tenho que voltar para falar com o médico, sai sem deixá-lo terminar o que tinha para dizer.

— Então vamos, mas acho melhor falar com ele mais tarde, precisa se acalmar primeiro.

Bruno consegue sempre melhorar qualquer situação, isso quando não está brigando comigo. Tenho ao meu lado a melhor pessoa do mundo, o melhor amigo. Quando voltamos ao quarto, Cathe fica feliz ao vê-lo, porém nunca se esquece de Augusto, sempre tocando em seu nome, em diversas situações. Infelizmente. Tagarelamos e mimamos o meu mundinho rosa pelo resto da tarde e da noite, até ela desistir de brincar, rendendo-se rápido ao sono pelo cansaço.

O resto do tempo se arrasta e, na manhã seguinte, não vou trabalhar. Luiz veio falar comigo pessoalmente, dizendo para eu me afastar por três dias e não me preocupar com nada. Fiquei agradecida a ele, mesmo porque ainda não sei como irei fazer para trabalhar e cuidar dela.

Aqui o tempo não passa e Silvy aparece por algumas horas. Logo depois Pedro também nos faz uma visita, ficando boa parte da tarde conosco. Já é quase a noite quando Eric vem vê-la e depois me chama para falarmos

sobre o tratamento.

Sigo com ele até sua sala e o médico, atenciosamente, explica como tudo vai funcionar. Diz também que fará vários exames, em especial, nos rins, fígado, coração e cérebro. Esses são os órgãos que podem ser atingidos diretamente pela doença.

Descubro que passaremos um tempo no hospital e que a quantidade de remédios que Cathe passará a tomar é bem maior do que imaginei. Eric pede para mantermos a calma, já está ciente da fragilidade dela por conta do nascimento, mas que isso não irá interferir no tratamento. Mostra, também, pesquisas sobre a doença que dizem que, a cada dez adultos, uma criança é atingida. Não nego que estou um pouco mais calma depois de conversar com ele. Ainda apreensiva, mas também conformada e decidida a lutar.

Quando volto à pediatria, o cansaço está tomando meu corpo e tudo ao meu redor me faz lembrar de tempos distantes, do passado. Olho de relance para o balcão, onde algumas enfermeiras estão e vejo Augusto conversar com a mesma senhora responsável por Cathe no plantão de hoje. Ele me vê e passa a me olhar como em um tipo de inspeção, olhos curiosos. Estou cansada demais para dar atenção a isso ou a ele. Entro no quarto, encosto a porta e deixo Augusto e qualquer pensamento ligado a ele do lado de fora. Será assim de agora em diante.

Dou de cara com Bruno sentado no pequeno sofá de dois lugares, no canto do quarto. Os cotovelos apoiados nas pernas, com a cabeça pendendo para frente, encostada em seus polegares. Ele me encara assim que entro e posso ver a fortaleza ruindo aos poucos. Posso sentir algo errado vindo dele, algo em sua expressão me alarma. Vou em sua direção, me sentando ao seu lado. Bruno pega minhas pernas e, calado como estava, as coloca em seu colo, tirando minhas sapatilhas e começando uma massagem delicada em meus pés.

Ficamos ambos calados, contemplando-nos, cúmplices. Não precisamos falar para nos entendermos, sempre foi assim.

— Heitor me ligou hoje. — Sua voz sai rouca e séria. Eu sabia que tinha algo errado.

— O que ele quer?

— O miserável disse que está vindo passar alguns dias de suas férias no

Rio. Quer me encontrar.

— Não fale assim, Bruno, Heitor é seu irmão. — Bruno me olha feio, sorrindo com deboche.

— Uma pena ele não ter lembrado disso quando ela precisou dele. Eu a vi chorar por dias, Crisy, eu estava aqui o tempo todo com ela. Fui eu quem pôs as mãos em suas costelas, enquanto tentava aplacar sua dor na hora de sua morte, enquanto ela delirava chamando por ele. Vi minha mãe definhando por culpa de um maldito câncer e de tristeza por ter sido abandonada por aquele traidor filho da puta e depois por meu único irmão. Sabe o que é isso?

Eu tenho, sim, uma ideia de como é.

Bruno tem um irmão. Irmão esse que ele não vê muito tempo, simplesmente por não fazer questão nenhuma de aproximação. O que me dói é que os dois se davam bem, eram como unha e carne, aquele tipo de irmãos que todos desejam ser. Tudo começou quando o pai deles — Gerson — traiu a mãe, abandonando-a em seguida, quando por infelicidade ela descobriu que tinha câncer de mama. Heitor, sendo o mais velho, tentou segurar a barra com Bruno, mas a verdade é que ele não conseguiu ver a mãe morrer pouco a pouco. Sei disso, porque tínhamos um tipo de namoro na época. Coisa de adolescentes e por isso ouvi de seus lábios essa declaração.

Heitor decidiu ir morar com o pai, deixando Bruno possesso de ódio pela forma de fugir que ele arrumou. Heitor disse à mãe que iria estudar e, de fato, aquilo ele realmente fez. Hoje é delegado da polícia civil. Sei de todos os seus motivos e procuro entender, não aceito, mas entendo. Nem todos tem forças para ver quem ama indo embora, sofrendo por uma doença tão destrutiva, acabando-se aos poucos em uma maldita cama de hospital.

Já no fim de seus dias, dona Beth — a mãe de Bruno — pediu para Heitor vir, já não tinha esperanças de vencer a doença, a sentença tinha sido dada e o câncer se espalhado como erva daninha por seus órgãos. Ele veio. O azar de Heitor foi o atraso no voo, não conseguindo chegar a tempo de ver a mãe viva. Me lembro do momento em que ele chegou no hospital.

Quando Bruno viu o irmão, se transformou em um bicho enjaulado, partindo para cima dele, desferindo socos enquanto Heitor tentava inutilmente se defender. Bruno estava tomado pela dor e pelo ódio, foi uma cena horrível de presenciar. Apenas Alex — amigo e colega de trabalho de

Bruno —, com a ajuda de um segurança do hospital, conseguiu tirá-lo de cima do irmão. Desde então, eles perderam de vez o contato, que, naquela altura, era mantido apenas por conta da mãe doente.

— Vem cá, vem, sou eu que vou te dar colo agora. — Coloco as mãos ao redor de seu pescoço, trazendo-o para mim. — Eu sei que você sofre com a falta dele, Bruno, Heitor é sua família. — Bruno levanta o rosto de meu ombro e me olha, irritado.

— Você é a minha família, Cristine, você e aquela coisinha ali na cama. Até mesmo a louca da Silvy, aquela velha assanhada. — Sorrio, distraída, e bato em seu ombro.

Não sei se é a atmosfera ou a vulnerabilidade em que nós dois nos encontramos, o que sei é que noto o momento exato que Bruno foca sua atenção em minha boca. Tão próximo, tão amigo, tão meu, que me deixo levar quando seus lábios se aproximam dos meus e me beijam. Sua língua pede passagem em minha boca e eu dou sem maiores protestos. O beijo vem fácil, gostoso, calmo e carinhoso. Eu poderia me perder em seus lábios se meu coração permitisse, se não estivesse amando outra pessoa, um homem que não merece ser amado, mas que não consigo deixar de gostar, não ainda.

Nosso beijo não faz minhas pernas tremerem, nem minhas mãos suarem em expectativa. As mariposas, que aprendi a conhecer tão bem com Augusto, já não voam mais em meu estômago e o desejo de prolongar o beijo não vem. Bruno termina nosso contato com um selinho, me olhando em seguida.

— Por que não demos certo além da amizade, loira? — Suspiro.

— Simples, nos amamos como irmãos e você é safado demais para eu me apaixonar por você. — Ele sorri, descontraído.

— Sentiu alguma coisa? — ele me pergunta.

— Nadinha, além da sua língua. — O safado sorri, convencido.

— Minha língua poderia fazer desgrças em lugares bem específicos do seu corpo, acredite. — Seguro uma gargalhada que ameaça escapar de mim.

— Seu besta! Não que eu duvide de suas façanhas. — Sorrio. — E você? Sentiu alguma coisa?

— Não se faz uma pergunta dessa para um homem que acaba de beijar

uma loira gostosa, Crisy. — Ele não tem jeito. — Mas as borboletas não voaram, se é isso que quer saber. — Arqueio uma sobrancelha por ele usar a referência que me ouviu dizer tantas e tantas vezes.

— Não somos um do outro, amigo — sentencio, sentindo o peso da afirmação.

— Assim você me magoa. Pode ao menos alimentar meu ego dizendo que foi o melhor beijo da sua vida? — Sorrimos os dois.

Ficamos nessa conversa fiada, até que ele precisa ir embora. Não sentimos absolutamente nada um pelo outro além da amizade verdadeira que temos, que construímos ao longo dos anos. Eu realmente queria que fossemos um desses casos inusitados de grandes amigos que descobrem o amor e vivem felizes para sempre, mas não somos. Nunca fomos, essa é a verdade.



***O medo faz loucuras com nosso
subconsciente!***

Já estou enlouquecendo e tenho certeza disso, quando, não conseguindo controle algum sobre meus atos, agarro o braço de Cristine, trazendo-a comigo para um dos quartos vazios. Não dá mais, sei que eu não queria saber ou pedir explicações, só que agora não é algo que eu consigo controlar. Cristine se deixa levar sem nenhuma resistência e penso que isso se deve ao fato de eu tê-la pegado de surpresa, desprevenida. Quando se dá conta de quem é sua companhia, Cristine me olha aflita, com raiva saltando dos olhos.

— Ficou maluco de vez?

— Talvez eu tenha ficado, você está me deixando maluco! — acuso com a voz alterada. — Eu sei que eu não quis saber, mas preciso ter certeza, eu peço que me diga que Cathe não é filha do meu pai, por favor, Cristine. — Ela arregala os olhos e o que mais temo se concretiza. Cristine não desmente minhas palavras, pelo contrário, ela me olha, culpada.

— Eu sinto muito, Augusto, mas isso eu não posso fazer. Cathe é filha do seu pai... me desculpe por esconder isso de você, eu só não soube como contar, eu tive medo.. — Isso é o suficiente para...

Acordo praticamente pulando do sofá com o peso de cada palavra dita. Inferno! Passo as mãos em meu rosto, dando-me conta de que tudo foi um sonho, acabei dormindo de novo. Mudo o olhar em direção ao leito, Cathe

ainda dorme na mesma posição e Cristine dorme tranquila no leito ao lado, ressonando baixo. Ouço sua respiração pausada, constante, o mesmo som que me acostumei e gostei de ouvir enquanto ela dormia enroscada em meus braços.

É isso que tenho feito nos últimos dias: observado as duas. Mesmo cultivando uma decepção e raiva sem tamanho por ela, não consigo manter distância da menina e, para ser sincero, nem dela. Eu sei, eu sei... não há nada mais contraditório que isso, nem mesmo eu poderia explicar.

O sonho que tive há pouco é só o espelho do meu subconsciente me lembrando de toda a confusão que ela deixou. Após a última discussão, não voltei a me aproximar como ela exigiu e, da vez que quase o fiz, vi algo que vem se repetindo em minha mente desde então, um pesadelo constante, fazendo com que eu perca o juízo. Cristine e Bruno aos beijos, aqui nesse mesmo quarto. Balanço a cabeça tentando negar o pensamento, expurgar aquilo de mim.

Minhas noites, desde então, têm se repetido sempre de modo automático. Venho trabalhar pela manhã, passo o dia em consultas, cirurgias e à noite, depois que as duas dormem, me sento aqui e as observo por horas. Isso passou a ser um hábito.

Tenho assistido ao sofrimento delas sem poder fazer absolutamente nada, nem ao menos me aproximar. Vejo a rejeição de Catherine aos inúmeros medicamentos receitados, Cristine se dividindo em duas para dar conta de tudo e a menina aguentando o tratamento e, mesmo depois de dias, não apresentando nenhuma melhora.

Observei também Cristine se apagando aos poucos. A mulher que conheci não está mais aqui. Hoje, ela é apenas um reflexo de quem amei com loucura, seu olhar já não tem o mesmo brilho; nem o sorriso, a mesma alegria. É como ver o sol perdendo sua luminosidade. Ela também vem perdendo peso visivelmente e as marcas ao redor dos olhos de um azul turquesa intenso são o reflexo do cansaço, exaustão e preocupação por passar dias com a filha internada.

Fico por mais algum tempo no quarto, até me dar conta de que é hora de ir. Daqui a pouco Cristine estará despertando, é costume dela acordar bem cedo nos últimos dias e não posso estar aqui quando isso acontecer.

Deixo em cima do sofá a grande caixa negra que trouxe comigo, marcada com o nome de Cathe, e saio do quarto em silêncio. O dia começa a clarear lá fora; e o movimento no hospital, a fluir com rapidez. Encontro Nice atrás do balcão da pediatria e me encaminho até ela a fim de ter notícias. A mulher na casa dos 40, de pele morena e cabelos castanhos, me recebe com um sorriso amável, aberto. Ela é a enfermeira que pedi a Eric para que se encarregasse de Cathe.

— Bom dia, doutor!

— Como vai, Nice? — pergunto, colocando as mãos nos bolsos da calça social.

— Vou bem e o senhor?

— Bem também. Pode me dizer se Catherine teve alguma alteração, ou melhora?

— Não, doutor, o que acabou deixando o dr. Eric preocupado. Inclusive foram pedidos novos exames, provavelmente, já devem estar prontos.

— Por que novos exames? — Ela arqueia as sobrancelhas bem-feitas.

Acho que deve estar se questionando o porquê de não perguntar isso a Eric. A questão é que o bastardo tem sido bem econômico com detalhes do caso depois de descobrir que não tenho mais nada com Cristine.

— Não tenho detalhes, o senhor sabe. Mas creio eu que ela não teve nenhuma evolução, ao menos não o esperado.

Inferno!

— Me mantenha informado se puder, Nice. Vou dar um pulo rápido em casa e volto novamente. — Antes de sair a voz dela me alcança.

— A mãe da menina me pareceu uma boa pessoa, doutor, deveria conversar com ela e pedir para se aproximar. Isso que está tentando levar não é vida. — Olho a mulher gentil por cima do ombro e agradeço por tentar ajudar. Em silêncio, me ponho a sair dali em direção à garagem.

Não demoro a chegar em casa. Por ser ainda madrugada, o trânsito está fluído. Assim que entro em meu quarto, vou direto para o banheiro. Quando termino o banho, saio, entrando no *closet*, a fim de escolher minhas roupas. Pego a primeira peça que vem à mão e, junto dela, uma pequena peça de renda cai aos meus pés. Uma calcinha, a mesma que rasguei na primeira vez

em que trouxe Cristine aqui, quando a tomei com sofreguidão, querendo reivindicá-la só para mim. Se eu fechar os olhos, ainda consigo sentir seu cheiro, seu toque e seu gosto, consigo até mesmo ouvir seus gemidos. Tenho que me livrar dessa merda, tirá-la da cabeça de uma vez, exorcizar Cristine do meu sistema, isso sim.

Pego a peça do chão, tentando não dar importância a ela, e jogo no mesmo lugar novamente, me trocando às presas em seguida. Até o universo parece querer me lembrar dela todo o tempo, como se já não bastasse meu subconsciente confuso. Sento-me na cama com os sapatos em uma das mãos e o cansaço ameaça se instalar em meu corpo. Tentando mudar o rumo de meus pensamentos, foco no que fazer em seguida.

Lembro novamente do *Halloween*, das comemorações e pego o celular para ligar para Alice. Com toda certeza, ela é a pessoa certa para me ajudar. A primeira vez chama até cair na caixa postal, Ali deve estar dormindo a essa hora da manhã e, sem me importar com esse fato, ligo novamente. Ela atende no quarto toque.

— Tenho certeza de que o apocalipse está próximo pra você me ligar a essa hora da manhã depois de dias sem sequer me atender, seu idiota! — fala, brava, com a voz arrastada de sono. Tenho certeza de que a acordei.

— Bom dia, Ali. Preciso de você!

— Claro que sim, senão não estaria ligando, não é? Fala logo, seu ogro, o que você quer? Mas quero deixar bem claro antes que comece a falar que é um absurdo você passar dias sem atender minhas ligações e ligar pra pedir favores. Estou muito magoada e decepcionada com você, Augusto, muito mesmo. — Ela não deixa de ter razão no que diz e consegue fazer com que eu me sinta ainda mais culpado.

— Peço desculpas. — Tento outra abordagem.

— Já é alguma coisa, mas não garanto que ainda seja meu irmão favorito, perdeu esse posto já faz algum tempo. Agora me diga o que quer de uma vez!

— Hoje é dia das bruxas...

— E o que eu tenho a ver com isso? — Mal me deixa terminar.

— Me deixe ao menos falar, antes de começar a grasnar. — Ela bufa do

outro lado sem dizer nada. — Quero que vá comprar aquelas coisas de ornamentação de *Halloween* e leve ao hospital. Cristine não tem cabeça, nem tempo para pensar nisso e por isso quero que você arrume o quarto de Cathe para ela, deixe tudo perfeito, Ali. Hoje tem uma pequena comemoração na pediatria com a finalidade de animar as crianças que estão internadas há dias e quero muito que ela participe, Cathe anda tristonha e calada demais. Quero que ela se anime. Compre também doces, os melhores que encontrar — falo e Alice suspira do outro lado da linha.

— Mudei de ideia, Guto, você ainda é o meu irmão favorito, você é o melhor!

— Deixe de babação, Alice — repreendo, não deixando de sorrir de sua animação repentina.

Senti falta dela e a culpa disso é minha. Prometi a Alice quando fui buscá-la naquele maldito apartamento que a traria para cá e a manteria em segurança, embaixo de minhas asas, e ando falhando nessa promessa.

— Falou com ela? Com Cristine? — Sua voz agora é esperançosa.

— Não e não vai dizer que fui eu quem pediu isso a você. Tudo será mérito exclusivo seu.

— Guto...

— Isso não está aberto a discussão, Ali. Agora tenho de voltar para o hospital, depois é só dizer quanto me custou e pode se esbaldar, tem carta branca, sem limites de crédito. — Alice grita do outro lado da linha, me fazendo sorrir. A garota adora fazer compras e se for com meu dinheiro então...— Agora vai, ah, e obrigado.

— Querido, sou eu que tenho que te agradecer e você ainda vai se arrepender por me dar carta branca, Guto, estou avisando!

— Duvido! Até mais Ali. — Me despeço.

— Guto — Ela chama antes que eu desligue. — Eu te amo, era brincadeira. — Um sorriso idiota se prega em meu rosto.

— Eu também te amo, Porcelana. — Ela suspira sonhadora com a forma carinhosa de chamá-la e eu desligo, voltando a me arrumar e saindo em seguida.

Chego ao hospital minutos mais tarde, subindo em direção ao

consultório. Me surpreendo quando abro a porta e vejo Pedro sentado em minha mesa, despreocupado, com uma perna apoiada em seu joelho, enquanto observa — parecendo fascinado — algo na tela do celular.

— Bom dia, Mamute! — O cara está tão embevecido com o objeto em suas mãos, que só se dá conta de que cheguei quando falo com ele. Pedro guarda o celular às presas no bolso do jaleco, parecendo envergonhado e não perco a imagem que estava na tela do celular.

— Bom dia. Cheguei há pouco, estava te esperando. — Geralmente, quando alguém começa uma conversa já com uma desculpa pronta, não é algo bom.

— Percebi isso, o que quer tão cedo?

— Eu não deveria estar fazendo isso, mas sei pelo que anda passando...

— Vá direto ao ponto, Pedro.

— Eric e tio Oto conversarão com Cristine essa tarde, eu estarei lá também e, se me prometer ficar calado, deixo você participar. Falei com seu pai e ele é a favor disso, mas não quis falar contigo. Como vê, sobrou pra mim, como sempre.

— Certo, só me diga por que você precisa estar lá. — Algo na situação me cheira mal.

— Saberá logo mais à noite. Só vá, Augusto, e se controle, por favor, não faça com que me arrependa disso. Cristine vai precisar de apoio.

— Não acho que ela queira o meu apoio, Pedro, mas estarei lá pela pequena. — Ele confirma e se levanta para sair.

— Se quer continuar se enganando, vá em frente.

— Não vai mesmo me falar do que se trata?

— Desculpa, amigo, mas isso você sabe que não posso fazer. A paciente não é minha.

O filho da ... Pedro se levanta saindo em seguida, me deixando não só com uma pulga atrás da orelha, mas com um cachorro inteiro!

E a preocupação se faz presente pelo resto do dia...



***Arrependimentos...
Já parou para pensar como seria sua
vida sem eles? Talvez evitasse sentir
como se sua alma estivesse sendo
rasgada em tiras.***

Os dias se passaram como borrões, enquanto assistia, sem poder fazer nada, à minha filha piorar. Mesmo com todo o tratamento e medicamentos, ela não parece ter progresso, nada adianta. Fizemos mais exames, tiraram mais sangue, mais raio-x, mais ultrassom, mais de tudo, e já não aguento tantos procedimentos. Cathe chora com dores e eu não posso fazer nada além de me deitar com ela e apertá-la em meus braços. Venho praticamente morando no hospital, voltei em casa poucas vezes, apenas para pegar algumas coisas para mim, ou para ela.

Me levanto cedo e tomo um banho, espero Cathe acordar para deixá-la limpa, antes de ir para o trabalho, e aproveito para lavar seu cabelinho, que fica cada dia mais ralo. Fomos realocadas de quarto também, um quarto maior, contendo dois leitos e essa façanha sei que é de Augusto. Já chequei e ninguém tem o mesmo privilégio. Esse não me procurou novamente, respeitou o pedido que lhe fiz, ao menos em partes.

Silvy chega logo depois do banho, quando já estou no quarto penteando

os cabelos de Catherine, e traz roupas limpas para mim.

— O que é isso, Cris? Tem o nome de Cathe nela. — Olho uma caixa preta com um laço rosa em suas mãos, sem ter ideia do que possa ser. — Estava aqui no sofá.

— Não sei, ainda não tinha visto.

— É pra mim, mamãe? — Os olhos dela já estão curiosos, brilhando em expectativa.

— Parece que sim, meu amor. — Pego a caixa e lhe entrego, me perguntando a que horas Bruno veio e deixou o presente.

Cathe desfaz às presas o laço da caixa de tamanho avantajado e, quando vê o que tem dentro, leva as mãozinhas à boca com cara de surpresa. A primeira coisa que vemos é um chapéu pontudo de bruxa, preto, com pequenos unicórnios branquinhos de chifre rosa. Sim, unicórnios. Sorrio, pois Cathe adora esses bichinhos.

Ela começa a tirar as coisas da caixa e, com o chapéu, vem um vestido preto com rosa de saia tule, um sapatinho rosa bicudo e uma capa que combina com o chapéu, cheia de unicórnios. Não consigo controlar o sorriso bobo em meus lábios. Como ele lembrou disso? No fundo da caixa, tem uma capa idêntica à de Cathe, só que essa é grande, acredito que seja para mim.

— Mamãe, olha! — Ela observa, fascinada, tudo aquilo e me dou conta de que esqueci completamente o dia das bruxas. Droga! — Posso vestir? Por favor, mãe.

— Claro, venha. Vamos ver se Bruno acertou o seu tamanho.

Visto a roupa nela, que parece ter sido feita na medida para seu corpinho um pouco magro pela perda de peso devido à doença. Catherine fica rindo para as paredes, coisa que não fazia há alguns dias. Nessa correria, me esqueci até da comemoração de *Halloween* do hospital.

Aviso a Silvy sobre a comemoração e me troco, indo trabalhar e deixando Cathe com ela. A todo momento que posso, dou um pulinho no quarto para ver como ela está, me certificando de que está bem. Por mais atenta que eu esteja ao meu trabalho, não consigo parar de pensar nela, se está precisando de alguma coisa ou sentindo alguma dor.

Agora à tardinha, estou atendendo meu último paciente, louca para

voltar para a pediatria. Nesses últimos dias, tenho recebido visitas de Alice, Pedro e até dona Vera, que continua insistindo para Cathe chamá-la de vovó. Apesar disso, todos respeitaram meu pedido de manter a mentira da viagem de Augusto, me deixando aliviada de várias maneiras, inclusive, Cathe parece ter se acostumado com a ausência dele, fazendo-me sentir menos culpada por mentir.

Estão se perguntando por que ainda não contei a ela que não estamos juntos? É simples: Eric disse que pacientes com essa doença tem o emocional frágil, portanto, tento mantê-la tão estável quanto posso. Assim que ela estiver completamente recuperada, contarei tudo. Nesse momento do tratamento, não é aconselhável deixá-la triste ou decepcionada.

— Prontinho, senhor, nos vemos na sexta.

— Já me sinto bem melhor, tem mãos muito boas, doutora.

— Obrigada.

O meu paciente se levanta, indo ao banheiro trocar de roupa e aproveito para guardar todo o material usado, pegando um dos prontuários que me foi pedido há pouco. A doutora Patrícia — ortopedista do hospital — pediu que eu fosse lhe entregar o prontuário pessoalmente, ela quer informações mais detalhadas sobre o paciente. Algo desnecessário no meu ponto de vista, mas, se ela quer, quem sou para contradizer? No fundo sei o que quer.

Subo até o andar em que ela se encontra e, quando entro na sala de porta entreaberta, fico sem reação. Patrícia está encostada na grande mesa de exames e tem Augusto à sua frente. Ela se aproxima dele aos poucos, pegando sua mão e colocando em seu quadril de forma sedutora, derretendo-se em sorrisos.

Augusto não parece aceitar bem o toque, retirando a mão e ela prontamente volta a colocá-la em seu quadril, agora mantendo a sua sobre a dele. Incisiva e insistente.

— Ah, querido... eu estava com saudades de você, vamos — fala com a voz arrastada, melosa. — Podemos matar a saudade dos últimos meses, começar de onde paramos, o que acha? Estávamos indo tão bem, éramos perfeitos um para o outro, antes daquela sem sal aparecer.

Vadia, projeto de puta. Dissimulada.

— Não tínhamos nada, Patrícia, era apenas sexo de ambas as partes, sabe bem disso, nunca prometemos fidelidade um ao outro. Deixei isso bem claro quando te falei sobre ela, antes mesmo de começarmos a namorar. E, por favor, não fale de Cristine, o assunto não cabe a você. — Augusto praticamente cospe as palavras, retirando sua mão do quadril da mulher à sua frente, que não parece aceitar bem, e confesso que seu modo de falar com ela agrada muito algo em mim.

— Me desculpe, meu bem, não quis te chatear. Só acho que deu importância demais a ela. Qual é, Augusto? Sabemos como você é, nunca se prendeu a ninguém, nem quis algo parecido com um relacionamento em toda uma vida, claro, tirando Isabel, e depois simplesmente decidiu se entregar de cabeça para uma mulher repleta de bagagem, que caiu de paraquedas em sua vida. Vamos ser sinceros que isso é no mínimo estranho! — Patrícia sorri triunfante ao terminar seu discurso metódico. Tudo ali me desconcerta, me aflige.

— Não quero ser grosso, mas isso não é da sua conta, Patrícia, esse assunto não é seu, não cabe a ninguém e sabe disso. — Ele se vira, decidido, e me vê parada no batente da porta, ainda com a mão na maçaneta. Sinto-me uma intrusa e meu rosto esquenta pela vergonha por ele ter me visto ouvindo a conversa. Augusto se despede da mulher com um aceno e sai em seguida, passando por mim sem dizer uma palavra.

— Há quanto tempo estava aí? — Patrícia pergunta, ríspida, com as bochechas rosadas em destaque.

— Acabei de chegar, na verdade — minto. — Vim trazer o prontuário que me pediu. — Ela se aproxima e tira a prancheta da minha mão.

— Pode ir agora.

— Disse que queria informações sobre o caso, doutora. — Ela respira fundo e seus olhos faíscam com o que me parece ser impaciência.

— Se acha superior? Deixe-me dizer uma coisa para que enxergue qual é o seu lugar. Augusto não te ama. Hoje, você não passa de um objeto de prazer aos seus olhos. Admita, ele te usou como bem quis e, em seguida, descartou sem nenhum remorso, como se não fosse nada. Ele não vai voltar para você, se é o que quer. Me pareceu que, enfim, Augusto abriu os olhos sobre quem você realmente é. — Me surpreendo. — O que é? Acha que eu

não sei? Ah, meu bem ... ele me conta absolutamente tudo, sempre contou. Sabemos tudo um do outro, sempre conversamos sobre nosso dia-a-dia depois de um bom sexo, temos muito em comum nesse sentido. E é claro que ele não deixaria de me falar sobre seu trabalhinho sujo depois que transamos ontem à noite. Sei a puta que é por baixo dessa capa de boa mãe e mulher exemplar, não precisa mentir para mim querida, estamos apenas as duas aqui — Ela sorri, irônica. — Tsc, tsc, tsc,.. a mim você não engana.

A próxima coisa ouvida na sala é minha mão criando eco em sua cara, em um tapa estalado. Explodo sem pensar muito, uma raiva sem igual se juntando a todo nervosismo e estresse que venho aguentando na marra. Sou incapaz de acreditar que ele falou isso a ela, pois dói demais aceitar tal situação.

— Eu não te devo nenhuma satisfação e, acredite, o que eu fazia antes não é muito diferente do que você faz, Patrícia, a única diferença é que eu recebia dinheiro pra isso e não favores. Sobre Augusto, faça bom proveito dele, já usei e abusei do belo exemplar, hoje ele não me serve pra nada...

— O que acha... — Tenta falar, dando um passo na minha direção, mas não me intimido.

— O quê? Achou que íamos compartilhar experiências? Não espere ouvir confissões sobre minha vida, isso não vai acontecer. — Sua expressão é de espanto, enquanto mantém a mão sobre a face vermelha. Eu lhe dou as costas sentindo o nervosismo exalar de meus poros e saio em seguida.

Aquilo dói tanto. Pensar nos dois juntos, enquanto Augusto me expunha de forma tão aberta, me causa náuseas. No fim, os dois se merecem, dois hipócritas cheios de si, achando que o mundo foi feito apenas para girar em torno deles, só que eu tenho uma novidade: as coisas não funcionam assim. Meus olhos ardem com a súbita vontade de chorar e eu me repreendo mentalmente. Respiro fundo, encostando uma das mãos na parede, engolindo o choro, me obrigando a não derramar uma única lágrima sequer. Não vale a pena o sofrimento, lembro a mim mesma.

Chego no quarto de Cathe minutos depois, encontrando um cômodo completamente diferente do que deixei. O lugar simplesmente virou um sonho de *Halloween* com decoração, enfeites, aranhas, ratos, abóbora e comida, muita comida, principalmente doces. Crianças gritam pelo lugar e,

olhando ao redor, posso claramente reconhecer a responsável por tudo sorrindo genuinamente ao fundo do quarto.

— Gostou, cunhada? — Aquela vontade de chorar agora vem com força. Volto a sair do quarto, antes que Cathe me veja e ouço a voz de Alice me chamar. — Cris, me desculpa! — diz ao me alcançar já fora do quarto. — Olha, eu sei que exagerei, deveria ter pedido a você, mas Silvy disse que não teria problema foi por isso que fiz. Me desculpa vai, cunhadinha, não chora não. Ah, minha nossa senhora da bicicletinha, dá uma ajudinha aqui! Poxa, mulher, para de chorar vai, eu vou levar tudo de volta... não, eu não posso levar tudo de volta, porque ele vai me matar se eu fizer isso... mas prometo arrumar tudinho quando acabar.

Eu a abraço, incapaz de dizer qualquer palavra. Alice retribui dando batidinhas em minhas costas, repetindo inúmeros pedidos de desculpa.

— Não é com você, nem estou chorando de tristeza, é pelo o que fez. Obrigada, Alice. Eu tinha me esquecido completamente e Cathe adora a comemoração. — Ela sorri, aliviada.

— Não faça assim de novo, mulher, já estava me desesperando, me mijando de arrependimento. Não precisa chorar por isso, eu fiz de coração, Cris. Sabia que você não teria tempo de pensar em comemorar e como eu não tinha nada para fazer, decidi eu mesma tomar a missão. Fiz as enfermeiras trazerem as crianças pra cá e comprei lembrancinhas para todas, acho até que exagerei, sabe? Acabei comprando até mesmo uma lembrancinha pra mim. — Ela revira os olhos.

— Deus, Alice, isso deve ter lhe custado um absurdo. Me diga quanto foi, faço questão de pagar. — Alice me olha, indignada.

— Ah, para vai, ele... não foi nada e não aceito que me pague. Nem pense em algo assim ou ficarei muito ofendida. Agora vem, eu soube que, em algum lugar por aqui, tem uma capa de bruxa pra você também.

Voltamos para festinha que parece estar a todo vapor. Ponho minha capa e aproveito os sorrisos fáceis que Cathe espalha junto de mais algumas crianças, guardo cada momento. Vez ou outra, a conversa com a médica vadia ameaça tomar meus pensamentos, junto da indignação e do ego ferido. Expulso tudo e qualquer outro pensamento nessa linha, hoje eu só quero aproveitar esse momento, aproveitar minha filha. Amanhã é outro dia.

Aos poucos, cada criança tem que voltar aos seus quartos. Quando tudo acaba, Cathe está bocejando com sua maquiagem de bruxa toda borrada. Tiro minha capa, depois a roupa dela — que, por sinal, me pede para dormir com a roupa depois do banho — e a levo para o banheiro. Cathe está calada, diferente de como estava antes, olhando o tempo todo para o chão.

Não entendo por que, em certo momento, ela me olha com olhos marejados e com o queixo trêmulo, ela quer chorar e, tentando entender o que se passa, eu me agacho à sua frente. Ela estava tão feliz há pouco.

— Mamãe? — ela começa a falar, chorosa. — O tio Augusto não vem mais me ver? — A tristeza nos olhos dela não me deixa dizer que não.

— Amor, lembra que eu disse que o tio Augusto está viajando?

— Mas já faz tanto tempo. Ele não sabe que eu tô no hospital? Eu tô com saudade dele, mamãe ... — Aquilo aperta meu coração. — A senhora tá com saudade dele também?

Engulo em seco.

— Sim, filha, muitas saudades — minto, ou não. A mágoa não me deixa dizer ao certo, eu o odeio e ao mesmo tempo tenho a impressão de que o amo na mesma medida.

— Liga pra ele, mamãe, fala que eu tô dodói, pede pra ele vir rapidinho me ver. Eu prometo ficar caladinha. A senhora vai ligar? Por favor!

E eu não consigo dizer não.

— Vou sim e quem sabe ele não volta de viagem amanhã, não é? E não quero ver você dizendo que não vai mais falar, ouviu, meu amor? Seu tio adora sua tagarelice, acho que é o que mais ele gosta em você. — Ela sorri e de repente os olhos da minha menina voltam a ter brilho. Ela bate palmas respingando gotas de água em mim.

— Oba! E eu vou mostrar pra ele o tanto de doce que eu ganhei hoje e minha roupa de bruxa. Ah, e vou guardar um pedaço de bolo de chocolate pra comer com ele, né, mãe? — A alegria que ela demonstra já vale a pena.

Visto seu pijama e a coloco na cama, ficando com ela por alguns minutos. Cathe não demora a dormir e Alice, após arrumar algumas coisas no quarto, vai embora. Observo o cansaço de Silvy sentada no sofá à minha frente. Ela tem revezado com Bruno para ficar aqui no hospital enquanto

trabalho, mas, mesmo assim, na sua idade isso pesa.

— Pode ir, Sil, vá descansar.

— Oh, minha menina, e você vai descansar quando?

— Quando minha filha estiver bem e comigo em casa. — Ela se levanta com sua bolsa e se aproxima de mim, deixando um beijo em minha bochecha.

— Você é uma mãe maravilhosa, nunca se esqueça disso e não se cobre demais, filha. — Seu olhar em mim é de admiração. — Seus pais se orgulhariam da mulher determinada que se tornou, Cris. — Confirmando com um aceno, vendo-a partir em seguida.

Me sento no pequeno sofá, sentindo-o afundar de um só lado, estudando a situação que venho vivendo, o vulcão que explodiu de uma hora para outra em minha vida. Uma batida suave na porta me chama a atenção, olho em direção ao barulho, vendo dona Vera com um lindo sorriso nos lábios, e me surpreendo.

— Posso entrar?

— Mas é claro que pode! — Me levanto e a cumprimento, sendo apertada em um abraço cheio de significado e carinho.

— Eu cheguei há pouco com Oto. Precisava ver Augusto, sabe? Ele anda fugindo de mim ultimamente, mas hoje o peguei de jeito. — Ela sorri revirando os olhos. — Estávamos conversando com Eric também, Oto veio falar com ele. Ah, que cabeça a minha, ia me esquecendo, eu trouxe bolinhos de chuva para vocês, meu bem. — Ela olha ao redor. — Mas o que fizeram aqui? Uma festa?

— Coisa da sua filha, não me pergunte nada. — Vera sorri, me olhando estranho. Eu sei que tenho que agradecer sua gentileza, mas tem outra coisa me preocupando. — Algum problema com os exames de Cathe? — Sua expressão cede um pouco.

— Ela ficará bem, Cristine, não se preocupe. Eles estão te esperando na sala de exames, querem falar com você. Pode ir, eu fico com ela. — Já me cansei de ouvir para não me preocupar com nada. A essa altura, já não acredito nisso.

— Eu vou e obrigada pelos bolinhos, qualquer coisa me chame. —

Vera me dá um sorriso cúmplice.

Meu coração aperta em meu peito e caminho lentamente pelo corredor, até chegar à porta em que devo entrar. Um medo ensurdecedor me ataca com força, escurecendo parcialmente minha mente. Seguro na porta à minha frente, esperando alguns segundos e, quando me sinto bem o suficiente, bato na madeira, abrindo quando ouço alguém me mandar entrar.

Encontro na sala Otávio, Eric, Pedro e Augusto. Esse último se encontra no canto da sala, encostado na parede com os braços cruzados em frente ao corpo. Sinto uma decepção sem tamanho quando olho para ele, uma vontade de confrontá-lo, perguntar o porquê de ter me exposto daquela maneira, o que ganhou com tudo isso. Quando seus olhos encontram os meus, são frios como granito e não me demoro em mudar meu olhar de direção. Minha atenção se volta aos outros três médicos na sala e temo essa conversa.

— Boa noite! — cumprimento.

— Sente-se, Cristine. — É de Pedro o convite e eu aceito, sem ter garantias de que minhas pernas irão me sustentar por muito mais tempo.

— Aconteceu alguma coisa? — Minha voz sai um pouco trêmula pela apreensão.

— Infelizmente sim. — Eric soa bastante profissional. — Os exames nos mostraram complicações, Cristine. Pelo visto, descobrimos a doença um pouco tarde, Cathe já vinha com lúpus há muito tempo e a doença comprometeu o fígado. Isso pode acontecer em alguns casos, a doença pode comprometer os rins, fígado, coração e cérebro. No caso dela, infelizmente, foi o fígado. — Ele espera que eu diga algo, mas nada vem. — Em crianças que apresentam o lúpus, é comum alguma alteração nos rins, por isso minha primeira preocupação foi esse órgão em especial. No caso de Catherine, acreditamos que a doença tenha atacado o fígado por conta da hepatite que teve aos quatro anos e temo não ser possível contornar a situação com medicamentos.

O que me diz consegue me desestabilizar.

— Como assim? Eric, você me disse que ela ficaria bem, disse que os remédios adiantariam, que logo veríamos melhora com o tratamento.

— Calma, minha querida — Otávio fala, aproximando-se e apertando

meu ombro.

— Me diga que já tem uma solução, dr. Eric, um plano clínico para reverter a situação e que ela ficará bem, que está enganado, tem de estar.

— Infelizmente, não estou enganado e, claro, temos um plano definido a seguir. A solução óbvia a nós no momento é o transplante. — O meu mundo parece se despedaçar quando a frase deixa os lábios de Eric.

— Mas... mas... eu não... eu não ... Deus... — Perco a fala.

— Cristine, mantenha a calma e eu vou te explicar o que faremos. Primeiramente, tem que saber que lidamos com um pequeno problema, já que Catherine tem um tipo de sangue raro, difícil de ser encontrado no banco de órgãos. Nosso caminho mais fácil é achar alguém da família que seja compatível. — Minhas mãos começam a suar e me forço a reagir sob pressão, fazer meu cérebro funcionar e raciocinar.

— Eu não sou...

— Sabemos disso, vimos sua ficha há pouco, a mesma do nascimento de Cathe.

Olho dr. Otávio, que acena positivamente com a cabeça me tranquilizando. Meus olhos pousam em Augusto por segundos, me encarando com um ar reprovador, virando o rosto na direção oposta a mim. Ele também parece ter sido pego de surpresa. Aprendi a conhecer seus sinais, o modo de passar a mão no cabelo e o vinco em meio às suas sobrancelhas.

— Queremos saber sobre seus parentes vivos, irmãos, parentes próximos, qualquer um pode ser compatível com ela. — Perco a fala e gaguejo algumas vezes, até conseguir dizer alguma coisa.

— Não temos parentes vivos. — Enfim acho minha voz.

— Nem um meio-irmão, tios distantes, qualquer um?

— Não temos. Sou filha única de pai e mãe. — Sinto a falta de ar tomar conta dos meus pulmões, fazendo meu peito doer quando tento respirar.

— E os parentes paternos dela? — A pergunta me pega desprevenida.

— Não, nada.

— Catherine é filha única de pai e mãe? — Eric insiste. — Entenda, Cristine, eu não te conheço, mas a situação está se agravando e precisamos

usar toda e qualquer possibilidade.

— O que está insinuando, doutor? — Perco a calma. — Eu já disse, Catherine não tem parentes vivos, só eu. E é filha única.

— E seus pais, Cristine? Por que não entra em contato com eles? — Augusto, que até então permanecia calado, fala parecendo exasperado.

— Eu disse que poderia ficar, se não se metesse, então, por favor, Augusto. — Pedro é quem repreende e eu respondo:

— Meus pais morreram há seis anos em um acidente de carro. Não conheci meus avós maternos e os paternos morreram quando eu ainda era criança, não temos tios ou tias, sou filha única como já disse. — Um silêncio ensurdecedor se faz presente por um tempo que parece uma eternidade.

— Então vamos recorrer ao banco de órgãos e já lhe adianto que a espera é gigantesca. Será uma jornada difícil para ambas.

— Podem nos deixar a sós, por favor? — Encaro Augusto com os olhos fixos nos meus e em sua expressão não consigo detectar absolutamente nada. — Será apenas um momento.

Não me nego, é como se nem ao menos eu estivesse presente, ainda me sinto aérea tentando digerir o que foi dito. Eric é o primeiro a sair, deixando Pedro e o doutor Otávio receosos ainda na sala, mas acabam cedendo e saindo em seguida. Continuo sentada onde estou, olhando minhas mãos incrivelmente brancas e trêmulas em meu colo. Augusto se aproxima, ficando em pé próximo a mim.

— Eu não sei se entendeu a gravidade da situação aqui, a questão é que ela pode passar meses em uma cama de hospital, pode passar por procedimentos dolorosos, ela irá pagar por seu medo de dizer a verdade Cristine!

Ele me assusta com seu rompante. Olho pra Augusto, vendo a máscara impassível ceder aos poucos. Está com raiva, está quase babando de raiva e eu pouco me importo com isso agora e fico confusa com o que fala.

— Do que está falando?

— Eu já sei, Cristine, não precisa fingir, não minta mais. Ao menos uma única vez diga a verdade, se não for por você, faça por ela!

Continuo sem ideia do que esteja dizendo, a impaciência inflamando

pouco a pouco por causa da forma que ele fala comigo.

— Sabe de tudo o que, Augusto? O que acha que sabe?

— Falo sobre o pai dela, Cristine. Sei sobre você e meu pai, sei de toda a merda e sujeira que fizeram e esconderam por anos, da traição dele à minha mãe. Eu só queria saber como conseguiu ser tão baixa, tão suja a ponto de me esconder isso todo esse tempo.

Suas palavras não fazem sentido algum para mim. Como assim traição à sua mãe? Fico paralisada até que algo começa a fazer sentindo. Olho chocada em sua direção e até mesmo sem palavras.

— Acha que... que seu pai é o pai de Cathe? Da minha Catherine? — Sua falta de resposta comprova o óbvio, ele acha. Não só acha, como tem certeza. Me levanto, incapaz de conter a surpresa e a ofensa que me invade. — Ficou louco? Perdeu o juízo de vez, foi isso? Sim, porque só assim pra explicar essa loucura que inventou nessa sua cabeça doente.

— Pare, Cristine. Ele mesmo me disse, não tem motivos para mentir.

— Eu não estou mentindo, seu infeliz. — Eu não me controlo quando grito a plenos pulmões. — Eu nunca tive nada com seu pai, Otávio sempre me tratou com respeito, como um pai e eu fiz o mesmo com ele. Como pôde pensar isso? Como pôde cogitar que Cathe é sua irmã, Augusto? Que tive um caso com seu pai e logo depois me envolvi com você? Só pode ter perdido o juízo de vez ou fui eu que perdi, pois não posso ter amado um homem que acha que eu faria tal coisa, não consigo acreditar que me enganei tanto com você. — Quando passo por ele em direção à porta, Augusto me segura pelo braço.

— E você ao menos sabe de quem ela é filha? — Ele não acredita em mim, é óbvio. É insultante, eu sei, e decido contar de uma vez. Já não tenho mais nada a perder, nem esconder.

— JÁ CHEGA! — grito histérica, apontando um dedo em seu rosto. — Já chega de me ofender, de achar que me conhece, de ser o dono da razão. Você não é! Quer me crucificar? Pois faça pelos motivos certos, não por caraminholas inventadas por você. Sente tanta raiva de mim que se nega a ver o óbvio bem na sua frente. E sim, Augusto, eu sei quem é o pai dela. — Lembranças dolorosas vem à minha mente, momentos de puro medo, abandono e dor. — Eu sei por que o pai dela é o mesmo que o meu...



***A verdade sempre será revelada
no fim das contas e chegará com o
peso de uma estrela, mas nunca com
sua luz...***

Derramo de uma vez tudo de mais sagrado que prometi nunca contar, simplesmente por não aguentar a dor me corroendo por dentro. Dói lembrar, dói pensar no que perdi e, principalmente, no que nunca terei. Augusto me olha, incrédulo, balançando a cabeça em negativa, tentando entender. Vejo o homem que amei à minha frente empalidecer, abrir e fechar a boca pelo menos três vezes sem proferir uma única palavra.

Sinto dor até em meus ossos e um frio descomunal, vontade de me esconder, me enrolar em posição fetal e apenas me entregar ao aperto queimando em meu coração.

Tudo ao meu redor sempre foi feito em cargas demasiadamente grandes, com peso extremo, nada nunca foi fácil para mim desde os meus 17 anos. Tudo que vivi desde então parece ter sido feito para me jogar ao chão e, sempre que tento me levantar, a queda que se segue é maior e mais dolorosa. É como se, no fim das contas, eu estivesse nadando contra uma forte corrente, indo contra o destino, contra a vontade de Deus. Só que isso cansa e acaba te destruindo em certo momento, fazendo você se perguntar se o

melhor a fazer não é permanecer no chão.

Augusto continua mortificado. Por sua expressão e cor, temo que saia fumaça de suas orelhas em minutos. Não devo satisfação alguma a ele, não mais, e pensando nisso vou em direção à porta. Augusto não me impede, o que acho ótimo, ele nem ao menos parece estar aqui.

— Seu pai... ele ... Cristine... — Seu olhar é de pesar, de pena quando se coloca em minha frente, impedindo minha passagem. Respiro fundo pedindo forças.

— Você não merece saber, mas acho que, a essa altura, não importa se irei contar ou não, não é?

E por segundos nada é ouvido na sala, além de nossas respirações pesadas, descompassadas. Uma lágrima me escapa traindo minha dura feição.

— Catherine não é minha filha, Augusto. — A verdade arde em minha garganta. — Cathe é minha irmã — despejo, tentando me desvencilhar dele.

— Eu vi os documentos, Cristine, você é a mãe dela.

Deixo escapar um suspiro de desgosto.

— Apenas no papel. Não a gerei, eu não lhe dei à luz. — E tudo vem como facas entrando em minha pele. — Saia da minha frente, eu preciso ir. — Ele não se move.

— O parto... — fala mais para si mesmo do que para mim. — Foi uma cesariana e você não tem nenhuma mísera cicatriz. — A ficha parece, enfim, cair à sua frente. — Cristine... eu preciso saber, por favor, não me negue a verdade.

— É tarde demais pra isso. Eu te fiz apenas um pedido um mês atrás. Pedi que me ouvisse. Não, minto, eu não pedi, implorei, na verdade... e você se negou, decidiu me julgar. Você escolheu ser meu acusador, juiz e carrasco, todos em um único dia. — Sorrio, irônica. — Depois de tudo isso, acho que perdeu o direito de me pedir alguma coisa, Augusto. — O rancor e a raiva em minha voz são quase palpáveis.

— Por favor, só quero entender, eu preciso entender, Cristine. Por favor. — Ele parece outra pessoa falando assim, um ser humano compreensivo, mas sabemos que ele não é. Muito menos é digno de qualquer explicação de minha parte.

Sua máscara de superioridade vai dando lugar à necessidade. E as palavras pesam em minha boca e, pensando bem... que mal há em falar? Já não importa se ele sabe ou não. Quem sabe ao desabafar, eu acabe por tirar um peso de meus ombros, como um ciclo se encerrando de uma vez por todas.

— Eu vou te contar tudo, mas saiba que não quero sua pena, compaixão, nem empatia. Não quero nada que venha de você — falo sentindo a verdade em cada palavra que jogo em sua cara.

Seu toque em meu braço é cuidadoso, ele me guia até um pequeno sofá de canto e eu me sento. Augusto coloca uma cadeira à minha frente e se senta tão próximo que posso sentir seu cheiro. Seus joelhos raspam nos meus e ele apoia os cotovelos neles, ficando em uma postura completamente desarmada, aflita. Apoio minha cabeça no encosto traseiro do sofá fitando o teto, o peso das lembranças vindo com força, juntamente com a dor da saudade. Fecho os olhos e sou transportada para exatos seis anos atrás e começo a falar:

— Meus pais completavam 20 anos de casados na época e se preparavam pra uma segunda lua de mel, como eles mesmos chamavam. — Sorrio ao lembrar disso em especial. — Eu adorava minha família, claro, e principalmente o amor de meus pais. Eles representavam o melhor do mundo, eram eles o meu exemplo de casamento e amor perfeitos. Éramos felizes, sim, claro que éramos, mesmo minha mãe carregando consigo a tristeza de não poder engravidar outra vez, éramos uma família feliz. Mamãe vinha sofrendo nos últimos anos com isso, ela passou 12 anos tentando ter outro bebê, mas não conseguia, a minha gravidez foi complicada o bastante, ela teve pré-eclâmpsia e quase morremos na sala de parto, então estava fora de questão.

Absorvo o peso de cada palavra e continuo:

— Meu pai, de certa forma, estava até aliviado por ela não engravidar, ele tinha medo de que tudo voltasse a acontecer. Foi aí que ela conheceu seu pai, na verdade, foi muito antes disso. Meu pai prestou assistência para ele certa vez e depois disso minha mãe se tornou sua paciente. Algumas vezes até a acompanhei em uma dessas consultas. Foi assim que o conheci, fora a coincidência de, tempos depois, descobrir que ele era pai de Alice, que viria a se tornar minha amiga — falo e Augusto não diz nada, mas sinto seus olhos

sobre mim.

— Minha mãe se descobriu grávida tempos depois. Ela estava radiante com a notícia, já meu pai estava preocupado, andava moribundo pela casa e nem mesmo o velho piano ele queria tocar comigo. — Sorrio com a lembrança, essa parte mexe tanto comigo. — Mamãe dizia ter recebido o milagre de Ana e que papai estava assim, pois era ranzinza de nascença. Mas sabíamos que não era, ela já ia com seus 42 anos de idade, estava quase na menopausa, de fato, era perigoso, mas, mesmo preocupada com sua condição, ela decidiu ter o bebê. — Não seguro a emoção como gostaria e um soluço estrangulado me escapa. — Eu disse... disse a ela que a ajudaria no que precisasse, eu estaria ao seu lado todo o tempo, cuidaria dela com afinco, mas a vida tinha outros planos. Apesar de sua condição, ela não quis abrir mão da viagem, estava tudo pago e planejado. Em uma consulta, seu pai disse que ela poderia viajar no terceiro mês de gestação para a tal lua de mel, até lá, o bebê estaria todo formado, sem falar que na segunda gravidez ela estava mais estável, sua saúde andava bem controlada. Aquilo foi uma injeção de ânimo para minha mãe e quando fui aceita na faculdade de medicina, ela quase não se segurava de alegria. Eram dois sonhos sendo realizados ao mesmo tempo. Eu disse que não iria, bati o pé naquela ocasião. Mamãe precisava de mim e eu poderia continuar estudando e prestar vestibular em outra faculdade depois. — Augusto faz um som estranho, mas não me interrompe ou pergunta qualquer coisa.

— Meu pai não aceitou, lógico, ele sempre foi muito prático e não queria que eu desperdiçasse essa oportunidade. Mesmo eu implorando, ele disse não. Era uma oportunidade única, claro. Eu iria pra uma faculdade muito bem vista, requisitada, realizaria também o meu sonho e, sem poder argumentar contra ele, começamos a arrumar tudo pra minha viagem. Apesar de sentir saudade antes mesmo de ir, eu estava feliz pelo feito, foram anos de estudo e esforço. Quando faltava 15 dias pra que eu viajasse, meus pais viajaram para Santos, a fim de pegar o cruzeiro lá. Fiquei sobre os cuidados de Silvy, que morava no apartamento em que hoje Alice mora e de Bruno, pois já éramos vizinhos. Na verdade, somos vizinhos desde que me conheço por gente, acho que é por isso que somos próximos como irmãos.

Augusto permanece calado e eu continuo:

— Bruno estava se preparando para o concurso e eu prometi ajudá-lo a

estudar, assim também ficaríamos mais tempo juntos antes que eu fosse. Estávamos sentados na sala assistindo a um filme de terror, depois de passar a tarde enfiados nos livros de papai, quando o telefone tocou. Foi ali que meu mundo desabou e tudo que eu tinha e conhecia não eram mais meu. Meus pais sofreram um acidente de carro. Um caminhão de carga tentou ultrapassar o outro e colidiu de frente com o carro deles... meu pai morreu na hora...

Volto a soluçar, sem conseguir conter a emoção, e me forço a prosseguir:

— Minha mãe... ela sobreviveu, estava entre a vida e a morte, mas, ainda assim, viva e foi trazida para esse hospital. — Fico segundos sem falar, controlando o choro, e sinto uma mão segurar a minha e depositar algo frio. Abro os olhos e encontro um olhar piedoso em minha direção com expressão emocionada. Passo a mão por meu rosto, limpando as lágrimas e bebo parte da água que me foi dada, tentando apenas ganhar mais tempo. Fecho meus olhos, como se assim doesse menos, imaginando ser um sonho. — Eu vim para o hospital com Bruno. As notícias eram péssimas. Mamãe estava em cirurgia, com um forte sangramento e estava perdendo o bebê, também tinha uma contusão no cérebro e a bacia fraturada. Ela passou por três longas cirurgias e meu coração sangrava ao pensar em perdê-la. Ficamos esperando, rezando, pedindo a qualquer ser superior que pudesse me ouvir pra poupar minha mãe, eu daria qualquer coisa por isso. Você não sabe como é a dor de perder o pai e a incerteza se irá, ou não, perder sua amada mãe. Céus, eu ainda consigo sentir a mesma agonia apertando tudo dentro de mim.

— Sua mãe não sobreviveu. — Não foi uma pergunta.

— Sobreviveu. Ela sobreviveu à cirurgia, o bebê também, por incrível que pareça. Mas seu cérebro tinha sido danificado drasticamente e ela foi diagnosticada com morte cerebral, após dias em coma. Seus órgãos estavam bons, o bebezinho também, mas minha mãe não estava mais entre nós, ela já estava com meu pai naquele momento. Eu perdi os dois em um período de tempo mínimo e só me restava o bebê, com pouco mais de três meses. Foi como ter morrido também. Eu me amaldiçoei tanto, eu briguei com Deus, perguntei a ele como pôde ser tão cruel a tal ponto, pedi que pudesse voltar no tempo... eu implorei pra que me levassem com eles... só queria morrer, era desespero e dor demais para suportar sozinha. Eu pedi com fé, pedi com tanta fé pra que ele me devolvesse minha mãe, que ela fosse mais um de seus

inúmeros milagres inexplicáveis e adivinha só? Ela não foi, minha mãe não acordou.

Lágrimas descem livres por meu rosto e não me importo mais em limpá-las.

— E eu só queria estar perto dela, morava aqui praticamente. Bruno teve de me forçar a ir pra casa, praticamente me levou a força em seus ombros. Eu não queria ir, só queria ficar com ela por mais alguns minutos, precisávamos disso, de mais tempo, um último abraço. Acho que todos que têm a infeliz sorte de ter um ente querido com morte cerebral sentem que, de uma hora pra outra, ele irá se levantar e andar — ironizo a parábola. — Mas ele não vai e, além disso, me disseram que o feto não sobreviveria por muito tempo e que nesse caso era melhor desistir. Veja, não era loucura? Aquele feto, como a chamavam, era minha única família de sangue. Depois que chegamos em casa, mesmo me forçando, não consegui dormir, não conseguia parar de chorar, e foi naquela madrugada fria que... tive uma lembrança em pleno momento de desespero, como se uma luz acendesse em um túnel escuro, me trazendo um pequeno fio de esperança.

Tomo mais um gole de água, sem querer olhar para ele.

— Eu vivia para pesquisar sobre casos médicos inusitados e certa vez li sobre uma moça grávida, filha única de um casal, diagnosticada com morte cerebral após um acidente. Os pais conseguiram que ela ficasse ligada aos aparelhos por mais alguns meses, até o bebê nascer, foi uma luta, mas conseguiram. Claro, eu tinha o fato de que no Brasil seria ainda mais fácil, já que aqui o aborto é proibido. Eles não poderiam matá-la desligando os aparelhos de minha mãe, mas continuavam a afirmar que ela não sobreviveria. Fiz Bruno me trazer de volta ao hospital de madrugada e, quando cheguei, fui direto falar com o seu pai. Eu implorei, implorei mesmo, cheguei a me ajoelhar aos pés dele pra que me ajudasse, pra não desistir. Óbvio, era claro que o bebê poderia vir a morrer, mas não seria por não prestar os devidos cuidados para que pudesse sobreviver. Ele leu a matéria, pois eu a tinha trazido, e me disse que seria impossível tentar o mesmo aqui, minha mãe não suportaria. Otávio tentou me convencer de que o feto não sentiria dor, que seria uma morte tranquila quando viesse a ocorrer, bastava esperar. Que devido à perda de sangue e às condições de minha mãe, a criança não resistiria.

"Ele é só um feto, Cristine, não sentirá dor, não sentirá nada..."

— É como ouvir sua voz, a mesma entonação de consolo e pena. O que ele não entendia, é que eu sentiria. — Bufo em desgosto com a lembrança.

— Você não aceitou apenas esperar o pior, me lembro do caso. Da jovem filha traumatizada com a morte acidental dos pais, pondo o chefe de cirurgia louco. Já trabalhava no hospital na época — Augusto me interrompe.

— Eu iria até o fim se precisasse, lutaria para que minha mãe fosse uma incubadora saudável para aquela criança. Todos me disseram que não conseguiria, até mesmo Silvy, que se tornou minha tutora. E claro, eu nem ao menos estava pensando na parte prática da questão. Eu não tinha nem chegado aos 18 ainda, mesmo que ela nascesse, não seria minha. Mas isso não importava, não ainda. Os gastos seriam exorbitantes, mas também não importava. Com aquilo, ganhei a atenção do dr. Lauro que, certa vez, me chamou em sua sala e disse que era preciso quitar os custos do hospital com urgência. Sei que fez aquilo tentando me intimidar, ele sabia que eu não tinha o dinheiro. — Sorrio em meio ao choro, do fato da coruja velha querendo comer a pobre minhoca. — O homem estava soltando fogo pelas narinas e seu medo era a imprensa em cima do hospital, toda a repercussão negativa que traria a morte de minha mãe e do bebê, dado que eu poderia dizer que o hospital se negou a adotar cuidados além dos mínimos. Eu usei aquilo a meu favor, disse a ele que se não aceitasse dobrar a assistência dada a minha mãe até o nascimento do bebê, eu iria à imprensa e, por consequência, processaria o hospital. A gente aprende a usar as armas que tem em momentos como esse. Mas o doutor Lauro riu de mim, na verdade, ele gargalhou na minha cara, eu apenas dei meia volta e saí dali, eu sabia que não poderiam jamais desligar os aparelhos, mas o fato de terem desistido do feto não era justo. Me chamaram de louca depois disso, tentaram até me interditar e com razão. Afinal, eu tinha passado por um trauma psicológico e estava querendo manter uma mulher morta como incubadora sem nenhum remorso.

— O que fez? — Sua voz, ao indagar, é curiosa, apressada.

— Fui à imprensa como disse que faria, eu não estava blefando, mas antes de chegar lá, me informaram que o doutor Lauro tinha aceitado minhas condições. Lauro garantiu manter sua palavra, caso tudo fosse mantido em

sigilo e eu arcasse com todos os custos, já que não quis um hospital público. Cumpri com minha parte no acordo e passei a praticamente morar no hospital. Era doloroso vê-la daquela forma e, ao mesmo tempo, reconfortante saber que o pedacinho de gente em seu ventre viria ao mundo. Aquele feto, como era chamado por todos, era o meu último parente vivo no mundo, era o que me fazia levantar todos os dias, me mantinha sã. Eu precisava estar bem por ela e, pelas minhas contas, quando ela nascesse, eu teria 18 anos e ninguém poderia me impedir de ficar com ela. Digo isso, porque uma assistente social andava cercando o caso, fizeram até mesmo uma entrevista e acompanhamento psicológico comigo. Apesar disso, eu me mantinha firme em meu propósito, até que todos os meus planos caíram por terra, quando minha mãe teve falência múltiplas de órgãos aos seis, quase sete, meses de gestação. Ela foi levada pra sala de parto às pressas, enquanto me desmanchava em choro na recepção e orava pra que tudo o que fiz até ali não fosse em vão. Fiz as pazes com Deus naquele dia e desde então somos bem íntimos. — Suspiro, sentindo o mesmo alívio que senti naquele mesmo dia.

— O que aconteceu? — Ele sabe o que aconteceu, quer apenas a confirmação.

— Ela nasceu, Cathe nasceu perfeita em todos os sentidos. Um pouquinho arroxeadas, pequena e frágil dadas as circunstâncias, mas bem, e minha mãe faleceu naquela noite. Era um misto de tristeza e contentamento em meu coração, sabe? Além de medo, ela era tão pequena, tão magrinha e tão frágil. E quando eu a vi pela primeira vez ainda pelo vidro... eu simplesmente soube que ela era minha. Minha missão no mundo era cuidar daquele pequeno ser e eu prometi a ela naquele momento que eu faria isso, doesse a quem doesse. Minutos depois de estar com ela, seu pai me chamou em sua sala e doutor Lauro estava lá também, eu tinha até mesmo me esquecido de que, devido ao parto precoce, ela veio ao mundo e eu não era responsável para criá-la. Senti minhas pernas tremerem assim que entrei na sala do seu pai, Otávio, apesar de se mostrar calmo, estava apreensivo. Empinei o nariz e entrei, a fim de mostrar que eu não abaixaria minha cabeça para nenhum dos dois. Dr. Lauro percebeu o que estava fazendo e apenas sorriu dizendo para eu me acalmar, que eles só queriam conversar comigo.

Faço uma pausa, sentindo minha garganta doer.

— Seu pai sorriu também, o que me aliviou. De alguma forma, ele

fazia isso comigo, me deixava segura em sua presença, foi por isso que o chamei quando Cathe adoeceu dias atrás. Agora mesmo, de olhos fechados, é como estar na sala com os dois ainda, Augusto, e vou lhe contar exatamente o que me disseram.

Respiro fundo, a confusão dentro de mim criando forma e sou teletransportada para aquele momento, ouvindo ainda a voz de Otávio.

— *Cristine, entenda que estamos todos em uma situação difícil. As notícias correm e logo, logo saberão que sua mãe deu à luz ao bebê que esperava. Sabe o que vai acontecer...* — Otávio começou a dizer.

Eu sabia, iriam tirá-la de mim, eles a levariam para um orfanato e talvez eu nunca mais conseguisse recuperá-la de volta. A realidade estava à minha porta de novo e eu entendi que tinha perdido. Por mais que o sentimento em mim fosse de alívio apenas por ela estar viva, ao mesmo tempo, era de desespero porque meu bebê tão amado não ficaria comigo. Foi aí que Lauro falou com ar de superioridade, todo dono da verdade:

— *Isso claro, se você quiser.*

Meus olhos, naquele momento, se abriram como pratos. Como assim se eu quisesse? Ele tinha perdido o juízo de vez? Então, com toda paciência do mundo, ele explicou:

— *Minha jovem lutadora, você é menor, mas ninguém iria tirar um bebê recém-nascido de uma mãe, entende?* — *Eu não entendi o que ele quis dizer e neguei.* — *Você é jovem, mas é forte também, o fato de ter dado à luz há pouco e ter apenas 17 anos, não te impede de criar O SEU BEBÊ.* — *Ele deu mais ênfase a essa última parte e foi aí que eu entendi o que ele queria dizer. Um sorriso de orelha a orelha se abriu em meus lábios de imediato e chorei de alegria após meses de angústia.* — *Sentimos muito que a morte de sua mãe e do bebê tenha causado o seu parto prematuro, querida. Mas iremos cuidar de tudo, não se preocupe. Toda e qualquer papelada será providenciada, depois, é só você assinar. Você nos entende, não é? Estamos pensando no bem das duas, Cristine, não seria justo, depois de tudo o que passou, o Estado interferir em sua vida.*

— *Eu ... entendo, sim, e não tenho palavras para agradecer, doutor. Obrigada de todo o meu coração.* — *Foram as minhas palavras naquele momento, com minha voz embargada pelo sentimento de vitória que eu*

sentia.

— Certo, estamos conversados então. Iremos te realocar de quarto, por conta da cirurgia que acabou de fazer. Ficaré internada por três dias, lembre-se de que foi uma cesariana difícil, terá que ficar de repouso absoluto, entendeu? Quando digo isso, quero dizer cama por 24 horas, sem nenhum esforço. Ah, e falta de leite é natural, principalmente, porque o parto foi uma cesariana prematura, o seu corpo não estava preparado para receber o bebê e não terá leite, isso já é certo. Fique tranquila, sua filha será amamentada pelo banco de leite, não se preocupe quanto a isso.

Respirei fundo, aliviada, um sentimento novo nascendo.

— Doutor Otávio, e quanto a equipe na sala de cirurgia?

— Já disse criança, não se preocupe. Lauro me auxiliou, fora ele, apenas Nice, a enfermeira que cuidará de você, estava lá, não teremos qualquer problema quanto a isso. Agora volte para o quarto, precisa descansar e daqui a pouco te levarão para vê-la... — Essas foram as últimas palavras do doutor Otávio para mim naquele dia.

Abro meus olhos voltando ao presente e foco o rosto de Augusto, que não tem nenhuma expressão

— Foi assim que Cathe se tornou minha filha e foi assim que eu e seu pai tivemos um segredo a esconder, somos cúmplices de um crime de certa forma. Ele infringiu sua ética por mim e você não sabe o quanto sou grata por isso. Eu acho que ele entendeu que não renunciaria a ela e tinha medo de que eu fizesse uma besteira. Certa vez chegou a se oferecer para adotá-la, dizendo que não me privaria de vê-la, que faria questão que ela soubesse que me tinha como irmã, o quanto lutei por ela. Apesar de achar honroso de sua parte, eu não aceitei e não me arrependo.

— Foi por isso que se prostituiu? — A voz de Augusto soa chocada e embargada.

— Não ainda. Naquele momento eu ainda não estava focando nas questões práticas. Cathe ficou internada por alguns dias, assim como eu. E, após o pior passar, eu tive que me virar e pensar em como sustentar um bebê. Claro, eu ia trabalhar como todos, além disso, eu tinha o apartamento dos meus pais, ou achava que tinha. Dois meses depois já tinha completado 18 anos e poderia vendê-lo. Compraria um lugar menor e, com o restante do

dinheiro e as economias que meu pai tinha, eu pagaria a dívida do hospital, ou parte dela e negociaria o restante. Tinha tudo planejado, até que... bem, fui ao banco e descobri que as economias não eram tantas quanto imaginei e que já tinha gastado boa parte delas. Descobri também que o apartamento tinha sido hipotecado, parte pra arcar com as despesas da minha faculdade e parte para montar o escritório próprio de advocacia do meu pai. Aquilo veio como um balde de água fria em minha cabeça, me mostrando como é viver no mundo real. Além de não ter mais o apartamento, eu ainda tinha adquirido mais uma dívida a pagar, uma dívida gigantesca por sinal.

Vejo-o bufar ao me ouvir, incrédulo.

— Da minha cabeça já saía fumaça de tanto que pensava em como fazer pra conseguir o dinheiro. Foi aí que, certa vez, Silvy me fez uma proposta. Indecente, é claro, mas, ainda assim, uma saída. Em um primeiro momento aquilo me assustou, nunca tinha me entregado a alguém, eu.. eu.. só tinha namorado, o Heitor, irmão de Bruno, e eu achei que não teria coragem de fazer tal coisa. Em minha cabeça, eu estaria traindo a memória dos meus pais ao me prostituir. Papai sempre deixou claro que não se importava com a amizade de minha mãe com Silvy, que fora garota de programa, afinal era coisa de muito tempo atrás, mas não queria que eu soubesse de nada, não queria que Silvy falasse do seu passado perto de mim. Enfim, de toda forma eu não aceitei, não de primeira. Mas as dívidas foram subindo, Cathe precisava cada vez mais de cuidados, remédios, roupas e tudo mais. A ordem de despejo estava batendo na porta e, pra facilitar minha decisão, vender a virgindade por uma nota preta estava em alta na época. — Quando termino de falar isso, escuto um baque surdo ecoar na sala. Me espanto, notando a expressão horrorizada de Augusto ao me olhar. O barulho veio da cadeira, que foi ao chão quando se levantou. Não consigo saber o que se passa por sua expressão, é um misto de espanto, raiva, choque e ... decepção.

— Cristine, me diz que não fez isso... — implora, embargado.

— Eu fiz — falo olhando diretamente em seus olhos, que rapidamente são desviados dos meus. — E faria de novo, se fosse o único jeito de tê-la comigo. Não precisa disfarçar, Augusto, eu também sinto nojo de mim mesma — falo e ele apenas nega com a cabeça. — Eu me arrependo do ato em si, me arrependo todos os dias, me sinto suja, barata, mas, quando lembro do motivo que me levou a fazer isso, não consigo me arrepender. Quando o

rosto dela brilha em minha mente, não sinto absolutamente nada a não ser contentamento, me regozija saber que ela foi e sempre será a escolha perfeita em minha vida, Augusto. Tudo se vai quando ela abre a boca e me chama de mamãe, como se eu fosse o mundo dela. Aquela simples palavra faz o meu dia começar, o meu mundo brilhar, me provando que eu seria capaz de fazer tudo aquilo novamente por ela sem pestanejar e o fiz. Com isso eu paguei a conta do hospital, levei Cathe para casa, paguei o atraso do apartamento e me tornei uma acompanhante de luxo no processo. Às vezes não envolvia sexo, eram homens com suas carências emocionais, sentimentos reprimidos, outros apenas por aparência, alguns fugindo de um casamento de merda e tinha também, claro, aqueles unicamente pelo ato sexual. Por incrível que pareça, você se acostuma; esse é o tipo de círculo vicioso em que a gente se perde em seus rodopios. Com o tempo, o ser humano tende a se acostumar com tudo de ruim, ou de bom, que é imposto a ele e não foi diferente comigo. Desde o início, o sexo nunca foi sentido por mim como algo explícito de prazer, afinal, nunca cheguei a senti-lo de verdade, até... — olho em seus olhos presos em mim, vendo incômodo e algo mais que sou incapaz de reconhecer — até você.

Ele engole em seco e suas mãos castigam seus cabelos.

— Você veio como uma maldita golfada de esperança. Eu já tinha parado há meses, na verdade, há um ano e meio quando te conheci. Tinha me livrado de toda a merda que me cercava, era um tipo de vida nova começando e você trouxe esperança. No início, eu disse a mim mesma que não queria, eu tinha um passado pesado demais e qual homem aceitaria e assumiria uma prostituta, não é? — falo com sarcasmo. — E eu estava certa no fim das contas como pode ver. Você mesmo é a prova viva disso. — Seu rosto se fecha ferozmente ficando um pouco vermelho. — Se lembra quando me perguntou qual era a minha história triste? — Ele confirma, estático. — Eu menti quando lhe disse que não tinha uma, mas essa foi a única mentira que lhe contei. Me acusou de ser suja, de ter mentido todo o tempo, mas eu nunca fiz nada disso. É um direito meu preservar um passado tão doloroso e até vergonhoso. Naquele momento, eu só queria ser livre, poder fazer uma escolha simples e foi o que eu fiz quando escolhi guardar para mim o que só cabia a mim saber. Aí logo depois você descobriu e provei a todos que eu estava certa, afinal, minha carga era realmente pesada e você provou não a

suportar. — Me levanto e, dessa vez, já não há nada a ser dito, apenas o silêncio apaziguador, nostálgico e desconcertante.

— Eu não imaginava algo assim, Cristine.

— É claro que não, sua vida é perfeita demais pra isso. Mas vou te contar um segredo e espero não destruir sua ilusão de Papai Noel... — Me aproximo, ficando a centímetros de seu rosto. — O mundo não gira ao seu redor, ele não foi feito apenas pra você. Tem pessoas de verdade nele, pessoas que sofrem, que se machucam... que se destroem... — falo e ele me olha, estuda meu rosto.

Augusto levanta a mão para tocar meu rosto e, antes que ele possa me alcançar, dou um passo para trás, vendo-o deixar sua mão cair ao lado do corpo. Seu olhar em minha direção é desolado e eu poderia sentir pena, se ele já não houvesse me machucado tanto.

— Cristine, não vá ainda. Vamos conversar, eu...

— Não temos nada a dizer um ao outro Augusto, nos machucamos o suficiente e hoje chegamos ao ponto final dessa relação fadada ao fracasso desde o começo. Não temos amarras ou mal-entendidos entre nós, não mais. Acabo de me libertar de você. — Soo decidida até mesmo para mim.

— Me deixe falar então, me deixe pedir... pedir que me perdoe. Por favor, Cristine, procure entender e me perdoe pelo que fiz.

— Não. Eu nunca, nunca vou te perdoar. Você me quebrou de um jeito único, implacável, cruel. O que fez comigo não tem perdão. Eu só tinha um único pedido e você me deu as costas naquela noite. — Limpo uma lágrima solitária em meu rosto. — Queria me humilhar, se vingar por uma mentira que nunca contei, que sequer existiu, e consegui. Naquele maldito dia em sua sala, você conseguiu me quebrar e acabar com o amor e a admiração que eu sentia por você, me jogou no inferno outra vez, pisoteou alguém que já estava no chão e sentiu prazer com isso. — Sorrio de sua expressão desolada, mentirosa. — Deveria se sentir feliz agora que sabe que conseguiu com louvor magistral seu propósito. Eu não vou te perdoar! Escute bem, Augusto, eu jamais vou te perdoar por me fazer sentir o mesmo lixo outra vez, por trazer minhas piores lembranças de volta. Você passou de todos os limites. Tudo aquilo doeu mais do que se viesse de qualquer outro homem, pois eu amava você de alma e coração. Pra você, eu entreguei tudo, me desnudei em

sentimentos, me tornei completamente sua. — Fungo segurando o choro, esse prazer não darei a ele.

— Saiba que você foi o único homem pra quem me entreguei daquela forma, foi o único homem que amei desesperadamente. Por vezes eu cheguei a me perguntar como alguém era capaz de amar tão rapidamente como te amei e agora, olhando para trás... sei que o homem que amei nunca existiu de verdade. No fundo você é aquele Augusto sem nenhum escrúpulo em punir alguém, sem dar direito à defesa, um homem sem nenhum senso de valor. — Augusto permanece sem reação, seus olhos brilham rasos e forço o meu corpo a sair dali, a lhe dar adeus. Ainda de costas perto da porta, lembro de algo importante, uma promessa que não posso quebrar e, sem me virar, lhe dou o recado: — Não precisa mais esperar que eu durma pra vê-la, não vou impedir. Cathe não tem culpa de nada e eu não tenho desculpas para inventar. Contra tudo o que mais desejo em minha vida neste exato momento, minha filha te ama. — E com isso saio da sala. Com a sensação de ter deixado meu coração em suas mãos outra vez, o problema é que isso eu já fiz há algum tempo e ele o esmagou sem nenhum remorso...



BÔNUS

*Quando digo que o mundo dá
voltas, acredite, não estou me
referindo à rotação da Terra no
sistema solar...*

Pedro

Quando saí da sala deixando Augusto e Cristine sozinhos, senti pena dela. Venho sentindo empatia por sua situação difícil, me identificando com cada novo procedimento pelo qual tem passado. Sempre que consigo, estou ao seu lado. Mas tento não me meter na vida dela e de Augusto, apesar de saber que alguma coisa mais grave aconteceu entre eles nesses últimos dias.

O cara anda uma merda, um humor do cão e descontando sua frustração em todo mundo que entra em sua frente. Parece ter retrocedido praticamente dez anos, quando descobriu sobre Isabel, quase enlouquecendo com o luto nos dias difíceis que se seguiram. Deixo meu tio ir ao quarto do pequeno grilo falante, à procura de minha tia, e vou pegar minha maleta no consultório.

Ultimamente tenho mudado minha rotina após descobrir a doença de Catherine para ficar com Eric buscando uma solução que não seja o transplante. Com isso, quase não tenho ido ao haras. Ando ficando pela cidade e sinto falta de casa, do campo. Aproveito essas horas a mais no hospital para passar parte das tardes visitando a menina. Faço isso pela falta que sei que ela sente de Augusto e por saber bem o que uma doença como essa pode tirar de alguém.

A quem quero enganar? Venho mesmo é porque gosto da maritaca. A garotinha consegue conquistar todo mundo, nem o pobre do Augusto teve

chances de resistir ao charme dela e tem sofrido com a distância, sei bem disso. Não que ele não mereça esse sofrimento, não sei bem qual foi seu grande feito, mas o conheço bem.

Taí, minha outra tarefa do dia. Ver como aquele merda está. Prometi a tio Oto que tomaria conta dele, pelo jeito, os dois tiveram um desentendimento e o resultado disso sou eu de babá. Chega a ser engraçado. Jesus! O homem já tem 34 anos e eu, aos 35, não tenho mais idade, nem disposição para isso.

Augusto nunca foi de precisar de ninguém, aí é que está, o cara é uma concha fechada e, depois de ser enfeitiçado por uma boceta, caiu de joelhos. Agora o cerne da questão é que ele tem um roteiro a seguir e, claro, tinha que estragar tudo. Estralo o pescoço sentindo uma tensão desgraçada, vontade de chegar rápido em casa, isso sim. Tenho um longo caminho até o haras, fora ainda ter de passar no quarto de Capitu, minha nova e adorável paciente.

Não, mente suja, não dessa forma. A pobre moça nem ao menos acordou do coma induzido, só que aquele semblante tão angelical não pode significar outra coisa além de uma mulher meiga e adorável. A moça tentou suicídio e quase perdeu a vida, como achava querer. Tiberius — um amigo e psiquiatra — assumiu o caso depois que a estabilizei e agora está com ela. Sendo sincero, ele não arreda o pé de lá, desde antes de ontem. Aquele puto miserável está aprontando e eu vou descobrir o que é.

Quando chego ao quarto da moça em questão, a imagem me dá um misto de desespero, surpresa e ... vontade de rir?

Diacho... Tiberius é o homem mais calmo que conheço na vida e ele está... espancado um pobre coitado que parece um boneco de lã em suas mãos, bem engomadinho por sinal. A cena é uma delícia de se ver, ainda mais que, com certeza, ele deve ter um bom motivo para fazer isso. Como eu sei disso? É de Tiberius que estamos falando, aquele cara perfeito, gentil e totalmente contra violência como eu. Certo, certo, pode não parecer agora, mas sou totalmente contra qualquer tipo de violência.

Vou ter que separar a briga e que Deus me ajude...



Levanto bem cedo e dolorido pelo esforço de ontem, ao interferir em uma briga que nem era minha.. Mesmo sendo quase um Golias em tamanho, ninguém dava nada por Tiberius, mas o cara tem uma puta pontaria de esquerda. Para completar minha atual desgraça, sonhei com "ela", com aqueles cabelos de fogo espalhados pela cama, enquanto eu a fo... É, devo estar é com um caso sério de bolas azuis por causa daquela infeliz ingrata, isso sim. Desde que voltou para cidade no último ano, tem sido assim, aparentemente, ela não se mudou só para o Rio, se mudou para minha cabeça conseguindo tirar parte do meu sossego.

Como não trabalho hoje, vou aproveitar para descansar minha mente e fazer a contabilidade do haras com o contador. Arrumo metade da bagunça em minha mesa e paro ao ver uma foto de Alice rindo descontraída com a cachoeira atrás de si complementando a paisagem. Na foto, ela não deveria ter mais de 18 anos e sorria lindamente para mim. Eu podia jurar que esse olhar esverdeado direcionado a mim era apaixonado e amoroso, se a mulher da foto não fosse Alice. O dia em questão era o de sua formatura e, ao invés de estar se aprontando para o tal dia que toda moça espera, ela estava aqui comigo, desembestada, andando a cavalo. Maluca!

Olho a maldita foto mil vezes ao dia quando estou em meu escritório, sem falar nas outras que tenho no celular. Draga desgraçada. Já até tirei esse porta-retratos de perto de minhas vistas, mas não consegui deixar no fundo da gaveta, acabei colocando aqui de volta. De lá para cá, o objeto só sai da minha mesa quando Augusto, Arthur, ou até mesmo ela, vêm ao haras, o que vem se tornando difícil nos últimos anos. Nem morto vou deixar Alice saber que ainda guardo essa foto de dez anos atrás e muito menos que não consigo tirar a porcaria das minhas vistas, mas isso nem em mil anos. Capaz de ela bater em minha cabeça com essa porcaria. Sorrio ao cogitar essa última parte, isso é bem a cara dela.

Sinto meu celular vibrar no bolso da calça e merda! Lá vem problema e

lá se vai meu dia de folga. É tia Vera ligando.

— Tia... — Atendo no terceiro toque.

— Bah, filho! Ainda bem que atendeu, Pedro. — A voz é urgente. — Sabe que eu não ligaria, se não fosse importante. — Puxo uma respiração pesada. — É Augusto, Pedro.

— O que foi dessa vez?

— Ele ficou horas conversando com Cristine e depois saiu como um louco cantando pneus e não fazemos ideia de para onde foi. Tentei falar com Arthur, mas ele ainda estava no avião vindo para o Rio. Cristine também não me pareceu bem depois que voltou para o quarto ontem, meu filho, e estou preocupada.

— A senhora faz ideia de sobre o que conversaram?

— A coisa é séria! E quero que procure por ele, querido, e se encontrar aquele irresponsável, traga-o direto para mim — ela fala como se o cara fosse uma criança que eu poderia colocar no ombro e levar para onde eu bem entendesse. Ah, infeliz!

— Eu vou tentar, mas a senhora sabe bem o filho que tem. Eu retorno assim que achar aquele...

Me contenho em respeito à senhora do outro lado da linha, a mulher é quase uma mãe para mim. Rapidamente me despeço, pego as chaves, carteira e saio do haras. Já no carro, ligo sem parar para Arthur, que me atende na milionésima vez. Ele pode até enganar tia Vera, mas o *viado* já chegou na cidade que eu sei, ele que reze para ela não descobrir sua mentira, porque aí... jaz Arthur.

— Quer celular pra meter na bunda, miséria? — Derramo nele a frustração pelo irmão. Tem tudo a mesma cara, não faz diferença.

— Que bicho te mordeu?

— A anta do teu irmão sumiu.

— Já sei disso.

— E?

— E nada, Pedro, o cara tem 34 anos se bem me lembro. E não estou errado, já que é a mesma idade que a minha.

— Eu tô pouco me lixando pras merdas de vocês dois, Gigante, agora levanta essa bunda magistrada daí e vai procurar aquele cabeça de bosta também, o irmão é teu.

— Já ligou pra maluquinha? Talvez ela saiba de alguma coisa.

— Fala com ela, que a irmã também é tua.

— Hum... essa recepção calorosa é só porque Augusto sumiu? Eu sabia que um dia vocês assumiriam o amor que sentem um pelo outro, mas não imaginei que seria tão cedo.

— Vai tomar na bunda, juiz de merda — falo e o cara ri do outro lado.

— Calma, Pedrão, e escuta bem: eu vou, mas é a última vez, Mamute.

— Não fala isso pra mim, fala pra ele quando encontrar.

— Valeu!

Arthur desliga o celular soando indignado. Solto uma impreciação de desgosto, eu, sim, deveria estar indignado. Coloco o carro na estrada de novo e vou para o prédio onde Augusto mora.

Fico horas a fio, esperando, e nada do filho do capiroto aparecer. Pergunto ao porteiro e, segundo ele, Augusto não voltou para casa desde ontem, pois o carro não está na garagem. Fodeu de vez e, a essa hora, fico mesmo preocupado com ele e pode apostar que, se não aconteceu algo e Augusto não estiver morto, eu mesmo o mato quando puser meus olhos em cima dele. Essa será uma boa hora para ser violento.

Vou ao hospital, ando por quase toda a cidade e desisto. Depois de horas ligando para o filho da puta, decido voltar ao apartamento dele e esperar lá. Minha tia que me desculpe o palavreado, mas tenho que descontar minha raiva em alguém.

Por fim, ao chegar no prédio, resolvo implorar por uma chave ao porteiro e subir ao apartamento dele. Faço todo o caminho pelo corredor e paro em alerta ao ver a porta do apartamento entreaberta. Coloco a cabeça pela fresta e o que vejo me assusta *pra* caralho. O lugar está revirado, não tem uma única coisa em pé, tudo está quebrado ou trincado. Cacete!

Entro pela sala desviando de possíveis destroços, vendo gotas de sangue coalhado no chão, gritando por Augusto e nada. Quando chego em seu quarto, para meu alívio, eu o encontro. O homem está jogado na cama,

com duas garrafas de uísque ao seu lado no criado, uma pela metade e a outra vazia. Jesus, que situação fodida. A vontade de arrancar sua cabeça até sumiu depois de presenciar tamanha decadência. O homem está um lixo ambulante.

Acendo a luz e ele geme sem se mover no lugar.

— Augusto? Augusto, filho da puta, acorda! — Ele abre um olho e volta a fechá-lo, resmungando alguma coisa envolvendo a minha mãe, bêbado bosta. — Porra, Augusto, não dá pra dar um descanso?

— Você taaaava ceeeerto — fala, arrastado. — Ela tinha um motivo e um booom motiivo.

— Ah, caralho. Levanta daí. — Chuto a perna dele e o puto geme de dor. Só então observo mais atentamente e enxergo o estrago. A calça branca que ele veste está rasgada e com sangue seco em toda a perna. Ele também tem manchas roxas e arranhões por seu abdômen desnudo. — O que aconteceu, Augusto? — quase grito por sua falta de cuidado consigo mesmo. Ele ri, o infeliz. Me abaixo e olho sua perna inchada, vendo um corte do joelho ao tornozelo. Para meu alívio, não é profundo, um pouco inflamado, mas nada sério. — O que aconteceu? Fala logo.

— Baaati o carro e a culpa é dela, da minha diaba de língua solta. Já viu como os olhos dela são liiindos? — fala, embolado.

Seria pecado eu rir?

— Machucou mais algum lugar?

— Só meu coração, que aqueeeela bandida me roubou. Vouu te dizer uma coiiisa, tá escutando, não tá? Não se apaixona não, Mamute — Ele bate desengonçado em meu ombro e eu quase tenho um acesso de riso. — É uma dessssgraça, *viado*, dói como se estivessem me operando sem anessstesia. Dói pra burro...

Eu sei bem disso!

— Fica aí que eu já volto. — Saio rindo do quarto, não tem como me manter sério com uma cena dessas. Logo com Augusto? Não, não tem.

Vou à cozinha rezando para ele ter deixado a cafeteira inteira e parece que eu tenho um anjo da guarda, pois a dita cuja está intacta. Aproveito enquanto o café fica pronto e ligo para Arthur avisando que achei o maluco do irmão dele. Aparentemente estavam todos loucos de preocupação,

principalmente a draga e tia Vera. Não quero nem ver o que ela vai fazer quando pôr seus olhos no monstrinho que ela criou. Tia Vera não se encaixa nos padrões!

Deixo a cafeteira e volto ao quarto levando comigo bastante gelo. Encho a banheira, derramo o gelo que trouxe e vou ajudar Augusto a se levantar e chegar ao banheiro, jogando-o com roupa e tudo na água gelada. O efeito é o esperado e imediato, e ele acorda de vez.

— Porra! Ficou doido?

— Parece que funcionou, isso tinha que ter alguma diversão no fim das contas — falo segurando seu ombro, o que não está ferido. — Owowowow! Não vai se levantar daí, vai ficar aí até curar essa bebedeira dos diabos e me dizer o que aconteceu — insisto, quando Augusto tenta sair da água.

— Saia, Pedro, consigo fazer um quatro se quiser, agora me deixa sair daqui, pooorra! — Deixo que se levante. Ele cambaleia quando o solto, molhando tudo ao redor.

— Agora, falando sério, Augusto! Toma um banho que vou te esperar lá fora. — Deixo Augusto no banheiro e vou até a cozinha pegar uma xícara de café forte, amargo.

Quando volto ao cômodo, o desolado está vestido da cintura para baixo com uma bermuda e tem os olhos perdidos em algum lugar do quarto. Sigo seu olhar e encontro um bloco de papel para pintura, aberto em um cavalete próximo à janela, estampando o rosto risonho de Cristine. Sinto tristeza pela situação, provavelmente, foi ele quem fez o rabisco.

— Beba. Essa merda vai te fazer se sentir melhor — Eu lhe entrego a xícara de café e vou até o cavalete. Olhando com mais atenção, embaixo do rabisco tem mais alguns. Um de Cathe dormindo, outro de uma menininha risonha com um urso e mais alguns de Cristine e Cathe. São muitos...

— Não folheie mais, tem algo íntimo aí.

Nada falo, deixando de lado os desenhos.

— Não tinha muito o que fazer nos últimos dias. — É sua resposta à minha pergunta muda. Minha raiva cresce.

— Me responda uma coisa, Augusto. Que porra te deu na cabeça pra sumir assim? Todos naquela merda de hospital parecem ter surtado de uma

hora pra outra. Tiberius resolveu se atracar aos socos em pleno hospital, cê sumiu como uma criança de três anos, sem ter a mínima consideração com ninguém. Daqui a pouco vai ser o que? Antony saindo nu pela pediatria? Cacete, Fera, assim fica difícil de segurar. — Nada é dito, ele pega a xícara e bebe o café fazendo cara feia em resposta.

— Fiz merda.

— Conte uma novidade, Augusto, você faz merda desde que te conheço.

E vendo seu estado, amoleço de novo e me sento na cama ao lado dele.

— Não, dessa vez foi de verdade, Pedro, não tem volta e isso me deixou uma dor no peito parecendo que vou me afogar sempre que tento respirar e agora tenho uma dor de cabeça dos infernos.

— Tudo tem volta.

— Fala isso porque não sabe o que fiz. Não, eu vi nos olhos dela, eu a machuquei tanto... mais do que qualquer um pode suportar. Fui cruel, lhe infligir dor... mesmo sabendo que estava errado, eu não parei, não lhe dei tempo para se recuperar.

— E não era o que queria? Ham? — Não é minha intenção pisotear cadáver de 15 dias, mas Augusto precisa ter noção de que toda ação tem uma reação. E a dele não está sendo nada boa.

— Era, até descobrir a verdade. Eu dizia que não queria saber, mas inventei milhões de desculpas pra ela fazer o que fez por tanto tempo — ele para de falar, parecendo perder a voz de repente —, mas nem cheguei a arranhar o vidro das janelas dos reais motivos e como eu me arrependo de tudo o que falei e fiz a ela. Ela fez tudo por algo maior que nós dois, por um bem maior.

— É meu amigo, eu avisei.

— Não importa o que eu faça, ela não vai me perdoar, eu sei, vi isso quando ela saiu por aquela maldita porta ontem.

— Não sei o que te dizer, Augusto.

— Não tem muito a dizer, Pedro. Passei anos preso a uma mulher que me traiu e ainda por cima não me deu o direito de sentir raiva. E quando encontrei a mulher perfeita, aquela que qualquer homem daria um braço

direito para ter, eu estraguei tudo por orgulho, me deixei levar por um trauma do passado, algo já enterrado e feito para ficar no passado, não parei para ouvir e fui um animal com ela.

O filho da mãe precisa de um ombro amigo e, pelo jeito, só tem a mim no momento. Sei que vou querer quebrar sua cara quando eu souber o que fez, mas, por ora, isso não vem caso. Augusto estava lá quando precisei. Retribuirei o favor primeiro e farei as perguntas depois.

Nesse instante, Augusto não parece se importar em chorar na minha frente, talvez seja a bebida falando mais alto. O que sei é que o caso é sério. Nunca vi o filho da mãe assim, muito menos por uma mulher, nem mesmo por Isabel. O pior é que a diaba vale a pena e, se ele estiver certo... ela não vai perdoá-lo, e pelo o que bem sei, com razão.

— Já chega, Augusto. Levanta essa bunda daí e vai para o hospital, tua mulher tá lá com tua menina e precisa de você. — Tento outra abordagem e me levanto.

— Não, não precisa.

— Ok, porra, fez merda? Fez, é o que você faz de melhor. Agora pare de chorar feito criança e vire homem, caralho! Anda, levanta, Augusto, põe uma camisa e vai pra droga do hospital. Não, melhor, vamos pra casa da tua mãe. Amanhã quando colocar a cabeça no lugar, vamos para o hospital. — Augusto não parece satisfeito e pondera suas opções por um tempo. — Pensa na menina, independente do que você fez, ela não sabe de nada. Cathe, pelo jeito, tem um certo fascínio por essa tua cara feia e precisa de todo e qualquer apoio emocional. Olha a sorte que a pequena tem... entre tantos no mundo, foi logo escolher você como pai. Vai entender... — Ao falar da menina, Augusto parece recuperar parte da razão.

— Farei isso. — Ele se levanta. — Cathe precisa de mim.

— Já é um começo, ao menos parou de chorar — falo, mas ele não responde. — E teu carro?

— Vou procurar por ele amanhã, deixei onde bati ontem à noite, provavelmente foi perda total.

— Foi sério assim?

— Eu capotei, não sei nem onde foi direito, mas não vem ao caso,

vamos. — Não pergunto os detalhes, deixo para depois também, pois, pelo tom despreocupado de Augusto falar sobre o carro, ele deve estar bêbado ainda. Ele é louco por aquela porcaria, não ficaria tão tranquilo depois de dar perda total na máquina, ou o caso é realmente preocupante e ele perdeu o pouco juízo que ainda tinha...



***A desilusão de um amor
perdido... espere! Era mesmo amor?***

No carro, enquanto Pedro dirige, a impressão que tenho é de que minha cabeça quer explodir, minha perna pesa uma tonelada, meu peito dói pela colisão com o *airbag* do carro e, se fosse só isso, uma aspirina, um anti-inflamatório e insulina dariam jeito. Mas não, aparentemente, meu peito também quer explodir de tanta culpa. Fecho os olhos ao lembrar da sorte que tive ao capotar o carro e não sofrer maiores ferimentos, as consequências poderiam ter sido bem piores. Não quero nem imaginar.

Por mais que eu tente, ainda não acredito nos últimos dois dias. Uma grande piada... não acredito sequer no último mês. Ver Cristine contar toda sua história de forma tão dolorosa trouxe mais culpa, causando-me dor física. Sua luta ainda tão jovem e sua obstinação para manter Cathe perto dela com tanto sofrimento me destruíram e me mostraram a porcaria de homem que fui ao tratá-la de forma tão vil. Eu deveria tê-la ouvido, apoiado, deixado o orgulho de lado e, principalmente, não a ter humilhado daquela forma. Fui um bastardo egoísta, olhando apenas para o próprio passado.

Passo as mãos pelo rosto sentindo-me inconsolável, impotente, um verdadeiro idiota e agora vem a outra parte. Encarar meu pai e, pior, minha mãe. A vergonha agora é colossal, astronômica.

Pedro para o carro em frente à área e eu desço devagar. Ele é bom demais para repetir que me avisou, se manteve calado durante o trajeto, já o resto da família... Assim que olho na direção da casa vejo minha mãe de braços cruzados, encostada na pilastra com a lateral do corpo.

Seu rosto não está dos melhores, me lembra quando éramos crianças e aprontávamos alguma de nossas travessuras. Diabos! Subo os degraus devagar, sentindo pequenas fisgadas na perna por conta do corte. Quando a alcanço, não tenho coragem de olhar em seu rosto.

Minha família — em especial minha mãe — sempre foi extremamente conservadora e rígida. Tendo sempre os princípios de que filhos, não importa a idade, sempre serão crianças aos olhos dos pais e sempre poderão e deverão ser corrigidos. Fomos criados com esses ideais e muito provavelmente quebrei todos nos últimos dias.

Minha mãe vem até mim e me abraça com cuidado, dona Vera tem lágrimas nos olhos. Vejo o alívio em suas feições, meu sumiço a preocupou, preocupou muito. Mais uma burrice na minha conta, já pingando fora do balde.

— Obrigada, meu Deus, por trazê-lo em segurança para mim — roga, dando-me um beijo no rosto. — Venha, Augusto, seu pai está esperando no escritório. — Ela pausa, levantando meu rosto, que até então não a olhava diretamente. — Olhe para mim quando falar com você. — Aceno mudo fazendo o que me pede.

Ela vai me tratar como o moleque que fui e eu mereço.

Sigo minha mãe passando pela sala de estar. Recebo um olhar piedoso de Alice, sentada comportadamente em uma poltrona, e um "tá fodido" de Arthur, que se mantém jogado no sofá de três lugares vestindo um terno. Minha mãe entra no escritório e faço o mesmo após ela.

Meu pai está sentado atrás de sua mesa, com um pequeno copo de licor nas mãos. Quando me vê, sua face clara cria um tom avermelhado, a decepção estampada por cada centímetro do seu rosto.

— Pai, me desculpa, eu perdi a cabeça... — começo assim que entro e ele não diz uma palavra, me fazendo calar quando levanta a mão em um sinal de desgosto. Conheço esse olhar.

— Sente-se, Augusto. — Minha mãe pede ao se sentar em uma das cadeiras e eu acompanho seu gesto, sentando-me na cadeira ao seu lado. Segundos se passam, enquanto ela me olha diretamente no olhos e então começa a falar: — Sabe, Augusto. Ontem, por um breve momento, me arrependi de ter tido filhos. Quer dizer, de ter tido você. — Fico espantado com o que ouço. Olho seu rosto fechado pela dor das palavras, me surpreendendo com a verdade que enxergo nele. — Ontem, quando aquela mulher entrou no quarto da filha com o rosto marcado pelo choro e se jogou em meus braços aos soluços, eu me arrependi de ter lhe dado à luz. — Seu tom é sério como nunca vi antes.

Aqui está a verdadeira dona Vera, a matriarca que sempre manteve um olho em tudo, sempre cuidou de sua família com rigor.

— Eu errei em algum momento com você? — A pergunta é retórica, me limito apenas a negar com a cabeça. — Pois hoje tenho certeza de que errei. Eu nasci em uma família de posses, como bem sabe. Seu avô era um bom produtor de vinho no sul do país, nunca me faltou nada, a não ser amor materno ou simplesmente amor. Sua avó se foi cedo, também sabe disso.

— Mãe, não precisa, eu sei o quanto é doloroso para senhora... — Tento pará-la, sei como o assunto a afeta.

— Você sabe? Sabe mesmo? É isso o que mais me dói, meu filho. É você dizer que sabe e, mesmo assim, ter feito o que fez. Agora cale a boca e me deixe falar, não me interrompa novamente.

Eu a respeito o suficiente para agir como um gatinho dócil se ela exigir e faço o que me pede sem pestanejar.

— Nasci depois de quatro irmãos mais velhos, todos homens, tendo minha mãe tirada de mim no parto. Cresci em um ambiente machista, ridículo, cheio de regras e humilhação. — Ela olha para cima tentando conter as lágrimas que se formam e eu seguro sua mão com delicadeza. — Acreditei, de fato, merecer tudo aquilo apenas por ser mulher. Báh! Aí está uma tremenda burrice. Por isso prometi que não me casaria, não com um homem que me tratasse como meus irmãos me tratavam, ou tratam suas esposas. Foi quando conheci seu pai, ele veio com o avô fazer negócios com seu avô e, pra minha má sorte, sua família era o espelho da minha, acreditavam que uma mulher sempre deveria se sujeitar a tudo, a todos.

— A situação em minha casa era insustentável, eu não suportava tamanha humilhação apenas pelo erro de nascer com uma vagina. Um erro que não era meu. Foi aí que Oto me pediu em casamento, não muito tempo depois que nos conhecemos. Na verdade, o pai dele pediu ao meu. Era assim que as coisas funcionavam e meu pai aceitou o pedido sem me dar o direito de escolha. Me casei, tive que me casar, praticamente fui arrastada até a igreja por Francisco, meu irmão mais velho. Eu não queria aquele casamento arranjado, eu não o amava, na verdade ele me enojava, eu o odiava por ter de me submeter a aceitá-lo. Mas na época as coisas eram feitas dessa forma, o que eu poderia fazer? Lutar contra ele? Apanhar? Me matar? — Minha mãe narra com pesar e eu me encolho.

— Seu pai não me tocou depois que nos casamos, o máximo que fazia era tentar conversar, coisa pouca também: um bom dia, ou como amanheceu nesta manhã, querida esposa? Oto sempre demonstrou paciência, carinho e respeito comigo, mesmo eu me mostrando uma égua arisca e enchendo seu licor de sal todas as manhãs. E o pior é que ele o bebia, não me dando gosto algum. — Ela olha meu pai com ternura e ele lhe dá um sorriso singelo e amoroso. — Seu pai só me pediu uma única coisa certa vez: pra que, na frente das outras pessoas, principalmente, dos nossos familiares, eu não o tratasse com falta de respeito e isso não era difícil de fazer, seria para o meu próprio bem. Imagine só o que seu avó, meu pai, faria comigo, caso soubesse da minha malcriação com meu marido? Ele me mataria de uma surra de corda, ou algo pior. Eu tive sorte, Augusto, eu fui a exceção naquela época e família machistas, pois não eram apenas os homens que levantavam aquela bandeira, muitas mulheres também. — Ela pausa para uma respiração e me mantenho calado.

— Oto me deixava à vontade e, aos poucos, com suas pequenas ações e paciência de Jó, ele conquistou meu coração, Augusto. Seu pai me fez amá-lo incondicionalmente, da forma mais linda que se pode amar alguém. E para completar todo o meu orgulho de tê-lo como marido, Otávio chegou certa vez e perguntou se eu queria continuar meus estudos. Valha-me Deus! Aquilo para mim foi a maior prova de amor que poderiam me dar. É bobo, eu sei, hoje é, mas na época não era, ainda mais estudar medicina. Uma mulher? No interior? Não mesmo. Foi um Deus nos acuda. Ele brigou com o pai por mim, cortaram laços e viemos embora para o Rio de Janeiro. Logo nosso pequeno

consultório ganhou visibilidade e Lauro lhe fez a proposta de sociedade. Foi aqui que construímos todo o patrimônio que você conhece e usufruiu quando jovem e o resto da história você já sabe.

— Aonde quer chegar, mãe? — A essa altura, a emoção que ela carrega na voz aperta meu peito com força.

— Foi quando engravidei a primeira vez, Augusto. E meu Deus, como eu rezei que fosse uma guria, como pedi que não fosse um guri. Achei que não seria capaz de amar um filho homem, eu era jovem demais, ainda guardava mágoas e lembranças de uma época difícil. Mas não, Deus não me levou a sério e tive um menino, quer dizer, tivemos dois. Duas cópias iguaizinhas, lindos, rechonchudos, com o cabelo do pai e meus olhos, o único traço que puxaram de mim. E apesar do meu desgosto por serem homens, eu os amei, os amei tanto que chegava a doer. E foi quando os amamenteei a primeira vez que prometi a mim mesma que meus filhos seriam bons homens e não teriam relação alguma com nenhum membro de nossas famílias. Aqueles dois garotos cresceriam e se tornariam homens de bem, me dariam orgulho e eu o fiz, nós dois fizemos sem maiores problemas. Ensinei vocês dois a tratarem uma mulher como princesa, nunca serem machista ou colocarem seus anseios acima dela, ensinei a puxar a cadeira em qualquer lugar para que ela se sentasse, a aceitar qualquer coisa que ela quisesse ser ou fazer. Ensinei a abrir a porta do carro, ensinei que em uma mulher não se bate nem com uma rosa. Não era difícil de aprender, vocês tinham o exemplo em casa, o melhor que poderia ter... eu lhes ensinei tanta coisa, Augusto. Agora me responda: pra onde foi tudo isso? — ela pergunta e parece mesmo esperar uma resposta, que, por sinal, não vem.

— Não tem o que responder? Pois bem, eu respondo por você. Foi soterrado dez anos atrás. — Ela me surpreende. — Achou mesmo que eu engoli aquela sua desculpa esfarrapada? A coruja conhece o toco que dorme, Augusto, conheço meus filhos e sei o que Isabel lhe fez, descobri sem muito esforço, na verdade. Não lhe falei nada, apenas por saber o quanto ela feriu seu orgulho. Eu sabia desde o início que aquela mulher não era pra você, percebi pelo olhar. O olhar de Isabel pra você não era o mesmo que você direcionava a ela com tanto amor e cuidado, só não era o meu direito dizer isso, não cabe a mim escolher por vocês, aconselhar talvez... dizer o que fazer, nunca. Depois dela, você se fechou para o mundo, para

relacionamentos, e não o vi com nenhuma outra mulher desde então, até... até aquele anjo loiro aparecer em nossas vidas, trazendo sua miniatura a tiracolo e toda aquela alegria infantil contagiante. Quando você entrou por nossa porta a primeira vez com aquela menininha agarrada em seu pescoço, foi como ter um sonho realizado, o sonho silencioso de ter meu filho de volta, o garoto risonho, carinhoso e atencioso. Seu cuidado com ela, como a defendeu de Marina... meu filho, você encheu meu coração do mais puro orgulho. — Ela solta um suspiro cansado e larga minha mão.

— Mas, infelizmente, o que sinto hoje é apenas vergonha e decepção, Augusto. Deixou-se cegar, acreditou no que quis sem nenhum esforço e a humilhou. Me diga, o que, diabos, passou por essa sua cabeça pra pensar em tal disparate? — ela praticamente grita, fazendo minhas têmporas quase explodirem. — Você faltou com respeito com ela, comigo e, principalmente, com seu pai. O homem que sempre se mostrou respeitável, íntegro, lhe demonstrou amor. Imaginar que aquela moça tão doce teve um caso com ele e ainda por cima uma filha... Meu Deus, é loucura, homem. — Ela falando assim, de fato, parece loucura. E é, não é? — E mesmo se toda essa história mirabolante fosse verdade, não te dava esse direito, nada daria.

— Sua cegueira e machismo foram demais para mim. Você a julgou por uma profissão, achando-se superior a ela. Uma puta? E você? Com quantas mulheres se deitou antes dela? Com quantas mulheres foi pra cama e, no outro dia, nem o nome delas se lembrou? Uma? Duas? Quem sabe duas ou mais ao mesmo tempo? Isso te faz um puto? Ter enfiado seu instrumento em outras mulheres te faz um depravado sexual? Tira a sua índole? — Meus olhos se arregalam. — O que foi? Não sou santa, meu filho, e nós, mulheres, também temos nossas necessidades, isso não nos faz menores que vocês em nada. A diferença óbvia entre você e Cristine é apenas que ela recebeu dinheiro por isso e você obteve prazer como pagamento. Isso não a faz indigna, ela quis cobrar e achou quem quisesse pagar, simples assim. O que Cristine fazia com o corpo dela não diz respeito a você, não diz respeito a ninguém, sabe por quê? Porque é somente dela esse direito! — Dona Vera cospe cada palavra e faz com que me sinta um lixo no processo.

— Não é vergonha chorar, Augusto. — Ela se levanta e percebo meus olhos ardendo. — Amanhã quero ver o homem que eu criei, está me ouvindo? Eu me recuso a falhar, me recuso a te ver assim, me recuso a ter um

inútil como filho. Amanhã vai voltar naquele hospital e vai rastejar por perdão, melhor: você vai implorar por perdão, vai dar o apoio que ela precisa e irá arcar com o tratamento. Esperei demais para interferir, confiei demais que você faria o certo.

— Sobre o tratamento eu já fiz isso.

— Menos mal, nem tudo está perdido, afinal!

— Eu sempre soube o que ela fazia pra sustentar a menina, Augusto, soube tempos depois, é claro, se tivesse sabido, não teria deixado, a teria ajudado mais, isso se ela aceitasse. Nunca quis lhe dizer nada, por acreditar ser irrelevante, esse direito era dela, não que ela tivesse essa obrigação, ela não tem. Mas o principal motivo de não contar foi por achar que eu tinha te ensinado a ser homem e não um moleque mimado como vem se comportando. — Meu pai não é tão contido quanto minha mãe, ele praticamente urra as palavras, empertigando-se.

— Eu não tenho o que dizer, pai, não sei ao menos explicar toda a confusão que fiz.

— Seu pai me contou o que ele fez naquele mesmo dia em que você saiu daqui como um louco esbravejando seu desespero. Sabe o quanto prezo por minha ética, por meu nome e tudo o que me foi caro construir. De toda forma, quase me ofendi por ele achar que eu não o apoiaria, por não ter confiado em meu sigilo e senso humanitário naquela época. Mas eu entendi o que Oto queria dizer com isso, talvez, na época, eu não tivesse entendido, não sei dizer ao certo o que teria feito. O que sei é que me compadecei e admirei ainda mais sua namorada ao saber de toda a história.

— Ela não vai me perdoar, mãe.

— E nem deveria depois do que fez, mas isso não te impede de tentar. Agora vá tomar outro banho, está fedendo a bebida. Preparei seu quarto, durma aqui essa noite. — Minha mãe encerra a conversa.

— Me desculpe, mãe. — Tento mais uma vez por não suportar o olhar que é dirigido a mim, principalmente, por ela.

— Não é a mim que tem que pedir desculpas. Estamos decepcionados com você, mas é ela quem tem que te perdoar. Agora vá, o jantar será servido em meia hora. — Eu me levanto para sair.

— Se me permitir, não irei jantar, estou sem fome.

— Eu fiz um convite? O jantar será servido em meia hora, Augusto, esteja na mesa de banho tomado.

Acato, me dando por vencido, e saio do escritório em seguida, me sentindo um verme. É, foi mais do que humilhante, foi como ter sete anos outra vez e ter acertado a cabeça de Arthur com uma pedra na cachoeira.

Quando saio porta afora, os três idiotas não disfarçam que estavam ouvindo tudo atrás da porta. Arthur foca sua atenção em mim e assobia alto, debochado.

— Cara... deu até vergonha de ter nascido junto contigo. — Ele sorri de sua própria piada, ganhando uma cotovelada de Alice, que desencosta de Pedro vindo em minha direção com cara de choro, me envolvendo em um abraço.

— Venha, minha ferinha ferida, vou cuidar de você como fez comigo e dormir agarradinha contigo, te fazendo cafuné. Estou zangada também, mas sou uma pessoa solidária — ela sussurra a última parte, arrancando-me um pequeno sorriso.

Vamos os dois para meu antigo quarto. Alice se mantém calada, enquanto entro no banheiro e tomo banho. As palavras de minha mãe dão um nó em minha cabeça e, mais do que antes, me sinto um merda por tudo o que fiz. Duvido que Cristine me perdoe algum dia pelo feito. Ela tem um coração enorme, mas também é bem resolvida em suas decisões, quando diz não, é não mesmo, e eu mereço todo e qualquer desprezo. De fato, errei de forma irreversível e pensar que nunca mais irei ver aqueles olhos tão azuis me olharem com o mesmo amor e contentamento destroça meu peito. Eu a amo. O amor que senti por Isabel não chega a arranhar o vidro perto do que sinto por Cristine. Eu a amo com loucura.

O que foi? Esperam que eu diga que só agora percebi o quanto a amo? Não serei hipócrita quanto a isso, não vou dizer que só dei valor depois que a perdi, pois sempre soube que a amava, mesmo quando a odiei, eu a amei com desespero, só não acreditei em seu amor e não lhe dei o valor merecido. Acredito que por isso doeu tanto quando achei que ela fez o que não fez. Ela me feriu, ao menos foi nisso que acreditei, e eu só quis a ferir de volta, lhe infligir a mesma dor.

Agora o ponto é: se a amo tanto, por que fiz tudo isso? Como pude machucar tanto a mulher que amo com tamanho desespero dessa forma? Como pude ser tão covarde e espezinhar sua dor, sua índole em um momento de tanta fragilidade? Não sei dizer... e tenho medo de achar a resposta.

Não precisava ouvir tudo aquilo de minha mãe para conhecer a história, eu já conhecia. Ela nunca escondeu de nós seu desgosto em ser filha de quem é. Mas ouvir dela e ainda com palavras tão duras o quanto a decepcionei me deu a sensação de ter algo sangrando dentro de mim. Seu olhar ao dizer que sente vergonhada de mim me fez enxergar que a merda feita não foi apenas colossal, foi bem maior e temo não ter conserto... vergonha... é só o que consigo sentir...



Acordei cedo e minha mãe já estava de pé, me esperando com o café da manhã, mal eram 6h. O problema é que só consegui dormir às 5h, estou cansado, com dor, sem falar que... Primeiro, Alice não calava a boca, ora ou outra me alfinetando e reclamando de dor em sua perna e me chantageando por massagem. Segundo, quando ela dormiu, continuou falando sem parar, ela não para nem dormindo, é como Cathe. Terceiro, o sono não veio.

Depois do café e de olhares atravessados de dona Vera, peguei o carro dela emprestado, mas não antes de ouvir um: "se acha que está pouco, acabe com esse também". Ela não vai esquecer tão cedo. Depois fui até minha casa, tomei banho, troquei de roupa, peguei o desenho da *Marsha e o Urso* que fiz para Cathe, os lápis de cor e estou estacionando em frente ao hospital nesse instante. Respiro fundo e entro, indo em direção à ala pediátrica.

Ainda é cedo, mas já tem movimento no quarto da pequena. Meu coração parece querer sair pela boca e nem ao menos reconheço a ansiedade pulsando em mim.

Quando chego na porta do quarto, um cheiro tão familiar me dá boas vindas. Cristine está de costas para mim, vestindo uma camisola fina de... girassóis? Sim, girassóis e tem minha pequena sentada na maca à sua frente,

enquanto penteia seus cabelos com cuidado.

— Ele não vem, mamãe?

— Não sei, Catherine — Cristine responde com uma certa impaciência, o que não é típico dela.

— Mas a senhora prometeu que ele ia vir ontem — fala arrastado, parecendo emburrada.

— Eu não prometi, meu amor, eu disse que Augusto talvez chegasse ontem ou hoje. Eu não sei ao certo.

— Posso ligar pra ele então? É rapidinho — Cathe pergunta na defensiva.

— Pra que ligar, se estou bem aqui e sou todo seu? — falo entrando no quarto.

A pequena se assusta e, esquecendo o soro em seu braço e a mãe com a escova na mão, ela fica de pé sobre a cama e se joga em meus braços, irradiando seu cheiro de criança.

Espero a gargalhada vir, assim como a reclamação sobre minha barba lhe fazer cosquinhas no pescoço, mas nada vem. Olho Cristine observando a cena em silêncio e sinto Cathe tremer em meus braços e pequenos soluços deixarem sua garganta. Ela... ela está chorando? Fecho o soro, tiro o acesso de seu braço, deixando a agulha em sua veia, e vou até o sofá sentando-me com ela atrelada a mim, como um pequeno carrapato. O contato é tão familiar que faz meu peito inflar de ternura.

— Cathe? Ei pequena, o que foi? Sente dor? Preciso que fale, sapeca. — Ela não fala absolutamente nada e não me deixa ver seu rosto.

Ficamos calados os três, enquanto Cristine suspira com olhos cheios de lágrimas encostada na cama, torcendo a escova em suas mãos. Olho-a bem, absorvo cada detalhe. O rosto ainda inchado, o corpo mais magro, os olhos vermelhos e as olheiras... a dor em mim é sentida em plenitude por ter a certeza de que contribui com parte de seu sofrimento. Eu poderia estar com ela todo esse tempo, estar lhe dando apoio, dividindo toda essa carga, tomando parte de sua preocupação e dor, porém não o fiz... nem ao menos tentei...



***Sabe qual a parte boa do
passado? Exatamente essa... é
passado, basta apenas superá-lo.***

Olhando a cena à minha frente, vejo claramente como errei com ela. O jeito que Cathe o olhou e se jogou chorando em seus braços me partiu o coração. Não devia ter proibido Augusto de se aproximar de Catherine, errei em não permitir que os dois ficassem juntos todo esse tempo. Fiz o que o acusei de fazer, deixei que a raiva e a mágoa me cegassem. Neguei a mim mesma o vínculo que os dois criaram enquanto estivemos juntos e a culpa disso é minha, fui eu que deixei que entrasse.

Todo o tempo algo dizia que não daríamos certo, que seria loucura colocar um homem em nossas vidas naquele momento e, mesmo assim, coloquei, deixei que entrasse e assumisse o lugar desocupado na vida dela, o lugar de pai. Por mais doloroso que seja admitir isso, foi exatamente o que aconteceu, eu a deixei acreditar que seríamos uma família perfeita, que um casamento talvez acontecesse.

Fomos rápido demais em nosso relacionamento, avançamos etapas importantes para ambos e para ela. Estávamos praticamente morando juntos, sempre que ele não estava no trabalho, ou em algum compromisso, estava conosco. Fosse lá em casa, ou na casa de campo de seus pais aos finais de

semana, ou fazendo algum programa familiar, estivemos sempre juntos como uma família feliz e causamos uma bagunça enorme na cabecinha dela.

Tudo estava lá o tempo todo. Suas perguntas curiosas sobre se iríamos nos casar — pois os pais de suas coleguinhas eram casados —, se um dia poderia chamá-lo de papai, tudo esteve lá o tempo todo e eu deixei minha menina criar grandes expectativas, sonhos de uma criança carente de afeto paterno. Confiei cegamente nele e ela não deveria ter pagado a conta por isso, por mim. Ensinei minha filha a amá-lo e, de uma hora para outra, decidi que ela deveria esquecê-lo. Mas as coisas não são assim, ainda mais para uma criança que se encontra extremamente fragilizada e, sim, olhando os dois agora, sinto uma vontade imensa de chorar, uma grande fragilidade que não sentia antes.

Os dias enfiada no hospital têm feito isso comigo, me deixando cansada, estressada e, principalmente, emotiva como um bebê e assistir a como Cathe tem respondido ao tratamento... só piora meu estado incomum de desespero contínuo.

Augusto tem Catherine em seu colo, tentando consolá-la com palavras carinhosas, impelindo-a a falar alguma coisa e minha filha apenas chora. Esse rompante aconteceu uma vez, quando viajei com Bruno por dois dias e a deixei com Silvy. Na volta, nem mesmo a linda boneca de tamanho real conseguiu consolar minha gostosura. Nesse aspecto emocional somos parecidas.

Augusto continua conversando com ela calmamente, sem resposta alguma, até que fala algo em seu ouvido que a faz olhar para ele, apressada.

É a coisa mais linda quando, ainda chorando, passa as mãozinhas pelo rosto limpando as lágrimas, tentando parar o choro em sua garganta. Cathe está envergonhada por chorar e Augusto finge não ver. Ele se levanta, colocando-a cuidadosamente sentada no sofá e arrasta a bandeja móvel até ela, ajustando o tamanho até que ela possa alcançar. Depois, abre sua bolsa esquecida no chão perto da maca e retira um papel com um desenho enorme da *Marsha e o Urso* de dentro, uma coleção de lápis de cor e coloca tudo na frente dela. Cathe corresponde com um olhar encantado e o abraça de novo quando volta a se sentar perto dela, aninhando-se a ele, impossibilitada de falar pelo choro preso.

“Eu não vou chorar, não vou chorar, não vou chorar.”

É o mantra em minha cabeça, enquanto observo tudo em um misto de encanto e desespero. Não sei o que fazer, não sei se devo fazer algo.

Disfarço meu desconforto e entro no banheiro com a desculpa de tomar banho. Na verdade, não consigo ficar perto, ver a interação dos dois e mentir para minha filha me faz mal. Já menti e escondi tanto, que isso começa a me sufocar. Tento me convencer de que estou fazendo o certo.

Tomo banho com calma, levando algum tempo para acalmar meu coração e, após vestir uma calça jeans e uma blusa preta de gola alta, que evidencia minha cara branca e magra de cadáver, saio do banho, indo me sentar aos pés da maca. Eles continuam no mesmo lugar, só que agora Augusto está sentado ao lado dela, ajudando-a a colorir o desenho.

— Hum...estava gostoso, eu ia guardar para o senhor — ela fala enquanto pinta de cabeça baixa e ainda fungando. — Minha mãe disse que vinha ontem me ver, mas o senhor não veio e eu comi sozinha — fala, culpada.

— Não consegui chegar a tempo, pequena. Mas sua avó irá fazer um bolo de chocolate e trará à tarde, quando vier te visitar. Esse podemos comer juntos o quanto quiser — fala, levando as mãos ao cabelo dela e bagunçando os poucos fios restantes. Mais um resultado da doença e da medicação: o cabelo dela começou a cair desesperadamente.

— Eu adoro a vovó Vera e o bolo de chocolate que ela faz. Acho que quero a *Marsha* com o cabelo igual ao da tia Alice, vai ficar bom?

— Vai sim, enquanto isso vamos deixar o urso amarelo. O que acha?

— Isso! Vai ficar diferente. O senhor é esperto, tio. — Ele beija o alto de sua cabeça e ...

— Mas que porra é essa?

Quase tenho um ataque do coração, quando Bruno faz essa pergunta sussurrada atrás de mim, bem perto de minha orelha.

— Puta merda... Não faz isso pelo amor...

— Calma, sou eu. Está tudo bem, Crisy?

— Se fizer isso de novo não, né, Bruno! Ninguém chega tão calado assim. — Ele não dá importância ao que digo.

— O que ele faz aqui?

Fico olhando por um instante seu rosto indignado e perco a paciência de vez. Cansei desses homens da minha vida, achando que lhes devo satisfação de tudo e de qualquer ação do meu dia. Vão ao inferno!

— Não sei, pergunta você pra ele, se quer tanto saber. — Saio do seu lado e vou até Cathe, dando-lhe um beijo na testa. — Vou trabalhar, meu amor, e adivinha só? O tio Augusto e tio Bruno vão te fazer companhia e te ajudar a pintar seu lindo desenho, como os bons amigos que são. Eles vão adorar passar todo esse tempo com você. — Não perco o olhar assassino de Augusto para Bruno e vice-versa.

Cathe, em toda a sua inocência, comemora batendo palmas e me dando um lindo sorriso. E que Deus tenha piedade de nós.

— Mãe! O tio Guto não ganha beijo de despedida também? — Tinha que ser ela...

— Claro, meu amor. — Minha voz não tem muita ênfase ou certeza quando tento sustentar a mentira.

Augusto praticamente não se move quando me aproximo dele, dando-lhe um beijo rápido na bochecha, e é como levar pequenos choques pelo corpo com o contato. Saio passando por Bruno na porta sem me dar o trabalho de olhá-lo e arrumo sua camisa na parte de trás, escondendo melhor o cabo de sua pistola, presa à calça às suas costas. Vou tranquila porque sei que os dois não são loucos de se engalfinharem na frente dela, os brutamontes vão se comportar.

Apesar de tentar me tranquilizar por estar tão próxima de Augusto, meu corpo parece querer reagir diferente e eu tento me acalmar, dizendo a mim mesma que não haverá problema algum nessa aproximação e que o fato de estar com as pernas bambas apenas por lhe beijar a bochecha não significa nada. Guardo minha bolsa no armário e começo a atender meus pacientes que estão com horário marcado.

Um a um, vou fazendo o atendimento. Já perto do meio-dia, minha barriga ronca e me lembro de não ter comido nada pela manhã. Não sinto fome alguma, porém sei que devo me alimentar, comer ao menos o suficiente para não cair por aí. Vou até à cantina do hospital e faço o pedido de dois sanduíches de frango com suco de maracujá e, incrivelmente, quando recebo

o pedido e dou a primeira mordida, a fome parece vir à tona e passo a comer com vontade, faminta.

Estou sentada ao fundo da cantina com poucas pessoas espalhadas pelo lugar, quando vejo Augusto passar pela porta, notando que manca de uma perna. Fico curiosa para saber por que, mas espere. Isso me interessa? Não, não te interessa, Cristine, deixe de ser idiota. Mudo meu foco, me esquecendo dele por minutos, ou tentando, e minha barriga avisa que está cheia na metade do segundo sanduíche, mesmo assim, como o restante.

— Posso me sentar? — Augusto pergunta, já se acomodando na cadeira ao meu lado. Seu corpo grande tomando todo e qualquer espaço, seu cheiro gostoso invadindo minhas narinas e não, ele não pode.

— Já se sentou... — Tomo rápido o restante do suco me preparando para sair logo de sua presença.

— Espere só um momento, preciso falar com você, serei rápido.

— Não lembro de ter deixado qualquer assunto pendente, Augusto, sabe que não temos nada a dizer um ao outro e, por favor, não faça cena — falo sem olhá-lo diretamente, tenho medo do que possa ver.

— Serei rápido, prometo. Entendo que não tenha nada a dizer e respeito isso, façamos o seguinte: você não fala e deixa que eu fale, pode ser? — Me mantenho sentada e ele se volta em minha direção, seus joelhos raspando levemente minha coxa esquerda por cima da calça. Percebendo meu olhar, ele se afasta, me deixando confortável outra vez.

Perdemos isso também. Aquela proximidade reconfortante apenas em estar no mesmo cômodo. A segurança e confiança que eu sentia só por estar no mesmo quarto que ele não existe mais. Novamente estou em completo alerta, não chega a ser medo, não, medo não. Receio sim, apreensão de que me machuque, abra uma ferida que nem ao menos foi fechada e ele parece ler meus pensamentos.

— Não me trata assim, sei que errei, errei feio mas não me trate como se não me conhecesse, não sou alguém que precisa temer, ao menos me olhe nos olhos. — Eu bufo em desdém e continuo fitando o copo vazio à minha frente. — Pode não parecer e sei que não vai acreditar em mim, mas eu me arrependo, Cristine. No dia seguinte ao baile, falei com meu pai e entendi tudo errado. Fiz besteira, uma gigante. Armei uma confusão sem nenhum

sentido, mas a questão é que ambos estávamos falando de assuntos diferentes.

— E você queria o que, depois da palhaçada de fingir saber algo que não sabia? — pergunto, irritada, olhando-o pela primeira vez desde que se sentou. — Dr. Otávio me contou o que aconteceu, Augusto.

— Sim, a culpa disso foi minha também. Cristine, sei que não quer e nem pode confiar em mim agora, mas só estou pedindo uma chance. Uma chance de lhe provar que não sou o homem que me acusou de ser, a versão que te humilhou de forma tão perversa dias atrás. Esse não sou eu, Cristine, não de verdade e quero lhe provar isso. Me deixei levar pela raiva, cegueira e, sim, não mereço perdão, sei disso também, mas peço que me deixe provar o quanto te amo. — Como sempre, ele não é tão bom com palavras e demonstrações de sentimentos, então derrama tudo rápido, com uma expressão de agonia, como se doesse falar, lembrar e pedir desculpas.

— Pelo amor de Deus, Augusto, abra seus olhos ao menos uma vez na vida, você não me ama, nunca amou — quase grito, chamando a atenção indesejada de algumas pessoas, e abaixo meu tom. — Acha que sim, por ego ferido ou, sei lá, por perceber que errou? O que tenho certeza é de que se me amasse como diz, não faria tudo aquilo, muito menos contaria algo tão íntimo que aconteceu entre nós pra sua amante. Aquele projeto de puta nojenta. — Ele me olha, estranho.

— Não, temos um engano aqui, eu não... está falando de Patrícia? — O palhaço ainda se faz de desentendido.

— Não, estou falando da mãe Joana.

— Cristine, só me escute com atenção. Não vou tentar remendar o que fiz, minha intenção não é essa, não é jogar a culpa em outra pessoa, assumo minhas ações. Tive culpa, sim, muita culpa e estou disposto a pagar por ela, mas essa culpa que está me atribuindo não é minha.

— Ah, não?

— Não, há meses que não nos falamos, nem mesmo depois... nesse último mês. Venho me esquivando dela sempre que tenta se aproximar, não tinha e não tenho cabeça pra isso, você ocupa todo o espaço.

— Você não presta, Augusto!

— Concordo, não presto e, mesmo assim, sou egoísta demais para me

manter longe de você e de Cathe. Só peço que me deixe perto, não fuja, deixe-me fazer com que se apaixone por mim outra vez. — Ele só pode estar de brincadeira com a minha cara.

— Pirou de vez, foi isso? Acha que é simples assim? Você, mais do que qualquer pessoa, sabe que só está perto de nós exclusivamente por causa da doença de Cathe. Por mais que tente, e Deus é testemunha de que tentei, ela não te esquece. Você sabe o quanto o lúpus é ligado ao emocional de seu portador e Catherine sendo apenas uma criança é pior. Não pense que por isso te darei uma chance ou algo assim, não vou e isso é definitivo. Não acredito em terceiras chances, a segunda eu já lhe dei e você pisou nela, em mim, quando fiz isso. Nem se eu quisesse fazer o que me pede, eu conseguiria, simplesmente por não conseguir esquecer. O sentimento de quando segurou o maldito cheque naquela porcaria de sala não sai de mim, o nojo que vi em sua face ao se derramar em mim foi doloroso demais. — Respiro fundo. — Sua segunda chance foi dada ali, foi quando me beijou naquela sala. Naquele momento, imaginei realmente se tratar de uma reconciliação, achei que, com aquele beijo, você estivesse se desculpando por tudo de ruim que disse, mas não, era só mais uma amostra da pessoa mesquinha à minha frente. — Me levanto, antes que possa me pedir desculpas outra vez. Augusto fecha os olhos deixando transparecer algo como dor e, quando volta a me fitar, parece recuperar sua postura confiante outra vez.

— Pode não acreditar em mim, ok, mas isso não vai me impedir de tentar. Te pedirei perdão todos os dias, se for preciso, Cristine, e farei o impossível pra que se apaixone por mim outra vez. Quero seu amor de volta, todos os seus sorrisos, aquele olhar de antes, quero tudo o que tivemos e farei qualquer coisa pra recuperar tudo isso.

Esse homem só pode ser uma grande piada.

— Awww que bonitinho, Augusto. Se já não te conhecesse, me apaixonaria agora, acredita? Mas não, conheço o que tem por baixo de toda essa capa de homem atencioso e apaixonado, ando vacinada.

Dou meia volta, passo na recepção ainda com o coração a sair pela boca e seu Jorge — um dos seguranças — vem em minha direção.

— Cristine, ainda bem que te achei. Recebi uma reclamação, seu carro

está bloqueando a vaga de outro.

— Não, seu Jorge, deve haver um engano. Eu não vim de carro.

— É o seu, o rapaz disse até a placa.

Estranho, mas decido verificar, talvez Bruno esteja com meu carro.

— Vou ver isso agora mesmo e obrigada por avisar.

Deixo o homem alto para trás e vou em direção ao estacionamento. Quando chego em meio a alguns carros, percebo não estar errada, o meu carro não está mesmo aqui, apenas o *Golf* preto de Bruno, bem à minha frente. Balanço a cabeça em negativa, dando meia volta sem olhar ao redor e bato de frente com alguém de pronto.

— Me desculpe, senhor, eu não... — Perco a voz ao perceber quem segura meus braços com uma força calculada. Merda! Eu não estava preparada para isso. — O que faz aqui?

Sim, isso mesmo. Maurício está aqui na minha frente, me olhando com um sorriso zombador, devasso, e alinhado como de costume em um terno cinza de três peças.

— Me sinto decepcionado com sua falta de modos, princesa. Vamos, pode fazer melhor.

— Você não tem limites? Me distanciar do hospital, só pra poder me encurralar atrás de um carro qualquer. Está passando de todos os limites e agora me solta, Maurício, já fez sua entrada triunfal.

— Imaginei que estaria menos petulante depois do que fiquei sabendo, não está em uma boa posição para ter todo esse topete, menina. Pelo que fiquei sabendo de fonte segura, não tem mais quem a defenda.

— Eu sei me cuidar sozinha. Você está começando a me machucar e é melhor me soltar.

— Vamos aproveitar um pouco, Cristine, como nos velhos tempos. Não temos ninguém que nos atrapalhe, como na noite do baile — o homem continua falando próximo ao meu rosto. — Pobre Cristine passando por dificuldades de novo. Quanto, princesa? Quanto vai precisar dessa vez?

— Nada, nada que venha de você — cuspo cada sílaba em sua cara.

— Eu estava certo, não estava? Ele não suportou descobrir a verdade ...

e agora a bastardinha está com lúpus... pobre criança, se não tiver o tratamento adequado... tsc, tsc, tsc... pode morrer, certo? — Ele não conhece limites e percebo que foi mais um a me enganar por bastante tempo.

No início nada mais era do que um homem rico, gentil, de gostos estranhos e que se relacionava com garotas de programa. Nunca demonstrou possessividade, ciúmes ou nada do tipo. Mas, desde aquela proposta ridícula meses atrás, Maurício demonstra ser uma pessoa totalmente diferente e começo a ter medo dele. Sei de minhas limitações, sei que, caso queira forçar sua vontade contra mim usando força bruta — como faz agora mesmo ao segurar meu braço — não terei chance alguma de fugir.

— Minha filha não vai morrer, seu verme nojento, tenho condições de lhe dar um bom tratamento, não preciso rastejar por sua ajuda. Uma vez já foi o suficiente e não sabe como me arrependo disso.

— Não se perder o emprego...

— Do que está falando? Não! Você não seria capaz, ela precisa do tratamento! Não, Maurício, você não pode fazer isso... — praticamente grito, diminuindo a voz gradativamente quando sua ameaça entra em minha mente. Ele pode!

— Abaixar a voz e ouvir o que vou dizer, meu amor, ouça com muito carinho. Eu posso fazer, minha princesa, e você sabe bem disso. Tenho ótimos contatos, faço parte do conselho e o que seria de você, se eu os usasse? Hum... nada bom pelo que posso prever. Mas sou um homem piedoso, principalmente, com criancinhas lindas como a sua.

Sinto nojo.

— Lembra a proposta que te fiz um ano atrás e você recusou? Agora irá aceitar e sua filha viverá conosco, mesmo quando eu estiver em casa. Isso não está aberto à discussão. Claro, você terá menos benefícios dessa vez. Isso porque me irritou muito nesses últimos dias, deve saber. Ainda mais depois de desfilar com bostinha do Augusto daquela forma, me enfrentando e preferindo ficar com ele.

Respire, respire, Cristine, você não pode desmaiar, digo mentalmente.

— Mas como previ, não foi difícil distanciá-lo de você. Um pouco de veneno e pronto, o cara explodiu. Os filhos de Otávio são bem previsíveis, os

dois não têm em comum só a aparência, o outro babaca também não é muito inteligente quando se trata de mulher, mas isso não vem ao caso no momento. Estamos entendidos, meu amor?

Um bolo se forma em minha garganta. Nojo! Um nojo medonho de sua figura e maldita proposta.

— Se for uma boa garota, poderemos até mesmo oficializar a união, um grande casamento.

— Não! Dessa vez será diferente, não vou ceder a você e aos seus caprichos depravados, muito menos submeter minha filha a viver com alguém como você.

— Eu adoro uma égua puro sangue, essas nos dão mais emoção e prazer ao montá-las. Vamos, seja boazinha e me dê um beijo de reconciliação, sem frescuras dessa vez — fala e não para, ele se aproxima, enquanto estapeio seu peito e luto para sair de seu aperto e não vomitar.

— Eu ouvi a dama pedir pra que a solte e tenho certeza de que ouvi certo. — Deus do céu, obrigada, agradeço mentalmente ao ver Pedro. — Vamos, solte a moça. — Maurício solta um dos meus braços e se volta parcialmente para Pedro.

— Como vai, Pedro? Como pode ver, estamos em um assunto particular, se puder nos dar licença. — Ele não me solta, mesmo quando tento de supetão sair de seu agarre e Pedro o olha, enraivecido.

— Bom, eu acho que não. Cristine é minha amiga, quase prima por casamento, por assim dizer e, pra ser sincero, não acho que Augusto ficará satisfeito com suas ameaças a ela, eu mesmo não estou satisfeito como pode ver — fala, calmo, bem perto, com os olhos presos na mão de Maurício em meu braço. — Sabe bem que não pode cumprir esse tipo de ameaça, Maurício, então não blefe ou se aproxime dela e de Cathe, se não quiser ser levado ao conselho. Eu irei pessoalmente expor essa sua fachada de homem de família conservador. Vamos, solte-a antes que eu perca a paciência e enfie sua cabeça em sua bunda. Confesso que iria me divertir bastante com isso.

Sinto vergonha por ele ter ouvido a conversa. Maurício aperta com mais força meu braço e gemo de dor, suando frio, perdendo parcialmente a visão direita. Pedro dá um passo à frente e ele finalmente solta meu braço. Sou puxada com delicadeza por Pedro, que passa seus braços de forma

protetora em volta de mim.

Odeio essa posição de vítima. De quem não consegue cuidar de si mesma, de algo frágil e quebrável e, no momento, não tenho outra posição para estar e, apesar de odiar tal posição, não me incomodo em dizer que sinto segurança com os braços de Pedro ao meu redor, dando-me o conforto de que preciso.

— Não entre em uma briga que não é sua, Pedro.

— Como não? Agora vá, procure outra mulher para você, de preferência uma que não esteja comprometida e fragilizada. — Maurício me dá um sorriso perverso e sai calmamente, nos deixando a sós.

Sem poder me segurar mais, o vômito jorra de minha boca quando empurro Pedro para o lado e me dobro ao meio, quase derramando todo o meu almoço em suas botas. Meu corpo treme e o suor escorre por minhas têmporas. Ele segura meu cabelo, enquanto passa a outra mão com delicadeza em círculos nas minhas costas. O frio que sinto aperta a espinha com uma fraqueza distante e espasmos fazem meu estômago doer.

— Shi, já passou, priminha. — Ele insiste em me chamar assim, não importa o que eu diga.

— Eu não me sinto bem, Pedro.

— Calma, foi o susto, Cris, vai passar. Agora olhe para mim. — Faço o que me pede, vendo-o limpar minha testa e minha boca com a manga da camisa social branca, em uma delicadeza que não condiz com seu tamanho. — Maurício não pode fazer o que disse. Ele não tem esse poder, não interessa como ou com quem fale, ele não pode tirar seu emprego, entendeu? Não vou deixar e duvido muito que Augusto ou Lauro concordem com isso.

— Obrigada. — É o que consigo dizer.

— Venha, vamos entrar, vou falar com Luiz. Hoje *cê* não tem condições de trabalhar, não assim.

— Não, Pedro, já estou melhor.

— Sem discussões, mocinha. Venha. Quero te levar pra fazer um exame também, nada sério, apenas rotina. Temos que ter cuidado, lúpus é uma doença genética e temos que cuidar do seu bem-estar também. — Sou arrastada por ele, sem chance alguma de recusa e me rendo à sua vontade.

Não tenho forças nem mesmo para protestar...



***A solução dos seus problemas
sempre estará à sua frente, dançando
em sua face... você só precisa abrir os
olhos e contemplá-la.***

Está começando a virar um hábito, bem irritante por sinal, o fato de Cristine me dar as costas e me deixar falando sozinho. Se fiquei irritado com a menção de ser esnobado? Nem um pouco e se no fim isso ajudá-la a me perdoar, que me trate até como um rato se quiser. Eu quero apenas o perdão dela, não importa o que tenha que fazer, essa dor dos infernos tem de passar, tenho de me redimir pelas besteiras e estragos feitos.

O tempo que passei hoje com Cathe foi perfeito, tirando Bruno, claro, apesar de ele não ter demonstrado em palavras seu desagrado. Se bem que não precisava, estava estampado em seu rosto todo o incômodo por me ver perto das duas.

Bruno tinha ido almoçar e, quando voltou, sai em seguida deixando a pequena dormindo tranquilamente. Fiquei apreensivo com a facilidade com que está se cansando, terminou o desenho nas últimas, com bastante dificuldade e, assim que se deitou, entrou em um sono profundo, sem nem ao menos comer, disse não ter fome. Se continuar assim, pelo peso que vem perdendo, teremos de usar a sonda nasogástrica, o que seria terrível e

doloroso, tanto para Cathe, quanto para Cristine. É degradante para uma mãe ver um filho assim.

Minha intenção, após terminar minha refeição, é falar com Eric. Olho o prato de Cristine, contendo apenas a borda do pão de forma integral que ela odeia comer, sempre retira tudo. Ao menos veio se alimentar, pela perda de peso visível que vem sofrendo, Cristine também não tem se alimentado direito e isso é algo do qual pretendo cuidar, mesmo que ela não queira. Após almoçar, vou ao meu novo destino — falar com Eric. Me informo na recepção e dizem que ainda não chegou, resolvo tomar outro rumo. Pergunto qual o quarto a Helen e vou direto para lá.

Chego no batente da porta e vejo Tiberius cochilar no sofá. No leito, uma mulher de pouco mais de 24 anos dorme tranquila, com uma expressão serena. Me aproximo dele em silêncio e, quando chego perto o bastante, ele abre os olhos um pouco espantado, desorientado pelo sono.

— Há quanto tempo não dorme, princesa? — pergunto, vendo-o se ajeitar no sofá. Tiberius é um amigo e colega de trabalho, é psiquiatra e, para minha atual situação, nada melhor do que isso.

— Boa tarde pra você também, Rapunzel. Virou fiscal de sono agora? Quer saber que horas fui ao banheiro também? — Sorrio de seu rompante.

— A última parte não me interessa. — Faço cara de nojo. — Preciso conversar, isso se seu humor permitir.

— Quer uma consulta, é isso?

— Não debocha, Berão, o caso é sério, porra.

— Senta aí então, tem que ser aqui, não posso sair do lado da paciente — fala e se senta naquela postura "fale tudo, não me esconda nada" de psiquiatra de filme de terror.

Me sento na cadeira à sua frente. Tiberius tem o cotovelo encostado no braço do sofá e a mão apoiando o queixo. Os olhos fixos em mim, me estudando. Não sei por onde começar e sua cara nada convincente não ajuda. Ele me observa por minutos, eternos minutos, enquanto olho cada detalhe no quarto. Tudo parece bem mais interessante do que falar com ele. Por que é tão difícil falar?

— Bom, eu preciso que diga alguma coisa, ainda não aprimorei o

hábito de ler mentes, é uma habilidade difícil e, até que eu consiga, você terá que usar o método comum de comunicação, Guto. Se não se lembra, é abrir a boca e deixar sua mente trabalhar em conjunto com sua língua.

Infeliz.

— Fala isso para todos os pacientes? — Ele ri.

— Considere-se com sorte, vou tratá-lo como amigo e te aconselhar como médico. Agora desembucha.

Encantador.

Eu falo algumas coisas, não solto tudo, de início, falo apenas o mais importante. Começo em uma postura tímida e ele vai me dando corda para que continue, quando vejo, já disse tudo. Tudo mesmo. Tiberius se mantém calado, sem nenhuma expressão. Nada parece realmente lhe causar espanto. Vez ou outra, apenas arqueia as sobrancelhas. Termino meu relato, ele se mantém calado durante um tempo e continua me observando.

— É isso. Eu precisava falar com alguém, tinha que desabafar e ...

— Certo, entendo — fala, calmo. — Eu tenho uma pergunta, algo que achei curioso em toda a história. Esse tal Bruno, de quem tanto fala e que está bem presente em sua relação, é o que da moça?

— De toda a história foi isso que te chamou atenção? Tá de gozação com a minha cara, é isso? — Ele não responde, continua sério e decido tirar sua dúvida. — Amigo. Quer dizer, eu acho que ainda é amigo, não sei... bom, se consideram irmãos por opção, não, não, irmãos não se beijam... eu... bom aí... pare, Tiberius! Não venha com essa de usar sua psicologia barata, não vai funcionar. Eu sei o que tá tentando fazer e não vai rolar. Não vou tirar conclusões precipitadas, não mais. Quase estraguei a vida dela com isso. Sem falar de dona Vera, a mulher mais doce da face da terra, segundo você. Agora imagine que essa senhora, minha mãe, mal me olhou no café da manhã hoje cedo. Meu pai preferiu abrir mão de tomar o desjejum sagrado logo que acordou, para, como ele mesmo disse, não olhar para minha fuça. Então não. Cristine e Bruno são amigos de infância e só. — O bastardo ri, enquanto sinto meu peito arder. Depois do beijo que presenciei no quarto de Cathe outro dia, não tenho tanta certeza em afirmar isso. Não mesmo e o que eu posso fazer?

— Parece ter aprendido a lição, seu babaca. Como tu fazes uma

palhaçada dessas, Augusto? — ele fala ainda achando graça.

— O que eu faço agora? Você deve ter algum conselho, não?

— Não estudei uma vida inteira pra dar conselhos amorosos, Augusto, pelo amor de Deus, eu sou psiquiatra e não padre, caramba.

— Para de fazer doce, Berão, sei que está doido pra começar a falar como o amor é lindo, amar é doce... e citar Shakespeare ou um de seus inúmeros romances de época. Vá, aproveite que sou todo ouvidos. — O cara é quase uma enciclopédia ambulante.

— Certo, se é o que quer... — O homem à minha frente me analisa e parece realmente pensar se vai falar ou não. Um grande amigo filho da puta, isso sim. — Primeiro, já é um começo o fato de você parar com essa coisa de interpretar ações dos outros como bem quer, meu filho, você foi longe demais dessa vez. Segundo, o ponto é, apesar da loucura que inventou, fez o que fez achando que a moça tinha te contado uma mentira colossal, te traído. É compreensível, não é aceitável, mas compreensível. Terceiro, apesar de compreensível, não quer dizer que ela deva te perdoar, você a magoou demais, Guto, palavras cortam mais que uma faca afiada, fazem feridas que não são curáveis nem mesmo com todo o floreio do mundo. No momento, o melhor a fazer é manter distância.

— Ficou louco?

— Baixa a bola, zangado, e escuta. Você vai estar distante, estando presente. Faça sempre o que puder e estiver ao seu alcance, lhe peça perdão em cada ação que faça direcionada a ela e não só com palavras e, no final, a deixe decidir se o perdoa ou não. É isso.

— E se não perdoar?

— Aí vá lambar suas feridas em outra freguesia, pronto, ou ache um bom romance e afogue as mágoas. Posso até mesmo lhe emprestar algum.

— Reconfortante... sabe mesmo dar conselhos. Tem é sorte de não ser padre, seria uma bosta em conselhos e penitências.

Ele ri, convencido. Eu entendo o seu ponto, já aceitar ... é outro assunto.

— Agora, mudando de assunto, que história é essa de você socando um almofadinha em pleno hospital? Palavras de Pedro e fiquei sabendo pela

rádio fofoca que Lauro não ficou feliz com a confusão.

— Aquela velha fofoqueira já foi tecer crochê pra você? Pedro tem que parar com essa mania investigativa dele, é um saco. Meu Deus! — Ele tem razão e me faz rir com a observação. — Enfim, enfim, é verdade, apenas perdi o controle, devido ao estado de uma amiga. Não vai mais acontecer, depois prometo contar os detalhes.

— Claro, quando quiser. Saiba que ele descreveu a cena como hilária.

Rimos os dois, é a cara do palhaço.

— Nem me fala. Eu perdi a noção, cara, não sei o que me deu. — Eu me levanto.

— Entendo perfeitamente, Berão, tirei diploma esses dias em perder a calma, mas acho que, no seu caso, foi por uma boa ação. Agora tenho de ir, vou falar com Eric, ele já deve ter chegado.

— Claro, ah, vi sua menina outro dia, é a coisa mais linda que já vi na vida.

É inevitável que um sorriso se abra ao ouvi-lo falar de Catherine.

— É sim, perfeita como a mãe — respondo, orgulhoso, como se fosse meu esse direito. Ambos sabemos que não é. — Até mais, Berão, e obrigado.

— Disponha.

Saio do quarto e vou para a minha sala antes de procurar por Eric. Penso em tudo dito por Tiberius e ele tem razão, não é minha intenção me aproveitar da fragilidade de Cristine, não mesmo, não quero assim. Irei cuidar e lhe dar apoio e, quando passarmos por todo esse terremoto... a verdade é que não sei o que fazer depois, nem mesmo agora. Assim que volto à sala, meu celular toca e atendo ao ver quem é.

— Onde você se meteu, idiota? — ela grita no meu ouvindo.

— Não grita, inferno! Isso são modos de falar com o homem que passou a noite com você? Que falta de educação... olhe dona Vera!

— Vá tomar naquele lugar! Você nem me deixou dormir direito, de tanto chorar suas pitangas. — Rio de Ali.

— Diga, Porcelana, o que quer? Pra que esse desespero todo?

— Quero outro ortopedista — fala, emburrada.

— E por quê? Te indiquei a melhor.

— Quero uma que você ou Pedro ainda não tenham comido. Eu sei, eu sei, com essa exigência ficam quase nulas as minhas opções, mas eu repito: quero uma médica que você não tenha enfiado seu presente de grego nela e que não esteja com dor de cotovelo por ser a segunda opção.

— Ali, minha doce Ali, me dê um descanso. Eu estou atolado de coisas na cabeça, por favor, não complica.

— Não complicar? Não complicar? Aquela vadia dos infernos...

— Olha a boca! — Falar isso é como jogar gasolina em fogo alto e ela grita ainda mais.

— Aquela rapariga infernal, Samara, *raputenga*, filha de uma lombriga, veio com conversa fiada pra cima de mim, e adivinha só? Falando mal de Cristine, CRISTINE, AUGUSTO! Aquela mulher não tem senso do ridículo, teve a cara de pau de perguntar se eu era amiga da sua ex, com a cara mais limpa, imagina? E quando disse que era, ela teve o desplante de dizer pra eu me afastar dela, pois Cristine não prestava. — Ouvir isso acorda de vez o meu mau humor adormecido. Já basta as coisas que Cristine disse mais cedo, a merda que ela pensa que falei, e agora essa? Não preciso de Patrícia tentando foder ainda mais com a minha vida, já basta eu mesmo fazendo isso.

— Mas que porra Patrícia acha que estava fazendo?

— Ah, e não foi só isso, não, não foi. Ela achou pouco o que disse e decidiu que era hora de falar de Cathe. DO MEU DOCE DE COCO. Ah, querido, ela não tem noção do perigo, não mesmo e insinuou que voltaria com você. Com você, seu idiota de uma figa. Agora me fale que não tem nada com aquela mulher ou iremos cortar laços, Augusto, e, dessa vez, falo sério. Meu Deus, que carência foi essa pra você meter seu pau naquela coisa nojenta? Ai que nojo! Ai que nojo, Augusto! Homem deixa de comer carne pra comer bosta — ela grita, grita muito.

— Alice! Alice! Eu. Não. Tenho. Nada. Com. Patrícia. Ela só pode ter enlouquecido de vez. Tivemos um caso, se é que pode ser chamado assim. Era só sexo. Ela mesma nunca se mostrou a favor de um relacionamento sério, Ali. Isso se pudermos chamar de relacionamento o que tivemos.

— Deixa de ser burro, homem! Aquela loira oxigenada só disse isso,

pois sabia que você não queria nada sério, não quis te espantar e decidi ceder ao sexo, a fim de te conquistar aos poucos. Ela só não contava com Cristine. Agora eu vou dizer o que vai fazer. — Pronto, agora virei a porra de um moleque que todos dizem o que fazer. — Você vai falar com aquela louca, por um ponto final nisso e vai dizer a ela com todas as letras pra ficar longe das minhas meninas, Guto, senão eu mesma vou arrancar aquelas orelhas dela com os dentes e não tô brincando, Augusto. Se ela acha pouco o que fiz hoje, ela que me teste. — E ela não está brincando, sei disso. A namoradinha de Pedro anos atrás que o diga, e olhe que Ali mal tinha 15 anos. Espere aí...

— O que você fez, Alice?

— Nada demais, ainda. Só deixei a sala dela com uma decoração diferente, alguns vasos quebrados, talvez? E ela teve foi sorte de não ter quebrado uma daquelas coisas ridículas na cabeça dela. — Inferno de mulher do gênio ruim.

— Tá bom, tá bom. Vou falar com ela e você se comporte, não pode sair por aí quebrando salas no hospital, maluca. Já pensou se ela te denunciar? Nem Arthur se dignaria a fazer alguma coisa.

— Até parece, com toda aquela ética da mamãe e honestidade do papai, eu mofaria na cadeia. — Isso é verdade.

— Vou falar com ela hoje mesmo. Não quero Patrícia próxima de Cathe, muito menos de Cristine.

— É bom mesmo ou eu irei arrancar suas bolas. Você não se cansa de fazer tanta besteira, criatura?

— E sua perna? Voltou a doer? — Mudo de assunto.

— Apenas à noite. Depois daquela massagem que você fez de livre e espontânea vontade passou.

Sei... Projeto de demônia.

— Sei, à noite passo aí, posso?

—Awww... Viciou no meu cheiro? Quer dormir agarradinho chorando as pitangas de novo?

— Chorando as pitangas talvez, dormir não. Vou passar a noite no hospital. Levo pizza quando for, vou comprar a pizza doce preferida de

Cristine e compro a sua de camarão.

— Como assim, Cristine? Vocês voltaram? — Se não bastasse toda a gritaria de agora há pouco, Alice solta um grito fino, animada... coitada.

— Não, não voltamos, farei apenas uma gentileza.

— Posso chamar Arthur? Eu peço para ele não trazer Marina. Podemos fazer um programa a três.

— Proposta tentadora. — Ela ri. — Pode. Até a noite, Ali.

— Te amo, apesar de você ser uma anta.

O que uma pizza não faz para quem come feito uma draga?

— Eu também, encrenqueira.

Desligo o celular. Depois de um tempo, sou informado sobre a chegada de Eric e vou à sua sala. Eu o encontro ainda no corredor, em frente ao consultório. Converso com ele, que parece estar mais disposto a falar comigo, respondendo todas as minhas perguntas e falando a situação de Catherine abertamente. E não é nada boa. Eric não tem nenhuma esperança de que ela consiga o transplante antes do fim do ano. Segundo ele, Pedro não estava a par da lista de espera, mas já se informou e ela está gigantesca.

Eric me deixa em alerta vermelho. Sem saber o que dizer, nem mesmo o que pensar. Faço a pergunta que pode acabar comigo, por ter ciência de toda situação. E Eric diz que não está confiante e Cathe pode, sim, vir a óbito. Os últimos exames foram um balde de água fria em cima de todos, sem nenhuma melhora, mas sim a piora considerável do fígado. Por mais remédios que ela venha a tomar, nada parece suficiente e isso acaba comigo.

Depois de passar a manhã com ela e ouvir de sua boca o quanto sentiu minha falta e me ama... não, eu não posso perdê-la. Volto para minha sala, sem nenhuma condição de ir ao quarto de Cathe agora, preciso pensar, preciso urgentemente de uma solução. O pior disso tudo é o fato de Cristine não saber dos exames que saíram há pouco. Depois de falar com ela sobre o transplante, Eric ainda não lhe disse o real estado de Cathe. O que sei é que Cristine não pode perder sua menina depois de tudo o que fez, isso a mataria. Minha pequena não merece tanto sofrimento, muito menos sua mãe.

Antes que eu possa pensar em algo, Pedro entra na sala com uma cara péssima e sujo de... sangue?

— Tem alguma camisa aí? Qualquer uma?

— Isso é sangue? Não sabia que viria trabalhar hoje.

— É. Estava na emergência, Isac não veio de novo, tive de assumir.

— Tem uma camisa aí no armário, pode pegar.

— Eu preciso falar contigo. É urgente, Guto.

— Se é sobre Cathe, não precisa. Acabei de falar com Eric. A não ser que queira me dizer que acharam alguém para o transplante.

— Infelizmente não, é difícil alguém com o mesmo tipo sanguíneo, não é impossível, mas você sabe, é raro e — Eu não ouço mais nada do que diz. Um estalo é dado em minha cabeça, detalhes sendo ligados e eu não posso estar enganado ou ter imaginado tal possibilidade.

— Diabos! Inferno, Pedro! Meu Deus, como não vi isso antes? — Ele me olha, apreensivo.

— Não, de novo não, Augusto.

— Alice! Alice, Pedro! Como não lembrei disso antes? — E não perco mais um minuto sequer, não tenho nem um segundo a perder...



À espera de um milagre...

Estou uma droga. Um zumbi ambulante...

Ontem, depois do encontro horroroso com Maurício, não voltei a trabalhar. Fui com Pedro e fiz alguns exames. Parece que não estou bem de saúde e ele desconfia de uma anemia severa. Disse que estou com todos os sintomas. Me deu um sermão daqueles sobre precisar estar bem para cuidar da minha filha e que ainda ficaria de olho em mim. Muito prestativo e fofo da parte dele, eu diria.

Daqui a três ou cinco dias os resultados estarão prontos e voltarei a me consultar. Pedro fez um *check up* completo, mesmo contra a minha vontade e, para meu alívio, não tocou no assunto "Maurício" de novo. Mesmo assim, antes de sair do consultório, pedi para não contar nada a Augusto e ele apenas confirmou com um leve aceno, não me passando muita segurança. Espero mesmo que não conte, não preciso de mais um maluco no meu pé.

Quando voltei ao quarto, encontrei apenas Bruno cochilando, com Cathe quase debaixo de suas costelas. Ele passou a noite no trabalho, devia estar cansado, coitado. Depois acordou me dizendo que Augusto saiu por volta do meio-dia e desde então não voltou. Bruno não tocou no assunto do porquê de Augusto estar aqui, parece ter me dado uma trégua de seus interrogatórios intermináveis sobre meus sentimentos por ele.

Passei mal o resto do dia, enjoo, tontura e até febre. Tem algo errado

comigo e não é nada bom. Não posso me dar ao luxo de pegar uma virose ou algo do tipo, não mesmo.

Já mais tarde, Augusto chegou à noite, pouco depois de Cathe acordar de seu primeiro sono, com dores abdominais e o restante da noite não foi muito diferente do dia. Horrível. Cathe ficou chorando e vomitando por parte da noite, me deixando com os nervos a mil. Mesmo depois da medicação, ela não conseguiu dormir bem.

Enquanto estávamos acordados, Augusto tentou puxar conversa, dizendo que estava com Alice, como se isso me interessasse em alguma coisa. Parecia até animado, risonho, o que só aumentava minha falta de paciência. Quando, enfim, entendeu que não iríamos virar comadres e contar um ao outro como tinha sido o nosso dia, ele se calou e passamos a madrugada acordados, vendo Cathe choramingando enquanto cochilava, sem falarmos muito.

Estou com medo, muito medo de perdê-la. Não sou cega, posso não querer acreditar que esteja piorando a cada dia, mas, no momento, é impossível negar seu estado debilitado.

Acordo de um cochilo durante a madrugada sentindo um buraco em meu estômago. Um entalo em minha garganta e o enjoo vem com força. Corro para o banheiro me derramando no sanitário ajoelhada no chão. A porcaria da pizza doce que Augusto nos trouxe vai toda embora em espasmos dolorosos.

Minha mão é retirada do meu cabelo e minhas costas recebem um carinho leve com as pontas dos dedos, enquanto tento me recompor.

— Se sente melhor? — pergunta, a voz arrastada.

— Não. — Forço o vômito outra vez, ao abrir a boca para responder Augusto. Ele se mantém comigo enquanto me desmancho em vômito. Pareço querer pôr as tripas para fora.

Quando, enfim, me sinto melhor, solto o sanitário e me sento no chão, me arrastando até sentir a parede em minhas costas. Fecho os olhos tentando acalmar o bolo e a dor ardente na garganta.

— Aqui.

Volto a abri-los e encontro Augusto meio que agachado à minha frente,

segurando uma toalha molhada.

Com mãos trêmulas, pego-a sem cerimônia e a passo no rosto, boca e pescoço. Aos poucos, meu corpo vai voltando ao normal, vou parando de suar frio e sinto o enjoo diminuir. Ele continua à minha frente, os olhos fixos em mim.

— Comeu mais alguma coisa ontem à noite?

— Sua pizza.

— Sentiu enjoo ao comer?

— Não, nenhum.

— Venha! Tome um banho rápido e logo vai melhorar. — Ele me ajuda a levantar segurando meus ombros e beija suavemente minha testa. — Vou pegar alguma coisa pra você comer e alguma medicação. A mistura deve ter lhe feito mal. Já volto. — Sem esperar resposta, ele sai do pequeno banheiro às pressas.

Tomo banho pensando no que Pedro me disse. Farei o que exigiu. Preciso me alimentar melhor, não posso correr o risco de adoecer agora. Não mesmo. Sinto uma cólica leve quando termino o banho. Nada fora do normal, sempre sofro muito com cólica. Troco de roupa e volto ao quarto. Augusto não demora a voltar com uma bandeja repleta de comida, exagerado em tudo como sempre é.

Ele diz que preciso comer primeiro e só depois tomar o remédio ou posso piorar o enjoo. Sem contestar, devoro as torradas e bebo a vitamina que trouxe. Depois de uns dez minutos — bem desconfortáveis em sua presença, me olhando de forma nada comum — tomo o bendito remédio.

— Tenho de sair agora. Ligue pra Silvy e avise que estou indo buscar Alice. Se ela quiser, lhe dou carona também.

— Alice vem para o hospital? — Ele passa a mão na cabeça parecendo confuso.

— Sim, vem fazer alguns exames e uma consulta com o ortopedista.

— Ortopedista?

— Isso, vamos tirar um raio-x de sua perna esquerda. — Tenho vontade de perguntar, mas me contenho. — Vou indo, se precisar de alguma coisa, me ligue.

Como se ele fosse minha primeira opção no caso de precisar de alguma coisa. E confesso que ver Augusto tão próximo e tão gentil e preocupado é como tê-lo de volta e é difícil. Só me pergunto até quando vai durar tudo isso, toda essa sua atenção. Ele volta a sair e eu me deito novamente. Ainda tenho alguns minutinhos antes do trabalho.



No meu horário, deixei Silvy no quarto com Cathe e fui trabalhar. O dia se passou tranquilo e, por volta do meio da tarde, Eric me chamou para conversar, me deixando bem apreensiva. E meu estado só piorou após a conversa. Em outras palavras, ele disse para que eu me prepare, pois não tem boas notícias sobre o tratamento de Catherine e, caso não achemos o doador, ela pode...

Eu me desesperei, gritei com ele, chorei e ainda estou chorando escondida no banheiro da ala onde atendo os pacientes, tentando não aceitar sua sentença. Minha filha não vai morrer, porque eu não vou deixar. Tenho fé o suficiente de que algo de bom irá acontecer para entregar os pontos assim. Segundo ele, estava apenas sendo sincero e me preparando. Que vá ao inferno com toda sua pompa e preparação.

Lavo o rosto com água fria e saio me despedindo de Marta e Helen. Tento me preparar mentalmente para voltar ao quarto de Cathe, enfrentar mais uma noite em claro. Nem se eu quisesse, conseguiria dormir hoje. Respiro fundo antes de entrar e me surpreendo com a risada alta que ouço vindo da própria Cathe. Não só dela, como de Alice e Silvy, todos estão...

— O que é isso? — Minha voz é um grasnado estrangulado, vendo a bolinha de pelo marrom nas mãos de Cathe.

— Olha, mamãe, um gatinho marronzinho e é meu! — Sua animação é grande, imensa.

— Seu? — pergunto, incrédula.

— O tio Guto me deu, e o gatinho não cresce, mãe, ele não é lindo? —

Olho Augusto, que nem ao menos me vê, parecendo mais encantado com o gato do que a própria Catherine. Imbecil.

— É lindo sim, Cathe. Augusto pode vir aqui um minuto? — Ele nem ao menos me escuta. — Augusto? — chamo mais uma vez e ganho sua atenção. — Pode vir aqui um minuto?

— Claro, vamos — fala, ainda rindo.

Augusto deixa um beijo na cabeça de minha filha e afaga o gato antes de seguir para fora do quarto comigo. Ele ainda tem um sorrisinho convencido, quando foca sua atenção em mim notando o desagrado estampado até a raiz do meu cabelo.

— O que foi? Algum problema?

— Deu um gato pra ela?

— Dei, Ali disse que os viu ontem no *pet shop* e fomos até lá conferir.

— E não passou pela tua cabeça me perguntar primeiro antes de gastar uma fortuna em um gato pra MINHA FILHA? — pergunto e ele passa a mão pelo cabelo e pescoço em um ato nervoso, tenho certeza de que só agora cogitou falar comigo sobre o bicho.

— Sim, eu deveria ter dito antes, mas Cathe passou a manhã muito abatida, achei que o bichinho a deixaria mais animada.

— Achou? — Perco a razão. — Foi muita irresponsabilidade sua. Como sempre, esqueceu de pensar antes de agir. Um gato? Um gato aqui no hospital? Você só pode ter ficado maluco, se acha que vou aceitar isso. Arriscar a saúde dela de forma tão irresponsável é bem a tua cara — falo, atingindo-o em cheio pela sua expressão.

— Disso você não pode me acusar! Não de ser leviano com ela, Cristine. Errei, errei feio com você, mas nunca fiz nada que causasse danos à Cathe, que pudesse te fazer desconfiar de todo o cuidado e amor que tenho por ela. Me acuse do que for, eu aceito, só não diga que não me importo com ela.

— Você é uma piada, isso sim. — Ele respira fundo, parecendo buscar o que dizer.

— Lembra que ela nos pediu um gatinho que não cresce? Então... é esse, e é uma raridade encontrar um gato siberiano dessa cor, não pensei

muito quando o achei, só queria que ela se sentisse em casa, apesar de estar em um hospital há tanto tempo. — Levo a mão às têmporas, tentando aplacar a dor que venho sentindo desde essa manhã.

— Ela pediu e eu disse não, conversamos sobre dar o gato a ela e decidimos que não daríamos, não era o momento.

— Não. Você gritou comigo quando eu disse que compraria pra ela e disse não, mas eu não concordei. Não faz mal ter o gato aqui, Cristine, é só por algumas horas, para deixá-la mais animada e ajudá-la a ficar mais tempo acordada, a comer. Já providenciei tudo.

Eu já não estou em mim nesse momento.

— Sabe por que eu disse não e não quis saber se você concordava ou não comigo? — Ele nega. — Porque sua opinião não me interessa em nada. Pare, só pare, Augusto. Não aja como se fosse o pai dela, você não é. Não é nada, na verdade, só o cara com quem a mãe idiota teve a infelicidade de se relacionar, só isso. Pare de agir pelas minhas costas, de ocupar um lugar que não é seu e nunca vai ser. Cathe já teve um pai e ele morreu, ela não precisa de outro, muito menos de um que seja você, droga! — Minha voz está alterada, eu estou alterada, me sentindo frustrada, impotente, uma ninguém.

Ele não diz nada, apenas me olha estranho, não apresentando nenhuma emoção, a não ser espanto e o rosto bem esculpido se tingindo de vermelho, até por fim responder:

— Certo, tem razão, me desculpe. Não achei que minha ação causaria tamanho desconforto e agora vejo como errei. Levo o animal para minha casa e trago apenas por alguns minutos durante o dia pra ela ver. Isso, se você permitir. Com licença.

— Sabe qual o problema, Augusto?

— Não...

—Você nunca acha, nunca acha nada e esse é o seu problema.

Ao me ouvir, ele sai de cabeça baixa e volta ao quarto.

Me deixo ceder, me encostando na parede fria atrás de mim, contemplando minha bagunça. Acabo de descontar meu desespero e frustração nele. Quem sabe agora ele entenda de uma vez por todas que acabou e se coloque em seu lugar.

Fico alguns minutos fora no corredor e, quando volto a entrar, Augusto não está mais aqui, somente o gatinho do tamanho da palma de minha mão dormindo agarrado ao bracinho de Cathe, que também dorme. Silvy me olha com pena e Alice, bom, essa tem cara de quem vai desabar em choro a qualquer momento. E não é difícil saber que está chateada comigo, sua feição não me engana, ela ouviu a discussão. Perfeito, era tudo do que eu precisava!

Ignoro sua cara e entro no banho. Isso não é algo pelo qual eu possa me desculpar com ela. Amanhã penso sobre isso.

E aqui, mesmo não querendo, a imagem que tenho em minha frente é a do rosto congelado de Augusto desmoronando ao lhe dizer que ele não significava nada para ela. Isso faz meu coração se apertar, mas é tarde para voltar atrás. É tarde para tanta coisa...



***Dores que curam, elas existem e
pode, sim, haver esperança.***

Ela tem razão. Não tenho esse direito, nunca tive e nem fiz por onde ter.

Hoje à tarde fui com Alice à loja, procurar os gatinhos que ela tinha visto no dia anterior e, quando achei a espécie que Catherine tanto pediu, não pensei em outra coisa senão proporcionar a ela esse presente. Uma pena causar o efeito oposto na mãe. Volto ao quarto e, da porta, chamo Alice para irmos embora. Ela traz o gatinho dormindo em suas mãos, parecendo estar em seu lugar favorito, aconchegado a ela. Olho uma última vez a pequena ressonando baixo na maca e, após nos despedirmos de Silvy, vamos para saída do hospital.

Entramos no carro e logo estamos no trânsito. O tempo todo nos mantemos calados, ouvindo apenas os fungadinhos de Alice. Não estou para conversa e ela sabe bem disso, uma pena não conseguir se segurar por muito tempo.

— Fale comigo, eu não tenho culpa — diz, chorosa.

— Sei que não e não disse que tem.

— Devia ter dito a ela — fala, cautelosa. — Eu sei que Cristine está

passando por um momento muito difícil, sei mesmo, Augusto, mas...

— Não, Alice, não piore a situação. Cristine está com a razão. Você é minha irmã, me ama e por isso está dividida, eu entendo. Mas se for escolher um lado, escolha o dela — falo e a manteiga derretida ao meu lado limpa os olhos.

— Eu amo os dois e não gostei da forma como ela falou com você, se você tivesse dito...

— Alice!

— Tá bom! Eu paro. — Ela se cala pela graça de Deus... — Me calo é uma ova. Você está tentando, do seu jeito, mas está. E tudo seria mais fácil, se você não fosse tão teimoso e contasse a ela sobre Isabel e sobre...

— CHEGA! Não contei e não vou contar, meu passado não justifica meus atos ou o presente, Alice. Não a quero por pena ou culpa. Quero muito minha mulher de volta, mas não assim, não por gratidão, já foi doloroso o suficiente uma única vez. E você também não vai dizer nada a ela, não vai se meter. Não tenho mérito algum em nada e é bom entender isso de uma vez. Já falamos sobre o assunto ontem à noite, achei que tinha entendido.

Alice tem cara de choro e seus olhos já mudam de cor, inundados por lágrimas. Por incrível que pareça, ela se cala até chegamos ao prédio. Ela está chateada comigo e com razão, não deveria ter gritado com ela.

— Desculpe, Porcelana, não quis gritar — falo, assim que entramos em seu apartamento.

— Tá tudo bem, Guto. É só que dói ver vocês dois assim, só isso, e eu queria poder ajudar em alguma coisa.

— Ei, venha aqui. — Eu a abraço apertado. — Já está ajudando, na verdade, está sendo excepcional, primordial em todo esse inferno. — Ela faz cara de falsa modéstia.

— Vai mesmo entregar o Tutu?

— Quem é Tutu?

— O gatinho. Cathe disse que ele se parece com Arthur, por isso demos o nome de Tutu!

Sorrio da minha irmã, que mais parece uma criança com olhos rasos de água e com pena do gato, ou de mim, não sei bem.

— Não. Vou deixar com você e levá-lo para vê-la todos os dias. Depois vemos o que fazer.

— Já tá indo? Não quer dormir aqui?

— Não, tenho que ir. Cuide do Tutu para mim. — Eu lhe beijo a testa e vou em direção à porta. — Boa noite, Porcelana.

— Boa noite, vai dar tudo certo, Guto.

Aceno, fecho a porta atrás de mim e mentalizo para que tenha razão. As coisas têm mesmo que dar certo ou não saberei mais o que fazer. Penso em voltar ao hospital, mas não para o quarto de Cathe. Duvido muito que Cristine me queira ao seu lado, mesmo que seja para ajudá-la. Tento não pensar no que disse, mas é quase impossível. Suas palavras entraram em mim e estão fazendo um sério estrago. O que foi dito é um breve prenúncio do que vai acontecer quando Catherine estiver completamente curada. Distância, uma distância quilométrica.

Olho a porta em frente à de Alice e um pensamento suicida me vem à mente. Antes que a lucidez me assalte, estou tocando a campainha de Bruno. Loucura? Eu sei. Toco duas vezes e Bruno abre a porta. Para minha tristeza, só de cueca. Filho da mãe! Me pergunto quantas vezes deve ter feito isso com Cristine.

— Não tem roupa limpa? — pergunto e o bastardo ri.

— Acho que está no apartamento errado, doutor, sua irmã mora naquele ali — fala e aponta para o apartamento em frente.

— Eu sei, vim falar com você. E não vou sair daqui até que me deixe entrar.

Bruno fecha sua expressão e coça a nuca.

— Tem certeza? Acabei de chegar de um turno difícil e a tua cara feia não tá me agradando muito.

— É sobre Cristine. — O nome dela causa o efeito esperado. Bruno indica com a cabeça para que eu entre e o faço de imediato, me perguntando se estou agindo direito.

— Espera aí, já volto. — Ele sai, sumindo pelo corredor. Depois de dois minutos, volta vestido e me indica o sofá para que eu me sente. Nego e continuo em pé.

— Fale rápido. Ainda tenho de dormir antes de ir para o hospital.

— É bem simples. Na verdade, quero sua ajuda em relação a Cristine.

— Bruno ri na minha cara.

— E por que eu faria isso?

— Sinceramente? Não sei, não sei nem porque estou aqui. Acho que é desespero, talvez. — E é exatamente isso!

— Caiu na real? — pergunta, se divertindo com a situação. — Eu não sei o que fez com ela após aquele episódio no apartamento dela, Cristine não me disse, mas posso te dizer algo que sei bem: ela não vai te perdoar. Fez merda e, pela tua cara e pra ter vindo aqui, foi das grandes. Me diga, agora fiquei curioso, o que foi que você fez?

— Não vem ao caso.

— Não concordo. Sabe, Cristine tem um gênio do caralho, mas isso você já deve saber. Ela é a melhor pessoa que conheço, tem um coração gigantesco, uma amiga e tanto, sabe perdoar... O problema é que, quando decide que não vale a pena, não volta atrás.

— Ela ainda me ama? — Escuto as palavras pularem da minha boca.

— Não deveria, mas, sim, ela ainda te ama. Cristine tá tentando te esquecer e se convencer de que não te ama, mas, pelo jeito, tu é um cara de sorte e entrou mesmo no coração dela. Uma pena não ter dado valor.

— E pelo jeito você está bem satisfeito com isso, ou estou errado? — Bruno abre um sorriso debochado, é hora de saber se ele realmente tem interesse nela.

— Não, não estou, pois a vejo sofrendo por você. Eu disse que não dariam certo, que você não era homem pra ela. Mas, como pode ver, não fui ouvido.

— E quem é o homem certo para ela? Você?

— Não, também não. Não que eu não tenha tentando, mas não há absolutamente nada entre nós. Não sou capaz de lhe dar o amor que merece e, acredite, já me amaldiçoei muitas vezes por não conseguir amá-la como mulher. Qualquer homem que tivesse Cristine seria um felizardo. Mesmo assim, ainda me considero com sorte por tê-la como irmã.

Não nego o alívio em meu peito ao ouvi-lo e chega a ser vergonhoso tal

sentimento.

— E então? Vai me ajudar?

— Não — fala sem pensar muito.

— Quer o quê? Que lhe implore?

— Seria bem interessante, mas, não, não quero. É como disse, não acredito que seja homem pra ela. Não confiou quando foi preciso e ainda fez sabe-se lá o que com ela. Não vou te ajudar, doutor, pode dar meia volta e voltar para o buraco de que saiu.

— Sabe que eu a amo, não sabe?

— Sei sim. Seu desespero tá escrito na tua testa. Até admiro sua coragem de vir aqui. — O filho da mãe tem um sorrisinho zombeteiro enquanto fala comigo, como se não fosse nada ou estivesse falando do tempo. — Vá pra casa, Augusto, nós dois sabemos que seu amor não foi maior que seu orgulho. Agora não adianta chorar pelo tiro perdido.

— Isso eu não posso fazer, não dá para aceitar que a perdi.

— Sabe, quando eu soube o que Cristine tinha começado a fazer, quis estrangular aquele pescoço fino e delicado com minhas próprias mãos. Mas logo depois, ao ver melhor seu desespero e ver Cathe pela primeira vez, entendi que minha menina não precisava de julgamentos, mas sim de apoio e isso eu poderia dar a ela de sobra. Aí o tempo passou, ela parou com tudo e vocês dois começaram a namorar. Um dia Cristine entrou por aquela porta desesperada porque ia com você para um almoço de família. Ela queria te contar, estava surtando e queria saber o que eu achava. Disse a ela que não precisava dizer nada, afinal, qual era a chance de você saber, não é? O passado era dela, uma história que só pertencia a ela. Se a amasse o suficiente, o passado não teria importância. — É com essa última frase que ele termina de espezinhar minhas esperanças.

— E eu fui o idiota que provou que estava certo.

— Exatamente, agora é tarde, doutor. Só voltou atrás porque ela te contou o motivo de vender o próprio corpo e não por perceber que a ama mais que a você mesmo. E eu entendo, sério, entendo mesmo, fica aceitável quando se sabe de toda a história, não é?

— Eu passei o inferno nos últimos dias, Bruno, me segurei pra não a

tomar em meus braços e pedir que ficasse comigo, na verdade, quase o fiz. Mas agora é ela quem não quer e eu não sei mais o que fazer com isso.

— Sinto muito, cara, mas não posso te ajudar. — Ele se levanta indicando que a conversa acabou e me dirijo até a porta. De fato, foi um erro vir até aqui e, antes que eu possa abri-la, sua voz me alcança. — Cristine adora rosas vermelhas e girassóis, de preferência os dois no mesmo arranjo. O pai dela dava pra dona Catarina quando eram vivos e as flores sempre eram entregues aos sábados. Nunca entendi o porquê, devia ter algo a ver com um tipo de tradição de casal ou familiar.

Quando entendo aonde quer chegar, sorrio comigo mesmo.

— E que fique claro que eu não disse nada disso a você. — Me dou por satisfeito.

— Obrigado...



*Será amor? Talvez seja apenas
confusão de uma mente carente...*

Acordo estranha, dormi pouco essa noite, tendo pesadelos terríveis; por outro lado, Cathe dormiu bem. Acordou algumas vezes durante a noite, mas não reclamou de dores, apenas do gosto amargo na boca. Levanto logo cedo e tomo banho, me arrumando em seguida para o trabalho. Quando Cathe acorda, faço o mesmo, lhe dou banho e troco sua bata. Ela me surpreende ao tomar banho sem reclamar; segundo ela, tem que estar cheirosa pra receber Tutu, o gato. Penso no bichinho e constato que Augusto deve ter gastado uma nota preta com aquela coisinha peluda e linda.

Coloco Cathe sentada na cama na intenção de pentear seus cabelos. Percebo então que não tem muito o que pentear, mais cedo ou mais tarde teremos de cortar.

— Amor da mamãe, o que acha de cortar o cabelo?

— Hum... não quero. Quero ele grandão como o da *Rapunzel*. — Respiro fundo, sentindo um aperto de pena, ela ama o cabelo grande.

— E se a mamãe cortar também? — falo e ela me olha, apressada.

— O seu também tá caindo?

— Não, amor, é que assim poderemos ficar iguaizinhas. — Ela franze o

nariz e eu tenho vontade de apertar a pontinha arredondada.

— Gosto do seu cabelo, mamãe, e do cheiro dele também, não corta não. Você fica linda, linda, com ele assim. — Sorrio para ela, sentindo o coração afogar em meu peito ao contemplar seu olhar de admiração para mim.

— Tá bom, mas temos que cortar o seu, pequena. Que tal deixar um corte como o da *Branca de Neve*? — Ela sorri.

— Ai, mamãe! E eu vou ganhar os sete anões? — Os benditos sete anões de novo. Ela cismou com eles certa vez em uma loja no *shopping*, não comprei, mas ela nunca esqueceu os sete anões falantes de brinquedo.

— Podemos ver isso. — Ela bate palmas, rindo e me puxa para um abraço.

Percebo seu rosto mais fino e suas olheiras mais profundas essa manhã. Isso acentua minha preocupação. Deixo-a com Silvy logo depois e vou trabalhar.

Na hora do almoço, volto ao quarto e, como pedi a Nara — uma amiga e cabeleireira —, ela já está no hospital para fazer o corte no cabelo de minha menina. Quando entramos, Augusto está com ela montando um quebra-cabeça. Ele não diz nada além de um cumprimento breve e não me olha diretamente, apenas observando tudo do canto do quarto. Não perdi os olhares de Nara direcionados a ele, que por sua vez parece não notar.

Depois de pronto, o cabelinho da minha Cathe fica acima do ombro, bem curtinho, mais volumoso. Aquele *chanel* quadradinho que mostra todo o pescoço, com uma franjinha na testa. Cathe passa a mão pelos fios e parece não gostar, faz bico até. Droga!

Nara tira um espelho médio de sua bolsa e dá a ela, falando como ficou linda com o corte novo.

— E aí, gostou? — pergunta e Catherine olha para mim, como se pedisse permissão para falar. Confirmo para que fale.

— Não. Desculpa, moça — responde e esconde o rosto entre as mãos.

Nara me olha sem jeito, com vergonha. Como se fosse culpa dela. Não é, o meu bebê é que gosta de cabelos compridos. O problema é que não tinha como continuar como estava. Me agacho em frente a ela, que está sentada na

cadeira e coloco as mãos em sua perna.

— Cathe, filha — chamo e ela nega, sem me olhar. — Anda, amor, vamos pentear o cabelo pra você ver como ficou lindo. — Ela não me dá moral alguma e até funga quando chamo mais algumas vezes. Ela vem mostrando um comportamento bem sensível nesses dias no hospital.

— Corta cabelo masculino, Nara? — Augusto pergunta, fazendo nós duas olharmos para ele e Cathe abrir brechas entre os dedos pra poder vê-lo. Espertinha! — Preciso cortar o meu e ando sem tempo, como está aqui, penso que será melhor aproveitar o momento — fala sem ênfase.

— Não atendo homens, meu bem, mas pra você faço uma exceção.

Tenho vontade de revirar os olhos para o jeito oferecido com que fala e, para completar, Augusto sorri, sedutor...

— Vai cortar muito, tio? — pergunta a criança que estava emburrada, agora muito curiosa.

— Vou sim. — Ela sorri para ele e se ajeita na maca.

— E eu posso ver?

— Claro. Pode até escolher como quer que eu corte, se quiser. — Cathe parece pensar, pensar bem.

— Gosto do cabelo do tio Bruno, mas é muito curto pro senhor. Pode ser como o *Flyn*? O *José Bezerra*?

— Claro. Vamos de *José Bezerra*, Nara. — Ele fala se sentando na cadeira.

Fico meio sem saber o que dizer. Nara procura no celular quem é esse Bezerra e descobrimos que é do desenho *Enrolados*. Sorrio ao constatar que Augusto faz isso por ela, para tirar o foco do cabelo curto. Sei o quanto ele gosta de seu cabelo mais comprido como está e o ciúme que tem dele. Já chegou a me dizer, certa vez, que em toda a cidade só tem uma pessoa capaz de colocar a mão em seu cabelo e deixar como ele gosta. Segundo ele, seu cabelo é grosso, meio rebelde e curto não fica quieto, não é como o de Arthur.

Ele mantém a cabeça baixa, braços cruzados em frente ao peito e pernas esticadas uma sobre a outra. Os ombros eretos, o que é uma demonstração clara de seu desconforto, e seu gesto faz um rebuliço em meu

estômago, não nego.

Nara começa o trabalho, enquanto eu e Cathe observamos tudo sentadas na cama, abraçadas. Quando termina, temos um Augusto bem diferente. O corte é curto, deixando um tipo de franja masculina na frente, como quis Cathe. Nara pega o espelho e mostra a ele, que parece não gostar muito, mas disfarça muito bem. Melhor do que Cathe, ao menos não fala que não gostou.

— Ficou bom, pequena? — pergunta pra Cathe, que parece superanimada.

— Ficou lindo, tio. Muito lindo mesmo, agora estamos parecidos — fala e ele sorri, orgulhoso.

O exemplar masculino continua bonito, diferente, mas, ainda assim, muito bonito. Confesso que prefiro como antes, gosto de seus cabelos mais compridos, combina com ele.

— Bom, eu estou indo e espero que se acostume com o cabelo, lindinha — Nara fala com Cathe e se volta em seguida para Augusto. — Se quiser, aqui está meu cartão. Caso goste do corte, pode me ligar e marcar um horário quando quiser — Nara fala muito prestativa, por sinal.

Ele apenas confirma pegando o cartão e guardando em seu bolso. Sai minutos depois do quarto prometendo a Cathe voltar em alguns minutos. Nara parece satisfeita com seu trabalho e logo arruma suas coisas para ir embora, quando vou pagá-la, ela afirma já ter recebido dele. Foco então em arrumar a bagunça que ficou pelo quarto, deixando tudo limpo depois de alguns minutos. Almoço no quarto junto da minha menina e lhe dou mais um banho para tirar os vestígios de fios de cabelo dela. Quando Silvy volta de seu almoço, vou trabalhar. A tarde será bem cheia.

No fim das contas, deu tudo certo. E depois de hoje, de seu gesto com ela, sinto um pouco de culpa pelo que disse ontem a Augusto. Foi no ápice do momento, eu estava uma bagunça enorme, com sentimentos presos e ... só tinha ele como saco de pancadas, essa é a verdade.



Os próximos três dias se passam em uma espera agonizante e frustrante, tudo ao mesmo tempo.

Catherine parecia mais animada ontem à noite depois que voltei do trabalho, fiquei até mais aliviada. Ela estava realmente animada e tagarelando sobre o "Tutu". Sim, o gato. Como Augusto tinha me dito, ele trouxe mesmo o bichinho para ela ver todos os dias. E sempre quando chego ao quarto, ela tem uma novidade para contar, de como ele anda, como ele mia e como o bichinho adora Augusto.

Já hoje, ela está mais quieta e não aceitou apenas Silvy como acompanhante, teve de ser Augusto. Ele estava no hospital e não foi difícil ceder a vontade dela, como sempre fez. Segundo ele, Antony voltou de férias e, como ele tirou as do outro médico, pediu dois meses a Lauro. Tinha férias atrasadas e precisava tirá-las, assim teria mais tempo de ficar à disposição dela. Isso foi o que disse a Silvy, pois não chegamos a trocar informações depois da discussão que tivemos.

Ele não tocou no assunto "nós" novamente, parece mesmo ter entendido o recado, que realmente acabou e está fazendo exatamente o que pedi: mantendo distância. Sempre quando chego, ele me cumprimenta e logo vai embora ou se afasta. Não dorme mais no pequeno sofá, como vinha fazendo todas as noites. Chega sempre depois que vou trabalhar e vai quando volto. Fiquei sabendo pela rádio fofoca que ele passa a noite no hospital. Onde? Eu não sei. Não me pergunte se estou satisfeita com isso, eu não saberia responder. Estou uma confusão ambulante.

Sua família tem me dado um apoio tremendo, como se fosse a minha própria e eu agradeço muito por isso. Sinto falta disso: família, amor fraternal. E de certa forma, eles me dão esse afeto. Dona Vera tem feito visitas regulares com dr. Otávio e nenhum dos dois toca no assunto Augusto, o que agradeço. Arthur nos fez uma visita também, assim que voltou de São Paulo ontem e eu agradei mentalmente por ele não ter trazido a noiva. Alice

e Pedro também vieram todos os dias.

Já passa das 7h da noite e ainda estou esperando por ela. Alice ficou de me trazer uma peça de roupa para que possa me trocar e tirar o roupão que visto. Acabei de tomar banho, achando que estava mesmo chegando e até agora nada. Ela vem me fazer companhia e, de quebra, me trazer algumas coisas que Silvy esqueceu pela manhã. Assim que termino de olhar a temperatura de Cathe, Alice entra no quarto como um furacão, parando de falar alto quando vê Catherine dormindo. Na verdade, Cathe tem passado o dia todo assim. Dormindo.

— Ah, graças a Deus, estava com vergonha de alguém aparecer e me ver assim. Eric daqui a pouco aparece por aqui para fazer a visita.

— Então cheguei na hora certa, preciso mesmo ver um homem bonito, limpar as vistas, sabe? Por que, vamos combinar, que Deus grego é aquele, Cris? Uma tentação, pra um homem daquele eu me abria fácil...— Sorrio de seu estado lamentável de excitação pelo homem.

— Ele é lindo, sim. Mas, Alice, confesso que, no começo, quando nos reencontramos, achei que tinha uma quedinha por Pedro, mas depois fiquei sabendo que são primos. — Ela bufa, em desdém.

— Não somos primos, não de verdade. De qualquer forma, você estava errada, não tenho uma queda por ele, nem ao menos um tropeção de dedo mindinho, se quer mesmo saber. Um traste em minha vida já foi suficiente. Agora vá se trocar, esse seu roupão minúsculo não tá ajudando muito, né? — diz, risonha.

— Sei... eu acho Pedro legal, se você quiser saber, um príncipe.

— Só se for o príncipe dos cavalos! Não se engane com Pedro, Cristine, aquela coisa arrumadinha e a fachada de médico atencioso pra ele é *hobby*, aquilo é bruto como um peão. Agora vá, mulher. — Não entendo o que diz, acho de verdade que Pedro é uma das melhores pessoas do mundo, sem falar em sua gentileza e dedicação.

Apesar de querer retrucar, faço o que diz. Alice está apressada, estranha mesmo, com olhos vidrados na porta o tempo todo. Pego a bolsa de sua mão, entro no banheiro e ... não acredito. Mas que merda... Procuro por mais roupas e não tem nenhuma, nada além de um vestido de festa azul marinho, estilo tubinho. Merda! Será que Silvy não estava em casa? Eu a chamo, mas

ela não me responde e visto assim mesmo, já que é a única coisa que tenho, claro, junto da porcaria de uma calcinha preta de renda, fio-dental.

Eu odeio fio-dental.

— Ali? — eu a chamo e, ao contrário de antes, ela me responde quando me vê. — Por que não trouxe algo mais confortável para eu dormir? Achei que Silvy tinha separado tudo — falo saindo do banheiro.

— Ah... acho que ela me entregou a bolsa errada então, não é? Que pena, mas ficou lindo em você. — Essa carinha dela não me engana.

Antes que eu possa perguntar, um cheiro bom, conhecido, vem às minhas narinas. E como se ele tivesse um imã me puxando em sua direção, me viro, encontrando Augusto parado na porta, me observando.

— Boa noite! — fala com sua atenção em mim. Seus olhos percorrendo todo o meu corpo de forma lenta e minuciosa.

Ele está perfeito em uma camisa social *slim* de mangas compridas, na cor marsala, e calça jeans escura. O cabelo curto bem alinhado, molhado ainda, e o perfume inconfundível chegando até mim. Tenho de me segurar para não fechar os olhos e inspirar todo seu cheiro. Aquele de que tanto gosto.

— Vai sair? — É a pergunta dele para mim.

— Não, sua irmã trouxe minha roupa errada. — Ele apenas acena com a cabeça, não que isso lhe interesse...

— É bem a cara dela, vamos, Ali! — Volta sua atenção para irmã, que nos olha rindo como uma louca, tentando fechar os dentes quando prendemos os dois a atenção nela.

— Ah, Guto... — Seu rosto muda radicalmente quando fala com o irmão, parecendo querer chorar, usando uma voz melosa que desconheço. — Eu esqueci de te dizer. Estou numa diarreia terrível, sabe? daquelas que você não consegue sair do sanitário. Você nem imagina, estou tendo um dia de rainha, acredite, por isso me atrasei, Cris. — Olho pra ela sem entender bulhufas. Que droga de diarreia é essa? A mulher estava ótima agora há pouco.

— Alice, se está com diarreia deveria estar em casa, não? E se passou o dia mal, por que diabos não me avisou? — ele pergunta, desconfiado. Olho

para ela esperando também a resposta.

— Eu comecei a sentir agora à tarde e achei que ia passar, vim pra cá pra te esperar, mas, hum... — Ela faz uma careta e aperta a barriga. — Já estou sentindo dores de novo. Nossa, Augusto, eu tô mesmo mal, sabe? — Augusto nega com a cabeça, o rosto fechado. — Mas, como já fez a reserva, Cristine pode te acompanhar, né, Cris? E olha só, no fim das contas, o vestido servirá pra alguma coisa.

Que cachorra mentirosa, mal a espero terminar.

— Não, obrigada, Alice. Vou ficar com Cathe e comer algo por aqui mesmo. — Augusto não parece nada satisfeito com a situação e apenas confirma, mudo.

— Eu vou indo, Alice, se cuide. Isso se estiver mesmo sentindo alguma coisa...

— Que injúria, Guto — fala e entra na frente do irmão. — Ei, espera aí, mas de jeito nenhum que você vai jantar sozinho. E você, Cristine, me disse agora há pouco pelo celular que estava morrendo de fome e queria comer algo que não fosse comida de hospital.

Olho feio em sua direção, como olho para Cathe quando fala demais em público.

— Alice, eu não... — E ela não me deixa terminar.

— Vai sim, eu trouxe minha sandália de salto e, como não vou usar, ela vai te servir, usamos o mesmo número. — Aparentemente a dor passou, pois ela começa a falar como uma radiola quebrada, quase não entendo o que diz. — Ah, cunha, não me olha assim, tem que sair um pouco daqui, vai ser bom. Vou ficar com Cathe o tempo todo, não se preocupe e, de quebra, ainda vejo o gostoso do Eric. Agora venha, calce a sandália. — Olho Augusto vermelho como uma pimenta na porta, com cara de poucos amigos, e tenho vontade de dar na cara dele e de sua irmã, essa louca maquiavélica do caramba.

— Não, Alice, hoje não tenho clima pra sair, desempate seu irmão e deixe-o ir.

Ela revira os olhos.

— Alice, Cristine tem razão, vou indo. Boa noite, Cristine, e depois conversamos, Alice — Augusto fala incomodado, depositando um beijo na

testa de Cathe, depois vai em passos largos em direção à porta e conseguiria sair bem rápido, se a irmã tivesse deixado.

— Não e não. Cristine, pense que você precisa comer, disse que abusou da comida do hospital e também do *fast-food*. O que custa você sair, comer e voltar? — Sobre a comida ela tem razão, não aguento mais nem mesmo o cheiro, daí a sair com ele... antes que eu me arrependa, tomo minha decisão.

— Me dê logo as sandálias...

Ela me entrega as sandálias com um largo sorriso e eu entro no banheiro me preparando mentalmente. A noite vai ser longa...



***Como deixar ir quem se ama?
Quando conseguir fazer isso em prol
de alguém, você descobrirá o que é
amor. Isso é amar, é saber quando
abrir mão, amar tanto o outro e
acabar por compreender, desejar que
ele seja muito feliz, mesmo não sendo
ao seu lado... isso sim é saber amar!***

— Eu vou te matar, Alice. Eu pedi pra não se meter, cacete, qual o seu problema, garota? — Augusto fala baixo, mas não o suficiente para que eu não ouça do banheiro.

— Guto...— Alice tenta falar dengosa, mas ele a corta.

— Reze, demônia, reze. Porque quando voltarmos e eu descobrir que não existe nenhuma diarreia, vou te espremer até sair todo o seu rabujo, você vai saber o que é estar mesmo colocando as tripas para fora, sua golpista de araque. — Essa última parte sai tão baixo que tenho de me esforçar para ouvir.

— Ah, vai... E queria o quê? Se dependesse de você e de toda sua lerdeza, ela iria acabar te esquecendo e não te perdoando nunca. E quer saber? Você não merece minha ajuda e deveria me agradecer pelo que fiz

hoje. — A voz de Alice soa magoada.

— Você não... — Saio do banheiro interrompendo a discussão.

Augusto está tão perto de Alice, que é capaz de cumprir com o que disse há pouco. Os dois param de se enfrentar e me olham sem jeito.

— Estou pronta. — Tento não rir da cara e da cor vermelha que tomou o rosto de Augusto. Enquanto Alice permanece no mesmo lugar de braços cruzados batendo o pé no chão, impaciente. Ela não existe.

— Cristine, se não se sentir à vontade com a situação, não precisamos ir. Compro algo diferente, que esteja com vontade de comer, não tem problema — Augusto fala nada à vontade.

— Tudo bem, podemos ir, já me arrumei mesmo. — É aí que seu foco muda e ele me olha de cima a baixo, engolindo em seco, e assente em concordância.

— Você está perfeita por falar nisso. — Meu coração traidor parece querer sair do peito quando as palavras saem de sua boca, fazendo aquelas velhas mariposas voarem novamente. Mas a sensação logo é engolida por lembranças e pelo momento que vivo com minha filha.

— Obrigada — respondo a ele e me volto para Alice. — Se tiver algum problema com Cathe...

— Eu ligo, pode deixar. Mas não vai ter não, pode ir tranquila e divirtam-se. Sou uma ótima babá e adoro crianças — responde com um sorriso convencido no rosto. Apesar de toda minha preocupação, me permito ir tranquila, confio nessa maluca desmiolada.

Não perco o olhar de Augusto para ela, que bufa em desdém e não duvido de que ele cumpra com a promessa ao voltar. Ignoro os dois e vou em direção à porta, seguida por ele e, já no elevador — acredito que devido ao silêncio desconfortável —, Augusto decide puxar assunto.

— Você emagreceu, digo, emagreceu bastante — fala sem me olhar diretamente, as mãos nos bolsos e a cabeça baixa.

— Sim, não ando muito bem do estômago.

— Pude perceber. Acho que tem a ver com a comida, o cardápio do hospital não é dos melhores. É melhor se cuidar mais, não que já não faça isso, sei pelo que tem passado com Catherine, só não se esqueça de que sua

saúde é muito importante também — ele fala sem jeito e bem rápido, sem graça até.

— Não precisa se preocupar com minha saúde, Augusto. Sei me cuidar, deveria se preocupar com a sua, também emagreceu. — Eu não quis ser grossa, mas foi exatamente como soou.

Ele se cala e parece desistir de puxar assunto sobre minha condição física e eu também não faço muita questão de falar. Vamos calados até a saída do hospital, em um clima desconfortável para nós dois. Ao chegar no estacionamento, procuro por seu carro e não encontro, então o sigo até um *Corolla* branco no final da fila de carros, me surpreendendo quando destrava o carro e abre a porta do carona para mim. Me lembro bem do quanto odeia carros baixos, ainda mais quando se trata de um sedan. Depois que entro, ele se coloca no lugar do motorista ao meu lado e afivela o cinto.

— Cadê seu carro? — antes que possa conter minha curiosidade, faço a pergunta e Augusto me olha de esguelha antes de ligá-lo.

— Bati com ele esses dias — fala naturalmente, como se bater um carro não fosse nada demais

— Quando?

— Já faz alguns dias. Podemos ir? — me pergunta desconfortável, claramente querendo mudar de assunto.

— E não tem conserto? — Ele levanta uma sobrancelha. — O carro — explico ao ver sua postura defensiva.

— Um cachorro atravessou a rua em uma via direta e sem restrição de velocidade. Para não bater no animal, tirei o carro da pista. Estava em alta velocidade, não vi a lombada na minha frente e saí da estrada, capotando cinco vezes. O carro deu perda total — fala sem me olhar diretamente e de má vontade, o que me deixa confusa.

Quando foi isso afinal? É a pergunta que quero muito fazer e, apesar da preocupação, me contenho e só aí me lembro dele mancando de uma perna poucos dias atrás, o que me leva a pensar que não faz tanto tempo assim.

Não falo mais nada, me mantendo calada, e ele também, mas a imagem de Augusto capotando o carro faz meu estômago embrulhar, ele poderia não estar mais aqui. Olho para ele de esguelha e parecemos dois completos

estranhos sem nada em comum, como se na verdade não conhecêssemos cada centímetro do corpo um do outro. Como se já não tivéssemos nos perdido em momentos de pura paixão e loucura. As incontáveis vezes que ele me fez esquecer do meu próprio nome e agora... somos completos estranhos. Essa é a verdade, no fim das contas, e o que me resta são apenas lembranças.

Lembranças essas que me fazem apertar uma perna na outra, sentindo minha libido aumentar, tentando conter uma grande excitação. Minha pele esquenta, meu sangue corre mais lento, me fazendo sentir cada átomo presente no espaço, juntamente com o perfume almiscarado e gostoso de Augusto. Merda!

— Cristine? Tudo bem? — ele me pergunta, preocupado, me fazendo voltar à realidade.

Olho em seu rosto e a atmosfera parece esquentar, ficar mais densa, pesada. Não sei se ele sente a mesma coisa, não sei se é isso o que pensa ao me olhar, enquanto tem o carro parado no sinal vermelho. Sinto saudades, desejo e, ao mesmo tempo, raiva de mim mesma. Raiva por não conseguir me controlar, controlar as sensações causadas por apenas um olhar. O sinal abre e uma buzina alta é ouvida atrás de nós, nos tirando da bolha de desconforto dentro do carro.

— Estou bem, obrigada. São só lembranças, apenas isso. — Ele não responde, ou volta a me olhar, porém o volante sofre com o aperto de suas mãos.

Minutos desconfortáveis se passam, enquanto ouço a música ecoar em tom ameno, numa voz suave. *As rosas não falam*, de Cartola, é cantada em uma voz calma e gostosa de se ouvir. Adoro a música, ele sabe disso e também gosta. Eu dizia que era a nossa música, pois foi a primeira canção que ouvimos juntos e ambos gostávamos muito dela. Doce ilusão a minha. E aqui, embalada pela voz de Liah Soares, é como voltar no tempo para uma época feliz.

Mas sabemos que na vida real o tempo não para e a roda da vida nunca deixa de girar. E é uma pena eu não ter me segurado nas barras da grande roda gigante com mais força quando podia, não ter persistido mais, me entregado com todo o meu ser e amado o suficiente para lhe contar toda a verdade. A verdade é que nada foi suficiente, nem para mim e muito menos

para ele...

O carro para e percebo que estamos em frente a um lindo restaurante no Leblon. Olho para o lado e pego Augusto me observando.

— Eu fiz a reserva aqui, Alice queria conhecer o restaurante novo. — Eu o fito, lembrando que nunca, em todo o tempo que passamos juntos, deixei que me levasse a um lugar como esse.

Conjecturas do que poderia vir a acontecer não deixavam, tinha medo de encontrar alguém, um ex-cliente e por isso sempre preferi me esconder, ficar em casa ou ir a algum lugar pequeno e sem muita gente. Foram incontáveis as vezes em que ele me convidou para visitar alguma galeria de arte, um show de MPB fechado, ou um restaurante como esse e eu sempre neguei todos os convites. Em tanto tempo de namoro, não tivemos um jantar romântico ou algo parecido, mas não foi por falta de insistência dele, mas sim por medo meu.

— Eu sei que não gosta de lugares como esse e, se quiser, podemos ir a outro, você escolhe — ele fala, acreditando realmente nisso.

Sinto uma pitada de culpa por mentir para ele. Não é, de forma alguma, questão de não gostar, eu só precisava de uma desculpa e essa era aceitável. Suas ações foram as piores possíveis e me deixaram feridas dolorosas, porém também não fui honesta, não mesmo. Por mais que eu diga que era a minha vida, que não lhe devia explicações por ser o meu segredo e o meu passado, eu deveria ter contado, me aberto e dividido não só minha cama com ele, mas minha vida por inteiro. Não nego que por vezes fingi gostos, ser alguém que eu não era.

Não se constrói um castelo em cima de um alicerce de areia e foi exatamente isso que tentei fazer. Ambos somos culpados por afundar o nosso *Titanic* e não posso negar minha grande parcela de culpa em toda a situação. Não farei o papel de vítima, esse nunca me coube, tudo se resumiu a escolhas, apenas isso. Não, não tem mais volta, se é o que está pensando, não estou tirando o peso do que ele fez, estou assumindo a minha culpa, estou pensando com clareza. É apenas uma constatação óbvia para mim no momento.

— Cristine, tudo bem? — Eu devo estar paralisada há muito tempo e muita estranha para ele me perguntar se estou bem tantas vezes em tão pouco

tempo.

— Sim, pode ser aqui mesmo. Não tem problemas.

— Tem certeza? Para mim, não tem problema algum, caso queira ir a um lugar de que goste. — Eu lhe dou um sorriso fraco por sua preocupação comigo e aceno em confirmação, ainda saindo do transe. — Certo, então vamos.

Ele sai do carro entregando a chave ao manobrista e abrindo minha porta em seguida. Saímos em direção à entrada do lugar de fachada iluminada, realmente luxuoso. A recepcionista nos recebe na entrada e, após Augusto dizer seu nome, ela nos leva até uma mesa no canto esquerdo do restaurante. Aos poucos, vou percebendo que, de fato, não era a mim que ele queria trazer aqui hoje. Seu desconforto é palpável e nossa mesa — ao contrário de algumas que estão ocupadas por casais em um ambiente mais romântico — está disposta ao meio do salão, bem iluminada.

As mesas são quadradas, cobertas com toalhas pretas e douradas, com pequenos arranjos sobre elas. Nós nos sentamos e logo o *maître* se aproxima com a carta de vinho e o cardápio. Me sinto nervosa, sei que não tenho motivos, mas, ainda assim, fico aflita. Augusto escolhe um vinho de que ambos gostamos e se volta para o cardápio, a fim de escolher o que comer e eu faço o mesmo.

— Já sabe o que vai pedir? — me pergunta após alguns minutos.

— Algo malpassado, com bastante sangue. — Augusto me olha estranho. — Pedro disse que estou anêmica e estou com vontade de comer carne vermelha, vou até pedir algo com beterrabas pra reforçar. — Ele levanta uma sobrancelha e me dá um pequeno sorriso.

— Sendo assim, vou te acompanhar.

Fazemos o pedido e voltamos ao desconfortável silêncio. Ele mantém suas mãos entrelaçadas em cima da mesa e de repente muda seu foco para algo atrás de mim, com um olhar perdido. A expressão de Augusto muda de apreensiva para algo como raiva. Vejo-o levantar sua taça como em um brinde e, automaticamente, olho na mesma direção que ele.

Sinto um arrepio subir por meu corpo, meu sangue parece gelar ao ver Maurício com Patrícia, em uma mesa atrás de nós, não muito longe. Quando

seu olhar encontra o meu, um sorriso diabólico se abre, me deixando com medo, muito medo, algo como um prenúncio.

Observo a mulher ao seu lado. As coisas parecem se encaixar aos poucos, quando a cobra joga um beijo para mim, ou para meu acompanhante, não sei. Penso no que me disse há dias, sobre ter um relacionamento com Augusto e de ele ter lhe contado sobre nós. Me sinto idiota por acreditar, por deixá-la me manipular, coibir. Projeto de puta dissimulada!

Volto meu olhar para Augusto, que agora me observa atentamente com algo cintilando em sua íris, algo que não sou capaz de definir. Por que foi mesmo que eu saí do hospital? Ah, sim, porque sou uma idiota, claro. Abaixo meu rosto e olho o prato vazio à minha frente. Sinto vergonha, não posso negar. É como ter o passado e o presente frente a frente e isso me deixa em completo constrangimento. Sinto uma mão grande envolver a minha em um aperto confortável, mas não olho para ele.

— Olhe para mim, Cristine. — Sua voz é dura, gelada, não combinando com seu rosto de feição reconfortante ao me olhar com carinho. — Não abaixe a cabeça ou sinta vergonha, nunca o faça, me ouviu? Está tudo bem, acredite em mim, não irei agir da mesma forma outra vez. Aprendi minha lição, isso posso lhe garantir. — Seu sorriso é caloroso e aquece algo dentro de mim. Acho que é esse gesto que me faz perguntar de supetão:

— O que teria feito se eu tivesse lhe contado antes? Teria continuado com o nosso relacionamento? Ou teria agido da mesma forma que agiu, Augusto? — Eu não sei de onde saiu isso, não mesmo e eu o pego desprevenido com meu rompante, mas isso já não importa.

Augusto se mexe em seu lugar e abre a boca para responder, mas nada é dito. Ele aperta um pouco mais a minha mão, passa a mão livre em seu cabelo e enfim fala:

— Não sei, Cristine. A verdade é que, se eu disser que sim, que continuaria com o que tínhamos, você não acreditaria em mim. Pior, acharia que estaria te enganando, mentindo pra te ter de volta. Então não direi que sim, direi apenas os motivos que me fizeram agir, como agi. — Ouço tudo muda, sentindo minhas mãos suarem em antecipação. — O que me deixou possuído daquela forma foi achar que fui enganado, que mentiu pra mim, que de alguma forma tentou me manipular. Hoje sei que não foi — fala como se

quisesse esclarecer meus pensamentos.

— Não foi com o que fez em si, não foi a profissão, foi por não estar preparado para aquela situação, não daquela forma. Talvez, em um primeiro momento, eu tivesse dito coisas que a machucassem por orgulho, sei que sou orgulhoso, não gosto de ser, mas sou. Só que, mesmo assim, eu voltaria atrás. Sei disso, porque o sentimento por você é demasiadamente grande. Àquela altura, você já tinha entrado em meu sistema e, por mais que eu quisesse, não poderia te tirar daqui. — Ele leva a mão até seu coração, mantendo seus olhos fixos nos meus. — Eu não poderia esquecer, não pude, para ser sincero. Não estou lhe afirmando que faria diferente, só estou tentando lhe explicar as questões que me fazem pensar dessa forma, e naquele mesmo dia... quero dizer, no dia seguinte à nossa discussão, eu já estava arrependido do que disse, estava com raiva, é verdade, acho que justamente pelo fato de ainda te querer tanto, mesmo achando que fui enganado por você, mas continuava te querendo com loucura e me arrependi, me arrependi muito de tudo o que disse. Mas aí... — Ele para de falar e eu pareço ter esquecido o mundo ao meu redor, esperando sua próxima fala.

— Mas aí? — incentivo-o a continuar.

— Eu surtei após aquele maldito baile. Achei que minha cabeça iria explodir de tantas dúvidas, quando deixei escapar minhas últimas palavras naquela noite, me arrependi e foi pior no dia seguinte, pois a cada segundo eu quis voltar e te deixar falar e contar sua história. Mas era tarde, ao menos achei que era, tinha falado demais, te magoado de forma cruel ao acreditar no que eu quis. — Ele para e bebe o vinho de sua taça. — Sempre tive problemas em controlar emoções e em expressá-las, como deve ter percebido. Deve ser por esse motivo que arrastei Arthur e Pedro em algumas brigas no colegial, nunca tive muito controle, tenho pavio curto. — Ele sorri, não um sorriso de verdade, parece mais um sorriso de escárnio de si mesmo com a lembrança.

— Foi quando Lauro veio falar comigo, dando a entender que te conhecia de algum outro lugar pela forma íntima com que falava de você. Isso, para minha cabeça que já estava fervilhando, foi o estopim, me fez pensar que vocês... — Ele fecha os olhos, parecendo pensar no que falar. — E daí, quando citou meu pai, eu surtei, essa é a palavra, eu surtei. Hoje tenho vergonha, sim, vergonha de admitir tal pensamento, mas, naquele momento,

não estava raciocinando, não mesmo. Raciocinar era a última coisa que eu estava fazendo desde que deixei seu apartamento na noite do baile. — Enquanto o ouço, ele me passa a impressão de sentir dor com as lembranças e as palavras.

— Deixei o hospital depois disso, pois o lugar me sufocava, a dúvida me sufocava e decidi falar com meu pai e o restante você já sabe. Esse foi mais um dos meus erros, deveria ter ido até você e não até ele, enchê-lo com minhas suposições.

É estranho ouvir Augusto falar assim: calmo, sem atropelar palavras, dono de suas emoções e ações. Ele nunca me mostrou esse lado antes. Acho que ambos não tínhamos confiança um no outro para tanto e isso é decepcionante. Nós matamos o pouco que tínhamos e tratamos de enterrar cada pequeno sentimento bom.

Enquanto nos olhamos, sem saber ao certo o que dizer, nossas entradas são entregues e, depois de sua revelação, comemos em um clima ameno, eu diria até leve. Se sinto raiva do que ouvi? Não sei. Procuro o sentimento dentro de mim e não encontro nada, apenas receio e mágoa, mas raiva não. Afinal, as lembranças... essas eu não posso apagar. Uma moça morena e de voz doce começa a cantar em um espaço ao fundo, um pequeno palco com uma área iluminada, destinada à dança. Alguns casais se levantam e se juntam na pequena pista.

Percebo um pequeno detalhe que não vi antes, o cabelo de Augusto está um pouco menor, ainda com o mesmo corte, só que bem mais curto. Ele cortou novamente. Com isso ao menos sei que não voltará ao salão de Nara para outro corte e pensar nisso me traz um certo alívio. É confuso, não é? Nem mesmo eu sou capaz de entender toda a confusão de sentimentos que sinto por este homem.

Sorrio comigo mesma e passo a observar tudo, menos o espaço às minhas costas, pedindo a Deus que o casal tenha ido embora. O prato principal é entregue e Augusto me acompanha em meu pedido sangrento. Me delicio com o sabor da carne malpassada ao molho saboroso de laranja. Chego a gemer em êxtase com a primeira garfada. Abro os olhos e encontro um mar azul e risonho à minha frente.

— Pelo jeito, gostou do prato. — Sinto minhas bochechas esquentarem

pela forma como me olha.

— Sim, está uma delícia — respondo vendo seu sorriso ampliar e volto a comer, devorando tudo com vontade.

Apesar de todo esse aconchego no ambiente e música agradável, não esqueço de quem está às minhas costas e as sinto queimar em resposta, ele ainda está aqui, posso sentir. Ao fim da refeição, Augusto faz questão de pedir a sobremesa, um tipo de pudim de açaí com calda de chocolate, uma mistura interessante e deliciosa. Sorrio como criança ao provar o doce, acho que estava sentindo falta de comida de verdade, há algum tempo não como tanto assim.

Estranho a forma de Augusto segurar o copo, vejo o nó de seus dedos brancos, sobancelhas juntas e o semblante se fechando aos poucos, sinais óbvios de desconforto.

— Ele está vindo — Augusto me adverte. — Apenas mantenha a calma — fala olhando em meus olhos, como se quisesse me passar segurança.

Antes que eu possa pensar no que fazer, Maurício alcança nossa mesa. Augusto se levanta e se põe ao meu lado, me estendendo a mão, que logo aceito. Me ponho de pé perto dele, que enlaça minha cintura com a mão de forma protetora, me tirando de perto de Maurício, que apenas observa tudo com um sorriso. Sinto minhas pernas tremerem levemente com a apreensão que sinto, lembrando de sua promessa feita há poucos dias.

— Boa noite ao casal. É bom vê-los juntos novamente... — Seus olhos estão em mim e o sorriso torto faz meu estômago embrulhar.

— Não vou concordar com isso, vê-lo não me agrada em nada, acho inclusive uma infeliz coincidência esse encontro, se me permite dizer — Augusto fala ríspido, só então Maurício foca sua atenção nele, que se mantém em uma postura nada sociável.

— Os pombinhos decidiram reatar? Ora, Augusto, achei que fosse mais homem que isso, garoto, vejo que me enganei. — A provocação acerta seu ponto, posso sentir o corpo grande ao meu lado enrijecer. — Pelo visto, colocaram tudo em pratos limpos. Acredito, inclusive, que ela deve ter lhe contado sobre nosso último encontro — Maurício sorri, vitorioso. — Não? Uma pena, nos divertimos muito, não foi, querida? — ele fala e Augusto olha de um para o outro, em uma expressão que não deixa dúvidas: ele está irado e

se segurando.

— Bom, não me interessa muito saber sobre isso, como deve imaginar. Agora, se nos der licença, estávamos indo ao espaço de dança nesse mesmo momento.

E dizendo isso, Augusto se afasta de mim e se aproxima de Maurício, falando algo que não posso ouvir, mas, pelo sorriso em seu rosto e a carranca em Maurício, não foi algo agradável. Ele dá meia volta, me segurando junto dele e me guiando até a pequena pista de dança. Fico surpresa, achei que íamos embora, pensei que a dança era apenas uma desculpa.

Me deixo levar, como se observasse a cena de longe, como se não estivesse atolada até o pescoço nessa lama de confusão. Só depois de me encontrar em frente a ele, pareço voltar a aterrissar, é quando percebo qual música está tocando, a nossa música.

Augusto coloca uma de suas mãos em minha cintura e com a outra segura minha mão esquerda com delicadeza. Nada é dito sobre o ocorrido e aproveito para acalmar meu corpo, que parece estar em plena ebulição, muito perto de explodir. A postura tensa de Augusto aos poucos também vai se esvaindo, conforme seus passos vão guiando os meus com precisão. Tudo é familiar, seu toque, seu cheiro, sua presença me enchendo de confiança e segurança, tudo que me conquistou aos poucos e me fez amá-lo. Encosto minha testa em seu ombro e um leve carinho é feito em meu pescoço com a ponta de seu nariz, um gesto tão único e somente seu, nosso. E meu corpo volta a responder ao seu toque, me causando um arrepio.

— Senti falta do seu cheiro — ele sussurra em meu ouvido com tanta verdade, que sua necessidade se torna quase palpável. Augusto volta a fazer o mesmo carinho, agora em minha orelha, e novamente desce para meu pescoço, sua respiração causando calor em todo meu corpo.

E meu erro foi olhar em seus olhos... Ali estão tantas lembranças, tantas nuances, tanto amor... mas também, bem à minha frente, está o homem que me causou dor, tanta, que cheguei a achar que estava sendo ferida com pequenas facas. Apesar de todos os sentimentos ali, as lembranças eram presentes, vivas em minha memória. Não existe mais raiva, é verdade, mas... existem as inúmeras lembranças e isso é pior.

— Acho melhor irmos, excedemos o nosso horário — falo me

afastando de seu toque quando a música termina. E a desculpa, mas não deixa de ser verdade. Tenho mesmo que voltar para minha menina.

Ele apenas me olha e eu posso ver tantas coisas naquele olhar, tanta necessidade...

— Vamos sim, deixe-me apenas pagar a conta.

— Claro, vamos.



Apesar de me sentir estranha, a viagem é tranquila, em um silêncio confortável. Chegamos em frente ao hospital e, assim que o carro para, desço e ele faz o mesmo após desligar o motor.

— Cristine, se puder me dar só um minuto — fala, me fazendo parar e me voltar em sua direção.

— Não, Augusto. — Me vejo dizendo, deixando a emoção guiar minhas palavras. — Foi bom, de verdade, hoje foi muito bom. Sem falar que serviu para esclarecer algumas coisas e entender outras sobre o que aconteceu. Esse seu lado, o que me mostrou hoje, eu ainda não tinha visto e foi maravilhoso saber que pode ser melhor, pode falar de sentimentos, se arrepender verdadeiramente do que fez, isso mostra que será melhor em um relacionamento futuro, que pode ser muito mais com outra pessoa do que foi comigo.

— Cristine, eu não quero outra pessoa, eu amo e quero você. Por favor, só me escute — ele fala avançando em minha direção e segurando meu rosto com as mãos, próximo ao seu, com sua testa encostada na minha. Sinto sua respiração varrer meu rosto e seu toque gentil me faz suspirar.

— Vai passar, eu peço a Deus todos os dias para que passe. Pra que pare de doer e que eu pare de te amar com tanta força quanto o faço. — Uma lágrima me escapa, quando falo o que venho guardando só para mim e ele a limpa com um simples beijo. — Você fez isso, me fez te amar tanto, com tanta loucura ... Quero que seja feliz, desejo realmente que seja muito feliz e

encontre outro amor, um amor verdadeiro capaz de tudo, principalmente, de perdoar e nunca ferir. — Seus dedos fazem carícia em meu rosto e eu não me contenho quando levo minha mão à sua bochecha, acariciando sua barba cheia. Eu o vejo fechar os olhos brevemente como se o contato aliviasse sua dor, guardando uma lembrança.

— Acabou, Guto. Não falo por estar com raiva de você, não estou, não mais. No momento, só restaram lembranças e decepções. Me pediu perdão dias atrás e eu te perdoo de todo o meu coração. Só não vamos persistir no erro, por favor, não conseguimos, não soubemos confiar ou amar de verdade um ao outro. Já foi suficiente e doloroso demais uma primeira vez, não vamos tentar uma segunda. Vamos esperar as cicatrizes serem curadas e que em um próximo relacionamento possamos usar isso como um ensinamento. Apenas isso. Eu não te amo mais, não daquele jeito, com a mesma paixão arrebatadora, isso se apagou aos poucos. É doloroso admitir, mas todas aquelas boas lembranças foram apagadas por momentos ruins, não há amor que resista a isso por muito tempo, Augusto, não aqui no mundo real, no nosso mundo. — Ele apenas me observa, os olhos vidrados nos meus.

Permanecemos assim, sem falar por algum tempo. Não precisamos, é como reconhecer uma alma há muito perdida. Vejo quando respira fundo, parecendo lutar consigo mesmo e pensar.

— Tudo bem, Cristine. — O que diz não passa de um sussurro. — No fundo, não tinha esperança de que pudesse realmente me perdoar, não depois do que fiz e falei. Eu aceito isso e agradeço por me perdoar, isso já é suficiente. Eu disse uma vez que era homem o bastante para assumir minhas merdas, me acostumei a isso por fazer muitas. Não vou repetir meus sentimentos, não vou te causar desconforto com algo assim, tampouco vou tentar diminuir a culpa que tive. Eu te quero, te amo, mas não é minha intenção me aproveitar de um momento de fragilidade para lhe impor minha vontade e te convencer do meu amor. Só me deixe estar perto, não quero o lugar de pai de Cathe, sei que o perdi na noite em que derramei em você todas aquelas palavras, ou quando a tratei como uma qualquer em meu consultório e assumo isso. De agora em diante quero apenas ajudar de alguma forma, dividir o fardo que vem carregando e protegê-las. Se a deixar mais confortável, posso ficar com ela durante o dia, quando estiver trabalhando como venho fazendo. Só não me afaste de Cathe, por favor. — Ele está

nervoso, voltou a falar sem espaços, atropelando palavras. E o que diz me causa dor e a certeza do quanto ele a ama. E vejo que fui injusta em alguns momentos.

— Não precisa, pode vê-la quando quiser e agradeço o que tem feito, de verdade. Não fui justa em minhas palavras naquele dia, Augusto, além disso, Cathe sente sua falta quando não vem à noite. — Ele ainda se mantém colado a mim, com as mãos em meu rosto.

— Bom, é um adeus, não é?

Custo a responder, pois dói dizer em voz alta.

— É, acho que é sim...

— Vou esperar Alice aqui fora, diga a ela, por favor. — Aceno muda sem quebrar o contato. — Eu posso? — Volto a concordar e ele vem lento, cauteloso, é quando sinto seus lábios tocarem os meus, trazendo o sabor doce do vinho e de... Augusto e é tão bom.

O beijo traz lembranças, sentimentos não ditos, momentos vividos... tanta saudade. É a velha sensação de voltar para casa depois de meses de saudade. O beijo é lento, carinhoso, saudoso, fazendo não só mariposas, mas também andorinhas voarem em meu estômago. Ele entendeu... e isso é uma despedida.

Quando ele cessa nosso contato, seu olhar cai brevemente sobre o meu e ali, naquele breve momento, nada mais precisa ser dito. Augusto me solta e me dá as costas indo em direção ao seu carro, sem olhar para trás. Perco alguns segundos observando suas costas, me controlando. Faço o mesmo que fez há pouco e caminho tentando me equilibrar e não cair, não ceder ao impulso de voltar e me jogar em seus braços.

Vou embora acreditando cegamente que nunca poderia dar certo e que estou fazendo o melhor para ambos. Entro no hospital com passos incertos e a vista embaçada, pensando no que acabou de acontecer, sentindo a perda.

Espera, eu não já o tinha perdido? Então por que dói tanto assim?

Chego ao quarto e vejo tanto Alice quanto Cathe dormirem calmamente. Vou primeiro até minha bebê, deixando um beijo em sua face. Em seguida, chamo Alice, que acorda nada contida, chamando por Pedro, com certeza estava sonhando.

Ela me pede que diga como foi o jantar e eu não tenho o que dizer. O que posso falar? A não ser que sua estratégia serviu para darmos um ponto final em tudo. Digo apenas que estou cansada e que conversamos amanhã. Alice parece entender e vai embora depois de me dar um abraço demorado, prometendo voltar no dia seguinte e trazer novidades. Entro no banheiro no automático e troco minha roupa por uma de minhas camisolas confortáveis, que milagrosamente Alice encontrou perdida em sua bolsa. A sensação é de ter um buraco em meu coração, um grande buraco negro.

Saio do banheiro de cabeça baixa, deixando a bolsa em cima da maca. É quando meus olhos pousam em sapatos masculinos lustrosos. Um alívio inexplicável e ridículo me toma ao pensar, por uma fração de segundos, que pode ser Augusto aqui, que ele voltou por mim, para mim. Ao subir meus olhos, vejo que não é Augusto e sinto tudo cair por terra e o medo me tomar.

— Maurício.



***Dizem que depois da tempestade
vem a calma... Mas acredito que
esse ditado não se encaixa nessa
história, não mesmo!***

O homem me encara, fazendo um arrepio percorrer minha espinha. Dou um passo para atrás e sinto minha bunda colidir com a maca. Maurício sorri parecendo um daqueles monstros que sentem o cheiro do medo e gostam de ver sua vítima apreensiva.

— Linda camisola... Adorei e, quando estivermos juntos, irei comprar outras iguais pra você vesti-las para mim. — Ele só pode ter surtado.

— Seu doente, o que faz aqui, Maurício? — falo, trêmula, pegando o robe ao lado da maca e me cobrindo.

— Já disse a você que esse comportamento até me excita? Gosto disso, dessa conquista. Deixa tudo mais interessante. — Ele não tem limites.

— Saia daqui ou vou começar a gritar.

— Uma pena seu príncipe encantado já ter ido embora e não estar aqui pra te ouvir, certo? Tsc, tsc, tsc. Pedro também não está, já me informei. Estamos só nós, minha princesa, podemos fazer o que quisermos, aproveitar um ao outro, o que acha? — Ele se aproxima e seus dedos me tocam, descendo

por meu pescoço, seios, parando em minha barriga, na altura do umbigo. Não posso deixar de sentir nojo e olho para Cathe, orando para que não acorde, tentando manter a calma e não começar um escândalo.

— Pare, Maurício, o que deu em você? — Tiro sua mão de mim, mas ele não se afasta. — Por que cismou comigo, o que eu te fiz? — O sorriso em seu rosto é a certeza de sua diversão ao me afligir.

— Ora, minha princesa, você é minha. Esses meses em que me afastei foram apenas um tempo para você pensar melhor e depois voltar para mim. Nunca estive realmente longe, Cristine, e acho bom você entender isso de uma vez por todas. — Sua boca desce sobre a minha e, em um impulso único de me livrar de seu toque, mordo seu lábio, empurrando-o para longe de mim e indo para o fundo do quarto, o mais distante possível. Sinto nojo e me seguro para não vomitar. Perco o foco por minutos.

— Eu não sou sua e nem de ninguém, não sou um objeto, Maurício. Não pode continuar a fazer isso ou vou te denunciar, fazer de tudo pra que nunca mais chegue perto de mim ou de Catherine outra vez. Estou falando sério, você está ultrapassando todos os limites. — Penso que se continuar me espremendo contra a parede como estou fazendo, irei acabar atravessando-a.

— Que recepção horrorosa para o homem que se dignou a vir aqui só pra dizer que está disposto a salvar a vida de sua filha...— ele fala levando uma mão ao lábio que acabei de ferir. Sinto a confusão que suas palavras me trazem e abraço meu corpo, a fim de me proteger.

— O que disse? — pergunto em um fio de voz.

— Fiquei sabendo que nossa menininha precisa de um transplante e eu, sendo do mesmo tipo raro de seu sangue, posso fazer a doação de livre e espontânea vontade, claro. — Medo, sinto medo da pergunta que tenho de fazer.

— Não me diga que... — Eu o conheço, ele sempre quer algo em troca. Maurício abre um sorriso e seus lábios finos já começam a inchar por causa do meu ataque.

— Assim você me magoa, princesa. Um pai é capaz de tudo por sua futura filha, Cristine, deveria saber bem disso.

— Não, isso não. — Sinto o ar faltar.

— Ora, vamos... aceite a proposta e eu faço a doação. Isso você não está em condições de recusar.

— Você está mentindo, logo você não seria a pessoa que teria o mesmo sangue que o dela. É mentira.

— Acha que eu seria idiota? Sabia que diria isso, aqui está — fala pegando um envelope em seu paletó e estendendo para mim. — Vamos, pegue.

Pego o envelope de supetão, vendo o nome do laboratório, o mesmo do hospital em que estamos, e lágrimas vêm aos meus olhos.

— Não, Maurício, por favor, isso não, não me faça implorar... — Lágrimas queimam meus olhos.

— Não, Cristine, não comece a chorar, me irrita quando se derrama assim. Vamos, se recomponha — ele fala e tenta se aproximar. — Você vai aceitar minha proposta, meu amor. Está desesperada, o diagnóstico não é bom... Aceite sem nenhuma frescura ou contestação, tudo o que eu pedir você fará ou, além de deixá-la morrer, irei visitar um certo conselho hospitalar e contar uma linda história de quebra de sigilo e ética médica, o que acha?

Não, Deus não brincaria assim comigo. Isso não. Como ele sabe?

— Você não seria louco. Não, a resposta é não. — Me ouço dizer com segurança, me negando a fazer tal loucura. Não posso submeter minha filha a ele e é isso o que está me pedindo. Não, não vou mesmo. — Ela ainda tem tempo, você não é minha única opção, Maurício, dessa vez não. Tenho fé.

— Hum... se pensa assim, tudo bem. Mas vai mudar de ideia, sei que vai, estarei esperando ansioso por sua ligação e então iremos tratar do nosso contrato.

— Vai ter de esperar no inferno, isso nunca vai acontecer.

— Hum.. tic tac, tic tac. O relógio está correndo, Cristine...

— Vá pro inferno, seu monstro! — Quase rosno as palavras, um pouco alto demais.

— Mamãe! — Ouço a voz de Cathe arrastada e pesada pelo sono. Falei alto demais. Limpo meu rosto e me viro para ela.

— Oi, minha pequena, sente alguma coisa? — Me aproximo, passando por ele, que está parado no meio do quarto. Logo estou ao lado da maca e

afago seu cabelinho loiro com carinho.

— Não. Mamãe, pode deitar comigo?

— Claro, meu amor. Venha cá que a mamãe vai passar a noite agarradinha com você.

Me deito com ela e olho para o quarto, pedindo a Deus para não o ver mais. Melhor, que eu tenha imaginado isso tudo. Respiro aliviada ao ver que não há sinal de Maurício, mas sei que não foi um sonho, infelizmente não foi.

— Tô cansada, mamãe — Cathe fala se aconchegando a mim. — O tio Guto vem amanhã, não vem? — pergunta, já de olhos fechados, quase dormindo.

— Vem sim, meu amor, amanhã logo cedo ele tá aqui. — Ela sorri e, em poucos minutos, já ressona baixinho.

Não sei o que fazer, o que pensar. O tempo está parado, cinza e nublado e o que sinto agora é apenas medo, a incerteza do amanhã e a vontade de ter alguém comigo nesse momento, um único alguém.



***Como aceitar o fim? Não se trata
de aceitar ou não, pois em uma
relação não há apenas um
sentimento e devemos entender isso.
Não há como manter apenas uma
única vontade, isso não é amar.***

Aqui, de volta ao carro, a vejo sumir pela porta do hospital. Penso que o arrependimento sobre minha cabeça é capaz de me soterrar, sufocar, é como se fosse.

Aqueles olhos... foram minha redenção e, ao mesmo tempo, minha perdição. Sinto uma vontade insana de voltar no tempo, de ficar naquele maldito apartamento, abraçá-la quando ela me disser o que fazia em meio a tanto desespero e dizer a ela que ficará tudo bem, que independente do que vier a me contar, eu estarei ao seu lado e nunca a deixarei.

Mas sabemos que isso eu não posso fazer, nem voltar no tempo, muito menos apagar cada palavra dita. A parte estranha disso tudo é entender só agora que o passado deve ficar para trás e jamais devo projetar minha dor e frustrações em outra pessoa.

Ela acabou de me ensinar essa mesma lição. Enxergar ali, toda sua certeza ao dizer, tão segura de si, que não me amava como antes e que fui eu

que matei esse amor. Aquilo doeu, queimou. Ver tanta verdade em seus olhos me faz sentir a necessidade de lhe deixar em paz. De desistir. Entendi apenas hoje a real dimensão do quanto a machuquei, o tamanho de todo o estrago feito. A certeza veio quando vi a vergonha em sua face ao ver Maurício, como seu corpo tremeu quando o desgraçado fez questão de pisoteá-la, e aquilo me fez lembrar de mim mesmo dias atrás.

Como fui capaz? Não sei explicar.

Vi a mulher incrível que perdi hoje, confirmei o tamanho do seu coração bom quando obtive seu perdão. Ela falou em amar de novo... Bufo, incapaz de acreditar que conseguirei amar outra pessoa. Sou incapaz de deixar de amá-la.

Deito um pouco o banco e me coloco sobre ele. Sinto o cansaço dos últimos dias se abater sobre meus ombros. O fato de não dormir vem cobrando seu preço. Porém não consigo pregar os olhos, por mais que tente, não consigo. Não posso me deitar em minha cama e dormir, sabendo que ela está aqui sozinha com Cathe. A última vez que tentei ir para casa e descansar, acordei uma hora depois, assustado, suando, em desespero com o pesadelo de estava perdendo Catherine para a doença. Foi terrível. Desde então, não saí mais do hospital.

Não fiquei no quarto junto a ela essa última semana para não lhe causar desconforto, mas estive por perto. Vagando como um fantasma pelos corredores e atendendo alguns pacientes na emergência, mesmo estando de férias. As noites demoram a passar quando não faço nada e operar ajuda de certa forma. Sei que, com isso, tenho deixado Lauro maluco. Ele chegou a ameaçar me tirar o cargo de chefe da neurocirurgia. E ao inferno com tudo, isso pouco me importa no momento. Para ser sincero, apenas duas coisas, ou melhor, duas pessoas me interessam e elas estão aí dentro.

Acabo por cochilar, pois acordo com mãos sobre mim me chacoalhando. Me volto nessa direção, me deparando com olhos extremamente verdes me fitando curiosos. Por mais que eu quisesse — e acredite, eu quero, quero muito depois de hoje — não sinto raiva dessa criatura intrometida à minha frente. Volto o banco para o lugar e ligo o carro, saindo em seguida sem lhe dirigir a palavra. Não quero ir para casa, a presença de Cristine é forte demais no lugar, as lembranças de nossa primeira

noite me assaltam sempre que coloco os pés em minha própria casa. Pegando então a via que me leva ao único refúgio que posso ter paz.

— Pra onde estamos indo?

Não respondo.

— Guto?

— Aonde essa estrada vai dar, Alice?

— Ignorante!

— Burra!

— Anda, vai, grita. Comece logo com seu show, sei que está se coçando pra, como você mesmo disse, espremer meu rabujo.

Olho-a e, ao contrário do que espera, solto uma gargalhada alta, incapaz de me conter. Eu disse mesmo isso a ela? Disse, lembro de algo assim.

— Por falar nisso, de onde você tirou essa coisa? — me pergunta, agora também rindo.

— Mamãe, não lembra? Ela vivia dizendo isso a nós três quando se chateava. Pra ser sincero, nunca entendi onde fica o rabujo no corpo humano, não ensinam isso na faculdade. Tenho de me lembrar de perguntar a ela. — Alice começa a rir ao meu lado.

— Mamãe não tem jeito — fala com carinho e me olha, seu sorriso morrendo aos poucos. — Como foi?

— Foi esclarecedor. Foi bom, ao menos estive ao lado dela por alguns minutos. Obrigado, Alice.

Seu olhar sobre mim é profundo, à procura de uma resposta. Alice se cala, parece entender o que digo, ou melhor, o que não quero dizer.

Entramos na pequena estrada de terra e ela logo se vira em direção à janela e parece adormecer. Volto toda minha atenção para a estrada e para Cristine. Lembrar, ou não, não é algo que está em minhas mãos para que eu possa escolher. Ela simplesmente não deixa meus pensamentos.

Observo Alice de soslaio, ela sempre foi assim, intrometida. Querendo abraçar o mundo com seus braços pequenos e delicados. Sorrio, minha pequena bailarina. Lembro o exato dia em que ela chegou às nossas vidas.

Um pequeno e cheiroso embrulho nos braços orgulhosos do meu pai. Parecia uma boneca de porcelana de tão branca e perfeita que era, ou melhor é. É assim que a enxergo: perfeita demais para o mundo, com seus tufo de cabelos ruivos.

Eu não passava de um moleque chato e birrento quando ela nasceu, mas, naquele momento, eu amei aquele pequeno pacote rosa. Desde então tem sido assim. Ela tem invadido nossas vidas, alegrando cada momento de tristeza, e eu não conseguiria viver, se ela não existisse mais no mundo. Acho até que sua intromissão essa noite serviu de alguma forma. Pudemos colocar um ponto final em tudo, superar de certa forma e, mais que isso, ela pode seguir em frente a partir de agora. Como Cristine mesma disse, ela pode ser feliz, é isso o que também desejo a ela. Que seja feliz e viva tudo o que não pôde viver até agora, conheça o mundo e realize todos os seus sonhos. Sonhos esses que eu daria um braço para lhe proporcionar.

Estaciono do lado do carro de papai na garagem, ao lado da casa. Alice ainda dorme tranquila. Sinto saudade de quando éramos crianças, de quando dormíamos os três em minha cama com medo do escuro. Ela sempre no meio, conversando e falando sem parar, mesmo dormindo. Me pergunto quando foi que nos perdemos. Sim, em algum momento da nossa juventude, nós três perdemos aquele laço de irmãos. Talvez eu e Alice tenhamos nos afastado menos, já Arthur... esse, nós perdemos com toda certeza.

— Guto? Chegamos? — Ela acorda assustada e fala sonolenta

— Sim, Porcelana, chegamos.

— Mamãe vai ficar preocupada por chegarmos uma hora dessas.

— Vai, sim. Vem.

Saio do carro e ela faz o mesmo, agarrando-se ao meu braço e tremendo de frio ao sentir o vento gelado da noite. Passo o braço em volta dela e a trago para mim, beijando sua testa.

— Me desculpa por hoje. Achei que estava fazendo o certo.

— E fez. Não devia ter mentido daquela forma, mas foi bom no fim das contas.

— Mas...

Ela não termina. Meu pai abre a porta e tem minha mãe atrás dele,

ambos com roupas de dormir.

— O que fazem aqui a essa hora? Cathe? — meu pai fala, alarmado.

— Não, pai, está tudo bem. Sua bênção? — peço e entramos em seguida.

Apesar da cara amarrada para mim, ele diz um: "Deus te dê vergonha". Isso eu tenho de sobra agora, porém não vou dizer a ele. Em seguida, vou até minha mãe, que me abraça com carinho.

— Não precisa falar, filho, eu sei. — E ela sabe. Não sei como, mas sabe. Me sinto um moleque outra vez, aquele que caía da árvore e vinha para ela beijar o machucado e dizer que passou, o pior é que passava mesmo. — Me sinto uma galinha com meus pintinhos todos aqui. Arthur também veio, chegou ainda cedo da noite.

— Ele veio fazer o quê? — Alice quase grita abraçada ao nosso pai.

— Eu não sei, ele não quis falar e eu não perguntei. Chegou como sempre calado, deve ter algo a ver com Marina. Duvido até que ela saiba que ele está na cidade. — Acho estranho, mas não comento. Não sou nenhum exemplo, convenhamos.

— Vem, Guto, vamos vê-lo.

— Não, Alice, não vou acordar Arthur a uma hora dessas.

— Ah, deixa de besteira. São gêmeos, ele deve estar até sentindo sua presença — ela debocha com essa besteira de gêmeos e me arrasta com ela até o antigo quarto de Arthur.

— Mãe, amanhã conversamos. — Ainda tenho tempo de falar, antes de sumir de suas vistas.

E quem precisa bater, quando se tem Alice para entrar de supetão gritando como uma maluca e pulando em cima da cama? Ninguém. Mas a cara que o babaca faz é hilária.

— Custava segurá-la?

— Se eu tenho que aguentar, você também tem. Ela também é sua irmã — respondo, contemplando a cena.

— Não comecem vocês dois — fala ela, já se agasalhando debaixo da coberta ao lado dele na cama. — Por que está aqui, bebê? — Ela parece dona

Vera quando quer enganar a presa e fazê-la falar.

— Espera — Arthur fala e tem os olhos em mim. — Primeiro, por que cortou o cabelo? Já não basta termos a mesma cara? Temos que ter o mesmo corte de cabelo também?

Debochado, filho da mãe!

— Ah, você não sabe? — a outra se mete e eu observo ainda em pé, perto da cama, com as mãos em meus bolsos, sem bem saber o que fazer. — Foi por uma boa causa, aquelas lindas ações que só papais amorosos fazem por seus filhinhos, sabe? Não, você não sabe por que não é pai. Ele sabe. — Reviro meus olhos para Alice e me sento aos pés da cama.

Arthur está deitado no canto da cama de casal, perto da parede e Alice ao seu lado, com a cabeça em seu ombro. Assim que me sento, ela coloca os pés sobre minhas pernas.

— Ele também não é. — Ao fala assim, Arthur causa um pequeno arrepio em meu peito. A constatação de que realmente não sou o pai dela vem, mas isso pouco me importa, eu a amo como se fosse e ponto final. — E vai ter que me dar detalhes, Alice.

— Faz uma massagem aí, Guto. — Minha expressão já diz não e ela faz aquela cara de gato de botas. Em Cathe é fofo, nela é patético, mas, ainda assim, funciona. Começo a massagear seus pés e ela geme fechando os olhos. — Bom, o cabelo de Catherine estava caindo por conta dos remédios e Cristine mandou cortar. Nossa sobrinha não gostou nada e o papai do ano aí cortou o cabelo também pra tirar o foco dela do próprio corte. Fofo, né? — Espero Arthur fazer alguma piada, mas nada vem. Estranho.

— Hum... interessante. Vocês se acertaram, foi isso?

— Depende do que é se acertar pra você — decido falar. — Por exemplo, você está com Marina, quase casados, e não estão acertados pelo que vejo. Então, sim, eu e Cristine nos acertamos e, não, não estamos juntos.

Ele não diz nada, absolutamente nada e por minutos ficamos assim: três idiotas completamente em silêncio. E Arthur não faz questão de contradizer minha observação sobre seu relacionamento.

— Porra! O que aconteceu com a gente? Como nos transformamos nisso? — Ele nos surpreende ao falar, nos fazendo olhar estáticos em sua

direção. — Fomos caindo aos poucos um a um e nos afastado. Ninguém por um momento percebeu ou tentou fazer algo para reverter a situação. Passamos a nos ver apenas quando mamãe insistia e, com o tempo, passei a não sentir falta de vocês... nada mesmo, sabe? — Arthur parece envergonhado em desabafar a última parte. — E agora olhe para nós. Você arrependido e lutando por uma mulher e uma filha que não é sua, não de sangue. Alice, essa fez pior, fugiu do que sentia e deixamos que se casasse com um babaca filho da puta e agora se tornou isso e eu... Bom, eu... — Ele sorri sem nenhum humor, balançando a cabeça em negativa. Será que bebeu? — Estou preso a um relacionamento falido, como você mesmo disse. A ironia disso é que estou preso a Marina por ter sido homem o bastante pra não lhe dar as costas na hora da dor, e no momento... não sei como terminar. Me sinto preso em um tipo de gaiola. — É, a merda foi grande para deixar o cara assim. Pelo visto, não sou o único.

Ficamos em silêncio, não tem muito o que falar. Arthur disse tudo.

— Bem, eu não posso trazer Cristine de volta, não posso arrancar Marina da sua vida, não por falta de vontade, sabe disso, não gosto dela — Alice começa seu discurso de forma até poética. — É só que isso eu não posso mudar, ao menos não agora, fizemos escolhas e pagamos dolorosamente por elas, é isso, nós crescemos. E como não me resta nada a fazer... eu vou comer, pois estou com fome. O que mamãe fez para o jantar, Tu? — Nós rimos de sua delicadeza e gulodice.

— Cara... ela sabe como estragar um momento — Arthur diz, já perdendo o tom sério usado há pouco. Uma raridade em sua personalidade.

— Idiota. Mas, sabe, agora me passou algo aqui pela cabeça e fiquei curiosa.

— Com certeza nada de bom pode vir dessa sua cabeça — responde Arthur.

— Nisso eu concordo — falo, ganhando um chute dolorido em minhas costelas.

— Vocês são dois bocós, isso sim. Mas me digam: vocês têm aquela ligação bizarra de gêmeos?

Nós nos olhamos e é como estar em frente a um espelho. Mesmo com a mudança de trejeito, personalidade e a barba, é como estar diante de um

maldito espelho e é engraçado. Já usamos disso para enganar algumas pessoas e, sim, namoradas também. E agora lá vem Alice com essa besteira outra vez. Mas invejo sua facilidade de mudar de assunto tão rapidamente.

— Claro que não, Alice, que pergunta mais idiota. Sabe que não — Arthur responde a contragosto.

— E por que veio? — ela indaga.

— Sim, isso eu também quero saber...

— Foco, Augusto — ela me interrompe. — Agora fala, Arthur!

— É, fala, Arthur. — Dou força a ela em meio ao riso, vendo Arthur se endireitar no lugar, ficando desconfortável. Ele perdeu mesmo o jeito, não costumávamos ter tanta vergonha assim um dos outro.

— Posso ter sentido saudades da minha mãe. — Dá de ombros.

— Não enrola, você quase não vem aqui e ainda reclama quando ela te faz vir.

— Tá, tá bom. Tentei ligar para vocês e não consegui, Pedro também não me atendeu, eu queria conversar e saber como as coisas andam para o bundão aí. Decidi vir pra cá. Foi isso. Estava preocupado com ele, satisfeita?

— Muito, aí que lindo vocês dois!

— Não começa, Alice. — Eu rio, mas fico feliz de ainda nos importarmos.

— Admita, vocês têm aquela viagem de gêmeos univitelinos. Sem falar que, quando eram pequenos, você fugia pro quarto do Guto e dormiam juntinhos todas as noites.

— Eu era uma criança e tinha medo do escuro, tá legal? — Arthur se defende. — Ele, como irmão dez minutos mais velho, tinha o dever de me proteger.

Eu rio abertamente dos dois adultos que voltaram a ser crianças à minha frente, me sentindo confortável. É verdade, fazíamos isso sim. Arthur tinha medo do escuro e quando Alice veio e também cresceu um pouco, o bastante para também ter medo do escuro, dormíamos os três espremidos em minha cama. Éramos um grande trio, logo depois, com a chegada de Pedro, nos tornamos um grande e divertido quarteto.

Passamos a conversar sobre tudo e nada ao mesmo tempo. Fugindo de nossos próprios anseios e sentimentos pessoais. Ninguém aqui parece de fato querer falar sobre isso. O que me faz bem, me desliga um pouco da melancolia. Quando Alice cochila, me levanto sob o olhar de Arthur, na intenção de ir para meu antigo quarto.

— Está mesmo tudo bem? — pergunta baixo.

— Sim, na medida do possível, e com você? — Vejo Arthur respirar fundo.

— Vou ficar. — Perdemos alguns segundos, sem saber bem o que dizer, e digo por fim:

— Boa noite, irmão.

— Boa noite.

Vou para meu quarto, deixando-os dormir.

Não tenho sono, por isso, me ponho a observar a escuridão pela janela aberta, sentindo o vento frio em meu rosto e volto a pensar em tudo o que aconteceu essa noite. Uma batida suave na porta me chama atenção e me faz virar para ver minha mãe entrar no quarto com um copo de leite nas mãos. Uma imagem tão familiar.

— Ainda acordada, mãe? Sinto muito por vir assim, não queria te preocupar.

— Bobagem, uma mãe adora ter todos os filhos em casa. E não estava dormindo, estava com Cida preparando alguns bolos, ando com insônia ultimamente e parece que ela também — mamãe fala e me entrega o copo de leite. Se não a conhecesse tão bem, eu acreditaria. Mas sei que sua insônia tem nome: Catherine e Cristine. Ela também se apegou às minhas meninas. — Quer conversar, bebê?

Eu disse que Alice tinha o seu jeito de nos fazer falar quando quer.

— Acho que não. Mas não se preocupe, não fiz nada errado dessa vez.

— Bah, garoto! E o que aconteceu para te fazer vir aqui a uma hora dessas?

— O fim, foi isso. Hoje saímos, mãe, fomos a um restaurante novo, conversamos. Cristine me deixou chegar perto, falar e... entender que matei o que tínhamos. Eu entendi, mãe, de verdade, e doeu. Ao mesmo tempo, me

senti culpado por sentir tanto desespero, quando é ela quem está passando por tantos problemas. Sinto culpa por sentir dor, uma dor que, comparada ao que ela vem passando, não é nada. Mas não posso deixar de sentir. Sinto vergonha por estar como estou, sinto culpa, desespero. Pode isso? — Minha mãe sorri, me deixando confortável em falar. Assim como fiz com Cristine mais cedo. — Fiz o que ela me pediu, mãe, eu desisti dela e isso tá acabando comigo. Parece que estou morrendo a cada maldito momento. — Me aproximo da cama e me sento junto dela, que envolve meus ombros com seu braço, afagando-os.

— Isso é amor, meu filho. É amar tanto a ponto de colocar a necessidade do outro acima da sua, Augusto. Finalmente entendeu como o amor funciona, meu filho. — Sorrio enxergando a ironia disso tudo.

— Acho que entendi um pouco tarde, não é?

— Pra esse amor talvez sim, mas não para um próximo. — Tenho vontade de discordar, de gritar e dizer que ela enlouqueceu, mas me lembro de que é dona Vera aqui e me calo de imediato. — Não me olhe assim, filho. Um novo amor, saudável, puro e verdadeiro não precisa vir de outra pessoa.

Ela já deve estar passando da hora de dormir, pois, para mim, ela não diz coisa com coisa. Será que ela está mesmo me ouvindo?

— Vou me deitar. Boa noite e durma um pouco, está precisando.

— Boa noite. — Ela beija meu rosto e vai em direção à porta. — Mãe? — Ela me olha com um sorriso no rosto. — Eu não posso amar outra pessoa. Não sou capaz disso. — O olhar de minha mãe é piedoso em minha direção, me faz sentir um miserável.

— Eu sei, querido. — Ela se vai e eu volto minha atenção ao copo de leite em minhas mãos. Duvido muito que ele consiga me fazer ter uma boa noite de sono.



Acordo cedo, depois de pouco mais de duas horas de sono. Tomo

banho e troco de roupa. Uma que tinha deixado aqui dias atrás. Saio do quarto e encontro dona Vera já de pé. Minha mãe me entrega uma bolsa térmica, dizendo ter preparado o café da manhã para eu e Cristine tomarmos juntos no hospital e não me deixa chegar perto da mesa do café, quase me expulsando de casa.

Guardo tudo no carro, me despeço dela e volto para a cidade. Deixo Alice dormindo, meu pai se vira para deixá-la em casa depois. Ao chegar ao hospital, vou direto em direção à ala pediátrica, sentido certo nervosismo em vê-la depois de ontem. Ando a passos largos, ansioso para ver minha pequena acordada. Ontem Cathe dormiu a maior parte do tempo, nem mesmo Tutu a animou.

Assim que alcanço o elevador e as portas se abrem. Pedro está dentro vestido todo de branco, parecendo uma assombração, uma grande por sinal. O cara me olha como se fosse me atacar com a prancheta em suas mãos.

— Filho de uma...

— Olha a boca! — repreendo entrando com ele.

— Onde você se meteu? Seu *viado*, há três dias tento falar contigo e você vem fugindo. Agora vai me ouvir, nem que eu te amarre.

— Calma, Mamute, eu não vou a lugar nenhum. Pegou o desespero de Alice agora?

— Maurício, o assunto é Maurício. — Meu rosto se fecha no mesmo momento e passo a respirar mais lento, o ar chega a pesar. Já basta ter visto o desgraçado ontem à noite.

— O que foi dessa vez? — pergunto me preparando para o que quer que seja.

Primeiro ele diz que os exames que pedimos com urgência ficarão prontos hoje e então Pedro me conta o acontecimento de dias atrás, aqui mesmo no estacionamento do hospital. A cada palavra que ouço, meu corpo parece esquentar, a raiva me consumindo e me cegando. O filho da puta foi longe demais dessa vez. Ele não pode ameaçá-la assim, meu Deus, é Cristine, a minha Cristine.

Infeliz, desgraçado, filho de uma puta!

Se ele acha que as coisas vão ficar assim, ele não perde por esperar.



***BIP...BIP... BIP... BIP... BIP...
BIP...***

Já passa das nove da manhã e Cathe ainda não acordou, me preocupo, mas sei que é por conta de todos remédios que vem tomando. Já eu não cheguei ao menos a dormir, repassando tudo que Maurício me disse, olhando o exame em minhas mãos. Quando penso em sua proposta cruel e o jeito com que vem se comportando, sinto ânsia de vômito, nojo e não sei o que fazer.

Claro, não vou aceitar e ponto final, isso está decidido, porém, o medo de perder minha filha está me corroendo por dentro. Mesmo assim, estou tentando raciocinar com calma, tenho fé que Cathe conseguirá o transplante, e, mais cedo do que imaginávamos, vamos sair daqui. Sei que essa é apenas a sua primeira batalha, já que o lúpus não é uma doença curável, mas vamos aprender a lidar e a controlar a doença, ficaremos bem.

Me levanto, deixando-a sozinha na cama e ela solta um gemidinho pesaroso. Acho que está com dor, ela vive com dor nos últimos dias. Solto um suspiro cansado, me dando por vencida em toda essa situação. Estou esgotada, assustada e principalmente encurralada. Olhando agora para ela e vendo toda sua fragilidade, sinto meu coração afundar em meu peito e é nessa hora que as palavras de Eric vêm à minha mente. Ele foi bem conciso, ao dizer: “Cathe não terá muito tempo, caso não encontremos um doador

compatível". Um arrepio percorre minha espinha, pois não tem como pensar nisso e não lembrar de Maurício.

De tantos seres humanos na terra, ele tinha que ser compatível? Maurício tem nas mãos munição suficiente para me atingir como e quando quiser, essa é a verdade. Ele sabe meu ponto fraco, passou anos se aproveitando dele e não parece disposto a desistir do seu brinquedo — eu.

Não derramei uma lágrima desde ontem, pareço está seca, oca, é essa a sensação que tenho. Preciso falar com alguém, ter uma luz do que fazer e nada me vem. Liguei para Bruno hoje pela manhã, mas ele não atendeu. Fiquei sabendo logo depois, pelo jornal local, que o BOPE está em operação no morro com a polícia militar e esse deve ser o motivo pelo qual não me atendeu. Bruno não me avisou sobre a bendita operação, ele sabe o quanto me descabelo quando ele sobe o morro. Estou fazendo isso agora mesmo. Meu erro foi lhe perguntar certa vez como era e saber que brinca com o perigo a cada passo, isso me deixa em cólicas. Pareço um vulcão prestes a entrar em erupção, sem saber o que fazer.

Penso em Augusto, mas seria loucura. Não temos mais nada um com o outro e o assunto não cabe a ele, por mais que eu queira, não seria justo sobrecarregá-lo com isso, não depois de tudo o que foi dito ontem. Eu sou uma grande piada, isso sim, loucura é cogitar aceitar a infeliz proposta de um homem como Maurício. Devo estar à beira da loucura.

Me sinto presa em um *déjà vu*. É como estar sentada na cama de Silvy novamente, ouvindo sua solução. Aquela mesma menina magricela, sonsa e desesperada, completamente perdida. Achei que, depois de tanto tempo, nunca mais me sentiria assim, mas me enganei, é como estar naquele mesmo momento, os mesmos sentimentos relacionados ao mesmo homem...

— Cristine Martins? — Volto minha atenção em direção à porta, encontrando um rapaz magrelo, com um uniforme vermelho parado na porta, segurando um arranjo enorme de girassóis e rosas brancas.

Fico no meio do quarto fitando-o, lembranças enchendo minha mente aos poucos. Momentos felizes, muito felizes, lembranças de sábados alegres em família. De quando minha mãe era acordada todas os sábados, recebendo as mesmas flores. Meu pai fazia questão de mandá-las, adotando o gesto como um tipo de tradição única deles. Girassóis eram as flores favoritas de

mamãe. As rosas vermelhas, em meio a elas, eram para — como meu pai mesmo dizia — simbolizar todo o amor que sentia por ela. Era o gesto mais lindo que já tinha presenciado na vida e eu me orgulhava de ter nascido desse amor tão puro, me orgulho, na verdade. Levarei todos aqueles momentos para sempre comigo.

— Cristine Martins é a senhora? — pergunta novamente, meio impaciente, e me forço a responder:

— Sim, sou eu. — Minha voz sai embargada e só então me aproximo do rapaz.

— As flores são pra senhora. Pode assinar aqui, por favor? — fala, me entregando a prancheta, e eu rapidamente assino meu nome.

Logo ele vai embora e fico segurando um grande e lindo buquê de flores. Só pode ser de Bruno, só ele sabe o que essas flores em especial significam para mim. Cheiro os girassóis sentindo o perfume que tanto adoro entrar em meu sistema, tem o cheiro de minha mãe, cheiro de amor. Olho atentamente cada detalhe e vejo um cartão dourado em meio a elas. Coloco as flores sobre a cama e pego o cartão. Me surpreendo ao abrir e ver o conteúdo em letras cursivas e pequenas, cuidadosamente escritas a mão, que diz:

" Bom dia, meu amor...

Um passarinho me contou o significado que essas flores em especial têm para você. Não me leve a mal pelo gesto e nem conte ao passarinho que lhe contei como soube das flores, ele prometeu me matar caso falasse. Porém seria injusto e mentiroso de minha parte, se lhe dissesse que tive a ideia sozinho e não é assim que quero reconstruir o que tivemos. Encare como mais um pedido singelo de desculpas, prometo ser o homem que você precisa e merece, se me der uma pequena chance. Mais uma vez, peço o seu perdão, eu a amo.

Ps: Troquei as rosas vermelhas por rosas brancas, soube que seu significado é amor e perdão. Achei perfeito para a ocasião.

Do sempre seu, Augusto."

Como ele sabia das flores? Bruno...

A emoção vem com força, o gesto me pega completamente desprevenida e suas palavras acabam comigo. Tocada, é como me sinto. Reverentemente tocada, amada e melancólica. O gesto é perfeito e enche o meu peito do mais puro dos sentimentos. Sinto o amargor vir à minha boca e logo constato ser o gosto do arrependimento que bate forte em meu peito.

— Bom dia, Cristine, como passou a noite? — Viro-me e o vejo parado despreocupadamente, encostado na porta.

Perfeito como sempre. Perfeito demais para uma manhã de sábado. Augusto parece me estudar por alguns instantes. Então sua atenção vai para minha mão. Perdemos segundos parados um em frente ao outro sem dizer nada. Vejo-o fechar os olhos, levando a mão aos cabelos — agora inexistentes em tamanho comprido — suspirando, exasperado.

— Cristine, desculpe-me por isso. Não é o que está pensando — ele fala rápido e atropelado.

— E o que estou pensando?

— Não estou te pressionando ou nada do tipo, me pediu pra manter distância e respeitar o seu espaço e farei isso. Só esqueci de cancelar as flores hoje cedo. Me desculpe, não foi por mal, juro. Prometo não fazer de novo.

Ele está se sentindo culpado por me mandar flores? Já vi homens culpados por não mandar, já vi muitos, na verdade. Assim, ao contrário, é a primeira vez. Me aproximo dele e seguro seu ombro com uma mão. Fico na ponta dos pés e beijo seu rosto com carinho, pegando Augusto desprevenido.

— Tudo bem, mande sempre que quiser e obrigada, são lindas. Adorei recebê-las. — Vejo o homem me olhar confuso e parece duvidar de mim. Acho graça de sua expressão espantada e sem jeito.

Observo seu rosto agora de perto. Ele está mais magro, é visível pela profundidade que suas bochechas ganharam, também tem manchas escuras ao redor dos olhos, sinal de que não anda dormindo muito bem. Ao mesmo tempo, observo como está com o semblante carregado e cansado, preocupado eu diria.

— Menos mal, que bom que gostou. Como passaram a noite? — Ele quebra o silêncio.

— Bem — respondo e me afasto, de repente me sentindo incomodada

demais com o rumo dos meus pensamentos.

— Não parece bem pra mim. Comeu alguma coisa hoje pela manhã? Sentiu algum enjoo? — pergunta, preocupado.

— Não e não.

— Então seus problemas acabaram — fala me dando um sorriso gentil, caloroso. — Trouxe o bolo de milho de dona Vera, aquele leite com canela que você tanto gosta e acho que tem mais alguma coisa aqui. — Enquanto ele fala, sinto até mesmo o gosto do bolo em minha boca.

— Já foi ao sítio hoje cedo?

— Na verdade, dormi por lá essa noite — fala colocando uma bolsa térmica em cima da bandeja móvel, tirando uma garrafa e vasilhas de dentro. Também copos e pratos. Ele veio mesmo preparado. — Trouxe bolo de chocolate também, mas não acho que seja bom você comer por conta da enxaqueca. É melhor deixar somente para a pequena.

— Por que foi pra lá ontem tão tarde? — Não seguro minha curiosidade e ele me olha, segurando o pote com bolo nas mãos.

— Não sei. Meus pais estão meio sem jeito comigo. Acho que eu quis consertar as coisas, ou senti falta, não sei ao certo.

Me mantenho calada e me sento no sofá. Ele coloca a bandeja na minha frente e não se senta ao meu lado, pegando a cadeira perto da cama de Cathe e se sentando do outro lado da bandeja, que improvisa uma bela mesa de café da manhã. Meus olhos, volta e meia, pousam nas flores em cima da cama e em seguida nele, que está com os olhos perdidos em um ponto na parede ao seu lado. Augusto parece preocupado e incomodado com alguma coisa, está sentado quase que paralisado na cadeira, o copo com o leite esquecido em suas mãos, os olhos perdidos e estáticos.

Pelo que vejo, seu exagero é de família, sua mãe mandou comida para alimentar um batalhão e o bolo de chocolate não para de me chamar e tem o cheiro excelente. Minha boca saliva pelo doce.

— Se eu comer só um pedacinho, não tem problema, não é?

— Como disse? — Ele se volta para mim, sem entender.

— Se eu comer só um pedacinho do bolo de chocolate, não tem problema, certo? — Ele sorri, um sorriso simples e verdadeiro.

— Não, não tem, desde que seja realmente só um pedacinho, não abuse, tem seu estômago também. — Sorrio como criança, esquecendo por um minuto toda a preocupação que me cerca.

— Certo, um pedacinho pequenininho então.

— Exatamente — fala, ainda rindo. esticando as pernas e pondo um pé sobre o outro, enquanto bebe o líquido em seu copo.

Pego um pedaço pequeno do bolo e me sento novamente. Volto a observá-lo, sentindo como se ele não estivesse aqui, não de verdade. Não sei explicar, mas Augusto está longe, muito longe, ao menos em pensamento.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto.

— Não, nada, quer dizer... nada, não foi nada. — Ele não me parece muito certo do que diz.

Como a fatia do bolo e gemo em resposta, deliciada com o sabor que explode em minha boca.

Ficamos calados, ambos perdidos em nossos próprios pensamentos. Os meus viajam para a noite de ontem, não só para as partes com Maurício, mas também para o jantar. Algo mudou, não sei o que, não ainda, mas algo ficou mais leve, fácil e gostoso entre nós. Agora há um tipo de amizade, cumplicidade. Percebo minha necessidade de desabafar com alguém, de falar com ele sobre o que está queimando meus miolos no momento, e ...

— Posso falar com você um instante? — Minha voz sai meio desesperada, pois, se eu não falar agora, não terei coragem depois.

— Claro, pode falar o que quiser. — E sua expressão me diz exatamente isso: que posso mesmo falar, confiar nele.

— Não aqui, ela pode acordar. Vamos ali pra fora, assim podemos conversar e ficar de olho nela ao mesmo tempo.

— Sim, como quiser. — Augusto se levanta sem que eu precise chamar uma segunda vez e vai indo em direção à porta.

— Vou só trocar de roupa, é só um momento. — Ele assente e sai do quarto.

Pego um vestido, o primeiro que vejo em minha frente e vou até o banheiro me trocar. Saio em seguida, encontrando-o fora do quarto, encostado na parede com as mãos nos bolsos e, mais uma vez, sinto que tem

algo errado com ele. Algo o incomoda, o aflige. É essa a impressão que me dá.

— Eu não sei por onde começar — começo a falar.

— Por onde achar melhor, te ouvirei de qualquer jeito e, não importa o que tiver a dizer, estarei aqui pra você.

Ah, como eu queria ter ouvido essas mesmas palavras em outra ocasião... Seus olhos são avaliativos e, sim, eu vou lhe contar sobre Maurício, não posso mais negar que preciso de ajuda, de sua ajuda.

— Ontem à noite quando... — Antes que eu consiga falar, algo acontece, fazendo Augusto pular no lugar e correr para o quarto novamente às presas. Meu cérebro demora a funcionar e meu coração para. Ouço um bip, ininterrupto...

Paro no tempo, a realidade do que está acontecendo me assaltando na velocidade de um trem de carga.

— Catherine... — falo, fraca, um sussurro.

Então tudo se perde em momentos de angústia. Gritos... ouço gritos vindo do quarto, gritos que pedem por um carrinho de parada, gritos angustiados de Augusto. Quero ir até lá, quero me mexer, fazer algo que possa ajudar, mas a cena que se apresenta à minha frente, quando chego a porta do quarto, me paralisa por completo.

Augusto em cima da minha filha fazendo massagem cardíaca em seu peito nu. Dor... desespero... tudo ao mesmo tempo me toma. Me descontrolo e vejo quando entram no quarto trazendo o carrinho de parada e Eric vem com a equipe. Ele empurra Augusto de cima dela para o lado, que se deixa ir sem resistência, levando as mãos à cabeça, o rosto completamente desfigurado em desespero, até... seus olhos pousarem em mim, ainda ao lado da porta. Sua imagem aparece para mim desfocada, nublada, esbranquiçada por lágrimas...

Ele vem até mim, e me coloca em seus braços em um abraço apertado, que diz mil coisas. Não falamos, enquanto estou fora de órbita vendo todos ao redor dela, enquanto a pá é colocada sobre seu peito e lhe dá choques... eu a perdi!

— Um, dois, três, afasta... — Ouço a voz de Eric, incapaz de ver

alguma coisa, afundando meu rosto no peito de Augusto, fazendo dali o meu refúgio.

“Não Deus, por favor não. Eu faço qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, só não a tire de mim. Por favor Deus, por favor Deus, não leve o meu bebê, eu não posso viver sem ela. Eu não sou nada sem ela, por favor...”

Então a oração em minha mente sem parar. Pedindo para que ele me ouça, que se faça presente e me dê seu milagre.

— Nada ainda, vamos de novo. Um, dois, três, afasta. Vamos, menina, vamos, ainda não é seu momento, vamos, Cathe, sua mãe está te esperando... mais uma vez... um, dois, três, afasta...

BIP...BIP...BIP...BIP...

Arregalo meu olhos ao ouvir o som controlado voltar.

— Ela voltou... — Ouço Eric quase gritar, sentindo todo o meu corpo amolecer, sendo segurada por Augusto. — Vamos entubar — Eric fala e me olha. — Catherine ficará em coma induzido até termos o registro dos estragos que a parada pode ter causado ao cérebro, Cristine. Quantos minutos? — Eric pergunta à enfermeira, enquanto o soluço e todas as lágrimas que achei não ter mais vêm com força.

— Três minutos, senhor... — Ouço um suspiro de Augusto, algo como alívio. Ele se afasta minimamente e segura meu rosto entre suas mãos, me fazendo olhá-lo.

— Não se preocupe, três minutos não é nada, nada mesmo. Ela ficará bem...

— Augusto! — A voz de Eric soa repreensiva.

— Ela ficará bem. — Augusto não dá atenção a Eric e continua falando comigo, como se não fosse só a mim que tivesse que convencer. — Olhe para mim, Cristine. — Eu olho, mas a incerteza me assalta como uma grande avalanche. — Eu estou te prometendo, está me ouvindo? Ela ficará bem, meu amor. — Meu amor... não sou capaz de falar e queria mesmo poder acreditar em suas palavras.

— Augusto, saia, preciso falar com Cristine, você não está ajudando no momento, sabe que não pode prometer algo assim.— Ouvimos Eric e Augusto se vira para ele como se o homem o tivesse golpeado.

— O que disse?

— Saia, não é da família e não está agindo certo, essa não é uma promessa que você pode fazer, sabe bem disso.

— Eu não vou a lugar algum e, nesse caso, acho que terei que repetir minhas palavras a você. Catherine ficará bem, Eric. Três minutos não é nada, sei muito bem disso. Ela acordará lúcida e conseguiremos um doador há tempo para o transplante. Não me venha com esse seu realismo de merda dizendo que isso irá prepará-la para o pior, pois eu lhe digo que o pior não vai acontecer, não com a minha menina. Ela é forte, vai passar por tudo isso com louvor, agora saia você, Eric. O caso já não está apenas em suas mãos. Vamos, saia, e não ouse dizer que o pior irá acontecer. — Eric olha-me como se eu pudesse fazer algo. Eu não posso, não quero e concordo com Augusto, não preciso de ninguém que me diga que irei perdê-la, não mesmo, essa certeza já bate à porta dos meus pensamentos e pesadelos há muito tempo.

— Eu volto quando você estiver raciocinando, Augusto, pois, no momento, é impossível conversar com você. Deixarei que se acalme.

— Se for voltar para dizer dos riscos que corremos, não precisa vir. Te respeito, sei como é a profissão, mas, no momento, não me importo com isso.

Eric nega e sai do quarto frustrado. Ainda estou agarrada a Augusto como se ele fosse meu bote salva-vidas. Ele se volta completamente para mim ao me abraçar. Tenho medo da realidade, medo de olhar Cathe, medo de outra parada cardíaca... medo, é só o que sinto e é neste exato momento que a decisão é tomada...

E por mais que eu confie em Augusto, não posso acreditar apenas que tudo dará certo, que um fígado cairá do céu. Preciso agir, fazer tudo que puder, como fiz uma vez, tomar as rédeas da situação e lutar pelo bem-estar da minha filha. A decisão é tomada em um momento de desespero, é verdade, mas nunca tive tanta certeza do que irei fazer como tenho agora. Minha filha irá viver, nem que para isso eu tenha que morrer por dentro.



***A certeza do amanhã sempre vem
e, com ela, a esperança de um novo
amanhecer...***

Augusto se vai e eu volto ao meu estado comum: sozinha. Sou atacada por uma melancolia realmente destrutiva, me consumindo aos poucos como um bendito sanguessuga. Medo, desespero, impotência se abatem sobre mim com força. Sou comprimida pela certeza do que tenho de fazer e não me importo com o que irá acontecer comigo se Cathe estiver ao meu lado e com saúde. A única coisa que não suporto no mundo é perdê-la, isso não. E no momento essa é a única certeza que tenho. Ela ficará bem!

É tudo por Cathe, sempre foi...

Sinto como se Maurício estivesse me corroendo e se alimentando do meu medo e da minha fraqueza, como um *spectrum*. Ele tem esse poder, na verdade, dei isso a ele seis anos atrás. Eu lhe dei o poder de me ter em suas mãos, de conhecer meu ponto fraco e se aproveitar disso, sempre foi assim. Sempre quando decidia parar de me prostituir, ele jogava seu veneno, me deixando com medo de não conseguir sustentar minha filha, lhe dar um teto e eu cedia. Hoje percebo que isso era apenas um jogo para ele, Maurício me manipulava para que eu estivesse sempre em sua cama e eu me rendia às suas vontades por medo e insegurança.

E mesmo sentindo repulsa e nojo de tudo o que representa, penso em sua proposta, em suas palavras e não vejo outra saída. Não posso entregar o bem-estar de Cathe a terceiros, por mais verdade que tenha sentido na promessa de Augusto, não posso me sentar e esperar um fígado compatível cair do céu. Pois não cairá. Com base nisso, tomo minha decisão, sei que é mais uma das tantas que tomei em meio ao desespero e isso não me inibe.

Ligo para Maurício após algum tempo em que tento tomar coragem, ouvindo sua voz ecoar pelo fone após o quinto toque.

— Ora, Ora... foi mais cedo do que imaginei. — A voz grossa, carregada de deboche, chega aos meus ouvidos.

— Eu... eu aceito — falo de uma vez, tentando me livrar logo da humilhação, com pouca convicção até mesmo para mim.

A gargalhada de Maurício explode do outro lado da linha, fazendo com que eu me sinta um lixo, barata como um verme e me mostrando que não irá facilitar. Isso dói tanto, me destrói, na verdade, e nessa hora procuro lembrar que não dói mais do que perder minha filha. O desespero que senti essa manhã é incomparável a qualquer outro que já senti e não vou correr o risco de passar por isso outra vez.

— Vamos, pode fazer melhor que isso, minha princesa — zomba.

— O que quer que eu diga? — Limpo uma lágrima, me recusando a ceder ao desespero que ele tanto adora, mesmo sentindo com plenitude que estou perdida. — Por favor, Maurício...

— Eu deveria negar, verdade seja dita, já lhe dei importância demais. — Ele faz questão de espezinhar, me fazer implorar.

— Por favor... não faça isso. — Ouço-o rir novamente e o odeio, me odeio no processo, perguntando a Deus até aonde isso vai, quando irá se cansar de me jogar no chão, porque eu já cansei.

— Te pego às 7h, querida, esteja pronta.

— Pronta pra quê?

— Para mim, minha princesa, pronta para mim. Hoje vamos nos divertir um pouco, ando com uma saudade louca do seu corpo, de estar dentro de você. — Quase engasgo com minha saliva. — Leve o que precisar, passaremos a noite juntos e, amanhã logo cedo, voltaremos para o hospital.

Cuidarei de tudo que precisar para a cirurgia — fala em tom jocoso, prepotente.

Meu rosto queima, me levando à primeira noite em que me vendi. Mais uma vez, estou no mesmo lugar de seis anos atrás, cedendo à necessidade. Olho Cathe deitada na cama e meu coração se quebra, respiro fundo e digo o que ele tanto quer ouvir.

— Estarei pronta.

— Eu te quero perfeita essa noite, prepare-se. — E a linha fica muda.

Olho o celular em minha mão no qual uma foto minha e de Cathe estampa a tela. Na foto, estávamos sorrindo abraçadas na areia da praia e o que traz mais decepção ao meu coração é saber quem segurava o celular. Nesse dia, estávamos com Augusto, um dia de sol, praia e família, foi como ele disse que seria. Família, éramos uma família para ele. Éramos... isso ficou no passado, tão longe, tão confuso... e o desespero e a saudade me tomam.

Solto a mão pequena de Catherine e vou até o banheiro em busca de recuperar o controle, de parar de chorar. Sento-me no sanitário e respiro fundo algumas vezes, controlando a ansiedade, o medo e a incerteza.

Eu menti para ele hoje, menti mais uma vez. Silvy não está vindo para o hospital, ela só virá a tarde. Eu só queria distância, precisava pensar e não conseguiria fazer isso com ele aqui. Todo aquele cuidado e carinho ao me olhar estavam me deixando desconcertada, fizeram com que me sentisse suja, mentirosa, vendida e me trouxeram à mente todos os momentos felizes que passamos juntos ...

Lavo o rosto, ainda com pensamentos distintos na cabeça, e saio do banheiro. Sinto minha cabeça doer e o enjoo subir à garganta, paro no lugar e respiro fundo a fim de controlar o mal-estar. Quando me sinto um pouco melhor, volto a me sentar na cadeira ao lado da maca e pegar sua mão na minha. Ligo para Silvy em seguida e peço que traga tudo o que vou precisar para essa noite. Ela pergunta pra que tanto, digo apenas que venha e traga o que pedi, dando a desculpa de conversaremos quando chegar. Aproveito e já falo sobre a parada cardíaca que Cathe sofreu mais cedo, preparando-a.

Desligo o celular e desisto de ligar novamente para Bruno, não vou lhe contar o que vou fazer, não ainda. Ele me mataria, duvido muito que dessa vez me apoie. Não, não apoiaria, Bruno surtaria, isso sim. Já Augusto... Bufo,

rindo de mim mesma pelo pensamento, lembrando de sua reação ao saber o que eu fazia. Se me visse agora e soubesse o que aceitei fazer, ele desistiria de um "nós" de vez. Não sei qual seria sua reação ao certo, mas sei que Augusto me odiaria com toda certeza.

— Bom dia, Cristine, tudo bem? — Miguel me cumprimenta ao entrar sorridente no quarto, conferindo a medicação de Cathe já no fim.

— Augusto te fez mesmo vir? — Ele sorri. Miguel é residente, um rapaz muito bonito de cabelos negros e olhos azuis simpáticos, algo bem diferente.

— Seu humor não anda nada bom, o melhor a fazer é não contrariar. — Rio da careta que faz ao falar de Augusto. — Vou estar aqui em frente caso precise de mim, mas fique tranquila, Catherine está estável. — Confirmando e Miguel me mostra um sorriso doce e afável, voltando a sair.

Estável... até quando?

E é óbvio que ele viria, no atual estado de humor e estresse em que Augusto se encontra, Miguel não se negaria, ninguém se negaria.

O dia se arrasta, lento, agonizante e cinza. Ando de um lado para o outro, incapaz de me sentar ou me acalmar, concentrada em manter o controle. Já pela tarde, Pedro e Alice vêm ao quarto e me fazem companhia por um bom tempo. Conversamos e até mesmo consigo esquecer por alguns instantes o que aceitei fazer. Por meros instantes... Quando Silvy chega ao hospital, já é quase noite e, ao me olhar, simplesmente sabe que há algo errado.

— O que foi, menina? Aconteceu alguma coisa? — pergunta, aproximando-se e tocando meu ombro, não posso negar o que irei fazer e preciso falar disso com alguém.

— Maurício se ofereceu para doar parte de seu fígado a Cathe. Em troca, tenho de aceitar sua proposta, a mesma de um ano atrás. — Ela primeiro sorri, como se não acreditasse, depois sua expressão se fecha percebendo não que não é brincadeira e passa a me observar, atenta.

— Não. Você não fará isso. Ficou louca? — A senhora à minha frente esbraveja, fazendo com que eu me encolha.

— Cathe não tem mais tempo, Silvy, olhe para minha menina...

— Cristine, pelo amor de Deus, abra seus olhos. Estamos falando em se submeter a morar com um homem que não ama e que, ainda por cima, vem mostrando um caráter abominável. Minha menina, por favor, esfrie a cabeça e pense. Sei que tenho culpa em tudo isso, te apresentei a ele, a essa vida, mas entenda que não precisa mais disso. Cristine... — Sua fala é desesperada.

— Pensar em que, Silvy? Não há o que pensar. — A pequena mulher à minha frente segura minhas mãos, me levando até o sofá.

— Filha, não pense mal do que vou dizer, por favor, sabe o quanto te amo e amo a nossa Cathe, mas talvez esteja na hora de parar, meu amor. — Suas palavras entram em mim como espinhos. — Minha menina, você já fez demais, talvez esteja na hora de deixar nosso pequeno anjo descansar ao lado dos seus pais. — Me levanto, soltando suas mãos, não chego nem a acreditar no que está me dizendo, só em cogitar tal hipótese, um bolo já se forma em minha garganta.

— Não acredito que esteja me dizendo isso! — quase grito, sem controle. — Só não vou responder a essa loucura que acabo de ouvir, em respeito à sua idade, em respeito à senhora. — Silvy fecha os olhos e tenta segurar minha mão novamente, mas eu nego.

— Não me entenda mal, Cris, não pense mal de mim, por favor. Só quero que pense melhor, ou ao menos converse com Bruno, até mesmo com Augusto, antes de fazer qualquer coisa. Não faça essa loucura, Cristine, não entregue sua vida e seu corpo nas mãos de alguém que não ama.

— Não adianta, Silvy, já tomei minha decisão. Nem Bruno e muito menos Augusto podem me ajudar em um momento como esse.

Eu lhe dou as costas e entro no banheiro, levando comigo a bolsa que trouxe com roupas. Não adianta, minha decisão está tomada.



*Nadando contra uma forte
correnteza, você percebe que é
apenas uma folha seca à deriva,
sendo levada para o imenso mar,
apenas mais uma partícula ínfima em
meio a tamanha imensidão azul...*

Achei que já tinha sentido a dor e o desespero de perder alguém. Me enganei. Eu não tinha, não em plenitude. Isso eu senti hoje ao ver o coração de Cathe parar de bater. Vê-la fibrilar aos poucos me fez sentir como se meu próprio coração parasse por segundos junto ao dela. E ver o estado de Cristine só piorou todo o desespero silencioso em mim.

A falta de um fígado saudável está sobrecarregando seu pequeno coração e os outros órgãos. Toda aquela moleza, fraqueza e sonolência eram o prenúncio do desgaste por qual vem passando. Seu corpo tem pedido para ser curado, pedindo por descanso, e esses foram os sinais.

Permanecemos os dois no quarto enquanto faziam os procedimentos necessários, depois fomos deixados a sós. Cristine se mantém sentada na cadeira ao lado do leito segurando a mão de Cathe na sua. Minha pequena agora permanece entubada e com uma sonda nasogástrica, além dos aparelhos ligados ao seu peito. É doloroso ver uma criança como ela, tão

alegre e tagarela, assim, fragilizada e cheia de tubos, lutando para sobreviver. Imagino como Cristine deve estar se sentindo, já que mal consigo segurar meu desespero por vê-las nesse estado.

Desde o minuto em que a coloquei em meus braços, enquanto Eric assumia o meu lugar na reanimação de Cathe, Cristine está chorando. Agora, mais contida, porém as lágrimas não param. Algo aperta em meu peito, dor, dor física, vontade de assumir seu fardo, a doença e deixá-las livre. Não posso perdê-la, não posso perder nenhuma das duas.

Ontem quando a deixei aqui, senti como se estivesse dando adeus a uma parte crucial da minha vida, a melhor parte. Aquela impressão de realmente ter aprendido o que é viver e amar apenas ao seu lado. Mesmo assim, aceitei a distância que pediu porque é o que quer. Isso não quer dizer que irei me afastar, não, irei compensar o que fiz de outro jeito, estando presente e dividindo com ela suas dores e preocupações, fazendo o que eu puder. Ela está passando por um momento difícil e, por mais doloroso que seja perdê-la como mulher, nada se compara ao turbilhão que vem passando no momento. Então, sim, eu desisti, mas não a deixarei sozinha. Disso não sou capaz.

Alice está certa quando diz que projetei em Cathe o amor que senti pelo meu pequeno grão. Desde a primeira vez que a vi, ela me lembrou da minha filha.

Sorrio com o pensamento e por chamá-la assim, a verdade é que amei aquele bebê desde que soube de sua existência, crescendo saudável na barriga de Isabel. Eu tive planos com ela e acreditei cegamente que esperava um filho meu.

Depois que as duas se foram, por diversas vezes tive sonhos com a menina que achei ser minha. Sim, minha, afinal foi isso o que ela foi por meses e, em meus sonhos, ela era assim: falante, inteligente, loirinha de cabelos encaracolados, como eu. Quando pus meus olhos em Cathe, que me sorriu com tanta sinceridade infantil, me lembrei de imediato da criança que não pude ter, que não era minha, não de sangue. Deve ser por isso que, desde então, quando comecei a namorar Cristine, projetei nela aquele amor paternal guardado em meu peito. Eu amo essa pequena criatura falante, disso tenho certeza.

Ontem, ao ficar sozinho depois de falar com minha mãe, pude entender aonde ela quis chegar ao dizer que sabemos quando se ama alguém verdadeiramente quando a colocamos acima de nós mesmos e de todos, pensamos nela primeiro e por ela somos capazes de tudo. Descobri isso ontem, quando aceitei o que Cristine pediu apenas por querer lhe dar paz de espírito, por poder repartir com ela o fardo que carrega. Se ainda tentarei estar com ela em um futuro? Talvez, ou simplesmente siga meu caminho e a deixe seguir o seu, para que seja feliz e encontre alguém que faça por ela o que não fui capaz de fazer. Tenho vontade de bufar com o pensamento, sei que falo a verdade, mas a dor que esse pensamento me causa é surreal.

Vejo Cristine tirar minha mão de seu ombro e se levantar, correndo para o banheiro com as duas mãos na boca, em seguida ouço o barulho da ânsia de vômito. Entro no pequeno espaço e a encontro como encontrei em madrugadas passadas, agarrada ao sanitário. Me agacho atrás dela e seguro seu cabelo, passando a mão com delicadeza em suas costas.

Ela vomita sem parar, espasmos fazendo seu corpo todo tremer e me preocupo, algo está errado. Ela para por instantes e trago suas costas de encontro ao meu peito, passando o braço por sua fina cintura, agora realmente muito fina. Cristine apoia a cabeça em meu ombro, olhos fechados, testa e pescoço suados, o suor frio se misturando com lágrimas que escorrem de seus olhos.

— Já vai passar, vai passar. — Tento acalmá-la. Puxo a toalha ao alcance de minha mão e enxugo sua testa, limpando também sua boca.

— Tá doendo, Augusto, doendo tanto... — Ela não se refere ao estado físico, sei disso porque dói em mim, assim como sei também que Cristine está começando a perder sua fé.

— Vai ficar tudo bem, eu prometo, meu amor — falo e me levanto, trazendo-a comigo.

Dou descarga e ela se senta em cima da tampa do sanitário, escondendo o rosto entre as mãos em um estado de desolação que me parte ao meio. Me agacho em frente a ela e tiro suas mãos do rosto para que me olhe.

— Não fique assim, Cristine, daremos um jeito nisso. Prometo a você e não é uma promessa vazia.

Passo a mão por seu rosto fazendo-lhe uma pequena carícia e a vejo

fechar os olhos, encostando seu rosto com carinho nela. Limpo uma lágrima que cai, uma das muitas que já derramou hoje, e ela me olha. Seu olhar é doloroso, culpado, fazendo meu peito apertar.

— Me perdoe. — Não entendo o que diz e me levanto beijando sua testa, levantando-a em seguida.

— Não tem nada que eu precise perdoar. Agora vamos sair daqui, você também precisa descansar. — Ela confirma, muda, indo até a pia lavar o rosto.

Me encosto na porta, observando-a enquanto escova os dentes. Seu pedido de perdão me soa estranho, me faz lembrar que queria falar algo antes de...

— O que queria me falar? — pergunto quando ela termina o que estava fazendo.

Cristine me olha... culpada? Eu devo estar com a cabeça a mil e imaginando coisas. Essa é a única explicação por achar que seu olhar é culpado em minha direção.

A forma como havia dito que queria conversar era aflita e eu podia jurar que iria dizer algo de extrema importância. Se eu pudesse dar um palpite, diria que me contaria sobre Maurício, o que para mim seria de grande importância, já que ela pediu a Pedro para não me contar, alegando não querer mais um maluco se metendo em sua vida.

Entendo perfeitamente seu comportamento e, caso fosse isso o que queria me dizer, seria um pequeno sinal da volta de sua confiança em mim. Mas, pelo visto, me enganei, não era isso o que ia dizer. Cristine nega minha pergunta com a cabeça e algo parece se apagar dentro em mim.

— Não é nada, até me esqueci.

— Tem certeza? Pode confiar em mim, Cristine, para o que quiser...

— Dr. Augusto? — Uma voz feminina chama às minhas costas e, quando olho o quarto, vejo Nice parada próximo ao leito de Cathe.

— Oi, Nice, como vai?

— Bem, doutor, vim a mando do dr. Antony, ele pediu pra lhe chamar, é urgente.

— Diga a Antony que estou de férias e com Cathe, não posso sair

daqui, se ele quiser falar comigo, pode vir até mim.

— Ele disse que falaria isso e que eu lhe dissesse... — Ela pensa no que falar e sorri. — Eu não vou dizer o que ele mandou, doutor, tenho muito respeito pelo senhor, mas é uma emergência grave. Não tem outro médico fora ele, apenas o senhor de neurocirurgião.

— Tudo bem, Augusto, Silvy me passou uma mensagem, disse que já está vindo. Pode ir tranquilo, ficaremos bem e o que quer que seja, não deve demorar tanto. Vá salvar vidas.

Cristine fala sem me olhar diretamente. Quero dizer não, mas fiz uma promessa quando me formei, promessa essa que me orgulho em cumprir todo santo dia. Apenas concordo com o que diz.

— Miguel já está no hospital, Nice?

— Sim, senhor, está com o doutor Pedro como mandou.

— Diga que venha para cá e que não saia daqui até que eu volte. — Me viro para Cristine e a faço me olhar, levando as mãos em forma de concha ao seu rosto. — Estarei com Antony e, caso precise, não hesite em me chamar. — Ela assente, não me dando muita certeza e um mau pressentimento toma minha espinha. Algo nunca sentido, não mesmo, algo novo. — Eu disse a verdade, confie em mim, por favor, tudo ficará bem. — Me sinto na obrigação de dizer isso a ela, de lhe prover segurança.

Dou-lhe um beijo na testa e saio da sala seguido por Nice. Me encaminho à ala cirúrgica e paro próximo à sala, me virando para a enfermeira de sorriso afetuoso no rosto.

— Preciso de um favor seu.

— Claro, doutor, peça o que quiser.

— Quero que fique com meu celular, estou esperando uma ligação urgente do meu irmão. Se ele ligar, diga que estou ocupado, mas que deixe o recado com você. — Ela me olha por segundos.

— Pode deixar. — Entrego meu celular a Nice, que guarda no bolso de sua blusa.

— Obrigado, fico muito grato.

— Imagina e pare com isso. Sabe o carinho que tenho por você e seus pais, faria qualquer coisa que me pedissem. — Sorrio, sei que é verdade.

Toco seu ombro e vou me preparar. Após trocar de roupa e me lavar, vou ao encontro de Antony. Surpreende-me o que vejo quando adentro a cirurgia. Se tem um caos no mundo, esse é o lugar. A equipe é pequena, apenas o necessário, o que por si só já é estranho. O paciente está de bruços na mesa de cirurgia e com a coluna aberta, porém o cirurgião está operando seu cérebro. Mas o que diabos é isso? Olho a cena meio aturdido.

— Alguém pode me explicar o que é isso? Que droga estão fazendo com o paciente aberto dessa forma?

— A merda é maior do que pensa, chefe. — O “chefe” é deboche de Antony, claro.

Depois, me esclarece o que aconteceu e, em todos esses anos, não tinha visto nada igual. O paciente em questão sofreu um acidente de carro e a fratura entregue a Antony foi na coluna, como assim mostravam os exames. Mas aí, depois do homem aberto na mesa, entraram aqui e entregaram ao cirurgião os exames certos, sim, os exames de antes eram de outra pessoa. Alguém os trocou, só que a essa altura o paciente já tinha sido submetido à cirurgia, completamente exposto. Não, espere que essa não é a melhor parte da história, o melhor vem agora. O paciente tem um tumor na coluna, que, por sua vez, foi descoberto agora. Isso mesmo e, pelo que vejo aqui, o tumor está a centímetros de sua medula, mais alguns dias e seria praticamente um caso perdido. Uma história digna de um filme, não é?

Depois de saber de toda confusão, meu dia, que já estava ruim, piora drasticamente. O que resta a ser feito é operar o crânio, que foi o local fraturado pelo acidente, enquanto isso, tirarei o tumor, pois o homem já está na mesa e a família autorizou a segunda cirurgia.

Penso na merda que isso vai causar, na burocracia filha da puta que vai me custar. Um processo, na certa. Faço o que tem de ser feito cuidando da coluna, enquanto Antony opera o coágulo de sangue na cabeça do paciente. Foco minha atenção na operação, tentando não pensar no que pode estar acontecendo com Cathe enquanto estou aqui. Quando enfim termino, depois de horas, fecho o paciente e começo a me livrar das luvas, me aproximando de Antony.

— Não me interessa quem trocou os exames, quanto tempo tem de hospital e nem de quem é filho ou irmão. Pode ser parente do Papa, Antony,

vou querer a cabeça dele. O responsável será punido por essa merda. O paciente tinha um tumor e isso serviu de certa forma para o diagnóstico, mesmo assim, não é justificável. Imagine se este homem não tivesse nada e você o operasse, lhe causado uma lesão na medula? — Ele apenas me observa, calado. — Quero a demissão ainda hoje, esteja avisado.

— A fera parece ter voltado — fala de mau humor, porque sabe que vai sobrar para ele também.

— Ela nunca saiu, agora conserte a merda que fez.

Não dou margem a erros e quero uma equipe que me passe a mesma confiança. Nosso trabalho não é como vender pães, não, aqui, se cometermos um erro, por menor que seja, perdemos vidas e isso é inaceitável.

Assim que deixo a sala, indo em direção ao vestiário, Nice me chama às minhas costas. Vou até ela, que segura um envelope nas mãos e meu celular.

— Como foi a cirurgia, doutor?

— Um sucesso, se analisar apenas o resultado. Agora me fale sobre Cathe. E Arthur ligou?

— Sua menina passa bem e, sim, seu irmão ligou. Ele veio aqui pessoalmente, insistiu pra lhe falar e deixou isso comigo, quando não pôde mais esperar — ela fala indicando o envelope em suas mãos. — Disse que o senhor devia olhar tudo com urgência. — Pego o envelope e meu celular de suas mãos.

Liguei para Arthur mais cedo, assim que falei com Pedro e soube de Maurício. Fiz Pedro me contar a história mais de três vezes, notando cada pequeno detalhe. Notei também o interesse dele não só em Cristine, mas também em Cathe. Essa sua loucura por ela é doentia, possessiva e já foi longe demais. Algo está errado em tudo isso. Liguei para Arthur e pedi que, se pudesse, entrasse em contato com alguém para que levantasse a ficha de Maurício. Notei a surpresa de Arthur quando disse o nome dele, ele não quis entrar em detalhes e aceitou fazer o que lhe pedi. Tinha certa dúvida se me ajudaria, o cara é certinho demais com o que diz respeito ao seu trabalho, mas, por sorte, não mostrou nenhuma resistência.

— Agradeço, Nice, você é ótima, como sempre.

— Dr. Pedro também ligou, doutor, e pediu que assim que saísse da cirurgia, fosse ao consultório dele. — Ao ouvi-la, uma ansiedade descabida retumba no meu peito.

— Vou agora mesmo e obrigado mais uma vez por sua ajuda.

— Conte comigo sempre que precisar. — Aceno e saio em seguida.

Desisto de trocar de roupa e vou logo à sala de Pedro. Enquanto ando em direção ao consultório, abro o envelope em minhas mãos dando uma boa olhada no conteúdo. Sinto como se meu sangue gelasse com o que vejo.

Maurício é pior que eu imaginava, um filho da puta, um grande filho da puta!

O desgraçado é a porra de um... Meu celular toca, olho-o vendo uma mensagem de Pedro pedindo urgência. Lembro de minha prioridade no momento e volto a guardar os papéis no envelope laranja, tentando controlar a raiva que me cega no momento. Tudo parece em câmera lenta, até mesmo o caminho até o consultório está maior.

Em frente à sala, fico apreensivo. Medo, essa é a palavra certa. Bato e então entro. Encontro Pedro encostado em sua mesa observando Alice sentada na cadeira à sua frente, mexendo em seu celular. Idiota. Quando me vê, ele arruma rápido a postura, arrumando o jaleco, quase limpando a baba que escorre no canto de sua boca.

— Sente-se, Fera — fala risonho e esse sorriso...

— O resultado saiu? — pergunto, sentindo uma euforia sem tamanho me tomar.

— Sim, a peste aqui é compatível. — Me perco em suas palavras, sentindo a entonação alegre. Compatível....

Compatível?

Compatível...

— Compatível? — testo a palavra em minha boca, sentindo o alívio refletir em meu corpo por completo.

— Sim, compatível e os exames dela estão todos ótimos, uma saúde de ferro.

Uma emoção diferente, uma mistura saborosa de se sentir. Alívio,

desespero, gratidão e... um aperto em meu peito que faz meus olhos transbordarem. Ando lentamente até a cadeira ao lado de Alice e me sento nela. Alice é compatível com Cathe, ela pode salvar minha menina, vou cumprir minha promessa a Cristine e Cathe realmente ficará bem. O inevitável acontece e as lágrimas descem... choro do mais puro alívio. Alice se levanta e se joga em meus braços se sentando em minhas pernas e me abraçando. Retribuo, mudo.

Quando, há alguns dias, bati em sua porta e implorei que doasse um pedaço de seu corpo a Cathe, eu me encontrava em desespero. Me senti culpado por pedir tal coisa a Alice, mas eu não poderia correr o risco de perder Catherine. Então lhe implorei sem nenhuma reserva, disse que poderia pedir o que quisesse, caso fosse realmente compatível e doasse parte de seu órgão a Catherine.

O sentimento de culpa que eu sentia por pedir tal coisa a Alice foi por conta de sua fragilidade, por saber pelo que passou e vem passando nos últimos meses. Provavelmente, se eu apenas tivesse lhe dito sobre a possível compatibilidade, ela teria se oferecido de bom grado para doação. Eu sabia o que tinha que fazer, que não poderia forçá-la. O certo era apenas lhe dizer o que aconteceria e deixá-la decidir por conta própria o que fazer. Cheguei a ouvir uma voz em minha cabeça me lembrando do que ela passou há pouco tempo e que não seria certo pedir uma parte dela.

Porque era exatamente isso que eu estava prestes a pedir, uma parte vital de seu corpo. E, antes que eu pudesse pensar em como falar com ela, eu já estava implorando por sua ajuda, se fosse preciso, até mesmo me ajoelharia, caso me pedisse. Foi aí que ouvi de seus lábios:

"Tudo bem, eu faço, Guto, faço agora mesmo se puder, só pare de chorar".

A peste ainda conseguiu fazer piada em um momento como aquele. Eu não estava chorando, não conscientemente pelo menos e, naquele exato momento, como se fosse possível, eu a amei ainda mais, muito mais do que antes.

Decidimos guardar isso entre nós, pois tive medo de que, no fim, desse algo errado e ela não pudesse fazer a doação, por isso não pude falar com Cristine antes, não quis lhe dar falsas esperanças. Seria doloroso se, depois de

tudo, tivesse tal esperança e isso lhe fosse tirado. E seriam só mais cinco dias até termos os exames e a certeza da compatibilidade.

Volto ao atual momento tentando controlar a emoção e euforia que sinto e também a vergonha por meu rompante de fraqueza em frente aos dois. Ainda de cabeça baixa, apoiado ao ombro de Alice, faço a pergunta:

— Já contaram a ela? Cristine? — Minhas voz sai grossa, embargada.

— Não. Acabamos de saber, recebi os exames há uns 20 minutos, estava indo chamá-la agora mesmo. Ia contar a vocês dois juntos, mas achei que você mesmo gostaria de contar a novidade. — Levanto a cabeça e nego o que diz, vendo seu rosto parecer confuso. Alice foca sua atenção em mim, com os olhos vermelhos, cheios de lágrimas não derramadas.

— Ficou maluco, Guto, como não vai?

— Será você e Pedro que contarão a ela, estou fora da equação. Não tive nada a ver com isso.

— Fera, ela precisa saber.

— E vai, agora mesmo. — Me levanto, tirando Alice de minhas pernas. — Mas não por mim.

— Como não teve nada a ver com isso? Surtou? — Alice quase grita. — Você quase levou uma arma e colocou em minha cabeça pra que eu dissesse que doaria parte do meu fígado e agora não teve nada a ver com isso? Não, isso não.

— Pare, Alice, e ao menos uma vez na vida faça o que te peço. Eu pedi, sim, que fizesse a doação, mas sabemos que você teria feito por livre e espontânea vontade, pois te conheço. Teria doado mesmo se eu não tivesse pedido e não há nada para ela saber. Não quero que ache que fiz isso por ela, fiz por Cathe, sem nenhuma intenção de usar isso a meu favor e ponto.

— E pode me dizer o que vamos dizer a Cristine? — fala com certo deboche.

— Simples, você ficou sabendo da necessidade do transplante e decidiu fazer os exames de compatibilidade. Nem mesmo eu sabia disso. — Ela fica vermelha, penso até que cogita me morder. — Agora vou chamá-la, ficarei com Cathe enquanto dão a notícia. Cristine precisa disso hoje, ela precisa ganhar novo fôlego, Catherine não está bem e teve uma parada cardíaca mais

cedo. Como já devem saber, isso a deixou no chão.

— Nós sabemos, estávamos com ela há pouco.

— Vou indo então, quando ela vir, fale o que eu disse, entenderam? E Pedro, comece a ver a questão da operação o quanto antes.

Pedro aceita e Alice nega com a cabeça. Saio da sala em seguida, sentindo uma alegria sem tamanho e percebo já ser noite. Sorrio para as paredes, sentindo meu peito inflar de puro contentamento, com vontade de dizer a todos que conseguimos. Claro, estou ciente do longo caminho que ainda vamos percorrer, mesmo assim, tenho um tipo de certeza de que tudo dará certo.

Chego ao quarto e entro de uma vez, sendo paralisado momentaneamente. Catherine continua na cama como a deixei mais cedo, porém o que me chama a atenção é Silvy chorando encolhida no pequeno sofá.

— Silvy, está tudo bem? — Olho novamente Cathe, checo o soro, seus batimentos, tudo, e não é nada com ela.

— Ela, ela vai fazer de novo. — Olho para ela sem entender. — Cristine, ele, ele... — Um calafrio sobe por mim. Vou em sua direção e seguro seus braços para que se controle e fale comigo.

— Respira e me explica o que aconteceu.

Ela respira fundo, limpando o rosto.

— Maurício, ela saiu com Maurício. — Eu esperava ouvir qualquer coisa, menos isso.

— Ela o quê? Mas... Há quanto tempo ela saiu? — Minha voz é um rosnado de desespero e descontrole.

— Agora, tem uns cinco minutos, eu pedi que não fosse, que falasse com você, ou com Bruno. Ela não precisava ir, fui testemunha de todo o sofrimento e culpa pelos quais ela passou, eu... — Não ouço mais nada. Corro em direção à porta, deixando Silvy para trás.

Saio às pressas, correndo, e desço as escadas de dois em dois degraus, agradecendo por estar no segundo andar. Chego à porta de saída, ofegante, à procura dela, preciso achá-la. Cristine não pode fazer isso. Ela, ela... Não está mais aqui.

— Jorge! — chamo alto e ofegante, andando em sua direção. — Viu Cristine sair agora? Viu com quem e para onde foram? — atropelo o segurança com perguntas.

— Sim, senhor, ela acabou de sair em um *Audi A3* cinza, mas não vi quem dirigia, por quê? Algum problema? — Não perco tempo respondendo e vou em direção ao carro de minha mãe.

Bato a mão nos bolsos e me dou conta de que a chave ficou com a roupa.

— Inferno, inferno! — praguejo sem saber o que fazer. — Jorge, me dê a chave do seu carro. — Me volto a ele e peço sem nenhuma vergonha.

— O quê, doutor?

— Vamos, homem, seu carro. Eu o entrego intacto. — Assisto ao grande segurança, apesar da dúvida, enfiar a mão em seu bolso e me lançar no ar às chaves do carro.

— É o *Prisma* preto. — Não perco mais tempo e vou na direção que ele aponta. — Doutor? — Ouço-o me chamar e não paro, não posso parar.

Entro e dou partida estranhando o carro em um primeiro momento, saindo logo depois por onde Jorge indicou que foram. Mal olho para os lados, antes de tomar a via e acelero tudo o que posso. Eu o adverti, disse ao infeliz naquele maldito restaurante para que mantivesse distância dela ou o mataria com minhas próprias mãos e vou cumprir minha promessa. Maurício não vai tocar em um fio do cabelo de Cristine, não de novo.

Dirijo às presas fazendo zigue-zague pelo asfalto, ouvindo xingamentos e buzinas ecoando em meus ouvidos. Não ligo para nada, nem ninguém. Um ponto cinza à frente me chama atenção e posso confirmar claramente que é o carro que Jorge descreveu. Tento alcançá-lo e não consigo. Apesar de estar em um bom carro, esse não tem a mesma potência que um *Audi*, longe disso, na verdade.

Tento por todo o caminho alcançá-lo, sendo quase impossível pelo trânsito e pela potência do motor de seu carro. A raiva e adrenalina que tem em mim chegam a cegar. Eu prometi, prometi a ela que ficaria tudo bem e não posso quebrar minha promessa. Não sei o que disse a ela para que viesse com ele, mas sei que, depois do que Pedro me contou e do que tenho nesse

envelope, ela não iria de livre e espontânea vontade.

Vejo-o entrar à direita em uma rua e eu faço o mesmo tempos depois, ouvindo os pneus cantarem como em um *drift*, buzinas soando altas atrás de mim. Quando faço a curva em uma rua comercial e ainda movimentada, não vejo mais o carro que estou seguindo. Nenhum sinal. Nada. Me desespero de vez, a adrenalina e o medo causando tremores por minhas extremidades.

Eu a perdi... mais uma vez, não fui capaz de protegê-la.



Lutar é sempre preciso.

Dez minutos antes do horário combinado estou pronta, vestindo um tubinho na cor vinho quase preto, um pouco acima dos joelhos, com uma sandália de tiras na cor nude. Às 7h em ponto, recebo uma mensagem de Maurício, avisando que está lá embaixo me esperando. Um arrepio me sobe a espinha e prolongo por mais alguns minutos minha saída, arrumando a pequena bolsa de mão que irei levar. Silvy está sentada de cara amarrada, observando cada movimento meu.

— Eu não vou atender ligações que não sejam da senhora, qualquer coisa me ligue do seu celular.

— Não faça isso, filha, pense em seus pais — ela apela, sabe o peso que isso tem sobre mim e não hesito em dizer:

— A senhora não pensou em meus pais quando me propôs que vendesse meu corpo a ele pela primeira vez, agora não tem por que usar o nome de nenhum dos dois. — A mulher de meia idade me olha de boca aberta, espantada com minha reação.

Eu sei, fui cruel. Mas, no momento, não preciso de ninguém me deixando ainda pior do que já me sinto. Não preciso que me lembrem da vida miserável me aguardando, do homem à minha espera lá embaixo. Preciso de soluções e é atrás delas que irei agora. Saio do quarto em seguida, me segurando para não voltar correndo para o seu abraço e lhe pedir desculpas,

sigo meu caminho. Será melhor assim.

Não me julguem, não até se encontrarem em meu lugar. Criei aquela criança como se fosse minha, dei tudo de mim por ela, tudo mesmo. E acreditem quando digo: uma mãe é capaz de dar a vida por seus filhos, morrer mil mortes se necessário.

Chego à entrada do hospital e cumprimento Jorge na portaria. Respiro fundo e então saio, ficando ao alcance dos olhos de Maurício. Ele já me espera do lado de fora do carro e, quando me vê, um sorriso mesquinho vai se abrindo em seus lábios, deixando-o com uma imagem até mesmo perversa. Parece que minhas pernas não me obedecem mais e começam a fraquejar.

— Boa noite, minha princesa — fala ao se aproximar e toca meu rosto, seu perfume entrando por minhas narinas e me causando enjoo. — Vamos?

— Vamos — respondo enxergando em seus olhos o prenúncio do que virá pela frente.

Dou a volta no carro e me ponho no lugar do carona. Assim que me sento, sou atacada, literalmente, atacada por ele. Seus lábios descendo sobre os meus, enquanto uma de suas mãos está em minha nuca, impedindo que me afaste. O beijo é repulsivo, ele quase come meus lábios com desespero, machucando-os no processo. Não correspondo até que sua outra mão vem ao meu queixo em um aperto doloroso. Quando abro a boca, sua língua a invade, procurando a minha.

Meu primeiro impulso é mordê-lo, lhe arrancar a língua e sair correndo do seu alcance, mas me ponho em meu lugar e me contenho, porém não correspondo, isso é algo que não posso fazer. Penso que não vou conseguir, meu corpo todo o repele e a ânsia ameaça vir.

Respiro fundo quando se afasta, seus olhos indo sobre os meus lábios já inchados e vejo luxúria, desejo, excitação brilhando em sua íris. Maurício sorri, lambe meu lábio inferior e se afasta de mim lentamente.

Não sinto nada além de meu estômago se revirando em minha barriga, pareço não sentir mais nada além de aceitação e medo. Aceitação pelo que tenho de fazer, medo pelo que me espera. Maurício liga o carro e antes de sair me olha, mostrando um pequeno sorriso.

— Eu sabia que a teria novamente, Cristine, era apenas questão de

tempo e paciência. Aproveitando logo o momento e sua malcriação, vou deixar clara uma coisa. — Quando fala isso, meus olhos se pregam em sua figura. — Essa noite não vou facilitar, se usar dessa frescura toda comigo. A primeira vez você era virgem, tive cuidado, mas hoje não sou eu quem precisa de favores e é bom se lembrar disso. Fui claro? — diz a contragosto.

Confirmo com um aceno quase imperceptível, que vai contra tudo que grita em mim para cuspir em sua cara.

— Fale, Cristine, use a boca pra falar. Tenho outra função pra essa boquinha linda mais tarde, mas agora quero que fale. Diga: sim, entendi.

— Sim, eu entendi. Satisfeito agora? — quase esbravejo me segurando para não chorar. Chorar seria pior e não é disso que preciso.

— Não tanto quanto me sentirei quando estiver devorando seu corpo. — Viro meu rosto incapaz de continuar olhando para ele.

Tento me lembrar de que, querendo ou não, estou acostumada com situações como essa, não é como se fosse a primeira vez e confesso que todas as outras vezes foram como interpretar um papel. Na verdade, nunca estive realmente presente no sexo com nenhum dos clientes que já tive, nunca foi bom ou prazeroso. É apenas o exercício de abstrair sua mente, se transportar para um lugar feliz e apenas interpretar, fingir gostar.

A diferença óbvia é que antes eu não tinha estado com alguém com quem realmente gostaria de estar e não sabia como era amar, se entregar por amor e sentir um prazer pleno ao fazer isso. Hoje eu sei e é como estar traindo esse sentimento, cada lembrança perfeita, é sentir um turbilhão dentro de mim mesma pronto para explodir. Sem falar que agora conheço a face do homem ao meu lado, que antes não fazia ideia de que existia.

— Que bom que estamos nos entendendo. — Finjo não ouvir, com meu rosto virado em direção à janela, vendo o carro entrar em uma das vias.

Por um segundo, mesmo que seja apenas por instantes, sinto alívio por estarmos em movimento. Sei que não vai durar muito, mas, ainda assim, consigo controlar a ânsia em meu estômago. Maurício dirige em silêncio pela rua, cantarolando baixo a música que toca no carro, que nem ao menos conheço. Sinto seu toque em minha perna nua, subindo por meu joelho e parando em minha coxa. Permaneço imóvel.

— O que está vestindo por baixo desse vestido meu, amor? Qual a cor da *lingerie*? — Engulo em seco e me viro para ele. Seus olhos estão presos em mim em uma nuvem de desejo.

— Uma peça preta — respondo baixo, de má vontade e ele sorri com perversão. Deve saber o quanto esse sorriso me irrita.

Depois que parei com tudo isso, prometi a mim mesma nunca mais me vender, e olhe aonde vim parar. Nesse meio tempo, me reconstruí, remodelei, principalmente, minha autoestima, minha vida. Me vi mudando por completo e agora... vejo tudo cair por terra em uma única noite, em apenas um momento. Maurício volta sua atenção para o trânsito, mantendo sua mão ainda em mim e volto meu rosto para a rua lá fora. Peço a Deus, ou a qualquer ser superior, para que isso acabe logo, uma loucura de minha parte, já que aceitei hoje viver com esse homem.

Viramos em uma rua, uma conhecida e logo reconheço o letreiro vermelho brilhante, chamando a atenção. É um motel, o mesmo ao qual me levou na primeira noite em que ficamos juntos, em que me fez sua e tirou minha virgindade. Essa é a única diferença entre aquela e essa noite, pois, apesar de não ser mais virgem, a apreensão e o nervosismo são os mesmos.

Ele para o carro e o destrava, abaixando o vidro de sua janela e logo uma voz feminina é ouvida no interfone. Ouço Maurício pedir o quarto que já havia reservado e a moça lhe dizer que houve um erro com a reserva. Perdemos algum tempo esperando em frente ao portão, enquanto a moça diz que está vendo outro quarto. Mantenho o olhar perdido na janela ao meu lado, sem realmente ver qualquer coisa, apenas pensando em tudo que me trouxe até aqui.

Um barulho me chama a atenção, olho pelo retrovisor interno, vendo um carro parar abruptamente atrás de nós. Alguém desce do veículo com rapidez e vem em nossa direção, o homem bate na lataria do carro de Maurício com força me fazendo pular no lugar com espanto. Olho para o lado a fim de entender o que está acontecendo a tempo de ver a porta de Maurício ser aberta com brutalidade e alguém arrancá-lo de dentro do carro.

— Seu covarde, filho da puta, eu vou te matar! — A voz conhecida me causa arrepios por todo o corpo.

Olho a cena completamente fora de órbita, com espanto. Ao focar

melhor minha atenção em tudo ao meu redor, perco a sanidade momentaneamente quando vejo Augusto, vestido com roupa cirúrgica segurar Maurício pelo pescoço, encostando-o na lateral do carro com força, enquanto o outro tenta se livrar.

Arquejo de surpresa saindo do carro às pressas a tempo de vê-lo levantar Maurício pela camisa e arremessá-lo ao chão com tamanha força que o barulho ouvido me estremece. Augusto não para, indo para cima do verme e desferindo o primeiro golpe certo, fazendo sangue jorrar de seu nariz. O homem urra de dor, levando as mãos ao rosto tentando se defender e tirar Augusto de cima dele. Deus do céu, mal posso acreditar na cena que vejo, Augusto parece decidido a acabar de vez com Maurício, parece possuído.

Perco a conta de quantos golpes são dados, enquanto ouço a voz da moça histérica no interfone perguntar o que está acontecendo e chamar os seguranças. Maurício tem o rosto ensanguentado e, mesmo assim, Augusto não se detém, deixando-o mole no chão, praticamente desacordado. Medo, o medo me assalta e é ele quem me faz gritar, sair do transe e fazer alguma coisa.

— Pare, Augusto, pare por favor. Você vai matá-lo — grito e algo o faz me olhar, penso ser o desespero em minha voz.

Augusto se volta para mim em um olhar feroz, uma postura que me amedronta, olhos duros em mim. Ele olha o homem embaixo dele e se levanta, observando a situação, parecendo ponderar se realmente acabou ou não com o lixo à sua frente. O homem, que até pouco eu imaginava que me odiaria depois de hoje, vem até mim, me fitando em um escrutínio silencioso, passando seus olhos por cada parte do meu corpo e volta a intercalar seu olhar entre mim e Maurício. Sua feição inflama, fechada como um animal, fogo puro saindo de sua íris.

Me encolho em meu lugar, abraçando meu próprio corpo quando se aproxima de mim. Vejo com espanto ele tirar sua camisa e passá-la por meu pescoço, sem me olhar no rosto. Tudo me paralisa, cada pequeno movimento seu e eu nunca senti tanta vergonha na vida. Augusto levanta meu queixo e seus olhos pousam em minha boca. Seu rosto chega a escurecer e um arrepio endurece os pelos de minha nuca.

— Venha, vamos sair daqui. — Ele me estende a mão ainda suja de

sangue e, em sua expressão, não tem dúvidas de que irei aceitar. — Cristine? — ele me chama firme mais uma vez, com a mão estendida, à espera da minha, dessa vez com dúvida e medo no olhar.

Paraliso, olhando o homem ensanguentado ao lado da parede, tentando se levantar.

— Eu... — E sou incapaz de mover um músculo, de falar...



***Dos sentimentos mais destrutivos
existentes no mundo, a incerteza é
um dos piores, pois leva o indivíduo
ao limite da insanidade.***

Observo a mulher trêmula à minha frente, parecendo indecisa. Meu nervosismo aumenta a um nível insuportável enquanto espero uma reação, um movimento ou uma palavra que seja para levá-la comigo. Cristine parece paralisada no lugar, imóvel, e estou em desespero, a incerteza tomando todo e qualquer controle, algo realmente destrutivo.

— Eu... sinto muito, me perdoe... — Ouço sua voz fraca, quase um sussurro e me amaldiçoo quando a vejo negar minha mão estendida.

Fecho meus olhos brevemente, sentindo o peso de suas palavras, pedindo que eu esteja imaginando o que ela acaba de dizer, sem ao menos me olhar. É quando uma risada nos alcança. Viro-me, vendo o lixo humano ainda no chão tentando se levantar, engasgado com o próprio sangue, nos olhando com a porra de um sorriso vitorioso no rosto.

— Achou que viria aqui e salvaria a princesa? — Maurício cospe sangue com dificuldade pelo estrago que fiz em seu rosto. — Como vê, ela não quer ser salva. Posso dar a ela o que você não pode, ainda não percebeu isso? Você perdeu, Augusto. — Sua fala é zombeteira e é difícil acreditar

que, em seu estado, ainda queira tripudiar, tratá-la como um objeto de disputa. Ela não é isso.

Por mais que eu não queira, suas palavras têm impacto sobre mim, piorando meu estado de espírito já no limite. É impossível não me deixar afetar pelo que diz e, mesmo assim, apesar da incerteza preenchendo cada pensamento meu, estou decidido a levá-la comigo. Lembro dos documentos que trouxe e avanço em direção a Maurício, agarrado à parede para não ceder ao chão. Pego o envelope que eu havia deixado em cima de seu carro quando vim até ele e o seguro pela camisa manchada de sangue — sangue que senti bastante prazer em derramar — e falo baixo, devagar para que entenda o que tenho a dizer, sem espaço para dúvidas, um ultimato.

— Escuta aqui, seu pedaço de merda! Sei quem você é, sei de toda sua depravação, Maurício, reconheço vermes como você a quilômetros de distância — digo baixo, conciso, e minhas palavras causam o efeito esperado por mim, percebo isso quando vejo seu sorrisinho de merda morrer aos poucos. — Vai se manter longe da minha mulher e de Cathe, vai manter o máximo de distância que conseguir, principalmente, da minha menina, vai esquecer que ela existe por que senão o que fiz hoje não será metade do que farei, e essa merda vai parar nas mãos do conselho, vou te expor, te virar do avesso se for preciso e te enfiar atrás das grades.

— Como... como conseguiu isso? — gagueja por ver sua podridão exposta em minhas mãos.

— Isso não interessa, mas esteja avisado: se voltar a se aproximar, eu te caço até no inferno se preciso for e aquele lugar será pequeno para nós dois.

Mal consigo segurar a fúria que sinto, uma vontade cega de matar o filho da puta na minha frente. Seria menos um na escória do mundo, estaria fazendo um favor ao universo, acredite.

Nunca senti tanto prazer em socar alguém, a dor em minha mão e o soco que me deu nem ao menos são sentidos por mim. Uma voz estridente chama sem parar ao interfone me fazendo lembrar de que tenho que sair daqui antes que chamem a polícia. Solto Maurício, que no momento se encontra preocupado demais com os documentos que lhe entreguei, e volto minha atenção para quem vim buscar, quem realmente me interessa, assustada e encolhida, abraçando a si mesma ainda próximo ao carro.

Deus! Minha vontade é tomá-la em meus braços e fazer de tudo para consolá-la, em todo o tempo, desde que parei meu carro — ou melhor o carro de Jorge — em frente a esse motel, não passou por minha cabeça a possibilidade de Cristine ter vindo com Maurício de livre e espontânea vontade. Não, isso não passaria por minha cabeça nem em mil anos, não suportaria cogitar tal possibilidade, isso não. Me aproximo dela outra vez, dessa vez com mais calma, pegando seu rosto em minhas mãos, tentando entender e trazê-la à razão para que venha comigo.

— Vamos, Cristine! — insisto e ela me olha, intercalando entre um e o outro. Duas turquesas lacrimosas me fitam, os olhos que me encantaram desde o primeiro momento, e ver tamanha tristeza me leva ao chão. Colo minha testa na sua, em busca de trazê-la para mim. — Venha comigo, meu amor, por favor, eu te peço, venha comigo — imploro e ela chora.

Não tem como Cristine querer estar aqui, não com ele. Mesmo com toda essa certeza fajuta dentro de mim, tenho medo, medo de ouvir de seus lábios tal loucura.

— Eu... ele.. Augusto... — Meu nome sai em súplica, estrangulado por um soluço e sinto seu corpo tremer em minhas mãos.

Eu a pego de surpresa quando a ergo em meus braços e a levo dali, sem olhar para trás ou pensar nas consequências de meus atos. Só quero deixá-la segura, longe de todo e qualquer perigo. Agora sei do que esse homem é capaz. A passos largos, vou em direção ao carro parado, ainda ligado em frente ao motel e a coloco no banco do passageiro, ela já não mostra nenhuma resistência. Após colocar-lhe o cinto, volto e me sento em meu lugar, arrancando o carro e saindo em seguida.

Quando entrei nessa rua e não vi a porcaria do *Audi* em que estavam, foi como morrer mil mortes, sentia meu corpo estremecer em um tipo de desespero mudo. Segui pela rua como um louco e continuei à procura dos dois, foi quando vi o letreiro do motel de longe e acelerei, algo me dava a certeza de que estariam aqui. Eu estava até mesmo disposto a alugar um quarto se fosse preciso para tirá-la de suas mãos. Por sorte não foi necessário, e eu não seria capaz de descrever o tamanho do alívio que senti ao ver o carro ainda parado na portaria.

Não me segurei, na verdade, quando dei por mim, já estava tirando-o de

dentro do carro, dando a ele o que realmente merece por ser o pedófilo que é. Foi mais forte do que eu e não teria parado, caso a voz chorosa e apavorada de Cristine não tivesse me chamado à razão, me alcançado.

Olho a mulher ao meu lado de esguelha. Ela permanece encolhida, agarrada à porta do carro, sinto meu peito apertar com a mulher sempre forte e decidida, agora tão fragilizada em minha frente, tão quebrada pela vida. Não sei o que dizer para acalmá-la. O comichão que sinto no momento me impossibilita de falar qualquer coisa. Minha mão procura a sua em busca de lhe prover algum conforto, nem que seja o mínimo possível. A verdade é que tenho medo de falar, medo do que posso ouvir, dos motivos que a fizeram vir até aqui depois de tudo o que Pedro me contou. Inferno!

Já na via, fico em dúvida para onde ir e me decido por seguir para seu apartamento. Acredito ser o lugar que lhe transmitirá segurança, paz, é disso que ela precisa agora. Continuo com minha mão na sua enquanto a ouço chorar silenciosamente e ao inferno que vou esperar!

Paro o carro no primeiro acostamento que vejo, sobressaltando-a e a trago para mim, aconchegando seu corpo em meu colo, que, para meu alívio, se agarra ao meu com força, refugiando-se em mim. Seus braços passando com firmeza por meu pescoço. Me permito voltar a respirar, ouvindo o ambiente silencioso ser preenchido apenas com o choro de Cristine, que antes era contido, mas agora é liberado em soluços entrecortados, dignos de pena. Afago suas costas, tentando acalmar seu desespero com palavras carinhosas e a sinto se agarrar a mim com mais força. Tento permanecer calmo, uma calma que não sinto, mas que preciso demonstrar, e lhe dar o tempo de que precisa.

— Shi, passou, Cristine, estou aqui com você. — Minhas palavras não surtem efeito algum sobre ela. — Eu preciso que fale comigo, meu amor, de verdade. Está me deixando bem desesperado, assim como você...

— Eu vou ... perdê-la, Augusto, vou perder nossa menina... — O choro não a deixa falar, mas entendo bem o que diz.

— Catherine? É de Catherine que está falando? Cristine, conseguimos um doador — falo e nesse momento um sorriso me escapa ao lembrar que realmente conseguimos.

A mulher se afasta de meu peito e me olha espantada. Olhos vermelhos,

rosto banhado por lágrimas, a boca carnuda inchada com uma pequena marca no canto esquerdo.

Miserável.

— Quem? Se for Maurício, ele não vai mais... — Seguro seu rosto em minhas mãos.

— Foi isso que ele te prometeu? Que faria a doação a Cathe em troca de... — Não consigo ao menos terminar a frase.

Seu rosto, se possível, ganha um tom carmesim, a vergonha banhando sua face enquanto retira seus olhos dos meus com rapidez, as mãos sendo torcidas em seu colo desajeitadamente em um ato de puro nervosismo.

— Ele me ofereceu... se ofereceu pra fazer a doação.

— Em troca de? — Sua postura cede, seus ombros caem em derrota e sei a resposta. A proposta imunda que Pedro ouviu estampa minha mente.

Tenho vontade de voltar naquele maldito motel e acabar o que comecei, mas me lembro de que a mulher em meus braços não precisa disso, e sim de apoio, de colo, e estou disposto a dar isso a ela, estou disposto a lhe dar o mundo caso me peça, o que não lhe dei antes. Nesse momento, sinto até mesmo alívio pelo simples fato de ter chegado a tempo.

— Não vai precisar fazer isso, nunca mais vai precisar, me ouviu? — digo a ela sem ao menos esperar sua resposta. — Prometi que conseguiríamos e conseguimos, temos um doador. Acalme seu coração de mãe, Cristine, já pode fazer isso. Os exames já foram até mesmo feitos e foi confirmada a compatibilidade. — Ela sorri em meio ao pranto, o que me tranquiliza. — Estava indo te chamar para que Pedro pudesse lhe dar a notícia, te passar todas as informações, quando soube que tinha acabado de sair. — Ela volta a me abraçar, seu rosto sendo escondido na curva de meu pescoço.

Ficamos assim por um tempo. Não falamos absolutamente nada, apenas contemplamos o silêncio. Quando o choro cessa, eu a ouço perguntar próximo ao meu ouvido.

— Quem é o doador, você viu?

— Não, não vi, saberemos quem é amanhã — minto, acho melhor assim.

— É um doador vivo, então?

— Sim, um doador vivo. — Sinto seu sorriso em meu pescoço e me regozijo em lhe proporcionar tal alegria. — Agora vamos, vou te levar para o seu apartamento, precisa descansar — falo e a vejo negar.

— Não, vou voltar ao hospital

— Nem pensar. Vai descansar essa noite, também precisa se cuidar, Cristine. De nada vai adiantar ficar doente, não seja teimosa quanto a isso. Prometo que, assim que você estiver em casa, volto para o hospital e fico com Cathe essa noite. — Ela pensa um pouco, pondera por minutos.

— Não, acho melhor eu...

— O melhor a fazer é descansar, pendure a capa por uma noite ao menos e deixe alguém cuidar de você. Amanhã pode ser a *Mulher-Maravilha* à vontade, hoje apenas descanse. — Ela assente com muito custo e sinto-me satisfeito.

Ajudo-a a se sentar em seu lugar e volto a ligar o carro, nos levando para seu apartamento.

Temos muito o que conversar ainda, não hoje, mas logo, quero esclarecer algumas coisas sobre Maurício. Os documentos deixados por Arthur eram parte de uma ficha criminal. Algumas informações perturbadoras para qualquer ser humano.

Maurício já foi acusado de estupro. Uma criança, filha de sua ex-mulher. A menina desapareceu certa vez, a mãe já vinha desconfiando do marido e o denunciou. O verme chegou a ser preso, mas absolutamente nada foi provado sobre o crime. A pobre menina de apenas oito anos foi encontrada morta no dia seguinte à sua prisão, tirando todo o foco da investigação de cima dele e nada foi provado sobre o crime até hoje. O caso foi abafado, tanto pela imprensa, quanto pela polícia, ninguém aparentemente soube de nada. O cara é perigoso e a lei nada fez a respeito. Chego a apertar o volante em minhas mãos ao lembrar do perigo que ambas corriam em suas mãos, tanta obsessão não podia ser normal.

Enquanto dirijo, vez ou outra, meus olhos pousam rapidamente em Cristine encolhida no assento olhando pela janela. Aproveito e pego o celular, ligando para Alice que, como sempre, é péssima em atender chamadas. Ligo então para Pedro, que atende no terceiro toque.

— Onde se meteu? — É a primeira coisa que diz.

— Assunto particular. Liguei para pedir que fale com Alice e peça que ela fique com Silvy e Catherine essa noite, ao menos até que eu volte para o hospital. E antes que me esqueça, diga a Silvy que estou com Cristine. — Ao falar essa última frase, ganho a atenção de Cristine brevemente.

— Aconteceu alguma coisa? — Pedro pergunta, prestativo.

— Sim, amanhã conversamos melhor, se puder dar uma olhada em Cathe agradeço também, ficarei mais tranquilo se você estiver com a pequena.

— Não precisa pedir, inclusive já estamos no quarto dela.

Sinto um alívio indescritível.

— Obrigado.

— Não por isso e, se quiser descansar, vá tranquilo. Durma um pouco que cuido de tudo por aqui e, qualquer coisa, ligo.

— Certo, até mais tarde, Mamute.

— Até e falo sério, vá descansar, cuide de Cristine essa noite. — Confirmo com um aceno, como se ele pudesse me ver e desligo o celular, voltando minha atenção para a mulher ao meu lado, que vez ou outra leva a mão ao rosto limpando alguma lágrima que escorre.

Minutos depois estamos entrando na garagem do prédio. Paro o carro na vaga que sei que é de Bruno e saio em seguida, indo abrir sua porta. Cristine não me olha, nem faz menção disso, o que me causa receio. Seguro sua mão na minha e ando ao seu lado em direção ao elevador, que por sorte está vazio. Enquanto subimos, a observo bem, percebo seu nervosismo e vergonha. Cristine mantém os olhos em seus pés e as mãos ocupadas em torcer a alça da pequena bolsa, algo recorrente nela quando se sente acuada, receosa.

Em seu andar, saímos do elevador em direção à porta de seu apartamento. Eu a espero procurar a chave em sua bolsa e a pego, abrindo a porta em seguida e deixando-a entrar primeiro.

O cheiro do lugar é familiar e Cristine vai direto ao seu quarto em passos rápidos, quase tropeçando em seus próprios pés. Eu a sigo após fechar a porta, entrando no quarto e tendo um vislumbre de sua silhueta passando

pela porta do banheiro. Acendo a luz do quarto e sigo-a, tenho medo de que seja mais um de seus enjooos, mas o que ouço quando estou próximo à porta é o chuveiro sendo ligado.

Nada me preparou o suficiente para o que vejo ao adentrar o cômodo. Cristine está embaixo do jato forte de água quente com roupa e tudo, agora chorando com desespero. Tenho pena do que vejo e, quando ela pega a esponja ao lado e começa a passar em seus braços com força, machucando-se, me dou conta de que tenho de interferir.

Tiro o sapato com rapidez e entro no box, passando por minha camisa jogada no chão. Tiro a esponja cor de rosa ensaboada de suas mãos trêmulas, ela me olha nos olhos e o que vejo não me agrada. Seu rosto é puro desespero, dor, arrependimento, vergonha...

— Não faça isso. Não se machuque assim, por favor — peço e ela abraça o próprio corpo, como se quisesse se proteger.

— Tire ele de mim, por favor, apague o que aconteceu essa noite, Augusto. — Não sei bem o que quer dizer, mas não deve ser o que passa por minha mente agora. — Por favor... — Seus olhos transbordam e suas mãos sobem de encontro as alças do vestido em sua nuca.

Seu olhar permanece preso ao meu, enquanto estou paralisado. Cristine libera as alças do vestido expondo seu pescoço e parte de seu busto. Em seguida, abre o zíper na lateral da peça, deixando-o cair aos seus pés. E Deus do céu, isso deve ser errado! Mais errado ainda é meu corpo responder tanto ao seu pedido, quanto à sua nudez exposta à minha frente. Perfeita como sempre. Nós nos olhamos por instantes que parecem uma eternidade, tentando agir com razão.

Então avanço me dando por vencido, incapaz de negar seu pedido, ou o desejo e a necessidade que no momento chegam a queimar.

Eu a trago para mim, colando seu corpo ao meu e tomo seus lábios em um beijo que só posso definir como saudoso, reivindicando-a de volta para mim. A saudade, as lembranças e o reconhecimento estão sobre nós. Minhas mãos apalpando cada pedaço de seu corpo, como se quisesse reconhecê-lo outra vez. Me afasto dela, querendo realmente ter a certeza do que me pede, com medo de errar, ceder ao desejo e, de alguma forma, machucá-la, decepcioná-la mais uma vez. Eu não aguentaria a culpa, se depois visse

arrependimento em seu olhar.

— Tem certeza? — Lágrimas deixam seus olhos, sua mão subindo de encontro ao meu rosto em um carinho gostoso, do qual senti falta durante todos esses dias longe dela.

— Tenho, me faça sua outra vez, apague o toque dele do meu corpo, me dê boas lembranças dessa noite. — O inferno teria de congelar antes que eu pudesse negar algo a ela.

Beijo calmamente seus lábios, sentindo seu sabor. Afasto-me, olho para ela, os olhos se abrindo lentamente, e sorrio.

Ajoelho-me à sua frente, pegando um de seus pés e tirando sua sandália, uma após a outra. Levo minhas mãos à lateral de sua calcinha preta de renda e a desço com paciência, tendo o cuidado de mostrar como quero que seja especial para ela, eterno.

Beijo seus joelhos, subindo pelo interior da coxa até sua intimidade lisa e convidativa. Beijo ali, inalando seu cheiro e depois assopro seu cerne avermelhado vendo sua pele arrepiar, ouvindo um gemidinho gostoso deixar seus lábios e suas mãos puxarem meu cabelo. Deposito outro beijo, esse mais molhado, excitando-a. Me levanto, observando seu rosto vermelho e sua respiração começando a ofegar.

Volto a beijá-la, dessa vez com mais vontade, necessidade até. A água morna caindo agora sobre nós dois cria uma pequena fumaça no box, e Cristine já se esfrega em mim sem nenhum pudor, causando uma fricção gostosa entre nossos corpos, fazendo meu pau babar por ela dentro da calça. Eu a levanto em meus braços, que logo abraça minha cintura com suas pernas esfregando sua intimidade em meu pau ainda coberto. Chega a doer o desejo que me causa.

— Quero você dentro de mim, quero agora — fala tentando alcançar meu pau com a mão por cima da calça, agora transparente, e eu nego.

— E você terá, mas não aqui. Vou te amar como merece, seu corpo será meu lar essa noite, meu amor, e prometo ser o seu a partir de hoje. — Seus olhos buscam os meus à procura de confirmação e seus lábios se abrem em um sorriso lindo, um dos que tanto amo.

O sorriso que venho me crucificando há dias por tê-lo perdido.

Saio do banheiro com ela em meus braços, não me importando em molhar o chão, e a coloco devagar sobre a cama. Seus cabelos molhados se espalham pelo travesseiro deixando sua imagem ainda mais perfeita aos meus olhos, deliciosa. Com calma, enquanto admiro cada parte de seu corpo, tiro minha própria roupa e me coloco sobre seu corpo, em seguida, beijando-a. Mostro-lhe a necessidade de fazer o que me pediu, fazê-la esquecer tudo que aconteceu essa noite, dar o melhor de mim por ela.

Meu pau se encaixa em sua umidade e tenho de me segurar para não a penetrar e atender meu desejo primitivo de tomá-la com força. Mas não é disso que precisa, de que precisamos. Quero amá-la, venerar seu corpo, lhe fazer uma promessa, provar em cada gesto o quanto a quero, o quanto a amo.

Desço beijos molhados por seu pescoço e orelha, parando ali e inspirando seu cheiro. Mordo seu lóbulo, sentindo seu corpo se contorcer embaixo do meu em busca de fricção, ouvindo suspiros entrecortados deixarem seus lábios com pequenos gemidos. Meu nome é dito em súplica e excitação e não deixo de sorrir por saber exatamente onde devo tocar para tê-la completamente entregue a mim e me aproveito disso.³

Beijo seus seios, dando atenção a cada um, lambendo e mordendo com gula, intensificando cada toque. Os gemidos que deixam seus lábios são mais altos, mais frequentes, intensos, fazendo meu pau inchar, como se ainda fosse possível. Desço por sua barriga, deixando pequenas mordidas até chegar em sua boceta escorregadia, excitada, esperando por mim.

— Se abra, Cristine, preciso sentir seu gosto, quero que goze primeiro em minha boca.

Ela arqueja, olhos cerrados colidindo com os meus em uma nuvem de desejo linda de se contemplar.

Ela faz o que peço, me parecendo incapaz de emitir qualquer palavra, apenas gemidos, e me delicio com o banquete exposto à minha frente. Caio de boca em sua boceta inchada, quente e a sensação de tê-la novamente é prazerosa, indescritível. Coloco um dedo, depois outro em seu interior sentindo suas paredes contraírem em tamanha excitação, enquanto minha língua passeia e suga seu clitóris com força calculada. O cheiro de sua excitação exala por seus poros chamando um instinto quase animal em mim, me deliciando em lhe provocar sensações de prazer, em olhar seu rosto.

Como eu senti falta de tê-la assim, entregue, livre, completamente minha.

Sugo e mordisco sua carne sensível sem pena e não paro, mesmo quando pede, chorosa, quase se derramando. Sua boceta aperta meus dedos, seu gozo chegando com força, e ela agarra meu cabelo com ambas as mãos. Me ajoelho na cama e passo a comê-la com meus dedos e minha boca, olhando seu rosto bonito se contorcer de puro prazer. Cristine mantém os olhos fechados, gritando meu nome misturado com gemidos altos, delirando de prazer e eu poderia gozar apenas em observar seu prazer, vendo seu corpo se contorcer descontrolado sobre meu toque.

Aos poucos, os espasmos cessam, seu corpo amolece ao meu toque, mas não paro. Quero tudo, todo e qualquer prazer. Sugo até a última gota de seu creme, ouvindo-a suspirar pesado e volto a me colocar sobre ela, com um sorriso filha da puta em meu rosto. Dou tempo de seu corpo se acalmar, fazendo carinhos por seu pescoço, orelha e seios, voltando a prepará-la. Meu rosto é puxado por suas mãos e ela cola seus lábios aos meus com rapidez. No beijo, uma mistura de anseios, desejos e promessas não ditas. Retribuo na mesma intensidade, introduzindo meu pau aos poucos em sua boceta melada por seu gozo.

Sinto a umidade me abraçar e quase rosno de encontro à sua boca. Desde que estive com ela, não tive mais ninguém, não quis mais ninguém, na verdade, e minha abstinência causa um efeito delicioso e ao mesmo tempo desesperado por me derramar em seu interior. Me seguro, uma tarefa difícil ao ouvir seus gemidos morrendo em minha boca, enquanto a penetro devagar, tentando tomar o controle sobre meu próprio corpo.

Lentamente vamos começando uma dança sensual e é realmente como se seu corpo fosse meu lar, o meu lugar e como eu senti falta de todo esse aconchego, de senti-la com plenitude em meus braços, completamente entregue a mim. Ainda todo dentro dela, afasto nossos lábios, voltando a ficar de joelhos entre suas pernas, perdendo todo o controle em estocadas brutas, vendo-a gritar de prazer e acompanhando-a, incapaz de me conter. Seus olhos estão presos aos meus, lábios inchados levemente entreabertos e maçãs do rosto avermelhadas, a imagem da tentação. Penso que, se há uma imagem que exponha perfeição, essa é uma delas. Não posso deixar de sorrir com o que vejo, com a beleza que se aflora em minha frente como um botão de rosa ao

se abrir.

Levo minha mão até seu ponto sensível e massageio-o com o polegar em movimentos circulares, ouvindo-a gemer cada vez mais alto e incontrolável.

— Eu vou... Ah... Augusto, goze comigo... — Seu convite é o último incentivo que preciso para mandar o restinho de controle para as cucuias. — Ai... Augusto, eu vou... — Ela não completa sua fala, pois espasmos voltam a tomar seu corpo, enquanto se aperta gostoso ao redor de meu pau e, junto a ela, me derramo em jorros, sentindo a libertação nos encontrar, ambos chamando um ao outro.

Movimentos, agora lentos, vão nos recuperando da explosão em um gostoso vai e vem. Apoio meu peso em meus antebraços, abafando seus últimos gemidos em minha boca em um beijo apaixonado, reverente. Deixo selinhos em seus lábios, descendo por suas bochechas, olhos e pescoço, onde sei que adora o carinho e tenho de concordar com Cathe, o cheiro de sua mãe é delicioso, algo particular.

Foco minha atenção em seu rosto, que tem os olhos fechados. Levo minha mão à sua face, tirando alguns fios de seu cabelo grudados em sua testa e bebo de sua beleza. Quando seus olhos se abrem, as duas turquesas brilhantes são focadas em mim. Seu rosto suado, excitado e vermelho vai se acalmando e um sorriso se abrindo. Sinto meu peito pegar fogo com seu gesto, observando o sorriso mais perfeito do mundo bem aqui, na minha frente, e não deixo de retribuir.

Deixo um beijo casto em seus lábios, me ponho ao seu lado na cama, saindo de dentro dela com cuidado, e não perco tempo em trazê-la ao encontro do meu peito. Cristine eleva sua perna sobre a minha e uma de suas mãos vem até meu pescoço em um carinho lento, indo e vindo em minha pele enquanto contemplamos o silêncio.

— Sinto falta do seu cabelo.

De tudo que eu esperava que dissesse, essa coisa era a menos provável.

— É bom saber disso — respondo depositando um beijo em seus cabelos.

— Vai deixar crescer de novo, não vai?

Sorrio, sem bem saber o porquê, extraindo a possibilidade de um futuro em sua pergunta.

— Vou sim, agora durma, minha vida. Vou zelar por seu sono a noite toda. — Ela suspira, deixando um beijo em meu peito e se ajeita a mim.

Ficamos calados e logo a sinto amolecer em meus braços e dormir, ressonando baixinho. É nesse momento que a incerteza do que nos espera no dia seguinte paira sobre nossas cabeças, tentando me sufocar e não importa o que virá, por ela valerá a pena. E mesmo sabendo que não me ouvirá, me sinto impelido a lhe dizer:

— Eu te amo...



***No fim, sempre haverá uma luz
no fim do túnel, sempre haverá
esperança e acima de tudo... amor.***

Ainda de olhos fechados, posso sentir sua presença dominando o ambiente, seu cheiro conhecido entrando em meu sistema, assim como sinto a pressão de seus braços em volta de mim, firme e protetora. Eu não seria capaz de dizer o quanto senti falta disso, dessa sensação, de me sentir protegida e amada. É a melhor sensação do mundo, aquele friozinho gostoso na barriga, um arrepio subindo por minha pele e a promessa de um futuro, de um amor pairando sobre nós.

Estamos deitados em minha cama, a luz fraca do sol começando a entrar pelas brechas da cortina de cor bege, anunciando o início de um novo dia lá fora e, aqui dentro, um novo dia de esperança. Permaneço em meio aos seus braços, quietinha, aconchegada em seu abraço. Não me movo, mal respiro na verdade. Estou parcialmente sobre a lateral do corpo de Augusto, minha cabeça em seu ombro, minha perna esquerda sobre a sua e meu braço sobre seu peito, com minha mão agarrada em sua nuca, minha posição favorita ao dormir com ele. Augusto está acordado também, sei disso pelo leve carinho feito em meu ombro com seus dedos, quase imperceptível. Me dou ao luxo de ficar mais alguns minutos assim, de pensar e criar coragem.

Coragem de encará-lo, pois ainda não a tenho.

Sua atitude ao ir me buscar naquele motel me surpreendeu de várias maneiras, as melhores possíveis. Foi como ver outro homem em minha frente, um que jamais pensei existir dentro dessa casca, desse Augusto. O jeito com que me tratou depois de tudo foi mágico e me fez ver que ele estava fazendo exatamente o que disse que faria, me convencendo de seu amor e conseguindo reacender o meu, trazer todos os sentimentos dentro de mim à tona com intensidade e loucura.

Pensando hoje, com a cabeça no lugar e com serenidade, sobre o que estive prestes a fazer, vejo o tamanho da loucura. Fui impulsiva, deixei o desespero tomar conta de mim e Maurício fazer o que mais adora, se aproveitar do meu medo e desespero.

Deus do céu!

Foi ingenuidade de minha parte, irresponsabilidade até, deixei o desespero me cegar por completo e não sei o que faria, se depois de tudo, de ter me entregado a ele, descobrisse que tínhamos um doador... seria como morrer.

Vendo tudo de uma perspectiva diferente, me arrependo. Mas fiz o que achei preciso e isso, acredito, qualquer mãe faria em uma situação como a minha, depois de quase perder um filho. Quando você se encontra entre a cruz e a espada, colocando em risco a saúde de um filho, não se pensa, não se espera, você só faz e deixa para pensar nas consequências depois. Foi isso que fiz e acredito que, em tal desespero em que me encontrava ontem, eu faria tudo de novo o que fosse preciso para encontrar um doador.

Um doador!

Sorriso incapaz de me controlar.

Temos um doador, minha filha ficará bem, curada e com uma vida inteira pela frente e pensar nisso me causa uma sensação imensa de plenitude, uma certeza de que tudo ficará bem, tudo dará certo.

Penso no que pode vir pela frente, tentando ver um novo futuro no qual não existirá mais um passado para me perseguir, sem mentiras, medo e no qual terei minha filha ao meu lado completamente bem, é esse o futuro que quero, é por ele que irei lutar a partir de hoje.

Sem mais poder prolongar o momento, abro os olhos levantando meu rosto sobre o peito de Augusto a fim de vê-lo. Meus olhos colidem com os seus, fixos em mim, em uma expressão meio preocupada, eu diria. Então como em um *flashback*, toda a noite de ontem vem à minha cabeça, desde o minuto em que parou o carro em frente ao motel, até quando me tomou em seus braços com amor. Amor... foi exatamente isso o que fez, foi amor o que vi em seus olhos enquanto tomava meu corpo com paixão e foi mágica cada sensação sentida por mim, cada toque, cada pequeno beijo e carícia.

Sua mão procura a minha, entrelaçando nossos dedos e levando-os aos lábios, depositando um beijo no dorso dela. Suspiro de contentamento com o pequeno carinho feito, vendo seu olhar cético, como se esperasse outra reação, como se tivesse medo.

— Bom dia, dormiu bem? — São suas palavras em uma voz rouca, gostosa.

— Como uma pedra e você?

Augusto beija o topo de minha cabeça antes de responder:

— Dormi bem como há muito não fazia.

Um pequeno sorriso curva seus lábios deixando-os ainda mais sexy. Como a pessoa consegue acordar assim tão bem? Isso deveria ser até pecado, enquanto devo estar parecendo uma bruxa por dormir com o cabelo molhado, Augusto parece um deus grego e quando sorrir assim... eu estou em um estado precário de excitação, apenas por vê-lo sorrir, caramba! Tento me controlar e me lembro que temos de conversar sobre ontem, sobre nós.

— Obrigada por ontem... — me vejo dizendo sem ter mais condições de protelar o assunto. É melhor falarmos logo, colocarmos tudo em pratos limpos e nos livrar de vez do passado. Sinto seus braços me apertarem com mais força, como se quisesse me proteger de algo e me vejo continuando a falar. — Eu sei que foi difícil pra você ir atrás de mim, sei por cima do que deve ter passado e ...

— Eu não precisei passar por cima de nada, Cristine — ele me interrompe. — Porque você e Cathe estão acima de tudo para mim, não tem mais orgulho, nada. Nada que possa se colocar acima de vocês duas em minha vida, vocês passaram a ser o eixo do meu mundo, Cristine, e ele não é mais capaz de girar sozinho.

Ah, Deus...

Fungo tentando conter a emoção descabida em mim, efeito de suas palavras. E aqui, enquanto contemplamos um ao outro em meio a lágrimas que teimam em nublار minha visão, não existe mais mágoa, decepção, raiva, apenas... amor... na sua mais pura essência.

— Ah, Augusto, não é justo, não é justo me fazer chorar assim. — Ele sorri e puxa meu rosto para si depositando beijos em meus olhos e bochechas, onde lágrimas acabaram de passar.

— Talvez esse não seja o melhor momento para falarmos disso, talvez devêssemos esperar, não sei. Só quero que saiba que te amo, não é como no início, muito menos algo egoísta, a amo com tudo de mim, Cristine, tudo em mim grita por tudo que há em você, cada pequeno pedaço seu. — E isso é demais para mim.

Ele me beija. Um beijo lento cheio de amor, carinho e cuidado, não me dando chance para respondê-lo, e eu não passo de uma massa mole em meio aos seus braços, completamente derretida pelo que acaba de me dizer.

— Augusto! — Tento chamar sua atenção, mas ele tem o rosto em meu pescoço distribuindo beijos deliciosos por sua extensão, tornando a possibilidade de falar quase impossível. Porém tenho de perguntar. — Como me encontrou? — Ele para seu carinho e me fita, os olhos avaliativos, e demora alguns segundos para falar.

— Quando cheguei ao quarto de Cathe ontem para te chamar a pedido de Pedro, encontrei Silvy chorando, ela não disse muita coisa, mas o suficiente para me fazer correr até a saída do hospital atrás de você. Pedro já havia me contado o episódio no estacionamento e quando ela disse que você tinha saído com ele... Cristine, meu sangue chegou a gelar com cada possibilidade que passou por minha cabeça. Mas não cheguei a tempo, encontrei apenas Jorge na portaria, que me falou a direção que seguiram e em que carro estavam. Pedi o carro dele emprestado e os segui, foi isso. — Seu modo de falar é lento, como se lhe causasse dor a lembrança.

— Fiz por Cathe, ele...

— Ei, eu sei, não precisa se explicar. Só quero que me prometa que antes de qualquer decisão que precise tomar em meio a tanto desespero, irá procurar alguém, buscar por ajuda. Quero que confie e não tente mais

carregar o mundo sozinha outra vez. Tem pessoas que se importam, que te amam e se preocupam com vocês. Nunca estará sozinha, Cristine. — Olho seu rosto e vejo a necessidade de uma resposta.

— Eu prometo! — falo com verdade e ficamos calados por alguns minutos. Penso no que acaba de falar e algo parece não se encaixar em sua frase, a incerteza pairando em cada sílaba.

— O que foi? — pergunta. — Se estiver preocupada com Cathe, pode ficar tranquila, falei com Pedro ainda há pouco e está tudo bem com ela. — Isso já sei e estou até mesmo aliviada, eu o ouvi falar com Pedro ainda agora, assim que acordei.

— Tem medo, é isso? — Ele não entende o que digo. — Medo de que isso entre nós não dê em nada? Que eu esteja aqui com você por fragilidade, por estar passando por um momento difícil e precisar de alguém? É por isso que quer que eu prometa que falarei com alguém e não com você? É pela incerteza se vai ou não estar ao meu lado? É receio de não estarmos juntos? — Ele não precisa confirmar, seu olhar faz isso por ele.

— Não nego que tenho medo sim, medo de que se arrependa do que fizemos ontem, medo de perdê-la sem ao menos tê-la de novo, de que perceba ser pouco para você, em vista do mundo que merece — ele fala e fecha os olhos, apertando-os. — Não quero te pressionar, longe disso, não acho ao menos justo termos essa conversa agora, o melhor a fazer é voltarmos a esse assunto em outro momento, quando tudo isso passar, quando não estiver mais sob tanta pressão.

Busco em mim qualquer indício de que tenha razão e não acho nada, apenas o sentimento que sinto por ele. Como se fosse possível, ainda maior.

Não respondo ao que acaba de dizer e faço o que tenho vontade no momento, sentindo a necessidade de amá-lo, de provar que não se trata de qualquer incerteza ou fragilidade. Me ergo na cama e, apoiando minhas mãos em seus ombros, monto em seu colo, colocando minha intimidade sobre seu membro ereto, em toda sua glória matinal, completamente nu. Seu desejo pulsa embaixo de mim, assim como minha libido escorre por meu sexo. Os olhos de Augusto se ampliam com meu gesto, espantados, a boca aberta em O, sem nada a dizer.

— Vou mostrar a você que não se trata de um rompante, muito menos

de carência ou fragilidade, e sim de amor. Eu te amo Augusto, ontem, vi em você o homem que quero pra minha vida, o homem que me conquistou desde o primeiro momento, o homem de que preciso, não mais o de dias atrás.

Ele me fita com atenção, imóvel.

— Não esqueci o que me fez, nem pelo que passamos ou o porquê de estarmos separados. Mas creio que, como você mesmo disse uma vez, vai se encarregar de apagar toda e qualquer lembrança ruim que nos persiga. Quando me disse isso dias atrás, eu não acreditei, mas hoje acredito em suas palavras, em você. Me provou isso ontem ao ir atrás de mim daquela forma, me fez ter certeza do que diz sentir por mim, Augusto, reacendeu aqui — busco sua mão e coloco sobre meu coração, acima de meu seio exposto — tudo o que de mais bonito me fez sentir um dia e agora eu só quero e preciso de você.

Levantando meu corpo com olhos fixos nos seus, levo seu membro até minha entrada já molhada e começo a descer sobre ele aos poucos, devagar. Augusto parece sair do transe em que entrou com minhas palavras e leva suas mãos ao meu quadril, me ajudando a acomodar seu tamanho em mim. O tempo todo seus olhos não deixam os meus, como se buscassem a certeza do que digo, uma confirmação que logo vem. E é como o encontro de duas almas, dois mundos. Me entrego a esse sentimento, a ele, de corpo e alma, e volto para onde realmente pertenço, sem nenhuma pretensão de sair novamente...



Chegamos um pouco atrasados para entregar o carro de Jorge, que por sorte estava saindo de seu turno. Ficamos uns bons minutos nos perdendo um no outro e o banho juntos não ajudou muito a andarmos mais rápido.

Após chegarmos ao hospital, sabemos que a operação foi marcada para manhã do dia seguinte e sinto que realmente é verdade, está mesmo acontecendo e, com essa constatação, um alívio inexplicável me toma por completo. Não nego que tinha um medo silencioso de isso tudo não ser

verdade e, após essa notícia, me permito até mesmo sentir leveza, apesar de saber pelo que ainda iremos passar.

Augusto logo me deixou sozinha com Silvy, seguindo Pedro a fim de ver o plano cirúrgico, aproveitei esse momento para conversar com ela, lhe pedir desculpas pelo que disse ontem na hora da aflição, fui longe demais. Assim que comecei a falar, ela me interrompeu, me puxando para um abraço e garantindo que está tudo bem e que nem ao menos se lembra do que foi dito. Algo assim não se esquece, sei disso, mas espero mesmo que ela entenda e me perdoe.

O enjoo voltou, coloquei todo o lanche — que Augusto me forçou a comer — para fora ao menos duas vezes essa manhã, enquanto o esperava voltar, para enfim conhecer o doador de Cathe. Assim que Augusto pisou os pés no quarto, nem deixei que entrasse, já fui pedindo que fossemos logo ao quarto do doador, aproveitando que Catherine foi levada para fazer exames. Não aguento mais esperar e confesso que também tenho medo, medo de que a pessoa desista, afinal de contas não é todo dia que um estranho decide doar parte de seu fígado a uma criança desconhecida.

Sigo pelo corredor completamente muda ao lado de Augusto e meu coração parece parar de bater, meu sangue parando de circular aos poucos enquanto caminhamos de mãos dadas em direção ao elevador. Mesmo ainda não o conhecendo, sinto uma gratidão sem tamanho por ele, ou ela, não sei. Não tenho palavras no mundo capazes de agradecer o que fará por minha filha, nada no mundo poderia fazer isso. Na verdade, nem ao menos sei o que irei dizer quando o encontrar, mal controlo toda a emoção que sinto no momento.

Augusto enfim para em frente à porta de um dos quartos após deixarmos o elevador e me olha com um sorriso aberto no rosto. Eu, em contrapartida, solto um riso nervoso.

— Está pronta? — pergunta e concordo com um aceno, incapaz de falar, sentindo um bolo se formar em minha garganta.

Ele dá duas batidas suaves na porta e a abre me dando uma boa visão da pessoa que salvará minha filha. Sinto meu coração falhar uma batida ao ver que está sentada na maca, vestindo uma bata do hospital e rindo de algo dito por sua mãe. Meu Deus, não pode ser. Mal consigo pensar e, quando dou

por mim, estou me jogando nos braços de Alice, que me recebe toda sorrisos. Então choro, me deixo levar pela emoção e lavo minha alma de todo o medo que venho sentindo nos últimos dias. Não saberia explicar o que realmente sinto, mas tudo se resume à gratidão. Não tem outra palavra capaz de resumir com exatidão o que sinto nesse momento.

— Obrigada, obrigada, obrigada. Ai, Deus, obrigada... — falo entre o choro, enquanto a seguro em um abraço apertado, parecendo não a querer soltar mais.

— Ei, não precisa me agradecer, ela é minha sobrinha, esqueceu? — Sua voz é embargada quando fala, me afasto por instantes e a vejo chorar.

— Eu preciso... preciso muito agradecer. Alice, o que eu faria sem você? Não está salvando apenas Cathe, está me salvando também. — E volto a abraçá-la, não controlando a emoção dentro de mim.

— Ah, para, eu não quero chorar, Cristine, sabe que sou uma manteiga derretida, como diz Augusto — fala, fungando, limpando os olhos e rindo ao mesmo tempo.

— Como soube? Quando fez os exames? Por que não me contou antes? — Tenho tantas perguntas que a bombardeio com todas de uma só vez.

Vejo Alice procurar alguém pelo quarto e faço o mesmo, tentando encontrar o que procura, porém não há mais ninguém aqui, apenas nós duas. Ela demora alguns instantes para me responder, parece pensar no que falar, enquanto apenas a observo.

— Augusto me pediu para lhe dizer que foi papai que falou sobre a possível compatibilidade, mas não acho justo nem com você, menos ainda com ele, e não vou mentir. Talvez ele não esteja vendo isso agora, mas enquanto vocês dois não colocarem tudo para fora, nunca serão felizes de verdade. — Fico olhando-a sem entender. — Foi ele, Cris, Augusto se lembrou do meu tipo sanguíneo e foi à minha casa semana passada implorar para que fizesse a doação. Eu ainda não sabia que Cathe precisava de um transplante, menos ainda que poderia ser compatível, senão, claro, teria me habilitado antes pra ajudar. — Ali vai jogando as informações sem pausa. — Ele estava desesperado, não que precisasse de tanto para que eu dissesse sim, vim no outro dia mesmo fazer os exames pra confirmar que éramos mesmo compatíveis, mas ele foi responsável por tudo. Sobre não lhe contar, ele pediu

para que não fizesse, não ainda, enquanto não confirmasse tudo. Augusto não queria te dar falsas esperanças, pois, caso eu não fosse compatível, isso te causaria muita dor.

Fico momentaneamente sem palavras.

— Então foi ele que te disse e cuidou de tudo?

— Foi e já que eu estou contando a verdade... foi ele também que me pediu pra fazer a festa de *Halloween*, ele comprou a fantasia e tudo mais, não foi o Bruno.

Fico meio aturdida, sem saber bem o que dizer, então pergunto o óbvio:

— Por que ele não me contou? Ontem eu perguntei a ele se tinha visto o doador e ele disse não...

— Augusto achou que, se dissesse, você acharia que ele estava usando isso a favor dele.

— Mas...

— Pode não parecer, Cristine, mas Augusto é um homem inseguro. Aquela armadura de ogro é algo que ele criou com o tempo, a fim de tapar as feridas deixadas em seu coração. Eu sei que ele agiu muito mal com você e, acredite, se ele não fosse meu irmão, já teria arrancado as bolas dele por você, mas ele é e eu o conheço, Augusto é uma das melhores pessoas que conheço, capaz de qualquer coisa por quem ama.

Por um instante perco a noção de tempo e espaço ao ouvi-la, fico aérea até que algo dito me chama a atenção.

— Que feridas?

— Oi? — Alice me olha e nega fazendo uma careta.

— Você disse feridas, que feridas ele tenta esquecer, Ali?

— Droga. — Ela falou demais e acaba de se dar conta disso. — Sobre isso eu não posso falar, não é algo meu, entende? É particular, eu não deveria nem ao menos ter citado isso, Cris.

Eu não me dou por vencida.

— Por favor, Alice, eu só quero entender seu irmão, preciso muito, na verdade... — Tento ser o mais convincente possível.

— Ai, Cristine... Augusto teve alguém — fala a contragosto, não muito

à vontade. — Há alguns anos, ele teve alguém que lhe deixou marcas, o traiu e feriu seu ego e orgulho. Acredito que as feridas que Isabel deixou nunca chegaram a cicatrizar.

— Isabel?

— Taí o meu problema, sempre falo demais... Não vou falar mais nada, cunhada. — Ela faz um sinal de um zíper invisível sobre a boca. — Só mais uma coisa, já aproveitando que estou falando mesmo, eu darei um conselho a você — fala parecendo mudar de ideia. — Coloque tudo em pratos limpos, pergunte a ele sobre o passado, o porquê de ser tão fechado às vezes, converse e passe tudo a limpo. Tenho certeza de que ele não se negará a falar, pois quer um futuro com você, disso tenho certeza. — Nesse momento já crio milhões de ideias, sentimentos e medos em volta de Augusto, enquanto o silêncio persiste entre nós duas.

— Vamos, Cristine? A essa hora já devem estar trazendo Cathe de volta para o quarto. — Olho para trás e vejo Augusto parado na porta, ao lado de dona Vera, que sorri fraternalmente.

— Ah, sim, vamos — falo, me forçando a reagir. — Obrigada mais uma vez, Alice, nunca serei capaz de lhe agradecer pelo que está fazendo, nem em duas vidas. — Eu a abraço novamente.

— Bobagem, já disse pra deixar disso. Faço de coração e pode ir tranquila. Mais cedo do que imagina teremos uma criança muito saudável correndo naquele prédio. — Sorrio ao imaginar tal coisa, sentindo uma alegria sem igual em meu íntimo.

— Mesmo assim, obrigada mais uma vez por tudo. — Ao dizer isso, não me refiro apenas ao transplante, mas também por me contar a verdade.

Me despeço de dona Vera e vou em direção a Augusto, que me espera na porta. Saímos logo depois, indo direto para o elevador, enquanto meus pensamentos dão voltas em minha cabeça, viajam e trabalham na velocidade da luz.

— Tudo bem? — Augusto pergunta e eu o olho diferente agora, vendo além, tentando enxergar tudo do homem à minha frente. — Cristine, tudo bem? Está sentindo enjoo, tontura ou algo assim?

— Não, nada. Estou bem. — Augusto não parece muito convencido.

Ele segura minha mão e voltamos calados ao quarto de Cathe. Recebo, vez ou outra, seu olhar de esguelha parecendo querer dizer algo. Já no quarto, assim que chegamos, Catherine é trazida de volta e ficamos ambos calados ao lado da maca observando-a dormir. Faço, de minuto em minuto, uma prece silenciosa para que corra tudo bem, já me preparando para amanhã.

Minutos mais tarde, Augusto diz que precisa sair e resolver um pequeno problema, algo a ver com o hospital, diz que será rápido e logo estou sozinha com Cathe. Aproveito para ligar para Bruno, que até agora não deu sinal de vida, me deixando preocupada. Dessa vez, a operação no morro pareceu demorar mais que as outras. Depois de duas tentativas, ele me atende no segundo toque.

— Oi, meu bem!

— Graças a Deus! Como faz uma coisa dessas? Como some assim?

— Ei, tá tudo bem, eu estou bem. Já sabe, não é?

— Claro que sim, não se fala em outra coisa na TV.

— Desculpe, não disse nada pra não te preocupar, Crisy, mas correu tudo bem.

— Não passou por sua cabeça que eu poderia descobrir de outro jeito? Onde você está, Bruno? — Suspiro, vencida.

— No batalhão, não fique brava comigo, meu bem, não foi minha intenção te preocupar, só não queria te deixar mais aflita do que já está. Como está Cathe? — Respiro, aliviada, as coisas estão mesmo voltando ao prumo.

— Conseguimos um doador, Bruno, Cathe será operada amanhã pela manhã. — Ouço-o soltar a respiração.

— Eu sabia que ela conseguiria.

— É Alice, ela fará a doação, ela é compatível, Bruno.

— A Cenourinha? — Ele ri. — Ora, quem diria, a solução estava à nossa frente o tempo todo, se eu soubesse, já teria invadido aquele apartamento e roubado o fígado dela enquanto dormia. — O palhaço ri me levando junto.

— Seu bobo, eu não estou me aguentando de tanta felicidade, Bruno.

— Claro que não e com razão — ele fala e faz uma pausa, ao fundo ouço alguém chamá-lo. — Eu vou ter de desligar, coração, o dever me chama. Acredito que amanhã, por volta do meio-dia, estarei aí, me mantenha informado sobre a operação por mensagem, provavelmente não poderei atender chamadas.

— Pode deixar e cuidado.

— Sempre tenho. Beijo e até amanhã.

— Outro.

Mal respondo e a ligação fica muda, seu traquejo social com celular nunca foi muito bom, Bruno odeia papo furado. Sorrio ao pensar que não tem o mesmo problema quando se trata de mulher. Ah, com isso ele se sai muito bem.

As horas vão se arrastando e vejo o dia virar noite em uma ansiedade descabida. Penso novamente no que Alice me disse, principalmente, na parte de Augusto ter tido alguém. Ele nunca chegou a comentar qualquer coisa do tipo, nadinha e, se foi importante como Alice deixou a entender, não seria óbvio que diria algo? Talvez seja apenas passado. Me sinto confusa e bisbilhoteira ao fazer tantas especulações sobre isso.

Me viro na maca em que estou deitada sentindo o peito apertar e a ansiedade pela operação de Cathe me tomar, espantando a vontade de dormir. Uma mão grande segura a minha e, ao olhar, vejo Augusto ao meu lado. Me afasto para o cantinho da cama e arrasto o lençol, em um convite mudo para que se deite comigo. Ele o faz, depois de tirar seus sapatos, passando seus braços em volta de mim. Não posso deixar de suspirar ao ser tomada pelo sentimento de segurança por estar em seus braços. Me aconchego mais a ele, deixando qualquer dúvida e preocupação de lado.

Amanhã será um novo dia, um novo amanhecer, um recomeço e, com esse pensamento, deixo que o sono me leve a um lugar de sonhos felizes, pensamentos leves e desejos realizados...



***Não precisamos de terceiros para
sermos felizes, mas a felicidade de
viver um amor verdadeiro não tem
preço.***

Sinto pequenos beijos sendo deixados por meu pescoço e chego a gemer com a sensação. Quando me dou conta do que me espera hoje, salto no lugar já me sentando na cama completamente confusa e desperta, ouvindo a risada de Augusto atrás de mim.

— Ei, dorminhoca, ainda é cedo, volta aqui. — Olho sua cara nada sonolenta e faço o que me pede, acalmando meus batimentos e voltando a me deitar em seu ombro, depois de me certificar de que Cathe continua como antes. — Achou o quê? Que não te acordaria a tempo?

— Nem sei o que pensei pra dizer a verdade. Acho que estava sonhando.

— Está com fome?

— Não, e não adianta vir com seu exagero querendo me enfiar comida goela abaixo, não estou com fome.

— Não garanto nada, meu amor, agora venha, vamos levantar. Daqui a pouco a equipe médica virá buscar nossa pequena. — Sinto até um frio em

minha barriga quando menciona a última parte. — Bruno ligou, chega ao hospital depois do meio-dia.

— Como assim, Bruno te ligou?

— Era cedo, ele não queria correr o risco de te acordar

— Agora estão íntimos? — pergunto, estranhando essa conversa.

— Era o que queria desde o começo, não era? — pergunta rindo. Que coisa estranha. — Se não me engano, isso foi uma de suas exigências, para ser sincero, tenho certeza de que foi sim. Isso é uma das coisas de que me lembro bem, quando praticamente me fez implorar para que namorasse comigo — fala, debochado.

— Bem, isso era, mas...

— Mas nada, agora venha. — Ele se levanta cheio de graça, me levando junto com ele, enquanto sorrio como louca. Sinto Augusto mais leve, livre até, e gosto desta versão, gosto muito.

Tomo um banho rápido e, quando ouço a voz de Pedro falando com Augusto, saio às presas do banheiro. Alguns enfermeiros e Miguel começam a tirar alguns fios e aparelhos ligados ao corpo de Cathe. Augusto me puxa para perto dele enquanto terminam o procedimento de retirar a sonda nasogástrica. Peço para que parem por um minuto e me aproximo dela, sentindo a necessidade de falar. Olho minha menina, o meu bebê e faço uma oração silenciosa, pois, depois de ontem, simplesmente, sei que Deus não me abandonou.

— Vai ficar tudo bem, meu amor, e eu vou estar aqui te esperando, me ouviu? E quando estiver recuperada, já no Natal, vamos comprar aquela árvore grandona que me pediu outro dia, se lembra? Ela será tão grande que vamos levar no mínimo três dias para decorá-la e vai ficar perfeita ao lado do piano do vovô. Sem falar que, com certeza, o papai Noel trará aquela linda boneca de presente que você pediu a ele... — Sinto uma lágrima escorrer e Augusto se aproxima colocando a mão em meu ombro, um pequeno aviso de que está na hora. — Volta pra mim, minha pequenina, a mamãe te ama mais que tudo no mundo. — Beijo sua bochecha e me afasto, sentido o coração querendo explodir no peito.

Vejo Augusto deixar um beijo no cabelinho loiro do meu bebê e voltar

sua atenção para mim, me abraçando.

— Vai dar tudo certo, conseguimos chegar até aqui, Cathe é uma menina forte como a mãe e sairá dessa com louvor. — Concorde muda, sem conseguir falar.

— Cristine? — Pedro chama e foco minha atenção em sua figura parada na porta com uma expressão serena, calma até. — Não posso prometer nada a você, pois não sabemos o que pode acontecer em uma sala de cirurgia. Posso prometer apenas que farei o meu melhor, tudo que estiver ao meu alcance. Disso não tenham dúvidas. — Vou em sua direção e abraço-o, um abraço singelo de agradecimento.

— Obrigada, Pedro, por tudo o que tem feito.

— Não agradeça, agora tenho que ir. Até daqui a pouco e fiquem tranquilos, assim que possível, peço para Miguel trazer informações. Eu e Eric estaremos empenhados nessa cirurgia. — Seu tom é formal e eu o deixo ir, tendo esperança e acreditando que o seu melhor será mais que suficiente.

Quando consigo controlar minha aflição e o enjoo, que ameaça me tomar novamente, vamos para a sala de espera. Encontramos com a mãe e o pai de Augusto sentados conversando tranquilamente nas cadeiras de couro preto, enquanto dr. Otávio mantém o braço sobre os ombros da esposa. Nós nos sentamos com eles e nos mantermos quietos por um tempo. Vez ou outra dona Vera puxa algum assunto, tentando conter o próprio nervosismo, mas não passam de conversas rápidas. Os minutos vão se passando, lentos e ansiosos, até que dr. Lauro aparece à nossa frente. Nós nos levantamos esperando que fale, o nervosismo pairando sobre todos apesar de o homem à nossa frente demonstrar tranquilidade.

— A cirurgia de retirada correu bem — começa a falar, arrancando alguns suspiros de alívio. — Alice será levada para o quarto daqui a alguns minutos e a pequena Catherine já está sendo operada, Cristine, e está indo tudo bem até agora. Irei acompanhar Pedro e Eric a partir desse momento e, assim que terminarmos, viremos falar com vocês. — Concorde muda, vendo Otávio agradecer a Lauro, que logo se retira.

— Vamos ver como ela está agora, filho, nos mantenha informados sobre qualquer coisa — Dona Vera diz deixando um beijo rápido em meu rosto.

— Pode ir tranquila, mãe, ficaremos bem — Augusto responde voltando a se sentar ao meu lado, passando seu braço sobre meus ombros.

A ansiedade toma conta tanto de mim, como dele, que tenta disfarçar inutilmente. Sua expressão o trai, sei que está nervoso, mais do que isso, na verdade.

— Está com medo? — pergunto, tentando abordar algum assunto que me distraia e falho miseravelmente.

— Medo não, acho que estou ansioso pra que Pedro entre por aquela porta e diga que está tudo bem com ela. Sei que ficará bem.

Concordo com um aceno, incapaz de lhe transmitir a mesma certeza, o medo não deixa. Acho que já passamos por tanta coisa nesses seis anos que me preparo sempre para o pior, sempre acho que algo sairá errado e isso me mata, me deixa com os nervos à flor da pele. Me obrigo a pensar em outra coisa, a me desligar um pouco e é aí que meus pensamentos voltam para conversa que tive com Alice ontem.

— Por que não me contou? — falo e ele me olha quando pergunto de supetão. — Sobre Alice ser a doadora, ela disse você foi atrás dela e pediu que fizesse o transplante. — Augusto solta o ar preso em seus pulmões e um palavrão, me olhando em busca de algo e colocando-se sentado de frente para mim.

— É complicado, Cristine. O tempo todo eu quis o seu perdão, mas não queria isso às custas de sua fragilidade, isso não. Queria te provar que eu poderia ser melhor, ser o que você merece, precisa, e foi por isso que não disse o que eu tinha descoberto e pedido a Alice para que fizesse o transplante. Por isso que, quando perguntou se eu conhecia o doador, eu disse não. Tinha medo de que me interpretasse mal, ou algo assim. — Ele termina dando de ombros, olhando suas mãos sobre a perna.

— Por que não deixou que ela dissesse que tinha uma chance de ser compatível?

— Vi o quanto estava definhando, Cristine, realmente mal com tudo isso. Não queria te dar esperanças de ter algo real nas mãos, pois poderia não dar certo e você não suportaria. Sem falar que seriam só mais alguns dias, achei que isso não causaria problemas, mas me enganei.

— E o *Halloween*? — Ele se deixa sorrir quando pergunto.

— Ela contou muita coisa, não é? Fofqueira dos diabos! Foi para animá-la, Cathe estava precisando e você não tinha tempo para isso, sem falar que, se eu dissesse que faria, você não aceitaria. — Concordo.

— Nisso você tem razão. — Sorrio e ficamos calados por alguns instantes, até sua voz ser ouvida outra vez.

— Você me surpreendeu quando disse que sabia que eu estava dormindo com vocês todos os dias. Inclusive é minha culpa o sofá estar fundo de um lado, se percebeu. — Sorrio. — Achei que não sabia.

— Eu acordei no meio da noite uma vez e te vi lá. Não quis te acordar, não quis brigar, estava cansada até mesmo pra isso. — Ele segura minha mão e beija minha testa com carinho. — Augusto... — falo baixo, apreensiva, um sussurro, já quase me arrependendo de perguntar. — Quem é Isabel? — pergunto sem conseguir me conter e vejo o homem à minha frente empalidecer, o corpo se retesar, os olhos arregalados como pratos me fitarem.

— O que sabe sobre isso?

— Nada demais, só que ela foi alguém pra você. — Augusto tira os olhos de mim e foca sua atenção na parede à nossa frente. Seu rosto vai se fechando, mudando, como se ficasse ausente do mundo real. — Não precisa falar se não se sentir à vontade. — Me vejo obrigada a dizer.

Não quero que seja uma obrigação para ele falar, quero que se sinta à vontade comigo, que possa sempre dizer o que quiser, falar sobre qualquer coisa. Augusto não diz nada e, por um momento, penso que realmente não falará, até que sua voz sai baixa, ausente de qualquer emoção.

— Isabel foi minha quase noiva, chegamos a morar juntos há dez anos... — ele começa, vez ou outra dando pausas, puxando respirações pesadas e, a cada palavra dita, fico cada vez mais surpresa.

O Augusto que ele narra em sua história não é o mesmo que conheci meses atrás, não, esse é bem diferente. É pura emoção e euforia, um jovem realmente vibrante, cheio de vida. Quando fala da filha então... Deus do céu... engulo em seco sentindo meu coração afundar. Seu jeito de falar da criança é cuidadoso, carinhoso, cheio de amor paternal. Em uma parte da história, tenho de levar a mão à boca para conter a surpresa ao ouvi-lo falar da traição

que sofreu. Suas palavras chegam a doer em mim e começo a decifrar por completo o homem ao meu lado, descobrir uma parte que ele mesmo tentou esconder. Augusto é puro sentimento, longe de ser quem tenta parecer.

— Foi isso, essa foi Isabel em minha vida — fala e respira fundo, recostando-se no encosto da cadeira e esticando as pernas uma sobre a outra. — Recebi a notícia de sua morte duas horas depois de sair de casa, um acidente de carro, estavam indo embora juntos. Isabel nem me deu tempo de odiá-la. — Sinto pesar, dor em sua voz e arquejo ao ouvir o que diz, a incerteza e o medo tomando conta de mim com força.

— Você ainda a ama? — A pergunta sai antes que eu possa impedir, o que o faz sair do transe em que estava e me olhar com espanto, enquanto empalideço com medo da resposta. Ficamos assim por instantes, mudos.

— Não, na verdade o que senti por Isabel foi uma extensão do que senti pela criança que achei que era minha, apenas isso. Hoje é fácil decifrar esse sentimento, é fácil entender que não era amor.

— Eu sinto muito, muito mesmo.

— Não sinta, já passou, Cristine. Meu único erro em tudo isso foi deixar que o passado interferisse de alguma forma em nossa relação. Por acreditar que estava estragado para amar, por achar que ela me estragou. Eu estava errado, essa é a verdade e a culpa disso não é dela, é toda minha. Fui eu que decidi me fechar para o mundo, não amar, ao menos não até te conhecer. — Seus olhos se iluminam ao me olhar, olhos orgulhosos. — Foi você quem me mostrou o quão errado estava, me fez amar de verdade, me salvou de certa forma. Esse mérito é todo seu, Cristine.

Sem saber o que dizer, encosto minha cabeça em seu ombro extasiada pelo que acabo de ouvir, feliz em tê-lo ao meu lado. Seu braço passa por meu ombro me trazendo para perto dele, colocando minha cabeça em seu peito. Ficamos assim por minutos que não sei estipular ao certo, contemplando o silêncio enquanto vou digerindo tudo o que ouvi, sua história, e sinto a impaciência ao ver o tempo passar sem ter respostas.

Um movimento nos chama atenção, Augusto se levanta, me ajudando a fazer o mesmo e, juntos, encaramos Pedro e Eric com os rostos abatidos à nossa frente, junto de Lauro.

— E então? Correu tudo bem? — Augusto pergunta quase com

desespero, sou incapaz de falar qualquer coisa, o bolo que se forma em minha garganta me impossibilita e só espero que eles deem a sentença.

— Tivemos algumas complicações e



*Dizem que os fins sempre
justificam os meios e há histórias que
provam essa teoria...*

— Tivemos algumas complicações e... — Pedro respira fundo enquanto vejo em seu rosto o prenúncio do que virá a nos dizer. Meu coração afunda em meu peito, o ar falta em meus pulmões e minhas pernas falham. — Eu sinto muito, fizemos tudo o que podíamos, mas não conseguimos reverter o caso, a doença já tinha atingindo o coração e o pulmão, foi demais pra ela, Cristine. Cathe veio a óbito. — Suas palavras cansadas, sentidas e desanimadas chegam aos meus ouvidos e entram em meu corpo rasgando tudo por dentro, me destruindo no processo.

Desabo, sendo amparada por Augusto. As palavras rodando em minha mente, rasgando o meu coração e alma. Dor, sinto dor, uma que nunca imaginei sentir. Eu a perdi, perdi meu bebê, perdi quem jurei proteger, minha Catherine se foi, meu bem mais precioso no mundo. Não, não...

— NÃO! — grito, acordando do pesadelo mais uma vez, já me sentando em minha cama, suada e trêmula.

Tem sido assim no último mês. Isso mesmo, faz um mês desde o dia em que Pedro, entrou naquela sala e nos deu a notícia. Desde então, venho tendo pesadelos, às vezes em versões diferentes, mas todos acabam

exatamente assim: perdendo minha filha e é demais para mim a cada noite. Reviver em sonhos, noite após noite, um momento como esse me destrói. Passo a mão em meu rosto tentando acalmar meu corpo e meus batimentos, voltar à realidade. Olho para o lado, vendo a cama vazia, sem nenhum sinal de Augusto.

Respiro fundo sentindo o cheiro de café fresco invadir minhas narinas, me fazendo salivar e me levanto calmamente indo até o banheiro. Minutos depois, saio do quarto ainda de camisola, em busca de Augusto. Vou direto até a cozinha onde ouço vozes e barulho de talheres. Eu o encontro sentado à mesa, com ela já posta para o café da manhã, como tem feito desde que voltamos do hospital. Paro na soleira e observo a cena.

Augusto está de costas para mim, relaxado sentado na cadeira próximo à mesa, vestindo uma regata branca e uma calça moletom azul. Em seu colo, tem o pedaço de gente mais importante no mundo para mim: Cathe. Exatamente, nossa pequena está bem, recuperando-se da cirurgia que foi um sucesso, segundo Eric, que não poupou elogios a Pedro.

Há um mês, quando eles entraram naquela sala de espera e disseram que houve complicações, meu mundo parou ali, porém, logo depois Lauro completou a frase dizendo que, apesar das complicações, conseguiram implantar o fígado com sucesso. O ar voltou aos meus pulmões naquele exato minuto, quando pude realmente acreditar que minha filha ficaria bem, que nós ficaríamos bem. Porém o medo que senti quando Pedro começou a falar... esse ficou guardado em minha mente e acredito ser por isso que venho sonhando com aquele terrível momento desde então.

Dois dias após a cirurgia, Cathe acordou e sete dias depois viemos para casa com ela, que vem se recuperando muito bem, assim como Alice, que considero um anjo em nossas vidas. Após tudo, Augusto não nos deixou sozinhas em nenhum momento, sempre presente, cuidadoso, prestativo e amoroso. Nosso relacionamento vem evoluindo a cada dia e não poderia estar melhor, mais sólido, ultrapassando qualquer barreira de ressentimentos deixados no passado. Um passado agora distante em meus pensamentos.

— Tio, e quanto tempo vou ter de ficar sem brincar? — A voz doce de Cathe me traz de volta ao momento atual.

— Brincar você pode, pequena, não pode é correr e fazer esforço físico,

isso só daqui a dois meses.

— Hum... — Olho com mais atenção vendo o prato com mingau de aveia à frente dos dois na mesa e sorrio comigo mesma. — Vamos assistir *Frozen* hoje ou *A Bela e a Fera*? Ah, tio, e tem também *Enrolados*, né? A mamãe pode assistir com a gente quando acordar — fala, faceira. Segundo ela, esses são os desenhos favoritos de Augusto. Eu discordo, pois já o vi dormindo no meio de todos.

— Bom dia! — falo, ganhando a atenção dos dois.

— Bom dia, mamãe, a senhora tá linda! — Chego a inflar de orgulho e amor por essa coisinha linda de boca cheia. Beijo seu cabelinho e depois dou um selinho em Augusto, me sentando ao lado dos dois em seguida.

— E eu concordo com isso — fala antes de enfiar uma colher de mingau na boca dela.

— Já está dando o café da manhã pra ela?

— A pequena Elza aqui acordou faminta, não deu pra esperar a mamãe, não foi, pequena?

— Humrum... — concorda ela, com boca cheia e suja nos cantinhos. Fofa.

— Mas deixei para você também, logo ali. — Ele fala apontando e eu me levanto para pegar a panela suja de mingau de aveia.

Não sei o que ele faz, só sei que fica uma delícia e olha que não gosto de aveia, menos ainda do mingau. Mas Augusto coloca alguma coisa aqui, eu só não descobri o que, mas pretendo.

A iguaria pouco cozida é uma das exigências médicas, assim como a dieta que lhe foi passada. Com a nova alimentação, que todos aderimos por conta de Cathe, até mesmo os enjoos que vinha tendo no hospital acabaram e, desde então, tenho comido bastante. Meu peso até mesmo já voltou ao normal, acredito que tenha até passado, na verdade, tenho estado bem cheinha esses últimos dias. Venho ganhando peso na velocidade da luz e a culpa é claro que é de Augusto. Como sempre exagerado em tudo.

— O que quer almoçar hoje? — me pergunta e me lembro que marquei uma consulta.

— Não sei, na verdade tenho de ir ao hospital daqui a pouquinho. —

Ele me olha interrogativo e logo explico. — Os exames, Pedro me falou sobre eles ontem. Achou que eu havia pegado e não peguei.

— Tem de se preocupar mais com sua saúde, não pode esperar pelo acaso, Cristine — Augusto repreende, sério, e ele tem razão.

— Eu sei, é que os enjoos diminuíram e não me preocupei muito em pegá-los. Pra ser sincera, com tudo o que vinha acontecendo eu me esqueci completamente, só estou indo hoje por desengano de consciência.

— Faça assim, traga os exames que eu mesmo olho.

— Não precisa, Pedro já está lá me esperando, não se preocupe. Acho que será rápido e devo chegar a tempo de almoçar com vocês.

— Sendo assim, quer que eu te leve? — Ele está preocupado com os exames, sei disso pelo vinco profundo formado no meio das suas sobrancelhas.

— Não, acho melhor não sairmos com Cathe e não precisa se preocupar, não deve ser nada demais, além de uma anemia. Acho que devo até mesmo fazer outros, já que faz um tempinho que os fiz — falo tocando a ponta do nariz da minha menina, que sorri. Termino de comer, já me levantando para ir me trocar, ainda ouvindo o planejamento do dia de Cathe, antes de entrar no quarto.

Me troco rápido, quer dizer, o mais rápido que consigo, tendo de experimentar três peças, até que uma caiba e fique apresentável, sem incomodar ou me apertar. Deus do céu, preciso de um regime urgente. Quando volto a sair, Cathe está sentada no sofá assistindo a *Marsha e o Urso*, totalmente compenetrada na TV, e Augusto está lavando alguns copos na cozinha.

— Eu já vou indo, se eu demorar, pode almoçar sem mim. Como algo por lá — falo deixando um beijo em sua boca.

— Certo, vou pedir algo que ela goste e possa comer, meus dotes culinários não ultrapassam o mingau — fala, risonho, enquanto enlaça minha cintura escondendo o rosto na curva do meu pescoço. — Teve o mesmo pesadelo de novo? — pergunta, abafado, mordendo minha orelha, sabendo o efeito que isso tem.

— Tive... hum... para, amor, já estou atrasada...

— Eu não estou fazendo nada... ainda. — Safado!

— Eu tenho... hum... mesmo que ir. — Mordo o lábio inferior e, com muito custo, me afasto dele, deixando um beijo rápido em seus lábios e saindo de seu alcance em seguida.

Faço o mesmo com Cathe ao passar pela sala, deixando-lhe um beijo, e saio porta afora rindo como boba. Pego o elevador cantarolando e tiro meu carro da garagem, saindo para rua em seguida. Por ser domingo, o trânsito está calmo e acabo por chegar bem rápido ao meu destino. Estaciono e subo direto para sala de Pedro, cumprimentando algumas pessoas no caminho. Quando chego em frente a porta de seu consultório, dou duas batidinhas e entro, encontrando o exemplar de beleza masculina escrevendo alguma coisa no prontuário sentado atrás de sua mesa.

— Bom dia! Desculpa o atraso. — Pedro me dá um sorriso aberto e se levanta.

— Não tem problema, as coisas aqui estão bem calmas hoje. Augusto não veio? — Estranho como enruga o rosto ao perguntar de Augusto.

— Não, ficou com Cathe.

— Ah, sim, claro. E como ela está?

— Se recuperando muito bem! — falo, orgulhosa.

— E você, como está se sentindo?

— Estou muito bem, obrigada.

— Tem sentindo alguma coisa, algum sintoma? — pergunta enquanto volta a se sentar e eu faço o mesmo, estranhando o interrogatório, já que nos falamos ontem.

— Não, na verdade, depois que voltamos pra casa estou bem, recuperei até mesmo o peso e mais alguns quilinhos extras. — Ele sorri. — Por que tá rindo tanto?

— Nada demais, tenho seus exames. — Ele até que tenta ficar sério, mas não consegue esconder os dentes, enquanto me entrega os papéis. — E como fui eu a pedir e a fazê-los, tomei a liberdade de abri-los agora há pouco, espero que não se importe. — Eu nego e ele continua. — Tudo está normal, Cristine, diabetes ok, colesterol ok, não é anêmica...

— Eu disse pra você que não precisava disso tudo, era só estresse.

— Não é só estresse... — ele me interrompe e faz um pequeno suspense. — Você está grávida, Cris!

Minha boca se abre em O e um riso nervoso me escapa. Um riso não, quase uma gargalhada. Rio como louca, tentando me conter, vendo Pedro me olhar, divertido.

— Pare, Pedro, isso não é brincadeira que se faça.

— Não, não é, e eu não estou brincando. Seus exames de sangue tiveram algumas alterações. Alterações que só acontecem em mulheres grávidas. Não percebeu nada, Cristine? — Me levanto de uma vez, sem poder acreditar no que diz.

— Não, quer dizer... não. Minha menstruação veio mês passado, ainda aqui no hospital... Não, Pedro, eu não estou grávida, isso, isso é um engano, não tem condições...

— Não? — ele me pergunta se divertindo às minhas custas e eu me sento novamente, agora bestificada.

— Bem, ter tem, claro. O que quero dizer é que...

— Cristine, dificilmente os exames de sangue erram e é por isso que já temos um ultrassom marcado pra você. — Fico muda e olho para ele.

Sem reação, é assim que estou. Olho minha barriga, incapaz de cogitar essa possibilidade. Se eu estivesse grávida, teria de ser de menos de um mês, se contar por minha menstruação, mas... os exames foram feitos bem antes disso. Uma piada, eu teria notado, não? Uma gravidez não é algo que passe despercebido a ninguém. Merda! Será que... minhas mãos pousam em minha barriga de imediato e pareço não ver mais nada à minha frente. Tudo parece parar, a constatação caindo sobre mim. Grávida? Eu? De um filho de Augusto? Volto a sorrir, incrédula... não, eu definitivamente não estou grávida.

— Venha, Isabela está no hospital e vai te examinar. — Me volto em sua direção, vendo-o com a mão estendida na minha frente. — Quer ligar pra ele e pedir que venha? — pergunta se referindo a Augusto e eu nego.

Me levanto lentamente, me forçando a reagir e, juntos, saímos da sala em direção à ginecologia. Vou andando completamente muda, pensando em todas as probabilidades que me cercam. Em frente à sala de Isabela, Pedro

bate e esperamos que ela nos mande entrar.

— Quer que eu te acompanhe? — Confirmo assim que a porta é aberta e ele entra na sala comigo.

— Ah, aí está você. E aí? Vamos confirmar a gestação e ver esse bebê?

— Isabela, eu acho que houve um erro, não tenho nenhum sintoma e minha menstruação está normal. Já deve até mesmo estar se preparando pra descer nos próximos dias novamente. — Ela me mostra um sorriso reconfortante, eu diria, o que não me acalma em nada.

— Então veremos isso agora mesmo. Pode acontecer do exame estar errado, mas adianto que isso é raro e, sobre a menstruação, veremos isso depois. — Engulo em seco e me deito na maca como ela me pede, vendo Pedro se sentar em uma cadeira próximo à mesa.

Subo minha blusa expondo minha barriga como me pede e, dessa vez, não deixo de notar que ela está um pouquinho arredondada na parte mais baixa. Me tranquilizo, dizendo a mim mesma que isso se deve ao peso que ganhei, claro. Isabela desce um pouco o cós de minha calça e um gel meio geladinho é despejado em minha barriga, enquanto a médica vai espalhando o gel com o aparelho de ultrassom. Fico imóvel, olhos arregalados na tela, enquanto Isabela procura por algo em minha barriga, mais precisamente um bebê que não existe.

Observo a mulher sentada em um tipo de cadeira alta — própria para esse procedimento — de olhos fixos no monitor à nossa frente. Procuro por Pedro na sala, que agora está em pé, mais próximo de mim, mantendo seu olhar também na tela preta, mas ele sorri. Volto meus olhos para o monitor, vendo uma bola meio esbranquiçada no meio da tela, tentando entender aquele ponto...

Ai. Meu. Deus!

— Aqui está. Parabéns, mamãe! — Isabela me mostra um sorriso alegre e uma voz contagiante que me causa choque. — Você tem um lindo e forte bebê crescendo aqui dentro. — Olho a tela com olhos arregalados, coração disparado, boca seca e uma emoção descabida tomando conta de mim a cada segundo.

Meu bebê...

Meu bebê...

Meu e de Augusto...

Nosso bebê...

Um barulho alto e forte toma conta da sala. Olho Isabela, tendo sua figura nublada por lágrimas não derramadas.

— Olha o coraçãozinho batendo a todo vapor, mamãe. Esse dará trabalho, é bem inquieto... Espera aí... — Quando ela fala isso, ganha toda minha atenção e o barulho, antes ouvido, se intensifica, intercalando batimentos fortes e rápidos.

Procuro na expressão da bela mulher morena de cabelos negros à minha frente uma resposta sobre o que pode ser e nada. Olho Pedro em busca de algo, vejo no rosto do homem uma expressão confusa, risonha e embargada.

— Isabela, o que foi? Algum problema com... o bebê? — Quase não sou ouvida, já que, ao invés de falar, deixo um sussurro quase inaudível escapar.

— Não, nenhum problema e sim uma grande novidade, mamãe. Você será mãe de gêmeos, Cristine, temos duas crianças aqui! — A alegria em sua voz demonstra o quanto ama seu trabalho, enquanto eu não sei se rio ou se choro.

— Como? Gêmeos? Eu vou ter gêmeos? — Não me seguro e choro, me derreto, na verdade, e minha mão é afagada com carinho por Pedro, que parece que vai chorar comigo.

— Seus bebês estão ótimos, Cristine, em tamanho ideal e são bem traquinas pelo que vejo aqui. Teremos bebês fortes e saudáveis em breve.

Então ela me mostra tudo. Não que eu entenda bem a tela, mas para mim são lindos, perfeitos e o melhor de tudo: são meus. A emoção sentida é gigantesca, única. Para minha surpresa, Isabela me diz que não são univitelinos, são bi, tendo cada um a própria bolsa amniótica. Enquanto a ouço, sorrio como boba e começo a me preocupar com o porquê de estar menstruando. Ela me tranquiliza, dizendo que algumas mulheres menstruam durante a gestação, não é normal, mas pode vir a acontecer por passarem por algum período grande de estresse ou complicação genética.

Me lembro que meu período desceu logo após a cirurgia de Cathe, o

que é completamente compreensível agora. Aquele momento foi de grande estresse, ansiedade e medo. E por estar focada em minha filha, não me atentei ao meu fluxo, que estava menor, nem à cor um tanto mais transparente do que o de costume, o que claramente indicava que não estava normal como deveria, e eu não percebi nada. Na verdade, não tive tempo ou cabeça para pensar nisso, estava ocupada e preocupada demais com minha Cathe naquele momento.

Segundo Isabela, estou com quase quatro meses, o que me surpreendeu e me levou a uma certa tarde de verão, em uma cachoeira de água transparente. Estávamos os dois quase sem roupas e eu havia dito a Augusto que tinha me esquecido de tomar o medicamento por dois dias seguidos por conta da viagem. Ele, muito cheio de si e excitado demais para raciocinar com coerência, me garantiu que, por tomar o anticoncepcional há muito tempo, seria quase impossível engravidar, mas, se caso acontecesse, ele seria o pai mais feliz do mundo. Confesso que aquele momento aqueceu meu coração e me entreguei a ele, nos perdendo um no outro naquela tarde.

Saio da sala de Isabela ainda divagando, segurando em minhas mãos alguns pedidos de exames e receitas de medicamentos que preciso tomar, me sentindo um tanto aérea. Pedro está comigo e me olha preocupado, tendo a mão espalmada em minhas costas.

— Me dê suas chaves, eu te levo — fala, carinhoso, e percebo que já estamos no estacionamento.

— Não precisa, você está trabalhando, eu volto sozinha.

— De jeito nenhum e não estou trabalhando, vim só te atender. Sem falar que não vou deixar meus sobrinhos correndo risco de vida por aí.

Sorrio e, sem maiores protestos, entrego logo a chave do carro para ele agradecida. Provavelmente eu iria mesmo pegar um táxi, não estou apta para dirigir, não consigo nem ao menos controlar os tremores em minhas mãos. Logo entramos no carro e saímos para a via, tendo meus pensamentos todos nos dois sereezinhos crescendo aqui dentro, chego a sorrir sozinha enquanto apalpo minha barriga, ainda mínima.

Em frente a um sinal, enquanto o esperamos abrir, tenho uma ideia. Fico sem graça de pedir, mas faço assim mesmo. Pedro não nega, pelo contrário, me acompanha pacientemente, dando opinião vez ou outra. Um

gentleman. Quando voltamos ao carro, ele me deixa no prédio minutos depois, dizendo que voltará de táxi para pegar seu carro, que ficou no hospital. Eu o convido para entrar, mas ele nega.

— Não vou atrapalhar o momento, quero apenas que me conte depois a reação do puto — fala e me dá um abraço rápido em despedida.

— Sabe que vai ser o padrinho, não é? — Ele sorri abertamente.

— Ai de vocês se eu não fosse.

— Obrigada, Pedro!

— Não precisa agradecer, estou muito feliz por vocês.

Me despeço dele e vou em direção ao elevador, sentindo o coração quase sair pela boca

— Grávida! Grávida!

A palavra é estranha em minha boca, a incredulidade ainda em mim, causando um rebuliço em meu estômago. Minhas mãos pousam em minha barriga pela décima vez e sinto a necessidade de falar com ela.

— Vocês serão muito amados, meus pedacinhos de gente, vou amar vocês com tudo de mim, assim como amo sua irmã. Isso mesmo, vocês têm uma irmãzinha, uma que ficará radiante em saber da existência dos dois.

Vocês? Eu vou ter gêmeos!

A sensação é tão estranha... ao mesmo tempo que me sinto radiante, sinto medo, receio de falhar. Dois bebês, são dois bebês. Tudo em dobro, não é como foi com Cathe. Em um momento de fraqueza, a história contada por Augusto sobre seu passado vem à minha cabeça, me deixando insegura.

As portas do elevador se abrem e fico olhando a parede à minha frente, sentindo a covardia me tomar. Olho a sacola em minha mão e me forço a sair do elevador e ir em direção à minha porta. Paro em frente a ela e após respirar fundo — que fique claro, várias vezes — abro a porta, dando de cara com Augusto, se levantando do sofá com Cathe dormindo em seus braços. Provavelmente vai colocá-la na cama e quando ele me vê parada na porta, aquele sorriso de lado se abre em seus lábios, levando qualquer dúvida em meu peito, qualquer medo e receio. Entro em casa me livrando das sandálias e paro em frente a ele.

— Como foi, meu amor? Está tudo bem? — pergunta, prestativo.

— Bem, quer dizer, ótimo. Vai colocá-la na cama?

— Vou sim, dormiu nesse minuto.

Concordo com um aceno e ele some com ela pelo corredor. Pouco depois, Augusto volta à sala e me pega sentada no sofá, olhando o nada à minha frente, tentando adivinhar qual será sua reação.

— Algum problema?

— Nenhum, por quê?

— Voltou diferente... não sei — fala, ainda de pé.

— Senta aqui, trouxe algo pra você.

Augusto me olha estranho, sua mão vai à cabeça, alisando seus cabelos, e parece confuso, olhando de mim para a caixa média em minhas mãos.

— Eu esqueci alguma data importante? — Sorrio, matreira, batendo no estofado ao meu lado pedindo que se sente.

— Não, nenhuma, eu que vi isso e decidi comprar para você, combina com o que tive que fazer mais cedo. Agora abra.

Entrego a ele, que se senta ao meu lado e começa a rasgar o papel colorido, cheio de todos os bichinhos da arca de Noé, destampando a caixa de várias cores escondida pelo embrulho. Antes de abrir, Augusto me observa atento e seu rosto está confuso. Deve ser pela minha expressão, eu sorrio sem parar, tanto pela felicidade que sinto quanto pelo nervosismo. No fundo, sinto um pouco de medo de sua reação, mas o prendo onde deve ficar.

Augusto então destampa a caixa, revelando dois macacõezinhos dentro dela, um branco e um amarelinho. Em um deles está escrito "você é o melhor" e no outro "pai do mundo". Um completando a frase do outro, com uma foto do ultrassom dos dois. Foi difícil achar, mas não desisti da ideia e acabei encontrando. Augusto olha as peças, completamente imóvel, sem emitir som algum, apenas se mantendo de olhos arregalados, sentado ao meu lado.

Seu olhar então vem para mim, olhos curiosos, especulativos e novamente volta para caixa em suas mãos. Com as pontas dos dedos, ele toca as peças de leve, com cuidado. A caixa é deixada sobre o sofá e Augusto se levanta, levando consigo a foto do ultrassom, ficando de costas para mim, imóvel, mãos rentes ao corpo rígido e começo a me preocupar.

É só aí que ele se volta para mim, com olhos cheios de lágrimas e refletindo a minha própria emoção. O homem então se aproxima lentamente, ajoelhando-se à minha frente, enquanto continuo sentada no sofá, tentando não chorar.

— Você tá, tá... nós estamos...

— Grávidos? — completo a frase rindo. — Estamos e como se não bastasse colocar uma criança dentro de mim, você tinha que colocar dois — falo, emocionada, rindo e chorando ao mesmo tempo, incapaz de me conter, assim como ele. — Vamos ter dois bebês, amor, vamos ter gêmeos.

Em meio à emoção, Augusto toca minha barriga, colando sua testa na minha. Seu rosto sendo o espelho do meu, a emoção tomando conta de cada pedacinho de nós.

— Eu não te mereço, não mereço tanto. Gêmeos? — Confirmo e vejo uma lágrima descer por seu rosto. — Eu te amo, Cristine, você hoje me fez o homem mais feliz do mundo! — exclama enquanto me puxa para seus braços e me agarro a ele e ao sentimento que temos, que voltamos a construir como uma extensão de nós.

— Eu também te amo...



*Os momentos serão sempre parte
de nós!*

— Claro, Alice, daqui... — olho o relógio em meu pulso conferindo o horário — a uns quarenta minutos estaremos aí — falo com Alice pela décima vez hoje, a mulher está tão ansiosa que até parece que é para ela a surpresa.

— Ai, que romântico, Guto! Me deixa ficar aqui escondida no banheiro? Por favor, eu vou ficar quietinha e ainda gravo tudo para você. — Maluca.

— Sinto muito, agradeço muito o que fez, mas não vou deixar você ficar aí.

— Poxa... depois de tudo o que fiz aqui para você? Só vou te perdoar porque fui a primeira a saber que seria tia, senão eu não perdoaria. Vou te mandar foto pra você ver como ficou lindo, aposto que vai até mesmo mudar de ideia sobre me deixar aqui. — Ela ri.

— Manda sim, mas não vou mudar de ideia e tomara que isso tudo dê certo! — falo, apreensivo.

— Claro que vai, pateta. Não sei como conseguiu, mas ela te ama.

— Deus te ouça e até mais tarde, Porcelana.

— Até, papai do ano. — Desligo o celular, adorando o título e sentindo o coração palpitar dentro do peito por pensar no que estou prestes a fazer. Parece que terei um ataque cardíaco a qualquer momento, contradizendo tudo o que pensei.

Pai, eu serei pai! Quando Cristine me deu a notícia, foi como flutuar, sentindo um contentamento sem tamanho rasgar meu peito com força, enquanto observava atento a mulher que me deu essa dádiva. Cristine está me proporcionando a maior alegria que eu poderia ter, uma que eu não queria há um ano, nem ao menos cogitava, não antes de conhecê-la.

Quando me falou de quantos meses estávamos, tive medo. Medo de saber o dia em que foram concebidos, que tivesse sido aqui, nesta sala, em um momento de tanta confusão e raiva da minha parte, quando fiz a maior besteira da minha vida com a mulher que amo. Naquele mesmo dia, quando a ideia me passou pela cabeça, voltei a lhe pedir perdão enquanto tinha minha mão sobre sua barriga, ainda sem nenhuma evidência de que abrigava duas crianças de quase quatro meses. Cristine, como a mulher maravilhosa que é, me tranquilizou dizendo não ter sido naquele dia, mas sim na cachoeira de um hotel-fazenda em que a levei em um de nossos finais de semana juntos e eu não seria capaz de mensurar o alívio que senti ao saber disso.

Contamos a Cathe e Alice no mesmo dia em que soubemos e minha irmã, pobre criatura, pareceu ter seis anos outra vez, pulando e gritando que ia ser tia, tendo eu que lembrar a ela do corte cicatrizando em seu abdômen. Alice adora crianças. Cathe, essa ficou radiante, tendo que controlar a alegria para não começar a pular no meio da sala junto da tia. Foi tudo perfeito. Isso, claro, depois de passarmos por um momento um tanto constrangedor de explicar a ela como coloquei os bebês na barriga de sua mãe...

Uma batida na porta me chama a atenção, levando embora as lembranças por instantes. Mando quem quer que seja entrar, ainda de costas para a porta, organizando alguns prontuários. No momento, estou em minha sala, voltando ao trabalho hoje e já querendo fugir de volta para casa e passar a tarde assistindo a *Frozen* com Cathe, ou até mesmo *A Bela e a Fera*. Já decorei até mesmo a musiquinha, sem falar que se tornou o toque usado apenas para o residencial do apartamento, um toque só de Cathe, pois é só ela quem me liga do número de casa. O que vive me causando algumas chacotas quando estou em público e ela me liga. Sorrio, não me reconhecendo e

gostando muito do resultado.

Assim que o barulho de saltos batendo no piso soam em meus ouvidos, mudo minha atenção para a mulher que acaba de entrar em minha sala. Me surpreendo ao ver Patrícia próximo a mim, bem arrumada em um vestido vermelho escuro colado ao corpo, evidenciando suas curvas. Olho a mulher de cima a baixo que, por incrível que pareça, perdeu completamente os atributos aos meus olhos.

— Oi, Guto — praticamente ronrona o cumprimento, aproximando-se mais de onde estou. — Fiquei sabendo que voltou hoje de suas férias e decidi fazer uma visitinha. — Seu sorriso sedutor é destilado e sua mão toca meu ombro, que trato logo de afastar, sei onde pensa em chegar com sua visitinha.

— Oi Patrícia. O que quer? Seja direta e poupe tempo a nós dois. Se for mais uns de seus jogos de sedução, não os gaste comigo, procure outro babaca. — Ela arfa, mostrando seu melhor ar de ofendida e eu mudo meu foco para os prontuários em cima da mesa, organizando tudo para sair.

— Ah, que maldade comigo, querido. Faz isso porque sabe como sinto sua falta, gosta desse jogo que eu sei. — Não respondo, nem ao menos olho em sua direção. — Então é verdade? — Sua voz sobe uma nota. — A sem sal consegui mesmo aplicar o golpe da barriga? Hum, a mulher te pegou de jeito! — Mal chego a ouvi-la e cada músculo do meu corpo retesa perante suas palavras.

— Acho bom ter cuidado com o que fala, Patrícia, pode perder a língua. — Me viro para ela. — Não engoli você, muito menos sua visita a Cathe quando ainda estava internada. Deveria ter vergonha, foi baixo até mesmo pra você se prestar a este papel. Agora saia e prepare suas costas, Lauro já sabe de sua conduta. Foi burra ao brincar comigo, em acreditar tanto em si mesma a ponto de pensar que não provaria sua façanha em entregar documentos sigilosos a Maurício. — A mulher empalidece e gosto muito do resultado. — Não achou que ficaria barato, não é? Não ficou. Me segurei, na época, quando soube que esteve com Cathe, quando contou suas abobrinhas pra Cristine e por passar informações do hospital a Maurício, apenas por estar ocupado demais com a recuperação de Cathe, mas isso acabou. E saiba que esse último lhe custará bem caro por sinal.

— Você não faria isso! — fala, incrédula.

— Ah, não? Veremos e, a partir de hoje, mantenha distância da minha família.

Não espero que saia, a conheço o bastante para saber de seus truques, então saio eu, deixando-a para trás. Saio e aviso a Lucy que Patrícia ainda está em minha sala. Pego o elevador e volto a sentir um frio incomum na barriga, me esquecendo completamente de Patrícia e me concentrando no que irei fazer daqui a pouco. Me pergunto se todos sentem isso, essa ansiedade misturada ao medo e à adrenalina. Há dias que venho planejando tudo, antes mesmo de Cristine saber da gravidez, o que só aflorou ainda mais minha pressa.

Após a feliz novidade, vim com ela ao hospital fazer outro ultrassom e não me envergonho em dizer que chorei ao vê-los e ouvir o coração de ambos. A experiência foi única, perfeita a cada pequeno movimento. Saio do elevador e vou à ala ortopédica, assim que entro no corredor, eu a vejo conversando com Marta. A barriga já saliente marcando o vestido, mostrando a todos seus recém cinco meses de gestação e, sim, já sabemos o sexo, assim como os nomes. Cecília, essa foi mais vergonhosa para se mostrar, já Aquiles, esse foi fácil. Teremos um casal e a alegria não poderia ser maior, assim como o orgulho. Só rezo para que, assim como Cathe, saiam puxando à mãe, perfeitos como ela.

A mulher que tanto amo se vira em minha direção e, quando me vê andando ao seu encontro, abre o sorriso mais lindo do mundo e eu me sinto o fodido mais sortudo existente na face da Terra. Apresso o passo e a alcanço, enlaçando sua cintura e tomando sua boca na minha.

— Ei, dr. Ribeiro, se comporte, estamos no hospital — debocha de meu rompante.

— Não se preocupe, ganhei esse direito após colocar duas crianças em você, meu amor. — Ela sorri em resposta. — Como passou o dia?

— Muito bem, mas eles não ficam quietos, parecem jogar bola aqui dentro. — Rio como um idiota babão.

— Se puxarem à irmã, a essa altura, devem estar contando suas costelas com os pés. — Ela faz bico.

— E pensar que ainda tenho quatro meses pela frente... — Suspira dramática e lhe dou um beijo rápido.

— Os quatro meses mais bem aproveitados e descansados que uma grávida já teve, se depender de mim — falo e sou ignorado completamente.

— Vamos pra casa? Já estou liberada, e você?

— Vamos, sim — seguro sua mão guiando-a para saída —, mas antes vamos passar em um lugar.

— Que lugar?

— Surpresa!

Cristine faz drama, diz que nossos filhos não podem senti-la ansiosa e, apesar de quase implorar, não lhe digo para onde vamos. Minutos depois, estou entrando em uma rua residencial que conheço bem. Paro o carro em frente a um muro alto de cor bege, envelhecido por falta de manutenção, e desço, vendo-a me olhar estranho.

— Onde estamos? — pergunta quando a ajudo a sair do carro.

— Logo vai ver, meu amor. Acalme-se, como você mesma disse, os bebês não podem sentir sua ansiedade — respondo sem conter o riso de sua cara emburrada pela repreensão. Seu humor anda bem volátil com a gravidez.

— Sabe que isso é invasão de propriedade, né? — fala quando vou em direção ao portão.

— Não quando se tem a chave, certo? — Balanço o objeto no ar, vendo-a arregalar os olhos.

— Augusto, o que...

— Venha e deixe as perguntas para depois, vou responder todas. — Ela se deixa levar, nada à vontade e curiosa.

A casa que se apresenta à nossa frente após abrir o pequeno portão de metal ainda é a mesma, um pouco desgastada pelo tempo e a falta de moradores, mas continua bonita com seus dois andares de construção. Cristine observa tudo com cautela, cada detalhe, enquanto a conduzo pela entrada, passando por onde seria o jardim. Se tudo der certo, nosso futuro jardim.

Quando entramos pela porta principal, passamos pela sala ampla, tendo uma escada de madeira na lateral da parede esquerda. Sigo com ela passando por cada cômodo, observando com cuidado sua reação. Mostro a Cristine a sala de jantar, a cozinha e uma área de serviço ao fundo nos mínimos

detalhes. Em seguida, vamos à área de lazer, que conta com uma piscina de tamanho médio, capaz de fazer a alegria de qualquer criança, e com uma grande mesa de mármore e uma churrasqueira.

— Augusto, você comprou essa casa? — pergunta-me, interrogativa, com as mãos na cintura, indicando que acabou o suspense.

— Só se você gostar. — Quando falo, ela volta a olhar ao redor. — Não quero que se preocupe com nada, menos ainda com o valor, só quero que me diga se gostou. — Observo seu olhar aguçado em mim, meio em dúvida.

— É linda, mas não acha demais? — Sorrio.

— De forma alguma, não se pensar no time de futebol que teremos no decorrer dos anos. — Eu a enlaço pela cintura, trazendo-a para mim e ganho um beijo e um sorriso. — A casa era dos meus pais, que decidiram se desfazer dela há algum tempo. Vivemos aqui quando crianças e pensei que não haveria nada melhor do que começar nossa família em uma casa que guarda tantas lembranças boas e amor. — Sinto sua mão em meu rosto me fazendo um carinho gostoso, o olhar meigo de adoração preso em mim.

— É perfeita! — fala, embargada, e seguro sua mão, levando-a de volta para dentro da casa.

— E você não viu o restante, meu amor.

Eu a levo até o segundo andar, apreensivo com a escada, mas, segundo a própria, ela não está inválida. Uma gravidez difícil nos espera pelo que vejo. Subimos e lhe mostro detalhe por detalhe dos quatro, de cinco quartos existentes no segundo andar, deixando um cômodo por último. Paro em frente à porta da suíte principal e me viro para ela.

— Aqui é outra surpresa — falo, vendo-a me olhar, curiosa.

Abro a porta e, assim como na foto em meu celular mandada por Alice, o cômodo está magnífico, exatamente como pedi. Todo decorado com girassóis e rosas brancas. Este momento tem que ser único para ela e as flores passaram a ter um significado especial para nós dois. Desde a primeira vez que lhe mandei o buquê no hospital, tenho feito o mesmo todos os sábados, seguindo a tradição de seu pai. E sempre espero para vê-la recebendo cada buquê, ver seu rosto se iluminar ao segurar as flores e me olhar com verdadeira adoração. Olhar que sei que não sou merecedor, mas que estou

disposto a fazer de tudo para ser.

A mulher, assim que vê o quarto coberto de girassóis, rosas e velas vermelhas, leva as mãos à boca, surpreendida, e seus olhos são inundados por lágrimas, enquanto vai passando pela porta da suíte que será nossa, quando fizermos desse lugar nosso lar. Cristine vai até um dos arranjos e o pega, levando-o ao nariz e inspirando o cheiro. Lembro-me de que ela me disse certa vez que essas flores têm o cheiro de sua mãe. Aproveito seu momento de distração para fazer o que ensaiei quase um mês com Alice. Isso mesmo, com Alice, que foi bem irritante e mesquinha.

Pego a caixinha com o anel em meu bolso, que guarda uma linda peça em ouro branco, simples e delicada como a mulher que amo, e espero que ela se vire. Levando um joelho ao chão e empunhando a caixinha preta aberta às suas costas. Quando ela o faz, temo ter ido longe demais ao ver lágrimas grossas descerem de seus olhos.

— Ai, meu Deus... — Suas palavras não passam de um sussurro choroso.

— Eu sei que não fui o homem com o qual sonhou, menos ainda o que te merece, mas sou egoísta e teimoso demais para te deixar escapar e ir embora. Eu te amo, Cristine, amo mais que qualquer coisa no mundo, amo a filha de coração que me deu, amo as duas crianças que crescem em seu ventre, amo cada pedacinho de vocês e cada e qualquer extensão de você. Quero lhe dar tudo de mim, dar a você e aos nossos filhos o mundo e todo o meu amor. É por isso que estou aos seus pés hoje, pronto para fazer o pedido de minha vida, de nossas vidas, porque já não sou capaz de viver sem você, sem vocês. — Minha mulher chora alto, soluça descontroladamente, fazendo meu peito apertar. — Cristine, quer casar comigo?

Espero sua resposta sentindo o coração na garganta e vendo um filme de nossos momentos juntos passar por minha mente, enquanto segundos infundáveis se passam e o medo de um NÃO se apossa de mim com força.

— Você é exatamente o homem de que preciso — começa a falar, fazendo uma pequena pausa, o queixo tremendo lindamente. — O homem que se transformou por mim, fez com que me apaixonasse duas vezes pela mesma pessoa ... e me fez amar em plenitude, com todo o meu ser. Eu aceito, aceito me casar com você, pois não imagino uma vida em que não esteja ao

seu lado.

E o ar volta a entrar em meus pulmões quando a sinto se jogar em meus braços, me transformando no homem mais feliz do universo. Fodidamente feliz por ter a mulher da minha vida em meus braços...



A realização de um amor...

Quando encontrar o homem certo, seu coração saberá. Não se preocupe com isso, filha, ainda é jovem, com uma vida inteira pela frente. Só saiba que ele virá e, quando isso acontecer, o amor se abrirá para vocês e, aí, basta viver, regar e cuidar desse amor...

A lembrança ainda está tão viva que é como se ela estivesse aqui, me falando de como o amor é único e transformador. Minha mãe era linda de todas as formas, uma mulher incrível. Toco minha barriga instintivamente, tentando imaginar como seria sua reação e a de papai ao saberem que seriam avós. Me pergunto se fariam como dona Vera. Deus do céu, a mulher foi a personificação da alegria em pessoa.

Fizemos questão de ir até lá e dar a notícia pessoalmente a ela, que vibrou abraçando a mim e ao filho, repetindo sem parar que seria avó de gêmeos.

— Ouviu isso, Oto? Vamos ser avós, meu velho, avós! Bah, que eu serei a avó mais babona do mundo! Vou mimar tanto esses dois e a Cathe que terão de me controlar. Ah... eu sabia que vocês me dariam essa dívida antes de morrer... — Foram suas palavras enquanto rodopiava ao redor do marido, que também não poupou sorrisos. Foi lindo de ver!

Estou parada em frente a um grande espelho nesse momento, admirando a mulher refletida nele, enquanto meus pensamentos voam por momentos de minha vida. Alguns tristes, outros felizes, intensos... Olho com atenção para minha imagem, visto um vestido branco de seda fina, que emoldura meu corpo com exatidão. O modelo é longo, mangas curtas e decote em V. O vestido é colado até a altura da cintura, soltando a saia em seu comprimento. Completo o modelo com uma sandália prateada com pequenas pedras, não muito alta, pensando primeiramente nos bebês e em minha coluna. Em minha mão, seguro um lindo buquê de girassóis com pequenos botões de rosas brancas, que não poderia faltar.

Me sinto feliz como nunca ao admirar minha barriga protuberante demais, marcando o vestido. Estou com sete meses de gestação, quase sete meses de uma gestação incrivelmente feliz e realizada com a vida que estamos construindo dia após dia. Uma família de comercial de margarina, como diz Pedro, nosso padrinho junto de Alice, claro. Volto minha atenção para minha imagem no espelho, admirando cada pequeno detalhe. Cabelo meio preso, com cachos nas pontas e uma maquiagem leve de noiva, com olhos marcados. Gosto do resultado, está exatamente como imaginei.

Há dois meses, aceitei me casar com o homem dos meus sonhos, aquele que vem se moldando a cada um deles com maestria. Meu futuro marido, que brinca com minha barriga à noite, conversando com ela como se os bebês realmente lhe respondessem — não respondem, mas se mexem como duas minhoquinhas saltitantes ao ouvir a voz do pai. Amo também sua versão protetora, a mesma que assiste a filmes infantis com minha filha, mimando-a e tratando-a com um grande amor paterno. Augusto veio até mim ontem à noite, cheio de receio, e perguntou meio sem jeito se poderia registrar minha filha como dele, algo de que gostaria muito, caso eu concordasse.

Ah... e como esse gesto me fez chorar, me levou ao chão. Nunca imaginei tal coisa, nunca esperei isso dele, na verdade. Augusto vem me surpreendendo cada vez mais e eu o amo; mesmo quando tenho vontade de matá-lo por me considerar enferma na gestação, eu o amo e não tenho dúvidas de que seremos felizes.

— Cristo, mulher! — Ouço uma voz grossa atrás de mim me trazendo de volta ao mundo real, me viro e vejo Bruno parado às minhas costas, olhos arregalados presos em mim, perfeito em seu terno preto. — O que acontece

se eu roubar a noiva pra mim? — fala, zombeteiro, vindo em minha direção. — Você está linda, coração, simplesmente magnífica. — Meus olhos se enchem de lágrimas com seu abraço afetuoso de irmão e suas palavras. Acreditem quando disserem que bebês mexem com os hormônios femininos, ando bem emotiva.

— Pare com isso ou vai me fazer chorar.

— Dá tempo, caso queira fugir, sou ótimo como piloto de fuga — fala, sério, levantando uma sobrancelha, todo cheio de graça.

— Seu bobo! Eu não vou fugir, o pai dos meus filhos me espera no altar. — Ele arfa teatralmente.

— Assim você parte meu coração... — Bruno é interrompido por Alice, que entra no quarto como um furacão, trazendo o pequeno cordão prateado de minha mãe em suas mãos.

— Olha só... Bruno, você fica um pão de terno, não que já não seja em seu habitual — ela elogia nos fazendo rir.

— Obrigada, Cenourinha, e você fica linda de verde, combina com seus olhos — responde, sedutor, medindo Alice de cima a baixo. Tarado!

E ele tem razão, Alice está mesmo linda em um longo verde de alças finas, uma madrinha perfeita.

— Obrigada pela parte que me toca, mas esse seu sorrisinho sedutor não me engana, Bruno. — Ela pisca para ele e vem em minha direção. — Agora vamos só colocar a correntinha e ... pronto! Temos uma noiva linda, perfeita — fala, emocionada, uma bela manteiga derretida. Fazemos uma bela dupla.

— Não é querendo apressar as moças, mas já estamos quase atrasados e o paspalho lá no altar vai pensar que você desistiu. O coitado já estava suando antes mesmo de sair de casa. — Sorrio, antes de me virar novamente para o espelho e dar uma última olhadinha.

— Sim, vamos, não quero ultrapassar o horário.

Saímos os três do quarto, entrando na sala ampla da suíte. Estamos em um hotel, alugamos uma suíte para a arrumação. Segundo Alice, isso era preciso, praticamente, tão necessário quanto o noivo. Quando saio, encontro minha menina. Cathe está sentada em uma poltrona, enquanto Silvy, usando

um vestido azul claro, calça seu sapatinho branco. Minha filha é a noivinha mais linda que já vi e me sinto a mãe mais orgulhosa do mundo.

— Mamãe, a senhora tá linda! — Cathe exclama alto, levando as mãos à boca.

Eu poderia já ter me acostumado com isso, mas sempre que ela fala algo assim, meu coração se enche de amor. Beijo sua bochecha, fazendo-lhe um carinho e a ponho de pé para ver como ficou. E o sorriso aberto de orelha a orelha demonstra toda sua alegria.

Depois dos últimos retoques e de muita agitação, estamos no carro, indo em direção à igreja em que me casarei. Uma capela pequena, nada grandioso, eu preferi assim, contrariando toda a afobação de Alice, que adoraria um casamento gigante. Não faz o meu estilo, menos ainda o de Augusto e por isso optamos por algo simples e bonito, algo mais íntimo. Logo depois do casamento, teremos uma pequena recepção em um salão próximo à igreja, um jantar de comemoração apenas entre amigos e então sairemos em lua de mel. Uma viagem curta, apenas três dias em Angra dos Reis.

A cada deslizar do carro pelas ruas, sinto o nervosismo subir por meu corpo, aquele frio gostoso em meu estômago e a certeza de que estou indo ao encontro do homem que amo. Olho minha pequena ao meu lado, quieta demais para meu gosto, enquanto balança os pés suspensos na cadeirinha. Tem algo errado!

— O que foi, meu amor? Por que tá tão calada? — Ela me olha, baixando os olhos para a barra do vestido em seguida.

— Posso perguntar uma coisa? — fala, meio envergonhada, e vejo Bruno olhar para nós pelo retrovisor.

— Sabe que sim, pequena, pode perguntar sempre o que quiser.

— A senhora vai se casar hoje, né? — Confirmo. — Hum... é que... o tio Guto é o pai dos bebezinhos, né? — Confirmo novamente, incentivando-a para que continue. — E... então ele vai ser o meu pai? — Fico olhando seus olhinhos esperançosos por segundos, pensando no que dizer, não esperava ter que responder a essa pergunta agora. — É que a mamãe da Manuela é casada com o pai dela e... eu queria que o tio Guto fosse o meu pai também. — Meu coração parece querer sair pela boca, enquanto observo a minha bebê toda

envergonhada, torcendo as mãozinhas sobre a renda do vestido.

— Ele vai ficar muito feliz em saber disso, minha menininha. — Ela me olha com olhos brilhantes. — Ele quer muito ser o seu pai. — Ela sorri, parecendo não ter melhor notícia no mundo e não deixa de fazer o mesmo.

— Então eu posso chamar ele de pai? — A curiosidade é genuína, assim como a ansiedade.

— Só se você quiser. — Ela sorri, acenando que sim e se ajeita na cadeirinha, parecendo radiante.

Logo temos uma Cathe tagarelando e perguntando de minuto em minuto se estamos chegando.

Bruno olha-me pelo retrovisor, me mostrando um sorriso reconfortante e tranquilizador. Estamos só ele, eu e Cathe no carro, Alice foi na frente para avisar que já estávamos indo, por telefone não adiantou muito. Segundo dona Vera, Augusto não está aguentando esperar, já está quase vindo ele mesmo me buscar. Sorrio só de pensar na cena, ele nunca foi muito paciente e não nego que adoro suas várias versões, até mesmo o ogro.

— Chegamos! — Bruno anuncia e Cathe sorri lindamente para mim.

Ele desce primeiro e abre minha porta, me ajudando a sair. Logo Alice vem em nossa direção me arrumando o vestido. Não uso véu, optei por não usar. Estou nervosa, o coração a mil, quase rasgando meu peito e pulando fora. Chego a ficar ofegante com a emoção que ameaça tomar meu corpo.

— Pronta? — Bruno me pergunta enroscando seu braço no meu, ele entrará comigo na igreja.

— Como nunca antes — respondo a verdade pulsando em mim, me preparando para o tão sonhado momento.

Vamos até próximo à entrada da igreja e nos colocamos na posição, apenas à espera da marcha nupcial. Cathe está à nossa frente, cheia de pompa com um sorriso aberto, sua alegria chega a ser contagiante. Seguro o braço de Bruno com mais firmeza, tentando deixar parte do meu nervosismo do lado de fora da igreja. Quando ouço a *Ave Maria* — música que escolhi pensando em minha mãe — sinto minhas pernas falharem, moles como gelatina por causa da ansiedade e sei que é hora de entrar, de fazê-las funcionar. A organizadora dá o sinal para que Cathe comece a andar e logo

em seguida nós nos movemos lentamente pelo grande tapete vermelho.

Um sorriso estampa meu rosto, um grande sorriso que só se amplia quando meus olhos alcançam o homem à minha espera no altar, vestindo um *smoking* azul-marinho. Ele está lindo.

Nada mais importa, nada nem ninguém aqui presente, nem ao menos os vejo. Para mim, só há uma pessoa: o homem perfeito, com um sorriso de lado em pé em frente ao altar. E quando olho em seus olhos... Deus do céu! É como ver minhas próprias emoções refletidas bem ali e tenho certeza, a mesma que minha mãe disse que eu teria ao encontrar o amor verdadeiro. O tremor se vai ao contemplar o infinito de possibilidades à nossa frente, uma vida juntos, nossa família e a certeza de que é ele, sempre foi e sempre será. Pois hoje, ao dizer sim, começaremos a melhor fase das nossas vidas.



— Está cansada? — Augusto pergunta, me abraçando por trás, colocando as mãos sobre a minha barriga e enfiando o rosto em meu pescoço.

Sinto minha pele arrepiar e o vento frio da noite tocar meu rosto com delicadeza. Estamos no hotel-fazenda que reservamos para passar a noite de núpcias, acabamos de chegar, na verdade. Depois de entrar no quarto nos braços de Augusto, que fez questão de seguir a tradição, vim para a pequena sacada admirar a noite e a natureza, uma completando a outra. Suspiro feliz pensando em nosso casamento. A cerimônia foi linda, assim como a pequena recepção, que fez com que nos sentíssemos queridos e abraçados por todos em meio aos nossos melhores amigos e familiares presentes ali.

— Não para o que você tem em mente — respondo e sinto seu sorriso em minha pele, fazendo meus pelinhos se arrepiarem.

— Ah, senhora Ribeiro, eu tenho muita coisa em mente, devo adverti-la. — Falando isso, Augusto me pega em seus braços, fazendo um gritinho de surpresa deixar meus lábios enquanto caminha comigo de volta para o quarto.

Sou depositada em pé perto da cama com cuidado, enquanto o vejo dar

a volta e se colocar às minhas costas, depois de roçar seus lábios nos meus. Sinto uma de suas mãos ir de encontro ao zíper do meu vestido e, com a outra, ele afasta meu cabelo para o lado. Seus dedos então descem o zíper calmamente, deixando um rastro de fogo em minha pele. Augusto deposita um beijo suave em minha nuca, fazendo uma trilha com a língua por minha coluna exposta, e arquejo de puro desejo, inclinando a cabeça para o lado, mantendo os olhos fechados, completamente deliciada.

As alças do vestido caem por meus ombros e a peça logo está aos meus pés. Augusto leva as mãos ao meu quadril e me gira para na sua direção e eu o encontro de joelhos no chão à minha frente. Seu olhar para meu corpo seminu é de pura adoração e admiração, fazendo com que eu me sinta mulher, amada e desejada com ardor. Visto apenas uma calcinha branca de renda, que logo é tirada por ele, expondo meu sexo excitado enquanto seus olhos não deixam meu corpo. Ganhei alguns quilos com a gravidez, é verdade, algo que não me causa vergonha alguma e que, segundo ele, me deixou ainda mais deliciosa.

— Perfeita, você é perfeita. — Um arrepio gostoso percorre meu corpo ao ouvir a intensidade de suas palavras, a intensidade de seu olhar.

Beijos são distribuídos no interior da minha perna, começando pelo joelho e subindo lento até minha intimidade, dando uma leve mordidinha ali, fazendo um tremor subir por minhas pernas, deixando meus seios intumescidos e ainda mais pesados. Augusto se põe de pé em frente a mim e toma minha boca com paixão em um beijo ardente, enquanto seus dedos passeiam em meu sexo, brincando com minhas dobras, fazendo gemidinhos escaparem de minha garganta e minha libido escorrer por seus dedos, que agora me penetram sem dó. Sou impelida a me deitar, enquanto assisto de camarote Augusto se despir lentamente. Uma bela visão aos olhos. Ele se livra primeiro da camisa branca, em seguida, da calça social *slim*, deixando evidente sua excitação ainda coberta pela *boxer* preta, um grande espetáculo à parte.

— Se continuar aí parado, me olhando assim, terei de fazer tudo sozinha — implico, só para ver esse sorriso lindo de canto de boca se abrir em seus lábios.

— Você não ousaria, minha senhora — fala, enquanto se livra da cueca

fazendo sua ereção saltar para fora, mostrando a excitação brilhando na cabeça polpuda e eu salivo para colocá-la em minha boca, me contendo para mais tarde. No momento, tenho pressa, eu o quero dentro de mim. — Pois aí eu teria de castigá-la — fala tocando o membro à minha frente em um movimento lento de vai e vem, me provocando para só então vir engatinhando até mim sobre a cama.

Não bastasse a provocação, Augusto abre minhas pernas e prova de minha intimidade já encharcada, prolongando o momento, e eu gemo em resposta ao sentir sua língua descer e subir sobre meu clitóris, sugando com força, e enfio minhas mãos em seu cabelo. Com cuidado, Augusto se coloca entre minhas pernas, vindo sobre mim, apoiando seu peso em seus braços e deixando um beijo molhado em meus lábios, fazendo com que eu sinta meu sabor em sua língua. Em seguida, sua boca brinca com meu mamilo, sua mão alcançando meu clitóris inchado, massageando-o com maestria, fazendo-me perder o controle do meu corpo, me contorcendo sobre os lençóis macios, sentindo o tesão aumentar e a excitação escorrer por minha intimidade. Sua mão é retirada antes que eu chegue ao ápice do prazer, para assim se posicionar em meio às minhas pernas e calmamente me penetrar. Minhas unhas cravam em suas pernas, quando sensações de puro prazer tomam conta de meu corpo. O prazer sendo construído e crescendo como uma avalanche, pronto para ser desintegrado, enquanto me entrego às milhares de sensações, prazeres e gemidos.

Não paramos, não queremos parar, só o que quero é mais dele, tudo e ele me dá. E quando seu rosto se desfigura ao se entregar ao orgasmo, chamando-me para segui-lo pela segunda vez, eu me desmancho em seus braços, sentindo o mundo se estilhaçar em milhões de pedacinhos junto ao homem que amo. Me sinto completa, estou completa.

Augusto sai de mim após deixar beijos em meus seios e barriga, se colocando ao meu lado e me trazendo para junto dele. Vou de bom grado, me deitando meio de lado, do melhor jeito que minha barriga me permite. Ficamos calados, contemplando o silêncio enquanto ouvimos nossas respirações se acalmarem aos poucos e alguns grilos cantarem lá fora, até que sua voz é ouvida.

— Ela me chamou de pai. — Sua voz soa rouca e baixa, levanto meu rosto para olhá-lo. — Na despedida, quando a peguei em meu colo, ela disse:

tchau, papai. — Sua voz embarga e um sorriso preenche meus lábios, um sorriso bobo de amor. — Obrigado!

— Pelo quê?

— Por me dar isso, uma família, e me permitir ter aquela garotinha tagarela pra me chamar de papai. Eu não seria capaz de narrar a alegria que isso me deu, nem o orgulho. Nada se compara a contemplar aquele rostinho perfeito me olhar com tanto amor, como se eu fosse o melhor que há no mundo e me chamar de pai. — Meu peito inflama ao ver tanta emoção em seu rosto e já não caibo em mim de felicidade.

— Você também me deu dois presentes que serão também a razão do meu viver e me proporcionou conhecer o lado bom do amor, viver esse amor — falo e beijo seu peito, voltando a colocar minha cabeça sobre ele, deixando o silêncio falar por nós.

— Eu estava pensando... — Augusto volta a falar depois de um tempo em silêncio — me disse que seu plano era fazer medicina, antes... antes do acidente de seus pais e eu queria saber se ainda tem vontade de fazer o curso. — Brinco com meu dedo em seu peito, fazendo pequenos círculos enquanto sinto sua mão afagar minha barriga preguiçosamente.

— Não, já tenho minha profissão. Sem falar que, com as crianças vindo, não terei tempo e medicina requer, principalmente, isso — respondo e ele se vira na cama, ficando de frente para mim e levantando meu rosto na sua direção.

— Não terá as crianças sozinha, meu amor, não estarei lá de enfeite. — Não entendo bem o que diz. — O que quero mesmo saber é se quer cursar medicina, pois quero lhe proporcionar isso. Quero realizar cada um dos seus sonhos, fazer por você o que ninguém fez nos últimos seis anos e lhe proporcionar toda e qualquer alegria existente no mundo. Eu lhe prometi isso, ajoelhado na nossa casa, e falei sério, lhe darei o mundo se assim quiser. — A essa altura, meus olhos estão marejados e, aqui, sei que fiz o melhor em tê-lo perdoado, tê-lo amado com tudo de mim.

O meu príncipe não veio em um modelo normal. Ele veio vestido em uma armadura de ogro, um humor difícil, cara de um tal deus do trovão, mas, ainda assim, perfeito para mim. E como se fosse possível, fiz pela segunda vez a escolha perfeita em minha vida.

A minha escolha perfeita!



EPÍLOGO

*A vida sempre reserva surpresas
e, como costume dizer, apenas se
permita vivê-las e se entregue ao
infinito de possibilidades à sua
frente...*

Cristine 

Seis anos depois...

Sento-me sobre a manta quadriculada, afundando meus pés na areia macia e inspirando o cheiro gostoso do mar. Olho o horizonte e a imensidão azul ao longe, pensando em como minha vida mudou, como me reinventei, deixando para trás tudo de ruim que levei comigo por anos. Hoje sou uma mulher completamente feliz, realizada não só com minha família, mas também em minha vida profissional. Posso até mesmo arriscar dizer que minha vida é perfeita, com suas pequenas imperfeições, claro, mas, ainda assim, é como sempre sonhei.

À minha frente, vejo minha família brincando despreocupada sobre a areia. Cathe já com 12 anos está completamente bem, aprendemos a conviver com a doença, a cuidar, controlar, e minha filha começa a se transformar em uma mocinha linda, nosso orgulho particular. Ela é uma verdadeira preciosidade e, a cada momento que olho em seus olhos, sei que fiz o certo

por lutar por sua vida 12 anos atrás, cada segundo ao seu lado faz valer a pena. Cathe se encontra não muito longe de onde estou, sentada na areia, compenetrada em montar o maior castelo de areia já visto por Cecília, que se mantém ao seu lado falando sem parar. Ela me lembra muito Cathe quando era menor, a garotinha parece ter uma bateria infinita e fala sem parar. As duas juntas são uma mistura deliciosa de alegria, risos e cuidado uma com a outra.

Minha Cecília é perfeita, uma mistura de toda a família. A pequena puxou os olhos do pai, a aparência de Cathe e a cor dos cabelos é uma mistura de ruivo com loiro escuro na altura da cintura, uma bonequinha com o temperamento da tia maluca. Às vezes penso que ela deixará Augusto louco, mas ele consegue dobrar muito bem a peça. Segundo ele, são anos de experiência com Alice.

Mudo meu foco para assistir aos dois homens da minha vida jogando bola próximo ao mar. Os dois têm o sorriso idêntico, aberto de orelha a orelha. Aquiles saiu a cópia de Augusto, parecido em tudo, até mesmo o humor complicado. Esse me dará trabalho, mas pretendo domesticá-lo com tempo e paciência. Sorrio com o pensamento, um é a cópia do outro, até mesmo o gosto por manter o cabelo maior, na altura dos ombros. É uma briga sempre que tenho que cortar, tendo que prometer não cortar muito e que continuará do mesmo tamanho do de Augusto, que hoje mantém o cabelo no mesmo comprimento de quando o conheci. Uma característica sua que amo.

O nascimento dos dois foi difícil, decidiram vir antes do dia esperado, causando um certo alvoroço, principalmente em Augusto. O homem era um poço de nervosismo e ansiedade, não deixando a pobre Isabela trabalhar em paz e, quando o primeiro choro ecoou pela sala... foi mágico. Pensei que não existia tamanha emoção no mundo e me enganei, podendo sentir esse sentimento e plenitude por duas vezes seguidas. O choro de Cecília foi mais contido, mas fez o pai derramar lágrimas ao pegá-la em seus braços. Esse momento levarei comigo para sempre, é algo único de se viver. Ainda levo comigo a marca do nascimento dos dois, agora quase imperceptível.

Me pergunto como Augusto irá se comportar quando souber da novidade que guardo comigo há dois dias, ainda não tive coragem de contar!

Sobre Maurício, esse não interferiu mais em nossas vidas. Tempos

depois, perguntei a Augusto o que tinha entregado a ele na porta daquele motel. Foi aí que meu marido me contou quem realmente era aquele ser desprezível e me mostrou a cópia dos documentos que ainda mantinha com ele. Naquele momento, senti meu sangue gelar, o medo me subindo pelo corpo, e a certeza de ter recebido um grande livramento divino, eu nunca imaginaria tal coisa. Nada me prepararia para aquilo, para ver o perigo ao qual estava prestes a submeter minha filha. Tempos depois, soubemos por uma notícia no jornal que Maurício teve o fim que merecia, provou do seu próprio veneno e, mesmo não me considerando uma má pessoa, me senti feliz e até aliviada com o que lhe aconteceu, assim como Augusto.

Nesse momento seus olhos encontram os meus e aquele sorriso perfeito, de lado e só meu, é mostrado a mim, me fazendo suspirar como se fosse a primeira vez, é sempre assim. Uma piscadela é dada a mim, antes de sua atenção ser roubada novamente quando Aquiles se pendura em sua perna, logo sendo levantado e colocado nos ombros do pai, que o faz gargalhar. Augusto, a cada dia que passa, consegue se mostrar um pai ainda melhor para as crianças. Um pai babão e superprotetor, assim como um marido maravilhoso.

— Mamãe! — A voz doce de Cecília chega até mim, antes mesmo de sua pequena figura surgir em minha frente.

— Oi, amor da mamãe.

— Tô com fome. — O apetite dela, esse, ela também puxou a Alice.

— Quer seu sanduíche?

— Não tem bolo de chocolate? — Isso ela puxou a mim, somos três formiguinhas em casa.

— Tem sim, venha aqui, sua pequena sapeca. — Pego a criança risonha de surpresa, fazendo-lhe cócegas, enquanto ela sorri sem parar em meus braços.

Eu lhe entrego seu pedaço avantajado de bolo de chocolate após ela recuperar o fôlego e volto a me sentar sobre a manta. Assim que me acomodo, braços fortes abraçam minha cintura, braços bem conhecidos por mim. Augustos se senta, me trazendo para junto dele. Inspiro fundo, encostando minha cabeça em seu peito, meu lugar favorito no mundo.

— Seu cheiro sempre é o melhor — graceja, afundando o rosto em meu pescoço, fazendo minha pele arrepiar.

Estamos de férias com as crianças. Gostamos tanto de nossa lua de mel em Angra que decidimos voltar com elas sempre que podemos. Uma vez por ano, seja nas férias ou nos feriados, nós os trazemos aqui e aproveitamos ao máximo. Todos adoram, é um momento só nosso.

Há seis anos, quando voltamos da lua de mel, Augusto provou falar a verdade, não deixando de lado o assunto sobre a faculdade de medicina, que comecei a cursar seis meses depois do nascimento dos gêmeos, indo agora para o quinto ano. Tive e continuo tendo a ajuda de todos, principalmente, de Silvy, que continuou morando conosco para meu alívio. Pretendo me especializar em pediatria, uma área pela qual tenho imenso carinho e Augusto me deu total apoio em minha escolha.

— Fizemos um bom trabalho, não foi? — me pergunta ao pé do ouvido, com olhos presos nas crianças.

Olho na mesma direção, vendo Aquiles junto das meninas e Cecília dividindo seu pedaço de bolo com os dois. Tão perfeitos, tão meus, tão nossos.

— Fizemos sim e a cada dia me convenço mais disso — respondo, cheia de orgulho e amor.

— E eu não poderia me sentir mais feliz tendo vocês comigo — fala ao depositar um beijo em meu ombro e respiro fundo, sentindo a necessidade de lhe contar nossa mais nova novidade.

— Tem certeza? — pergunto rindo. Ele me coloca de lado, olhando meu rosto, com uma expressão intrigada. — Porque eu acho bom rever seus conceitos de felicidade, amor, pois está chegando mais um, ou uma, pra completar o quarteto fantástico ali. — Sorrio feito boba da cara que Augusto faz, dividindo-se entre olhar meu rosto e minha barriga, até um sorriso lindo se abrir em seus lábios.

Sou surpreendida por ele, quando se levanta me levando junto, rodopiando comigo em seus braços enquanto grito e gargalho quase me engasgando. Quando me coloca no chão, suas mãos vêm ao meu rosto, levantando-o para ele e seus olhos, aquela imensidão azul, pousam em mim e Deus, como eu o amor. Eu o amo ainda mais, cada dia mais, louca e

intensamente.

— Eu te amo, minha diaba de língua solta — fala, embargado, roçando seus lábios nos meus.

Deixo então que meus lábios falem a verdade que meu peito grita.

— Eu também te amo, meu príncipe ogro!

Fim...



AGRADECIMENTOS:

Quero agradecer a Deus por ter me sustentado até aqui, a minha família e amigos por segurarem em minha mão e a você, leitor, que nunca desistiu de mim. Não há palavras para descrever o amor e o carinho que tenho por vocês.

Agradeço a cada um que não me deixou, que me ajudou a segurar a peteca pesada. A Wânia e Jack, que foram maravilhosas ao revisar e diagramar o livro. Tenho sorte por tê-las. Agradeço às minhas vingadoras perfeitas, vocês foram imprescindíveis, às amigas-autoras que me entenderam quando ninguém mais entendia, que disseram: você consegue.

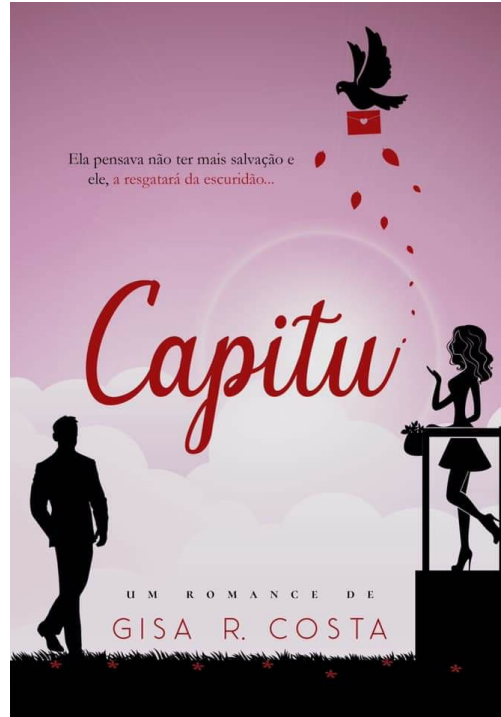
Agradeço a Sther, minha ranzinza favorita é à minha amada Chris Prado... ela viu esse livro nascer, te amo, você foi e é uma grande amiga. A você Lucy Gostosa Foster por me ajudar a lapidar esse bebê, foi suado.

Jane, não poderia te esquecer, pois estive comigo nesses últimos meses, ajudando-me a organizar tudo. Muito obrigada!

Ao meu grupo de leitoras que tanto amo o meu muito obrigada e obrigada a você, que está chegando agora e conhecendo a Gisa pela primeira vez! Esta sou eu, uma apaixonada pela escrita e encantada com novos mundos. Obrigada por sua leitura.

Acho que é isso. Serei eternamente grata e até a próxima!

OUTRAS OBRAS DA AUTORA:



CAPITU

Sinopse

ROMANCE PARA MAIORES DE 18 ANOS. PODE CONTER GATILHOS, LEMBRANDO QUE ESTE NÃO É O INTUITO DO LIVRO!

Uma mente confusa, no corpo de uma jovem mulher de feições gentis e sorriso doce, que esconde em seu íntimo uma dor profunda. Romântica, Capitu procura um amor igual ao das páginas dos romances que devora, mas falha em sua busca.

Abandonada em um momento difícil e infeliz, ela não vê mais solução para sua vida e toma uma atitude drástica que mudará seu destino para

sempre.

Tiberius é um homem de várias facetas, um leitor de romances inveterado, que tem a vida bem arquitetada e minuciosamente planejada. Médico dedicado, vai precisar pôr todo o seu conhecimento à prova para ajudar Capitu, a mulher que serpenteava seus sonhos, morava em seus pensamentos.

Dois caminhos diferentes, que se cruzam por acaso. Duas almas quebradas, mas que juntas encontram um no outro a sua redenção...

Introdução

Essa foi uma história criada para ajudar a iniciativa setembro amarelo, com a intenção de lembrar você, leitor, que este não é um tema para ser refletido apenas em setembro, e sim em todos os dias do ano. Também foi escrita com o intuito de auxiliar, nem que seja um pouquinho, milhares de pessoas e famílias que sofrem com a dor de doenças silenciosas, autodestrutivas e as perdas incomensuráveis que o suicídio nos traz.

Essa triste realidade vem arrebatando mais de 11 mil pessoas por ano, seja pelo desejo de fugir deste mundo em decadência, seja por desilusões, ou doenças emocionais e psíquicas. Tudo isso pode levar o indivíduo a tentar ceifar a própria vida, na ilusão de acabar com todo o sofrimento que se torna mais insuportável a cada novo dia, a cada novo alvorecer.

Pensando nisso, desenvolvi uma ideia que foi crescendo mais e mais, tomando conta de mim, por isso, decidi fazer um romance em alusão ao setembro amarelo para que possamos trazê-lo para o nosso cotidiano e enxergar a dor do ser humano ao nosso lado.

Esta história é sobre uma mulher que se vê presa em uma redoma de sentimentos, traição, abandono e que se descobre refém do Transtorno de Personalidade Limítrofe, também conhecido como Síndrome de Borderline. É a partir daí que vamos acompanhar todo o sofrimento, a confusão e o desespero da nossa personagem.

Teremos aqui cenas fortes que podem causar desconfortos, mas deixamos claro que este não é o intuito do livro. O principal objetivo é

mostrar que sempre temos de lutar por uma saída, buscar a luz, a fé e a esperança de dias melhores, de um mundo melhor, portanto, aconselho que abra seu coração e se livre de dogmas para que possa entender a complexidade do que será relatado aqui e que tenha, acima de tudo, empatia com a personagem, pois, se seu coração não estiver aberto a entender, compreender e ajudar, aconselho que não leia este livro.

Enfim, espero que acompanhem a história e seu desenrolar, assim como torço para que gostem, pois, aqui, iremos desenvolver uma história de superação, recomeço e claro, um lindo e único romance...

Prólogo

Abandono... para alguns pode não fazer um estrago tão monumental, mas, para outros, pode criar um buraco negro no coração do indivíduo, levando-o a uma vida de inseguranças, medos e aflições...

— Mamãe! — A menina franzina chamou a atenção da mulher de pele clara e olhos tão verdes quanto os seus, enquanto a matriarca fingiu não ouvir e pegou algumas peças no guarda-roupa, enfiando-as na mala sobre a cama. — Mamãe, aonde vamos?

Não, a menina não sabia, mas não iria a lugar algum, nem naquele dia ou em outro próximo. Darla continuou o que estava fazendo, ignorando a garotinha de olhos grandes, que a assistia ainda próximo à porta do quarto do casal, segurando um urso velho preto em suas mãos.

Capitu se aproximou da cama, vendo a mãe colocar roupas dentro de uma mala vermelha apressadamente, mal notando a criança de sete anos ao seu lado.

— Não mexa em nada, garota! — ralhou, ao ver a menina alisar uma peça de cetim dentro da mala.

— É pra eu arrumar as minhas coisas, mamãe? Vamos viajar? — A voz infantil se fez ouvir mais uma vez, porém com certa hesitação.

— Não, Capitu, não é pra arrumar nada!

— Mas a senhora...

Darla perdeu a paciência com a filha e segurou o pequeno braço de Capitu, aproximando seu rosto da face da criança. O grande hematoma no olho esquerdo da mulher ficou evidente, e a menina notou o machucado, arregalando ainda mais os olhos no rosto magro.

— Pare de falar, só pare, tá legal? — disse, com a voz alterada, e sentiu os dedos leves da filha percorrerem sua face direita, que permanecia intacta.

— Ele fez de novo, mamãe?

A voz doce, chorosa pelo que a mãe vinha sofrendo, chegou aos ouvidos de Darla, mas não a comoveu.

— Vá brincar, Capitu — disse, ríspida, largando o braço da menina.

Capitu não entendia bem, mas sabia o que seu pai fazia com sua mãe quando achava que ela estava dormindo. Chegou a presenciar algumas vezes tal ato abominável, que a fazia se encolher em um canto e chorar por causa de todas aquelas atrocidades. Ela amava aquela mulher, mesmo sendo uma mãe omissa, sem carinho ou amor pela pequena criatura de olhos esmeralda.

De alguma forma deturpada, Darla culpava a filha por estar naquela situação, presa àquele casamento, afinal, foi por conta da gravidez que se casara com Adriano, pai de Capitu. Uma pena, a menina nada mais era do que uma vítima de toda aquela situação, de toda violência e descaso humano.

Obedecendo, a menina saiu do quarto e foi ligar a TV. Sentou-se no sofá, vestindo apenas um baby-doll dos Bananas de Pijamas, desenho que ela amava, e se entreteve com o Pica-Pau. Pouco tempo depois, viu a mãe sair do quarto com pressa em seu andar e ficou apreensiva.

Darla não esperava que Capitu acordasse cedo naquele dia, por isso, acreditava que sairia sem ser vista por ninguém. Para sua infelicidade, isso não aconteceu, e agora se encontrava em apuros. Aproximou-se da menina, agachou-se à sua frente, segurando o rosto da criança.

— Preste atenção no que direi, Capitu — disse, vendo os olhos da menina se encherem de lágrimas, de alguma forma, já prevendo o que viria. Algo estava muito errado naquela manhã. — Estou saindo, e quando seu pai chegar e perguntar por mim, diga que não sabe, que eu já tinha ido quando acordou.

— Mas... a senhora não vai me levar?

Darla negou, sentindo, por um breve momento, remorso em seu duro coração, e a menina insistiu:

— Mamãe, quem vai cuidar de mim?

— Preste atenção, garota, e não faça drama. Você já é grande o suficiente para entender. Quando Adriano perguntar por mim, você dirá que, quando acordou, eu já não estava em casa e que não sabe pra onde fui.

— Vai me deixar aqui com ele? — Àquela altura, as lágrimas já começavam a descer em abundância pelo rosto infantil. — Não me deixe aqui, mamãe, por favor, não me deixe aqui com ele. Eu prometo me comportar, mamãe, por favor me leve.

Mas as súplicas de nada adiantaram, e Darla se levantou sem se despedir, sem um beijo ou uma palavra de afeto para a filha. Sem doar nada para aquele pequeno ser que ela mesma havia gerado e, por duas vezes, tentado abortar durante os longos meses de gestação. A menina viu com terror a mãe pegar a mala e ir em direção à porta. O desespero a tomou e ela se levantou do sofá, jogando o urso ao chão e atirando-se aos pés de sua mãe. Ela abraçou as pernas da mulher, tentando impedi-la de ir adiante.

— Por favor, mamãe, por favor me leve. Eu não quero ficar com ele, por favor, mamãe. O papai não gosta de mim, me leve, mamãe, me leve! — disse, entre soluços desesperados, de dar pena em qualquer ser humano com um pingo de amor possível no coração.

Darla soltou a bolsa e se agachou, arrancando a garota grudada em suas pernas com brutalidade e deixando-a sentada no chão.

— Me solte, Capitu! Droga. Você foi a pior coisa que me aconteceu, a culpa disso tudo é sua, só sua, garota! Não a quero comigo, não quero nada que me lembre dessa vida.

Dizendo isso, a mulher saiu pela porta com rapidez, enquanto ouvia os gritos desesperados chamando-a, e mãos pequenas batendo na madeira, tentando inutilmente abrir a porta. O choro infantil ecoava por todos os lugares enquanto uma grossa chuva começava a cair, mas Darla não parou, apenas seguiu seu caminho sem olhar para trás.

Incrivelmente, se sentia feliz por, enfim, se livrar de pai e filha...

Capítulo 1

Emoções... Qual sentir primeiro? Qual deixar aflorar? Qual controlar? Talvez o indivíduo em questão não consiga diferir uma da outra. Nesse caso, tal ser humano tende a deixar todas as emoções virem à tona, sendo levado a um poço sem fundo, escuro e sem saída...

Assim foi para Capitu. Não a Capitu do nosso querido Bentinho, não essa. Mas a nossa Capitu esperta e amável que, até então, se considerava uma pessoa comum, invisível aos olhos dos outros. Se bem que, de certa forma, ela era. Neste mundo decadente em que vivemos, todos acabam sendo invisíveis de alguma forma, em algum momento, certo?

Em tempos de crise, essa invisibilidade era de grande valia, mas, em outros momentos, isso era o inferno na Terra, em vida. Ah, se ela soubesse o que a esperava... Ah, se ela soubesse o quanto sofreria. Talvez não tivesse entregado seu coração, seu amor e sua alma, pois guardem o que irei lhes dizer: pessoas vazias não merecem seu coração, porque elas mesmas não possuem um.

Pessoas sem alma não merecem ser amadas, não merecem paixão, afinal, não retribuirão e como poderiam? Eles não sabem o que é amar e, conseqüentemente, acabam magoando e contaminando quem se propõe a lhes dar afeto e carinho. Não há redenção para quem não sabe o que é esse sentimento único, raro, arrebatador. Não há salvação para quem não quer amar e nunca haverá, pois precisariam de um coração para tal façanha...

Capitu se encontrava na sala, abraçando seu corpo magro, em meio a pensamentos distintos. Perguntava-se onde Lucas, seu noivo, estaria às 3h da madrugada. A preocupação tomava conta dela por causa da falta de contato. Aquela angústia já conhecida, uma inquietação sem tamanho, uma solidão

descabida martelando em seu peito.

Tudo para Capitu girava em torno de sensações. Às vezes, chegava a se perguntar o porquê de todos os seus sentimentos serem vividos com tanta violência, com tanta intensidade. E sempre abandonava aquele pensamento, tentando se convencer de que era apenas um daqueles seres humanos intensos, plenos. Mas, no fundo, sabia que havia algo errado consigo.

Naquele momento, ela ouviu, no pequeno apartamento onde o casal morava, a chave rodar na fechadura. Um homem de estatura média, corpo esguio, cabelos e olhos escuros, vestindo um paletó amassado, entrou no apartamento com passos desordenados, completamente desalinhado. A mulher, ao vê-lo, correu e se jogou em seus braços, sentindo o alívio tomar seu corpo desde o mindinho do pé até as pontas do cabelo. Ele estava ali, Lucas tinha voltado para casa são e salvo e aquilo lhe bastava.

Mas, logo que essa constatação veio, Capitu sentiu um cheiro diferente invadir suas narinas, um odor adocicado. Um cheiro que não era o perfume extremamente masculino do homem à sua frente. Capitu se afastou dele, já sentindo a raiva invadir seu corpo centímetro por centímetro, camada por camada, pois era assim que se sentia, feita de camadas.

Os pensamentos se tornavam nublados, os nervos saltavam conforme seus neurônios começavam a trabalhar, formando conjecturas e imagens perturbadoras, o ciúme controlando-a. Aquilo não era justo, não podia estar acontecendo, não com Capitu.

— Onde estava, Lucas? — indagou, mas o noivo não parecia interessado no que a mulher tinha a falar.

Ele a deixou onde estava, próximo à porta, e caminhou lentamente, dando passadas tortas pelo meio da sala, em direção ao quarto.

— Estava em uma happy hour, Cá. Amanhã conversamos melhor, vá dormir e me deixe dormir também. — Mesmo com a voz arrastada, era possível perceber a sua determinação em fugir de qualquer conversa.

Ela, porém, não estranhou a falta de atenção de Lucas, mesmo após chegar bêbado e tarde da noite em casa, nem o perfume adocicado, que já tinha sentido em suas roupas outras vezes. A parte esquisita foi o homem se dirigir ao quarto de hóspedes para dormir e não ao quarto do casal, como era esperado. Antes que ela pudesse tomar satisfação com o noivo, ele fechou a

porta do quarto, deixando-a parada no mesmo lugar, sem saber o que fazer, pensar ou mesmo sentir.

A pobre mulher sentiu um turbilhão dentro de si que não conseguiu explicar. Era sempre assim, uma confusão, um emaranhado de sensações e emoções desconhecidas, inexplicáveis. Levou as mãos à cabeça, a fim de controlar os pensamentos que a perturbavam, como se o ato pudesse ajudá-la a colocá-los no lugar. Naquele dia em especial, ela acordou bem, como não acontecia tinha muito tempo. Havia se levantado de bom humor, bem-disposta, alegre, satisfeita e agora se sentia nublada, na mais repleta escuridão.

Ela não queria chorar, mas seu esforço foi em vão. As lágrimas banhavam seu rosto com tamanha abundância que a surpreenderam, querendo expor o desespero que crescia sem controle em seu interior. Se fosse honesta consigo mesma, Capitu já teria admitido o que estava acontecendo, teria aceitado que não era normal um homem chegar tarde da noite, quase todos os dias da semana, fedendo a álcool e mulher. E diria também que aquele homem já não lhe pertencia. O problema é que ela não tinha coragem, e o medo de um possível abandono desabou em cheio sobre sua cabeça, já cheia de pensamentos errôneos.

Abandono. Palavra que lhe trazia calafrios e lembranças nada boas, além de sentimentos pouco ortodoxos.

Abandono. Palavra que a arremessava ainda mais na escuridão, no passado.

Naquele momento ela só queria dormir, se esquecer de tudo, se esconder da realidade que a assolava, mas sabia que não conseguiria. Deste modo, recorreu mais uma vez aos remédios para que conseguisse relaxar e descansar. Remédios que, em momento algum, foram receitados por um médico, e como poderiam? A mulher simplesmente tinha trauma de médicos e hospitais. Um trauma que estava ligado às lembranças de quando o pai alcoólatra chegava à casa deles e, ainda vestindo a roupa branca, lhe batia. E lembrar-se daquilo era difícil para Capitu, ainda mais naquele momento em especial.

Sem mais opções e com os nervos à flor da pele, Capitu se trancou em seu quarto, não demorando dez minutos sequer para apagar de vez, ainda em

meio ao choro. Ela queria ser uma daquelas mulheres fortes, que iam tirar satisfações e acabavam colocando tudo em pratos limpos, mas não era, não mesmo...

No dia seguinte, ao se levantar, Lucas bateu na porta do quarto do casal e nem ao menos foi ouvido. Não pensem que o interesse dele era conversar com a, até então, noiva. Longe disso. Ele só queria pegar seu terno, mas ficava difícil com a porta do quarto trancada e Capitu apagada. Pensou por um momento e se lembrou de que ela sempre guardava as roupas que julgava velhas no quarto que ele havia dormido. Assim, depois que tomou banho, foi até o cômodo e achou uma roupa que lhe serviria.

Em seguida, Lucas saiu do apartamento mordendo uma maçã, enquanto se deliciava com os pensamentos da aventura da noite anterior, acompanhado de uma colega de trabalho. O tolo chegou a sorrir sozinho, descendo as escadas do prédio, sorrateiro, sem se abalar, sem remorsos.

Enquanto isso, no apartamento silencioso, Capitu levantou-se de um salto e correu para o quarto de hóspedes em busca do seu futuro marido, mas nada encontrou, senão a cama bagunçada, com a toalha molhada em cima do colchão e roupas espalhadas pelo quarto. Ah, como ela se odiou naquele momento! Poderia ter diminuído a dose do remédio para, assim, conseguir acordar mais cedo do que Lucas e, então, conversar com ele.

Recriminando-se, ela foi até as roupas jogadas no canto do quarto e pegou o paletó. Era muita loucura e humilhação, mas não se segurou e levou a roupa ao nariz, cheirando-a. Sentiu náuseas de imediato, nojo e uma raiva cega misturando-se dentro de si devido ao ciúme.

Voltou ao seu quarto, sentindo o peito apertado e tomou banho, o tempo todo com os pensamentos em Lucas. Iria conversar com ele, perguntar o que estava acontecendo, dar uma chance de ele se redimir para voltarem a ser como antes. Sim, estava decidido o que faria, e tudo daria certo, eles ficariam bem. Tentou se convencer desse pensamento e acalmar seu coração e sua mente, como se fosse possível.

Preparou-se, então, como sempre, para fazer seu ritual matinal. Nunca foi de sair muito de casa, mas gostava de tomar um bom café na Fumaça na Xícara, a cafeteria em frente ao parque, que pertencia à sua prima, a quem considerava uma irmã. Gostava de saborear seu café, enquanto lia um de seus inúmeros romances de época e olhava as pessoas passearem de lá para cá nas calçadas. Umas andando apressadas para o trabalho, outras fazendo uma caminhada e até mesmo as mães dando um banho de sol em seus pequeninos. Embora, naquele momento, se sentisse um caco de pessoa, ela iria mesmo assim, pois aquilo a acalmava de alguma forma.

Já havia chamado Lucas inúmeras vezes para acompanhá-la, talvez para uma caminhada a dois pela manhã, mas ele sempre dizia a mesma coisa: que não tinha paciência para aquele tipo de passatempo, que era perda de tempo. Aquilo a machucava, mas, com o tempo, aprendeu a não tocar mais no assunto e, assim, evitar mágoas por causa da falta de interesse do noivo.

Por um pequeno momento em que nem soube o porquê, se lembrou da sua visita à psicóloga. Procurara a profissional quando estava sofrendo com insônia e andava ansiosa demais, por isso, achou que conversar sobre seus anseios e pensamentos mais secretos a acalmaria. Assim o fez em uma manhã de sábado chuvoso. Chegando ao consultório, a psicóloga em questão fez algumas perguntas, observando-a por tempo demais e anotando tudo o que era dito.

Aquilo começou a incomodá-la e, no fim do encontro, a psicóloga cismou em encaminhá-la para uma consulta com um psiquiatra, o que Capitu recusou de imediato, alegando não ser louca, pois mantinha a crença de que psiquiatra era médico de maluco. Ilusão, disso todos sabemos. Tudo só resultou em uma ira mal contida e 250 reais jogados no lixo, segundo a própria Capitu. Foi aí que decidiu se automedicar e conseguiu dormir como uma pedra, livrando-se de alguns demônios durante a noite.

Após um bom banho, Capitu saiu do banheiro e procurou uma roupa confortável para vestir. Decidiu-se por uma calça de montaria preta, com uma camiseta rosa de mangas curtas e sapatilhas. Passou apenas seu creme hidratante favorito de macadâmia, pegou o livro no criado mudo, a bolsa e saiu de casa rumo ao café. Era apenas uma pequena caminhada de dez minutos, nada de mais.

Antes mesmo de chegar, já notou que o lugar estava lotado e avistou Carolina, sua prima, na porta da frente do local. Carol sorriu como sempre fazia e notou as olheiras profundas no rosto da pequena mulher quando ela se aproximou o suficiente. E Capitu viu o sorriso da prima morrer aos poucos, dando lugar à preocupação costumeira.

— Cá! Estou guardando um lugar para ti, criatura. Hoje você demorou, estou reservando a única mesa vazia até o momento — falou, abraçando-a apertado.

Carolina parecia uma modelo de capa de revista. Alta, magra, de pele perfeitamente bronzeada e, ainda por cima, loira. Capitu sempre se perguntou por que a genética não foi tão boa com ela quanto foi com a prima, já que se achava comum, sem sal, como já dizia sua tia. Ao contrário da prima, a pequena mulher tinha a pele bem alva, cabelos castanho-claros abaixo dos ombros e tinha sofrido bastante com o sobrepeso quando jovem, ainda mais por ser baixinha.

— Me desculpe, Carolzita, é que dormi demais.

— Se dormiu tanto, por que essas olheiras aí, hein? O que o traste do Lucas aprontou desta vez?

Capitu rolou os olhos, em uma expressão de desdém diante do comentário da prima, sem querer compartilhar todas as suas desconfiças e aflições.

— Só perdi o sono e, por isso, dormi demais essa manhã. Cadê minha mesa?

— É a mesma de sempre, pode ir que já peço pra Jane levar seu pedido.

Capitu ia seguindo em direção à mesa, quando se lembrou de algo e parou.

— Hoje vou mudar. Quero um bom chocolate quente, Carol. Está um pouco frio.

Ela viu Carolina lhe sorrir e voltou a caminhar em direção à mesa. O local era delicioso, aberto, com uma estrutura predominantemente de madeira e bem arejado. A decoração era feminina, com mesinhas de madeira branca dispostas no deck, à frente do local. O sonho de Carolina realizado, pensou Capitu.

Logo que se sentou à mesa, abriu o livro que trouxera na bolsa, que naquele dia se tratava de *Ligeiramente Perigosos*, de Mary Balogh. Era apaixonada por aquele romance da série em especial, que contava a história de um duque orgulhoso e uma viúva convicta e já era a terceira vez que o lia.

Naquela manhã, no entanto, nem mesmo o duque de Bewcastle estava conseguindo capitar a atenção de Capitu. Na verdade, achava que nem mesmo Mr. Darcy seria capaz de tal proeza. Seus pensamentos e receios eram todos de Lucas.

— Com licença!

Capitu se assustou com a voz grossa atrás de si e, quando se virou, o susto apenas cresceu.

— Eu cheguei há pouco — o homem continuou. — Não tem mesa vazia no local como pode ver e gostaria de dividir essa com você, se me permitir.

Por um momento, Capitu duvidou daquilo e deu uma rápida olhada no local, dando-se conta de que o estranho dizia a verdade. Só lhe faltava essa...

O homem, que permanecia em pé, tinha um sorriso de lado singelo no rosto, que o deixava bonito, e parecia... nervoso. Um porte alto, um pouco mais forte que Lucas e muito bonito. Ela se deu conta de que já tinha tempo demais que encarava o homem e, sem demora, direcionou sua atenção de volta ao livro, fazendo-se ouvir.

— Claro, fique à vontade.

Pensou em se levantar e sair dali, tomar seu café lá dentro, no balcão, mas o estranho foi tão educado, não é mesmo? Então, por que não?

Não o olhou de volta depois daquele momento e se forçou a ler. Ela adorava a passagem em questão, era o momento em que o duque, tão desajeitado e cheio de si, tentava demonstrar seus anseios e sentimentos para a viúva de bom coração, porém Capitu não conseguia prestar atenção no livro, ainda mais quando se sentia observada daquela forma. Ela, então, desistiu de continuar sua leitura por ora e fitou o estranho, que estava bem despreocupado à sua frente, sentado com uma perna sobre o joelho e os braços cruzados em frente ao peito.

Se fosse sincera, confessaria que chamá-lo de bonito tinha sido um

eufemismo, pois, na verdade, ele era lindo. O homem era alto, de corpo forte, imponente. Um rosto quadrado que lhe conferia um ar de virilidade e masculinidade, os cabelos eram escuros e um pouco compridos. Não saberia dizer o tamanho, pois os fios permaneciam presos em um coque no alto da cabeça. Tinha uma barba ligeiramente comprida, seguindo a moda atual, porém bem aparada, certinha e um olhar penetrante, cativante. Se fosse sincera, diria que aqueles lábios eram desejáveis.

Ela capturou o exato momento em que o homem à sua frente lhe sorriu, mostrando um sorriso sexy e envolvente. Em seguida, ele lhe estendeu a mão, que Capitu logo aceitou, e tratou de se apresentar.

— Me chamo Tiberius e você?

Ela sentiu o forte aperto de mão, notando também seu arquear de sobrancelha.

— Capitu — falou e observou com curiosidade o sorriso dele se ampliar, sem soltar sua mão.

— Lindo nome.

Ela se viu rindo do elogio, retirando, enfim, sua mão da dele.

Logo Jane trouxe o pedido de Capitu e junto também veio o de Tiberius, um café preto e um croissant. O homem agradeceu e a chamou pelo nome, levando Capitu a entender que ele conhecia a atendente.

— Vem aqui sempre? — Ela não conseguiu segurar a curiosidade ao indagar.

— Quase todas manhãs — respondeu ele, de pronto.

Ela achou um pouco estranho. Nunca tinha prestado muita atenção nas outras pessoas, porém um homem daquela estatura não passaria despercebido — ao menos achava que não.

— Não irei lhe fazer a mesma pergunta, pois sei que vem sempre aqui, acompanhada de um bom livro — ele disse, com certa descontracção.

Aquilo a deixou realmente surpresa. Seria ele um daqueles maníacos?

— Não se preocupe, não sou nenhum maníaco. Sou apenas observador e não pude deixar de notar uma moça tão bonita.

Ela arregalou os grandes olhos verdes, perguntando-se, por um

momento, se havia externado seus pensamentos em voz alta, já que tinha essa mania bastante irritante.

Cada palavra que saía dos lábios do homem a deixava ainda mais desconfortável. Como nunca havia notado aquele estranho? Como nunca pressentiu que era observada? Sim, pois ele devia observá-la, já que sabia tanto. Aquilo tudo a intrigava, inclusive o fato dos lábios dela parecerem colados um no outro.

Tiberius notou tal desconforto e se arrependeu de suas palavras. Ao que parecia, aquilo não soou muito bem, e quem poderia culpá-lo? Apesar de ser um homem de boa aparência, nunca foi hábil com as palavras quando precisava. Então se sentiu obrigado a mudar o rumo da conversa.

— Ligeiramente Perigosos? — perguntou, olhando o livro que estava fechado sobre a mesa, e ela seguiu seu olhar. — Já leu todos os livros desta série?

Ela o olhou em dúvida, indagando a si mesma se ele conhecia a série em questão.

— Já, mas este é meu predileto entre os seis.

Ele balançou a cabeça em afirmativa, olhando-a fixamente nos olhos, com um sorriso brincando em seus lábios.

— Gosto desse também, mas, entre todos, gosto mais do primeiro: Ligeiramente Casados.

Capitu se surpreendeu com aquilo e não conseguiu deixar de perguntar:

— Gosta de romances de época?

O homem lhe deu um sorriso aberto, mostrando-se ainda mais bonito — como se fosse possível.

— Sou viciado, na verdade. No momento, estou preso em Persuasão de ...

— Jane Austen! — ela exclamou, em êxtase. — Eu sou apaixonada por todos os livros dela.

Tiberius sabia disso, mas não quis assustar a moça como já tinha feito. Assim começaram uma conversa animada sobre romances de época, o que os levou a falar sobre alguns romances atuais também. Quando Capitu deu por si, já estava quase atrasada para o trabalho. Ela se levantou para ir embora e,

ao se despedir, Tiberius segurou sua mão, provocando-lhe reações desconhecidas.

— Nos veremos amanhã?

Ela sorriu, estava até mesmo mais animada.

— Claro que sim, foi ótimo conversar com você! Até amanhã, Tiberius, foi um prazer.

Como poderia se negar a encontrá-lo novamente? O homem era a simpatia em pessoa e a conversa que tiveram a animou, fê-la até mesmo esquecer alguns de seus problemas.

— O prazer foi todo meu...

Tiberius voltou a se sentar em sua cadeira, observando a pequena mulher se afastar aos poucos. Capitu não sabia que vinha sendo admirada e, agora mais do que nunca, adorada...

Capítulo 2

Momentos, lembranças, desejos, amores, paixões. Um dia todos se perdem....

Aprenda que, na vida, os momentos sempre passam, as lembranças são sufocadas em uma fração de segundo da nossa vil existência, os desejos são apenas momentâneos, os amores por, muitas vezes, são vazios, e as paixões... ah, essas são as piores!

Naquele dia em especial, por mais que o coração de Capitu estivesse apertado no peito, ela também se sentia mais leve e um pouco feliz por aquela conversa breve com o estranho do café. Tiberius, um nome diferente, pensou, testando o som em sua boca. Era estranho aquele sentimento, já que mal conhecia o homem, mas ele fora tão simpático e educado que a fez se sentir...

bem.

Após se despedir de Carolina, ela voltou para casa, a fim de preparar sua aula e ir trabalhar à tarde. Chegando ao apartamento, se deu conta de que tinha se esquecido completamente de Lucas enquanto conversava animadamente com o homem que adorou conhecer. Foi aí que se lembrou do porquê do aperto em seu coração, tudo que vinha acontecendo com seu relacionamento e, novamente, sensações negativas lhe tomaram o corpo.

Decidiu mergulhar no trabalho e tentar tirar a atenção das inúmeras situações que cruzavam sua mente. Além disso, precisava criar algo que chamasse a atenção dos alunos, sem deixar a aula chata e cansativa. Focou em seu trabalho, pensando em criar uma pequena paródia sobre as regras gramaticais e sorriu, ao imaginar o quanto aquilo poderia ser divertido. Quando se deu conta, já era hora de ir trabalhar e, como estava sozinha em casa, fez apenas um pequeno sanduíche de patê de frango, tomou um banho rápido e saiu de casa com o lanche em mãos, levando o material escolar e a bolsa.

Sempre ia a pé para o trabalho e sabia que tinha sorte por ter encontrado aquele apartamento perto da escola onde trabalhava e do café onde em que passar parte de suas manhãs. Lembrou-se do quanto foi difícil convencer Lucas a morar naquele prédio com ela, e de quantas vezes por semana ele reclamava do lugar. Capitu, por sua vez, fingia não ouvir e nem levava em consideração o que o noivo falava. Por vezes, era apenas mais um jeito de chateá-la, por isso, costumava não ouvir as reclamações dele sobre o apartamento.

Quando adentrou a escola e pegou o celular para desligá-lo, sentiu-o vibrando em suas mãos, mostrando que acabara de chegar uma mensagem de Lucas. Tinha quanto tempo que o noivo não lhe enviava uma mensagem? Não saberia dizer, mas estava satisfeita com aquilo. Ainda mais quando leu a mensagem, na qual ele lhe avisava que chegaria cedo e desejava conversar com ela.

Um tremor ameaçou tomar o seu corpo, mas ela o bloqueou, dizendo a si mesma que, enfim, conversariam, Lucas voltaria a chegar cedo, e eles jantariam juntos como faziam antigamente. Seriam um casal feliz de novo, com entrosamento e amor. Decidiu então que, quando saísse da aula, iria ao

mercado e compraria tudo de que precisava para fazer um bom fricassê, prato que Lucas adorava.

Após sair da escola, foi ao mercado como planejado e até comprou o vinho favorito dele — tinha custado uma pequena fortuna, mas ela estava certa de que valeria a pena. Quando chegou ao apartamento, guardou as compras, colocou uma música no celular e se pôs a fazer o jantar animadamente.

Um tempo depois, um apito soou, avisando que o fricassê estava pronto. Deixou a forma no forno desligado para não esfriar e foi para o banheiro. Após o banho, Capitu decidiu colocar o vestido vermelho de que o noivo gostava por ser colado em seu corpo e realçar suas curvas. A peça a deixava sexy, bonita como ele havia elogiado certa vez. Vestiu-se e fez uma leve maquiagem.

Ela estava tirando a travessa do forno quando Lucas chegou. Colocou o fricassê na mesa arrumada com a melhor louça que tinha em casa e o seguiu até o quarto. Ela o encontrou de pé, ao lado do guarda-roupa escancarado, e estranhou a mala em cima da cama, pois era sempre ela quem organizava as coisas do noivo quando ele precisava se ausentar.

— Vai viajar? — perguntou, já sentindo um aperto descomunal tomar seu peito.

— Não — disse, ríspido.

— E então pra que essa mala? Aonde você vai, amor? — indagou, sentindo que, a qualquer momento, seu coração falharia, pararia de bater mediante a resposta que ele poderia lhe dar.

O homem se aproximou dela, mas não encarou seu rosto ou a tocou.

— Lucas, olhe pra mim! — pediu, em um sussurro, mas foi em vão.

— Capitu, eu estou indo embora, estou te deixando.

As palavras dele abriram um buraco direto em seu coração, desestabilizando-a, tirando seu chão.

— Nosso relacionamento tá se desgastando. Você não é mais a mesma, nem eu. Acho melhor acabarmos por aqui.

Aquilo só podia ser uma brincadeira de muito mal gosto!

— Eu não entendo... — falou, desolada, fitando o chão. — Quando foi que deixou de me amar, Lucas?

— Quando você mudou da água para o vinho, Capitu. Quando você se tornou uma mulher inconstante, estressada, chorosa e sem atrativos.

Aquilo a atingiu em cheio, esmagando seu peito. Sabia de suas limitações, sabia que não era mais aquela garota que vivia em farras e adorava sair de casa. Sabia que tinha mudado, mas achava que era por ter amadurecido, crescido como pessoa. Nunca achou que aquilo acabaria com seu relacionamento. O estresse... bem, quem não era estressado, não é mesmo? Quem, cuidando de trinta adolescentes cheios de hormônios por dia, conseguiria se manter sã?

Eram aquelas questões que Capitu formulava em sua cabeça, enquanto encarava, sem acreditar, o homem à sua frente.

— Lucas! Pare de fazer as malas, e vamos conversar. Vamos esclarecer as coisas, podemos dar um jeito, nós nos amamos, querido, e...

— Não. — Ele a cortou. — Eu não a amo mais, Capitu. Já faz algum tempo que não tenho mais sentimentos por você.

Capitu, naquele momento, preferia que ele tivesse lhe batido do que dito aquelas palavras. E a raiva, juntamente com a frustração e medo, tomaram conta dela.

— Você tem outra, não é? É por isso que está me deixando? Pensa que não noto, Lucas? Pensa que não vejo o horário que você volta para casa? O cheiro de mulher... — disse, enojada, finalmente explodindo.

— Eu não quero brigar, Capitu. Só vim pegar minhas coisas e estou indo embora.

— Fale, Lucas, eu preciso saber. Você tem outra, é isso? Tenha ao menos um pinga de consideração por mim e diga a verdade!

No fundo, ela não queria saber, pois já conhecia a resposta. Assim como sabia que não suportaria ouvir a verdade. Aquilo estava acabando com ela.

— Tenho, Capitu, é isso que queria saber? Sim, tenho alguém, e não seria justo com ela se eu continuasse contigo.

Aquelas palavras foram piores do que ela imaginava. Como assim, "não seria justo com ela"? E onde ficava a justiça para Capitu?

— E comigo, Lucas? Você não se importa comigo? — As lágrimas já banhavam seu rosto, e a dor perfurava seu coração já cansado de aguentar os maus tratos constantes, de relevar cada decepção.

— Não comece, Capitu. Não me venha com esse sentimentalismo inútil, as mesmas lágrimas novamente. Eu vim pra pegar algumas coisas e conversar, mas parece que você quer complicar tudo — falou, fechando a mala com apenas alguns poucos pertences. — Amanhã, eu pego o restante. Acabou, Capitu, acabou de vez.

Como doeu, meu Deus!

Capitu sentiu cada palavra como se elas fossem facas introduzidas em sua pele, sem nenhuma piedade. Sem saber mais o que fazer e achando que estava perdendo o amor da sua vida, seu alicerce, a mulher não teve vergonha quando se jogou aos pés do noivo, implorando-lhe para ficar e recomeçar.

— Lucas! Por favor... Eu vou mudar, prometo que vou mudar e eu te perdoo pela traição, amor, podemos dar um jeito, só não me deixe... — falou, a voz entrecortada pelos soluços de um choro sofrido.

O homem à sua frente não se comoveu com seus apelos. Na verdade, Lucas nunca chegou a amar Capitu. Depois que conheceu Ana, teve certeza de que nunca amou sua noiva, apenas se acostumou com sua companhia, que antes era divertida, mas se tornou entediante com o tempo. Foi pensando naquilo que ele afastou a mulher, empurrando-a para longe de si, e andou a passos largos em direção à porta, enquanto Capitu se debulhava em lágrimas.

— Eu não estou te pedindo perdão, Capitu, e não se humilhe assim, não piore a situação, não se torne ainda mais patética — falou, deixando o apartamento.

Capitu ainda tentou alcançá-lo, mas era tarde, ele já tinha saído porta a fora.

Dor. Era o que sentia por todo seu corpo. Acabara de perder o grande amor da sua vida e não via como sobreviver sem ele. Lembrou do conselho

de Carolina: "Não viva em favor da vida de Lucas, Cá, viva pra você, somente para você". Mas aquilo não entrava em sua cabeça, pois ela o amava, amava como se sua vida dependesse disso.

Sem mais nenhuma opção, a mulher se deitou no tapete vermelho da sala, em posição fetal, e fez a única coisa de que era capaz diante do que acabara de acontecer: se entregar ao sofrimento e às lágrimas grossas que escorriam por seu belo rosto.

Dizem que a dor é para ser sentida, e sentir era tudo o que Capitu vinha fazendo naqueles dias. Naquele momento, não sabia que dia era, as horas e nem mesmo onde estava. Desde que Lucas saíra naquela sexta à noite, dizendo que a estava abandonando, a mulher se entregou à autocomiseração e à dor. Redeu-se aos inúmeros sentimentos, eram tantos que ela nem conseguia nomear.

Já tinha gritado, chorado, quebrado quase tudo dentro de casa e agora estava com o corpo fraco e anestesiado, jogado sobre a cama. Não sabia se era porque fazia dois dias que não comia nada, ou se era por causa de tanto sofrimento. Vinha se valendo de drogas farmacêuticas para conseguir dormir e, quem sabe, esquecer, nem que fosse por algumas horas, tudo à sua volta.

Só quando se cortou acidentalmente com um pedaço de vidro na cozinha, a mulher pôde sentir um pequeno alívio. Aquela dor superficial conseguiu diminuir um pouco a sua agonia. Não se importou quando o sangue jorrou do ferimento e escorreu entre seus dedos, derramando gotas escarlates no chão. Também não se importou quando se abaixou, pegou um caco de vidro e voltou a se ferir. Fez um corte mais profundo em seu braço, tentando, de um jeito deturpado, se aliviar, não sentir, não lembrar. Notou, em tamanho desespero, que poderia fazer aquilo por vezes a fio e continuou, pois, de alguma forma completamente errada, aquilo a aliviava.

Mal sabia nossa querida Capitu que tinha tomado um caminho sem volta... sem saída...sem luz...

Estava confusa com a intensidade dos seus sentimentos, mas sempre

fora assim, ela sentia tudo em dobro e, por isso, sofria em dobro. Quando odiava, odiava demais e quando amava, amava em demasia, em excessos e fora assim com Lucas. Àquela altura, Capitu conjecturava, procurando o motivo de ele a ter abandonado e chegou a uma conclusão que lhe pareceu óbvia: a culpa era dela.

Tentou lembrar em que momento, exatamente, Lucas deixou de demonstrar seu amor por ela, porém não conseguiu. Capitu só não se dava conta de que nunca existiu amor e, por isso, não haveria como ter lembranças de tais momentos. E foi impossível não ligar aquela sensação de abandono ao que passou em sua infância, com a mãe, sua displicência e maus tratos do pai. Lembrava-se com perfeição das palavras dolorosas da tia, de cada insulto, tapa, gesto de descaso, tudo.

Perguntou-se o porquê de todos a abandonarem, virarem-lhe as costas, de não conseguir ser amada por ninguém. Era dolorosa tal constatação, mas não conseguia controlar o rumo de seus sentimentos. Foi naquele momento que o pior lhe passou pela cabeça, arrancando um arrepio da sua espinha.

Capitu já tinha perdido todas as esperanças ao ligar para Lucas inúmeras vezes, sem que ele a atendesse. Sua última tentativa terminou de destruí-la, pois quem atendeu foi uma mulher, dizendo-se namorada do seu ex-noivo. O mundo ao seu redor pareceu desmoronar, ruir bem à sua frente.

Não lhe restava mais nada, mais ninguém. Então, por que não? Ninguém sentiria sua falta, não é mesmo? Talvez Carol, mas a prima tinha um marido e uma filhinha para cuidar. Não precisava de alguém como ela. Sabia que o suicídio era o maior pecado que um ser humano poderia cometer, pois era cristã, consciente das leis divinas, mas se entenderia com o criador depois. Ou com o diabo, não sabia. Sua única certeza era de que não aguentava mais.

Era muita dor, ela não era capaz de suporta. O desespero a consumia e a bagunça dentro dela só servia para impulsioná-la de vez para o abismo. Ela ouvia uma voz ecoando no fundo da sua alma, coagindo-a:

"Vá em frente, acabe com seu sofrimento, só você pode dar um fim a tudo isso. Vamos lá, se liberte. Você é fraca, inconstante e, ninguém nunca irá amá-la, pois não tem valor. Ande logo, dê um fim a tudo isso. Você nem irá sentir".

Quando deu por si, ela já estava segurando duas cartelas de comprimido na mão. Não pensou, não mediu e engoliu todos que conseguiu de uma só vez, tomando o restante em uma segunda tentativa. Bebeu um copo de água e não demorou a se sentir leve, fora de órbita. Sorriu, torpe, ao tropeçar em suas próprias pernas e quase cair em meio à sala. Voltou para o quarto sentindo-se aliviada, enfim, achava que todo o tormento e abandono acabariam, ficariam para trás. Tudo ficaria em outra vida.

Não conseguiu nem mesmo chegar até a cama, desabou ainda no chão, em meio aos cacos de vidro de tudo que havia quebrado em seu quarto. E ali, pareceu ter sucesso em sua tentativa de fuga, em seu suicídio. A última coisa que viu foi uma foto de Lucas no chão, sorrindo, olhando para a câmera que Capitu segurava naquele dia ensolarado na praia... E tudo se apagou de repente, levando-a à mais pura das escuridões...

Capítulo 3

Às vezes, a espera pode ser torturante...

Não se pode esperar a vida passar sem aproveitá-la ao máximo e, principalmente, sem desfrutar o amor, sem amar. Ah, o amor, aquele sentimento inesperado que arromba a porta da frente do seu coração e entra sem permissão, sem convite, sem alardes. E esse sentimento encontra sua forma mais pura quando é verdadeiro e não espera nada em troca. Não há qualquer interesse, apenas o simples prazer de amar e se doar para alguém...

Tiberius chegou ao café entusiasmado e ansioso. Ontem, enfim, por obra do acaso, havia tido uma conversa com a mulher de olhos verdes expressivos que observava já tinha algum tempo. Meses, um ano? Não se recordava bem, mas sabia que já fazia bastante tempo. Ele sempre vinha ao café no mesmo horário e, após perceber que a moça vinha todos os dias pela manhã, sempre acompanhada de um livro e degustava seu café de forma única, Tiberius passou a admirar cada momento, cada gesto, cada lambe de

lábios. Sabia exatamente o que ela sempre pedia e se perdia todos os dias em pensamentos, enquanto a observava atentamente.

E quem no mundo o culparia? A moça em questão era, de fato, formosa, bela de uma maneira única. De expressão doce e olhos grandes e verdes, encantava qualquer um que passasse no lugar e ela nem ao menos parecia notar. Tiberius sempre admirou seu jeito calado e tímido, o modo como, despercebida, colocava uma mecha de cabelo atrás da orelha. Como apertava a ponta do nariz, apreensiva com a leitura e, às vezes, revirava os olhos rindo sozinha. Ela vinha todos os dias, se sentava, fazia o pedido e conversava com Carol, dona do lugar. Depois, lia um pouco e ia embora. A mesma rotina, os mesmos gostos, todo santo dia, e ele ali, apenas observando-a.

A única coisa que o impediu, naquele tempo todo, de falar com Capitu, de se aproximar dela, foi a aliança grossa em seu dedo anelar direito, indicando que a mulher em questão era noiva de alguém. Provavelmente de um sortudo do caramba, ele pensara. Porém, o que lhe dava esperanças já tinha algum tempo era o fato de nunca a ter visto acompanhada do suposto noivo. Capitu chegava e saía sozinha, sempre. E para ele, um homem que tinha uma mulher como aquela, não se privaria de sua companhia no um café da manhã, não mesmo.

Aqueles eram os pensamentos de Tiberius naquela manhã de sábado ensolarada, enquanto esperava Capitu chegar ao café.

Depois de muito esperar, percebeu ter sido em vão, pois estava claro que ela não viria. Sentiu-se frustrado, pensou que talvez tivesse assustado a moça, mas logo colocou aquela ideia de lado. Afinal, ela pareceu gostar da conversa e até concordou em encontrá-lo no dia seguinte com bastante animação. Não, não tinha assustado Capitu, talvez ela não tivesse ido por causa de um contratempo, cogitou, frustrado.

Decidiu, muito a contragosto, que já era hora de ir embora. Levantou-se e pagou sua conta a Jane — que estava bastante sorridente, por sinal. Na saída, encontrou a dona do café, e ela lhe sorriu calorosamente como sempre fazia, cumprimentando-o. Ele quis perguntar se Carolina sabia o porquê da mulher que vinha permeando seus sonhos ultimamente não ter aparecido naquela manhã, mas pensou ser loucura incomodá-la com aquilo. Tiberius,

então, saiu do café e se dirigiu de volta para casa, tentando tirar Capitu da cabeça.

Assim se passou o fim de semana. Acordava cedo todos os dias, ia correr e, depois de um banho, passava na Fumaça na Xícara como de costume, mas não encontrou Capitu em nem um desses dois dias.

Chegou ao trabalho na segunda-feira já chateado, convencido de que, de fato, tinha assustado a moça. Grande garanhão estava se saindo, a única vez que tivera a chance de conversar com Capitu, a assustara a ponto de ela desistir de ir a seu lugar favorito — como ela tinha lhe confidenciado. É, ele estava realmente chateado. Chateado não, inconformado!

Quando entrou no consultório, Andréia, a secretária, percebeu o humor do chefe logo de cara. O homem sempre chegava com um sorriso no rosto, um bom dia contagiante e, diferente disso, naquela manhã, chegara de cara amarrada e mal abrira a boca para cumprimentá-la. A secretária imaginou como ficaria o seu humor quando dissesse a ele, logo cedo, que tinha um caso de suicídio aguardando-o. Seu chefe sempre lhe pareceu gostar da especialidade que escolhera, mas aqueles casos em especial mexiam com ele, o abalavam. Então, respirando fundo, Andréia se levantou da cadeira e bateu na porta onde ele tinha acabado de entrar.

— Entre, Andréia!

Tiberius sabia que tinha soado rude, mas não estava em seu melhor dia e esperava que Andréia, trabalhando com ele havia mais de quatro anos, pudesse entender.

— Doutor Pedro mandou chamá-lo na emergência, senhor.

Aquilo já o deixou de sobreaviso. Era psiquiatra e não era comum ser chamado em uma emergência.

— É uma paciente vítima de suicídio. Ainda não tenho o caso, mas parece urgente.

Sentiu um gosto amargo na boca. Sua cabeça queria lhe trair, trazer lembranças que não cabiam naquele momento, pensamentos perturbadores. Atuava na área tinha 10 longos anos e nunca se acostumara com aqueles casos, apesar de sua especialidade. Sempre se sentia mexido, ligado intimamente com aquelas vítimas. Queria salvar a todos, mas nem sempre

cabia a ele fazer isso.

Tiberius não se demorou nem mais um minuto em frente à secretária, se levantou e, pegando o jaleco sobre o encosto da cadeira, foi em direção à emergência o mais rápido que pôde. Não teve atenção em olhar para os lados, ao passar pela sala de espera, e talvez, por isso, não percebeu a mulher loira sentada ali, porém, ao adentrar a emergência, ele paralisou. Os músculos endureceram de tensão, e seus olhos quase saltaram das órbitas ao fixar sua atenção na maca em que a vítima de suicídio estava deitada, colocada de lado, sendo amparada por enfermeiras.

O homem estava espantado com tamanha coincidência. Era ela, Capitu.

Tiberius olhou pela grande sala, a fim de achar outra pessoa, certificar-se de que ela não era sua paciente difícil, mas foi em vão — só havia Capitu ali. Observou o médico, que era seu amigo, fazer uma lavagem estomacal na moça com a ajuda de enfermeiros. Finalmente, ele recuperou a voz que achava ter perdido e perguntou:

— Qual a situação, Pedro? — Já tinha intimidade suficiente com o homem para dispensar formalidades.

— Ao que parece, a vítima engoliu duas cartelas inteiras de Escitalopram, mas acredito que foram mais. Foi encontrada pela manhã e tem marcas de autoflagelo pelo corpo.

Foi só então que Tiberius percebeu os cortes e o vestido coberto de sangue, suor e vômito. Por instantes, não teve reação alguma, indagando a si mesmo o que a levou a cometer tal ato de desespero. Ainda não tinha nenhuma resposta, mas estava disposto a descobrir e, principalmente, a ajudá-la!

— Quem a trouxe? E por que é você quem está fazendo o atendimento? Ela vai precisar de cirurgia?

— Uma irmã, prima, ou algo assim, a trouxe, não sei bem. Vim, pois era o único disponível aqui, hoje está uma bagunça. Se quiser, pode ir falar com a família, ainda vou demorar algum tempo para mandá-la para o quarto.

— Ela ficará bem? — perguntou, sentindo o coração falhar.

O médico, um homem alto e moreno, lhe sorriu com confiança, tranquilizando-o.

— Sim, passará uns dias desacordada, mas ficará bem. Ela teve sorte, foi encontrada a tempo.

Tiberius sabia que tinha de sair e falar com o familiar ou amiga que trouxera Capitu, mas não queria deixá-la. Invocando todo o seu controle e ética profissional, deu as costas à equipe médica e foi em direção à recepção. Não foi difícil encontrar quem a trouxera, afinal, Carol estava sentada na recepção, chorando como um bebê e remexendo os pés sem parar, em sinal de puro nervosismo. Primeiro, ele a observou atento, querendo perceber qualquer sinal. Depois, sentando-se ao lado dela, pegou um lenço de papel e lhe entregou, fazendo-se notar.

— Bom dia, Carol! — Soou firme, profissional, vendo-a se esforçar para segurar o choro.

— Bom dia..., Tiberius.

Ele viu o esforço de Carolina ruir quando as lágrimas continuaram escorrendo em abundância.

— Ela vai ficar bem, Carolina, o médico que está cuidando do caso acabou de me garantir isso — tentou consolar a mulher, mesmo ciente de que não poderia fazer tal promessa.

— Foi horrível, Tiberius, o pior dia da minha vida. — Fungou ao falar, olhando para cima como se assim pudesse conter o choro. — O corpo de minha prima jogado de qualquer jeito no chão, enquanto ela se engasgava com o próprio vômito... Foi demais, meu Deus! Você não pode imaginar.

Ah, ele podia, queria não ser capaz, mas Tiberius conseguia imaginar com perfeição e até mesmo sentir a dor de Carolina. Já tinha passado por isso e sentido na pele como era terrível perder alguém para o suicídio. Inclusive, foi por causa daquele episódio marcante que optou por psiquiatria ao invés de cirurgia geral — como queria desde muito jovem.

— Sou psiquiatra, Carol, e irei cuidar do caso de Capitu, por isso, preciso que se acalme e me conte o que encontrou. Preciso também de algumas informações sobre o temperamento de sua prima, se ela vinha passando por algum momento de dificuldade, traumas...

Carol apenas confirmou com a cabeça.

— Venha, vamos ao consultório. Assim que terminarem o

procedimento, irão me avisar e você poderá voltar para acompanhá-la.

Carol concordou, e os dois saíram da recepção, com Tiberius amparando a mulher com um braço em suas costas.

Ele já tinha visto de tudo em seus 10 anos como psiquiatra, mas não estava preparado para ouvir o relato sobre quem realmente era Capitu, a mulher que admirou durante tanto tempo. Após tudo o que ouviu de Carolina, mais do que nunca, sentiu vontade de proteger aquela moça de aparência frágil, calada e tímida. Estava disposto a ajudar a mulher a sair do abismo em que tinha entrado e, por Deus, ele conseguiria. Falhara uma vez, mas não repetiria o mesmo erro de anos atrás, não mesmo...



LUZ DA MINHA VIDA

Sinopse:

Por Teu Amor: Um Milagre de Natal.

Como aceitar que acabou e que você irá perder o amor da sua vida? Como lidar com a dor e a culpa que parecem corroer sua alma por dentro?

Dean ainda não aceitou e não sabe lidar com tantos sentimentos e com a impotência, ele não é capaz de aceitar.

O homem com a vida perfeita, toda planejada, se vê perdendo tudo que lhe é mais caro em uma fração de segundos preciosos, assistindo a seu mundo desmoronar, ruir à sua volta e apenas uma pequena criatura é capaz de lhe trazer paz. Sua Cecília, a menina de 4 anos que passou a ser a luz do seu mundo, mas nem mesmo a doce criança é capaz de aplacar todo aquele sentimento preso em seu peito, apesar de ser o motivo do homem continuar a lutar.

"A culpa é sua..."

Era? Ele acreditava que sim, se culpava dia após dia, só resta saber se há esperanças para um homem quebrado!

Prólogo

O amor... falo daquele sentimento único, o qual poucos seres humanos tiveram, de fato, a oportunidade de sentir. O sentimento que ultrapassa barreiras, vence o tempo, os preconceitos e até mesmo o orgulho. Esse é de fato o amor e se você, caro leitor, já sentiu algo assim, se considere alguém de sorte, alguém que viveu com plenitude...

Capítulo 1

Era tarde e, naquela noite fria, em meio à escuridão, a felicidade reinava, enquanto a neve caía lá fora, formando um espetáculo sem igual aos olhos de Livia, que olhava pela janela, encantada com tamanha beleza. Um sonho se realizava naquele quarto de um jeito único. Uma felicidade e um

amor que poucos seres humanos são capazes de sentir em toda uma vida. Ali, naquele quarto de hotel em uma pequena cidade da Argentina, se concretizava a certeza de um amor, de um casamento há muito esperado.

Aquelas quatro paredes passaram a ser testemunhas da união de duas almas, duas metades de uma laranja que tinham uma vida inteira para aproveitar todo o amor que transbordava até mesmo pelos poros de Livia e Dean.

— Quando tivermos nossos filhos, voltaremos a esse lugar todos os anos, amor — disse Livia abotoando o brinco de pérola na orelha direita, enquanto seu marido a olhava, embevecido.

Dean sorriu de lado, de um jeito só dele, e permaneceu sentado à espera de que a esposa terminasse de se arrumar para irem jantar. O homem alto, moreno, de cabelos lisos e barba bem aparada se levantou e, em poucos passos, estava atrás de Livia, que sorriu ao sentir as mãos masculinas acariciarem sua cintura. Viu pelo espelho quando ele encostou o maxilar na curva de seu pescoço e depositando um beijo suave na pele leitosa e macia, inspirando o cheiro doce e cítrico de rosas.

— E quantos serão? — perguntou, sem deixar de fazer carinho no pescoço feminino, descendo os lábios carnudos e vermelhos pelo ombro coberto por uma fina renda negra.

A mulher de cabelos negros incomuns, de corpo baixo e curvilíneo, se virou para o marido com um largo sorriso no rosto e enlaçou sua nuca com os braços, derretendo-se como sempre fazia quando estava naquele aconchego, sentindo o cheiro almiscarado encher suas narinas. Um cheiro que ela conhecia bem, tinha cinco anos que Dean usava o mesmo perfume, fruto de um presente de Natal de Livia, ainda quando eram enamorados. Desde então ele se negou a trocar e ela adorava esse fato em especial, pois, segundo ele, aquele foi o primeiro presente trocado entre ambos, o primeiro de muitos Natais que vieram e por isso era tão especial para ele. Uma pequena amostra de tamanho carinho e cuidado.

— Três, no mínimo! — Dean levantou a sobrancelha em uma indagação muda e Livia deu de ombros. — Ah, quero muito uma família grande como a sua, ser filha única não é algo bom e quero uma família imensa, uma mesa farta e muito barulho em casa.

Lívia viu o marido virar o pescoço para trás e dar uma estrondosa gargalhada, levando-a a acompanhá-lo.

— Amor, você odeia barulho — disse, assim que recuperou o fôlego, vendo-a ajeitar a gravata azul na gola branca bem engomada.

— Sim, odeio, mas isso é com os filhos dos outros e os outros, os nossos não. E a primeira será uma menina, linda e pequenina, com os seus olhos. Tenho certeza.

— Como tem tanta certeza de que será uma menina? — perguntou, risonho.

— Eu não sei. Simplesmente sei... estranho, não é? Mas sei que nossa Cecília será a primeira...

— Olhe isso, e já tem até nome? Ora, não sabia que, após o casamento, eu deixaria de fazer parte das decisões, não foi isso que me prometeram, me sinto enganado.

Dean levou um tapa no braço e riu, fingindo sentir dor.

— Não seja bobo, sabe que sempre amei esse nome.

— Sei e por isso concordo com você que o nome é perfeito, mas, por ora, vamos deixar que a vontade de Deus se cumpra. Ele saberá o que nos dará e quando dará. Por enquanto, querida esposa, só quero dizer que está perfeita nesse vestido e, se não descermos agora para jantar, talvez eu queira mudar nossos planos, tirar essa roupa e amar todo o seu corpo, cada pedacinho... — disse de forma maliciosa, roçando os lábios em sua orelha e fazendo-a se arrepiar.

— Hum... — Lívia gemeu, mordendo inconscientemente o lábio inferior com aquela promessa pecaminosa.

— Não faça isso, não gema assim...

Lívia riu diante do desejo evidente do marido e pigarreou tentando se controlar.

— OK, então vamos. Estou faminta após a maratona de sexo que tivemos e preciso me alimentar para mais uma rodada, certo, querido esposo?

Dean sorriu maliciosamente, mordendo de leve a ponta da orelha da esposa e afastando-se dela. Sabia que, se continuasse grudado ao corpo de Lívia, não sairiam tão cedo daquele quarto e a lua de mel seria inteiramente

entre aquelas quatro paredes bem ornamentadas do quarto de hotel e aquela época era especial demais para não ser aproveitada de todas as formas, pois se tratava, nada mais nada menos, do mês mais querido por Livia, no qual se comemorava o seu tão esperado Natal, data que ela amava desde criança. Era especial porque a fazia se lembrar da avó, uma senhora gentil, que sempre fizera questão de celebrar a magia do Natal...

— Papai?

A voz doce se fez ouvir e Dean abriu os olhos depressa, voltando ao presente e vendo à sua frente a pequena menina de pouco mais de quatro anos, com olhos grandes e esverdeados iguais aos seus. Os cabelos curtos, negros como a noite, estavam soltos e a franja caía sobre a testa suada. Ela carregava no braço um pedaço de pano vermelho e desgastado, que insistia em acariciar, enquanto chupava o polegar. Dean levou as mãos aos olhos de forma apressada, deixando o encosto do sofá e limpando qualquer resquício de umidade. Ele estendeu a mão para a pequena, que o observava com atenção, torcendo o pano surrado em suas mãos.

— O que foi, luz da minha vida? A senhorita não deveria estar na cama? — perguntou, engolindo o bolo que as lembranças lhe trouxeram, pegando a menina e colocando-a sentada em sua perna, enquanto cheirava os cabelos fartos.

— Sim, e o senhor também, né? — Ele a olhou e a pequena teve a decência de perceber o próprio erro e baixar o olhar. — Já sei, é que eu sou criança, né?

— Exatamente e já deveria estar no décimo sono.

— Hum... mas papai...

— Não adianta, não vou contar o que o Papai Noel vai dar para você no Natal, Lia. Para falar a verdade, este ano o bom velhinho não quis me contar. Deve aprender a segurar toda essa ansiedade presa aqui e esperar até o Natal — disse, apontando na direção do pequeno coração e a menininha bufou, fazendo-o rir. O gesto o fez lembrar quando contrariava Livia e teve de segurar a emoção.

— E se eu te der um tantão assim de beijos? Muito, muito, muito, o

senhor me conta?

Ela não tinha jeito, sabia bem como persuadir o pai, mas dessa vez não iria adiantar — como tinha acontecido em todos os outros Natais.

— Desse tamanho e já tentando subornar o pai? — disse, levantando-se e levando a menina em seus braços. Ela riu, faceira, fazendo duas covinhas lindas se abrirem nas bochechas rechonchudas. — Mas tenho uma proposta melhor: que tal irmos agora para a cozinha tomar um leite morno e depois dormirmos? Amanhã bem cedo tem aula, ou já se esqueceu?

— Mas, papai, eu não estou com sono.

Dean sorriu, colocando a menina em seus ombros, abrindo a geladeira, pegando o leite e preparando-o em seguida.

— Eu também não e é por isso que vamos tomar um bom leite morno, pois, como a vovó diz: leite morno cura tudo — disseram em uníssono, enquanto a menina se agarrava com ambas as mãos nos cabelos curtos do pai.

Dean retirou a pequena chaleira do fogo e em seguida encheu o copo estampado com a Elza, entregando-o à menina e servindo-se em seguida. Cecília tomava a bebida atenta ao pai, que fazia o mesmo, vendo a menina balançar as pernas gorduchas dentro de um pijama cheio de estrelas e luas. A garotinha não conseguia ficar quieta, era imperativa como a mãe, não puxando em nada a calma do pai.

— E então, vamos para cama?

— Eu ainda não estou com sono, papai — respondeu, emburrada, não segurando um bocejo e o pai riu, pegando a menina e levando-a em direção ao quarto. — Vai me deixar dormir com o senhor? — disse rapidamente e um pequeno sorriso de satisfação se abriu nos lábios vermelhos e em formato de coração. Ela adorava o aconchego que o pai lhe dava.

— Sim, vamos contar juntos as ovelhinhas.

— Eu nunca termino...

— Essa é a ideia, minha luz.

Dean adentrou o quarto de visitas, onde vinha dormindo nos últimos tempos, e colocou Cecília na cama, que logo se embrenhou em meio às cobertas do pai, esperando que ele se pusesse ao seu lado. O pequeno corpinho se aconchegou a ele e, juntos, contaram as ovelhinhas, até que não

se ouvia mais a voz doce e infantil, restando apenas um leve rressonar.

Apesar de sentir paz ao ter sua filha em seus braços, o pobre homem ali deitado na grande cama se sentia oco, vazio e sem chão...

Pobre Dean, o destino fora cruel, vil e sem escrúpulos e o amor não tinha sido suficiente.

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS:

Uma Chance Perfeita

Sinopse:

Um amor... uma noite... um momento... uma lembrança... podem marcar um coração apaixonado para todo o sempre...

Alice não sabia disso até aquela noite na qual achou que, enfim, estava realizando seu sonho, encontrando o seu verdadeiro amor. Afinal era apaixonada por ele desde criança, mas algo acontece e tudo parece cair por terra no dia seguinte, desmoronando em sua cabeça depois de uma noite que lhe parecera mágica. E só aí ela percebe que tudo não passou de uma ilusão e só lhe resta um coração partido a ser curado

Uma mulher que deixou o amor e o passado por duas vezes, que decidiu seguir em frente apesar dos traumas vividos, deixando tudo onde deveria ficar, para trás. Mas o destino parece gostar de brincar com ela e, mais uma vez, Alice se vê frente a frente com seu passado, sua ilusão, seu amor de infância. O problema dessa equação é que sua ilusão tem nome, lindos olhos, um furinho lindo no queixo e parece decidido a entrar em sua vida novamente e agora de forma definitiva.

Pedro só quer uma chance, um pequeno momento para conquistá-la, mostrar para Alice como um homem de verdade deve tratar uma mulher, amar, venerar. Ele só terá de convencê-la a lhe dar uma nova chance, a confiar. Pedro só não imagina que o que está disposto a conseguir não será a primeira, mas sim sua segunda chance.

"Ela não está disposta a ceder, ele, não está disposto a desistir..."

Prólogo

Dizem que não existem segundas chances. Se não aconteceu em uma primeira, uma segunda vez só trará desgaste desnecessário. Mas e se uma das partes não souber que já perdeu sua primeira chance? E se ela não se lembrar? Isso conta? Lembre-se sempre... no amor e na guerra, tudo vale!

Corro pela sala sentindo o desespero me tomar, minhas pernas bambearem se enrolando no vestido longo. Entro no primeiro cômodo que encontro com rapidez, fechando a porta do banheiro em um baque surdo, com o medo arrepiando minha alma, um medo nunca sentido antes. Sinto como se o chão fugisse dos meus pés, como se estivesse perdendo tudo o que conheço e tudo ao redor parece desmoronar em minha cabeça. Sinto dor, meu corpo todo dói, principalmente, minha alma e tenho vontade de gritar, colocar a frustração e a humilhação para fora do meu peito, fugir. Gritar de desespero, fugir do medo e arrependimento.

Me odeio por me encontrar nessa posição, odeio a mulher que me tornei, um ser digno de pena, uma vítima. Essa não sou eu, não foi assim que planejei viver minha vida, não foi como sonhei que seria meu casamento.

— Alice! — Renato grita do outro lado da porta, esmurrando a madeira com força e eu me encolho ainda mais. — Abre essa porta porra! — rosna com a voz arrastada pela bebida, me causando ânsia. — Anda, Alice, abre essa porta e vamos conversar, abre logo, vai amor.

Conversar... não há nada o que falar, mais nada a dizer. Permaneço de joelhos no chão, enquanto lágrimas descem sem parar por meu rosto e me dou conta tarde demais de que eu nunca fui esse ser dependente. Levo minha mão ao rosto, sentindo a pele sob os meus dedos começar a inchar tampando a visão do olho esquerdo, assim como uma fisgada de dor e o gosto metálico de sangue preenchendo minha boca. Me sinto humilhada, pequena, um grande pedaço de merda e não me reconheço mais. Há muito tempo não o faço.

Puxo a parte de cima do vestido, que ainda permanece aberta, e tampo meus seios expostos, tentando trazer algum tipo de dignidade, mas é em vão, a perdi quando me acomodei e acreditei em um casamento falido. Me sento no chão e abraço meus joelhos, sentindo de repente frio, meus ossos tremerem e meu corpo suar. Penso em minha família e nesse momento eu só queria meu irmão comigo, os braços de Augusto ao meu redor, fazendo o que sempre fizeram por uma vida: me protegerem.

Fico imóvel, enquanto ouço Renato ainda me chamar e bater na porta. Ignoro, tato o bolso do vestido em busca do celular e respiro aliviada ao senti-lo. Eu o trago para mim e faço a ligação, preparada para arcar com o que vier pela frente, com cada consequência.

— Oi, Porcelana... — Não seguro o choro ao ouvir a voz carinhosa do meu irmão, menos ainda me importo com o horário que estou ligando, soluços saindo livres por minha garganta. — Alice? Ali... você está chorando?

— Guto — mal consigo falar, minha voz é só um grasnado rasgado pela dor, não só física.

— Alice, o que está acontecendo? Fala comigo, por favor — ele pede completamente alarmado e desesperado.

— Ele... Renato... vem me buscar, Guto, por favor...

— Alice... Meu deus! O que aquele filho da puta fez? O que aconteceu, Alice? Preciso saber o que está acontecendo... — Não respondo, ficando cada vez mais letárgica, aérea. — Eu estou indo, Ali, já estou indo... — fala e sua voz vai ficando distante, fraca, quase inaudível.

Olho o celular em minhas mãos, sentindo o aparelho pesado demais e uma dor me invadir, me fazendo levar a mão até minha barriga e me dobrar ao meio. De repente já não sinto mais nada, não ouço nada e já não estou mais aqui... vejo apenas sangue...

BIOGRAFIA

Gisele Sousa Rocha, paraense, nascida na cidade de Rondon-PÁ em 30.07.1993, solteira, sem filhos. Com um grande amor por sua família, acredita que esse é o seu principal alicerce.

Seu pseudônimo nasceu do apelido pelo qual o avô a chama, sempre com muito carinho, e por quem tem imensa admiração e amor. Ele é o responsável por forjar parte do seu caráter e tem esse homem íntegro como seu maior exemplo.

Costuma dizer que a escrita a completa, a faz viajar por lugares inimagináveis e, com ela, pretende espalhar amor, paixão, fé e emoções a quem puder alcançar...

Para conhecer mais trabalhos da autora, siga-a nas redes sociais:

Facebook:

Perfil: Autora Gisa SR

<https://www.facebook.com/gisa.r.costa>

Página: Autora Gisa SR

<https://www.facebook.com/GisaRochaCosta/>

Grupo: Romances da Gisa

<https://www.facebook.com/groups/351169755509586/?ref=share>

Intagram: Autora Gisa SR

<https://instagram.com/autoragisar.costa?igshid=j8vtg6fvlyp1>

Wattpad: @GisaSRocha

<https://my.w.tt/KxyNx9gut2>